

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

DEBORAH RAMOS DA SILVA

**A COBERTURA DOS PROTESTOS DE 2013 EM SÃO PAULO
SOB A ÓTICA DA MACROMÍDIA**

Bauru

2018

DEBORAH RAMOS DA SILVA

**A COBERTURA DOS PROTESTOS DE 2013 EM SÃO PAULO
SOB A ÓTICA DA MACROMÍDIA**

Trabalho de Conclusão de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Maria Teresa Miceli Kerbauy.

**Bauru
2018**

Silva, Deborah Ramos.

A cobertura dos protestos de 2013 em São Paulo
sob a ótica da macromídia/Deborah Ramos da
Silva,2018.

Orientadora: Maria Teresa Miceli Kerbauy

Dissertação(Mestrado)–Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru,
2018.

1. Manifestações. 2. São Paulo. 3. *Folha de S.Paulo*. 4. *Estado de S. Paulo*. 5. Macromídia. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título

Dedico esta dissertação a minha mãe, Severina, que me ensina diariamente sobre determinação e força para alcançar meus sonhos e objetivos. E a todos aqueles que, assim como eu, acreditam que chega sempre a hora em que não basta apenas protestar pois, após a filosofia, a ação é indispensável

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha mãe, Severina Ramos da Silva, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida e da minha jornada acadêmica. Obrigada por garantir que eu sempre tivesse os recursos necessários para construir minha carreira, sem você eu não teria chegado aonde cheguei. Obrigada por me mostrar que podemos alcançar nossos sonhos e objetivos com foco, força, objetividade, concentração e humildade e que, por mais que estejamos com dúvidas, não podemos desistir.

À minha amiga, Lorisa Pinolevi, a quem considero uma irmã, que durante esses 12 anos tem me apoiado. Obrigada por pensar tão diferente de mim e, desta forma, me ajudar a perceber novas formas de reflexão sobre a vida. Agradeço por me proteger e me mostrar que sempre temos que tentar, mesmo com medo, que devemos enfrentar nossos medos e que a coragem aparecerá.

A Greici Zimmer, Paulo Nascimento, Yasmin Gatto e Daniel Serafim, amigos que a vida acadêmica me trouxe, que sempre estão disponíveis para me ajudar, discutir as temáticas e mostrar novos pontos de vista. Obrigada pela paciência, amizade e compreensão, sempre.

À FecomercioSP, Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo, por me tornar a profissional e pesquisadora, que com orgulho, hoje, sou.

À Professora Maria Teresa Miceli Kerbauy, por orientar esta pesquisa, por confiar no meu trabalho, não ter me deixado desistir e por ser fonte de aprendizado durante os anos desta pesquisa. Agradeço pela paciência e disponibilidade nas diversas fases desta pesquisa.

Aos professores Osvando de Moraes e Maximiliano Vicente, pela leitura atenta que fizeram da pesquisa, pelos comentários, críticas e conselhos na banca de qualificação.

Aos membros da banca professor Maximiliano Vicente, mais uma vez, e Cláudio Penteado pela dedicação com que leram esta pesquisa, pelas reflexões e comentários durante a banca. Agradeço por ter professores que admiro me avaliando.

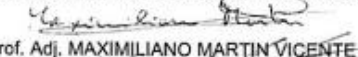
Aos funcionários do Departamento de Pós-Graduação da Unesp, em especial ao Sílvia Decimone, a quem agradeço pela seriedade, disponibilidade e competência com que sempre nos trata. O meu obrigada.

Aos amigos, que diretamente contribuíram para que essa pesquisa fosse realizada: André Luiz Jardim, pelo auxílio e paciência, sem você este trabalho não seria possível; Bruna Izidio, sem a sua ajuda, não teria chegado até aqui; Paula Poloni, por tudo que você representa na minha vida; e Edilene Soares. Desta forma, fica aqui meu agradecimento à todos que direta e indiretamente sempre estiveram à disposição para me ajudar.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de DEBORAH RAMOS DA SILVA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 13 dias do mês de agosto do ano de 2018, às 09:30 horas, no(a) Auditório dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARIA TERESA MICELI KERBAUY - Orientador(a) do(a) Programa de Pós-graduação em Comunicação / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Adj. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. CLAUDIO LUIS DE CAMARGO PENTEADO do(a) Programa de Pós - Graduação em Ciências Humanas & Sociais / Universidade Federal do ABC - SP, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de DEBORAH RAMOS DA SILVA, intitulada **A COBERTURA DOS PROTESTOS DE 2013 EM SÃO PAULO SOB A ÓTICA DA MACROMÍDIA**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


 Profa. Dra. MARIA TERESA MIGEL KERBAUY


 Prof. Adj. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE


 Prof. Dr. CLAUDIO LUIS DE CAMARGO PENTEADO

SILVA, Deborah Ramos. **A cobertura dos protestos de 2013 em São Paulo sob a ótica da macromídia**. 2018. 294 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, 2018.

RESUMO

Este trabalho propõe uma pesquisa sobre as informações ofertadas pelos dois maiores veículos da cidade de São Paulo, em junho de 2013, quando o Brasil foi surpreendido por um grande número de manifestações de rua, totalizando 234 matérias no período de 7 a 21 de junho de 2013, ápice dos protestos. A *Folha de S.Paulo* é atualmente o jornal brasileiro de maior circulação, segundo dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ), com 189.254 acessos de 2014 a 2015; entre 2012-2013, esses dados chegavam a 294.811. Já O *Estado de S. Paulo* concentrava no ano de análise das manifestações 234.863 acessos; em 2014-2015, o número caiu para 78.410. A metodologia desta pesquisa baseia-se na análise de conteúdo (BARDIN, 2002) e revisão bibliográfica. Já na delimitação da proposta deste trabalho, serão utilizadas como referência as matérias relacionadas aos protestos no período citado em São Paulo, pois, apesar do caráter nacional do tema, esta é uma cidade referência, uma vez que nela os movimentos que serão estudados atuaram com maior força e intensidade durante todo o mês de junho, estando presentes os movimentos autônomos, anárquicos e toda a gama de agentes que influíram na condução dos protestos. Ademais, foi o reajuste da tarifa de ônibus dessa cidade que motivou as ações do Movimento Passe Livre (MPL), principal ator nas mobilizações, que resultaram em um processo em cadeia que se alastrou pelo país.

De fato, os meios de segurança pública, as lideranças políticas e sindicais tradicionais, e até os meios de comunicação, foram incapazes de prever, com alguma antecedência mínima, a possibilidade de que aqueles eventos que insurgiam, irrompessem, como de fato aconteceu. Esta dissertação parte do pressuposto de que tanto os novos meios quanto os tradicionais desempenharam papéis importantes nesse momento. Atuaram como caixas de ressonância para diversos atores sociais. Devemos destacar que as mídias digitais foram ferramentas de mobilização e ampliaram o poder dos protestos, mas, a presente pesquisa objetiva identificar de que forma a macromídia ou mídia convencional cobriu os protestos; além de apresentar como os dois principais jornais brasileiros online abordaram o tema e os atores envolvidos.

Palavras-Chave: Manifestações; São Paulo; *Folha de S.Paulo*; *Estado de S. Paulo*; Macromídia.

SILVA, Deborah Ramos. **A cobertura dos protestos de 2013 em São Paulo sob a ótica da macromídia**. 2018. 294 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, 2018.

ABSTRACT

This paper proposes a survey on the information offered by the two largest vehicles in the city of São Paulo, in June 2013, when Brazil was surprised by a large number of street demonstrations, totaling 234 subjects in the period from June 7 to 21 in 2013 peak of protests. *Folha de S.Paulo* is currently the largest Brazilian newspaper, according to data from the National Newspaper Association (ANJ), with 189,254 accesses from 2014 to 2015; between 2012-2013, these data reached 294,811. O *Estado de S. Paulo* concentrated in the year of analysis of the manifestations 234,863 accesses; in 2014-2015, the number dropped to 78,410. The methodology is based on content analysis (Bardin,2002) and literature review. Already in the delimitation proposed in this work, will be used as reference the subjects related to the protests in the mentioned period, in the city of São Paulo, because, despite the national character of the theme, this is a reference, since in it the movements that will be studied acted with greater force and intensity during the whole month of June, being present the autonomous movements, anarchists and all the range of agents that influenced in the conduction of the protests. In addition, it was the readjustment of the bus fare of that city that motivated the actions of the Pass Free Movement (MPL), the main actor in the mobilizations, that resulted in a chain process that spread throughout the country.

In fact, the public security media, traditional political and trade union leaders, and even the media, were unable to predict, with some minimal bias, the possibility that those insurgent events would erupt, as indeed did. This dissertation assumes that both new media and traditional ones played important roles at that time. They acted as sounding boards for various social actors. We must emphasize that digital media were tools of mobilization and amplified the power of protests, but the present research aims to identify how macromedia or conventional media covered the protests; as well as presenting how the two main Brazilian online newspapers addressed the theme and the actors involved.

Keywords: Manifestations ; São Paulo; *Folha de S.Paulo*; *Estado de S. Paulo*; Macromedia.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de manifestantes nas ruas de São Paulo.....	51
Gráfico 2 - Motivos que levaram os manifestantes às ruas.	56
Gráfico 3 - Número de matérias publicadas diariamente pela <i>Folha de S.Paulo</i>	79
Gráfico 4 - Valência das matérias publicadas diariamente pela <i>Folha de S.Paulo</i>	80
Gráfico 5 - Enquadramento das notícias a partir da valência – <i>Folha de S.Paulo</i>	81
Gráfico 6 - Número de matérias publicadas diariamente pela <i>Folha de S.Paulo</i>	88
Gráfico 7 - Percentual de recorrência lexical em matérias da <i>Folha de S.Paulo</i>	89
Gráfico 8 - Valência das matérias publicadas diariamente pelo jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> . 80	
Gráfico 9 - Enquadramento das notícias a partir da valência – <i>O Estado de S. Paulo</i>	91
Gráfico 10 - Percentual de recorrência lexical em matérias d’ <i>O Estado de S. Paulo</i>	92
Gráfico 11 - Comparativo entre recorrências lexicais negativas dos dois veículos.	93
Gráfico 12 - Número de menções dos principais atores envolvidos por veículo.	95
Gráfico 13 - Avaliação da popularidade do prefeito de São Paulo no início e ao término do período analisado.	100
Gráfico 14 - Avaliação da atuação do prefeito de São Paulo frente aos protestos.	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Enquadramento das notícias sobre as manifestações de junho de 2013 – <i>Folha de S.Paulo</i>	119
Quadro 2 - Enquadramento das notícias sobre as manifestações de junho de 2013 – <i>O Estado de São Paulo</i>	124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABERT (Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão)
ABRA (Associação Brasileira de Radiodifusão)
ABRATEL (Associação Brasileira de Radiodifusão, Tecnologia e Telecomunicações)
AC (Análise de Conteúdo)
AD (análise do discurso)
AIE (Aparelhos Ideológicos do Estado)
ANJ (Associação Nacional dos Jornais)
ARPA (Advanced Resseccar Projects Agency)
BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social)
CPL (Campanha pelo Passe Livre)
Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico)
CMTT (Conselho Municipal de Transporte e Trânsito)
DOXA (Laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública)
FdE (Fora do Eixo)
FGV (Fundação Getúlio Vargas)
IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)
MPL (Movimento Passe Livre)
MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto)
ONGs (Organizações não Governamentais)
PCO (Partido da Causa Operária)
PM (Polícia Militar do Estado de São Paulo)
PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira)
PSOL (Partido Socialismo e Liberdade)
PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado)
PT (Partido dos Trabalhadores)
Web (World Wide Web)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 A COMUNICAÇÃO COMO EXTENSÃO DOS SENTIDOS.....	18
2 O ESPAÇO PÚBLICO E A ESFERA PÚBLICA NA FORMAÇÃO DA IMPRENSA.....	21
2.1 O CENÁRIO DA MÍDIA NO BRASIL.....	28
2.2 O QUE É “MACROMÍDIA”?.....	31
3 MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE	34
3.1 O PAPEL DA MÍDIA ALTERNATIVA NOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	39
3.2 ATIVISMO E MANIFESTAÇÕES NA ERA DA INTERNET	41
3.3 2011 – UM PERÍODO MARCADO POR MOVIMENTOS AUTÔNOMOS PELO MUNDO.....	45
3.4 JUNHO DE 2013 – MANIFESTAÇÕES NO BRASIL E EM SÃO PAULO	48
3.4.1 Atores sociais das manifestações de junho de 2013.....	57
3.4.1.1 Movimento Passe Livre (MPL)	58
3.4.1.2 Mídia Ninja.....	60
3.4.1.3 Black Blocs.....	61
3.4.1.4 Anarcopunks.....	62
3.4.1.5 Anonymous.....	63
3.4.1.6 Movimentos tradicionais e partidos políticos.....	63
4 JORNALISMO NA ERA DA INFORMAÇÃO.....	65
4.1 A INTERNET E O NOVO AMBIENTE PARA O JORNALISMO	68
4.2 ANÁLISE DA COBERTURA DA FOLHA DE S.PAULO E D’O ESTADO DE S. PAULO EM JUNHO DE 2013 NA CAPITAL	71
4.2.1 Histórico da Folha de S.Paulo	75
4.2.2 Histórico d’O Estado de S. Paulo.....	77
4.3 ENQUADRAMENTOS DAS MANIFESTAÇÕES.....	78
4.3.1 Agenda-setting.....	82
4.3.1.2 Teoria do Enquadramento.....	83
4.4 AS VOZES DA FOLHA E DO ESTADO	94
4.5 O PODER EXECUTIVO PÓS-PROTESTOS.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS	109

ANEXOS	125
ANEXO A - CORPUS DE NOTÍCIAS ANALISADAS NESTE TRABALHO ESTADO DE S. PAULO	125
ANEXO B - CORPUS DE NOTÍCIAS ANALISADAS NESTE TRABALHO – FOLHA DE S.PAULO	173

1 INTRODUÇÃO

São Paulo é a cidade mais populosa do Brasil, de acordo com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em agosto de 2017, tendo atingido recentemente a marca dos 12,1 milhões de habitantes. Em 2013, a cidade foi palco de frequentes protestos que reuniram multidões, as quais, organizadas por meio das redes sociais, agruparam-se em suas praças e avenidas. Durante as manifestações, o Movimento Passe Livre (MPL) se tornou um emblema devido à expressão e forma política de agir. No entanto, deve-se ter em mente que o Movimento já dispunha de uma articulação nacional desde 2005, com ideias políticas difundidas por seus participantes em várias cidades. As manifestações do MPL não se reduziam apenas ao preço das passagens de ônibus, apesar de esta ter sido uma estratégia importante para o Grupo. De um modo mais abrangente, o Movimento se refere aos direitos do cidadão no que diz respeito à mobilidade urbana, que, em sua concepção, deveria ser considerado um direito fundamental, um serviço público essencial que assegure o acesso das pessoas aos demais direitos, como, por exemplo, saúde e educação. Partindo dessa premissa, o MPL propõe a desmercantilização do transporte coletivo, ou seja, a “tarifa zero” como o meio mais prático e efetivo de assegurar o direito de ir e vir de toda a população nas cidades.

Devemos lembrar que, na primeira passagem do Partido dos Trabalhadores (PT) pelo comando da prefeitura da maior cidade do país, o que ocorreria anos depois com Marta Suplicy em 2000 e Fernando Haddad em 2012, há uma das primeiras iniciativas no Brasil, por parte do poder público municipal, em estabelecer a tarifa zero para o transporte público:

Em 1990, a prefeita Luiza Erundina (à época no Partido dos Trabalhadores) encaminhou à Câmara Municipal de São Paulo um projeto, de autoria do secretário municipal de Transportes Lúcio Gregori, que ficou conhecido como “tarifa zero”, e que até hoje é referência para os movimentos que lutam por um transporte público de qualidade como um direito social de todos. (TAKEMOTO, 2014, p. 25)

Os recursos necessários à implementação da proposta viriam da cobrança progressiva do IPTU, sobretudo em imóveis que representassem atividade econômica, seja no comércio ou na indústria, e, também, daqueles que não estivessem contribuindo com a produção ou não possuíssem uma função social, além da criação de um fundo de transportes, conforme salienta Takemoto (2014). No entanto, “...a ideia não foi implementada devido à resistência política.

Em cidades como a capital paulista, as empresas são remuneradas pelo número de passageiros, ou seja, lucram mais com ônibus cheios.”(LOCATTELLI, 2013, p.10)

O projeto foi para a Câmara que não votou [...] Não foi votado por uma disputa política e mexia com os interesses de pessoas que pagavam impostos relativamente baixos e passariam a pagar o imposto realmente necessário. Ninguém queria mexer neste vespeiro. O projeto foi arquivado, mas houve consequências. Ao negar-se a votar, a Câmara foi corresponsável por um estado calamitoso do transporte de São Paulo à época. (GREGORI, 2013)

O próprio ex-secretário municipal de transportes da gestão Luiza Erundina, Lúcio Gregori, reconhece as dificuldades enfrentadas pelo projeto desde a tentativa de implementação, quando o Executivo dependia da aprovação da medida pelo Legislativo. A fala de Gregori (2013) demonstra a dificuldade que o Estado tem de garantir e melhorar, no Brasil, a qualidade dos serviços públicos baseado, em parte, no aumento de impostos para a parcela da população de maior poder aquisitivo.

E, apesar de a cidade de São Paulo não ter conseguido implantar a tarifa zero nos transportes públicos, em algumas cidades do Brasil a experiência já é adotada, embora um número ínfimo diante do total de 5.564 municípios brasileiros, tendo as cidades de Agudos (SP), Ivaiporã e Pitanga (PR) adotado o passe livre irrestrito, custeado pelas respectivas prefeituras . Além destas cidades, no Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2011, o município de Porto Real aboliu a tarifa no valor de R\$0,50 e instituiu o Passe Livre irrestrito; e, em dezembro de 2014, portanto mais de um ano após o início das manifestações convocadas pelo MPL, a cidade de Maricá (RJ), adotou a tarifa zero.

O principal argumento da maioria dos prefeitos em todo país, para não instituir a tarifa zero, é que o custo da iniciativa é incompatível com os orçamentos das prefeituras, sobretudo por não haver alguma complementação financeira por parte dos estados ou da União; além de, em algumas cidades, as prefeituras já subsidiarem o transporte público por financiarem diretamente a gratuidade das passagens de segmentos da população como estudantes, desempregados, idosos e deficientes físicos, como destaca o presidente do Frente Nacional dos Prefeitos (FNP) ao ser questionado em uma entrevista sobre a proposta de Passe Livre irrestrito.

Nós da Frente Nacional de Prefeitos procuramos realizar vários cenários. [...] O senador Renan Calheiros [PMDB-AL] tinha uma proposta¹ sobre isso. Buscamos assessoria técnica. Estivemos no Poder Executivo federal,

¹O citado PLS nº 248/2013, de autoria do Senador Renan Calheiros (PMDB-AL), foi originalmente apresentado em junho de 2013, instituindo o Passe Livre Estudantil em todo o território nacional para alunos matriculados que frequentam o ensino fundamental, médio ou superior, sendo custeado por meio dos recursos originários dos royalties da exploração de petróleo e gás na camada pré-sal.

discutimos com o Ministério da Fazenda. E chegamos à conclusão que passe livre de forma ampla seria algo absolutamente impensável. Não existem recursos para que isso aconteça. Nós propusemos, e achamos que é uma proposta razoável, o chamado passe livre com corte social. Poderíamos atender desempregados, donas de casa, estudantes com um limite de renda. O impacto no país poderia chegar a R\$ 3 bilhões, o que seria até adequado, desde que financiado pelo governo federal. Os municípios não têm como fazer isso. (FORTUNATI, 2014).

Há também outros condicionantes que, segundo Vasconcellos (2013), inviabilizariam a implantação da tarifa zero. No tocante à operacionalização do sistema, restaria ao município escolher entre dois modelos: o primeiro de continuidade de operação das atuais e de novas empresas, sendo remuneradas diretamente pelo município, o que poderia levá-las a não se responsabilizarem mais pela qualidade do serviço. Já o segundo implicaria a criação de empresas municipais de transportes, para operar o sistema de transporte.

Dentre os veículos de comunicação que cobriram os protestos na capital paulistana, destacam-se os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, por terem publicado, durante os protestos de junho, várias matérias sobre o MPL e a sua atuação durante as manifestações, propiciando ao leitor, pelo menos em tese, a oportunidade de se aprofundar sobre a história do movimento, sua composição, suas reivindicações e os resultados das reuniões entre o MPL e as autoridades após o início dos protestos para discutirem a pauta da mobilidade, uma vez que

as mensagens transmitidas pela indústria da mídia são recebidas por pessoas específicas, situadas em contextos sócio históricos específicos. Essas pessoas veem as mensagens dos meios com graus diferenciados de concentração, interpretam-nas ativamente e dão-lhes sentido subjetivo, relacionando-as a outros aspectos de suas vidas. (THOMPSON, 1998, p. 287)

Nesta dissertação, a partir da ideia de Menezes (2010, p.19) de que os veículos de comunicação “...seriam os responsáveis por pautar a agenda pública, embora em alguns momentos haja um contra-agendamento e a própria sociedade paute esses meios de comunicação”, aliada ao fato deste trabalho buscar estudar, a partir da cobertura midiática, um movimento social que ganhou a atenção nacional a partir de um evento político e social recente na história brasileira, apresentamos uma análise da forma como as jornadas de junho de 2013 foram enquadradas pelos jornais online *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, assim como verificamos de que modo esses eventos influenciaram na avaliação do então prefeito, Fernando Haddad (PT), adotando como metodologia a análise de valências e enquadramentos, desenvolvida por pesquisadores do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (DOXA) do Instituto de Estudos Sociais e Políticos do Rio de Janeiro (IESP-UERJ).

A análise de 234 matérias teve como base os estudos do enquadramento. Para tanto, considerou-se que, segundo Motta (2010), os diversos enquadramentos dados na edição das notícias não são acidentais, mas, antes, muito premeditados. Com o intuito de evidenciar o enquadramento utilizado pelos dois maiores jornais de São Paulo no tocante às manifestações, foram analisadas as matérias publicadas pelos veículos no período de 7 a 21 de junho. Tal recorte temporal foi estabelecido uma vez que o primeiro dia das manifestações foi em 6 de junho, um dia antes do início do período sob análise, pois as publicações que trataram sobre os atos começaram a surgir a partir desse momento e seguiram até o dia 21 do mesmo mês. O período se mostrou ideal, pois comporta os principais eventos das Jornadas de Junho até a referida data histórica, tais como os primeiros protestos; a repercussão da repressão policial; a intensificação das passeatas e sua nacionalização; o início da Copa das Confederações da FIFA, que se tornou o foco dos protestos em sua segunda fase; e, finalmente, o anúncio da redução da tarifa em São Paulo e em diversas cidades. Na prospecção desse recorte temporal, concluiu-se que havia um quantitativo seguro e expressivo de matérias.

A presente dissertação se divide em três capítulos. No primeiro, serão abordadas as nuances entre comunicação, o cenário da mídia no Brasil e a macromídia.

Já o segundo traz como foco a atuação dos movimentos sociais na contemporaneidade. Com auxílio do referencial teórico utilizado, pretende-se abordar e compreender como esses movimentos contribuem ao longo da história no caráter mobilizacional da sociedade e utilizam o ambiente virtual para ocupar o espaço público.

No terceiro, são apresentados os conceitos teóricos sobre o processo de construção da notícia contando-se com o auxílio das explicações da Teoria do Enquadramento, além da análise da cobertura das Jornadas de Junho pelo olhar da *Folha de S. Paulo* e d'*O Estado de S. Paulo*. Pretende-se aliar a análise descritiva das matérias aos referenciais teóricos dos capítulos anteriores. A partir dessa proposta de conjugar a Análise de Conteúdo categorial às valências e enquadramentos praticados pelos dois veículos, é possível fornecer as percepções gerais dos discursos proferidos no que diz respeito às manifestações. Este capítulo trará, por fim, reflexões e uma análise de como as manifestações de junho reverberaram na avaliação do governo do Prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT).

Tenciona-se, a partir das perspectivas teóricas mobilizadas e das análises apresentadas, perceber e avaliar a potencial contribuição dada pelos meios de comunicação estudados ao retratarem as manifestações de junho de 2013.

1.1 A COMUNICAÇÃO COMO EXTENSÃO DOS SENTIDOS ²

Para Littlejohn (1982), a palavra “comunicação” é abstrata e, como todas as palavras, possui múltiplos significados. Buscando identificar melhor esses significados, Littlejohn resumiu os componentes conceituais em 15 categorias: comunicação enquanto símbolo; compreensão; interação/relacionamento/processo social; redução da incerteza; processo; transferência/transmissão/intercâmbio; ligação/vinculação; participação comum; canal/transmissor/meio/via; reprodução de lembranças; resposta discriminativa/modificação do comportamento; estímulos; intencional; tempo/situação; poder. Entre esses tipos, o significado que adquire destaque é o da comunicação enquanto processo, a qual, segundo Berelson e Steiner, se refere à transmissão de informação, ideia, emoção, habilidades, etc., pelo uso de símbolos, como, por exemplo, palavras, imagens, números e gráficos. É o ato ou processo de transmissão que usualmente se designa como comunicação.

Um aspecto comum sobre o conceito de expressão é a sua abrangência. De acordo com Littlejohn (1982), a comunicação é um processo onipresente e complexo, sendo absurdo conceber a área como um aglomerado sólido e unificado de conhecimentos. Já Melo (2003) define comunicação com um perfil multifacetado, englobando as diferentes profissões que gravitam em torno das indústrias e serviços midiáticos.

Segundo Melo (2003, p.34), a comunicação também é um campo do saber. Assim, divide essa área em dois espaços:

- a) comunicação interpessoal: trata-se de um longo processo que flui do século III a.C., na Grécia, completando-se na França, no século XVIII (enciclopedismo); b) comunicação massiva: inicia-se no século XVII, na Alemanha, quando o jornal diário começa a exercer impacto na sociedade urbana, fortalecendo-se nos Estados Unidos, no século XX. Nessa conjuntura, emergem as indústrias midiáticas, demandando recursos humanos capacitados e conhecimentos novos destinados a neutralizar as incertezas dos investidores.

Durante o século XX, buscou-se desenvolver teorias que analisassem o sentido da expressão “comunicação” enquanto processo, como forma de entender o impacto social da chamada revolução das comunicações ao longo dos séculos XIX e XX. Claude Shannon e Warren Weaver conceberam uma teoria geral da comunicação, denominada teoria matemática da informação. Conforme Araújo (2001), nessa teoria, a comunicação é entendida como um processo de transmissão de uma mensagem por uma fonte de informação, através de um canal,

² Em referência ao livro: **Os meios de comunicação como extensão do homem** H. MARSHALL MAC LUHAN, Editora Cultrix, 1969, 407 páginas.

a um destinatário, tendo, assim, como objeto de estudo, a transmissão de mensagens através de canais mecânicos. Já a corrente funcionalista recebeu, por meio dos estudos de Lasswell, ênfase sobre o estudo das funções exercidas pela comunicação de massa na sociedade, definindo em quatro elementos o seu paradigma comunicacional: canais, comunicadores, conteúdos e efeitos. Segundo Melo (2003, p.21), Lasswell incorpora o ambiente cultural, particularmente o seu contexto sociopolítico – efeitos –, ao mesmo tempo deslocando a centralidade do foco analítico para a tecnologia que dá suporte ao processo comunicativo – os canais.

Em linhas gerais, a comunicação nos auxilia na criação dos sentidos. A contemporaneidade pede, cada vez mais, que contemos histórias que ainda não foram contadas por meio do ato de comunicar. E, dessa forma, no conflituoso espaço público contemporâneo, as vias pelas quais se pode dar o exercício da narrativa, exatamente por se fazerem múltiplas, infinitas, ressaltam a importância de se considerar o modo como se narra e os seus sujeitos narradores: é a pluralidade dos meios que nos impõe a reflexão sobre a narrativa. Na modernidade tardia, além de ser fundamental saber contar as histórias do mundo, é crucial reconhecer esse ato como o que emerge de uma necessidade de compreensão do próprio mundo em que se vive.

Nesse plano, Stuart Hall reconstitui uma reflexão sobre as transformações sofridas pelos sujeitos ao longo do fenômeno da modernidade, demonstrando ter havido uma forte mudança do sentido das antigas identidades que davam coesão e estabilidade aos sujeitos. O cenário das transformações da modernidade traz junto de si novas possibilidades de identidade cultural diversificadas nas entidades fragmentadas de coexistência social.

A realidade histórica, tanto da modernidade como da pós, representa um objeto para ser pensado pelas Ciências Sociais. O direcionamento dado por cada investigador para compreender as particularidades de cada uma dessas épocas será de extrema relevância para a condução de suas pesquisas. Por isso, a importância de uma compreensão acurada dessas eras em questão.

No período moderno, o Estado, o mercado e a sociedade civil existem em fronteiras bem delimitadas, enquanto no plano da pós-modernidade essas fronteiras sofrem um processo de extinção. A modernidade apresenta-se de forma mais ordenada, destaca um propósito, um projeto de sociedade e para a ciência. Já a pós-modernidade parece ser mais disjuntiva, não destaca um projeto central, muito menos uma organização estável.

Nas sociedades tradicionais, o que era mais central eram as pessoas. Na modernidade, o indivíduo passa a ser visto a partir da centralidade da razão. Na pós-modernidade, acontece o que se chama de a morte do sujeito centrado. Na modernidade, buscava-se enquadrar, corrigir

e socializar os indivíduos. Enquanto a pós-modernidade apresenta-se fragmentada, trazendo consigo um deslocamento das estruturas e instituições que conferiam estabilidade à identidade dos sujeitos.

Para refletir sobre essas transições e transfigurações da modernidade e demonstrar o processo de descentramento e fragmentação sofrido pelo sujeito cartesiano, Hall (2005) propõe três noções diferentes acerca da identidade do sujeito: 1) Sujeito do Iluminismo; 2) Sujeito sociológico; 3) Sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo, surgido com a emergência da modernidade, reflete-se como um indivíduo cujo centro está no eu. Sua identidade, ações e representações estariam associadas ao domínio consciente e unificado da realidade.

Já no segundo caso, quando aborda o sujeito sociológico, Hall lembra da perspectiva adotada pelos interacionistas simbólicos quando observam o sujeito a partir do conjunto complexo de suas relações e interações sociais. Com isso, passa-se a questionar a autonomia do sujeito centrado em si, relativizando sua identidade por meio do processo de mediação cultural com o outro ou com a estrutura social.

No terceiro ponto, adentra-se propriamente na concepção contemporânea de sujeito e identidade. Nesse momento, é certo falar em uma identidade que se esvai e se dispersa nas múltiplas possibilidades de coexistência social. O centro do sujeito contemporâneo não estaria mais em si e sim multifacetado, reflexo de uma “crise” ou de uma fragmentação identitária.

Então, pode-se dizer que o tempo e o espaço social passaram por inúmeras alterações ao longo do processo histórico. Mesmo sendo algo familiar para o pesquisador, a procura por entender o que se processa na atualidade tem suas particularidades, sobretudo por se reproduzir enquanto um fenômeno global. Partimos da premissa de que a comunicação é uma maneira essencial de transmissão de conhecimentos sobre o mundo, sendo também responsável pela manutenção das trocas culturais no universo social.

É importante considerar que vivemos hoje uma era de extremo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e de sua influência no meio social. As realidades são construídas, significados são sugeridos, conteúdos passam por critérios seletivos, a informação precisa ser produzida de forma a atender às exigências dos novos modelos de identidade cultural que perpassam as trocas sociais no mundo atual.

Outro ponto de destaque que precisa ser abordado quando pensamos na cultura midiática contemporânea diz respeito ao amplo desenvolvimento das novas tecnologias da informação. As mídias digitais são uma verdade insofismável e sua influência no mundo social é o resultado das novas trocas simbólicas do mundo em que vivemos hoje.

A noção do que vem a ser o espaço público se reconfigura à medida que os sentidos também se recriam, sofrem revalorizações, permutam-se e amalgamam-se. De uma concepção praticamente física – o espaço público grego e o romano são o lugar onde o cidadão livre e os senhores feudais exercitam o poder, de acordo com Habermas, essa percepção passa a ser compreendida enquanto consequência e prolongamento de relações econômicas, passando-se por outra, de caráter mais simbólico – para Hannah Arendt, o espaço público é o espaço das aparências. A seguir, veremos a relação existente entre espaço público, esfera pública e imprensa.

2 O ESPAÇO PÚBLICO E A ESFERA PÚBLICA NA FORMAÇÃO DA IMPRENSA

Pensar na metrópole como espaço público é uma das tarefas mais desafiadoras com que muitos pesquisadores têm se deparado, desde Georg Simmel (1976).³ A grande lição simmeliana de que a “sociedade é meramente o nome dado para um número de indivíduos conectados pela interação” serve-nos como ponto de partida.

Devemos destacar que o processo de urbanização no Brasil se deu de forma acelerada em decorrência das migrações internas. Trata-se de um fenômeno relativamente recente e que se articula com um conjunto de mudanças ocorridas na economia, na sociedade e na política brasileira, no século passado, especialmente em sua segunda metade. O que não quer dizer que as cidades já não fizessem parte da paisagem social do país desde o período colonial, apesar da sua restrita dimensão populacional.

É no tecido urbano das grandes metrópoles que as relações de poder são percebidas de maneira mais explícita, conforme aponta Brenner, pois esse atua como “arena de conflitos políticos, mas também espaço de disputa onde as reorganizações urbanas aparecem como meio para modificar as estruturas político-econômicas e os espaços” (2014, p.8). Em São Paulo, por exemplo, políticas de “revitalização” determinam quem deve ou não ocupar um espaço e de que forma deve fazê-lo.

Nessa mesma acepção, Gomes (2006) afirma que o espaço público não é um terreiro ou uma praça onde se conversa sobre os negócios do Estado e do interesse civil, mas é a própria conversa ou debate que aí se processam. Assim, o direito à cidade e à ocupação não se resume somente a usufruir dos recursos de seus espaços urbanos, mas também ao direito de mudar e moldar a sociedade por meio do espaço e de seu uso.

³ Apesar de não fazer uso do conceito de espaço público, Georg Simmel, no texto *The metropolis and mental life*, buscou compreender os desafios de viver e interagir no espaço público de uma cidade grande.

Na visão de Hannah Arendt, a ideia de espaço público surge como uma condição fundamental da atividade política. Segundo a autora, a esfera pública seria o lugar que surge quando os homens se reúnem “na companhia uns dos outros” e, contudo, “evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer” (ARENDT, 2007, p.62). O termo “público”, nesse caso, adota o próprio significado de mundo no qual vivemos, sendo, todavia, um espaço limitado e vinculado à atividade humana. É, portanto, um “artefato humano” que possibilita uma interconexão entre as pessoas, o dissenso, o debate ou ouvir e expor opiniões que configuram ações práticas necessárias à boa convivência humana (ARENDT, 2007, p.62). Será nesse campo que Arendt colocará a atividade da política, que se utiliza dessa esfera pública como o *locus* em que se perfaz a construção coletivizada do fazer político.

Destacamos ainda que Arendt (2007) não é contrária à existência de momentos de isolamento e de reflexão solitária na vivência humana; no entanto, em se tratando do espaço público e da política, o isolamento e o distanciamento individual não podem ser vistos como coisas normais, porque esse experienciamento de uma vida coletiva integra o próprio núcleo do conceito de democracia. O que tem ocorrido na contemporaneidade é o processo inverso, no qual a população se torna objeto em vez de sujeito e é excluída da organização de sua própria experiência cotidiana da metrópole.

Inferimos, portanto, a partir das concepções apresentadas, que não é por acaso que as grandes praças e avenidas se tornaram palco dos grandes protestos. O espaço público, segundo Harvey (2013, p.34), “torna-se o lugar catalítico de onde novas concepções e configurações da vida urbana podem ser pensadas e da qual novas e menos danosas concepções de direitos possam ser construídas”.

Nessa perspectiva teórica, a esfera pública pode ser entendida como o próprio processo de busca social, coletiva, institucional e, portanto, dialógica, do bem comum, o que implica em conflito, debate. A polêmica, aliás, seria uma característica intrínseca à opinião pública, sendo ela formadora do processo democrático. Já o espaço público, embora abstrato, é mais localizável. Por exemplo, a imprensa pode ser considerada um espaço público, tanto a instituição quanto os meios de produção, uma vez que estes se apropriam da esfera pública. Já o espaço público é a topologia que abriga a polêmica, o debate, o conflito.

Habermas dividia a esfera pública em duas. A primeira, esfera pública propriamente dita, e a segunda, esfera pública política. Aquela deve ser compreendida como “(...) a linha divisória entre Estado e sociedade (...)” e esta, o intermédio entre a opinião pública, o Estado e as necessidades da sociedade” (2003, p.45-46). Portanto, a esfera pública é o espaço em que a

sociedade, por meio da opinião pública, assegura que o Estado agirá de acordo com esta, asseverando institucionalmente “(...) o vínculo entre lei e opinião pública” (2003, p.101).

Ainda de acordo com Habermas (2003) primeiro se forma a esfera pública literária, no início do século XVIII, a partir de uma conexão entre a vanguarda burguesa, fixada na cidade (o centro da sociedade civil), e o “mundo elegante” dos aristocratas humanistas. Os cafés, clubes e salões abrigam as conversações sociais que, em pouco tempo, configuram um espaço de crítica aberta: nasce a imprensa, a partir da crítica artística e cultural. Os jornais voltados a esse segmento se fortalecem, segundo o filósofo, com a “apropriação crítica da filosofia, da literatura e da arte”, baseada numa discursividade racional, no esclarecimento e entendimento do próprio público enquanto “processo vivo de Iluminismo” (GIOVANAZ, 2013, p.11).

Silva (2001) destaca a função crítica da imprensa, que a torna mais que um mero veículo reprodutor de notícias; pressupõe, no processo de “esclarecimento recíproco”, um ideal comunicativo “dialógico, racional e face a face”, ou seja: os jornais “de convicção” (p.123-124) (de crítica) se transformam em um meio que permite a manutenção das características do discurso interpessoal direto, sem que haja a necessidade de se compartilhar do mesmo tempo e espaço.

A opinião pública, explana Habermas (2003), demanda a racionalidade como critério substantivo porque deve ser “nascida da força do melhor argumento”, ou seja, do exercício da razão comunicativa, e pretende corresponder à “natureza das coisas” (p.68), visando influenciar o poder político.

A esfera pública burguesa nesses moldes, no entanto, é sucedida por um período de decadência, iniciado na segunda metade do século XIX, marcado por uma “refeudalização”, que se dá a partir da interpenetração cada vez maior entre a sociedade civil e o Estado, entre a esfera privada e a esfera pública, cujas margens se tornam cada vez mais difíceis de identificar. Nesse contexto, com o desenvolvimento da economia capitalista, constata-se uma alteração crucial quanto à função dos meios de comunicação de massa: abandona-se a crítica (literária e, principalmente, política) e se estabelece a lógica da cultura enquanto bem de consumo e da linguagem voltada à propaganda.

Nesse cenário, que envolve a mídia impressa e também as “novas mídias”, desaparece a possibilidade de comunicação dialógica por meio do uso público da razão pelos intervenientes, especialmente por conta da reconfiguração do comportamento do público (o qual agora pode ser adjetivado como “consumidor”). Desse modo, os novos programas “(...) cativam o público enquanto ouvinte e espectador, mas ao mesmo tempo tiram-lhe a distância da ‘emancipação’, ou seja, a chance de poder dizer e contradizer” (p.202). Habermas (2003)

descreverá esse momento como “a passagem do público que pensa a cultura para o público que consome cultura” (p.207) e a supressão do “jornalismo crítico” pelo “jornalismo manipulativo” (p.210).

Esse ambiente negativo da esfera pública, no qual os meios de comunicação não exercem sua função de modo a promover o desenvolvimento democrático e a crítica, é também objeto de estudo de pensadores marxistas. Althusser (1980), por exemplo, ao se debruçar sobre a definição do aparelho estatal em Marx e a centralidade da questão da reprodução das relações de produção, elabora uma consagrada teoria acerca dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). Tais aparelhos, segundo Althusser, existem ao lado do aparelho repressivo do Estado e dele se diferenciam por algumas razões: primeiramente, porque são vários, enquanto o aparelho repressivo do Estado é único; em segundo lugar, porque o aparelho repressivo do Estado pertence ao domínio público e os AIE, em sua maioria, se localizam no domínio privado; e, por último, pelo fato de que o funcionamento dos AIE se dá de modo “massivamente prevalente pela ideologia”, enquanto o aparelho do Estado funciona basicamente por meio da repressão (ALTHUSSER, 1980, p.50).

Entre esses aparelhos ideológicos se encontra o “AIE da informação”, que abrange a imprensa e a radiodifusão. Ou seja, Althusser (1980) enfatiza que os meios de comunicação são como AIE, assim como a escola, o direito, entre outros. Fica evidente que o autor vislumbra nesses meios um possível local da luta de classes, no qual as classes exploradas podem, de certa forma, exercer resistência e se exprimirem.

Por fim, apresentamos a contribuição de Gramsci (2001), que também trabalha com a base teórica marxista e visualiza a imprensa como uma parcela “mais considerável e mais dinâmica” da estrutura ideológica da classe dominante, que opera na sociedade civil. Essa estrutura, conforme afirma o autor, consiste na “(...) organização material voltada para manter, defender e desenvolver a ‘frente’ teórica ou ideológica” e influencia na formação da opinião pública. Uma classe “inovadora”, que deseja exercer seu “espírito de cisão”, deve se dedicar a “um complexo trabalho ideológico”, a fim de se contrapor às “trincheiras e fortificações da classe dominante” (GRAMSCI, 2001, p.78).

Segundo Serra (2001, p. 83), as duas últimas décadas evidenciaram uma certa tendência de convergência entre as abordagens, por um lado, com os estudos liberais reconhecendo limitações estruturais no processo de produção de notícias, enquanto, por outro, a posição radical absorvia uma visão mais aberta, plural e dinâmica, sob a influência do conceito gramsciano de hegemonia e a inspiração da noção de campo sugerida por Pierre Bourdieu, ambos considerando a mídia um espaço de conflito. Neste contexto, o modelo habermasiano

vem exercendo uma considerável influência nos estudos sobre a imprensa, combinando elementos das visões radicais e liberais, sobretudo depois da revisão (HABERMAS, 1997), 30 anos depois da elaboração original (HABERMAS, 1984), do conceito de esfera pública, ampliando a dimensão de sua relevância, antes destacadamente normativa e, agora, também, expressivamente empírica.

Além dos atores institucionais poderosos das grandes corporações do mercado e do sistema político, o conceito revisto de esfera pública reconhece relativa autonomia aos jornalistas e profissionais da mídia, mediante a influência que o público exerce na visibilidade midiática como espectadores das "galerias", bem como dos atores coletivos periféricos à estrutura de poder que, nos momentos de crise, quando se verifica uma maior mobilização na esfera pública, podem, a despeito das desvantagens estruturais, prevalecer na definição da pauta da agenda midiática, formando opinião e vontade capaz de se transformar em poder comunicativo e, assim, definir a atuação do Estado sobre as questões tematizadas.

Para salientar as características de seus atores, vale frisar os três tipos de situações que acontecem na definição de posição públicas na visibilidade midiática: o modelo de acesso interno, quando os atores da estrutura de poder do Estado e do mercado satisfazem seus interesses num espaço de opacidade, em que as questões não são tratadas abertamente e as decisões são divulgadas como fatos consumados (circunstância em que a esfera pública fica neutralizada, em estado de "repouso", mas não extinta, pois certos acontecimentos podem acordá-la repentinamente); o modelo de mobilização, em que a iniciativa permanece com os agentes organizados, mas estes precisam utilizar-se dos meios de controle sistêmicos dinheiro e poder, na tentativa de mobilizar a esfera pública para tentar desonerar o sistema das pressões por sentido e legitimidade; e o modelo de iniciativa externa, no qual os atores dos movimentos sociais excluídos da estrutura de poder alcançam a agenda da mídia, obrigando o debate formal sobre seus temas e reivindicações, através da pressão da opinião pública.

De uma maneira geral, é bastante evidente a convergência de posições das teorias estruturalista e etnoconstrucionista com a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, quanto à questão específica dos efeitos midiáticos. Pode-se verificar isso no reconhecimento da majoritária tendência dos produtos jornalísticos de funcionarem como meio de controle sistêmico, visando a reprodução da ordem estabelecida e, conseqüentemente, a colonização do mundo da vida, bem como, por outro lado, com relação à possibilidade de fluxos comunicativos da periferia da estrutura de poder tornarem-se, através da mídia noticiosa, poder comunicativo com articulação de opinião e vontade capaz de influenciar os poderes Legislativo, (e, a partir deste, os demais) Executivo e Judiciário.

Contudo, persistem posicionamentos contraditórios relacionados com a intencionalidade da ação estratégica persuasiva no discurso jornalístico. Enquanto Jürgen Habermas (2003), Edward Herman e Noam Chomsky (1979) identificam na atuação da mídia noticiosa uma pressão deliberada para interditar significados e bloquear reivindicações de legitimidade, os estruturalistas e etnoconstrucionistas veem essa função sendo determinada de forma difusa, através das estruturas e rotinas do processo de produção das notícias, nas quais os jornalistas reproduziriam, de certa forma latente, inconsciente, a ideologia dominante e os interesses da estrutura de poder.

Todavia, mesmo no Primeiro Mundo, e não só no Terceiro, parece evidente a influência dos meios de controle sistêmicos. Então, essas duas formas de dominação não são excludentes, pois coexistem em maior ou menor intensidade. Claro que nas sociedades menos desenvolvidas, o grau de racionalização processado pela sociedade é mais incipiente, e os representantes (as elites) usufruem de maior autonomia, já que os representados não têm condições de cobrar da imprensa uma fiscalização efetiva do exercício do poder político. Contudo, não deixa de existir parcialidade e manipulação nas sociedades desenvolvidas, como bem atestam os estruturalistas e etnoconstrucionistas.

Assim, nessas duas alternativas, pode-se considerar também a dicotomia entre uma dominação imposta pela facticidade, por coações de pressões externas às pessoas dominadas, e outra negociada através da construção de consensos em torno do discurso ideológico dominante, portanto, uma dominação baseada no consentimento ativo (racionalmente motivado) dos dominados sobre o que consideram como válido. Unia dominação exercida discursivamente e outra baseada em recursos deslingüístizados (dinheiro ou poder). Evidentemente que o papel (a qualidade) do jornalismo nas duas alternativas é substancialmente distinto, revestindo-se, na alternativa positiva, de uma importância crucial na aceleração da mudança social, na elevação dos padrões de convivência e da qualidade de vida, enquanto, no segundo caso, torna-se fator de opressão, de incremento do potencial de conflitos e de violência.

É preciso se reconhecer que não é conveniente (ou, pelo menos, existe um limite de tolerância de acordo com o nível de consciência da sociedade) para os veículos jornalísticos controlarem o seu produto final através de atos de arbitrariedade, como o da manipulação descarada, já que não é fundamentada discursivamente em razões potenciais. Por isso, não parece ter muito futuro uma forma de gestão da mídia que garanta o controle de seu produto final através do exercício da força da violência hierárquica do sistema, comprometendo a credibilidade do meio de comunicação, o que se reflete diretamente nos percentuais de audiência do público.

Inúmeros autores brasileiros também analisam a questão a partir da tendência ideológica assumida pelos meios de comunicação na esfera pública no decorrer do fortalecimento do capitalismo como modo de produção. Marilena Chauí, no livro *Simulacro e poder*, afirma que, com a mídia de massa, ocorre a destruição da categoria da opinião pública, essencial às democracias, e que essa destruição é uma “consequência necessária” da privatização do social e do político. Chauí (2006) circula pelos conceitos ligados à “indústria cultural” (tendo em vista, especialmente, o agravamento do processo de globalização desde o fim do século XX e o fortalecimento da formação de grandes conglomerados mundiais multimídia de informação e entretenimento) e à “condição pós-moderna”, para destacar a despolitização dos meios de comunicação social, apresentando uma visão sobre a mídia que busca escancarar o seu funcionamento pela lógica da manipulação (CHAUÍ, 2006, p.9-10).

A compreensão da grande mídia enquanto instrumento de manipulação é recorrente em boa parte dos autores brasileiros que se dedicam ao tema, tanto na área política quanto na área da comunicação. Mais recentemente, é possível observar a assimilação dessa ideia também pelo público em geral, durante os protestos de junho de 2013, os quais tornaram visível uma insatisfação geral quanto à abordagem dos grandes veículos de comunicação sobre as manifestações populares. As ações a serem tomadas diante dessa realidade, entretanto, especialmente para o grande público que reconhece a manipulação, resumem-se geralmente ao “boicote” ou à crítica nas redes sociais, não havendo qualquer discussão substancial acerca da regulação setorial. Isso porque a regulação do sistema de comunicação social seria justificada a partir da necessidade democrática de um debate aberto e plural na esfera pública, mesmo em um ambiente hipotético no qual os grupos que constituem o oligopólio de mídia não veiculassem qualquer informação distorcida e não exercessem qualquer espécie de manipulação sobre o público consumidor, o que ainda não é uma realidade no país. Hoje, não só a imprensa escrita é constitutiva de um espaço sempre em construção, mas outros vários meios narrativos compõem e recontam esse mesmo espaço.

Em tal contexto, o homem contemporâneo não se faz homem senão pela via da ação. Nesse lugar, os atores da comunicação não só têm rostos, mas também bocas, porque bradam por todos os cantos e de todas as formas possíveis as histórias que vivem. Sob essa perspectiva, o espaço público contemporâneo é o espaço do conflito – resgatando Miège (1992) –, porque é espaço de negociação entre os vários sujeitos-narradores das histórias contemporâneas. Ele nasce das relações entre o sujeito Estado, que não é mais soberano ou absoluto, e outras várias formas subjetivas de poder: o mercado (grande vilão das sociedades burguesa e moderna), além dos comunicadores e dos próprios meios de comunicação, somente para citar algumas. O espaço

público contemporâneo, assimétrico e fragmentado, nasce e sobrevive da coexistência dessas relações. Apresentaremos, a seguir, um breve cenário da mídia brasileira.

2.1 O CENÁRIO DA MÍDIA NO BRASIL

O setor de mídia no Brasil tornou-se objeto de um intenso debate nos últimos anos, voltando-se ao cenário de impasses em 2013, após os protestos. Os debates contam com a participação cada vez maior das universidades, dos partidos políticos, de instituições representativas do Estado, das empresas e de organizações de classe e não governamentais, especialmente a partir do acirramento da discussão sobre a mudança do padrão do segmento de televisão aberta de analógico para digital iniciado em 2007. Entretanto, longe de encerrá-lo, a definição de um padrão e a implantação da TV digital foi apenas parte ou etapa de um processo maior, que diz respeito à definição da função social do setor de mídia e que tem como desafio inexorável, a exemplo recente de dezenas de países em todo o mundo, redefinir a política pública de comunicações, diante das mudanças e pressões crescentes nos planos econômico, social e cultural.

Há de ser tem mente que o Brasil é marcado pela concentração da mídia nas mãos de poucos grupos, realidade que proporciona uma especificidade na compreensão do desenvolvimento do sistema de comunicações para o país, especialmente no que diz respeito ao setor privado. Dada a concentração do setor e sua ampla expansão em dimensões territoriais, incluindo ramificações regionais e locais, os grupos midiáticos exercem uma influência determinante na elaboração de políticas em suas áreas de atuação.

Ao observar os meios de comunicação tradicionais, Lima (2011) classifica como principais características: *trusteeship model*; *no law*; oligarquias políticas e familiares; igrejas; e hegemonia de um único grupo privado. Ou seja, tem-se um modelo de exploração de emissoras de rádio e TV por grupos privados comandados por políticos, famílias e igrejas.

Não entraremos de modo aprofundado nessa discussão, mas, como forma de esclarecimento, cumpre-nos dar uma explicação de como poderíamos evitar essa concentração da mídia. De acordo com Lima (2011), o principal ator da regulamentação da mídia no Brasil é o Estado, ou seja, o Poder Executivo, sendo que a Constituição de 1988 estabelece que a outorga e a renovação das emissoras deve ser compartilhada com o Poder Legislativo. Porém, tudo começa com o Executivo por meio do Ministério das Comunicações, que faz a portaria de autorização e a envia para a Casa Civil. Então, a portaria segue para a Secretaria de Relações Institucionais da Presidência. Após ser avaliada pelo Executivo, é direcionada para o

Legislativo, que faz um Decreto assinado pelo presidente do Congresso Nacional. Entretanto, há alguns problemas, dentre eles: os parlamentares, que não deveriam ser concessionários, aprovam a renovação de suas emissoras e influenciam diretamente na formulação das políticas do setor – o que Lima (2011) chama de “coronelismo eletrônico”. O segundo impasse detectado pelo autor é o grupo de conglomerados empresariais privados representados por entidades que agem como atores políticos. A Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), controlada pela Rede Globo; a Associação Brasileira de Radiodifusão (ABRA), liderada pela Rede Bandeirantes e que representa, também, a Rede TV!; e a Associação Brasileira de Radiodifusão, Tecnologia e Telecomunicações (Abratel), sob o comando da TV Record. Mesmo disputando interesses próprios, é fato que “as divergências são colocadas de lado quando os interesses maiores da mídia privada estão em jogo” (LIMA, 2011, p.33).

Lima (2011) aponta, ainda, as empresas de telefonia que hoje atuam no país no sistema telefônico móvel e residencial, banda larga, Internet e TV por assinatura, além da indústria eletroeletrônica, que fabrica os equipamentos e tem “interesse direto nas soluções tecnológicas que serão adotadas para a implantação das novas tecnologias, em especial aquelas derivadas da digitalização do rádio e da televisão” (p.33). Por fim, o autor apresenta a sociedade civil como um “não-ator” que trabalha suas posições, “mas não são capazes de exercer influência significativa”, pois, na verdade, o que existe é “uma negociação entre o Estado e alguns poucos grupos privados” (LIMA, 2011, p.33).

Cabe reforçar que a concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos conglomerados no Brasil é considerada ilegal. É possibilitada porque não há cumprimento das normas legais, não se cumpre o período para a troca legal de proprietários e não existem restrições para a formação de redes nacionais e regionais. Esses descumprimentos podem ser constatados na legislação brasileira, principalmente no Capítulo V da atual Constituição (1988). Como observou Lobato (1995, p.36), em seus estudos sobre a mídia brasileira, “os oligopólios se formaram através de uma brecha deixada na lei. Ela fixou os limites por entidade e por acionista, mas não previu um artifício simples: o registro de concessões em nome de vários membros da família”.

Diante de um assunto tão complexo e naturalmente interdisciplinar, tanto na pesquisa quanto na arena política, a democratização da comunicação deixa cada vez mais de ser objeto da própria comunicação e bandeira de movimentos sociais e categorias profissionais inerentemente a ela ligadas, tornando-se um tema da sociedade e de inúmeros trabalhos acadêmicos.

Conforme visualizamos acima, a comunicação de massa acabou transformando as notícias em itens de consumo, que passaram a seguir padrões de criação, formatação e edição geridas por grandes e poucos veículos. Para Lage (2001 p.18), essa padronização traz para a notícia um caráter impessoal. O autor propõe que os meios de comunicação eletrônicos são os que mais divulgam notícias, sobrando para os impressos as reportagens (que trazem mais informações sobre os fatos).

Desse modo, o que os veículos de comunicação divulgam, além de notícias, são produtos, e a maioria dos profissionais da área parece ter plena consciência disso. Sobre esse assunto, Medina (1988, p.40) afirma que a mensagem jornalística,

vista no complexo da comunicação de massa, é realmente um dos produtos de consumo da indústria cultural. Mas não um produto só revestido de conotações negativas associadas à crítica do sistema pós-industrialização. Um produto das sociedades urbanas e industrializadas, reproduzido em grande escala, fabricado para atingir a massa.

Nos protestos de junho de 2013, que levaram milhões de pessoas às ruas do Brasil, a estrutura midiática foi uma das temáticas mais evidenciadas, com movimentos populares e manifestantes que pediam a democratização da mídia. Essa estrutura tem, por um lado, os conglomerados de comunicação, pertencentes a algumas poucas famílias e que produzem a maior parte da informação que circula no país. De outro, apresenta uma formação discursiva, organizacional e teórica distinta, que trata de uma grande quantidade de pequenos meios, os quais constituem o campo da mídia alternativa, vinculada em maior ou menor medida aos movimentos populares, com discurso à esquerda e buscando transformações sociais nos mais variados campos.

Cumpramos lembrar que os protestos de junho de 2013 surgiram, inicialmente, para contestar o aumento de R\$ 0,20 na tarifa de transporte público em São Paulo. Mas os atos foram ganhando apoio popular, o que elevou a pauta de reivindicações. Como consequência, Frederico (2013) afirma que o indivíduo ficou “enredado no campo dominado pela mídia”, que visava “pautar a conduta individual” (p.252). Tanto que “não foi por mero acaso que a palavra de ordem gritada nas ruas – ‘vem pra rua, vem’ – tenha replicado o slogan da propaganda de uma marca de carros que então era veiculada exaustivamente na televisão” (p.252).

Para Traquina (2014, p.24), “dois pólos começaram a tornar-se dominantes na emergência do campo jornalístico contemporâneo: o pólo econômico (a definição das notícias como um negócio) e o pólo ideológico (a definição das notícias como um serviço público)”. Portanto, podemos analisar o jornalismo como uma instância de poder e de produção de sentido

perante a opinião pública, que possui relações imbricadas com os poderes estabelecidos, que lhes financiam e agem para que esses interesses sejam preservados com a manutenção do *status quo*:

O campo jornalístico age, enquanto campo, sobre outros campos. Em outras palavras, um campo, ele próprio cada vez mais dominado pela lógica comercial, impõe cada vez mais suas limitações aos outros universos. Através da pressão do índice de audiência, o peso da economia se exerce sobre a televisão, e, através do peso da televisão sobre o jornalismo, ele exerce sobre os outros jornais, mesmo sobre os mais “puros”, e sobre jornalistas, que pouco a pouco deixam que problemas de televisão se imponham a eles. E, da mesma maneira, através do peso do conjunto do campo jornalístico, ele pesa sobre todos os campos de produção cultural. (BOURDIEU, 1989, p.81)

Não se pretende, na presente dissertação, partir de uma visão catastrófica da mídia e seu controle sob a sociedade, mas, de fato, o avanço das tecnologias da informação e comunicação e a conseqüente bidirecionalização dos fluxos informacionais provocados pela comunicação em rede promoveram alterações em alguns sólidos valores do jornalismo, conforme veremos mais à frente. Assim, o próprio jornalismo foi deslocado do centro dos processos informacionais. A prática jornalística passou a sofrer ressignificações no momento em que teve de se adequar ao ambiente da Internet, às funcionalidades das mídias digitais e às novas formas de consumo e produção de informação.

2.2 O QUE É “MACROMÍDIA”?

Ao longo da vida acadêmica, durante as leituras realizadas, nos deparamos com diversas nomenclaturas para tratar do mesmo tema: os meios de comunicação de grande porte, com larga abrangência nos territórios físicos e virtuais. Com uma certa frequência, encontramos termos como “mídia tradicional”, “mídia corporativa”, “mídia comercial”, “mídia convencional”, “mídia oficial”, “velha mídia”, “mídia de massa”, “grande mídia” ou mesmo o simples “mídia”.

Segundo Almeida (2015), quando nos referimos aos meios de comunicação de pequeno porte, costumeiramente vemos definições como “novas mídias”, “mídias alternativas”, “mídias-poeira”, “mídias-sociais”, entre tantos outros termos.

Ocorre, muitas vezes, que esse excesso de terminologias dificulta a compreensão das expressões midiáticas que pretendemos estudar neste trabalho. Portanto, a fim de evitar uma confusão semântica, sugerimos considerar dois termos genéricos que representem de maneira simples os dois polos dos meios de comunicação, ou seja, o de larga escala e o de pequena escala, conforme a definição de Almeida (2015, p.52):

Macromídia aquela mídia que possui longo alcance, geralmente transmitindo sua produção via broadcasting com foco nos grandes públicos, que integra o mainstream midiático. Sua influência pode ser local, nacional ou internacional e possui grande poder de interferência na agenda pública e política. Sua produção segue modelo industrial, além de possuir uma estrutura técnica e tecnológica robusta.

Esses veículos atuam como uma grande corporação de mercado, com rotinas, estéticas, linhas editoriais específicas, além de estrutura técnica e tecnológica robusta. Alguns exemplos dessas empresas são Rede Globo, *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, entre outras. Já a micromídia, definiremos como sendo aquela de curto alcance ou pequeno porte. “É a mídia que pode se utilizar de meios como o papel, sons, fotos e vídeo, o corpo, as arquiteturas urbanas ou as tecnologias digitais. Raramente atua com broadcasting e possui raio de abrangência limitado, e mesmo que utilize a Internet, geralmente tem restrições técnicas que limitam sua produção e transmissão e se encontra à margem do ecossistema midiático” (ALMEIDA, 2015, p.52).

Nessa perspectiva, a macromídia seria aquela produzida em moldes industriais, com estrutura e grande número de profissionais, obtendo concessões públicas e altos investimentos públicos e privados que propiciam sua difusão em larga escala. Já as micromídias geralmente são produções de pequeno porte desenvolvidas por indivíduos ou pequenos coletivos, mas que, quando se suportam na Internet, também podem obter por meio desse ambiente um alcance relativamente alto, por conta da arquitetura horizontal e reticular a partir da qual as redes telemáticas operam.

De acordo com Mazetti (2008), em referência a Kellner (2001), mídia pode ser entendida como “a cultura mediada com a ajuda das diferentes tecnologias de produção e distribuição de informação e comunicação”, mas também é concebida como um meio, ou seja, “como aparato técnico que permite a comunicação e a troca de informação” (2008, p.260)

Claramente, cada produção midiática irá afetar de maneira peculiar a cultura da mídia, mas, de fato, quanto maior seu poder econômico, maior a reverberação causada na cultura da sociedade, como no caso da macromídia que tem lugar de referência no campo da comunicação e garante sua legitimidade por algumas características como as estéticas, o tempo de atuação, a facilidade de acesso, em suma, pelo seu lugar na indústria cultural, além de ter fácil acesso às negociações capitalistas as mais diversas possíveis. No entanto, com a Internet e suas facilidades de acesso aos meios de produção e distribuição de conteúdo por meio das tecnologias digitais, as relações de poder passaram a fluir em sentidos múltiplos, horizontais, não só em favor da macromídia.

A Internet, nos últimos anos, possibilitou a criação de um novo espaço para os comunicadores não alinhados à grande mídia. Além das plataformas de redes sociais, os sites e os blogs se credenciaram como um novo espaço para a mídia alternativa e, ao lado do nascimento cada vez mais constante de rádios e TVs web, ajudaram a compor um quadro complexo, no qual há grande diversidade de mídias alternativas, por conta não apenas de suas orientações editoriais, mas também das plataformas que utilizam para veicular informações e discursos. Também os meios alternativos existentes “fora” da Internet acabaram se inserindo (ou sendo inseridos) em um contexto de crescente midiaticização digital, além de serem afetados por esse processo em diversos aspectos de sua prática. Essa micromídia pode chegar a obter longo alcance por meio das ecologias colaborativas do ciberespaço, sendo possível se aglutinar e construir uma imensa rede ou circuito alternativo de informações de impacto considerável na esfera pública interconectada, ou até mesmo uma “nova grande mídia” (MALINI, 2014).

Segundo Foucault (1985), dar voz e visibilidade é conferir poder, assim passamos a compreender as micropráticas midiáticas como formas colaborativas que atuam contra a centralização de algumas forças, que passaram a sofrer mais influências de forças menores, como apontam os estudos sobre convergência, midiaticização, movimentos sociais e, claro, jornalismo, que por décadas manteve sua hegemonia no monopólio da fala e passa a ter algumas de suas funções reformuladas.

3 MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Os movimentos sociais são expressões de organização da sociedade civil. Costumam agir de forma coletiva como resistência à exclusão e luta pela inclusão social. Em suas ações, apresentam as demandas que determinada classe social enfrenta; tais ações se materializam em atividades de manifestações, como ocupações e passeatas em ruas, provocando uma mobilização social e despertando uma sensibilização na consciência dos demais indivíduos. Conforme aponta Gohn (2011, p.336), “ao realizar essas ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo”.

Normalmente, são apontadas como características básicas de um movimento clássico, o fato de terem uma identidade, um opositor e se articularem em torno de um projeto de vida e de sociedade, como fundamentam Gohn e Bringel (2011, p.13):

Os movimentos transitam, fluem, e acontecem em espaços não consolidados das estruturas e organizações sociais. Na maioria das vezes eles estão questionando estas estruturas e propondo novas formas de organização à sociedade política. Por isso eles são inovadores – como já indicava Habermas na década de 1970 –, como lumes indicadores da mudança social; ou o coração da sociedade e, seu pulsar, nos dizeres de Touraine.

Segundo Frank e Fuentes, os movimentos sociais se baseiam “num sentimento de moralidade e (in) justiça e em um poder social baseado na mobilização social contra as privações (exclusões) e pela sobrevivência e identidade” (2011, p.336). É com uma vigorosa capacidade de mobilização que “(...) os sindicatos, as ONGs, e os diversos movimentos de luta conquistaram importantes direitos de cidadania ao longo da história brasileira” (LAMBERTUCCI, 2009, p.82).

É necessário fazer uma distinção quando falamos em movimentos sociais e protestos sociais. O simples fato de ir às ruas protestar contra a corrupção, por exemplo, não caracteriza um movimento social. Uma ação esporádica, ainda que mobilize um grande número de manifestantes, pode ter em seu coletivo representantes de movimentos sociais e populares, mas não caracteriza um movimento social como tal. Esses protestos e mobilizações podem ser fruto da articulação de atores de movimentos sociais, ONGs, tanto quanto podem incluir cidadãos comuns que não estão necessariamente ligados a movimentos organizados como tais.

De modo mais analítico e a fim de nos permitir delimitar as diversas modalidades de organizações do ativismo civil da sociedade contemporânea, podemos caracterizar os

movimentos sociais organizados como um arranjo institucional que visa a sua continuidade temporal, com objetivos políticos definidos ou em construção pelos militantes e que contenham um projeto ou utopia de mudança social, política ou cultural. Eles usam periodicamente o recurso das manifestações públicas para reivindicações e protestos específicos de suas lutas e tentam obter visibilidade política na esfera pública. Como exemplo temos: o Movimento Passe Livre, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, Sem Teto e os vários movimentos sociais feministas, etnorraciais, estudantis e/ou da juventude, urbanos, ecológicos, sindicais etc.

Apresentamos ainda, as manifestações ou marchas dos movimentos sociais que buscam visibilidade pública de pautas específicas por meio das marchas em espaços públicos, repetidas de forma ocasional ou regularmente, referem-se àquelas manifestações históricas como: Marcha Zumbi dos Palmares, Grito dos Excluídos e a Marcha da Maconha.

Por fim temos as manifestações amplas da cidadania e/ou dos “indignados”, objeto de nosso estudo, que agrega múltiplos coletivos no espaço público com reivindicações conjunturais, mas frequentemente com protestos politicamente heterogêneos, diversificados, podendo conter antagonismos políticos explicitados ou não, e mobilizados especialmente por meio das redes sociais e virtuais. São exemplos dessas manifestações: Diretas Já, Caras Pintadas, Manifestações de Junho/2013 etc.

Mas como podemos distinguir movimentos de manifestações? Segundo Scherer-Warren (2014) encontramos nos movimentos sociais organizados uma relativa permanência temporal, que tendem a se estruturar sob a forma de redes de militância, que operam como uma estratégia para a construção de significados políticos ou culturais em comum, tendo em vista conquistar e mobilizar cidadãos produzindo assim, transformações sociais. Scherer-Warren (2014) aponta quatro momentos constitutivos relevantes do movimento social organizado para que ele tenha permanência e continuidade como ator político:

Construir um “frame” ou engajamento organizacional, o qual inclui organizações de base (grupos organizados, associações, entidades civis, organizações não governamentais-ONGs etc.), e entidades articuladoras e mediadoras, como fóruns, redes articuladoras ou semelhantes, onde se realiza a construção de significados comuns para as lutas na esfera pública; Esses significados comuns são produzidos através de articulações discursivas para a construção de demandas, ideários e projetos comuns para uma mudança social, ainda passíveis e constantes mutações; Demandas e ideários que serão traduzidos em ações de advocacia por direitos, para a incidência nas políticas públicas ou para mudanças sociais, políticas, culturais ou sistêmicas; Enfim o movimento organizado busca na manifestação momento de protesto, reivindicação ou visibilidade, mas tem uma continuidade para além desse momento mobilizatório público. Os movimentos sociais promovem, participam ou estão nas manifestações, mas não se reduzem a essas (SCHERER-WARREN, 2014, p.15-16).

Já as manifestações de rua, em um sentido estrito, são quase sempre reações conjunturais coletivas e públicas, que pretendem através do protesto criar visibilidade política, reconhecimento das vozes dos cidadãos, seja por meio de seus movimentos ou dos públicos em geral mobilizados para o evento político em si mesmo. Tende a se arquitetar e se efetuar a partir de outros parâmetros:

Constrói-se como forma de evento político reativo a situações ou fatos políticos indesejáveis ou para criar visibilidade a demandas coletivas nos campos socioeconômico, cultural ou político. Pode ser fruto de uma iniciativa dos movimentos sociais organizados ou da reação de cidadãos em geral ou, ainda, numa combinação de ambos. Esta última forma se torna cada vez mais comum na sociedade da informação, através das mobilizações feitas por meio das redes sociais virtuais (SCHERER-WARREN, 2014, p.16).

Gohn (2013) reforça que os sujeitos os quais, em um determinado momento, se organizavam em movimentos e ações coletivas de protesto agora são parcialmente mobilizados por políticas sociais institucionalizadas. As organizações de seus atos passam a ter um eixo deslocado da sociedade civil para a sociedade política, da associação de moradores de um determinado bairro para os gabinetes e secretarias que concentram o poder estatal.

Com o objetivo comum de defender e reivindicar os interesses da população, os movimentos sociais são abordados sob diversas perspectivas. Para Lakatos (1985), os movimentos sociais se originam a partir dos descontentamentos, das contradições existentes na ordem estabelecida, surgem de uma parcela da sociedade global e apresentam certo grau de organização e de continuidade por interação mediada nas redes. Podem ser considerados como empreendimentos coletivos para estabelecer uma nova ordem de vida. Têm eles início numa condição de inquietação e derivam seu poder de motivação na insatisfação diante de uma forma corrente de vida, de um lado, e dos desejos e esperanças de um novo esquema ou sistema de viver, do outro.

No Brasil, como em outros países da América Latina, o fim da década de 1970 e parte dos anos 1980 foram marcados por movimentos sociais populares articulados por grupos de oposição aos regimes militares. Já nos anos 1990, ocorreu o surgimento de outras formas de organização popular, mais institucionalizadas – como os Fóruns Nacionais de Luta pela Moradia, pela Reforma Urbana, o Fórum Nacional de Participação Popular etc. Esses movimentos trazem como justificativa comum a exclusão a que são submetidos na sociedade. Nesse sentido, a Teoria do Reconhecimento, concebida por Honneth, pode auxiliar no entendimento da dinâmica dos movimentos sociais. O autor (2003b, p.227) conjuga seus

estudos com base na Psicologia social, construindo sua teoria a partir da hipótese fundamental de que a experiência do desrespeito (não reconhecimento) seria a fonte emotiva e cognitiva de resistência social e de levantes coletivos. As lutas por reconhecimento ganham a dimensão de fundamento dos avanços normativos sociais. Honneth demonstra interesse por conflitos que trazem no histórico uma experiência de desrespeito social, ataque à identidade individual ou coletiva e que necessitem desenvolver relações de reconhecimento mútuo.

Para Scherer-Warren (2006), as atuais formas de ativismo tendem a protagonizar um conjunto de ações que visam englobar os mais excluídos, carentes, dominados e discriminados. Com isso, podemos associar esse conceito ao desenvolvido por Honneth, que atribui à ausência de reconhecimento a força motivadora das lutas travadas no ambiente social.

A autora destaca ainda que, na década de 2000, surgem os movimentos sociais caracterizados por cidadãos críticos, podendo ser observada a emergência de uma rede de movimento social que busca a presença na esfera pública, engajamento com questões nacionais, mas que preserva uma certa autonomia em relação à esfera governamental. Para Scherer-Warren, trata-se de um empoderamento da sociedade civil para que participe da esfera pública estatal, negociando e expondo os seus interesses.

Está, pois, emergindo um movimento cidadão crítico, já não mais com um projeto de poder para controle do Estado, mas com um projeto de controle social pela cidadania em relação às questões nacionais de interesse público, o que alguns movimentos populares denominam de “projeto de nação”. Para tanto, o movimento cidadão crítico busca radicalizar a democracia, não abrindo mão de negociar suas demandas nos espaços governamentais e estatais (SCHERER-WARREN, 2008, p.15).

Thompson (1988, p.37) afirma que o movimento social atua como “mobilização e organização das pessoas, ao redor de uma ação coletiva – elementos essenciais da cultura e do modo de vida das pessoas/patrimônio cultural/organização social”. Nesse novo ambiente, a *web* surge como novo modo de presença participativa democrática do povo: “A telerealidade aparece como nova formatação da realidade, possibilitada agora por espaços e tempos integrados em rede eletrônica e associada às noções de desterritorialização, globalidade, distância, espaço planetário, desmaterialização, não presencialidade, (tele) vivência e tempo real” (RUBIM, 2000, p.33).

De fato, as novas tecnologias estão produzindo profundas transformações na forma de participação e de comunicação entre as pessoas. Vista também como meio de poder político, a Internet possibilita a articulação de discurso e ação do governo para garantir a aceitação popular

e votos. Nesse cenário, como fonte de interação e mediação dos acontecimentos, a imprensa desempenha um papel cujo principal objetivo é o de levar a informação, gerar debates, fazer um jornalismo transparente, livre, crítico, denunciar atos ilegais do poder público, para resultar em uma opinião democrática com a participação dos cidadãos.

E aqui, podemos fazer um adendo à proteção da liberdade de consciência do jornalista, que enquanto especificidade de garantia de independência, confere ao profissional a possibilidade de dizer “basta” a situações que ofendam gravemente as suas convicções e dignidade, auto desvinculando-se do contrato laboral, sem prejuízo econômico.

Entretanto, por paradoxo com a liberdade de expressão potencializada pelas novas tecnologias e que permitem aos jornalistas que as suas histórias sejam globais e em tempo real, assistimos também, neste quarto de século XXI, a medidas restritivas ao conhecimento facultado pela ciência tecnológica, suscetíveis de limitar todas as outras liberdades. Os que ousam informar sobre o que se esconde ou incomoda sofrem muitas vezes pressões (Solomon, 2016⁴), hostilidades, a prisão, exílio ou, em algumas situações de conflito, a morte.

A organização Repórteres Sem Fronteiras (2016) registou 110 jornalistas mortos em trabalho, em 2015. Entre 2013 e 2016, a organização informa que houve uma deterioração de 13,6% no indicador global de liberdade de imprensa, segundo os indicadores a independência dos media, a autocensura, a legislação, a transparência e abusos. Para acautelar estes efeitos, o Conselho da Europa (2016) sugeriu aos seus estados membros que adotem medidas de segurança para os jornalistas e suas famílias.

Por isso, apesar de a internet e os satélites eliminarem as fronteiras, permitirem o acesso a sistemas de informação e tornarem o mundo mais interligado e intimista, Bollinger (2010) opina que existe uma ironia: “por um lado a globalização intensifica a necessidade de a imprensa ser livre e independente para reportar com responsabilidade sobre o mundo, do mundo e para o mundo; por outro a necessidade de navegar nas tecnologias globais de acesso à informação esbarram com a censura de leis e governos variável consoante as nações” (BOLLINGER, 2010, p.4-10).

Essa liberdade e independência, exige dos jornalistas consciência, enquanto base de escolhas, fundamento de todo o direito e toda a justiça. A conjugação desta com os valores morais, alarga-se agora do tradicional reflexo do “eu” no “outro”, ética que Levinas (1982)

⁴ O autor convida-nos a uma reflexão sobre o que aconteceu a James Risen, da CIA, (preso) e que foi fonte, no contexto de um livro; ao norte-americano Snowden (exilado na Rússia); a Julian Assange (exilado na embaixada do Peru em Londres) ou a Bradley Manning (o soldado norte-americano, preso, condenado a 35 anos de cadeia e que mudou o seu nome para Chelsea). Estes libertaram documentos de informação confidencial.

preconiza de responsabilidade, para uma terceira pessoa e esta uma outra e outra e, assim, sucessivamente.

Nesse sentido, a liberdade de consciência do jornalista deixa de ser apenas individual, interna para com as suas opções, mas profissional e coletiva, para interagir com outras e mais pessoas, os cidadãos, os seus públicos que exigem credibilidade.

3.1 O PAPEL DA MÍDIA ALTERNATIVA NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Peruzzo (2009, p.53) explica que a expressão “comunicação alternativa”,⁵ típica das décadas de 1960, 1970 e 1980, tem sido retomada. Ela surgiu para designar tanto a comunicação popular, como para caracterizar o tipo de imprensa não alinhada às posturas da mídia tradicional, então sob a ação da censura do regime militar no Brasil. A imprensa alternativa surge como instrumento de condenação do regime militar, a fim de defender interesses nacionais. Para Kucinski (1991, p.XVI),

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo, que se encontra o nexos dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos.

Para Peruzzo (2009, p.54), o que caracteriza o jornalismo como alternativo é o fato de representar uma opção enquanto fonte de informação, pelo conteúdo que oferece e pelo tipo de abordagem; portanto, há uma comunicação alternativa no âmbito dos movimentos populares que extrapola jornais e o jornalismo. Com isso, as minorias têm a possibilidade de apresentar suas reivindicações e denunciar aquilo que muitas vezes é negligenciado pela grande mídia.

As formas alternativas adquiriram maior destaque entre 1960 e 1980. Uma vez que os movimentos sociais estavam fortalecidos e os veículos de comunicação de massa estavam sob o controle e a censura militar, fez-se necessária a implementação de mídias alternativas para atender a demanda de interlocução dos grupos com a sociedade. Durante a ditadura, o meio impresso foi o veículo de maior destaque na mídia alternativa.

⁵ Uma forma alternativa de comunicação que tem sua origem nos movimentos populares dos anos 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo. Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação.

No entanto, a mídia alternativa passou por uma crise, ocasionada por forte perseguição política oficial e não oficial (a censura e a prisão de jornalistas, por um lado, e o incêndio criminoso de bancas que comercializavam esses veículos, por outro, são exemplos dessas perseguições). Em um momento de reorganização da esquerda, a mídia alternativa se reinventa mais uma vez, no bojo do crescimento dos movimentos populares de base, enraizados nas comunidades ou em pequenos grupos sociais. Assim, nascem “jornais em que as bases populares são ao mesmo tempo o sujeito da comunicação e seu próprio agente” (KUCINSKI, 1991, p.94). Mais tarde, na década de 1990, a mídia comunitária assume centralidade no cenário alternativo: “televisões regionais, rádios AMs e FMs comerciais, etc. passam a abrir mais espaços para programas vinculados nas localidades onde estão situados” (COGO, 2005). Ao mesmo tempo, começam a ocorrer perseguições às rádios comunitárias e os jornais locais começam a sofrer com a concorrência comercial dos grandes jornais monopolistas.

Segundo Peruzzo (2009), a flexibilização da ditadura e os avanços na democracia política fazem com que alguns movimentos sociais cresçam e outros declinem. Se antes, no período de repressão dos direitos, os movimentos sociais se organizavam em oposição ao regime militar, agora eles adquirem lutas diferentes, com discursos e demandas distintas, mas com um objetivo que segue comum: a ampliação da cidadania.

As mídias alternativas também passaram por fortes processos de transformação com o advento da Internet. A chegada e a crescente popularização da Internet no Brasil alteraram e seguem alterando o cenário midiático do país. Embora os velhos conglomerados de comunicação sigam dominantes, a dinâmica da Internet abre novas perspectivas para a mídia alternativa e para a comunicação como expressão horizontalizada.

Para Gohn (2014), a cibercultura tem alterado as formas de mobilização social de várias maneiras, no que diz respeito tanto à “ação coletiva de movimentos alterglobalização”, que também é impulsionada pelas novas formas de comunicação e informação, quanto à alteração na forma de comunicação entre jovens manifestantes, afirmando, inclusive, que “saber se comunicar online ganha *status* de ferramenta principal para articular as ações coletivas” (p.17). O desenvolvimento da Internet tem alterado não apenas a forma de articulação dos protestos e movimentos sociais, como a própria concepção de democracia. “A Internet não permite somente comunicar mais, melhor e mais rápido; ela alarga formidavelmente o espaço público e transforma a própria natureza da democracia” (CARDON, 2012, p.1). Além disso, “dominar códigos das novas tecnologias e participar das redes sociais passou a fazer parte do perfil desse ativista” (GOHN, 2014, p.60). Assim sendo, a limitação do poder ocorre através de atos conscientes dos cidadãos, que consentem em pactuar com um sistema de regras dotadas de

supremacia frente à força, estabelecendo, além de normas materiais, leis procedimentais a fim de assegurar o correto funcionamento e estruturação do direito e da política. É dizer, que por meio da democracia participativa que se assegura a continuação da sociedade civil, não só pressupondo o consenso sobre as “regras do jogo”, mas também legitimando o dissenso sobre a persecução dos interesses sociopolíticos, pois o antagonismo de opiniões é uma realidade do pluralismo.

Nesse sentido, a democracia⁶, apesar de apresentar sérias falhas, é a melhor opção até agora encontrada para o exercício dos direitos individuais, pois, porque é dinâmica, torna-se evolutiva e qualitativa à medida que é continuamente reinventada, estando em permanente estado de transformação, ainda mais frente à era da tecnologia e da informação, a qual, com o auxílio da globalização, liquefez fronteiras, tanto as geográficas quanto as temporais, expandindo a comunicação e o acesso à informação, não mais restritas aos jornais e redes televisivas e radiofônicas, mas dispersas no meio eletrônico. Atualmente, a limitação do poder ocorre através de atos conscientes dos cidadãos, que consentem em pactuar um sistema de regras dotadas de supremacia frente à força, estabelecendo, além de normas materiais, leis procedimentais a fim de assegurar o correto funcionamento e estruturação do direito e da política. É dizer, é através da democracia participativa que se assegura a continuação da sociedade civil, não só pressupondo o consenso sobre as “regras do jogo”, mas também legitimando o dissenso sobre a persecução dos interesses sociopolíticos, pois o antagonismo de opiniões é uma realidade do pluralismo. Nesse sentido, a democracia, apesar de apresentar sérias falhas, é a melhor opção até agora encontrada para o exercício dos direitos individuais, pois, porque é dinâmica, torna-se evolutiva e qualitativa à medida que é continuamente reinventada, estando em um permanente estado de transformação, ainda mais frente à era da tecnologia e da informação, a qual, com o auxílio da globalização, liquefez fronteiras, tanto as geográficas quanto as temporais, expandindo a comunicação e o acesso à informação, não mais restritas aos jornais e redes televisivas e radiofônicas, mas dispersas no meio eletrônico.

3.2 ATIVISMO E MANIFESTAÇÕES NA ERA DA INTERNET

⁶ A democracia, assim, apesar das graves falhas que apresenta, ainda é o melhor regime até agora pensado e efetivado no desenvolvimento de uma boa governança, responsável e responsabilizável, calcada nos princípios da transparência e da primazia do interesse público, no direito à informação, a uma vida digna, livre e igual, e no equilíbrio e estabilização dos interesses e forças antagonicos e invisíveis que lutam para controlar o simbólico “leviatã”.

O surgimento da Internet se deu por meio de uma rede de computadores montada pela *Advanced Ressecar Projects Agency* (ARPA) em setembro de 1969. A ARPA foi criada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos para realizar pesquisas com o objetivo de alcançar superioridade tecnológica e militar em relação à União Soviética.

É por essa relação em sua gênese que muitos afirmam que o nascimento das redes de computadores teve inspiração militar; no entanto, Castells (2003) refuta essa origem eminentemente militar da Internet: “Antes de mais nada, a Internet nasceu da improvável intersecção da *big science*, da pesquisa militar e da cultura libertária” (p.19).

Já as redes sociais, como área temática das ciências humanas, surgem na década de 1940, visando ao entendimento de relações interpessoais em contextos comunitários circunscritos. A noção de redes, para análise de ações coletivas mais amplas e de movimentos sociais, foi desenvolvida apenas a partir da década de 1970, quando essa área de estudo teve seu *boom*, especialmente na Sociologia.

Com isso, o advento das redes digitais, sobretudo em sua forma mais recente da chamada *Web 2.0* (gerada pela conexão de alta velocidade que permitiu a veiculação via *web* de informações em todos os formatos – áudio, vídeo, imagens etc., em plataformas colaborativas), foi interpretado por vários autores como uma revolução responsável pela transformação da própria natureza da arquitetura e do processo de repasse das informações. Segundo Lévy (1999, p.127),

Junto ao crescimento das taxas de transmissão, a tendência à interconexão provoca uma mutação na física da comunicação: passamos das noções de canal e rede a uma sensação de espaço envolvente. Os veículos de informação não estariam mais no espaço, mas, por meio de uma espécie de reviravolta topológica, todo o espaço se tornaria um canal interativo. A cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a uma humanidade em um contínuo sem-fronteiras.

Nessa segunda geração, a chamada *Web 2.0*, os usuários têm uma maior participação online, sendo-lhes facultado escolher a publicação de conteúdos de forma interativa na plataforma. Castells (2013) afirma que a abertura da rede para modificações por parte dos usuários fez com que o uso da Internet aumentasse, além de possibilitar uma maior replicação dos conteúdos por ela oferecidos e por estes alimentados.

Para Scherer-Warren (2006), um elemento diferenciador para se examinar a constituição das redes sociais na contemporaneidade tem sido a definição da unidade de análise considerando-se os atores sociais envolvidos. Elas podem ser investigadas ora como redes de

relações interindividuais, ora como redes formadoras de ações coletivas, sendo que, nesse último caso, tem-se a questão da intencionalidade política.

A partir desse momento, surge uma sociedade civil organizada em redes que tem a possibilidade de transpor fronteiras territoriais, bem como articular as lutas locais às regionais, nacionais e transnacionais. A utopia fundada pelo ativismo virtual está ligada às mudanças proporcionadas pelo engajamento com as causas sociais dos excluídos e discriminados e com a defesa da democracia na diversidade.

Ou seja, a estrutura em rede, por não ter composição formal, protege o próprio movimento do que sempre é um dos grandes temas da organização social, os chamados perigos internos que envolvem a burocratização e a manipulação do movimento. Podemos afirmar com isso, que a rede se articula por ela mesma e tende a mudar conforme vão mudando as circunstâncias em que se desenvolve o movimento. Como Castells (2009, p.172) reitera:

Uma estrutura descentralizada desse tipo maximiza as possibilidades de participação. Todo mundo pode entrar na rede, não há barreiras. Cada um pode propor uma mensagem, pode haver um debate aberto. Ao mesmo tempo, a estrutura em rede reduz a vulnerabilidade da repressão porque, se corta um nó, há outros nós que se reorganizam. Quero dizer que, ao não haver uma liderança formal, ainda que se prendam ou reprimam algumas pessoas, a rede como tal continua. Isso é absolutamente fundamental.

Cabe destacar que as redes sociais informatizadas não conseguem somente uma comunicação em tempo real, mas também aproximam e permitem a reflexão de temporalidades históricas. Nessa dinâmica de aproximação de diferentes tempos culturais, através das possibilidades abertas pelo ciberespaço,⁷ pode ser observado também um ímpeto das redes de movimentos sociais, que resultam, em última análise, de uma sinergia entre as redes presenciais e as redes virtuais, no sentido igualmente reiterado por Moraes (2001, p.14):

Não entendo o ciberespaço como uma esfera dissociada dos embates sociais concretos. Como cogitar de transformações radicais sem referências objetivas às tradições sociais? Volto a dizer que percebo uma relação de confluência, de acréscimo e de sinergia entre concreto e virtual, resultante, de um lado, da progressiva hibridação tecnológica, e de outro, do somatório de possibilidades que nenhuma das partes, isoladamente, alcançaria.

A partir dessa exposição, compreendemos que a infinidade de conteúdos da rede e a facilidade de acesso à informação tornam qualquer cidadão que disponha de uma máquina

⁷“O ciberespaço é uma espécie de objetivação ou de simulação da consciência humana global que afeta realmente essa consciência, exatamente como fizeram o fogo, a linguagem, a técnica, a religião, a arte, e a escrita, cada etapa integrando as precedentes e levando-as mais longe ao longo de uma progressão de dimensão exponencial” (LÉVY, 2001, p. 151).

equipada com Internet capaz de exercer o direito à livre expressão. Com isso, as tecnologias agem como meios facilitadores de mobilização. Esses movimentos que em geral nascem na internet encontram nela um espaço protegido, no qual podem atingir instantaneamente múltiplas, milhares de pessoas com mensagens rápidas que dificilmente são reprimidas de início. Portanto, segundo afirma Castells (2009), são movimentos em rede nas redes sociais. Mas também são movimentos que se difundem pelas redes móveis e normalmente surgem em espaços sociais como o *Facebook* ou outros e se difundem mais rapidamente através do *Twitter* e também através de redes de comunicação móvel.

Mas, precisamos compreender que as redes são multimodais, não somente redes na internet, são também redes sociais que existem na sociedade, são redes de amigos, de pessoas que se conhecem, e é essa multimodalidade que é importante, como, no caso das revoluções árabes, que iremos tratar a seguir (em 3.3 deste trabalho), em que as torcidas de clubes de futebol, por exemplo, foram muito importantes. Todas as formas de organização social informal que existem na sociedade, que não são organizações políticas tradicionais, mas que são da sociedade ao estarem conectadas entre elas através da internet, formam um híbrido de redes de diferentes tipos que se reforçam entre elas.

De acordo com Castells (2009) as redes como tais, em todos os movimentos não necessitam de uma liderança formal, “ela se articula por ela mesma e porque a rede vai mudando as circunstâncias em que se desenvolvem os movimentos”(p.173). Com essa estrutura descentralizada é possível maximizar as possibilidades de participação. Todo mundo pode entrar na rede, não há barreiras. Cada um pode propor uma mensagem, pode haver um debate aberto, mas, ao mesmo tempo, a estrutura em rede reduz a vulnerabilidade da repressão porque, se corta um nó, entretanto, há outros, que se reorganizam.

Na verdade, o ambiente interativo, colaborativo e descentralizado ofertado pela Internet deu aos movimentos sociais a possibilidade de difundir suas reivindicações sem a necessidade de submetê-las aos filtros da macromídia. Ao contrário do alcance dos conglomerados midiáticos, que atingem milhões de pessoas, os movimentos ambientados no ciberespaço buscam promover a disseminação de ideias a grupos que estejam dispostos a interagir, apoiar, sugerir ou contestar as pautas por eles sugeridas.

Apesar disso, conforme Della Porta e Diani (2006) apontam, as mídias de massa têm um papel relevante no contexto dos protestos: elas espalham a mensagem dos movimentos envolvidos, o que publiciza a causa e tem o potencial de aumentar o número de seguidores e de recursos.

A possibilidade de atrair novos adeptos, divulgar conteúdos e alcançar visibilidade global dá uma nova dinâmica aos movimentos sociais. As conexões em rede facilitam a comunicação entre ativistas e propõem mais espaço nos discursos por eles elaborados e que serão difundidos. A mediação das causas promovidas no ambiente virtual expõe suas razões à cena pública.

Segundo Shirky (2010), a antiga visão de rede como um espaço separado, um ciberespaço desvinculado do mundo real, foi um acaso na história. Na época em que a população online era pequena, a maioria das pessoas não fazia parte dela. Agora que computadores e telefones estão cada vez mais avançados e foram amplamente adotados, toda a noção de ciberespaço está começando a desaparecer. As ferramentas de mídia social não são uma alternativa para a vida real, são parte dela. E, sobretudo, tornam-se cada vez mais os instrumentos coordenadores de eventos no mundo físico. Assim, o ciberespaço abre caminho para o ciberativismo, apontado como elemento fundamental na derrubada de regimes árabes e nas ocupações de espaços públicos nos Estados Unidos e na Europa em 2011.

3.3 2011 – UM PERÍODO MARCADO POR MOVIMENTOS AUTÔNOMOS PELO MUNDO

A globalização transformou o mundo e as relações internacionais. Com métodos inovadores de comunicação, como vimos anteriormente, vieram novas maneiras de se pensar e fazer política, reivindicar e se manifestar, bem como compartilhar ideias. O caráter transnacional das redes trouxe para os atores internacionais uma nova maneira de agir. O ano de 2011 é a representação de uma guinada na forma de atuação dos movimentos sociais no mundo.

A maioria desses movimentos veio na esteira de uma crise econômica global que trouxe consigo uma crise de representações, pondo em xeque os pilares da democracia representativa. Mais do que uma luta por demandas específicas e estruturadas em um programa claro, esses movimentos têm como ponto central a ênfase nos meios de modificação de uma cultura baseada no indivíduo e sua independência em relação às instituições políticas que constituem a sociedade.

Uma onda de protestos antiditatoriais atingiu o norte da África, a chamada “Primavera Árabe”, derrubando ditaduras no Egito e na Tunísia. Já nos Estados Unidos e na Europa, os protestos contra as políticas recessivas deram origem ao “*Occupy Wall Street*”, nos Estados Unidos, e aos “Indignados”, na Espanha.

Numa breve caracterização do que foram esses novos movimentos que se disseminaram em 2011, podemos dizer que, no caso dos países árabes, houve uma indignação contra os regimes autoritários. A Primavera Árabe⁸ teve início em dezembro de 2010 com a manifestação do jovem tunisiano, Mohamed Boauzizi, que, ao atear fogo em seu próprio corpo, mostrou-se desesperado pela falta de oportunidade para os jovens de seu país (TETHERED, 2014).

Os movimentos ocorreram em Estados do Norte da África e do Oriente Médio, mas as manifestações também foram sentidas em outros Estados da região: Argélia, Djibuti, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão, Saara Ocidental, Iêmen, Omã, Bahrein, Iraque, Jordânia e Síria (BIJOS; SILVA, 2013). Na Tunísia, movimento democrático abriu um novo espaço político e culminou na realização de eleições em 2011. No Egito, por sua vez, a revolução alterou as relações de poder no país, derrubou a ditadura e acirrou a luta contra a volta da opressão sob a forma de um regime militar.

Já a onda de manifestações contra o sistema financeiro mundial que se espalhou por dezenas de países na Europa, em outubro de 2011, recebeu o nome de “Indignados”, na Espanha, e, nos Estados Unidos, de “*Occupy Wall Street*”. Nesses locais, ocorreram revoltas contra as instituições que provocaram a crise econômica, principalmente os mercados financeiros, enquanto a maior parte da população amargava os efeitos da recessão.

Nos Estados Unidos, o movimento contra o capital financeiro que, apesar de representar 1% da população, concentra grande parte da riqueza produzida, partiu daqueles que se denominavam pertencentes à parcela de 99% da população que sofria na pele os efeitos da crise. Do mesmo modo, na Espanha, a imprensa denominou de “Indignados” os manifestantes revoltados contra os banqueiros, que haviam afundado a economia com suas manobras especulativas para receber bônus generosos, enquanto os cidadãos sofriam profundas consequências da crise em seus empregos, salários, serviços e hipotecas executadas.

Dagnino (1994), ao traçar parâmetros para se pensar acerca da emergência de uma nova noção de cidadania no mundo contemporâneo, entende a redefinição da ideia de direitos como um pressuposto na formação do novo sujeito-cidadão: a “invenção de novos direitos” e até o “direito a ter direitos” vêm a ser preceitos constitutivos do homem contemporâneo. E é esse mesmo homem, movido também pela assimetria – fundamentalmente econômica – gerada pelo próprio processo de globalização, que vem articulando o seu lugar no mundo. É a estratégia dos

⁸ O nome “Primavera Árabe” tem origem no fato de que, após o inverno, a primavera é estação em que as flores renascem; assim, a nomenclatura faz uma referência à mudança que tal revolução buscava alcançar. O nome também tem relação com a Primavera de Praga. Em ambas as revoluções, buscava-se mudar regimes políticos (BIJOS; SILVA, 2013).

não cidadãos, dos excluídos, o que, afirma Dagnino (1994), é um outro pressuposto para que se conceba a nova noção de cidadania, noção que se adapta ao desencadeamento de uma série de movimentos sociais que merecem atenção: movimentos que significam o modo como hoje se busca o reconhecimento social, movimentos organizados pelos sujeitos tornado atores, como sugere Touraine (1995). Vozes que, mesmo incipientes, parecem ser a de quem começa a entender a condição de “sujeitos políticos (...) múltiplos e heterogêneos que compartilham alguns princípios básicos sobre a participação popular, a cidadania e a construção democrática (...)”, como sugere Dagnino (1994).

O ambiente virtual possibilita que indivíduos socialmente excluídos tenham voz. Lemos (2004) ressalta que as formas de expressão de grupos politicamente engajados são expandidas por meio da utilização do ambiente virtual como suporte. Ainda segundo o autor, o ciberativismo, ao instituir canais de comunicação autênticos, pode atuar com o intuito de diminuir o desinteresse da sociedade pelas instituições públicas.

Mas o que esses movimentos têm em comum? Segundo Castells (2013), eles têm um espaço de autonomia, ou seja, iniciam-se nas redes sociais, mas geralmente ocupam um espaço físico, praças, avenidas, com a característica de fluidez entre o ciberespaço e as ruas. Dessa forma, “o espaço de autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede” (CASTELLS, 2013, p.165). O espaço dos movimentos sociais em rede é um espaço híbrido, de fluidez entre o online e off-line.

Para o autor, esses movimentos tiveram início longe do controle governamental e empresarial; por isso, são denominados de movimentos sociais em rede. Esses movimentos têm formação dinâmica, valores e perspectivas de mudanças sociais e culturais. Sua comunicação é multimodal, no sentido de que são utilizados diferentes meios discursivos para organização e interação entre os(as) participantes. A teoria que sustenta as análises de Castells está apresentada em seu livro *Communication Power* (2009), no qual discute a constituição de poderes na sociedade. Em sua visão, as instituições são construídas por aqueles que detêm o poder, segundo seus próprios interesses, exercido pela coerção e/ou manipulação simbólica (sendo essa forma mais estável e decisiva). Em consequência das relações de poder, as lutas hegemônicas suscitam, pois, a conexão em rede, sem substituir as outras formas de interação existentes, trazendo novas possibilidades de interação, não só entre indivíduos, mas também entre instituições e poderes quem têm controle na sociedade em rede.

O fato de as grandes manifestações se materializarem no espaço urbano é inegável. “Se bem que as articulações parecem começar nas redes sociais da Internet, se convertem em movimentos ao ocupar o espaço urbano. Seja mediante a ocupação permanente [prolongada]

de praças públicas ou por manifestações continuadas” (CASTELLS, 2013, p.212). O mesmo autor ainda reforça a ideia de que o movimento “se faz sempre mediante interações entre o espaço de fluxos da Internet e as redes de comunicação sem fio, os espaços dos lugares ocupados e dos edifícios simbólicos, objetivo das ações de protesto” (CASTELLS, 2013, p.213). Isso significa que o ciberespaço mais o espaço urbano criam, para o autor, um terceiro espaço: o “espaço da autonomia, a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede” (CASTELLS, 2012, p.213).

Diante disso, qual será a relação entre a Primavera Árabe, o *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos, os Indignados da Espanha e as manifestações de junho de 2013, que transformaram as ruas em palcos de protestos convocados por meio de redes sociais, sem a presença de partidos, sindicatos e organizações que tradicionalmente possuem o papel de convocar as multidões? Tentaremos elucidar nas próximas linhas a faísca dos eventos no Brasil.

3.4 JUNHO DE 2013 – MANIFESTAÇÕES NO BRASIL E EM SÃO PAULO

O país experimentou recentemente a força das redes sociais como forma de articulação, difusão de conteúdos informativos e mobilização de manifestantes. Desde 2010, uma onda de protestos se espalhou por diversos continentes. Tratavam-se de realidades sociais muito distintas entre os países envolvidos, pois alguns buscavam mais liberdade em relação aos regimes autoritários; em outros havia uma democracia já estabelecida, mas a luta se mostrava pelo fim da desigualdade econômica.

Esses eventos trouxeram uma evolução nos movimentos organizados e representam uma nova forma de manifestação. “São movimentos emocionais que se unem pela recuperação de uma dignidade perdida. Às vezes, começam pequenos e parecem se justificar por pouca coisa, mas funcionam apenas como uma gota a mais em uma indignação que existe em todos os setores sociais, que as pessoas não aguentam mais” (CASTELLS, 2013, p.4).

Há uma série de explicações sobre o que de fato significou as chamadas jornadas, revoltas, protestos ou manifestações de junho de 2013. Há quem defenda a tese de que os gastos com obras de infraestrutura para a Copa do Mundo de 2014, bancados, em grande parte, pelo governo federal, estadual e pelas prefeituras das cidades-sede dos jogos, concomitante com a realização da Copa das Confederações, em junho de 2013, desencadeou a onda de protestos. Outros enxergam a repressão policial aos protestos contra o aumento das passagens do transporte público, no município de São Paulo, como o fator gerador de um sentimento de

indignação que levou milhares de brasileiros às ruas de várias cidades do país. No entanto, o que esse momento da recente história política brasileira revela é que:

as revoltas de junho encerram um período recente da história do país, que a gente chama de redemocratização, e abrem um novo período. Encerram o fato de que as instituições democráticas foram criadas e estão estabelecidas. Agora começa uma outra discussão: como nós queremos que elas funcionem? Qual o sentido delas? Como nós fazemos para aprofundar essa democracia? Por que a democracia que nós temos é muito pouco democrática. Então como fazer para que a nossa democracia se torne mais democrática. As revoltas de junho iniciam esse período de democratização, não só do sistema político brasileiro, mas da sociedade brasileira. Democracia entendida nesse sentido amplo. (NOBRE, 2014)

No entanto, é importante perceber que os atos de junho de 2013 também acontecem em um contexto global de mobilizações em vários países, conforme apresentamos acima, seja pela luta contra a desigualdade econômica, a exemplo do *Occupy Wall Street* na cidade Nova York, em 2011, onde os manifestantes protestavam contra a concentração de renda, no país, através dos dizeres: “Nós somos os 99%”; ou, na chamada Primavera Árabe, em que manifestantes de países do Oriente Médio foram às ruas contra ditaduras que existiam há décadas e exigiram a saída do poder dos chefes de Estado dessas nações que governavam a base de sistema repressivo e de supressão das liberdades democráticas, como no Egito, Tunísia e Iêmen. Embora existam diferenças econômicas, culturais e políticas, o ponto em comum nessas revoltas é

O sentimento de empoderamento. Um sentimento que nasceu da indignação contra os governos e classe política ou ditatorial, ou, em sua opinião, pseudodemocrática. Indignação provocada pela raiva, ante a cumplicidade que percebiam entre a elite financeira e a elite política, e que explodiu pela reação emocional que causou algum acontecimento insuportável. E foi possível pela superação do medo mediante a união criada nas redes do ciberespaço e nas comunidades do espaço urbano. (CASTELLS, 2013, p. 38)

No campo dos direitos sociais, tivemos em 2013, pré-manifestações de junho, dois grandes avanços. O primeiro foi a aprovação pelo Congresso da chamada “PEC das Domésticas” que permite a trabalhadoras domésticas e babás usufruírem de uma série de direitos trabalhistas já garantidos a outros trabalhadores como horas extras, jornada de 8 horas diárias e 44 horas semanais, além de descanso semanal remunerado.

Já o segundo foi a decisão do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que, dois anos após o STF ter reconhecido legalmente a união estável de casais homossexuais, aprovou uma resolução que proíbe que os cartórios de todo o país se neguem realizar o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo

No âmbito da economia, o governo Dilma, durante boa parte do seu primeiro mandato, antes de junho de 2013, adotou uma série de medidas na economia que ficaram conhecidas

como nova matriz econômica, como redução de juros, atuação intensiva do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) na concessão de empréstimos a empresas, reforma do setor elétrico, desvalorização do real, dentre outras medidas tomadas como estímulo à economia. (SINGER, 2015).

O fato é que as manifestações se iniciaram na cidade de São Paulo, convocadas pelo MPL, em razão de mais um novo aumento de passagens de ônibus, trens e metrô, após dois anos, autorizados pela prefeitura e pelo governo do Estado por meio de um reajuste de R\$ 0,20, tendo a tarifa atingindo o patamar de R\$ 3,20.

Por isso, com o intuito de compreender as manifestações que tiveram início em junho de 2013, esboçaremos os eventos que as precederam e que lhe deram origem. Como já foi mencionado, esta dissertação terá como foco a cidade de São Paulo, palco do estopim dos eventos. Nesta etapa, introduziremos os protestos de junho de 2013, efetuando uma apresentação cronológica de sua ocorrência, seguida pela exposição de dados referentes aos números de manifestantes que ocuparam as ruas da Metrópole.

Cabe lembrar que, antes de 2013, o Movimento Passe Livre (MPL) já havia realizado outros protestos na Capital, como em 13 de janeiro de 2011, quando atuou contra o reajuste das passagens de ônibus em São Paulo, o qual, desde o dia 5, tinha passado de R\$ 2,70 para R\$ 3,00. O aumento fora anunciado no final de 2010 pelo então prefeito da cidade, Gilberto Kassab (DEM). As manifestações perduraram até março e se espalharam por várias capitais. Com o aumento, das 26 capitais brasileiras mais o Distrito Federal, São Paulo registrava a maior tarifa entre as grandes cidades do país. Mesmo não sendo suficiente para barrar o aumento, a luta gerou resultados, pois seguiram-se dois anos sem reajuste.

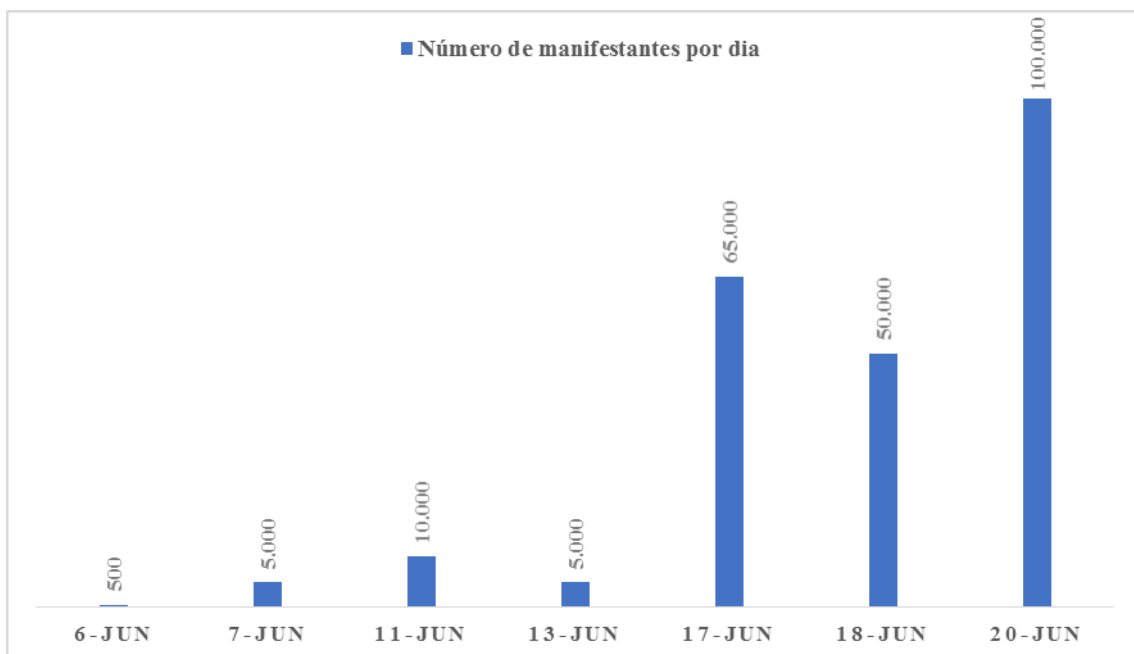
Já em 2013, mais precisamente no dia 2 de junho, houve a decretação do aumento da tarifa de ônibus, metrô e trens na capital. O acréscimo foi de R\$ 0,20, em uma tarifa que até o momento era de R\$ 3,00. Segundo Ricci e Arley (2014), esse aumento já estava previsto desde janeiro, mas a pedido do Governo Federal para conter os índices inflacionários do início do ano, foi adiado. O MPL, de prontidão cerca de um mês antes da data prevista para o aumento, articulava o primeiro protesto que ocorreria logo após o anúncio dos reajustes. Não havia, até 2013, entre os órgãos de inteligência da polícia, o hábito de monitorar esses movimentos em redes sociais, o que viria a ser adotado rotineiramente após a massificação dos atos.

No dia 6 de junho, quatro dias após o anúncio do reajuste pela prefeitura, o MPL mobilizou na cidade um grupo de 500 pessoas (Gráfico 1), segundo dados da Polícia Militar (PM). Conforme destaca Gohn (2014), esse grupo ocupou pontos-chave da circulação e

visibilidade na cidade, partindo da região central em direção à Avenida Paulista. A chamada⁹ para os protestos do dia 6 de junho, publicada nas redes sociais pelo MPL, conclamava:

No último domingo, dia 2 de junho, a prefeitura e o governo do estado aumentaram o valor da tarifa do transporte público da capital paulista para R\$ 3,20. Apesar do argumento de que o aumento é abaixo da inflação e da promessa de implementação do bilhete único mensal, defendemos que todo aumento de tarifa é injusto e aumenta a exclusão social. No Brasil existem mais de 37 milhões de pessoas que não podem usar o transporte público por causa dos altos valores das passagens. O Passe Livre luta junto à população por um transporte público de qualidade e pela tarifa zero para todos.

Gráfico 1 - Número de manifestantes nas ruas de São Paulo



Fonte: elaboração própria, a partir de dados disponibilizados pelo *Portal G1* e pela Polícia Militar ao jornal *O Globo*.

Nesse dia, ainda segundo a autora, houve depredações, fechamento de estações do metrô, além de pichações em símbolos da cidade, como o Museu de Arte de São Paulo (MASP). Cabe destacar que, na primeira manifestação, houve confronto com a PM, a qual, despreparada para aquela situação, utilizou bombas de gás lacrimogênio e bombas para conter os manifestantes. A imprensa, por sua vez, criminalizou os protestos e atribuiu o ato ao MPL e a jovens de partidos mais à esquerda (PSOL e PSTU) e do Movimento dos Trabalhadores Sem

⁹ PASSA PALAVRA. 06 JUNHO 2013 (BR-SP) MPL: ato contra o aumento das passagens de ônibus nesta 5ª (atualizado). Disponível em: <<http://passapalavra.info/2013/06/78528>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

Teto (MTST). Esse primeiro ato foi apenas uma parte do que viriam a ser os seguintes. Bruno Torturra, da Mídia NINJA, chegou a afirmar: “Quem estava lá naquele dia usando a indumentária *black bloc*, vestidos de preto, sabia do histórico de Seattle, de Genova, da estratégia anarquista que eles colocavam em prática”.¹⁰

O segundo ato ocorreu no dia seguinte, 7 de junho. O MPL conseguiu ampliar a adesão e reuniu cerca de 5 mil pessoas no Largo da Batata, seguindo até a Avenida Paulista. O poder público, tanto municipal quanto estadual, bem como a imprensa descaracterizaram os atos com declarações condenatórias e impuseram como condição para o diálogo com os manifestantes, segundo Gohn (2014), uma mudança na estratégia e o fim da violência. O governador Geraldo Alckmin (PSDB), como apontam Ricci e Arley (2014), exigia da PM uma ação mais enérgica a fim de conter os manifestantes. Segundo Judensnaider (2013, p.38), “Nas manifestações do dia 7, o Black Block assume uma postura mais clássica, articulando suas ações com a estratégia geral do MPL e se esforçando para proteger os manifestantes, ao invés de expô-los a maior violência”.

Os protestos desse dia ocorreram de forma mais compacta do que no primeiro, com ações da polícia mais direcionadas a impedir sua difusão pelas vias da cidade. Nesse contexto, ocorreu a primeira atuação clássica dos *Black Blocs*, com o intuito de tomar a frente do confronto direto e evitar a dispersão dos manifestantes.

Em 11 de junho ocorre o terceiro ato, com foco no acirramento e aumento das tensões entre polícia e manifestantes. Já existe uma posição da mídia e do governo definidas em relação aos protestos e aos manifestantes. O protesto, segundo a PM, reuniu cerca de 10 mil manifestantes. De acordo com o prefeito, Fernando Haddad (PT), tratava-se de um movimento fechado, não aberto ao diálogo; para o governador, Geraldo Alckmin (PSDB), era uma questão de segurança pública e atos de vandalismo. Segundo Gohn (2014), 19 pessoas foram detidas e aproximadamente 100 ficaram feridas, incluindo manifestantes, policiais e profissionais de imprensa. Somado a isso houve depredações em bancos, vitrines e estações do metrô. O saldo do dia 11 ficou completo com 87 ônibus queimados ou apedrejados e, ainda segundo a autora, um dos membros do MPL relatou que o movimento havia perdido o controle da situação durante o ato.

Já no dia 13, a manifestação contava com a participação de cerca de 5 mil pessoas, segundo estimativa da PM. As manifestações desse dia, conforme destaca Gohn (2014), marcaram a virada do olhar da sociedade, da opinião pública, que passa não só a apoiar os

¹⁰ Junho - O mês que abalou o Brasil. Direção de João Wainer. São Paulo: TV Folha, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cPrMgsgg70g>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

manifestantes, mas se une a eles nos protestos. Isso só ocorreu após a divulgação de vídeos mostrando abusos de autoridade e violência nos atos anteriores via redes sociais, o que acabou sendo um contraponto midiático, pois, até essa data, os manifestantes eram tratados pela mídia como vândalos. Peruzzo (2013) destaca que os manifestantes de junho de 2013 usaram meios próprios para se comunicar: simples celulares ou *smartphones*, redes virtuais e o audiovisual alternativo, a fim de municiarem a sociedade com a informação em tempo real do que ocorria nas ruas pelo ângulo de novas fontes.

Estas se tornaram, inclusive, fontes para a grande mídia que se viu atônita e perdida, sem saber bem o que fazer, pois os acontecimentos fugiam ao seu tradicional esquema de pautas e coberturas. Estes favoreceram o exercício da liberdade de expressão, sem gatekeepers, e numa proporção imensurável devido ao efeito de replicação das redes virtuais. Tanto que o contraste se evidenciou entre as transmissões autônomas de pessoas e de grupos ativistas – por celulares conectados à internet e câmeras de fácil manuseio em meio às multidões. Por exemplo, até os equipamentos mais pesados do Mídia Ninja eram transportados em carrinhos de mão. (PERUZZO, 2013, p.82-83).

No dia 13, ocorreram 232 detenções, das quais 198 foram encaminhadas para o 78º Distrito Policial, nos Jardins (zona oeste de São Paulo), e 34 para o 1º Distrito, na Sé, região central, segundo dados divulgados pela própria PM. A data ficou marcada como uma das mais violentas, com forte repressão da polícia. O uso da força policial contra os manifestantes provocou repulsa e revolta na população; inclusive na ocasião, jornalistas que cobriram o protesto também foram atacados. A detenção prévia aos atos, para fins de averiguação, acabou dando ares de prisão política e atraiu a atenção de organizações de defesa dos Direitos Humanos e até mesmo da Anistia Internacional.

No dia 16, as manifestações já haviam se espalhado por diversas partes do país e, segundo Ricci e Arley (2014), tinham como pauta central os gastos públicos com a Copa das Confederações, que ocorriam nesse período, e com a Copa do Mundo de 2014. O apoio repentino da macromídia aos protestos foi muito útil para trazer visibilidade e atenção nacional aos movimentos urbanos que iniciaram as manifestações, aumentando consideravelmente a quantidade de pessoas que iriam às ruas dali para frente.

O MPL, nesse momento, perdia o controle das manifestações, ao mesmo tempo em que era procurado desesperadamente pelos governos a fim de que fosse articulada uma interlocução capaz de oferecer um rumo aos protestos. Os atos marcados para o dia 17 de junho em todo o país transformaram-se num grande movimento cívico em prol da liberdade de expressão. Ao

MPL e aos movimentos urbanos, restava o esforço para que não fossem engolidos pela multidão e que suas reivindicações continuassem a ser o fio condutor dos atos.

Em 17 de junho, ocorreu a quinta grande manifestação em São Paulo. Estima-se que 65 mil pessoas compareceram ao ato. Outras 12 capitais brasileiras se manifestaram. Tamanha expressividade dos protestos gerou mudanças no tom das falas proferidas pelo campo político e pela imprensa:

A mídia convencional, ao mesmo tempo em que extrai deles visões, os penetra com suas próprias visões, pois acaba formando opiniões no conjunto da sociedade. Nem todos que participaram das manifestações estão em redes virtuais, até porque o nível de acesso dos brasileiros à internet ainda não é universal. Logo, a divulgação dos eventos pela mídia também é fator de mobilização (e desmobilização) porque sempre há identidades compartilhadas. A ênfase em coberturas que julgam e desqualificam as manifestações tem seu outro lado, o de aderência de segmentos conservadores a esse tipo de apreciação, seja de parte da população ou da própria polícia, para justificar as agressões em geral violentas e indiscriminadas. (PERUZZO, 2013, p.88)

Na cidade de São Paulo, as cinco horas de protestos ocorreram de forma pacífica e sem confronto. Gohn (2014, P.28-29) comenta que as manifestações antes criminalizadas passaram a ser vistas como legítimas, algo próprio da democracia. “Os manifestantes deixaram de ser tratados como baderneiros e a ação policial foi abrandada”. Essa data marca, então, o grande dia dos Indignados. Representando a maioria da população que não participa diretamente de movimentos sociais ou organizações civis, as insatisfações diversas foram parar nos cartazes de protesto. O relato do jornal *O Estado de S. Paulo*¹¹ sintetizou os acontecimentos daquela noite:

Os repórteres do Estado verificaram que aumentou o número de insatisfeitos que aderiram às manifestações, com novas demandas. A rejeição da violência policial foi uma das principais tônicas. Os gastos do Governo Federal para promover a Copa do mundo também estiveram entre os alvos. O grito de guerra pela redução das tarifas de ônibus, metrô e trem – que era originalmente a pauta central – marcou presença, mas o coro foi engrossado com outras demandas, como mais educação e contra partidos políticos.

Diante da multidão que era prevista neste ato e da grande atenção da imprensa voltada aos protestos, inclusive com cobertura ao vivo em horário nobre por parte dos maiores canais de TV aberta, pelo menos em São Paulo, o governo optou por não reprimir os atos. *O Estado*¹² sentenciava: “*Protesto ganha apoio e governo descarta choque. Secretário diz que não vai usar*

¹¹ Protestos reúnem 230 mil em 12 capitais e governantes viram alvo (18/06/2013)

¹² O Estado de S. Paulo, 16/06/2013: Governo de SP descarta tropa de choque

balas de borracha e chama líderes para diálogo no quinto dia de manifestação”. Tampouco seriam adotados procedimentos de detenção para averiguação.

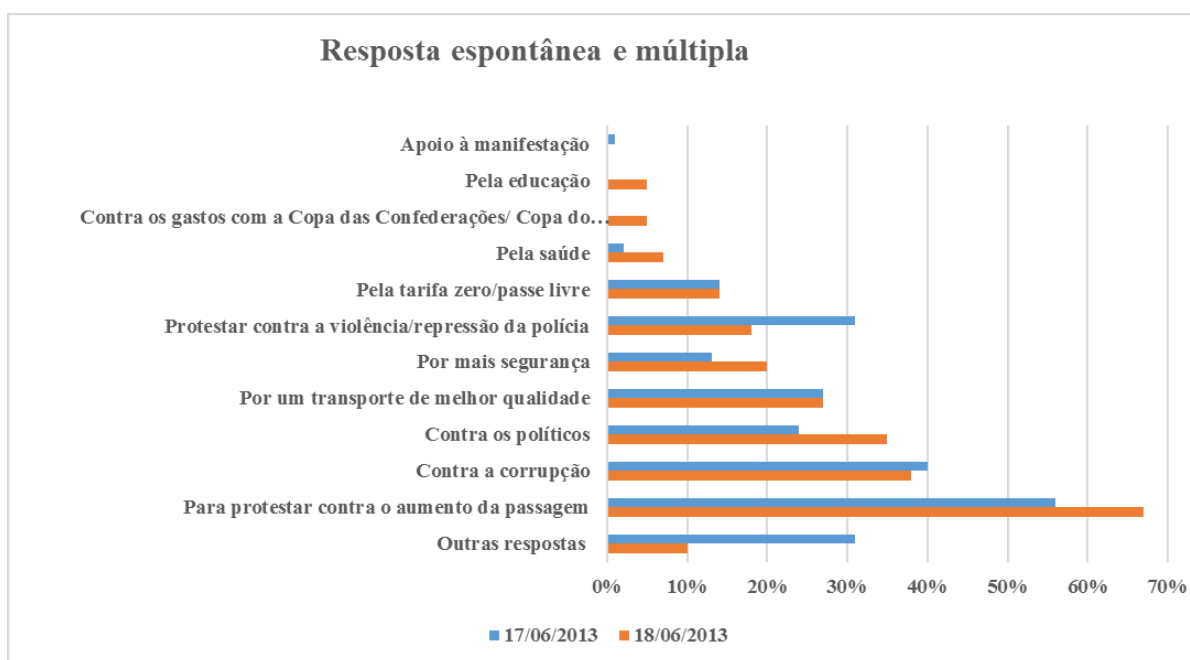
Aparecendo mais na mídia e em reuniões com órgãos públicos, o Passe Livre convocou uma entrevista coletiva e aceitou convite em enviar dois militantes ao programa de entrevistas Roda Viva, transmitido ao vivo no mesmo momento em que os atos ocorriam. Nesta entrevista, um militante sentenciou (JUDENSNAIDER, 2013, p.160): *“O objetivo dessas manifestações, dessa luta, desde que ela começou, é a revogação do aumento da tarifa, independente da amplitude que os atos tomaram”*.

A revolta atingiu, então, instituições políticas que estavam à margem dos manifestantes. O Congresso Nacional, o Governo Federal, partidos políticos foram os principais alvos por todo o país. Os grupos paralelos mais agressivos que acompanhavam os atos desde o início, como os *black blocs* e anarquistas, sempre rodeando os ativistas dos movimentos sociais, também foram repelidos neste dia: A cada sinal de violência dos mais exaltados, a massa vaiava e chiava. Nem os *Black Blocs* encontraram voz nas manifestações. O grupo havia pedido que os manifestantes usassem preto, mas parece não ter conseguido mobilizar as massas. Em vez do preto, o verde e o amarelo ganharam destaque. Muitos manifestantes usavam camisetas do Brasil, pintavam o rosto e cantavam o hino Nacional.

Em uma pesquisa divulgada pelo Datafolha no dia 18 de junho, os protestos contra o reajuste da tarifa de ônibus na capital paulista haviam ganhado apoio da população desde o dia 13 e 55% dos paulistanos apoiavam as manifestações nessa data. Já em 18 de junho, o índice subiu para 77%. A pesquisa contou com 805 entrevistas, realizadas na cidade de São Paulo nos dias 17 e 18.

Conforme o Gráfico 2, mais de 50% dos paulistanos disseram que o motivo que levou cerca de 65 mil pessoas a protestarem em São Paulo, em 17 de junho, foi o aumento no preço das passagens do transporte municipal. Para 40%, as pessoas foram às ruas protestar contra a corrupção. Para mais de 25%, o protesto foi contra os políticos. Já em 18 de junho, os manifestantes que ocuparam o Largo da Batata também foram questionados sobre quais motivos os levaram até o local. O protesto contra o aumento da passagem foi citado por mais de 60%, seguido por respostas contra a corrupção (38%), contra a violência e a repressão da polícia (menos de 20%), por um transporte público de melhor qualidade (27%), contra os políticos (mais de 30%), entre outros.

Gráfico 2 - Motivos que levaram os manifestantes às ruas.



Fonte: elaboração própria, a partir dos dados divulgados pelo Datafolha em 18 de junho de 2013.

Ainda conforme os números divulgados pela pesquisa¹³, há uma descrença nos poderes públicos, na classe política e nos partidos. As redes sociais foram avaliadas como instituição de prestígio por 65% dos entrevistados, seguidas pela imprensa (61%) e pela Igreja Católica (35%). Segundo Gohn (2014), os dados revelaram a crise na legitimidade dos poderes constituídos e o protagonismo das redes sociais e da vigilância da imprensa como lugares onde se ancoram as esperanças dos paulistanos.

Em 19 de junho, houve a redução na tarifa do transporte de ônibus em São Paulo e no Rio de Janeiro. Já com a revogação do aumento das tarifas do transporte público na capital, o sétimo protesto organizado ocorreu em 20 de junho e reuniu 100 mil pessoas. O ato que deveria ser a celebração da vitória do fato que motivou as manifestações foi marcado pela violência entre militantes de esquerda, que portavam bandeiras e vestiam camisas que revelavam a filiação partidária, enquanto os idealizadores dos protestos, o MPL e boa parte dos manifestantes se diziam apartidários. O confronto acabou gerando a expulsão dos militantes e membros do MPL que estavam participando do ato. De acordo com Vainer (2013), as manifestações acabaram ganhando uma dimensão não programada e viraram palco de discursos de conteúdo variado, de reivindicações que não se limitaram à questão do transporte coletivo e que sofreram tentativas sucessivas de partidarização – em geral, rechaçadas pela população.

¹³ Datafolha-Protestos sobre aumento na tarifa dos transportes. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/06/19/protestos-aumento-tarifa-ii.pdf>> Acesso em: 27 jan. 2018

A agenda do MPL pode ter sido o que Vainer (2013, p.36) aludiu como a “fagulha” que poderia “incendiar uma pradaria”. E a pradaria, no caso, diz respeito à agenda dos direitos sociais.

A luta pelo “passe livre” acabou transbordando a própria performance do MPL, tornando os atos em ciclos de protestos que foram apropriados por um público maior, a partir do momento em que a plateia passou a ter acesso e a criticar a reação desproporcional da polícia paulista. Chauí (2013) avalia que a reivindicação específica ocorrida na capital foi vitoriosa sob dois aspectos: reduzir a tarifa de transporte público, de volta aos R\$ 3,00, e definir a questão do transporte público no plano dos direitos do cidadão por meio “da explicitação (e não do ocultamento) dos conflitos sociais e políticos”.

Para Fernandes e Roseno (2013) e Gohn (2014b), entre os dias 6 e 13 de junho, os protestos se concentraram na causa da redução das tarifas, liderados pelo MPL e recebendo apoio de alguns partidos de esquerda. Segundo Rodrigues (2014), Gonçalves (2014) e Mendonça e Daemon (2014), a grande imprensa caracterizava os manifestantes como vândalos e tentava esvaziar o conteúdo reivindicado ou moldá-lo aos seus interesses, resumindo-o à crítica aos políticos, de forma genérica. Ao perceber o grande apoio do povo às manifestações, a visão da mídia e dos governantes sobre os protestos começou a mudar, diante da violência policial: com o aumento do número de manifestantes, evidenciando um apoio social à causa, as manifestações passam a ser vistas como um direito democrático, um ato de cidadania (SCHERER-WARREN, 2014; GOHN, 2014a; GONÇALVES, 2014). A mídia adotou cobertura nacional e mais ampla, saindo da dimensão puramente criminalizante e investigando comportamentos, reivindicações, ações da polícia e de grupos radicais.

3.4.1 Atores sociais das manifestações de junho de 2013

Antes de prosseguirmos para a análise do cerne desta pesquisa, é importante discorrer um pouco sobre os atores que fizeram parte das narrativas dos protestos durante os sete atos e seus principais objetivos. O grande leque de movimentos, sejam eles tradicionais, autônomos, coletivos, anárquicos, de mídia ou culturais, os quais estiveram presentes nos atos, fez deles um episódio único em São Paulo. Scherer-Warren (2014, p.425) sintetiza essa questão:

Pergunta-se, como foi possível a participantes tão diversos o compartilhamento simultâneo da mesma rua, em diversas cidades, ainda que, muitas vezes, os encontros grupais não fossem isentos de conflitos e até, de alguma forma, de violência simbólica e física. O compartilhamento da rua se dava porque tinha como referência uma subjetivação mais ampla: no primeiro momento, a do direito às vozes da cidadania nos espaços públicos, com o que

todos concordavam. Todavia os conflitos entre grupos de manifestantes ocorriam, porque o sentido mais profundo de suas opções políticas produzia contradições, conforme foi interpretado por um dos grupos: no movimento, havia os mais radicais e libertários, os partidários, os apartidários democráticos e os antipartidários, compreendendo o leque que vai dos fascistas aos anarquistas, com a diferença que não se assemelham em nada. (SCHERER-WARREN, 2014, p.425)

Não será apresentado um dossiê completo sobre esses movimentos, os quais, recentes ou não, merecem estudos exclusivos. Entretanto, não é possível analisar os acontecimentos de junho de 2013 sem ter em mente o que se fazia, quais seus precedentes e quem compunha cada grupo. Assim, apresentam-se brevemente as características que marcaram a interação dos agentes nos protestos. É importante esclarecer como cada movimento trabalhou a interlocução com as instituições estabelecidas na sociedade, principalmente em relação às suas reivindicações, negociação com o poder público, mídia e com a sociedade em geral. Os movimentos que mais atuaram incisivamente nos protestos na cidade de São Paulo, conforme será demonstrado, podem ser divididos em três grupos: movimentos autônomos/coletivos (MPL e a Mídia NINJA), grupos anárquicos e táticas de bloqueio (*Black Blocs*, *Anonymous* e *Anarcopunks*) bem como movimentos sociais tradicionais e entidades sindicais (Sindicato dos Metroviários de São Paulo, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, União Nacional dos Estudantes, entre outros).

3.4.1.1 Movimento Passe Livre (MPL)

O MPL foi um dos grupos mais atuantes e representativos ao longo dos eventos de junho de 2013. Fundado a partir de uma plenária realizada no Fórum Social Mundial (FSM), em 2005, o movimento reflete as experiências recentes de lutas pela universalização do transporte público ocorridas em Salvador (em 2003), conhecida como a revolta do Buzú,¹⁴ e em Florianópolis (em 2004), quando uma organização de frente ampla (Campanha pelo Passe Livre – CPL), liderada por jovens, consegue derrubar o reajuste das tarifas do transporte público naquele ano. Na fundação do MPL estavam presentes, basicamente, três correntes do pensamento e organização juvenil da esquerda à época (ORTELLADO, 2014, p.12): “jovens ligados ao trotskismo dissidentes de organizações tradicionais de esquerda; ativistas com formação anarquista

¹⁴ A Revolta do Buzú ocorreu em agosto de 2003 em Salvador. O aumento abusivo no preço da passagem do transporte público na capital baiana desencadeou uma das maiores manifestações já vistas, a qual reivindicava o passe livre estudantil. Estudantes organizados através de grêmios estudantis e de entidades representativas nas universidades paralisaram, quase que diariamente, de agosto a setembro, as principais vias de Salvador para reivindicar a redução da tarifa, de R\$ 1,50 para R\$ 1,30, a meia-passagem aos finais de semana e a criação do Conselho de Transporte na cidade.

articulados em torno dos movimentos antiglobalização dos anos 1990, e grupos de oposição às entidades estudantis tradicionais”.

Ao longo desses quase 12 anos de luta, o movimento espalhou sua atuação pelo país através de coletivos descentralizados e autônomos, fortalecendo sua pauta na questão da mobilidade urbana como um grave sintoma de um arranjo sistêmico perverso. Ortellado (2014, p.19) reforça que:

O transporte coletivo é, ao mesmo tempo, a primeira etapa da venda da força de trabalho que, por impiedosa necessidade, desloca-se todos os dias para os locais de produção e venda de mercadorias e oferta de serviços. (...) Deve ser pensado como um direito social fundamental, de interesse público coletivo. (ORTELLADO, 2014, p.16)

Em sua carta de princípios, o MPL afirma como suas bases: a horizontalidade, a autonomia, a comunicação e as perspectivas estratégicas. A seguir, tem-se as exposições de cada base:

- a) Horizontalidade: o movimento é horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário. A independência do MPL se faz não somente em relação a partidos, mas também a ONGs, instituições religiosas, financeiras etc.;
- b) Autonomia: o MPL se constitui através de um pacto federativo, isto é, uma aliança em que as partes se obrigam recíproca e igualmente e na qual os movimentos nas cidades mantêm a sua autonomia diante do movimento em nível federal, ou seja, um pacto no qual é respeitada a autonomia local de organização;
- c) Comunicação: o movimento utiliza mídias alternativas para divulgar ações e fomentar a criação e expansão desses meios. Já o contato com a mídia corporativa é cauteloso, entendendo-se que tais meios estão diretamente atrelados às oligarquias do transporte e do poder público;
- d) Perspectivas estratégicas: a via parlamentar não é sustentáculo do MPL; ao contrário, a força deve vir das ruas, constituindo reivindicações que ultrapassem os limites do capitalismo, vindo a se somar a movimentos revolucionários que contestam a ordem vigente. Portanto, deve-se participar de espaços que possibilitem a articulação com outros movimentos, sempre analisando o que é possível fazer de acordo com a conjuntura local.

O que percebemos, a partir de seus princípios, é que a pauta principal do MPL (tarifa zero) não é, portanto, uma reivindicação restrita ao tema de mobilidade urbana. É uma causa

sintomática que atinge uma questão social mais ampla. Uma característica importante do MPL que pôde ser observada nos eventos de junho de 2013 é que a sua independência em relação a outros movimentos e partidos se dá no âmbito de suas reivindicações, organização, financiamento e modos de ação. Entretanto, é um movimento que se relaciona com seus pares em momentos de confluência de objetivos. O MPL não veio do nada, é um movimento de esquerda que, ao longo de sua existência, relacionou-se com o MTST e outros movimentos urbanos. Se, de um lado, representa ruptura com algumas características institucionalizadas da democracia formal, por outro também se constitui como a continuidade das tradições da luta de esquerda transformadora da sociedade (JUDENSNAIDER,2013, p.19), sem abrir mão do seu objetivo principal, a tarifa zero, ou permitir que ele seja relevado face a outras medidas paliativas.

3.4.1.2 Mídia Ninja

O que era um braço de comunicação das organizações sociais virou um segmento específico e, posteriormente, um novo tipo de movimento social amplo e diverso. O movimento de mídia que ganhou maior notoriedade nos protestos de 2013 foi a Mídia NINJA (acrônimo de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação). Sua atuação colocou a questão da divulgação dos fatos como uma das frentes em que ocorreram embates ideológicos naquele momento. Criado em 2012 a partir da rede de grupos Fora do Eixo (FdE), que existe desde 2006, a Mídia NINJA ganhou projeção nacional em junho de 2013. Dentro de um grupo extremamente organizado e hierarquizado, que busca pautar políticas públicas na área de cultura, nasce a Mídia NINJA, protagonista entre os movimentos de midiativismo nos protestos de junho de 2013.

Assim, em 18 de junho de 2013, na cidade de São Paulo, a Mídia NINJA atingiu a marca de cerca de 100 mil espectadores ao transmitirem com detalhes os confrontos entre a tropa de choque da PM e os manifestantes. Idealizada em 2012 por Bruno Torturra, jornalista com experiência no mercado editorial tradicional e membro da FdE, a Mídia NINJA funciona como um novo meio de comunicação associado aos protestos e manifestações de rua, que visa pautar a cobertura dos movimentos sociais alternativamente à macromídia.

3.4.1.3 Black Blocs

A atuação dos *Black Blocs* nos protestos de junho causou espanto em grande parte da mídia e das autoridades. Foi, certamente, a maior exposição que o grupo obteve no Brasil até então, porém não foi a primeira vez que esses ativistas atuaram em protestos utilizando-se das táticas de bloqueio e confronto.

Os *Black Blocs* não são um grupo organizado e contínuo. Muitas vezes, sequer há articulação prévia entre os membros, o que, com a facilidade de comunicação proporcionada pelas redes sociais digitais, vem acontecendo com menor frequência. O bloco compartilha um modo de ação e alvos que consideram fundamentais, conforme defende Massot (2010, p.9):

O Black Bloc não é, ele mesmo, uma organização política, mas sim um grupo informal que atua como uma ala de ação radical de um movimento de protesto mais amplo. Precisa ficar claro que a formação (dos primeiros black blocs) não representou o nascimento de uma organização formal e contínua.

O surgimento dessa tática de ação nas ruas remonta às ações de contracultura europeia dos anos 1980. Tem como raízes históricas os atos dos *autonomen*, “movimento autonomista em Berlin Ocidental, onde a tática *black bloc* foi empregada pela primeira vez no início dos anos 1980” (DUPUIS-DERI, 2014, p.40). Foi nos atos ocorridos em Seattle (em 1999), contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), e em Gênova (em 2001), na cúpula do G8, que essa tática se tornou mais uniforme e presente nas manifestações antissistêmicas.

Em junho de 2013, os *Black Blocs* atacaram principalmente bancos e agências de concessionárias de carros de grandes fabricantes, além de diversos prédios públicos; entre os mais emblemáticos, ocorreu uma quase invasão do prédio da Prefeitura de São Paulo e do Palácio do Itamaraty, em Brasília. Houve também tática de ação nas ruas, conforme ocorria a evolução dos protestos. No início do movimento, suas ações estavam voltadas para as passeatas e o confronto direto com a polícia. Após os protestos ganharem projeção nacional, os *Black Blocs* se desligaram das ações do MPL e utilizaram táticas mais agressivas, atacando bancos, prédios públicos e aparatos da mídia tradicional.

Gohn (2014) chama atenção para a necessidade interpretar os *Black Blocs* como um movimento de alcance internacional. Suas práticas, desde o surgimento, se reproduzem em vários lugares do mundo. Como repudiam as formas de democracia representativa, adotam ação direta como sua forma de luta - o que inclui a violência. Mas, Gohn destaca que há na sua forma de ação um tipo de reinterpretação da violência. Considerada defensiva e para proteger os

manifestantes, os adeptos da tática veem na sua violência uma resposta, uma reação, e não um ataque. A autora fala em violência performática, que mistura elementos interativos, comunicativos e simbólicos de forma a configurar algo além de atos de desobediência civil. Afirma: “Há uma recusa à ordem estabelecida, há contestação política, há um questionamento do sistema vigente. Há uma identidade coletiva dialógica que focaliza no ato violento e realização da ação”(GOHN,2014, p.59). Em resumo, de acordo com a autora, eles se apresentam como uma tática de protesto baseada na ação direta e marcada por uma estética particular: roupas pretas e rostos semicobertos.

3.4.1.4 Anarcopunks

Assim como os *Black Blocs*, os Anarcopunks foram uma novidade em termos de exposição de um grupo quase desconhecido durante os protestos de 2013. O retorno dos *punks*, em suas diversas vertentes, também foi uma surpresa, desta vez, por ser um grupo altamente conhecido que estava fora das coberturas e notícias de protestos sociais há um bom tempo, até que os *Black Blocs* (cujas indumentária é inspirada em grupos anarcopunks) ganharam visibilidade e reabriram esse espaço. Tais grupos foram mais atuantes nas grandes capitais, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília, e receberam força à medida que as manifestações ganharam volume e massificação.

Por se tratar de um grupo que não possui liderança constituída, até porque não se propõe a participar de qualquer tipo de negociação, torna-se um alvo fácil para generalizações e especulações acerca de seus atos e, algumas vezes, pode até ser incitado ou manipulado por grupos que desejam desviar a atenção dos movimentos por meio das ações violentas dos grupos anárquicos. A falta de informação também contribui para colocar, sob um mesmo guarda-chuva, os *Black Blocs*, Anarcopunks, movimentos antissistêmicos, vândalos e saqueadores. Como foi o caso do relatório da polícia,¹⁵ divulgado à época, o qual apontava: “Punks que partem para o quebra-quebra são arregimentados por militantes do Psol com o objetivo de desgastar o PT, do prefeito Haddad e o PSDB, do Governador Geraldo Alckmin” em avaliação feita por policiais infiltrados.

¹⁵ Serviço secreto da PM diz que PSOL 'recruta' punks para protestos>
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295714-servico-secreto-da-pm-diz-que-psolrecruta-punks-para-protestos.shtml>>

3.4.1.5 Anonymous

A rede de ativismo digital *Anonymous*, embora conhecida há alguns anos, também ganhou notoriedade durante os protestos de 2013. Talvez mais pela adoção por grande parte dos manifestantes de seu símbolo (uma máscara inspirada e popularizada pela HQ *V de Vingança*, que chegou a virar *souvenir* vendido pelos ambulantes na fase final dos protestos) do que pelo seu ativismo digital, que foi extremamente relevante. O grupo *Anonymous* é formado por uma rede capilarizada criada nos Estados Unidos, tendo obtido notoriedade em 2010, a partir de uma campanha na qual realizou um cerco digital às empresas que se negaram a prestar serviços ao site de divulgação de informações *WikiLeaks*, como Paypal, Mastercard e Visa. Desde então, o grupo tem apoiado diversas causas, populares ou não, atuando inclusive nos protestos da Primavera Árabe e do *Ocuppy Wall Street*, já mencionados. O ativismo digital antissistêmico, contudo, tem raízes anteriores, originado na causa Zapatista.

As Jornadas de Junho de 2013, além de reforçar e dar visibilidade aos eventos convocados pelo MPL, criaram uma rede de propagação do movimento. Pesquisas de menções na Internet colocaram o grupo entre os maiores articuladores nas redes digitais. Os *Anonymous* tiveram relevância na disseminação de informações e na articulação de solidariedade ao movimento. Eles foram decisivos. Contudo, “a forte presença do *Anonymous* na divulgação dos protestos era imperceptível à maior parte da população que saiu às ruas em junho” (GOHN, 2014, p.55). Com o ciclo de violência que passou a imperar no segundo momento das manifestações, o *Anonymous* passou a ficar isolado juntamente com o grupo que dominou essa fase dos conflitos, os *Black Blocs*.

3.4.1.6 Movimentos tradicionais e partidos políticos

Os atos de junho de 2013 ficaram marcados pelo protagonismo dos novos movimentos sociais e pela rejeição aos partidos políticos e à forma tradicional de se fazer política. Entretanto, essa postura não afasta a atuação de alguns partidos, entidades estudantis e movimentos urbanos que participaram ativamente dos eventos (muitas vezes, em conflito com os manifestantes que os rejeitavam) e tiveram um papel muito importante em diversos momentos. Partidos políticos mais à esquerda, como PSOL, PSTU e PCO, estiveram presentes desde o primeiro protesto. Posteriormente, a juventude do PT manifestou apoio ao MPL e abriu caminho para que outros

membros do partido também o fizessem. Os movimentos urbanos, essencialmente o MTST, participaram ativamente dos atos e as entidades estudantis também compuseram a massa de manifestantes. Diversos movimentos sociais e entidades sindicais e de classe também participaram dos atos, embora de forma distanciada e concentrada primordialmente na fase final dos eventos, quando a questão da revogação da tarifa saiu do centro das atenções e a manifestação tomou caráter de ato cívico em prol do direito à livre manifestação. As organizações de Direitos Humanos e entidades civis tiveram papel relevante ao denunciar o abuso da força pela polícia na contenção dos protestos.

Durante os dias de protestos, também compareceram às ruas muitas pessoas descontentes com a conjuntura política, que não integram nenhum movimento ou partido. Havia os manifestantes apartidários, que optavam por não seguir posicionamentos de nenhum partido, como também os antipartidários, que eram contrários à participação de partidos em atos, demonizando-os e agindo com hostilidade (CAMPOS, 2014). As reivindicações iniciais canalizaram os diversos descontentamentos do cidadão comum e conseguiram levá-lo para as ruas, fato que deu corpo aos protestos. No próximo capítulo, analisaremos a cobertura de dois grandes veículos diante dos eventos relatados.

4 JORNALISMO NA ERA DA INFORMAÇÃO

Na área da Comunicação, cada vez mais se tem discutido sobre a reconfiguração da produção jornalística condicionada pela adoção das tecnologias digitais da informação e comunicação. Sem dúvida, as novas ferramentas digitais colaboram para reestruturar o exercício da profissão, a produção industrial da notícia, as relações entre as empresas de comunicação com as fontes, a audiência, os concorrentes, o governo e a sociedade. Trazem, com isso, implicações de ordem técnica, ética, jurídica e profissional para o jornalismo. Entretanto, apesar das mudanças abrangentes, há uma tendência corrente em estudá-las como se fossem de caráter meramente operacional. Ressalta-se como um dos seus efeitos a readaptação legitimadora das rotinas produtivas e de linguagens às exigências da instantaneidade e da visualidade do jornalismo online. Entre pesquisadores como Michael Kunczik (2001), Bill Kovack e Tom Rosentiel (2003), Ignácio Ramonet (1999) e Dominique Wolton (1999), há um certo consenso quanto à influência das tecnologias da informação na reestruturação da organização jornalística e de suas rotinas de trabalho.

A informática como tecnologia, especialmente, trouxe agilidade e qualidade no processamento da informação, ao facilitar o trabalho de rever, corrigir, alterar e atualizar textos. No entanto, os pesquisadores mencionados duvidam que as tecnologias digitais tenham provocado mudanças profundas na concepção de jornalismo, a ponto de alterar valores consagrados. Na avaliação de Wolton (1999, p.268-269), por exemplo, a imprensa continua a mesma, ou seja, “a mudança foi apenas de forma, de linguagem, que em nada abalou os princípios basilares do jornalismo”. Por mais forte que seja, uma inovação tecnológica não leva consigo, mecanicamente, uma transformação profunda do conteúdo das atividades.

Podemos considerar esse argumento parcialmente válido. No entanto, é necessário considerar, para melhor compreensão, que a essência da natureza das tecnologias da informação de hoje, especialmente a Internet, difere radicalmente de outras do passado e sua influência pode carregar transformações de valores e conceitos. Para o jornalismo, a adoção dessas tecnologias da informação sinaliza mudanças que não ficam apenas no nível da troca de roupagem, sendo bem mais profundas do que muitos costumam analisar, podendo até mesmo solapar valores fundadores dessa práxis social.

Conforme aponta Machado (2003), as reais transformações no jornalismo com as redes telemáticas são de outra grandeza, envolvendo alterações em todas as etapas da produção jornalística, que nem as ideias de “jornalismo de precisão” ou de “reportagem assistida por

computador” podem dar conta, já que elas caracterizam a tecnologia apenas como ferramenta auxiliar no trabalho jornalístico.

O correto é que no jornalismo em geral e no webjornalismo em particular, podemos nos referir à existência de um método próprio de trabalho. Método este que diz respeito a um conjunto de regras procedimentais de apuração de um fato, baseadas em valores e concepções sobre o papel e as formas de atuação jornalística, que visam atingir um determinado fim (produzir notícias) sobre fatos e opiniões considerados de interesse público ou diversionais.

Portanto, falar em método de apuração jornalística significa falar de um conjunto de práticas (habilidades e técnicas) executadas pelos jornalistas, como por exemplo a observação de eventos e de seus desdobramento, entrevista com fontes de informações, leitura de documentos e outros dados de natureza técnica, etc.

Entretanto, não custa lembrar que ao longo do tempo o jornalismo se tornou uma atividade coletiva, organizacional e industrial, que exige do repórter uma operacionalidade nos seus atos e objetivos, expressa em uma pauta pré-definida, balizada por parâmetros de avaliação da noticiabilidade dos eventos e cuja execução é controlada por outros jornalistas.

Nessa lógica, a produção com poucos recursos em períodos exíguos de tempo para uma publicação cada vez mais acelerada conduz a uma simplificação do método de trabalho jornalístico e por vezes acaba por limitar a capacidade de captar e verificar informações. É a partir desta crítica ao “positivismo” presente numa proposta de um jornalismo de precisão de base quantitativa, que pesquisadores sociais de matriz qualitativa consideraram necessário rever tanto os modos tradicionais de reportagem jornalística, quanto as contribuições que as ciências sociais quantitativas poderiam trazer à atividade.

O ponto de vista de Machado (2003) é de que métodos e técnicas qualitativas como a etnografia, a observação participante e a entrevista em profundidade, poderiam complementar a apuração jornalística, os quais já não forneceriam a variedade de habilidades necessárias para uma completa cobertura noticiosa em um ambiente atual de mídia interativa e global.

Com essa preocupação jornalistas, bem como os pesquisadores em comunicação, viram-se forçados a ampliar o grau de validação de seus estudos o que estimulou-os a combinarem métodos de trabalho, sejam de base qualitativa ou quantitativa. Esta combinação pode ocorrer simultaneamente nas reportagens, buscando confrontar os dados oriundos de diferentes fontes para que se complementem e permitam conclusões mais precisas. Um exemplo ilustrativo desta combinação de abordagens é o uso que o jornal *Folha de São Paulo* faz do Instituto de Pesquisa Datafolha, pertencente ao mesmo Grupo Folha da Manhã, para levantar

dados eleitorais e situações sociais complexas. Para isso, a atividade jornalística depende da composição de uma equipe multidisciplinar para pesquisa e interpretação dos dados eleitorais e situações sociais complexas.

Ao estudar as características do jornalismo desenvolvido para a web, Bardoel e Deuze (2000), apontam quatro elementos: interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimídia. Palacios (1999), com a mesma preocupação, estabelece cinco características: multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização e memória. Estas características junto com a supressão dos limites de tempo e espaço para a postagem de informações suportam a ontologia do webjornalismo, ou seja, constituem-se em sua natureza primeira.

Conforme Mielniczuk (2001) a interatividade diz respeito à capacidade do webjornalismo de fazer com que o leitor/ usuário sinta-se parte do processo. Isto pode acontecer pela troca de e-mails entre leitores e jornalistas; através da disponibilização da opinião dos leitores, como é feito em sites que abrigam fóruns de discussões; e/ou através de chats com jornalistas. Porém, a interatividade pode se dar também no âmbito da própria notícia, ou seja, a navegação pelo hipertexto que, conforme Machado (1997), constitui-se numa situação interativa.

Já a customização do conteúdo ou personalização, também denominada de individualização, consiste na existência de produtos jornalísticos configurados de acordo com os interesses individuais do usuário. Há sites noticiosos, entre eles o da CNN, que permitem a pré-seleção dos assuntos de interesse, assim quando o site é acessado, este já é carregado na máquina do usuário atendendo à demanda solicitada.

A hipertextualidade, por sua vez, traz a possibilidade de interconectar textos através de links. Bardoel e Deuze (2000) chamam a atenção para a possibilidade de, a partir do texto noticioso, apontar-se para outros textos: como para aqueles originários de releases; para outros sites relacionados ao assunto; para o material de arquivo dos jornais, etc. Enfim, para textos que possam levantar os 'prós' e os 'contras' do assunto em questão.

No contexto do webjornalismo outras características são a multimídia que trata da convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico; e, a memória que aponta para o acúmulo das informações, fato mais viável técnica e economicamente no webjornalismo do que em outras mídias. Sendo assim, o volume de informação diretamente disponível ao usuário é consideravelmente maior, seja com relação ao tamanho da notícia ou à disponibilização imediata de informações anteriores.

4.1 A INTERNET E O NOVO AMBIENTE PARA O JORNALISMO

Quanto à passagem do modelo de comunicação linear da era tipográfica, fundada com a invenção de Gutenberg, para a era eletrônica dominada pelo rádio e pela televisão, McLuhan (2000) defende a tese de que a tecnologia cria a ambiência por onde o homem transita. Na sua visão, os meios de comunicação eletrônicos são “extensões do homem”, porque formam o próprio ambiente onde ele se move e atua sob a tecnologia. Esse ambiente é uma espécie de segunda natureza que forma o próprio homem e molda seus padrões e modos de perceber o mundo. A partir desse argumento, McLuhan entende que a era eletrônica abalou os fundamentos enraizados na experiência de mundo do homem tipográfico, porque o coloca imerso num mundo visual, audiotáctil, simultâneo e “tribalizado”, muito diferente do mundo linear e “destribalizado”. Ao situar as mudanças nesses termos, sinaliza para a possibilidade dos meios de comunicação de transformarem o mundo num grande vilarejo, numa aldeia global.

Ao defender tal posição, McLuhan (1977, p.15) não considera os ambientes tecnológicos como recipientes puramente passivos de pessoas, “mas ativos processos que remodelam pessoas e, igualmente, outras tecnologias”. O que há de interessante e merece destaque em seu pensamento é a reflexão sobre o fato de as tecnologias alterarem os índices de sensibilidade ou modos de percepção do homem que transita nesse ambiente moldado por elas.

Com esse argumento, passamos a refletir sobre a função da Internet na atual configuração do processo de produção da notícia. No cotidiano da redação da imprensa tradicional, a Internet serve como canal de acesso e contato com múltiplas fontes, agências de notícias e jornais online. É verdade que a rede é uma ferramenta que cria a possibilidade para que, virtualmente, se possa fazer o trabalho de vigilância e examinar documentos oficiais, realizar investigações e trabalhar assuntos que, em boa parte, são esnobados pela macromídia. O que ocorre muitas vezes é a utilização da rede como um instrumento para coletar informação pronta de segunda ou terceira mão a qualquer momento. Essa modalidade tornou a Internet parte constitutiva do próprio método de checagem e apuração de informação, que, segundo Bianco (2004), cria um ambiente no qual os jornalistas se movem em busca de informação e exercem a tarefa de escolher, entre as centenas de acontecimentos, aqueles que merecem o *status* de notícia. Para a autora, a Internet pode debilitar o processo da checagem, enfraquecendo o jornalismo de verificação, à medida que permite fácil acesso às matérias e às declarações sem que se faça o trabalho de investigação.

No modelo clássico, antes do relato ser publicado o jornalista deveria encontrar os fatos, buscar os produtores de fatos para contrastar os indícios com os fatos arquivados no jornal,

além da obrigação de entrevistar parlamentares ou funcionários vinculados ao assunto. No caso da apuração eletrônica, que parte de uma frase para descrever o tema da notícia ou reportagem, antes do relato contextual dos fatos o jornalista pode consultar dados armazenados ou fontes disponíveis na internet, entrevistar os sujeitos dos fatos e também avaliar o conteúdo das declarações, tanto no espaço eletrônico quanto nas páginas impressas (Bianco, 2004).

Porém, por outro lado, a estrutura descentralizada da Internet pode complicar o trabalho de apuração dos jornalistas nas redes, devido à multiplicação das fontes sem tradição especializada no tratamento de notícias, espalhadas agora em escala mundial. É por isso que uma das principais novidades do webjornalismo 4G¹⁶ reside na sua possibilidade de descentralização da apuração e difusão da informação, o que provoca a alteração na relação de força entre os diversos tipos de fontes pois concede a todos os usuários da rede o status de fontes potenciais para os jornalistas.

Por isso não é exagerado afirmar que o webjornalismo 4G promove uma inversão no processo tradicional de produção de notícias, porque o repórter antes de sair na perseguição de uma personalidade qualquer para recolher uma declaração sobre um determinado fato, deve empreender um levantamento dos dados necessários para elaborar a notícia ou reportagem. De fato, conforme essa lógica, a rede tem sido um instrumento para coletar informações prontas, de segunda ou terceira mão, e a qualquer momento. Essa modalidade tornou a Internet “parte constitutiva” do próprio método de checagem e apuração de informação (Bianco, 2004).

Os jornalistas americanos Kovach e Rosenstiel (2003, p.119) já haviam apontado essa questão, ao declararem que:

Nesta era de notícias 24 horas, os jornalistas agora passam mais tempo procurando alguma coisa para acrescentar as suas matérias, geralmente interpretação, em lugar de tentar descobrir e checar, de forma independente, novos fatos. A partir do momento em que a matéria se forma na cabeça, é como se o comportamento do rebanho fosse verdadeiro. A matéria é determinada por uma mídia – o relato de um jornal ou emissora de televisão.

Bianco (2004) sinaliza que o fácil acesso à informação obtida pela Internet pode dar a falsa impressão de que não é preciso ir além das fronteiras do ciberespaço para que o jornalista saiba o que acontece. É como se na rede “coubesse o mundo e de tal forma não fosse necessário sair dela para se obter a informação necessária à construção da notícia” (p.5).

¹⁶ O webjornalismo de quarta geração se refere ao impacto do uso das bases de dados na narrativa webjornalística. A Quarta Geração organiza as informações em bancos de dados complexos, que são empregados no jornalismo e que permitem a recuperação rápida de informações.

Isso leva a aplicação e/ou a adaptação para a produção jornalística na web do conceito francês de “jornalista sentado” (*journaliste assis*). Conforme Neveu (2001), o termo é utilizado para designar um jornalismo mais orientado ao tratamento (formatação dos textos de outros jornalistas, gênero editorial ou comentário) de uma informação que não é coletada pelo próprio jornalista. A alimentação dos sites jornalísticos baseia-se hoje, em grande parte, num modelo que dispensa a apuração convencional.

A Internet pode ser entendida como um suporte para os jornalistas na produção de notícias; assim, a realidade virtual converte-se em um novo modo de conhecimento do mundo exterior e das pessoas. Isso não implica dizer que essa realidade, pelo seu vasto caráter informativo, acabaria por substituir a necessidade de conhecimento de uma realidade material e objetiva. A questão é outra. A realidade virtual acrescenta uma perspectiva nova na percepção do jornalista no seu trabalho de conhecimento do real que é de outra natureza. Contém a realidade em si, mas disposta de modo a ser percebida em tempo e espaços diferentes.

Conforme explica Senra (1993, p.166), a notícia mediada pela tecnologia expõe um exemplo típico da aliança entre homem e máquina:

A tecnologia coloca nas mãos da mídia uma espécie de pan-óptico superpotente que, em vez de instaurar uma visibilidade total sobre a sociedade – como no pan-óptico de Jeremy Bentham analisado por Foucault – cria em seu lugar uma visibilidade pontual, milimétrica, que elimina as zonas de interesse deixando na sombra o que não lhe interessa.

Embora a oferta de informações pareça ampla, devemos ter em mente que os jornalistas se debruçam em colher informações em um ambiente fragmentado e disperso, buscando sempre uma coerência entre aquilo que é encontrado, filtrando o conteúdo e buscando organizá-lo. Nesse ambiente de transporte da informação, podemos inferir que a Internet funciona como moldura, porque contribui para capturar, no espaço digital, a cena, um fragmento do tempo dentro da pluralidade de acontecimentos disponibilizados. A moldura no jornalismo opera ao mesmo tempo como um corte e focalização. Segundo Mouillaud (1997, p.61-62),

(...) um corte porque separa um campo e aquilo que o envolve; uma focalização, porque interditando a hemorragia do sentido para além da moldura, intensifica as relações entre os objetos e os indivíduos que estão compreendidos dentro do campo e os reverbera para um centro. O produto do corte e da focalização institui o que se chamará de cena. A cena é o local nativo do acontecimento. (...) A moldura, isolando um fragmento da experiência, separa-o do seu contexto e permite sua conservação e seu transporte. Enquanto que a ação, no campo, perde sua identidade e metamorfoseia-se em efeitos que

a tornam irreconhecível, a informação conserva sua identidade ao longo de seus deslocamentos, eis aí uma propriedade fundamental do enquadramento.

Com o corte e a focalização dos acontecimentos que serão transformados em notícia, a Internet coloca nas mãos dos jornalistas a possibilidade de obter rapidamente a informação necessária para complementar suas matérias, contribuindo para a contextualização e o aprofundamento dos temas abordados. Por outro lado, esse artifício traz implícita também a padronização do conteúdo, porque é comum o uso frequente das mesmas fontes. Todos procuram a fonte na hora de compor seu noticiário, reproduzindo o mesmo discurso. Essa aparente homogeneização se deve ao comportamento dos jornalistas de atribuírem maior grau de credibilidade às agências de notícias oriundas da macromídia. A concentração da informação nas mãos de poucos persiste até mesmo num campo de informação e comunicação por natureza livre e plural.

Ao ambiente da Internet podemos acrescentar, por fim, segundo Bianco (2004), a noção de liberdade de ação sobre a informação. Quando os despachos das agências aparecem na rede, é como se fosse produto de livre circulação – qualquer um pode ter acesso. E quem os utiliza apropria-se desses textos como sendo seu e não de outro. Por isso, ocorre a reverberação da máxima da Internet: o que está na rede não é de ninguém.

Com isso, apresentamos uma análise das matérias dos dois maiores jornais online do Estado de São Paulo, durante os eventos de junho de 2013.

4.2 ANÁLISE DA COBERTURA DA *FOLHA DE S.PAULO* E *D'O ESTADO DE S. PAULO* EM JUNHO DE 2013 NA CAPITAL

A fim de compreender como os dois maiores veículos do Estado de São Paulo enquadraram as manifestações que tomaram conta da metrópole, foram analisados os conteúdos de 234 notícias veiculadas nos jornais online entre 7 e 21 de junho. Esse período corresponde às publicações posteriores ao primeiro dia dos atos, 6 de junho. O recorte temporal se deve ao destaque e à repercussão que as manifestações tiveram na mídia nacional. A seguir, encontram-se os dados básicos das notícias estudadas, entre os quais, estão dispostos o título, a data da publicação, a editoria e a valência (negativa, positiva, neutra ou equilibrada).

No que se refere ao conceito de valência,¹⁷ a partir das pesquisas desenvolvidas pelo DOXA, consideram-se as seguintes diferenciações:

- a) Valência Positiva: são as notícias em que são encontrados argumentos favoráveis às manifestações, com a apresentação de fontes e temas que reforçam o enquadramento pretendido;
- b) Valência Negativa: são as matérias que se referem a argumentos e fontes predominantemente negativos e depreciativos em relação aos protestos e aos manifestantes;
- c) Valência Neutra: são as notícias que se limitam a descrever os fatos, evitando um caráter interpretativo, com conotação positiva e negativa em relação às manifestações. De acordo com o então coordenador do Doxa/ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), Marcus Figueiredo (2002) é possível dizer que uma matéria é neutra, quando simplesmente descreve ou informa sobre um fato, na qual o seu enquadramento e conteúdo não denotam nenhum viés. O mesmo pode ser perguntado sobre matérias positivas ou negativas a respeito de determinado assunto. Note-se que nenhuma matéria é positiva, neutra ou negativa em si mesma. Figueiredo (2002) afirma que ela terá tal conotação em função de algum parâmetro. Por isso, o conteúdo de cada uma das incidências deve ser analisado e dele se extrai as abordagens positivas, negativas, neutras e equilibradas;
- d) Valência Equilibrada: são as matérias que trazem argumentos e fontes que procuraram relatar a complexidade das manifestações, ouvindo mais um lado e apresentando pontos positivos e negativos.

Aliada à análise do DOXA, utilizaremos a análise de conteúdo (AC), uma vez que a análise do discurso (AD) não poderia ser aplicada ao intuito final desta pesquisa. Esta trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto – um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o *corpus* da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem.

A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário o que está no inconsciente, ou seja, o sistema de ideias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio-histórico; e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar.

¹⁷ Cabe lembrar que em alguns casos, as matérias tinham elementos positivos e negativos, prevalecendo a valência positiva. Em outros haviam mais elementos negativos do que positivos, o que tornaram a matéria negativa. Já as equilibradas, quando houve estabilização entre os elementos positivos e negativos.

Portanto, na AD, a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-constituídos que são ecos da memória do dizer. A maior diferença entre as duas formas de análises é que a AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo; já a AC atua com o conteúdo, ou seja, com a materialidade linguística através das condições empíricas do texto, estabelecendo categorias para sua interpretação. Enquanto a AD busca os efeitos de sentido relacionados ao discurso, a AC fixa-se apenas no conteúdo do texto, sem fazer relações além deste.

Não existe apenas uma linha de Análise de Discurso; existem muitos estilos diferentes provavelmente ao menos 57 variedades de análise de discurso, com enfoques variados, a partir de diversas tradições teóricas, porém todas reivindicando o mesmo nome. O que esses diferentes estilos parecem ter em comum, ao tomar como objeto o discurso, é que partilham de uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social.

Finalizamos nosso pensamento sobre o que motivou a não utilização da AD nesta pesquisa, foi a constatação que não se trata de uma metodologia, e sim, caracteriza-se por ser uma disciplina de interpretação fundada pela intersecção de epistemologias distintas, pertencentes a áreas da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise. Essa contribuição ocorreu da seguinte forma: da linguística deslocou-se a noção de fala para discurso; do materialismo histórico emergiu a teoria da ideologia; e finalmente da psicanálise veio a noção de inconsciente que a AD trabalha com o de-centramento do sujeito.

Já a AC surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos, para analisar o material jornalístico, com um impulso entre 1940 e 1950, quando os cientistas começaram a se interessar pelos símbolos políticos, tendo esse fato contribuído para seu desenvolvimento. Entre 1950 e 1960, a AC estendeu-se para várias áreas. Portanto, essa técnica “existe há mais de meio século em diversos setores das ciências humanas”, sendo anterior à AD (COREGNATO; MUTTI,2006).

A maioria dos autores refere-se à AC como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo, de forma prática e objetiva, produzir inferências do conteúdo da comunicação de textos replicáveis ao seu contexto social. Na AC, o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as represente. Desse modo, tal análise será aplicada a esta pesquisa, pois se enquadra à finalidade pretendida. Segundo Krippendorff (1990), “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que podem se aplicar a seu contexto” (p.29).

Seria a AC, então, uma ponte entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa de materiais, oscilando entre dois pontos, ora valorizando o quantitativo, ora o qualitativo (FONSECA JÚNIOR, 2009).

Inicialmente, pode-se dizer que a AC é uma técnica refinada, que exige muita dedicação, paciência e tempo do pesquisador, o qual tem de se valer da intuição, imaginação e criatividade, principalmente na definição das categorias de análise. Para tanto, disciplina, perseverança e rigor são essenciais (FREITAS; CUNHA; MOSCAROLA, 1997).

O percurso de análise deste trabalho toma como referência a obra de Laurence Bardin (1977), literatura de referência atualmente em AC. Bardin (1988, p.33) ensina que:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. Este trabalho teve início com a pré-análise, momento em que se organizou o material a ser estudado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. Trata-se da organização propriamente dita por meio de quatro etapas: (a) leitura flutuante, que é o estabelecimento de contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer o texto; (b) escolha dos documentos, que consiste na demarcação do que será analisado; (c) formulação das hipóteses e dos objetivos; (d) referenciação dos índices e elaboração de indicadores, que envolve a determinação de indicadores por meio de recortes de texto nos documentos de análise (BARDIN, 2006).

Para realizar a segunda fase do método de Bardin (1977), iniciaremos a exploração do material com a definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registro (unidade de significação a codificar correspondente ao segmento de conteúdo considerado como unidade-base, visando à categorização e à contagem frequencial) bem como das unidades de contexto nos documentos (unidade de compreensão para codificar a unidade de registro que corresponde ao segmento da mensagem, a fim de compreender a significação exata da unidade de registro). A exploração do material consiste numa etapa importante, porque irá possibilitar ou não a riqueza das interpretações e inferências. Esta é a fase da descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus (qualquer material textual coletado) submetido a um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. Dessa forma, a codificação, a classificação e a categorização são básicas nesta fase (BARDIN, 2006).

Para tal finalidade, serão elaboradas três categorias de análise. A primeira tratará sobre os enquadramentos das manifestações, apresentando-se um quadro sinóptico para cada um dos jornais online em estudo, inserindo-se os títulos das matérias, a editoria, a valência de cada

unidade de análise e a data de publicação. Nesta etapa, serão utilizados os parâmetros enunciados pelo DOXA, conforme já mencionado e exemplificado. Além disso, serão apresentadas as palavras pré-definidas e as recorrências de palavras negativas no material levantado. A segunda categoria visa demonstrar quem teve lugar de fala nos veículos analisados, por meio das menções. Por fim, na terceira categoria, será exposta a repercussão dos eventos na aprovação do prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT).

4.2.1 Histórico da *Folha de S.Paulo*

O jornal *Folha de S.Paulo*, um dos objetos de nossa análise, surgiu na década de 1920 como um dispositivo jornalístico, discursivo e não discursivo, marcado por estratégias e urgências históricas, apresentando-se como apartidário, crítico e pluralista em seu projeto editorial (FOLHA DE S.PAULO, 2016). Em 2013, ocupava o primeiro lugar no Estado de São Paulo, segundo o *ranking* da Associação Nacional dos Jornais (ANJ), com uma média de circulação de 294 mil exemplares, entre impressos e circulação digital.

O perfil socioeconômico de seus leitores, em março de 2016, aponta que: 86% pertencem às classes sociais A e B; 52% são do sexo masculino (não há qualquer referência ao problema categorial que envolve as classes ou a sexualidade); 74% possuem idade superior a 24 anos. Os hábitos de seus leitores também foram medidos e são elencados pelo jornal: 76% têm casa própria, 70% compram em *shoppings* e 85% têm acesso à Internet. Em suas pesquisas de opinião, constatou-se que a maioria dos leitores é favorável a pautas progressistas (liberalização do aborto, reforma agrária e descriminalização da maconha).

A *Folha* foi precedida por outros três jornais lançados entre 1921 e 1925, todos pertencentes à Empresa Folha da Manhã S.A., denominados *Folha da Noite*, *Folha da Tarde* e *Folha da Manhã*.¹⁸ No início da década de 1960, essas folhas foram concentradas em um único jornal e adotaram o nome de *Folha de S.Paulo*:

As Folhas surgiram com um outro perfil. O grupo de jornalistas que tentou formar um jornal voltado para outras camadas da população, depois do fracasso da primeira experiência, propôs-se a criar um novo jornal; esse projeto contou com a colaboração do Oesp, sobretudo no que se referia à utilização de seu parque gráfico. Os dois grandes nomes desse grupo foram Olival Costa e Pedro Cunha, que decidiram criar, num primeiro momento, a *Folha da Noite*, pretendendo abarcar um público leitor que não era atingido pelo *Estadão*, ou seja, um público mais amplo, das classes menos favorecidas. Com o novo jornal, pretendiam chegar a atingir até mesmo o operariado.

¹⁸ FGV CPDOC. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/>>. Acesso em: 26 set. 2017.

Acabaram ficando restritos a uma faixa de classe média. (CAPELLATO, 2003, p.34)

Em 13 de agosto de 1962, Nabantino Ramos, um dos fundadores do grupo, foi substituído por Otávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, na direção da empresa. Com políticas empresariais agressivas, a *Folha de S.Paulo* ampliou substancialmente seu público por conta da aquisição de uma frota própria de caminhões, o que permitiu que conquistasse o interior do estado, por lá chegar muito mais cedo que seus concorrentes.

Entre 1968 e 1974, já sem Caldeira Filho, Otávio Frias inicia um período de modernização na empresa, reformulando a distribuição, introduzindo a impressão *off-set* e a fotocomposição e ampliando a gráfica. Em termos editoriais, sob influência de Claudio Abramo,¹⁹ o jornalismo opinativo ganhou impulso no jornal, especialmente entre 1975 e 1976, com a criação das páginas 2 e 3, ambas desenhadas por Abramo, onde se publicam editoriais, artigos, charges e a coluna “Tendências e Debates”. Em 1978, é criado o Conselho Editorial do jornal e tem início o “Projeto Folha”, uma estratégia que visava modernizar o jornal e a empresa, cujo ponto mais polêmico foi a adoção de modelos de gestão empresarial – como códigos, normas e avaliações de desempenho – para a redação. Para sistematizar os procedimentos adotados na redação, a empresa lançou, em 1984, o Manual Geral da Redação. Acompanhando o processo de mudanças gerenciais e editoriais, o jornal lançou um novo projeto gráfico em 1988. Dois anos mais tarde, criou o cargo de *ombudsman*, ocupado inicialmente por Caio Túlio Costa.

Em 1996, a *Folha de S.Paulo* fez uma reforma gráfica, ao ampliar o uso de cores e imagens e adotar um novo logotipo, alterando substancialmente a tipografia, que teve um projeto próprio, desenvolvido pelos *designers* Luc de Groot e Erik Spiekerman, da agência alemã MetaDesign. No mesmo ano, a *Folha* criou o *Universo Online*, expandindo seus negócios para a Internet. Também em 1996, o jornal inaugurou seu novo parque gráfico, com capacidade para imprimir 1,7 milhões de exemplares/hora. Ao final da década de 1990, a *Folha de S.Paulo* atingiu a marca de dois milhões de exemplares aos domingos, impulsionada pelo lançamento de coleções – outra inovação que promoveu (no Brasil). Em 2000 e 2005, o jornal fez novas reformas gráficas, ao ampliar sua quantidade de suplementos, cujas capas tornaram-se um grande laboratório para experimentações gráficas dos *designers* de sua redação. Em 2010, a

¹⁹ A esse respeito, ver NUNES, Leticia. Quando a Folha se tornou a Folha. In: **Observatório da Imprensa**, edição de 4/7/2005. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=336MCH001>>. Acesso em: 26 set. 2017.

empresa unificou as redações de seus produtos impressos e digitais, preparando o terreno para a nova reforma gráfica e editorial desenvolvida no mesmo ano.

4.2.2 Histórico d'O Estado de S. Paulo

O próximo objeto de nossa análise, *O Estado de S. Paulo*, apresenta em seu código de ética a missão de “ser um grupo empresarial rentável nos setores de informação e comunicação, nos segmentos de jornalismo, de serviços de informação, divulgação de publicidade, entretenimento e serviços gráficos. Divulgar e defender os princípios da democracia e da livre iniciativa” (O ESTADO DE S. PAULO, 2005). O Grupo Estado é uma empresa que apura, processa e difunde informação com rigorosa obediência às exigências profissionais e éticas, mantendo o compromisso histórico com a integridade da informação, a independência editorial e a permanente busca da verdade. Em 2013, o jornal ocupava a segunda posição, conforme a ANJ, com uma média de circulação de cerca de 234 mil entre impressos e circulação digital.

O veículo foi fundado em 4 de janeiro de 1875, com o nome de *Província de São Paulo*, por um grupo liderado por Américo Brasiliense de Almeida Melo e Manuel Ferraz de Campos Sales. Em 1885, Júlio César Ferreira de Mesquita ingressou em sua redação e, em pouco tempo, tornou-se diretor do jornal, que passou a se chamar *O Estado de S. Paulo* com a Proclamação da República. Em 1902, Júlio de Mesquita tornou-se seu único proprietário, passando definitivamente a direção do jornal para as mãos da família Mesquita. Iniciou-se então um período de modernização com a compra de impressoras Marinoni e o investimento em novas técnicas de composição.

Com o Estado Novo, Júlio de Mesquita foi obrigado a deixar o país e o jornal passou a ser controlado por interventores até 1945, quando voltou às mãos da família Mesquita. Em 1948, Claudio Abramo entrou para a redação e, em 1951, assumiu a secretaria do jornal, dando início a uma série de reformulações editoriais e gráficas. Numa delas, criou a “Última Página”, dedicada a temas nacionais, já que a primeira página d’*O Estado de S. Paulo*, editada por Júlio de Mesquita Filho, se concentrava em assuntos internacionais. O jornal consolidou sua liderança em São Paulo e no país, mas não deu prosseguimento aos avanços dos anos anteriores. Em 1954, a empresa fundou a *Rádio Eldorado*; em 1966, lançou o *Jornal da Tarde*, cujo design das capas marcaria aquela década (MELO, 2006, p.36-37). Durante o governo militar, o jornal chegou a publicar poesias no lugar das matérias censuradas, o que foi percebido como uma forma de sinalizar graficamente a censura sofrida.

Em 1970, o jornal criou a Agência Estado, que passou a distribuir seu conteúdo, tornando-se uma das mais importantes do país, especialmente em relação ao fotojornalismo. Em setembro de 1993, em pleno período de reformulações gráficas e editoriais que então tomava o país, o jornal lançou um novo projeto gráfico, desenvolvido por Mario Garcia. O logotipo ganhou a cor azul e mais fotos coloridas foram incluídas no corpo do jornal. A reforma, entretanto, não foi suficiente para combater a pecha de veículo ortodoxo, conservador, no sentido de ultrapassado, atribuída ao jornal pela concorrência.

Em março de 2000, entrou no ar o portal *estadao.com.br*, que passou a reunir os vários sites da empresa. Em 2004, espremido pela concorrência, *O Estado de S. Paulo* investiu R\$ 12,5 milhões num processo de reformulação gráfica e editorial, conduzido pelo escritório de Antoni Cases e que teve à frente Francisco Amaral. Em 2006, foi criado o cargo de diretor de arte do grupo, assumido por Fabio Sales. No dia 7 de janeiro de 2007, o Grupo Estado e o Infoglobo lançaram o site *ZAP*, que concentra a versão online dos anúncios dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, *O Globo*, *Extra* e *O Diário de S. Paulo*. Em março de 2010, o jornal lançou novo projeto gráfico e editorial, com tipografia exclusiva assinada pelo *designer* português Mário Feliciano e *design* do escritório de Antoni Cases, dirigido por Francisco Amaral.

4.3 ENQUADRAMENTOS DAS MANIFESTAÇÕES

A imprensa relatou o primeiro protesto adotando a postura que se repetiria nos próximos atos até o dia 13. As motivações dos movimentos sociais e o caráter político dos atos foram totalmente descaracterizados assim como os relatos estavam concentrados em torno do confronto entre a polícia e os manifestantes.

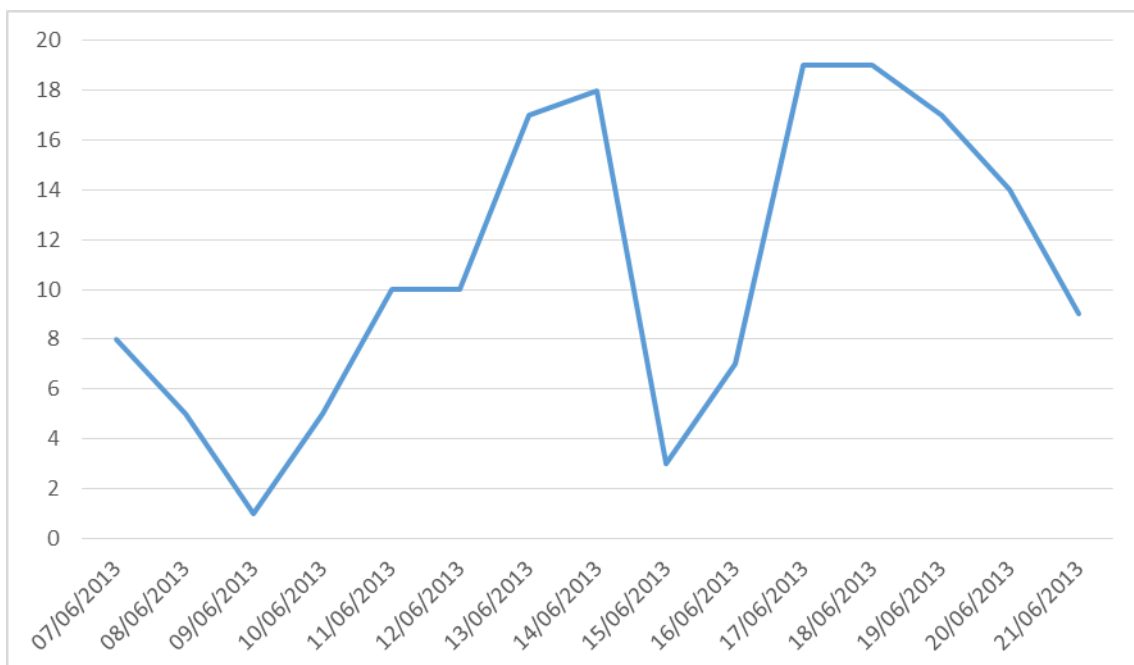
O poder público, tanto municipal quanto estadual, seguiu o posicionamento da imprensa ao atribuir a violência da repressão policial a uma reação aos atos de vandalismo, e não a uma ordem para que as passeatas não atingissem ruas de grande circulação, ficando confinadas às vias secundárias.

Inicialmente, a *Folha de S.Paulo* cobriu o assunto como algo corriqueiro, sem enfatizá-lo, diminuindo gradativamente a cobertura realizada até o dia 9 de junho de 2013, com apenas uma matéria publicada na editoria “Cotidiano”, momento em que se deu o menor ponto de inserção de conteúdo relacionado ao tema deste trabalho. A partir dessa data, nota-se o aumento do número de matérias relacionadas ao assunto, chegando a 18 publicações em 14 de junho, dia posterior ao de maior repressão e violência em que jornalistas ficaram feridos; de acordo com a *Folha*, “Major da PM culpa quebra de acordo por confronto com manifestantes”. Com a matéria “Repórter da *Folha* ferida no olho volta a enxergar”, o veículo passou a evidenciar as ações dos policiais contra os manifestantes (Quadro 1).

Os números voltaram a cair nos dias 15 e 16 de junho, fim de semana em que não ocorreram atos, porém tornaram a crescer nos dias 17 e 18, atingindo seu ápice com 19 matérias publicadas em cada data.

Nos dias seguintes, após a redução das tarifas do transporte público, que aconteceu no dia 19, houve uma gradual queda na quantidade de matérias publicadas diariamente, voltando a valores próximos aos registrados inicialmente, conforme aponta o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Número de matérias publicadas diariamente pela *Folha de S.Paulo*.



Fonte: elaboração própria, a partir das matérias veiculadas no jornal online *Folha de S.Paulo*.

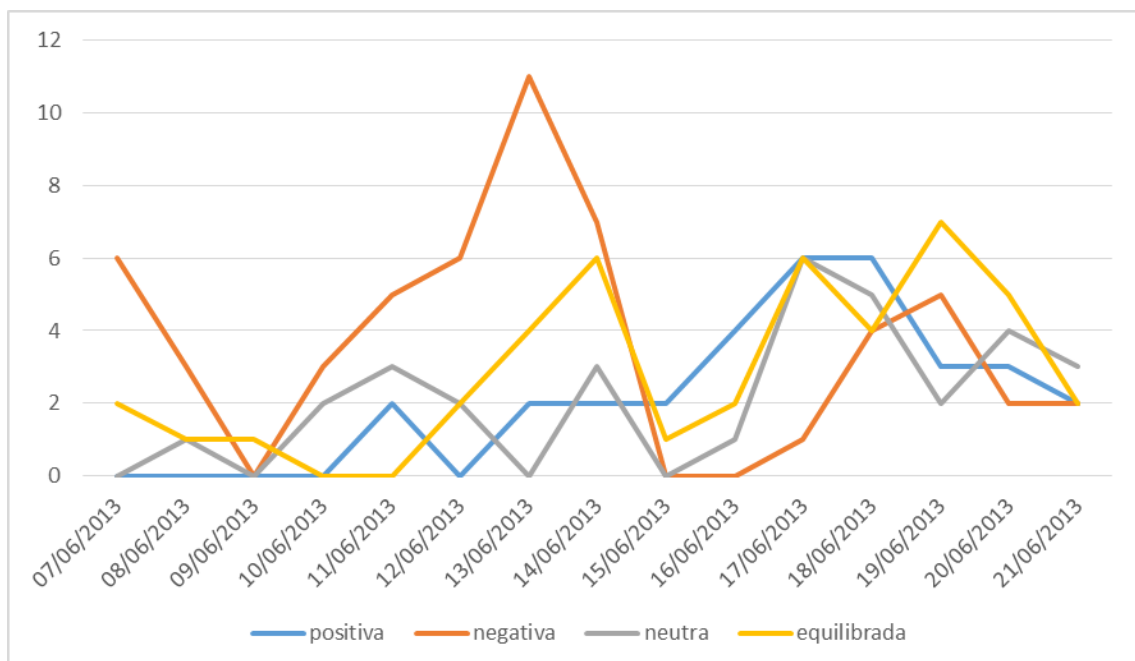
De início, as matérias tinham uma valência predominantemente negativa, tendência que se manteve até o dia 13 de junho, devido ao fato de que, durante os protestos, ocorreram

depredações, vandalismo, saques em estações do metrô, lojas e prédios públicos, levando os policiais a repreenderem os manifestantes.

O ponto de inflexão da tendência negativa da valência ocorre na data de 14 de junho, após seu ápice na data anterior, quando o protesto alcançou seu maior nível de violência. A partir dessa data, a macromídia mudou sua forma de abordar os protestos, dando também maior ênfase à violência policial, como visto na matéria “Vídeo mostra ação policial contra grupo de jornalistas durante protesto em SP”.

Já com o apoio implícito da população de São Paulo, a mídia passou a apresentar uma cobertura com visão positiva dos atos, tendo seus picos nos dias 17 e 18 de junho, datas de grande adesão popular, conforme já exposto no Gráfico 1. Desde então, a distribuição das valências passou a apresentar-se de forma mais homogênea, com variação ora equilibrada, ora neutra, ora positiva, ora negativa, o que pode ser visualizado no Gráfico 4. As informações inferidas no gráfico corroboram o agrupamento cronológico dos atos que propõe Gohn (2014), dividindo-os em três grandes momentos: (i) desqualificação e descaso; (ii) violência, repressão e revolta; e (iii) massificação. “A primeira teve foco na tarifa e reuniu majoritariamente estudantes. A segunda – com forte apoio popular e mais efêmera – arrastou multidões contra a baixa qualidade dos serviços públicos, a corrupção, a polícia e as demais motivações. Por fim, restaram as manifestações mais radicais, já sem o apoio da maioria da população, marcadas pela quebra de adeptos da tática *black bloc*” (GOHN, 2014, p.23).

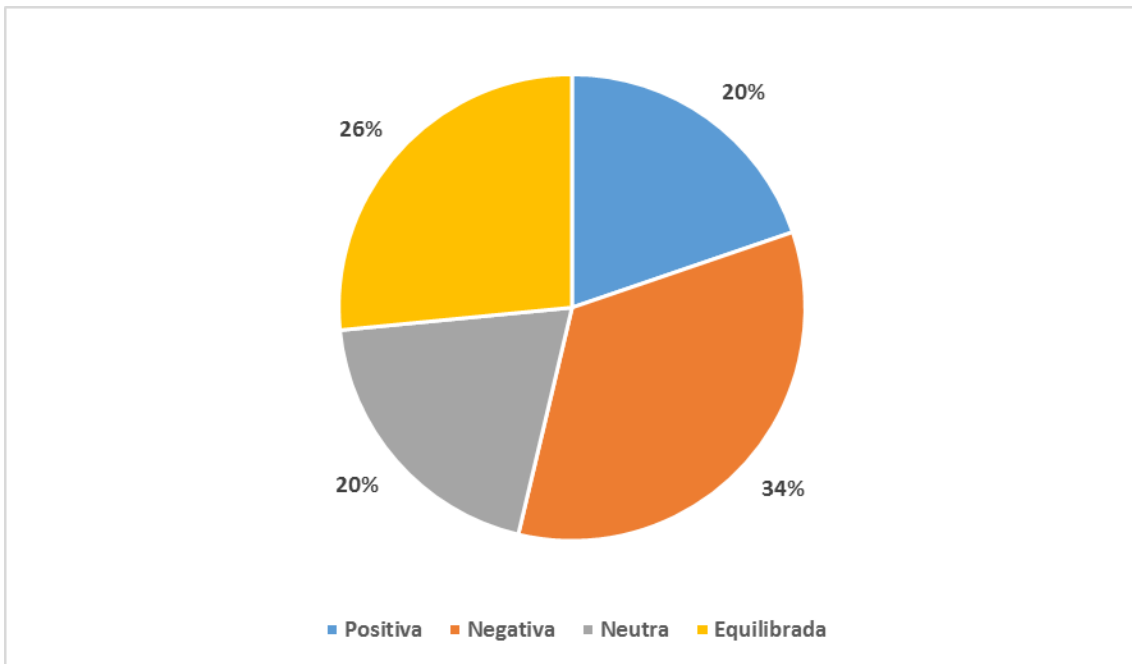
Gráfico 4 - Valência das matérias publicadas diariamente pela *Folha de S.Paulo*.



Fonte: elaboração própria, a partir das matérias veiculadas no jornal online *Folha de S.Paulo*.

O Gráfico 5 apresenta a porcentagem de enquadramentos evidenciados durante a cobertura da *Folha de S.Paulo*. Conforme podemos perceber, o jornal trouxe diversas matérias a respeito dos eventos de junho, totalizando 162 matérias sobre os fatos, de acordo com os Gráficos 3 e 4. Em cor laranja, pode-se observar que 34% das matérias analisadas possuem valência negativa, mesmo após a mudança de posição do jornal, na data de 14 de junho, em relação à abordagem dada aos protestos e aos manifestantes; logo em seguida, as publicações equilibradas, em amarelo, as quais totalizam 26%, demonstram a tentativa do jornal de dar igualdade aos discursos dos envolvidos. Já as publicações em azul, que tiveram valência positiva, e aquelas em cor cinza, que correspondem à valência neutra, acabaram por se equivaler em número de publicações, com 20% cada uma.

Gráfico 5 - Enquadramento das notícias a partir da valência – *Folha de S.Paulo*.



Fonte: elaboração própria, a partir das matérias veiculadas no jornal online *Folha de S.Paulo*.

Analisando a distribuição percentual das matérias por valência, organizadas no Gráfico 5, chegamos à conclusão de que a *Folha de S.Paulo*, mesmo após alterar os enquadramentos de uma visão negativa para uma mais equilibrada, ainda assim, publicou mais de um terço de suas matérias relativas aos protestos sob um viés negativo, com críticas indiretas e caracterizando o Movimento Passe Livre (MPL) como um movimento de esquerda radical. Percebemos que as valências indicam os enquadramentos da *Folha*, que são o ponto de vista do veículo e, assim,

ênfatizam uma causa particular. “O conceito de enquadramento refere-se a uma alteração subtil na indicação ou apresentação de julgamentos e escolha de problemas” (IYENGAR, 1991, p.11).

E aqui nos compete fazer uma breve revisão teórica de duas pesquisas que servem de apoio para nossa análise. Passaremos rapidamente pela teoria da agenda, ou *agenda-setting*, desenvolvida por vários teóricos do campo da Comunicação, mas em especial McCombs e Shaw. A seguir, veremos as bases do enquadramento ou *framing*.

4.3.1 Agenda- setting

O campo da Comunicação viu o nascimento e a decadência de várias teorias no decorrer do século XX. No entanto, a teoria da agenda ou *agenda-setting* é uma daquelas que ainda consegue explicar satisfatoriamente muitos aspectos da Comunicação. Prova disso é uma relativa constância da utilização da teoria em artigos e pesquisas científicas (MCCOMBS, 2005; WEAVER, 2007).

A *agenda-setting* começou a tomar corpo como marco teórico na década de 1970, com o trabalho inaugural de McCombs e Shaw. Seu embrião remonta, no entanto, ao célebre *Public Opinion*, de Walter Lippman, que sugeriu uma relação entre a agenda da mídia e a agenda do público (PENA,2013). No trabalho intitulado *The agenda-setting function of mass media*, McCombs e Shaw investigaram o nível da influência midiática nos eleitores da cidade de Chapel Hill, nos Estados Unidos, durante as eleições presidenciais de 1968.

Os pesquisadores questionaram os entrevistados sobre quais eles consideravam ser os temas mais relevantes para a campanha (sendo que o questionário pedia especificamente para que os entrevistados dessem suas respostas sem levar em consideração o que os políticos estavam dizendo). Os resultados obtidos na pesquisa sugerem que a mídia teve um grande impacto na opinião dos eleitores: os assuntos apontados pelos moradores de Chapel Hill como mais importantes coincidiram com aqueles que receberam mais espaço nos principais veículos de comunicação do país.

A mídia teria então um papel relevante em pautar a audiência quanto à importância dispensada a cada assunto (MCCOMBS; SHAW, 1972). A *agenda-setting* tem sido resumida através da frase de Bernard Cohen, que afirma que a imprensa pode não ter sucesso em dizer ao público "o que" pensar, mas geralmente consegue dizê-lo "sobre o que" pensar (AZEVEDO, 2004, p. 43).

Portanto, a *agenda-setting* "não defende que a imprensa pretende persuadir" (PENA, 2013, p.144). Ela é capaz, no entanto, de agendar a pauta dos cidadãos, do espaço público, e de definir prioridades para políticos e eleitores: "sob essa perspectiva, a ação dos jornais, da

televisão e de outros veículos de informação faz com que o público saiba ou ignore, preste atenção ou descarte, realce ou negligencie elementos específicos dos cenários social e político" (SILVA, 2006, p.46).

Apesar de sua ampla aceitação entre estudiosos de Comunicação, a *agenda-setting* passou a sofrer várias críticas por não levar em consideração o conteúdo da mídia, ou "como as diferentes formas de apresentação dos temas pela mídia podem afetar o processo de formação de preferências políticas da audiência" (PORTO, 2004, p. 76). A teoria foi por diversas vezes acusada de ser "simplista" por estudar os assuntos apenas de maneira ampla e geral e por superestimar a ordem desses assuntos na mídia e na opinião pública (SCHEUFELE; TEWKSBURY, 2007²⁰).

Essas e outras críticas à teoria da agenda levaram ao desenvolvimento de novas teorias, como a do enquadramento, que veremos a seguir. Os questionamentos levantados sobre as lacunas deixadas pela agenda-setting levaram seus proponentes a revisar esta teoria. O próprio McCombs começou a incorporar o conceito de enquadramento (MCCOMBS, 2005) no que passou a ser conhecido como "segundo nível de efeitos" da agenda-setting. No entanto, essa incorporação tem sido bastante criticada (SCHEUFELE; TEWKSBURY, 2007), considerando que as duas teorias partem de premissas significativamente diferentes. Não utilizaremos os conceitos da *agenda-setting* diretamente neste trabalho, mas é importante compreender como suas bases serviram para dinamizar o campo da Comunicação e desenvolver novas perspectivas teóricas para a área.

4.3.1.2 Teoria do Enquadramento

Para suprir essa lacuna deixada pela *agenda-setting*, vários teóricos passaram a recorrer ao conceito de *framing* (enquadramento). No entanto, este ainda não é um conceito fechado, e não há apenas uma definição aceita. Um dos primeiros pesquisadores a apresentar noções de *framing* foi Erving Goffman, em 1974. Segundo Goffman, indivíduos usam "*primary frameworks*" (ou enquadramentos primários) para entender e interpretar acontecimentos do mundo e de suas vidas (GOFFMAN, 1986). É esse "enquadramento primário" que permite dar sentido aos acontecimentos. Como explica Porto (2004, p.78), "Goffman define

²⁰ Essa é uma disputa entre linhas teóricas (*agenda-setting* e enquadramento), a qual o próprio McCombs já abordou em seus estudos. Desde a década de 1990, os estudiosos do *agenda-setting* têm desenvolvido pesquisas do chamado "segundo nível de agendamento". Para mais detalhes sobre o novo marco teórico, consultar McCombs (2005).

enquadramentos como os princípios de organização que governam os eventos sociais e nosso envolvimento nestes eventos".

Podemos destacar como uma das principais contribuições para o marco teórico dos estudos de enquadramento a realizada em 1980 por Todd Gitlin no livro *The whole world is watching*. Nele, o autor estuda a evolução dos enquadramentos da mídia americana (especialmente *The New York Times* e *CBS News*) na cobertura dos protestos organizados por estudantes (*Students for a Democratic Society*, ou SDS) contra a Guerra do Vietnã. Em 1965, o movimento começou a ganhar força e membros, organizando passeatas contra a guerra. Foi assim que passou a ganhar também publicidade e atrair refletores. No entanto, Gitlin (1980, p. 27) argumenta que essa publicidade não foi necessariamente boa para o movimento, pois a mídia fazia ênfases e seleções em temas específicos, influenciada pela cultura jornalística, mas também pela cultura americana da época.

A mídia americana optou por utilizar temas depreciativos, que começaram a se tornar recorrentes e a reverberar na sociedade americana (GITLIN, 1980, p. 27). Segundo o autor, os "enquadramentos" utilizados no início da cobertura foram: trivialização (foco na linguagem, idade, modo de vestir e de se portar dos manifestantes), polarização (enquadrando o grupo como extremistas), ênfase em conflitos internos, marginalização (mostrando integrantes como "fora da regra", não representativos da sociedade), menosprezo pelos números (reportando número menor de participantes) e menosprezo da efetividade do movimento (GITLIN, 1980, p. 27-28).

O autor conclui que, através da cobertura oferecida pelos veículos citados, a mídia impediu que a mensagem do SDS fosse passada para a sociedade americana, deixando a impressão de que o movimento era extremista e perigoso para o bem comum (GITLIN, 1980, p. 28).

Outro importante marco nas teorias de enquadramento foi proposto por William Gamson e vários colaboradores (PORTO, 2004). Para tais autores, todo tema político (por exemplo: ações afirmativas, políticas sociais do governo, armamento nuclear etc.) possui uma cultura, "um discurso em andamento que evolui e se modifica com o tempo, fornecendo interpretações e significados a eventos relevantes" (GAMSON; MODIGLIANI, 1989, p. 1, tradução nossa). Essa significação se dá através de "pacotes interpretativos", que reúnem elementos tais como metáforas, frases de efeito, exemplos históricos, entre outros, e são utilizados para dar sentido aos acontecimentos.

Essa tradição de pesquisa considera o enquadramento como uma parte central dos pacotes interpretativos: o seu núcleo. Na concepção desses autores, um enquadramento é "uma ideia central organizadora [...] que atribui significado a eventos em desenvolvimento, tecendo

uma conexão entre eles" (GAMSON; MODIGLIANI, 1987, p. 143). O enquadramento é, portanto, o responsável por dar significação aos fatos, em uma construção que acontece fora do âmbito jornalístico (por exemplo, na cultura), mas também com a colaboração ativa dos jornalistas (GAMSON; MODIGLIANI, 1989; GAMSON; MEYER 1996).

Gamson também contribuiu para o estudo dos efeitos de enquadramento no público. Em seu livro *Talking Politics* (1992), o pesquisador analisou como a mídia poderia influenciar a compreensão dos indivíduos sobre assuntos políticos. Gamson reuniu um grupo de pessoas "comuns" para conversar sobre temas em voga na imprensa americana à época: armamento nuclear, ações afirmativas, o conflito árabe-israelense e as políticas industriais. O autor fez uma análise de conteúdo prévia e identificou quais eram os discursos públicos promovidos em torno desses temas.

O autor concluiu que a forma como os cidadãos constroem sua compreensão de temas políticos é bastante complexa. Segundo Gamson, a noção por vezes difundida em pesquisas das ciências sociais de que as pessoas são passivas frente às informações da grande mídia é errada (GAMSON, 1992, p. 4). Elas conseguem fazer sentido e construir opiniões sobre eventos políticos complexos, como por exemplo as ações afirmativas. Ele concluiu ainda que a informação da mídia é relevante para a construção dessa compreensão (no caso dos estudos, especialmente nos temas armamento nuclear e conflito árabe-israelense), mas os indivíduos também se utilizam de experiências pessoais e da "sabedoria popular" para desenvolver opiniões e entendimentos sobre os temas (GAMSON, 1992, p. 179).

Gamson compara o "percurso" feito para se chegar ao sentido de um tema com uma trilha em uma floresta: "Os vários enquadramentos oferecidos no discurso da mídia fornecem mapas que indicam pontos úteis de entrada, e sinalizações em vários cruzamentos destacam os marcos significativos e alertam sobre os perigos de outros caminhos" (GAMSON, 1992, p. 179; tradução nossa). Esse percurso complexo, com várias sinalizações e opções de caminhos (perspectivas), é evidenciado pela presença de diversos enquadramentos midiáticos na construção do significado pelo grupo de participantes, bem como de outros recursos, como as experiências pessoais. No entanto, o autor alerta: baixa dependência da mídia (para construir entendimentos) não significa baixo uso ou influência. Mesmo nos casos em que os grupos utilizavam a sabedoria popular e experiências para construir significados, a maioria também se baseou no discurso da mídia (GAMSON, 1992, p. 179).

No Brasil, de forma semelhante a Gamson, Aldé (2001) realizou entrevistas para compreender como o "cidadão comum" constrói significados e explicações para eventos e temas políticos cotidianos. A pesquisadora estudou ainda como esses cidadãos formulam suas

atitudes políticas e qual a influência da mídia nessa formulação. A autora concluiu que as pessoas geralmente recorrem apenas às conclusões de uma sequência de fatos, descartando os detalhes (ALDÉ, 2001, p. 25). Ou seja: quando o cidadão formula uma opinião, ele não costuma lembrar o caminho cognitivo completo que o levou àquela formulação. Nas palavras da autora, "uma vez aceito o argumento, guarda-se a conclusão, capaz de orientar o cidadão quanto às suas posições e escolhas" (ALDÉ, 2001, p. 26).

No contexto dos enquadramentos veiculados na mídia, essa afirmação é importante, porque "os fatos, nomes e detalhes modificam-se quase diariamente, mas a estrutura na qual se enquadram – o sistema simbólico – é mais duradoura" (BIRD; DARDENNE, 1999, p. 265). Ou seja: os enquadramentos oferecidos por emissores com "autoridade" (como jornalistas, por exemplo), podem ter grande aceitação para o cidadão comum. Outro ponto interessante da pesquisa é a compreensão de enquadramentos como "chaves de leitura" ou "caminhos cognitivos" (ALDÉ, 2001, p.22). Essas chaves são utilizadas pelas pessoas para justificar opiniões e ideias, dar sentido aos fatos e construir significados de eventos ou temas: "muitas notícias passam a ser usadas pelas pessoas como chaves explicativas, com as quais ilustram suas ideias sobre as instituições, o comportamento dos políticos, grupos organizados ou jornalistas" (ALDÉ, 2001, p.163).

Finalmente, a autora conclui que os meios de comunicação se apresentam como fornecedores de "quadros de referência" acessíveis, pois são uma forma prática e cotidiana que os cidadãos têm de conhecer e compreender o mundo:

Nesse sentido, podemos afirmar que a maneira pela qual os meios, que aparecem como quadros de referência particularmente acessíveis ao cidadão comum, organizam e apresentam a informação tem efeitos importantes em sua interpretação; seu enquadramento pode ser determinante na interpretação do mundo público (ALDÉ, 2001, p.187).

Outro autor que contribuiu para os estudos de enquadramento foi Robert Entman. Um dos primeiros pesquisadores a realizar uma revisão teórica do enquadramento, Entman (1993) buscou resumir os principais marcos teóricos em seu artigo intitulado *Framing: toward clarification of a fractured paradigm*. O autor constata desde então a dificuldade em encontrar um consenso no uso do termo. Entman propõe então uma definição, já clássica:

O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou

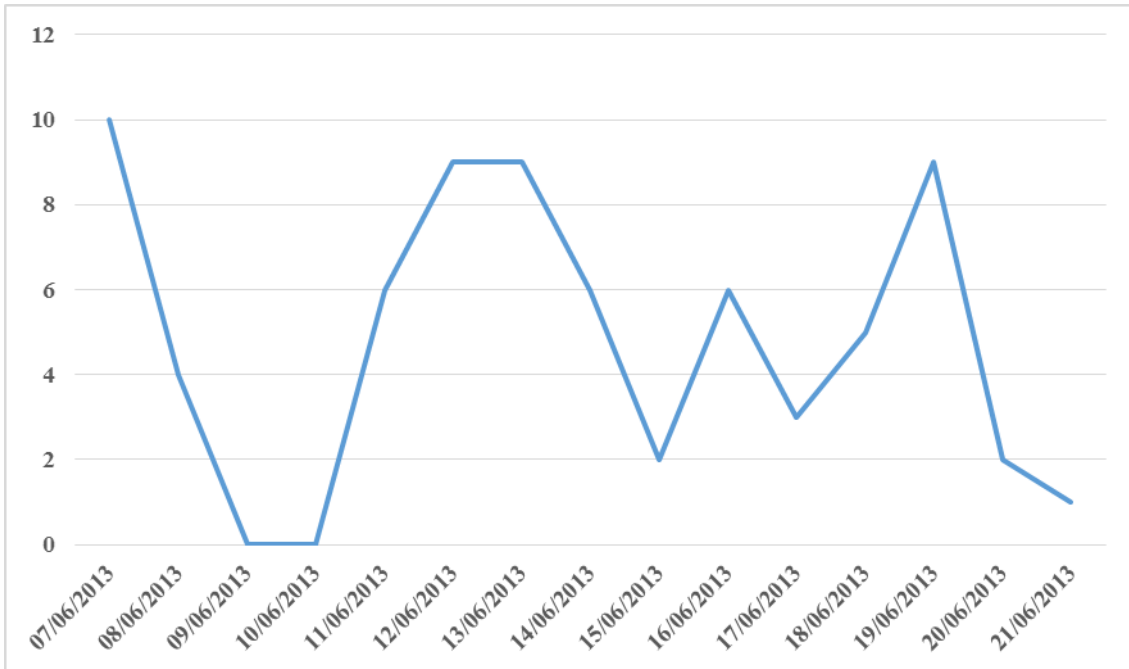
uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN, 1994, p. 294).

Entman considera ainda que os enquadramentos se localizam em pelo menos quatro pontos durante o processo de comunicação: no comunicador, no texto, no receptor e na cultura (ENTMAN, 1993). No caso do texto, os enquadramentos podem ser identificados pela presença ou ausência de palavras-chave, frases feitas e estereótipos, entre outros. Não obstante a localização do enquadramento (comunicador, cultura, texto ou receptor), ele apresenta a mesma função: seleção e realce para levar a conclusões sobre um determinado problema e suas causas, avaliações e soluções (p. 53).

Retomaremos, nas próximas análises dos gráficos 8,11 e 12 deste trabalho, a questão dos enquadramentos, mas já apontamos a importância de considerarmos os possíveis efeitos destes, quando estudamos temas políticos, especialmente se levarmos em conta a tendência de alguns setores da mídia em adotarem o enquadramento estratégico nas coberturas. Guazina (2011) estudou os enquadramentos adotados pelo Jornal Nacional durante a cobertura do "Mensalão" e constatou que, em 26% das matérias, a política era retratada como "um jogo de cenas ou de estratégias, em que não se sabe o que é falso e o que é verdadeiro" (GUAZINA, 2011, p. 112). Como exposto, sabe-se que esses enquadramentos têm efeitos potencialmente nocivos à opinião pública, gerando cidadãos cada vez mais desconfiados e desacreditados da política.

A escolha de estudar as matérias da *Folha de S. Paulo* e do *Estado* se dá pelo fato de serem estes, não apenas os jornais de maior circulação do país, mas também por serem jornais paulistanos e que cobriram essas manifestações diariamente, conforme evidenciamos abaixo, além da *Folha* ser um dos veículos de imprensa com vários jornalistas feridos em atos que, em sua maioria, foram convocados pelo MPL.

Gráfico 6 - Número de matérias publicadas diariamente pela *Folha de S.Paulo*.



Fonte: elaboração própria, a partir das matérias veiculadas no jornal online *Folha de S.Paulo*.

De pronto, a *Folha de S.Paulo* iniciou a cobertura dos protestos dando o seu maior enfoque, 10 matérias, provavelmente devido à ocorrência inesperada dos acontecimentos. Conforme passaram os dias, a surpresa inicial se esvaiu, o que gerou uma queda constante na cobertura dos protestos, chegando ao ponto de, nos dias 9 e 10 de junho, não haver nenhuma referência aos atos na cidade de São Paulo.

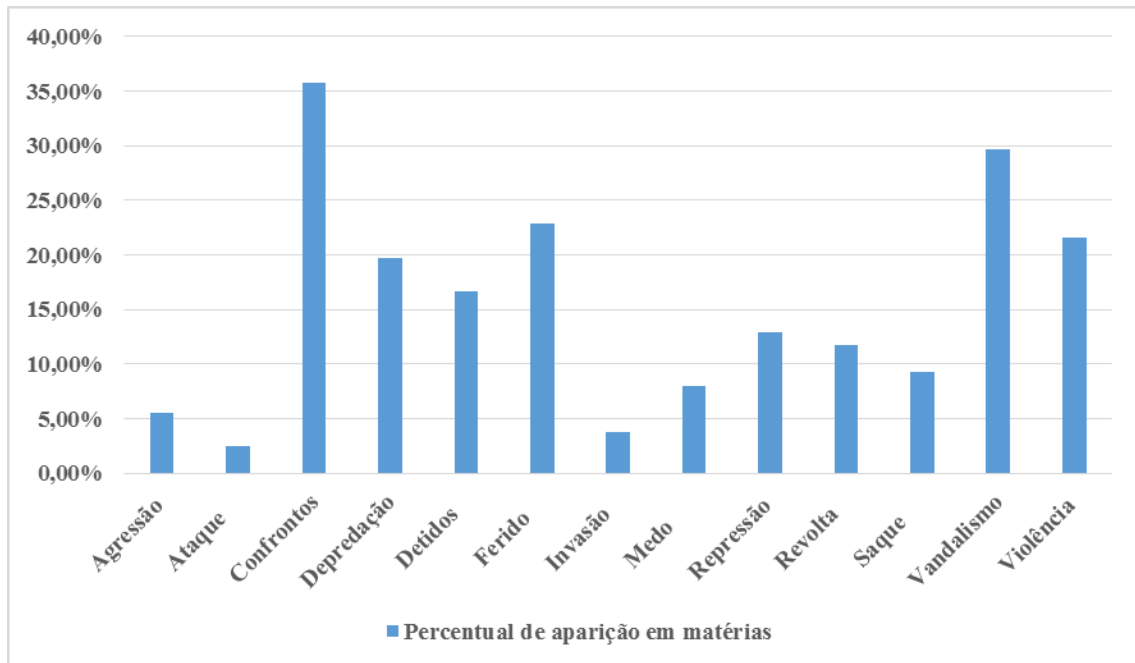
Tal interesse só retornaria a partir do dia 11 de junho, no terceiro e maior ato até aquele momento, como podemos observar na matéria “Confronto e destruição marcam maior protesto contra alta da tarifa de ônibus em SP”, e seria mantido até o dia 13, data dos atos mais violentos e com mais detenções, como mostram as matérias “68 pessoas já foram presas durante protesto em SP” e “Repórter é baleada no olho com bala de borracha em SP”.

Após essa data, até o fim do período analisado, o que se vê é uma grande alternância na cobertura, variando quase que diariamente entre dar maior ou menor enfoque ao tema, exceto no dia 19, data em que ocorreu a redução das tarifas e a cobertura voltou ao patamar das coberturas realizadas nos dias 12 e 13 de junho.

Em geral, a valência das matérias apresenta certa homogeneidade em sua distribuição a partir do dia 14 de junho; entretanto, no dia 7 e no período entre 11 e 14 de junho, houve uma grande quantidade de matérias com valência negativa (Gráfico 8). Os períodos de maior valência negativa correspondem ao início das manifestações – talvez pelo choque dos

acontecimentos inesperados, conforme a matéria “Protesto contra aumento do ônibus vira depredação em SP” – e ao período de maior tensão entre manifestantes e polícia como em “Vereadores chamam manifestantes de ‘criminosos’ e transformam sessão em ato de repúdio”.

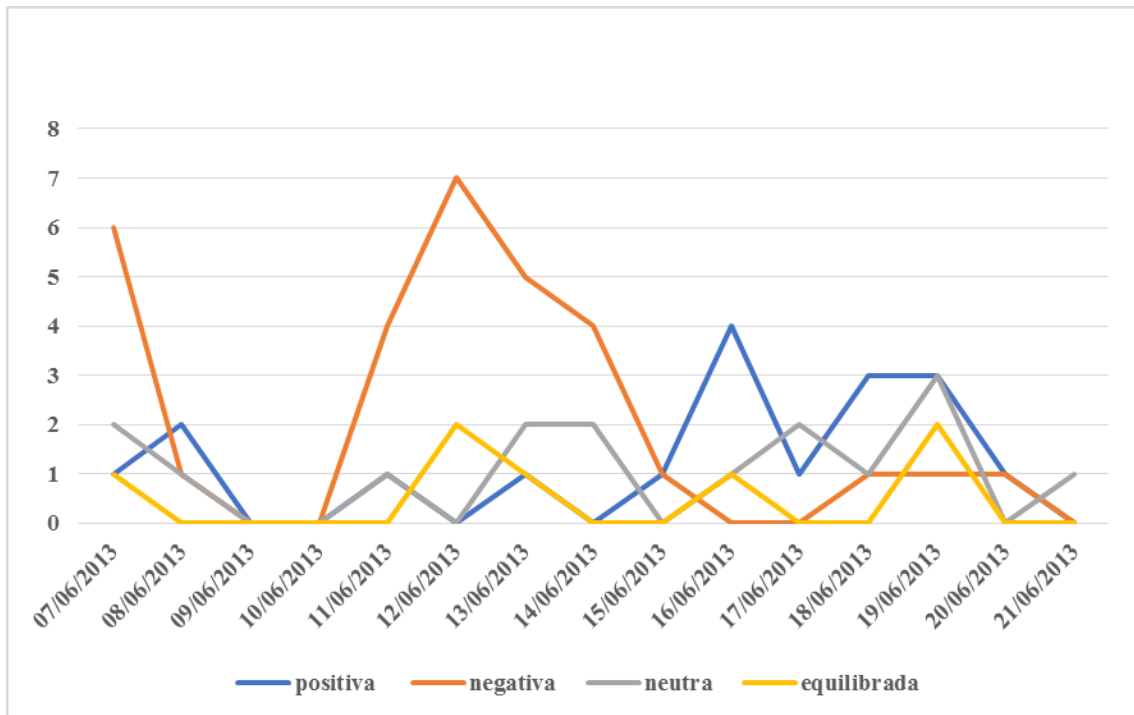
Gráfico 7 - Percentual de recorrência lexical em matérias da *Folha de S.Paulo*



Fonte: elaboração própria, a partir das matérias veiculadas no jornal online *Folha de S. Paulo*.

Após analisar os gráficos decorrentes a partir da valência das matérias e observar que, em sua maioria, estas se caracterizaram como negativas, resolvemos verificar quais escolhas lexicais com tal carga simbólica foram utilizadas com mais frequência para as manifestações. Dessas escolhas, a que mais se destaca é “confrontos”, ocorrendo em cerca de 35% do total das matérias, seguida por “vandalismo”, próximo de 30%, e “ferido”, com quase 25% (Gráfico 7). Tais escolhas expõem um tom hostil, tentando dar uma aparência beligerante aos movimentos. Apesar dos reiterados confrontos entre polícia e manifestantes, “violência” é somente a quarta palavra mais constante, com pouco mais de 20%, formando um contraponto curioso com a palavra “agressão”, a terceira menos usada, com pouco mais de 5%.

Gráfico 8 - Valência das matérias publicadas diariamente pelo jornal *O Estado de S. Paulo*.

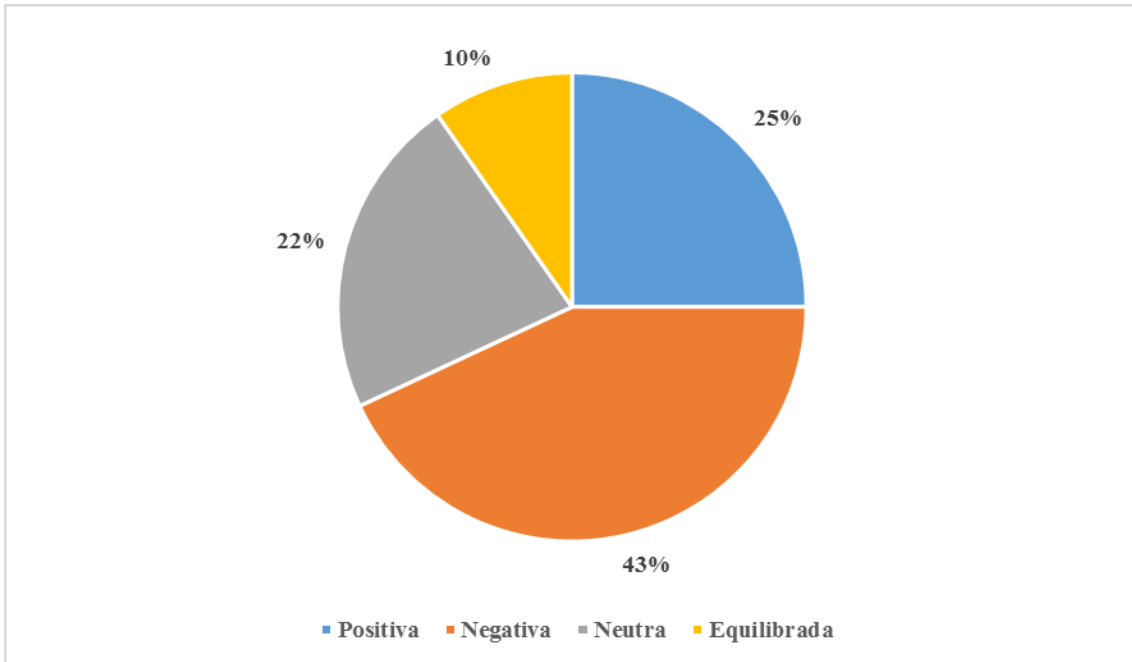


Fonte: elaboração própria, a partir das matérias veiculadas no jornal online *O Estado de S. Paulo*.

Vale ressaltar o pico de valência positiva visto em 16 de junho, data coincidente com a mudança de foco tanto da imprensa quanto da polícia, após adesão e pressão popular.

O Gráfico 9 apresenta a porcentagem de enquadramentos evidenciados durante a cobertura d'*O Estado de S. Paulo*, que, conforme podemos notar, teve uma incidência menor de publicações sobre os eventos de junho de 2013. Em cor laranja, pode-se observar que 43% das 72 matérias analisadas, de acordo com os Gráficos 7 e 8, possuem valência negativa; na cor cinza estão destacadas as matérias que correspondem à valência neutra (22%); já em amarelo, há as publicações equilibradas (10%) e, por fim, em azul, aquelas que tiveram valência positiva (25%).

Gráfico 9 - Enquadramento das notícias a partir da valência – *O Estado de S. Paulo*.



Fonte: elaboração própria, a partir das matérias veiculadas no jornal online *O Estado de S. Paulo*.

Percebe-se que, mesmo tendo em maior parte do tempo uma distribuição homogênea das valências, o número de matérias de valência negativa é muito grande, chegando a mais de 4 a cada 10 matérias publicadas, número este alavancado pelos dois picos de valência negativa ocorridos em 7 de junho e no período de 11 a 13 do mesmo mês. Entretanto, ainda assim, um quarto das matérias foram de valência positiva.

Sob essa perspectiva, apresentamos os enquadramentos jornalísticos que foram trabalhados por Tuchman, para quem “as notícias são uma janela para o mundo. (...) A panorâmica através de uma janela depende de esta ser larga ou estreita, de ter muitas ou poucas traves, do vidro ser opaco ou transparente, do facto de a janela dar para uma rua ou para um quintal” (1980, p.1). A autora considera que a produção de notícias constitui um ato de construção da realidade, e não uma imagem da realidade. Essa reflexão é partilhada por vários investigadores, sendo recorrente em muitos estudos: “Embora as notícias não sejam ficção, são uma ‘estória’ sobre a realidade, não a realidade em si” (BIRD; DARDENNE, 1999, p.276).

Os enquadramentos são, portanto, padrões comuns ao processo de construção das notícias. O que jornalistas podem fazer é esforçar-se para promover diversidade nos enquadramentos, nas interpretações promovidas por fontes e pelos próprios jornalistas. Deste modo, é importante analisar quais enquadramentos são utilizados nas coberturas de eventos e temas políticos.

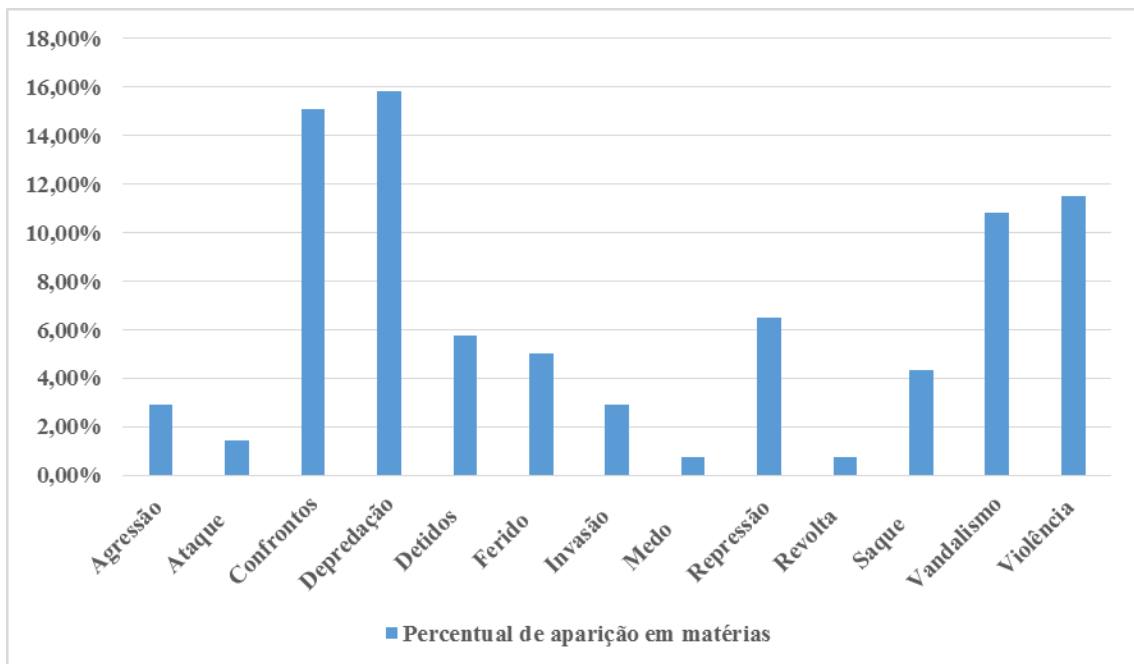
Porto (2004) dividi os enquadramentos entre noticiosos e interpretativos. Como explica o autor, existem na literatura corrente diversos conceitos de enquadramento (TUCHMAN, 1980; GITLIN, 1980; GOFFMAN, 1986; GAMSON; WOLFSFELD, 1993; ENTMAN, 1993, entre outros), que tocam em diversos níveis de análise. Alguns autores distinguem entre enquadramento da mídia, criados pelos jornalistas, e enquadramentos culturais, que existem no plano externo aos jornalistas, diga-se na cultura (MAHER, 2001).

Neste trabalho, utilizaremos a definição proposta por Porto (2004) de os enquadramentos noticiosos são consequência de escolhas feitas por jornalistas quanto ao que evidenciar em uma realidade percebida (PORTO, 2004, p. 92).

Infere-se, portanto, que houve pouco espaço em matérias para ambos os lados se posicionarem, tendo havido apenas 10% de matérias com valência equilibrada, o que demonstra que a cobertura desse veículo variou entre os dois extremos, ora positivo, ora negativo.

Ao analisar o Gráfico 10, percebemos que o termo lexical mais utilizado foi “depredação”, ocorrendo em quase 16% das matérias, o que sugere uma cobertura voltada aos danos ao patrimônio público e privado. Destacamos ainda outras duas escolhas – “confrontos” e “violência” –, que ocorreram respectivamente em 15% e quase 12%, conferindo aos atos um caráter bélico. No entanto, notamos que, apesar da utilização de termos que indiquem uma repressão da polícia militar demandada pela imprensa e da detenção de diversos manifestantes, os léxicos “medo” e “revolta” são os dois menos usados – cerca de 1%.

Gráfico 10 - Percentual de recorrência lexical em matérias d’*O Estado de S. Paulo*.

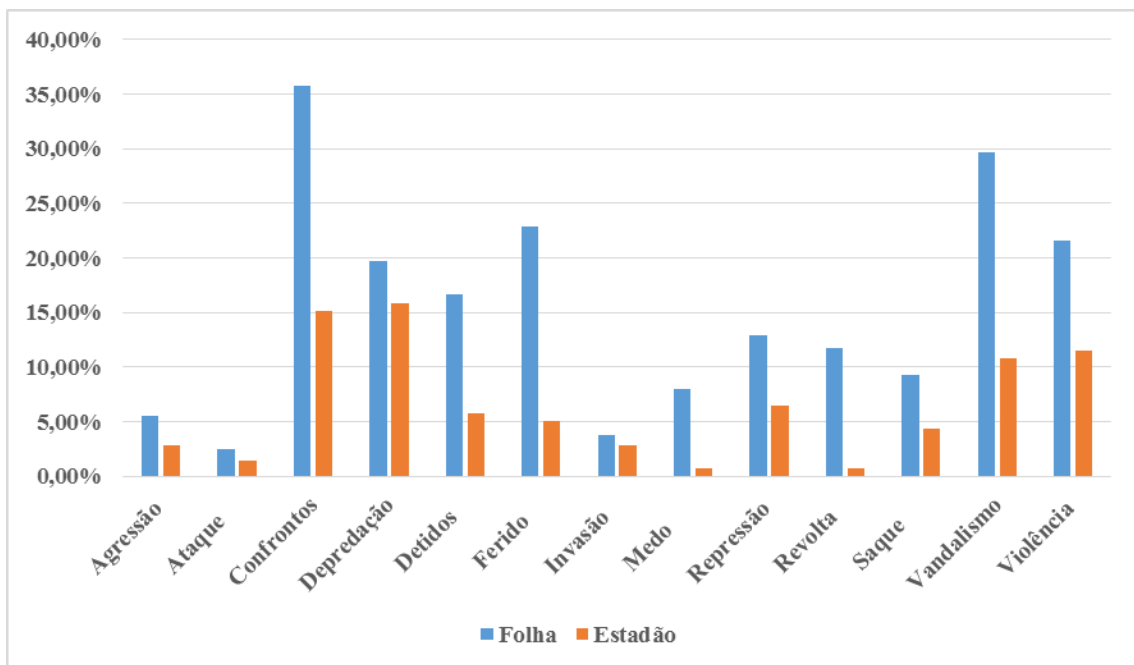


Fonte: elaboração própria, a partir das matérias veiculadas no jornal online d’*O Estado de S. Paulo*.

Em linhas gerais, as recorrências lexicais d’*O Estado de S. Paulo* foram baixas, indicando que o veículo não explorou as palavras de carga negativa, o que demonstra o uso de um vocabulário mais diversificado para transmitir os fatos aos seus leitores.

Por fim, ao analisar os jornais concorrentes da capital, percebe-se que *O Estado de S. Paulo* foi menos recorrente em suas escolhas lexicais de carga simbólica negativa do que a *Folha de S.Paulo*, devido, por exemplo, à diferença entre os termos mais usados por cada um: “depredação”, com pouco mais de 15% pelo *Estado*, e “confrontos”, com pouco mais de 35% pela *Folha* (Gráfico 11).

Gráfico 11 - Comparativo entre recorrências lexicais negativas dos dois veículos.



Fonte: elaboração própria, a partir das matérias veiculadas nos dois jornais analisados neste trabalho.

Apesar disso, houve um grande uso por ambos de palavras que evidenciavam os enfrentamentos entre polícia e manifestantes, como “confrontos”, “depredação”, “vandalismo” e “violência”, sendo essas palavras as mais usadas pelos jornais.

Destacamos que o enquadramento "conflito", muito encontrado na literatura da análise de enquadramentos (SEMETKO; VALKENBURG, 2000; MATTHES, 2009), caracteriza-se pela ênfase nas confrontações, seja físicas ou verbais, entre os atores. Nas palavras de Semetko e Valkenburg (2000, p.95, tradução nossa) "este enquadramento enfatiza conflito entre indivíduos, grupos ou instituições como meio de captar o interesse do público", e podemos perceber que os dois veículos fizeram uso deste enquadramento em sua coberturas.

Já as discrepâncias aparecem de forma acentuada entre as palavras “revolta”, “medo” e “ferido”, com frequência de, respectivamente, 1%, 1% e pouco mais de 5%, nas matérias do *Estado*; já nas matérias da *Folha*, as recorrências são de cerca de 10% para “revolta”, mais de 5% para “medo” e mais de 20% para a palavra “ferido”.

Ao relacionarmos as coberturas apresentadas pelos veículos à discussão teórica, percebemos que, no jornalismo político, há uma prevalência de enquadramentos dramáticos lúdicos, com jogos de palavras como: “guerra”, “batalha”, “duelo”, “violência” e “depredação”:

Realço aqui a reciprocidade para enfatizar que os enquadramentos utilizados pelos jornalistas e receptores têm origens comuns no mundo da vida, na cultura de ambos. Isso nos leva a inserir a análise dos enquadramentos jornalísticos nos mapas culturais da sociedade que são utilizados na representação e apresentação que instituem a realidade política. (MOTTA, 2007, p.1)

O que também podemos inferir, a partir das considerações de Motta (2007), é o fato de como os jornais trataram suas editoriais. A *Folha de S.Paulo* teve suas matérias divididas entre “Cotidiano” e “São Paulo”; já *O Estado de S. Paulo* publicou nas editoriais “São Paulo” e “Geral”. Nenhum dos dois apresentou conteúdos em suas áreas de “Política”, o que indica que os veículos tentaram enquadrar suas produções como acontecimentos isolados do dia a dia dos indivíduos, e não a partir de uma dimensão política.

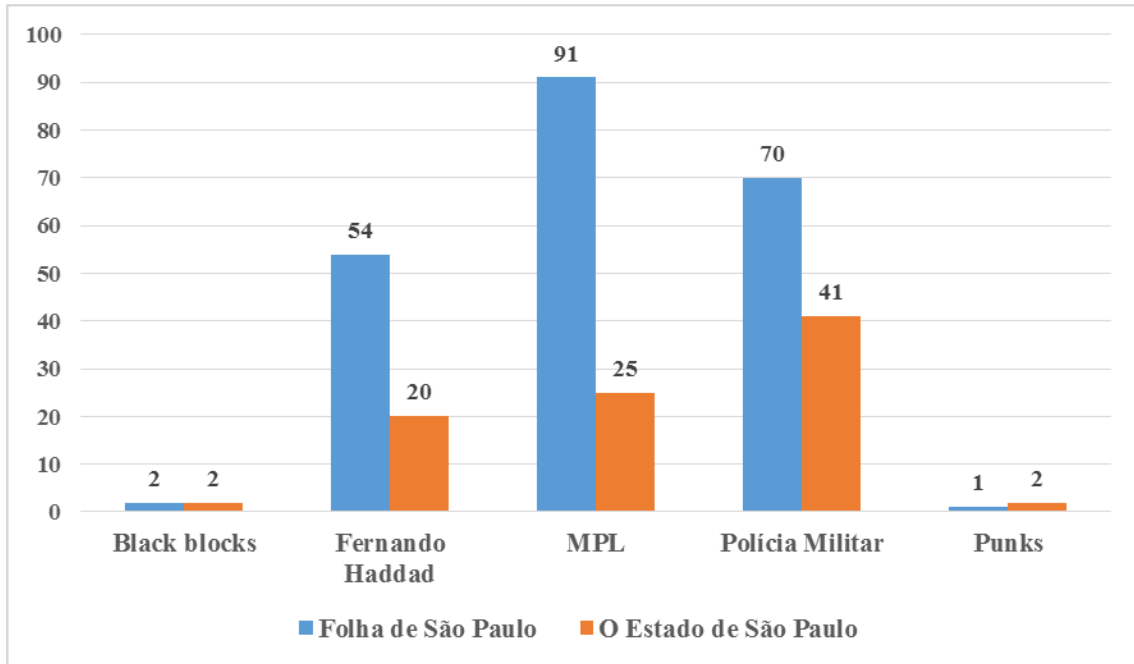
4.4 AS VOZES DA FOLHA E DO ESTADO

As regras profissionais da imparcialidade e do equilíbrio, assim como da separação de fatos e opinião, “dão origem à prática de assegurar que as afirmações dos *media* sejam fundamentadas em afirmações ‘objetivas’ e ‘autorizadas’ de fontes ‘dignas de crédito’” (HALL *et al.*, 1999, p.229). Há, como tal, fontes privilegiadas, as quais atestam de forma mais inequívoca esses parâmetros e que, como tal, estreitam as vozes.

No processo de construção da notícia, cabe ao jornalista apurar os fatos, recortá-los e enquadrá-los, a fim de torná-los compreensíveis ao público em geral. O Gráfico 12 indica o número de menções dos principais atores envolvidos nos protestos de 2013, em ambos os veículos analisados. Conforme podemos perceber, a *Folha de S.Paulo* mencionou o MPL em 91% das matérias analisadas e, embora tenha ocorrido uma mudança no posicionamento do veículo, após os vídeos de abuso da Polícia Militar (PM), como pode ser observado no Gráfico 5, os posicionamentos em relação aos manifestantes, incluindo o MPL, variaram entre

negativos, equilibrados e neutros. O jornal caracterizou ainda, nas primeiras manifestações, o Movimento idealizador dos protestos como estudantes ligados à esquerda radical e ao anarquismo. No *Estado*, o MPL aparece em segundo lugar em número de menções, com 25%.

Gráfico 12 - Número de menções dos principais atores envolvidos por veículo.



Fonte: elaboração própria, a partir das matérias veiculadas nos dois jornais analisados neste trabalho.

O segundo ator em número de menções na *Folha* é a PM, com 70%. Inicialmente, a polícia teve preferência nas menções em relação aos manifestantes; no entanto, após a intensificação do processo de criminalização dos atos e a prisão de manifestantes, que ocorreu em maior número, atingindo, inclusive, jornalistas e cidadãos que não participavam ativamente dos protestos, outras vozes passaram a ser ouvidas. Na cobertura d’*O Estado de São Paulo*, a polícia obteve o maior número de menções, 41%.

Devemos lembrar que as fontes de informação são elementos fundamentais da produção noticiosa. De acordo com Santos (2006, p.75), “A estratégia seguida pela fonte é fazer chegar aos jornalistas informação julgada útil para a sua organização. Apesar de as regras habituais indicarem que as fontes devem prestar informação correta, muitas vezes trabalham com dados falsos”. Esse mesmo autor considera que os jornalistas preferem as fontes oficiais, apesar de nem sempre serem rápidas nas respostas, o que explicaria tantas aparições da PM durante a cobertura dos eventos, pois, provavelmente, ocorreram respostas rápidas aos questionamentos dos jornalistas.

Para Sádabra (2007), de acordo com a teoria do enquadramento, o jornalista tende a influenciar o modo como o assunto será noticiado. Segundo o autor, o termo “*frame*” foi cunhado por Gregory Bateson, em 1955, para explicar por que os homens se detêm em alguns aspectos da realidade e não em outros. Na tradução literal do Inglês, “*frame*” significa a moldura que separa quadros e espelhos da parede; portanto, o termo “*framing*” se aproximaria do ato de escolher o que fica dentro ou fora da imagem a ser vista.

Em Comunicação, o *framing* ou enquadramento, como preferem alguns teóricos, começou a ser utilizado em pesquisas sobre como os movimentos sociais, principalmente os estudantis dos anos 1960, eram tratados pela mídia e como esse tratamento deveria ser modificado a fim de que atraísse a atenção e o apoio de uma parcela maior da população. Atualmente, a teoria do enquadramento serve para identificar como os produtores de notícias selecionam e, mais do que isso, interpretam os conteúdos veiculados. Conforme Sádabra (2007), as fontes utilizadas pelos jornalistas também exercem influência sobre a realidade por eles construída:

Os jornalistas utilizam frames narrativos, porque eles facilitam sua tarefa de enquadrar a complexidade do mundo. Consciente ou inconscientemente, os jornalistas sabem que esses frames dramáticos são rapidamente compreendidos pelos receptores que os utilizam frequentemente no mundo da vida. São, portanto, definidores prévios da situação de comunicação que se vai estabelecer. Frames de recíproca interação através dos quais os interlocutores tornam possível a comunicação jornalística. (MOTTA, 2007, p.1)

Através da escolha de "aspas", o repórter também pode promover determinadas interpretações em detrimento de outras. Como explica Tuchman (1980, p. 81-82), "os jornalistas veem as citações de opiniões de outras pessoas como uma forma de prova suplementar. [...] Ao acrescentar mais nomes e citações, o repórter pode tirar as suas opiniões da notícia, conseguindo que os outros digam o que ele próprio pensa". As fontes podem ser utilizadas, portanto, para corroborar as opiniões do repórter. No processo de construção da notícia, a seleção de aspas e argumentos funciona também como seleção de interpretações.

Percebemos que a *Folha* não destacou os *Black Blocs* (2%) e os *Punks* (1%) durante a cobertura, embora ambos tenham participado dos atos desde o início, passando, depois, a serem “*personas non gratas*” nas manifestações. O *Estado* também não citou à exaustão os *Black Blocs* (2%) e os *Punks* (2%). Devemos destacar que, após os protestos ganharem projeção nacional, os *Black Blocs* se “descolaram” das ações do MPL e utilizaram sua tática mais agressivamente, atacando bancos, prédios públicos e aparatos da mídia tradicional. Foi quando

a tática passou a ser criminalizada pela imprensa e pelo poder público, que, contudo, não podia reagir de forma violenta dada a repercussão negativa dos excessos cometidos pela polícia nos primeiros dias.

Cabe ressaltar que, de acordo com Dupuis-Dèri (2013,p.22), todos os homens e mulheres que conhece que participaram dos *Black Blocs* são ativistas, alguns muito experientes. Eles ficaram um tanto desiludidos porque chegaram à conclusão de que os métodos pacíficos são muito limitados e jogam a favor dos poderes no comando. Então, para deixarem de serem vítimas, eles acharam melhor usar a violência. Há ainda, a possibilidade de sabotagens realizadas pela repressão às ações de desobediência civil, que, infiltrada no contingente de manifestantes, pratica atos a fim de desqualificar a ação dos *Black Blocs* ou outros grupos de bloqueio, como os Anarcopunks.

Neste momento, retomamos a importância de se levar em consideração os enquadramentos na cobertura de movimentos sociais e protestos. Como já exposto por Gitlin (1980) e por outros autores aqui, a mídia tem o potencial de "impor" seus enquadramentos para o público. Gamson e Wolfsfeld (1993,p.116) explicam ainda que os movimentos sociais dependem dos canais midiáticos para gerar "simpatia do público" para sua causa. Mesmo que as redes sociais (como discutido no capítulo 3 deste trabalho) tenham possibilitado mais liberdade aos movimentos, Gamson e Wolfsfeld (1993, p.116, tradução nossa) lembram que os manifestantes ainda precisam conseguir validação, e "os refletores da mídia validam o fato de que o movimento é um ator importante".

Para a *Folha*, o MPL é formado por “radicais” de partidos de esquerda, que têm a “ausência” de hierarquia como componente que compromete a negociação com a polícia em situações de tensão.

Além disso, as matérias já abordadas neste trabalho corroboram essa posição onde o jornal, sobretudo no início das manifestações, vê o MPL como um grupo “predisposto” à violência, que se “vangloria” por “parar” a cidade, defendendo uma bandeira “irreal”. Estando, ainda, em uma situação “marginal” e “sectária”. A partir do momento em que os protestos haviam se espalhado pelo país, o MPL passa não mais a ser o responsável, mas, sim, “conivente” por “não repudiar” a ação de manifestantes que promoviam atos de “vandalismo”.

O que se percebe, em meio à opinião pública, é que a manifestação vai ganhando ares de humanidade, ou seja, deixa-se de se observar somente o “caos” e a “destruição” e passa-se a notar o elemento “humano”, a pessoa, ou seja, os efeitos diretos sobre o policial, o manifestante, o passante, o repórter. Isto vai ser percebido nas matérias d’O *Estado de São Paulo* do dia 14: “Haddad convida o Movimento Passe Livre para reunião”. A mudança na cobertura também

em: “Ministro da Justiça diz que houve 'excesso' de policiais”; “Vídeo mostra suposto tiro da PM em direção a janela de prédio” e “Paulistanos gastam R\$ 4,5 bilhões com passagem de ônibus”.

Ou seja, a situação caótica continua a ser tratada, mas sob um olhar distinto. Ela traz prejuízos, mas não só à cidade e seus moradores, mas também, aos próprios protagonistas da batalha: policiais, manifestantes e jornalistas, que ficam entre eles, surgem agora como “vítimas” que não podem ser ignoradas. É nesse contexto que o jornal começa a dar mais atenção àquela violência, potencialmente maior, que vem da polícia, com suas bombas, gás e tiros de borracha.

Dois dias depois (16/6), o jornal traz as seguintes matérias: “Ampla maioria quer protesto pacífico, diz secretário”; “Governo de SP descarta Tropa de Choque em novo protesto” e “Manifestantes vão filmar e denunciar ação de vândalos”, que mostram claramente que a cobertura não é estática, prisioneira da opinião do veículo, e sim, dinâmica, acompanhando, forçosamente, a dinâmica dos acontecimentos e sua ressonância na opinião pública.

Se a atividade simbólica é uma característica penetrante da vida social, há, entretanto, uma grande variedade de instituições que assumem um papel particular historicamente importante na acumulação dos meios de informação e de comunicação. Estas incluem [...] instituições da mídia, que se orientam para a produção em larga escala e a difusão generalizada de formas simbólicas no espaço e no tempo. (THOMPSON, 1998, p. 24) .

A partir dessa ideia, é coerente afirmar que, nesse processo envolvendo as formas simbólicas, a mídia vai buscar criar imagens, do ponto de vista sociopolítico, que ela tem interesse que o seu público tenha acesso. Dessa forma, acontecimentos da vida política, econômica, científica, cultural e até mesmo a vida íntima de indivíduos anônimos ou famosos ganham, na mídia, o caráter, muitas vezes, maniqueísta de bons e maus, ou seja, daqueles que são movidos por interesses supostamente escusos ou que vão de encontro ao que a própria mídia considera como normalidade, em contraposição àqueles que sofrem as consequências danosas. Como pudemos observar ao analisar os dois maiores jornais de São Paulo, políticos e a mídia deixaram o lugar de protagonistas do espaço público de discussão e abriram espaço para as manifestações e a opinião pública que, mesmo em seu caráter difuso, tornaram os discursos mais dinâmicos talvez mais do que gostariam, esses conglomerados da mídia.

4.5 O PODER EXECUTIVO PÓS-PROTESTOS

O início da gestão de Fernando Haddad (PT), em 2013, foi muito desafiador. A dívida de São Paulo ainda não havia sido recalculada e surgiram dificuldades políticas como os protestos de 2013, que travaram o reajuste das tarifas de ônibus. Nesse cenário, o prefeito passou a propor medidas ousadas no corte de gastos.

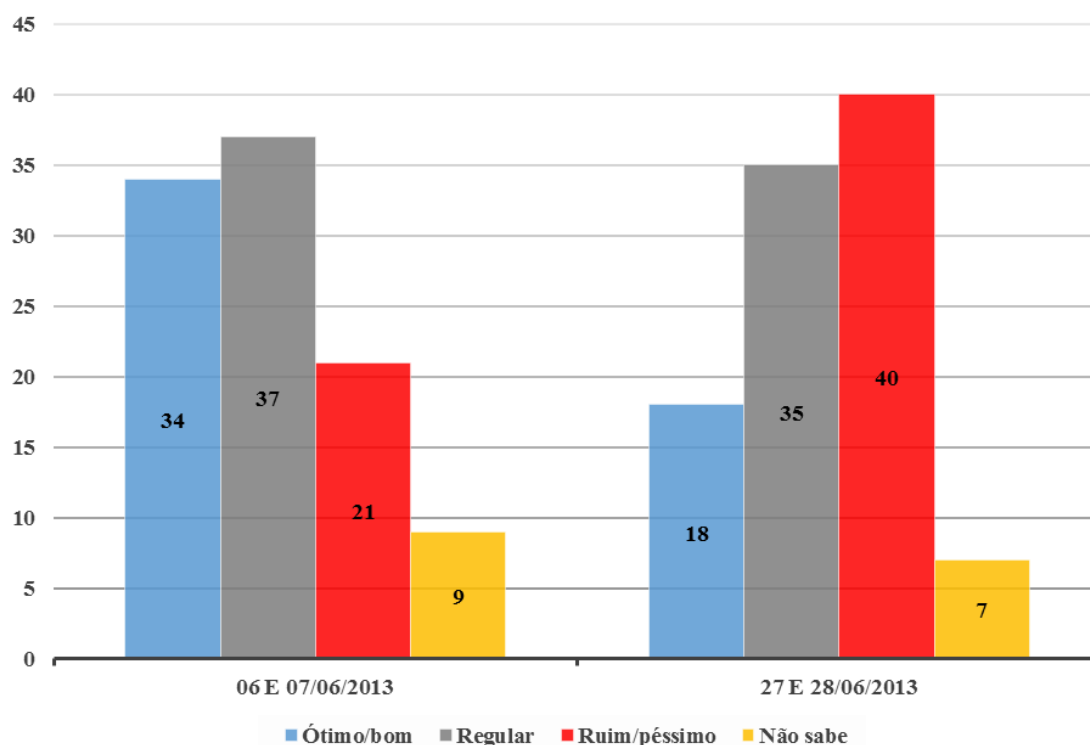
A questão da tarifa havia se tornado um problema para a equipe econômica, que lutava contra o repique da inflação. Eu sabia que me seria demandado algo muito difícil: a manutenção do preço depois de um congelamento que já durava dois anos, já que o último reajuste da tarifa em São Paulo ocorrera em janeiro de 2011. Assim, cheguei à reunião com uma proposta alternativa. (HADDAD, 2017)

No terceiro ato, que ocorreu no dia 11 de junho, o prefeito Fernando Haddad (PT) e o governador Geraldo Alckmin (PSDB) estavam em Paris divulgando a candidatura da cidade de São Paulo, a fim que esta sediasse a Expo 2020. Eles mantiveram suas posições em relação aos manifestos via declarações à imprensa e em redes digitais, com destaque para a declaração do prefeito em entrevista à *Rádio CBN*:²¹ “Eu disse e repito que não vou dialogar em uma situação de violência, falei várias vezes. A renúncia à violência é pressuposto ao diálogo. A prefeitura dialoga com todos os movimentos sociais, não tem preconceito”.

Após analisar os dados divulgados pela pesquisa do Instituto Datafolha, que entrevistou 1.106 pessoas em cada ciclo, nos dias 6 e 7 e nos dias 27 e 28 de junho, percebemos que houve uma queda de 16 pontos percentuais na avaliação positiva do prefeito Fernando Haddad (PT) – de 34% decaiu para 18% (Gráfico 13).

²¹ (<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/nao-vou-dialogar-em-situacao-de-violencia-diz-haddad-apos-protesto.html>)

Gráfico 13 - Avaliação da popularidade do prefeito de São Paulo no início e ao término do período analisado.



Fonte: elaboração própria, a partir dos dados divulgados pela pesquisa Datafolha de 28 de junho de 2013.

Esse intervalo entre uma análise e outra corresponde ao período em que manifestantes tomaram as ruas de São Paulo, pedindo a revogação do aumento de R\$ 0,20 na tarifa do transporte público. Fernando Haddad (PT) e o governador Geraldo Alckmin (PSDB) recuaram e fizeram a tarifa voltar ao valor de R\$ 3,00 para ônibus, metrô e trens.

O percentual de entrevistados pelo Instituto que consideraram o prefeito ruim ou péssimo subiu de 21%, no início dos atos, para 40%, muito embora o reajuste da tarifa tenha sido revogado e Haddad (PT) tenha aberto as tratativas de diálogo com o MPL. No entanto, os dados demonstram a perda de credibilidade da população em relação às medidas adotadas pelo Poder Executivo no intervalo dos ciclos. Por fim, a pesquisa evidenciou que aqueles que consideravam o prefeito regular ou não sabiam mantiveram-se praticamente estáveis, com uma pequena queda de 2%.

O dia 18 de junho teve o maior índice de atuação negativa atribuída a Fernando Haddad (PT), prefeito da capital – 55% (Gráfico 14). Até essa data, o gestor ainda não havia admitido a possibilidade de rever o valor da tarifa dos ônibus, mesmo após vários dias seguidos de protestos contra o reajuste de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. Já nas pesquisas seguintes, no dia 21 e nos dias 27 e 28 de junho, a avaliação do prefeito teve uma ligeira melhora, subindo para 17% em 21 de junho e chegando a 19% de avaliação ótimo/bom em 27 e 28 do mesmo mês. Muito provavelmente, a tendência de melhora foi alavancada pelo fato de, no dia 19 de junho, Fernando Haddad (PT) e o

governador, Geraldo Alckmin (PSDB), terem sucumbido às pressões das ruas e revisto a decisão do aumento.

Durante a campanha de 2012, Fernando Haddad chegou a encomendar a alguns pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas (FGV), encabeçados pelo professor Samuel Pessôa, um estudo sobre a eventual municipalização da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), como fonte de financiamento do transporte público. A Cide é um tributo de arrecadação vinculada, de competência da União, que incide sobre a importação e a comercialização de gasolina, diesel e derivados. A ideia seria a municipalização desses recursos, a fim de que o transporte individual motorizado nas grandes cidades respondesse pelo subsídio ao transporte público.

Apresentamos, então, os números do estudo da FGV, provando inclusive que o resultado que se teria optando por aumentar a gasolina em vez da tarifa dos transportes coletivos seria deflacionário. O que oferecíamos ao governo federal, portanto, era uma alternativa que ia ao encontro daquilo que eles pretendiam, com um ganho de política pública indiscutível. Criava-se uma espécie de “pedágio urbano”, desestimulando o uso do carro e estimulando o do transporte coletivo, mais barato. Argumentei que o represamento do preço da tarifa não seria um bom expediente para combater a inflação. Mesmo que o Rio de Janeiro também o adotasse, como era o plano, estávamos falando de um único “preço”, em apenas duas cidades. Imaginar que tal congelamento pudesse colaborar significativamente para combater a inflação em âmbito nacional não me parecia razoável. Fiz, por fim, um apelo: “O tamanho do esforço que terei de fazer no plano local, com um impacto de 600 a 700 milhões de reais por ano, é desproporcional ao benefício que vocês terão. É um sacrifício enorme para um primeiro ano de mandato e não vai ter o efeito que vocês imaginam.” O governo, porém, mantinha-se inflexível. (HADDAD, 2017)

De acordo com Miranda (2017), em seus relatos, Haddad (2016;2017) demonstra de saída uma perplexidade com o surgimento dos protestos de massa, considerando que “(...) tínhamos dez anos de crescimento real do salário, a menor taxa de desemprego, inflação relativamente controlada. Não tinha elementos para o povo estar na rua.” (BERGAMO, 2016) e que “os serviços públicos continuavam em expansão, e os direitos previstos na Constituição seguiam se ampliando.”(HADDAD, 2017)

Tal análise de Haddad parece simplificar e superestimar o contexto político do momento, o que acarreta vários equívocos. A título de exemplo, ele ignora a desaceleração no crescimento econômico no período anterior a junho (o PIB do país cresceu 7,5% em 2010, 4% em 2011 e 1,9% em 2012) e variações regionais nos índices de preços, que indicavam pressões inflacionárias superiores aos reajustes salariais para setores da população das grandes cidades, as quais protagonizaram os principais protestos de rua (SINGER, 2013). Haddad (2017) se

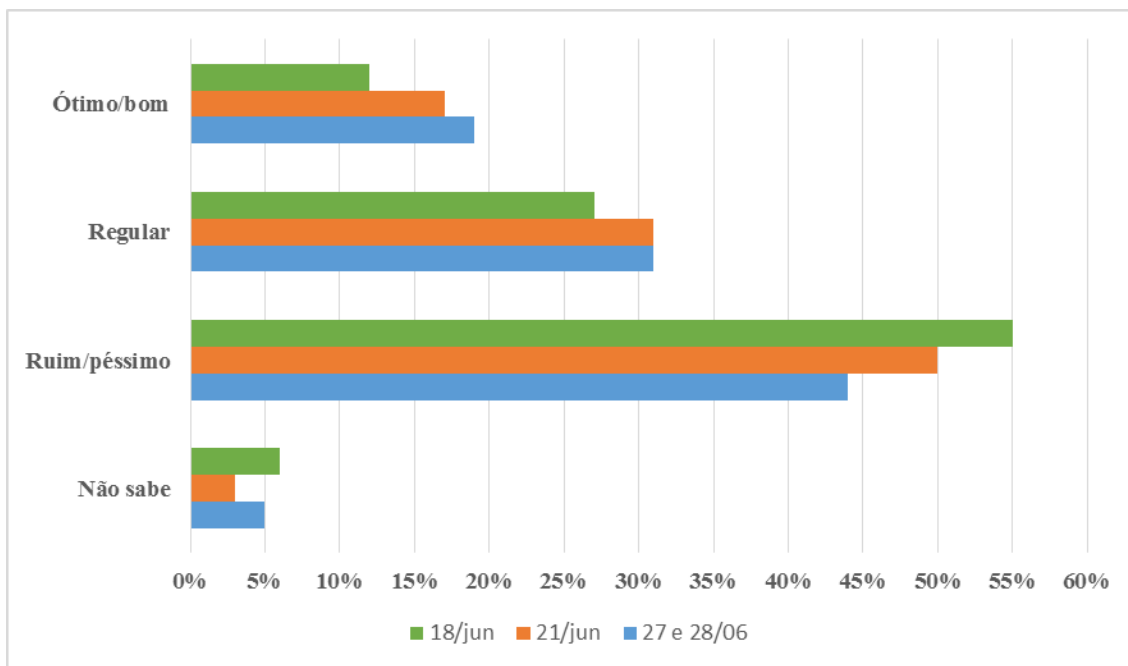
propõe a interpretar e explicar as manifestações de 2013 a partir de três pontos principais. Inicialmente, identifica que uma razão para o sucesso dos protestos seria o fato de Junho ser uma possibilidade para a expressão do incômodo das classes médias, achatadas pelo avanço dos pobres e cada vez mais afastadas dos ricos. O incômodo relatado por Haddad seria essencialmente conservador, referente à perda de privilégios de tal classe, como a mão de obra barata para serviços domésticos. Antes de junho de 2013, estaria sendo canalizado na oposição de parte da classe média à relativa ascensão de grupos vulnerabilizados, como a população negra, as mulheres e a população LGBT.

Na sequência, o autor afirma que a forma dos protestos, de feição mais horizontal e associados à linha política autonomista do Movimento Passe Livre e de outros movimentos que capitanearam as manifestações pelo Brasil, facilitou sua assimilação e “sequestro” pelos movimentos conservadores. Considera, portanto, que “o impeachment de Dilma não ocorreria não fossem as Jornadas de Junho” (HADDAD, 2017).

Por fim, o ex-prefeito de São Paulo alega que a dinâmica nas redes sociais naquele período se caracterizou pelo individualismo, o baixo interesse no debate e por ações patrocinadas por agentes interessados.

Miranda (2017) caracteriza a interpretação do ex-prefeito, como equivocada e fora do lugar. Segundo o autor, em primeiro lugar, é evidente que Junho teve uma feição muito mais progressista do que conservadora no que diz respeito a temas culturais. Um tema frequente no período era a oposição ao Pastor Marco Feliciano, à época na presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, e ao projeto da “cura gay” – o projeto fora arquivado no mês seguinte.

Outros temas citados pelo ex-prefeito, como cotas raciais, aborto e Bolsa Família não apareceram com qualquer relevância, mesmo nos momentos mais difusos e críticos ao PT. Junho, portanto, se caracterizou por ser um momento mais de contenção do que de disseminação de discursos conservadores e reacionários (SILVEIRA, 2016).



Fonte: elaboração própria, a partir dos dados divulgados pela pesquisa Datafolha de 28 de junho de 2013.

Marchiori (2012) alinhada a essa perspectiva, ressalta que os atores sociais, nesses espaços, estabelecem novas formas de comunicação. Nesse sentido, manifestações como essas aconteceriam e ganhariam audiência porque, nas redes sociais online, os cidadãos tornam-se parte do processo de produção da informação. A rede anula a distinção entre emissor e receptor e oferece aos internautas o poder comunicativo e de manifestação e criação de informação. Ela pontua que: “As fórmulas da sociedade de massa, baseada na distinção identitária entre o emissor e o receptor, entre empresa e consumidor, instituições e cidadãos, informante e público, não conseguem mais explicar a complexidade e o dinamismo das interações sociais contemporâneas” (p.156).

Em 2014, após um ano e seis meses de mandato, o prefeito de São Paulo atingiu o pior índice de reprovação já registrado desde o início da sua gestão, segundo a pesquisa do Datafolha. A insatisfação com a administração de Haddad (PT) passou de 36%, em junho, para 47%, em julho. Até então, a pior avaliação negativa havia sido registrada após os protestos de junho de 2013.

Esse aumento na avaliação negativa ocorreu em menos de um mês. Nesse período, São Paulo recebeu cerca de 500 mil turistas para a Copa do Mundo e a prefeitura enfrentou dificuldades na organização de alguns espaços, como na Vila Madalena (zona oeste de São Paulo).

A administração também viu crescer as manifestações de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Foram pelo menos 30 dias com protestos desde o início do

ano. O prefeito acumulou ainda desgastes de meses anteriores. Em dezembro de 2013, a Justiça barrou a tentativa da Prefeitura de aumentar o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). O prefeito chegou a recorrer, mas perdeu.

Se Haddad enunciou uma posição fortemente negativa sobre as Jornadas de Junho, outra parte da esquerda brasileira parece superestimar as virtudes do evento – como no caso da interpretação do filósofo Pablo Ortellado (2013;2017).

Para o professor, o apoio maciço da população às manifestações e a ampla mobilização da sociedade civil observada naquele processo dão elementos para afirmar que Junho representou um momento de afirmação de um verdadeiro “pacto social” em defesa dos direitos sociais e do combate à corrupção (ORTELLADO, 2017). O evento ainda teria se caracterizado pela maturidade e compreensão estratégica de alguns dos atores centrais nos protestos, como o Movimento Passe Livre (ORTELLADO, 2013).

O potencial transformador daquela série de acontecimentos teria sido reprimido devido à ação das forças políticas estabelecidas, que teriam cindido o conteúdo reivindicatório de Junho – resumido aqui a seus dois componentes principais: 1) melhoria e ampliação dos serviços públicos e 2) combate à corrupção e ao modus operandi da política brasileira:

De um lado, a esquerda da sociedade civil, ludibriada pelos partidos, foi levada a acreditar que os que se indignavam com a corrupção não passavam de cínicos que, no fundo, só queriam reverter as conquistas sociais dos anos Lula. Do outro lado, novas e velhas lideranças políticas faziam os indignados com a corrupção acreditarem que a esquerda era toda ela composta de petistas sem caráter que defendiam a corrupção. (ORTELLADO, 2017)

Essa divisão, que em sua visão parece ser artificialmente criada, teria provocado o enfraquecimento do poder reivindicatório da sociedade civil, permitindo a ascensão ao poder de um grupo político cujas pautas seriam opostas às pautas consensuais na sociedade civil.

Já para Miranda (2017), não existem elementos para considerar as manifestações de junho de 2013 e suas reverberações imediatamente posteriores como um “pacto fundador” ou um momento constituinte fundamental da política brasileira. O fenômeno em questão indica ter sido mais um sinal de desgaste e esgotamento do pacto político vigente desde 1988 do que um momento de surgimento ou afirmação de um novo.

Diversas pautas de grande importância encontraram maior ressonância e destaque no debate público a partir de junho de 2013. O tema da violência policial se desdobrou em propostas de mudança do modelo de polícia (e sua desmilitarização). Também houve uma notável inserção das pautas da mobilidade urbana e do direito à cidade, puxados pela bandeira da gratuidade no transporte público, assim como foi frontalmente questionada a realização dos

grandes eventos no país, bem como os inúmeros incentivos fornecidos à FIFA e os instrumentos jurídicos de exceção criados para Copa do Mundo e Olimpíadas – tudo isto associado à defesa de serviços públicos gratuitos e de qualidade (MARICATO et al, 2013).

Por fim, cumpre ressaltar que existem diversos elementos de junho de 2013 que foram pouco estudados ou compreendidos até o presente momento. Percebe-se uma baixa assimilação, nos balanços sobre os significados e as consequências das manifestações de 2013, das diferenças de magnitude, composição social, capilarização e formato das manifestações em diferentes cidades e regiões do país.

Para Bianchi (2016) diversos grupos surgidos nos últimos anos se valeram do acúmulo obtido no novo ciclo de mobilizações pós-2013 para desenvolver novas formas de penetrar na política institucional, tensionando a forma-partido em prol de uma concepção de partido-movimento. Alguns exemplos são movimentos voltados às eleições municipais de 2016, como o movimento Se a Cidade Fosse Nossa, organizado em torno da candidatura de Marcelo Freixo à prefeitura do Rio de Janeiro, as Muitas – Cidade que Queremos, em Belo Horizonte e a Bancada Ativista, em São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É relevante ponderar que, após analisar os dois jornais da capital, tanto a *Folha de S.Paulo* quanto *O Estado de S. Paulo*, houve coberturas consideradas parciais até 14 de junho, o que contribuiu para que a imprensa fosse criticada e até hostilizada pela sociedade e por manifestantes. Além disso, a mídia foi acusada de incitar a violência.

A pesquisa revelou que, embora a *Folha* e o *O Estado* tenham noticiado a atuação do movimento e inclusive dedicado matérias que explicavam o grupo aos seus leitores, essa cobertura se deu por meio da utilização de uma série de adjetivos e destaques da atuação do MPL que tinham muito mais a intenção de deslegitimar o movimento, enfatizar os danos ao patrimônio público e trazer pânico à população com um clima beligerante, conforme percebemos nas recorrências lexicais negativas dos dois veículos.

O fato a se observar é que a mudança de posicionamento dos jornais ficou evidente. No caso dos veículos analisados, a heroica Polícia Militar (PM), de uma hora para outra, passou a ser vilã, como demonstram as matérias “Ministro da Justiça diz que houve ‘excesso’ de policiais” (*Estado*) e “Após golpear carro da corporação em protesto em SP, PM diz que tirava estilhaços” (*Folha*), ambas do dia 14 de junho.

Os veículos analisados trouxeram ao público suas fragilidades de ideias e perderam a oportunidade de trazer para o debate dos atores sociais questões de extrema relevância para o país, ao fomentarem o consumo de notícias pífias e negarem a oportunidade de formar leitores conscientes. Os acontecimentos e os próprios manifestantes foram apresentados inicialmente de forma marginal, dando-se a aparência de estudantes esquerdistas que só queriam tumultuar as ruas. O estranhamento veio com a permanência desses jovens nas ruas por um período superior ao que se poderia imaginar e com a anuência de setores médios da sociedade, os quais passaram também a ocupar o espaço urbano, reconhecendo-se como parte afetada por ele.

Antes de concluir a presente pesquisa, cabe reforçar que, no dia 11 de janeiro de 2018, o Movimento Passe Livre (MPL) convocou uma manifestação em São Paulo para protestar contra o aumento da tarifa do transporte urbano, que sofreu reajuste no dia 7 daquele mesmo mês.

Outra coincidência foi o valor da alta, R\$ 0,20, como em 2013. Dessa vez, a tarifa básica de ônibus, metrô e trem passou de R\$ 3,80 para R\$ 4,00. Em 2013, o aumento foi de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. São 5,26% de alta agora contra 6,6%.

Segundo Ortellado (2018), “2013 foi um ano excepcional. Acontece com pouca frequência. 12% da população participou dos protestos no país”, estimou o filósofo e professor

do curso de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo (USP). Ele compara os eventos de 2013 aos de maio de 1968 na França e acredita que aquele nível de mobilização é improvável hoje. “Tivemos um pico altíssimo de manifestação em 2013 e refluíu, não sei se definitivamente”, afirma o professor. O fato é que, até o momento, o MPL não conseguiu a expressão dos movimentos de 2013, o que fica comprovado a partir da estimativa divulgada pela Guarda Civil Metropolitana (GCM), em que cerca de 420 pessoas participaram das manifestações do dia 17 de janeiro de 2018 na região do Largo da Batata.

A tarifa de ônibus em São Paulo ficou congelada em 2017, primeiro ano de gestão do prefeito João Doria (PSDB), e a alta do mês de janeiro de 2018, de 5,26%, ficou abaixo da inflação acumulada desde o último aumento, em janeiro de 2016, que corresponde a 9,4% segundo o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A nova tarifa foi anunciada conjuntamente pelo prefeito Doria e pelo governador Geraldo Alckmin, ambos do PSDB.

Em 2013, com os protestos, o aumento foi revertido pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB) e pelo então prefeito Fernando Haddad (PT), mas não foram apenas os governantes que cederam. Junho de 2013 deixou também uma importante lição: a de que, com a força das articulações propiciadas pela Internet, diante de novas formas de mediação, não há mais espaço para a visão imperativa dos jornais. Mas, essa convergência não significou a perfeita estabilidade ou unanimidade no cenário comunicacional.

O fato é que as tecnologias têm aproximado a relação entre o emissor e o receptor da informação. A conectividade por meio das redes sociais faz com que os indivíduos sejam ao mesmo tempo produtores, consumidores e comentaristas da notícia. Diante desse protagonismo do internauta na geração e na oferta de conteúdo, o jornalista tem menos controle da informação e tempo para a produção da informação. Enquanto profissionais da área, continuamos a busca por uma receita que tenha o equilíbrio entre agilidade, credibilidade e envolvimento do usuário no processo produtivo do jornalismo na época da convergência das mídias.

São Paulo havia vencido – não a guerra, mas uma batalha. Restam ainda outras, como a melhora nas áreas da saúde, educação, segurança, além do fim da corrupção e dos desmandos políticos.

De acordo com Della Porta e Diani (2006), um protesto pode ser definido por sua capacidade de mobilizar a opinião pública por meio de formas pouco convencionais, que escapam à rotina, e de assim pressionar aqueles que tomam as decisões ou fazem as leis, consideradas injustas ou inadequadas. Podemos dizer que São Paulo soube aproveitar este cenário conflituoso, pois a partir dele, o município criou um conselho para a área de transporte

e trânsito na conjuntura dos Protestos. O Conselho Municipal de Transporte e Trânsito (CMTT) foi criado pelo Decreto nº 54.058, de 1º de julho de 2013, do prefeito Fernando Haddad. A criação por decreto ainda não possui a força institucional de uma lei, mas constitui um avanço em relação à Portaria 040 de 2000, que era inferior em termos normativos, criada na gestão de Marta Suplicy.

De forma sucinta, apresentamos os três fatores que conforme aponta Barbosa (2018) foram essenciais para a criação do Conselho Municipal de Transporte e Trânsito de São Paulo em 2013. O primeiro fator foi o social: os Protestos de Junho de 2013, que se iniciaram com reivindicações contra o aumento da tarifa de ônibus no município de São Paulo. O segundo é institucional: a Política Nacional de Mobilidade Urbana, criada pela Lei 12.587 de 2012, e o terceiro é político – a abertura da CPI dos Transportes.

Ainda de acordo com Barbosa (2018), nos primeiros anos de sua atuação, o CMTT se consolidou como um importante espaço institucional de debate e participação, permitindo a conciliação de diversos interesses e efetuando a prestação de contas das ações planejadas e executadas pelo governo municipal. Desse modo, as políticas de mobilidade urbana foram democratizadas. O Conselho possui como potencialidade a colocação da sociedade civil, da sociedade política e de grupos com interesses econômicos no mesmo espaço de diálogo e conflito, de modo a criar um mecanismo de pesos e contrapesos que produzem certo equilíbrio nas discussões.

Ao retornarmos ao nosso foco comunicacional, concluímos assim que, a falta de pluralidade de temas e de veículos que compõem a macromídia é sintomática da relação entre mídia e movimentos sociais, pois em um país aonde persiste um nível de desigualdade elevado, é mais do que necessário que as lutas sociais tenham visibilidade perante toda população. Dessa forma, os meios de comunicação, quando barram as tentativas de grupos em expor suas demandas, não estão permitindo que as pessoas possam exercer plenamente a cidadania

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. **A batalha pela presidência: o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral na campanha de 1989.** Tese (Doutorado em Ciências Políticas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.
- ALDÉ, A. **A construção da política.** Cidadão comum, mídia e atitude política. 2001. Tese (Doutorado). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- ALMEIDA, T. D. R. **Midiativismo e coberturas jornalísticas: mídias livres, movimentos em rede e estratégias de contrapoder.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2015.
- ARAÚJO, C. A. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). Op.cit. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis: Vozes, 2001. p.121-122.
- ARENDT, H. **A condição humana.** Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- AZEVEDO, F. A. Agendamento na política. In: RUBIM, Antonio Albinos Canelas (Org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens.** Salvador: Edufba, 2004.
- BARBOSA, G. H. **O Conselho Municipal de Transporte e Trânsito de São Paulo (CMTT/SP): participação e mobilidade urbana.** Tese (Doutorado Ciência Política). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2018.
- BARDOEL, J.; DEUZE, M. **Network Journalism: converging competences of old and new media professionals,** 2000. Disponível em: <<http://home.pscw.uva.nl/deuze/pub19.htm>>. Acesso em : 29 jun. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARTKIW, P.I. N. O poder da comunicação das redes sociais nos movimentos populares. **Revista Estudos da Comunicação,** Curitiba, v. 17, n. 42, p.120-135, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/download/22547/21631>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- BERGAMO, M. **Disputa será da direita com a extrema-direita, afirma Haddad.** Folha de S. Paulo, 21 nov. 2016. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/poder/2016/11/1833961-disputa-sera-da-direita-com-a-extrema-direita-afirmahaddad.shtml>>. Acesso em 29 jan. 2018.
- BIANCO, N. A Internet como fator de mudança no jornalismo. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação,** São Paulo, v. XXVII, n. 1, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- BIANCHI, A. Reinventar a esquerda é reorganizá-la. **Blog Junho,** 17 jun. 2016. Disponível em: <<http://blogjunho.com.br/reinventar-a-esquerda-e-reorganiza-la/>>. Acesso em 29 jan. 2018.

BIJOS, L.; SILVA, P.A. Análise da Primavera Árabe: um estudo de caso sobre a revolução jovem no Egito. **Revista CEJ**, Brasília, ano XVII, n. 59, p.58-71, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www.jf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/viewFile/1677/1707>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

BIRD, E.; DARDENNE, R. Mito, registro e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. Lisboa: Veja, 1999.

BOBBIO, N. **O futuro da democracia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BOLLINGER, B. C. *Uninhibited, Robust and Wide-Open – A Free and independent Press for a New Century*, 2010, p. 4-108. Disponível em: <https://books.google.pt/books?id=MmQ>. Acesso em: 04 mai.2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 22 abr. 2017

BRENNER, N. Teses sobre urbanização. @metropolis. **Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais**, ano 5, n. 19, dez. 2014. Disponível em: <<http://emetropolis.net/artigo/146?name=teses-sobre-a-urbanizacao>>. Acesso em: 29 jan. 2018

CAPELATO, M. H. História da Folha: as diferentes etapas. In: SINGER, A. *et al.* (Orgs.). **Um País Aberto: reflexões sobre a Folha de São Paulo e o Jornalismo Contemporâneo**. São Paulo: Publifolha, 2003, p.38-41.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. São Paulo: Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Comunicación y poder**. Madri: Allianza.2009.

CARDON, D. **A democracia internet: promessas e limites**. Tradução de Nina Vincent e Tiago Coutinho. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

COGO, D. **Mídias comunitárias: outros cenários e cidadanias**. Rio de Janeiro: Ibase, 2005. Disponível em: <www.passeidireto.com/arquivo/1114283/midias-comunitarias---outros-cenarios-e-cidadanias>. Acesso em 27 de setembro de 2017.

COCO, G. **O levante de junho: uma potentíssima bifurcação dentro da qual ainda estamos**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/526455-entrevista-especial-com-giuseppe-cocco>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

Conselho da Europam Recommendation CM/Rec (2016)4[1]. **The protection of journalism and safety of journalists and other media actors**. 13 April 2016 at the 1253rd meeting of the Ministers Deputies, 2016. Disponível em: <<https://www.coe.int/en/web/media-freedom/-/council-of-europe-adopts-guidelines-to-protect-media-freedom-and-journalists>>. Acesso em: 04 mai.2018.

COREGNATO, R.C.A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v.15.n.4,2006.

CHAUÍ, M. “As manifestações de junho de 2013 em São Paulo. **Revista Teoria e Debate**, edição 113,27 de junho de 2013.

_____.**Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

DALLARI, D. A. Formas de participação política. **Revista da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo**, v. 24, p.135-147, dez. 1985.

DAGNINO, E. “Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania”. In: Dagnino, E. (org). **Anos 90 Política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1992.

DELLA PORTA, D; DIANI, M. **Social movements: an introduction**. 2.ed. Malden:Blackwell Publishing, 2006.

DI FELICE, M. Auréola digital: a crise dos pontos de vista centrais e o fim do direito exclusivo da edição das informações. In: MARCHIORI, M.; OLIVEIRA, I. **Redes Sociais, Comunicação, Organizações**. São Caetano do Sul: Difusão, 2012. p.156.

DONADON, J. A. **Manifestações de junho de 2013: análise da atuação dos movimentos sociais e antissistêmicos**. 2016. 127 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Brasília: Universidade de Brasília, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/20817>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

DUPUIS-DÉRI, F. **Black Blocs**. São Paulo: Ed.Veneta, 2014.

ENTMAN, R. M. **Framing: toward clarification of a fractured paradigm**. Journal of Communication, vol. 43, n. 4, 1993.

FREDERICO, C. **Da periferia ao centro: cultura e política em tempos pós-modernos**. Estud. av.[online]. 2013, vol. 27, n. 79, p.239-255.

FREITAS, H.; CUNHA, M.; MOSCAROLA, J. Aplicação de sistema de software para auxílio na análise de conteúdo. **RAUSP**, São Paulo, v. 32, n. 3, p.97-109, jul./set. 1997.

FIGUEIREDO, M; MARTINS, A. **A subjetividade em xeque**. Observatório da imprensa. São Paulo,set.2002.Disponível em: <http://www.observatorioidaimprensa.com.br/artigos/mid180920023.htm>.Acessoem:10mai.2018.

FORTUNATI, J. Entrevista ao Poder e Política. **Portal UOL**. Brasília, 18 dez. 2014. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/12/18/2015-comeca-com-onibus-mais-carro-em-capitais-diz-frente-de-prefeitos.htm>> Acesso em: 10 mai.2018.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GAMSON, W. A. **Talking Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

_____; MEYER, D. S. Framing political opportunity. In: MCADAMS, Doug; MCCARTHY, John D.; ZALD, Meyer N. (Org.). **Comparative perspectives on social movements: political opportunities, mobilizing structures and cultural framings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 275-290.

_____; MODIGLIANI, A. The changing culture of affirmative action. In: BRAUNGART, Richard D. (Org.). **Research in political sociology**, vol. 3. Greenwich: JAI Press, 1987, p. 137-177.

_____. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. **American Journal of Sociology**, vol. 95, n. 1, p. 1-37, 1989.

_____; WOLFSFELD, G. Movements and media as interacting systems. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Vol. 528, Citizens, Protest, and Democracy p. 114-125, jul. 1993.

GITLIN, T. **The Whole World is Watching: mass media in the making and unmaking of the new left**. Berkeley: University of California Press, 1980.

GIOVANAZ, F. P. **Regulação dos meios de comunicação e efetivação da democracia no Brasil**. 2013. 60 f., il. Monografia (Curso de Graduação em Direito). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/35512/30.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 ago.2017.

GILL, R. Análise de Discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2002. p.244-70.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**. Boston: Northeastern University Press, 1974.

GOHN, M. G. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e Praças dos Indignados no Mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Sociologia dos movimentos sociais: Indignados, Occupy Wall Street, Primavera Árabe e mobilizações no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2013.

_____; BRINGEL, B. M. (Orgs.). **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOLAN, G. Inter-media agenda-setting and global news coverage: Assessing the influence of the New York Times on three network television evening news programs. **Journalism Studies**, vol. 7, n. 2, p. 323-333, 2006.

GOMES, W. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2006.

GUAZINA, L. **Alinhados com o poder**: um estudo sobre a cobertura política do Jornal Nacional e do Jornal da Record (março-agosto/98). 2001. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

_____. **Jornalismo em busca de credibilidade**: A cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão. 2011. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. V. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GREGORI, L. Transporte Gratuito é Possível. Entrevista. **Portal ABCD Maior**. 15 jun. 2013. Disponível em: < http://abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=51148>. Acesso em 10 mai.2018.

HADDAD, F. Vivi na pele o que aprendi nos livros. Entrevista. **Piauí**. jun.2017. Disponível em: < <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/vivi-na-pele-o-que-aprendi-nos-livros/>> Acesso em 10 mai.2018.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HERMAN, E. A diversidade de notícias: marginalizando a oposição. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega Editoria, 1999.

HALL, S. *et al.* A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005.

HARVEY, D. A liberdade da cidade: In: HARVEY, D; MARICATO, E; et al. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Boitempo, 2013.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: ed. 34, 2003b.

IYENGAR, S. **Is Anyone Responsible?**. Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 1991.

JUDENSNAIDER, E. *et al.* **Vinte centavos**: a luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre moderno e pós-moderno. Bauru: EDSC, 2001.

KRIPPENDORFF, K. **Metodología de análisis de contenido** – teoria y práctica. Barcelona: Paidós, 1990.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

KUNCZIK, M. **Conceitos de jornalismo** – Norte e sul. São Paulo: Edusp, 2001.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAMBERTUCCI, A. R. A participação social no governo Lula. In: AVRITZER, Leonardo (org.). **Experiências nacionais de participação social**. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Democracia Participativa).

LAKATOS, E. M. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 1985.

LEMOS, A.; PALÁCIOS, M. (Eds.). **As janelas do ciberespaço**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LEVINAS, E. **Éthique et Infini**, Lisboa: Edições 70 Lda, 1982.

LIMA, V. A. **Regulação das Comunicações**: História, Poder e Direitos. São Paulo: PAULUS, 2011.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LITTLEJOHN, S. W. **Fundamentos teóricos da comunicação humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LOBATO, E. **Raio X das telecomunicações**: oito grupos dominam as TVs no Brasil. Comunicação e Educação. São Paulo, mai./ago. 1995.

LOCATTELLI, P. **#VemPraRua. As revoltas de junho pelo jovem repórter que recebeu passe livre para contar a história**, livro eletrônico. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MCCOMBS, M. A look at Agenda-setting: past, present and future. **Journalism Studies**, vol. 6, n. 4, p. 543-557, 2005.

_____; SHAW, D. The Agenda-setting function of mass media. **The Public Opinion Quarterly**, vol. 36, n. 2, p. 176-187, 1972.

MACHADO, E. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

_____; Hipermídia: o labirinto como metáfora. In: DOMINGUES, D. (Org.). **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: UNESP, 1997.

MALINI, F. **A nova grande mídia**: a ecologia midialivista brasileira no Facebook. Disponível em: <http://www.labic.net/graf0/a-nova-grande-midia-a-ecologia-midialivristabrasileira-no-facebook/>. Acesso em 28 de set. 2017.

MARCHIORI, M. **Os desafios da comunicação interna nas organizações**. In: Revista Conexão- Comunicação e Cultura, UCS: Caxias do Sul, v.9,n.17/2010, p.145-159.

MARICATO, E., et al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MASSOT, X.; VAN DEUSEN, D. **The Black Bloc Papers: an anthology of primary texts from the North American anarchist black bloc**. Shawnee Mission: Breaking Glass Press, 2010.

MAZETTI, H. Mídia e questionamento do poder: três abordagens teóricas. In: COUTINHO, Eduardo Granja; FILHO, João Freire; PAIVA, Raquel (orgs.). **Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

MCLUHAN, M. **A galáxia de Gutenberg – A formação do homem tipográfico**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

_____. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____; FIORE, Q. **O meio são as mensagens – um inventário de efeitos**. Rio de Janeiro: Record, 1969.

MEDINA, C. **Notícia: um produto à venda : jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, J. M. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003.

MENEZES, A. S. **Jornalismo de Resistência: apropriação das estratégias discursivas do campo midiático pela Revista Sem Terra**. Dissertação. Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, 2010. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/679>>. Acesso em: 27 de jan.2018

MIRANDA, J. V. S. O conflito de interpretações nas esquerdas a respeito das manifestações de junho de 2013. Revice - **Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v.2, n.2, p. 422-435, ago./dez. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/TEMP.CMI.003/Downloads/10283-23545-1-SM.pdf>.. Acesso em: 06 jun.2018.

MIELNICZUK, L. **Características e implicações do jornalismo na Web**, 2001. Disponível em: < <https://facom.ufba.br/jol/pdf/2001>>. Acesso em 27 de jan.2018.

MORAES, D. **O ativismo digital 2001**. Disponível em:<<http://www.eco.ufrj.br/semiosfera>>. Acesso em 27 de jan.2018.

MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Enquadramentos lúdico dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 17, p.1-25, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/3461/4134>>. Acesso em: 27 set. 2017.

MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In. MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Orgs.) **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997, p.49-83.

NÉVEU, E. **Sociologie du Journalisme**. Paris: La Découverte, 2001.

NOBRE, M. **Invenção do contemporâneo especial: ruas em movimento**. São Paulo: Instituto CPFL – Cultura, 2014. Disponível em: <<http://www.cpficultura.com.br/2014/04/02/invencao-do-contemporaneo-especial-ruas-em-movimento-marcos-nobre/>> . Acesso em: 06 jun.2018.

ORLANDI, E. P. **A Análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil**. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 10., 2003, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2003. CD-ROM.

ORTELLADO, P. **Entrevista**. Blog Boitempo. 05/09/2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/category/entrevistas>. Acesso em 27 de jan.2018.

_____; **A negação de junho, quatro anos depois**. Folha de São Paulo, 13 jun. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pabloortellado/2017/06/1892297-a-negacao-de-junho-quatro-anos-depois.shtml>> Acesso em 16 jun. 2018.

_____; POMAR, M. **Vinte centavos: a luta contra o aumento**. São Paulo: Veneta, 2013.

PALACIOS, M. **O que há de (realmente) novo no jornalismo online?** Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, 21.set.1999.

PERUZZO, C. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **ECO-Pós**, v. 12, n. 2, p.46-61, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/download/947/887>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”? **Revista Matrizes**, São Paulo, ano 7, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/69407/71976>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2013

PORTO, M. Enquadramentos da Mídia e Política. In: RUBIM, Antonio Albinos Canelas (Org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004, p. 73-104.

_____. A mídia brasileira e a eleição presidencial de 2000 nos EUA: a cobertura do jornal Folha de S. Paulo. **Cadernos do CEAM**, ano II, n. 6, p. 11-32, 2001.

RAMONET, I. **A explosão do jornalismo: das mídias à massa de mídias**. São Paulo: Publisher Brasil, 2002.

RICCI, R; ARLEY, P. **Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013**. Belo Horizonte: Letramento, 2014.

ROCHA, H.C. **Habermas e a Teoria do Jornalismo: A Manipulação Ideológica no Jornalismo como Distorção Sistemática da Comunicação**. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/395/193>. Acesso em: 13 jun.2018.

ROLNIK, R. **Apresentação**. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2013/08/06/cidades-rebeldes/>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

RUBIM, A. A. C. A contemporaneidade como Idade Mídia. **SciELO Brazil Scientific Electronic Library Online** . Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Access em 29 jan.2018.

SÁDABA, T. **Framing**: el encuadre de las noticias – el binomio terrorismo-medios. Buenos Aires: La Crujía, 2007.

SANTI, V. J. **O desafio da apuração jornalística no ciberespaço**. Porto Alegre nº 24 2010/2 Famecos/PUCR. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/9021/6244>> . Acesso em 29 jan.2018.

SEMETKO, H. A; VALKENBURG, P.M. Framing European politics: a content analysis of press and television news. **Journal of Communication**, vol. 50, n. 2, p. 93- 109, 2000

SENRA, S. A produção de notícias e a esfera pública internacional. In:**Práticas midiáticas e espaço público**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. Max Headroom e o último jornalista. In: PARENTE, A. (Org.). **Imagens máquina – A era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p.162-172.

SILVA, F. C. Habermas e a esfera pública: reconstruindo a história de uma ideia. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 35, p.117-138, abr. 2001.

SILVA, J. M. **A sociedade medíocre**. 2. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2013.

SILVA, I. M. F. . **Enquadramentos de Guerra**: A cobertura do recente conflito do Iraque em dois jornais brasileiros. 2006. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVEIRA, S. A. Insurgências, redes de opinião e coletivos de intervenção. In: **Democracia Digital: publicidade, instituições e confronto político**. Ricardo Fabrino Mendonça, Marcus Abílio Pereira, Fernando Filgueiras (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, pp. 345-366.

SINGER, A. **Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas**. São Paulo: Novos estudos - CEBRAP, n. 97, p. 23-40, nov. 2013.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2010.

SOLOMON, N. **Should journalists care if sources go off to prison?** Columbia: Review, Journal, de 5 de fevereiro. . Disponível em: <http://www.cjr.org/opinion/should_journalists_care_if_sources_go_off_to_prison.php>. Acesso em: 04 mai.2018.

SOLOSKI, J. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1999.

SCHEUFELE, D. A.; TEWKSBURY, D. Framing, Agenda-setting and Priming: the evolution of three media effects models. **Journal of Communication**, vol. 57, p. 9-20, 2007.

SCHERER-WARREN, I. **Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI.** Florianópolis: Política & Sociedade, v.13, n.28, p.13-34, set/dez.2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2014v13n28p13>. Acesso em: 04 mai.2018.

_____. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais.** Soc. estado. [online]. 2006, vol.21, n.1, p.109-130. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922006000100007>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

TARGINO, M. G. **Jornalismo cidadão: informa ou deforma?** Brasília: UNESCO, 2009.

TAKEMOTO, W. **Tarifa, Mobilidade e Exclusão Social.** Coleção O Que Saber. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo.** Por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2014.

TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas.** São Paulo: Summus, 1993.

TETHERED. **The Economist.** Londres, 03 julho 2014. Disponível em: <http://www.economist.com/news/briefing/21606286-failures-arab-spring-were-long-timemaking-tethered-history>. Acesso em: 20 nov. 2017.

TUCHMAN, G. **Making News – A Study in the Construction of Reality.** New York: The Free Press, 1980.

VAINER, C. Quando a cidade vai às ruas. In: **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** 1.ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2014.

VASCONCELLOS, E.A. Mobilidade Urbana. **O Que Você Precisa Saber**, livro eletrônico. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

WOLTON, D. **Sobre la comunicación.** Madrid: Acento Editorial, 1999.

Quadro 1 - Enquadramento das notícias sobre as manifestações de junho de 2013 – Folha de S.Paulo

Título da notícia	Editoria	Valência	Data
Protesto contra tarifa de ônibus termina com 15 detidos em São Paulo	Cotidiano	Negativa	07/06/2013
Após confusão na Paulista, estudantes prometem novo protesto em SP	Cotidiano	Negativa	07/06/2013
Sem dinheiro para fiança, jovem que protestou contra tarifa em SP continua preso	Cotidiano	Negativa	07/06/2013
Metrô processará manifestantes da av. Paulista; moradores estudam ação	Cotidiano	Equilibrada	07/06/2013
Grupo faz novo protesto contra as passagens em SP; PM cerca o local	Cotidiano	Equilibrada	07/06/2013
Manifestantes deixam a marginal, mas continuam ato em Pinheiros	Cotidiano	Negativa	07/06/2013
Haddad não se pronunciou sobre manifestações que acontecem em SP	Cotidiano	Negativa	07/06/2013
Novo protesto contra tarifas resulta em vandalismo e confusão em SP	Cotidiano	Negativa	07/06/2013
Manifestantes deixam a Paulista após 2º dia de protesto contra tarifa	Cotidiano	Equilibrada	08/06/2013
Protesto contra tarifa faz até colégio fechar mais cedo	Cotidiano	Negativa	08/06/2013
Movimento Passe Livre foi apoiado por petistas em 2011	Cotidiano	Negativa	08/06/2013
É impossível controlar a revolta, diz movimento após protestos	Cotidiano	Negativa	08/06/2013
Grupo promete novo protesto contra aumento de passagens em SP	Cotidiano	Neutra	08/06/2013
Movimento contra aumento da passagem marca novo protesto para terça em SP	Cotidiano	Equilibrada	09/06/2013
Manifestantes publicam vídeo para criticar repressão policial em protesto	Cotidiano	Negativa	10/06/2013
Haddad defende ação da PM para retirar protestos de vias em SP	Cotidiano	Negativa	10/06/2013
Haddad diz que aumento da tarifa de ônibus elevou rejeição	Cotidiano	Negativa	10/06/2013
Haddad diz que vai monitorar novo protesto contra tarifa, de Paris	Cotidiano	Neutra	10/06/2013
Passe Livre põe faixa na marginal Pinheiros e anuncia novo protesto	Cotidiano	Neutra	10/06/2013
Juventude do PT engrossa protesto contra tarifas em São Paulo	Cotidiano	Positiva	11/06/2013
Queremos falar com o prefeito, mas a pauta é a redução da tarifa'	Cotidiano	Positiva	11/06/2013
Promotoria faz encontro para discutir aumento da tarifa de ônibus	Cotidiano	Neutra	11/06/2013
Com protesto, Metrô reforça segurança nas entradas das estações da Paulista	Cotidiano	Neutra	11/06/2013
Manifestantes fazem passeata até a prefeitura contra a tarifa de ônibus	Cotidiano	Neutra	11/06/2013
PM detém ciclista durante protesto contra as tarifas no centro de SP	Cotidiano	Negativa	11/06/2013
Grupo atira pedras contra PMs após manifestante ser detido por pichação	Cotidiano	Negativa	11/06/2013
Manifestantes invadem o terminal Dom Pedro e entram em confronto	Cotidiano	Negativa	11/06/2013
Protesto contra tarifas de ônibus tem oito pessoas detidas em SP	Cotidiano	Negativa	11/06/2013
Repórter da Folha é detido durante protesto na av. Paulista, em SP	Cotidiano	Negativa	11/06/2013
'É revolta popular, sem controle', diz Movimento Passe Livre	Cotidiano	Equilibrada	12/06/2013
Sozinho, PM quase foi linchado durante protesto na região da Sé	Cotidiano	Negativa	12/06/2013
Dez são presos sem direito a fiança após protestos em SP	Cotidiano	Negativa	12/06/2013
Alunos do Mackenzie criticam promotor por incitar a violência na internet	Cotidiano	Negativa	12/06/2013
SP teve 85 ônibus danificados durante o protesto contra aumento da tarifa	Cotidiano	Negativa	12/06/2013
Movimento Passe Livre faz 'vaquinha' na internet para pagar fiança	Cotidiano	Neutra	12/06/2013
Integrante do Passe Livre responsabiliza autoridades por confronto em protesto	Cotidiano	Equilibrada	12/06/2013
Metrô estima prejuízo de mais de R\$ 100 mil após protestos em SP	Cotidiano	Negativa	12/06/2013

Título da notícia	Editoria	Valência	Data
Confronto entre polícia e manifestantes do Passe Livre repercute no exterior	Cotidiano	Negativa	12/06/2013
Após reunião com Promotoria, Passe Livre mantém protesto para esta quinta	Cotidiano	Neutra	12/06/2013
Secretário quer investigação de possíveis casos de abusos da PM	Cotidiano	Equilibrada	13/06/2013
'Tive medo de invadirem o ônibus', diz jovem durante protesto	Cotidiano	Negativa	13/06/2013
Haddad diz que protesto em SP foi marcado por 'violência policial'	Cotidiano	Positiva	13/06/2013
Polícia detém ao menos 192 no quarto dia de protestos em SP	Cotidiano	Equilibrada	13/06/2013
Protesto deixa cerca de cem feridos no centro de SP, diz movimento	Cotidiano	Positiva	13/06/2013
PM de SP diz que manifestantes não ficarão mais "à vontade" pela cidade	Cotidiano	Negativa	13/06/2013
Alckmin diz que não é possível reduzir valor de passagem em SP	Cotidiano	Equilibrada	13/06/2013
Para comandante da PM, protesto contra tarifa tem gente que não usa transporte	Cotidiano	Negativa	13/06/2013
Theatro Municipal esvazia cursos por conta de protesto em SP	Cotidiano	Negativa	13/06/2013
Com medo de protesto, comerciantes fecham lojas no centro de SP	Cotidiano	Negativa	13/06/2013
PM detém ao menos 30 durante concentração para protesto em SP	Cotidiano	Negativa	13/06/2013
Quatro presos no protesto de terça são levados para Tremembé	Cotidiano	Negativa	13/06/2013
Grupo tenta furar bloqueio e PM usa bombas na Consolação em SP	Cotidiano	Negativa	13/06/2013
Em gabinete, Haddad reafirma que não reduzirá tarifas em SP	Cotidiano	Equilibrada	13/06/2013
Motoristas abandonam carros durante confronto no centro de SP	Cotidiano	Negativa	13/06/2013
Ponto montado no centro de SP atende 55 feridos durante protesto	Cotidiano	Negativa	13/06/2013
Governo federal está 'à disposição' para oferecer ajuda a SP em protestos, diz ministro	Cotidiano	Negativa	13/06/2013
Vídeo mostra ação policial contra grupo de jornalistas durante protesto em SP	Cotidiano	Negativa	14/06/2013
Após confronto, casal é agredido por PMs na avenida da Paulista	Cotidiano	Equilibrada	14/06/2013
Justiça solta 12 dos 13 presos no 3º protesto no centro de SP	Cotidiano	Negativa	14/06/2013
Haddad critica violência policial e descarta reduzir tarifa	Cotidiano	Positiva	14/06/2013
Movimento faz festa para arrecadar dinheiro para fiança; próximo protesto será 2ª	Cotidiano	Equilibrada	14/06/2013
Manifestantes usam lixeiras como escudo em confronto com a PM	Cotidiano	Negativa	14/06/2013
Grupo marca protesto contra os 'crimes da Copa' às 16h na av. Paulista	Cotidiano	Neutra	14/06/2013
Governador e secretário defendem ação da PM durante protestos	Cotidiano	Negativa	14/06/2013
Repórter da Folha ferida no olho volta a enxergar	Cotidiano	Negativa	14/06/2013
Major da PM culpa quebra de acordo por confronto com manifestantes	Cotidiano	Negativa	14/06/2013
PM que atingiu jornalista da Folha diz que tiro era contra grupo que o atacava	Cotidiano	Equilibrada	14/06/2013
Estudantes de direito querem habeas corpus coletivo para manifestantes presos	Cotidiano	Positiva	14/06/2013
Após golpear carro da corporação em protesto em SP, PM diz que tirava estilhaços	Cotidiano	Negativa	14/06/2013
Haddad decide convidar manifestantes para discutir transporte na terça	Cotidiano	Equilibrada	14/06/2013
Fotógrafo ferido no olho durante protesto em SP passa por cirurgia	Cotidiano	Neutra	14/06/2013
Colégio tradicional de SP fecha as portas por causa de protestos	Cotidiano	Neutra	14/06/2013
Último manifestante ainda preso por protesto na terça-feira em SP é solto	Cotidiano	Equilibrada	14/06/2013
PM usou gás lacrimogêneo vencido para dispersar manifestação em SP	São Paulo	Equilibrada	14/06/2013
Para oficiais, Tropa de Choque demorou a agir em manifestações em SP	Cotidiano	Equilibrada	15/06/2013
Após violência, manifestantes de SP ganham apoio de instituições	Cotidiano	Positiva	15/06/2013
Designer oferece gráfica para manifestantes imprimirem cartazes de graça	São Paulo	Positiva	15/06/2013

Título da notícia	Editoria	Valência	Data
Movimento Passe Livre defende a ausência de lideranças e apartidarismo	Cotidiano	Positiva	16/06/2013
Movimento Passe Livre quer responsabilizar Estado por detenções em protestos	Cotidiano	Equilibrada	16/06/2013
Estudantes a caminho do confronto tentam conseguir 'passe livre solidário'	Cotidiano	Positiva	16/06/2013
Trabalhadores devem aderir a protesto contra tarifas em SP	Cotidiano	Positiva	16/06/2013
O PM me disse: 'Você vai pagar pelos outros', diz estudante preso	Cotidiano	Equilibrada	16/06/2013
Estação de metrô é cercada com tapume para evitar destruição em novo protesto	Cotidiano	Neutra	16/06/2013
Secretário de Segurança de SP convida manifestantes para reunião antes de ato	Cotidiano	Positiva	16/06/2013
Haddad acompanha manifestação com secretários no gabinete	Cotidiano	Equilibrada	17/06/2013
Presos no trânsito, motoristas mostram apoio e repúdio a protesto	Cotidiano	Equilibrada	17/06/2013
Com aproximação de protesto, Palácio dos Bandeirantes é fechado	Cotidiano	Neutra	17/06/2013
Grupo derruba portão e tenta invadir a sede do governo de SP	Cotidiano	Negativa	17/06/2013
Protesto em São Paulo é o maior desde manifestação contra Collor	Cotidiano	Neutra	17/06/2013
ONG pedirá que governo e prefeitura expliquem aumento das passagens	Cotidiano	Positiva	17/06/2013
Ativista do Movimento Passe Livre diz que não negocia trajeto de manifestação	Cotidiano	Equilibrada	17/06/2013
Movimento Passe Livre diz que não vai recuar enquanto tarifa não diminuir	Cotidiano	Positiva	17/06/2013
PM não usará balas de borracha em novo protesto, diz promotor	Cotidiano	Equilibrada	17/06/2013
Shopping Iguatemi diz que fechará se protesto passar na Faria Lima	Cotidiano	Equilibrada	17/06/2013
Antes do protesto, prefeitura e construtora retiram entulho do largo da Batata	Cotidiano	Neutra	17/06/2013
Defensoria entra com ação para barrar 'prisão por averiguação' em protesto	Cotidiano	Positiva	17/06/2013
Comerciantes fecham estabelecimentos antes de protesto em SP	Cotidiano	Neutra	17/06/2013
Haddad se encontra com representante do Movimento Passe Livre	Cotidiano	Neutra	17/06/2013
Sem ligação com movimento, grupos aderem a protesto contra tarifas	Cotidiano	Positiva	17/06/2013
Comissão da Verdade de SP compara atuação da PM à repressão na ditadura	Cotidiano	Equilibrada	17/06/2013
Manifestantes se dividem durante passeata em São Paulo	Cotidiano	Neutra	17/06/2013
Pai, filhas e neta participam de protesto contra tarifas em SP	Cotidiano	Positiva	17/06/2013
Manifestantes incentivam lençóis brancos nas janelas para quem não for à passeata	São Paulo	Positiva	17/06/2013
Virgens de protesto' e 'habitués' de marchas se reuniram no largo da Batata	Cotidiano	Positiva	18/06/2013
Em protesto de SP, maioria não tem partido, diz Datafolha	Cotidiano	Equilibrada	18/06/2013
Passe Livre marca novo protesto para hoje no centro de São Paulo	Cotidiano	Neutra	18/06/2013
Manifestantes classe A se reúnem no shopping Iguatemi antes de ato	Cotidiano	Positiva	18/06/2013
Avenida Morumbi segue parcialmente interditada por conta de protesto	Cotidiano	Neutra	18/06/2013
Se lucro de empresários for menor, é possível reduzir tarifa', diz Passe Livre	Cotidiano	Equilibrada	18/06/2013
Secretário pede que Passe Livre mantenha acordo no próximo protesto	Cotidiano	Neutra	18/06/2013
Coronel cassado na ditadura militar critica ação da PM de SP em manifestações	Cotidiano	Positiva	18/06/2013
Haddad pressiona Senado por projeto que reduz tarifa de ônibus	Cotidiano	Neutra	18/06/2013
Manifestantes hostilizam pessoas com bandeira de partido em ato na Sé	Cotidiano	Negativa	18/06/2013
Protestos devem parar ruas da periferia da Grande São Paulo amanhã	Cotidiano	Positiva	18/06/2013

Título da notícia	Editoria	Valência	Data
Serra defende protestos e diz que Haddad descumpre promessas	Cotidiano	Positiva	18/06/2013
Protesto reúne 50 mil pessoas em passeata no centro de SP	Cotidiano	Positiva	18/06/2013
Haddad vai discutir tarifa com Lula e Dilma em Congonhas, em SP	Cotidiano	Equilibrada	18/06/2013
Manifestantes tentam invadir a Prefeitura de SP durante protesto	Cotidiano	Equilibrada	18/06/2013
Carro da Record é depredado e incendiado durante protesto em SP	Cotidiano	Negativa	18/06/2013
Após saques, PM reforça policiamento e usa bombas no centro de SP	Cotidiano	Negativa	18/06/2013
Após depredação, linha 9 da CPTM voltará a operar apenas nesta quarta	Cotidiano	Negativa	18/06/2013
Alckmin, Haddad, Neymar e Fifa são alvos de gritos de protesto em manifestação de SP	São Paulo	Neutra	18/06/2013
Haddad diz que reduzir tarifa agora seria medida populista	Cotidiano	Equilibrada	19/06/2013
Estudante de arquitetura é detido sob suspeita de apedrejar prefeitura	Cotidiano	Equilibrada	19/06/2013
Tarifa do transporte público em São Paulo voltará a custar R\$ 3	Cotidiano	Equilibrada	19/06/2013
Protesto na periferia pede melhoria no transporte, moradia e saúde	Cotidiano	Neutra	19/06/2013
'Ele achou que era o dia dele', diz delegado sobre jovem que apedrejou Prefeitura de SP	Cotidiano	Negativa	19/06/2013
Passe Livre confirma ato de amanhã e diz que luta agora pela tarifa zero	Cotidiano	Positiva	19/06/2013
'Não são só 20 centavos', dizem manifestantes na avenida Paulista	Cotidiano	Equilibrada	19/06/2013
Público do Theatro Municipal se surpreende por ação de manifestantes	Cotidiano	Negativa	19/06/2013
Proprietário assiste de casa loja do centro de SP ser saqueada	Cotidiano	Equilibrada	19/06/2013
Polícia detém ao menos 63 pessoas após saques e depredações em SP	Cotidiano	Negativa	19/06/2013
Alckmin e Haddad ignoram pressão popular, diz movimento em SP	Cotidiano	Positivo	19/06/2013
Movimento Passe Livre condena violência e fala em 'revolta popular'	Cotidiano	Positiva	19/06/2013
Ônibus é incendiado durante protesto na zona sul de São Paulo	Cotidiano	Negativa	19/06/2013
Manifestantes tentam invadir subprefeitura e GCM usa gás de pimenta	Cotidiano	Negativa	19/06/2013
Com câmera e som, 'ninja' Filipe Peçanha transmite e participa de protestos	Cotidiano	Equilibrada	19/06/2013
Polícia identifica jovem que provocou destruição na prefeitura	Cotidiano	Equilibrada	19/06/2013
Protesto deixa saldo de 189 lixeiras e 29 estabelecimentos destruídos	Cotidiano	Neutra	19/06/2013
Anchieta e Castello Branco são liberadas após protestos em SP	Cotidiano	Neutra	20/06/2013
Grupo mantém ato hoje na Paulista e diz lutar pela tarifa zero	Cotidiano	Positiva	20/06/2013
Sem ajuda federal, Haddad recua e sofre derrota política	Cotidiano	Equilibrada	20/06/2013
Policiais viram ação de vândalos em protesto de SP sem reagir	Cotidiano	Negativa	20/06/2013
PT participará de protesto na av. Paulista hoje, diz Rui Falcão	Cotidiano	Equilibrada	20/06/2013
Saqueadores trocam tênis velho por novo e esvaziam joalheria	Cotidiano	Neutra	20/06/2013
Jovem que atacou Prefeitura de São Paulo em protesto pede desculpas	Cotidiano	Equilibrada	20/06/2013
MPL não se opõe a ato organizado pelo PT	Cotidiano	Positiva	20/06/2013
Manifestantes fecham pistas da Paulista; 3.000 PMs reforçam segurança	Cotidiano	Neutra	20/06/2013
Comerciantes aproveitam ato para vender bandeiras e máscaras em SP	Cotidiano	Neutra	20/06/2013
Cada um está brigando por uma coisa', diz manifestante em SP	Cotidiano	Equilibrada	20/06/2013
Manifestantes entram em confronto na av. Paulista; homem fica ferido	Cotidiano	Negativa	20/06/2013
Vereadores de SP querem acompanhar apuração sobre conduta de PMs em protesto	Cotidiano	Equilibrada	20/06/2013
Lojas colocam manequins com máscaras e cartazes de protesto em vitrines de SP	São Paulo	Positiva	20/06/2013

Título da notícia	Editoria	Valência	Data
Ao menos três são detidos em protesto marcado por brigas políticas em SP	Cotidiano	Negativa	21/06/2013
Metalúrgicos protestam na Mooca por melhoria na qualidade do transporte	Cotidiano	Positiva	21/06/2013
MPL acusa onda conservadora e desiste de novas manifestações	Cotidiano	Positiva	21/06/2013
Protestos fecham comércio em SP; com boato, Center Norte reabre amanhã	Cotidiano	Equilibrada	21/06/2013
Manifestações fecham Dutra, Régis e ruas da cidade de São Paulo	Cotidiano	Neutra	21/06/2013
Corrupção é principal motivação de manifestantes em SP, diz Datafolha	Cotidiano	Neutra	21/06/2013
Pessoas deixam carro no trânsito e seguem a pé ao aeroporto em SP	Cotidiano	Neutra	21/06/2013
Choque usa bombas contra manifestantes na frente de aeroporto de SP	Cotidiano	Negativa	21/06/2013
Universitários e secretário de Transporte se reunirão para discutir tarifa	São Paulo	Equilibrada	21/06/2013

Quadro 2 - Enquadramento das notícias sobre as manifestações de junho de 2013 – O Estado de São Paulo

Título da notícia	Editoria	Valência	Data
Protesto contra aumento do ônibus vira depredação em SP	Geral	Negativa	07/06/2013
Sindicalista culpa PM pelo tumulto	Geral	Negativa	07/06/2013
Manifestantes fazem enquete para definir se protesto terá vandalismo	São Paulo	Negativa	07/06/2013
Em 2º dia de protestos, Marginal é bloqueada, Paulista tem faixas interditadas e estação do Metrô fecha as portas	São Paulo	Equilibrada	07/06/2013
Manifestantes e polícia entram em confronto na Marginal Pinheiros	Geral	Neutra	07/06/2013
Sindicalista culpa PM pelo tumulto	Geral	Positiva	07/06/2013
Metrô calcula prejuízo de R\$ 73 mil com protesto	Geral	Neutra	07/06/2013
Após protesto, Avenida Paulista tem sujeira e vidros quebrados	Cidades	Negativa	07/06/2013
Grupo promete novo ato para esta sexta na Faria Lima	Geral	Negativa	07/06/2013
Protesto contra aumento do ônibus vira depredação em SP	Geral	Negativa	07/06/2013
Haddad vai pedir ajuda de Dilma para baixar passagem	Geral	Positiva	08/06/2013
SP cobrará prejuízos na Paulista do movimento	Geral	Negativa	08/06/2013
Grupo reúne até alunos de escola privada	Geral	Neutra	08/06/2013
'Tarifa zero seria jeito de socializar custos'	Geral	Positiva	08/06/2013
Público em manifestação chega a 12 mil, diz polícia	Geral	Negativa	11/06/2013
Confronto e destruição marcam maior protesto contra alta da tarifa de ônibus em SP	São Paulo	Negativa	11/06/2013
Manifestantes marcham em SP em ato contra tarifa	Agência Estado	Negativa	11/06/2013
Interromper trânsito é 'caso de polícia', diz Alckmin sobre protestos	São Paulo	Negativa	11/06/2013
Servidores e sem-teto engrossam protesto contra tarifa	Geral	Positiva	11/06/2013
Haddad verá de Paris protesto contra tarifa	Geral	Neutra	11/06/2013
Atos contra alta da tarifa têm repercussão internacional	Geral	Negativa	12/06/2013
Vereadores chamam manifestantes de 'criminosos' e transformam sessão em ato de repúdio	Geral	Negativa	12/06/2013
Manifestantes condicionam fim dos protestos à suspensão no aumento da tarifa	Geral	Equilibrada	12/06/2013
Reunião termina sem acordo e quarto protesto contra tarifas em SP está mantido	Geral	Equilibrada	12/06/2013
Afif visita policiais feridos em manifestações em SP	Geral	Negativa	12/06/2013
Ato tem 85 ônibus depredados e prejuízo de R\$ 36 mil do Metrô	São Paulo	Negativa	12/06/2013
Associação repudia prisão de jornalista durante protestos contra aumento da tarifa	São Paulo	Negativa	12/06/2013
Em SP, 13 manifestantes continuam presos	São Paulo	Negativa	12/06/2013
Motoristas ficam entre PM e manifestantes	São Paulo	Negativa	12/06/2013
Morador de rua é atingido por bala de borracha	Geral	Negativa	13/06/2013
Repórter é baleado no olho com bala de borracha em SP	Geral	Negativa	13/06/2013
68 pessoas já foram presas durante protesto em SP	Geral	Neutra	13/06/2013
Manifestantes criam site e postam relatos dos protestos	Geral	Positiva	13/06/2013
Site do governo de SP é hackeado por manifestantes	Geral	Negativa	13/06/2013
Concessionária do metrô tenta impedir até panfletagem	Geral	Equilibrada	13/06/2013
Comércio de SP fecha portas antes de ato contra tarifa	Geral	Neutra	13/06/2013
Câmeras ajudarão a identificar responsáveis	São Paulo	Negativa	13/06/2013
Movimento diz não ter controle sobre a massa, mas confirma protesto para hoje	São Paulo	Negativa	13/06/2013
Depois de pagar fiança, 15 presos nos protestos em SP são soltos	São Paulo	Negativa	14/06/2013
Haddad convida o Movimento Passe Livre para reunião	Geral	Neutra	14/06/2013
Paulistanos gastam R\$ 4,5 bilhões com passagem de ônibus	São Paulo	Neutra	14/06/2013
PM atribui confrontos a 'descumprimento' de acordo	Geral	Negativa	14/06/2013
Ministro da Justiça diz que houve 'excesso' de policiais	Geral	Negativa	14/06/2013

Título da notícia	Editória	Valência	Data
Vídeo mostra suposto tiro da PM em direção a janela de prédio	Geral	Negativa	14/06/2013
Objetos foram jogados e houve reação do choque'	São Paulo	Negativa	15/06/2013
Repressão da PM faz movimento crescer e mudar foco de protesto	São Paulo	Positiva	15/06/2013
Estudantes pedem habeas corpus preventivo para ativistas	Geral	Equilibrada	16/06/2013
Ampla maioria quer protesto pacífico, diz secretário	Geral	Positiva	16/06/2013
Governo de SP descarta Tropa de Choque em novo protesto	Geral	Positiva	16/06/2013
Manifestantes vão filmar e denunciar ação de vândalos	Geral	Positiva	16/06/2013
Custo mensal de cada ônibus em SP é de R\$ 32 mil	Geral	Neutra	16/06/2013
Protesto tem adesão na web de 147 mil	São Paulo	Positiva	16/06/2013
Em São Paulo, manifestações tomam várias avenidas	Geral	Neutra	17/06/2013
É preciso entender, e não desqualificar, disse FHC sobre protestos em SP	São Paulo	Positiva	17/06/2013
Manifestantes em SP seguirão por três vias diferentes	São Paulo	Neutra	17/06/2013
Ministra retifica dado e diz que governo já abriu mão de R\$ 0,23 da tarifa em SP	São Paulo	Positiva	18/06/2013
Novos protestos são convocados para amanhã em SP	Geral	Neutra	18/06/2013
Manifestantes chegam à Av. Paulista, em São Paulo	Geral	Negativa	18/06/2013
MPL: protesto aumenta poder de negociação de Haddad	Geral	Positiva	18/06/2013
Alckmin agora elogia líderes do movimento	Geral	Positiva	18/06/2013
Haddad admite rever o aumento da tarifa de ônibus	Geral	Positiva	19/06/2013
Theatro Municipal de SP sofre ameaça de invasão	Geral	Equilibrada	19/06/2013
Para Haddad, criminosos são responsáveis por vandalismo	Geral	Positiva	19/06/2013
Magazine Luiza confirma saque a loja no centro de SP	Geral	Neutra	19/06/2013
Diferentes grupos protestam em SP nesta quarta-feira	Geral	Neutra	19/06/2013
Protesto deixa rastro de destruição no centro de SP	Geral	Equilibrada	19/06/2013
Manifestantes fazem protesto no prédio onde mora Haddad	Geral	Neutra	19/06/2013
Mascarados atacam policiais e promovem saques em SP	Geral	Negativa	19/06/2013
Novo protesto em São Paulo será 5ª na Avenida Paulista	Geral	Positiva	19/06/2013
Clima festivo reúne várias tribos na Paulista	Geral	Positiva	20/06/2013
Militantes do PT deixam passeata em SP	Geral	Negativa	20/06/2013
Manifestação atrasa voos em Cumbica	São Paulo	Neutra	21/06/2013

ANEXOS

ANEXO A - CORPUS DE NOTÍCIAS ANALISADAS NESTE TRABALHO – O ESTADO DE S. PAULO

EM 2º DIA DE PROTESTOS, MARGINAL É BLOQUEADA, PAULISTA TEM FAIXAS INTERDITADAS E ESTAÇÃO DO METRÔ FECHA AS PORTAS

07/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,em-2-dia-de-protestos-marginal-e-bloqueada-paulista-tem-faixas-interditadas-e-estacao-do-metro-fecha-as-portas,1040071>

Acesso em: 08/01/2018

Cinco mil manifestantes. Estouros de bombas de gás lacrimogêneo. A Marginal do Pinheiros bloqueada. Uma estação do Metrô fechada. Eis o saldo do segundo dia de intensos protestos contra o aumento das tarifas do transporte público na cidade de São Paulo, nesta sexta-feira, 7.

A manifestação, organizada por grupos como o Movimento Passe Livre, começou à tarde no Largo da Batata, em Pinheiros, na zona oeste, mas só começou a se movimentar por volta das 18h20. Foi o momento em que os manifestantes passaram a percorrer a Avenida Faria Lima, bloqueando totalmente o sentido Itaim-Bibi.

Em seguida, o grupo, sempre acompanhado da Polícia Militar, dobrou na Avenida Eusébio Matoso, rumo à Marginal do Pinheiros. Ao passar pelo Shopping Eldorado, algumas pessoas picharam a passarela que dá acesso ao centro comercial, assim como orelhões e paredes.

Às 19h20, a Tropa de Choque da PM começou a usar bombas de efeito moral para conter a manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus, que, naquela altura, já interditava as duas pistas da Marginal do Pinheiros no sentido Castelo Branco.

MANIFESTANTES E POLÍCIA ENTRAM EM CONFRONTO NA MARGINAL PINHEIROS

07/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,manifestantes-e-policia-entram-em-confronto-na-marginal-pinheiros,1040036>

Acesso em: 08/01/2018

Protesto do Movimento Passe Livre contra aumento de tarifa de ônibus chega ao segundo dia e prejudica o trânsito na capital paulista outra vez

Manifestantes do Movimento Passe Livre (MPL) entraram em confronto com a Polícia Militar (PM) e chegaram a bloquear faixas da Marginal Pinheiros na noite desta sexta-feira, 7. Este foi o segundo dia consecutivo de tumultos envolvendo o grupo que protesta contra o aumento das tarifas do transporte público na capital paulista.

A manifestação começou por volta das 18h, na região do Largo da Batata, zona oeste de São Paulo. O retorno ao ponto de concentração ocorreu após passeata pelas avenidas Faria Lima e Rebouças, até chegar à Marginal Pinheiros, onde aconteceu o primeiro confronto com a PM.

A polícia disparou bombas de gás lacrimogêneo e atirou com balas de borracha contra os manifestantes. Segundo a PM, cerca de mil manifestantes participaram do protesto. Nenhum havia sido preso até as 20h.

MANIFESTANTES FAZEM ENQUETE PARA DEFINIR SE PROTESTO TERÁ VANDALISMO

07/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,manifestantes-fazem-enquete-para-definir-se-protesto-tera-vandalismo,1039986>

Acesso em: 08/01/2018

No Facebook, opção 'Sem vandalismo, se a polícia agir a gente grava e divulga a repressão' liderava; eles também consideram usar tinta como forma mais pacífica de protesto

SÃO PAULO - Manifestantes que organizam o protesto contra o aumento da tarifa de ônibus (de R\$ 3 para R\$ 3,20) para as 17h desta sexta-feira, 7, na Estação Faria Lima do Metrô, estão promovendo uma enquete no Facebook sobre se o movimento deve ser realizado com ou sem vandalismo. A maioria escolhia a opção "Sem vandalismo, se a polícia agir a gente grava e divulga a repressão", que reuniu mais de 1.100 votos.

Mais de 200 pessoas votaram em "Sem vandalismo, mas se a polícia vier para cima, nós vamos para cima deles!". A opção "Fazer muito barulho e parar o trânsito" reunia mais de 200 votos, e menos de 100 pessoas votaram em "Com vandalismo! Tem que quebrar tudo e dar motivo pra falarem!". Os manifestantes também consideram usar tinta como forma mais pacífica de

protesto. A opção mais votada de outra enquete, que levanta possibilidades de pintura, é "Ir de vermelho e com a cara pintada de verde e amarelo e jogar guaxe na polícia".

A manifestação realizada na quinta-feira, 6, levou caos à região central de São Paulo em pleno horário de pico. Protegidos por barricadas de fogo, cones e lixo, manifestantes fecharam as Avenidas Paulista, 23 de Maio e 9 de Julho, depredaram as Estações Consolação, Trianon-Masp e Brigadeiro do Metrô, além de um acesso da Vergueiro, e destruíram lixeiras e pontos de ônibus que foram encontrando pelo caminho. A polícia reagiu com bombas de gás lacrimogêneo e tiros de balas de borracha. Veja fotos da confusão e de como ficou a Avenida Paulista, com sujeira e vidros quebrados.

O governador Geraldo Alckmin classificou o protesto de absurdo.

SINDICALISTA CULPA PM PELO TUMULTO

07/06/2013

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,sindicalista-culpa-pm-pelo-tumulto,1040005>

Acesso em: 08/01/2018

O presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo, Altino de Melo Prazeres Júnior, disse que, se o governo do Estado quiser cobrar alguém pelos danos causados ao metrô durante o protesto pela redução da tarifa que aconteceu nesta quinta-feira, 6, que mande a conta para a Polícia Militar (PM). O protesto naquele horário (por volta das 20h30) e naquele local (Avenida Paulista) seguia tranquilo até a chegada da polícia, que jogou bombas nos manifestantes, disse.

Prazeres Júnior foi detido para averiguação durante o protesto, após se identificar como presidente do Sindicato dos Metroviários. Ele ficou até as 3 horas desta sexta-feira na carceragem do 78.º Distrito Policial (Jardins), quando foi liberado sem nenhuma acusação. Prazeres Júnior fez duras críticas à atuação da PM na repressão do protesto, que classificou ter sido feita pelos policiais. O protesto, como algo coletivo, foi pacífico. Ocorreram alguns excessos. A ação da PM, também de forma coletiva, foi truculenta. O papel da PM não é criar tumultos. É evitar que os tumultos ocorram, assim como os seguranças do metrô são treinados para fazer.

O presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo se solidarizou com os agentes de segurança do metrô que ficaram feridos ao tentar evitar que o patrimônio público fosse depredado. Prazeres Júnior afirmou também que o sindicato colabora com o Movimento Passe Livre, mas não exerce uma liderança. Nesta quinta-feira, de acordo com o presidente do Sindicato dos Metroviários, oito representantes da entidade estavam na manifestação. Eles procuraram abrigo dentro do Shopping Pátio Paulista quando a PM avançou na Praça Oswaldo Cruz, mas ele ficou de fora.

A detenção aconteceu após Prazeres Júnior procurar o comando dos policiais para verificar se havia condições de segurança para os colegas saírem. Apesar de se mostrar indignado com a detenção, o presidente do sindicato disse que os policiais foram simpáticos com ele e não truculentos. Prazeres Júnior não analisou, por enquanto, se processará o governo de São Paulo.

METRÔ CALCULA PREJUÍZO DE R\$ 73 MIL COM PROTESTO

07/06/2013

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,metro-calcula-prejuizo-de-r-73-mil-com-protesto,1039979>

Acesso em: 08/01/2018

O Metrô contabilizou um prejuízo de R\$ 73 mil com as estações depredadas nessa quinta-feira, 6, por causa do protesto contra o aumento das passagens no transporte público em São Paulo. O reajuste das tarifas, de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, válidos para os ônibus da capital, trens e metrô, motivou o fechamento da Avenida Paulista, a destruição do mobiliário da via e o confronto entre manifestantes e policiais na noite de ontem.

O Metrô divulgou que do prejuízo total, R\$ 68 mil foi causado por vidros quebrados, e R\$ 5 mil por luminárias danificadas. A companhia afirma que irá responsabilizar e acionar judicialmente os autores dos danos ao patrimônio público, "para que os contribuintes e demais usuários não tenham que arcar com o custo desse lamentável episódio".

As estações Brigadeiro e Trianon-Masp, da Linha 2-Verde, tiveram os vidros de seus acessos quebrados e, assim como a estação Consolação, foram fechadas enquanto os manifestantes passavam pelo entorno.

A Estação Vergueiro, da Linha 1-Azul, teve um de seus acessos fechado em razão de depredação em seu interior e um agente de segurança do Metrô foi ferido sem gravidade. A companhia observou em seu comunicado que o reajuste da tarifa, de 6,7%, válido desde o dia 2, foi inferior à inflação do período.

PROTESTO CONTRA AUMENTO DO ÔNIBUS VIRA DEPREDÇÃO EM SP

07/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not271513.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Um protesto contra o aumento das passagens de ônibus, trem e metrô levou caos à região central de São Paulo em horário de pico. Manifestantes fecharam as Avenidas Paulista, 23 de Maio, 9 de Julho e São Luís. O bloqueio foi feito com pedras e papelões (cortados como catracas de ônibus), além de sacos de lixo e chamas. A polícia reagiu e houve confronto com gás lacrimogêneo e balas de borracha. Pelo menos um manifestante havia sido preso até 21 horas.

Liderado pelo Movimento Passe Livre (MPL), o protesto começou às 18h30 na frente da prefeitura, no Viaduto do Chá. Em pouco menos de uma hora, o grupo já havia fechado as principais avenidas do entorno. Manifestantes encapuzados pegaram sacos de lixo das calçadas, colocaram no meio das avenidas e atearam fogo. Viaturas da São Paulo Transporte (SPTrans) foram destruídas.

Com a chegada da polícia, por volta das 19h, começou o confronto. Militantes lançavam pedras e policiais usavam gás lacrimogêneo e balas de borracha para dispersar a multidão no Vale do Anhangabaú. A Polícia Militar estimou em 700 o número de manifestantes e a Guarda Civil Metropolitana, em mil. Organizadores do evento falaram em 5 mil.

Após o confronto no centro, o protesto se deslocou para a Avenida Paulista. A via chegou a ser bloqueada totalmente nos dois sentidos às 20h. Viaturas e motos da PM acompanharam os manifestantes, que voltaram a botar fogo em objetos no meio da avenida. Alguns depredaram bares, arrancaram fios de luz e jogaram pedras na polícia. Um fotógrafo do jornal O Estado de S.Paulo foi atingido com uma pedra na barriga.

O protesto ainda causou um dos piores índices de congestionamento do ano. Às 19h, havia 160 km de lentidão - a média do horário é de 138 km. A Paulista seguia parcialmente bloqueada por volta das 21 horas.

Reajuste

O aumento na passagem de ônibus, trens e metrô entrou em vigor no domingo. Os valores subiram de R\$ 3 para R\$ 3,20, um aumento de 6,7% - abaixo da inflação desde o último reajuste dos ônibus, de 14,4%. Para que isso fosse possível, a presidente Dilma Rousseff editou medida provisória para isentar dois tributos federais sobre as passagens de transporte urbano. O reajuste abaixo da inflação também vai exigir repasse recorde de verbas do Orçamento para

custear a operação dos ônibus, segundo a própria Prefeitura. A previsão é de que esse repasse chegue a R\$ 1,25 bilhão em 2013 - no ano passado, foi de R\$ 960 milhões.

Para militantes do Movimento Passe Livre, porém, esse valor deveria ser bem maior. "A passagem deveria ser gratuita, assim como a saúde pública e a educação são", afirma a militante Nina Cappello.

Repercussão

O prefeito Fernando Haddad (PT) acompanhou a manifestação de seu gabinete. A assessoria informou que Haddad está aberto ao diálogo, o que não foi possível diante do rumo tomado pelos protestos. Já o governo do Estado informou que não se manifestaria porque o ato se referia à "passagem de ônibus municipal". No centro, trabalhadores se dividiram. O porteiro Jorge Rossi de Oliveira, de 41 anos, que mora em São Miguel Paulista e pega dois ônibus por dia para chegar ao centro, aprovou. "Alguém tem de reclamar nessa vida. Tá certa a molecada." Já o lojista Rodolfo Bodelacci, de 36, foi contra. "Foi assustador. Ouvimos barulhos de bombas e gritos."

MANIFESTANTES FAZEM ENQUETE PARA DEFINIR SE PROTESTO TERÁ VANDALISMO

07/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,manifestantes-fazem-enquete-para-definir-se-protesto-tera-vandalismo,1039986>

Acesso em: 08/01/2018

No Facebook, opção 'Sem vandalismo, se a polícia agir a gente grava e divulga a repressão' liderava; eles também consideram usar tinta como forma mais pacífica de protesto. SÃO PAULO - Manifestantes que organizam o protesto contra o aumento da tarifa de ônibus (de R\$ 3 para R\$ 3,20) para as 17h desta sexta-feira, 7, na Estação Faria Lima do Metrô, estão promovendo uma enquete no Facebook_sobre se o movimento deve ser realizado com ou sem vandalismo. A maioria escolhia a opção "Sem vandalismo, se a polícia agir a gente grava e divulga a repressão", que reuniu mais de 1.100 votos.

Mais de 200 pessoas votaram em "Sem vandalismo, mas se a polícia vier para cima, nós vamos para cima deles!". A opção "Fazer muito barulho e parar o trânsito" reunia mais de 200 votos, e menos de 100 pessoas votaram em "Com vandalismo! Tem que quebrar tudo e dar motivo pra falarem!". Os manifestantes também consideram usar tinta como forma mais pacífica de protesto. A opção mais votada de outra enquete, que levanta possibilidades de pintura, é "Ir de vermelho e com a cara pintada de verde e amarelo e jogar guaxe na polícia".

A manifestação realizada na quinta-feira, 6, levou caos à região central de São Paulo_em pleno horário de pico. Protegidos por barricadas de fogo, cones e lixo, manifestantes fecharam as Avenidas Paulista, 23 de Maio e 9 de Julho, depredaram as Estações Consolação, Trianon-Masp e Brigadeiro do Metrô, além de um acesso da Vergueiro, e destruíram lixeiras e pontos de ônibus que foram encontrando pelo caminho. A polícia reagiu com bombas de gás lacrimogêneo e tiros de balas de borracha. Veja fotos da confusão e de como ficou a Avenida Paulista, com sujeira e vidros quebrados.

O governador Geraldo Alckmin classificou o protesto de absurdo.

GRUPO PROMETE NOVO ATO PARA ESTA SEXTA NA FARIA LIMA

07/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,grupo-promete-novo-ato-para-esta-sexta-na-faria-lima-imp-,1039736>

Acesso em: 08/01/2018

PM não preparou operação especial e vai monitorar redes sociais; coronel afirma que teve de usar força nessa quinta-feira após depredação

SÃO PAULO - O coronel da PM Reynaldo Simões Roque, responsável pela operação que tentou conter a manifestação realizada ontem em São Paulo, afirmou em entrevista coletiva que a polícia estava monitorando pelas redes sociais o Movimento Passe Livre e que só interveio quando o grupo começou a depredar a cidade. "Eles não são manifestantes, são vândalos. Deixaram rastros por onde passaram", disse. De acordo com Roque, a PM continua monitorando o movimento, mas não prepara nenhum esquema especial para o protesto marcado para esta sexta-feira, 7, com concentração às 17h, no Largo da Batata, na zona oeste. A convocação para o evento, feita pelo Facebook, afirma que na quinta-feira foram 5 mil nas ruas e nesta sexta "vai ser maior".

"Temos expertise para garantir o direito à manifestação. Se ela for pacífica e legítima, só vamos acompanhar. Mas se houver violência, vamos intervir novamente", declarou o comandante, que concedeu entrevista coletiva com farda manchada de sangue. Roque contou ter levado uma pedrada de um manifestante durante o confronto. Segundo Roque, 320 policiais participaram da operação nessa quinta-feira, 7. Ele não falou em aumento do efetivo para esta sexta.

O manifestante Caio Matins Ferreira, de 19 anos, que se identificou como um dos articuladores do movimento, rebateu o comandante e disse que o grupo só agiu de forma violenta após a polícia lançar bombas de gás lacrimogêneo. "A construção de barreiras foi natural, pois a gente precisava se defender. Culpamos a polícia pela violência."

O Movimento Passe Livre marcou para esta sexta, às 17h, uma nova manifestação na zona oeste da capital. A concentração será no Largo da Batata. Pelo menos 32 mil pessoas foram convidadas ao evento pela rede social e, até a 0h10 desta sexta, 1,2 mil pessoas haviam confirmado presença.

PROTESTO CONTRA AUMENTO DO ÔNIBUS VIRA DEPREDÇÃO EM SP

07/06/2013

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,protesto-contr-aumento-do-onibus-vira-depredacao-em-sp,1039883>

Acesso em: 08/01/2018

Um protesto contra o aumento das passagens de ônibus, trem e metrô levou caos à região central de São Paulo em horário de pico. Manifestantes fecharam as Avenidas Paulista, 23 de Maio, 9 de Julho e São Luís. O bloqueio foi feito com pedras e papelões (cortados como catracas de ônibus), além de sacos de lixo em chamas. A polícia reagiu e houve confronto com gás lacrimogêneo e balas de borracha. Pelo menos um manifestante havia sido preso até 21 horas.

Liderado pelo Movimento Passe Livre (MPL), o protesto começou às 18h30 na frente da prefeitura, no Viaduto do Chá. Em pouco menos de uma hora, o grupo já havia fechado as principais avenidas do entorno. Manifestantes encapuzados pegaram sacos de lixo das calçadas, colocaram no meio das avenidas e atearam fogo. Viaturas da São Paulo Transporte (SPTrans) foram destruídas.

Com a chegada da polícia, por volta das 19h, começou o confronto. Militantes lançavam pedras e policiais usavam gás lacrimogêneo e balas de borracha para dispersar a multidão no Vale do Anhangabaú. A Polícia Militar estimou em 700 o número de manifestantes e a Guarda Civil Metropolitana, em mil. Organizadores do evento falaram em 5 mil.

Após o confronto no centro, o protesto se deslocou para a Avenida Paulista. A via chegou a ser bloqueada totalmente nos dois sentidos às 20h. Viaturas e motos da PM acompanharam os manifestantes, que voltaram a botar fogo em objetos no meio da avenida.

Alguns depredaram bares, arrancaram fios de luz e jogaram pedras na polícia. Um fotógrafo do jornal O Estado de S.Paulo foi atingido com uma pedra na barriga.

O protesto ainda causou um dos piores índices de congestionamento do ano. Às 19h, havia 160 km de lentidão - a média do horário é de 138 km. A Paulista seguia parcialmente bloqueada por volta das 21 horas.

HADDAD VAI PEDIR AJUDA DE DILMA PARA BAIXAR PASSAGEM

08/06/2013

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,haddad-vai-pedir-ajuda-de-dilma-para-baixar-passagem,1040239>

Acesso em: 08/01/2018

Em meio à onda de protestos contra o aumento da tarifa do transporte público em São Paulo, o prefeito Fernando Haddad (PT) falou com exclusividade ao Estado e defendeu que a presidente Dilma Rousseff (PT) municipalize a Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), que incide sobre combustíveis, para subsidiar o transporte público e baratear a passagem.

Juntamente com outros prefeitos, ele finaliza estudos para pedir a mudança à presidente. Já zerar a tarifa exigiria R\$ 6 bilhões. Ele também afirmou que, por causa da violência, os protestos do Movimento Passe Livre surtiram o efeito contrário ao desejado. Haddad afirma que a presidente deve ser "cumprimentada" porque "inaugurou" a diminuição do valor dos transportes.

Como o senhor vê a repercussão do aumento da passagem, com protestos pela cidade?

Esse tema foi tratado em campanha e simplesmente nenhum candidato se comprometeu em congelar a tarifa, pela inviabilidade disso nos moldes em que o sistema é oferecido hoje. O compromisso que assumimos foi o de que nós não reajustaríamos a tarifa acima da inflação acumulada desde o reajuste dado pela administração anterior, que foi o que ocorreu. O reajuste foi de menos da metade da inflação do período.

Pelo menos seis cidades conseguiram baixar a tarifa. Quando São Paulo fará isso?

Nós fizemos muito mais que essas cidades, porque elas baixaram de R\$ 3,30 para R\$ 3,20. Enquanto todas as cidades aumentaram em janeiro para R\$ 3,30, nós mantivemos a tarifa no mesmo patamar de 2011 até a edição da medida provisória. Ou seja, nós fizemos mais do que essas cidades.

O senhor já chegou a falar em municipalizar o imposto de combustíveis...

Eu sou favorável. Tirante aí os atos de violência completamente injustificáveis, eu penso que esse fenômeno relativamente novo tem um fundamento interessante, que dialoga com a questão da mobilidade urbana, da emissão de carbono, com a questão social. Apesar de estar dialogando com uma agenda importante, o movimento está defasado no que diz respeito ao debate público, porque os prefeitos já estão fazendo uma proposta concreta de subsídio à tarifa de ônibus a partir da municipalização da Cide, que é o imposto sobre gasolina. Essa proposta é mais avançada do que tudo que se discutiu.

Seria possível baixar a passagem?

Seria, depende do mix que você faz. Você teria uma situação muito favorável ao transporte coletivo e, na minha opinião, uma situação justa. Se fizesse um plebiscito, até os proprietários de veículos veriam vantagens nessa proposta.

Como a proposta foi recebida pela presidente?

Não foi apresentada para a presidente. Foi debatida entre os prefeitos.

O senhor se propõe a apresentar a proposta para a presidente?

Nesse momento, estamos em fase de estudos técnicos. É um passo tão arrojado que não deve ser desperdiçado.

Quando isso estará maduro para ser apresentado?

Acho que em alguns meses teremos as primeiras análises.

O que mais pode ser feito em curto prazo?

Acabamos de conseguir com a presidenta a desoneração de cota patronal, PIS e Cofins. Tem um projeto de lei tramitando no Congresso Nacional que amplia as desonerações, tem uma discussão sobre ICMS que incide sobre o diesel consumido pelo transporte público. Então, é uma agenda que interessa ao País.

É possível não aumentar a passagem no ano que vem?

Tem uma parte desse custo que o Município vai ter de honrar. Vai nos custar R\$ 1,25 bilhão, quase dobrar o subsídio deste ano.

O senhor estuda não aumentar a tarifa em 2014? Ou o modelo correto é aumentar todo ano?

O modelo correto é botar essa discussão na agenda política porque ela é importante. Mobilizou a presidência da República. Então, é importante. É importante para o prefeito, para o governador e para o presidente da República.

Essa tendência de diminuir o valor das passagens pode ter algum impacto político em 2014?

Vamos ser justos com o governo. O governo federal desonerou toda a cadeia produtiva do transporte público. Agora, é uma reivindicação histórica do movimento social que a presidenta Dilma acolheu. Então, ela tem de ser cumprimentada pelo gesto de, no bojo das desonerações, incluir aquilo que mais afeta a vida do trabalhador.

Então se tiver impacto político é justo na opinião do senhor?

Não penso que tenha sido feito por cálculo eleitoral, tanto é que está sendo feito antes da eleição.

O movimento que tem feito protestos pede passe livre. Seria viável?

Isso é uma bandeira, mas o que está em discussão é a diminuição do peso da tarifa no custo de vida. É um debate que vale a pena fazer, de maneira civilizada.

É impossível zerar a tarifa?

Isso custaria R\$ 6 bilhões. E qual é a fonte de financiamento de R\$ 6 bilhões (custo do transporte em SP)? Essa é a discussão séria que tem de ser colocada na mesa.

Anteontem, a manifestação acabou com depredação. O senhor está disposto a conversar com esse movimento?

O dirigente não pode se recusar ao diálogo, não é cabível na democracia.

O que o senhor pensa sobre como a manifestação foi realizada?

Em uma democracia, cabem manifestações de toda ordem, mas há um protocolo de civilidade que não foi observado. Mas, enfim, São Paulo é berço de manifestações.

Do jeito como aconteceu, surte algum efeito?

Eu penso que tem o efeito contrário ao desejado, acaba interditando o debate. A violência interdita, e não promove o debate.

O senhor acha justo o valor da passagem pelo serviço que é oferecido?

É um padrão praticamente nacional. Toda a Região Metropolitana está fixada nesse patamar, com percursos muito menores que os de São Paulo, que tem um bilhete único que te permite mais de uma viagem no período de seis horas.

Um transporte público caro é um mal necessário?

Caro para quem? Caro para o usuário? Precisa aumentar o subsídio para baratear. Mas o custo do transporte é compatível com o salário atual dos motoristas, com o salário atual dos cobradores, com o preço atual dos combustíveis. Nós tivemos um aumento em maio de 10% dos motoristas e cobradores.

O senhor vê como uma meta abaixar a passagem?

O fato de explorarmos possibilidades não pode me fazer fugir do meu programa de governo. Estou preparando o bilhete único mensal que vai fazer a tarifa unitária baixar porque, se você levar em conta que as pessoas vão usar mais o transporte coletivo, quando elas dividirem pelo número de viagens que fizeram vão perceber que vão pagar menos.

O senhor acha que até novembro será possível adotar o sistema do bilhete mensal, já que as empresas ainda precisam adaptar os ônibus?

Estamos cumprindo etapas. Estamos vencendo a etapa da licitação e, assinados os contratos, teremos condições. Está tudo planejado para isso.

E a negociação para o governo do Estado aderir ao bilhete único mensal com o metrô?

É uma decisão que compete ao governo do Estado. É muito bem-vinda a parceria e, para a população, seria uma grande notícia, porque é uma maneira de baratear a tarifa unitária.

Tecnicamente, o bilhete mensal é o mesmo bilhete sem essa integração?

É possível, obviamente. Mas tudo será facilitado com a integração.

Até por causa da lei seca, há uma pressão para um transporte público de qualidade à noite. Como melhorar esse serviço?

Eu penso que o bilhete único mensal vai ensejar esse tipo de discussão - a partir do momento em que a demanda vai aumentar em horários alternativos. Hoje, a demanda existe nos horários de pico. Nos horários alternativos, não há tanta demanda, em função do fato de que as pessoas não têm recursos para pagar a passagem. A partir do momento em que esse custo está contemplado no bilhete mensal, vai acontecer em São Paulo o que acontece nas cidades europeias. Para um trabalhador, R\$ 6,40 a mais para ele curtir a noite é caro. Mesmo que a atração seja gratuita. A partir do momento em que você disser "o ônibus está vazio, vai lá e usa", a situação muda.

O sistema está preparado para os passageiros a mais?

Ele não vai aumentar nos horários de pico, vai aumentar nos outros horários.

Mas se o Metrô não entrar talvez os ônibus roubem passageiros no horário de pico...

Aí você pode aumentar frota. Se isso acontecer, vai ser bom para o sistema, porque capta recursos.

SP COBRARÁ PREJUÍZOS NA PAULISTA DO MOVIMENTO

08/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,sp-cobrara-prejuizos-na-paulista-do-movimento-imp-,1040160>

Acesso em: 08/01/2018

O Metrô estima R\$ 73 mil de gastos com a troca de luminárias e vidros quebrados

O governo do Estado vai acionar judicialmente os responsáveis pelos danos ao patrimônio público causados durante os protestos do Movimento Passe Livre (MPL) ocorridos na noite de anteontem. Segundo o Metrô, a intenção é que "os contribuintes e demais usuários não tenham de arcar com o custo desse lamentável episódio".

As manifestações contra o aumento de tarifas de ônibus, metrô e trem em São Paulo deixaram anteontem um rastro de destruição na Avenida Paulista e em ao menos quatro estações de metrô - Trianon-Masp, Brigadeiro, Consolação e Vergueiro.

A reportagem do Estado percorreu ontem as vias por onde os manifestantes haviam passado - Av. Paulista, 9 de Julho e 23 de Maio - e encontrou marcas das barricadas de fogo no asfalto, lixeiras fora do lugar e bancas de jornais com vidros quebrados. Os acessos das Estações

Brigadeiro, Consolação e Trianon-Masp, da Linha 2-Verde, estavam cobertos com tapumes de madeira e placas de plástico. Vidros dessas estações também foram depredados.

A reposição dos fios da rede elétrica da Rua Carlos Sampaio, próximo à Paulista, ocorreu na tarde de ontem. Quatro das 23 cabines da PM foram destruídas - uma queimada e três quebradas - e as lixeiras do prédio do Tribunal Regional Federal estavam amassadas.

O Metrô contabilizou um prejuízo de R\$ 73 mil com as estações depredadas, sendo R\$ 68 mil por causa dos vidros quebrados e R\$ 5 mil em função das luminárias danificadas.

Na tarde de ontem, comerciantes locais que calculavam os prejuízos reclamaram do quebra-quebra. Pelo menos quatro bancas de jornais tiveram vidros e lanternas quebradas e portas amassadas. "Eu estava dentro da banca quando os manifestantes batiam com força na porta. Arrastaram a máquina de refrigerantes e quebraram as laterais. Nunca havia passado por isso na minha vida", afirmou a atendente Carina Regina Augusto, de 22 anos.

A Associação Paulista Viva, que mantém as cabines da PM na Avenida Paulista, afirmou que o prejuízo foi de mais de R\$ 24 mil com as quatro unidades destruídas. "A causa do protesto é legítima, mas repudiamos o vandalismo contra o patrimônio público e privado", afirmou Antônio Carlos Franchini Ribeiro, presidente da associação.

Na manhã de ontem, representantes da Companhia do Metropolitano e comerciantes da Avenida Paulista foram ao 78.º DP para registrarem boletins de ocorrência das depredações. A Polícia Civil vai apurar os casos .

Resposta. O Movimento Passe Livre diz que não é responsável pelos atos de depredação e, portanto, não pode ser penalizado. "Esses atos, contudo, foram uma resposta à truculência dos policiais. A manifestação era pacífica e só houve tumulto após a ação da tropa de choque", afirmou Nina Cappello, de 23 anos, integrante do MPL.

Questionado sobre a suposta ação truculenta da PM, que usou bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral para dispersar os manifestantes, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) disse ontem, em evento no Palácio dos Bandeirantes, que haverá apuração. "A polícia sempre apura. Ela tem um sistema de acompanhamento."

GRUPO REÚNE ATÉ ALUNOS DE ESCOLA PRIVADA

08/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,grupo-reune-ate-alunos-de-escola-privada-imp-,1040116>

Acesso em: 08/01/2018

As bandeiras e as camisetas do PSTU e da União da Juventude Socialista pontilhavam o protesto da Marginal do Pinheiros, mas a maioria dos manifestantes era de estudantes dos ensinos médio e superior. Ontem, a massa ainda foi engrossada por grêmios estudantis de escolas particulares e alunos da Universidade de São Paulo (USP). Muitos dos manifestantes, vale ressaltar, são de escolas públicas. Desde 2006, o Movimento Passe Livre (MPL) organiza grandes atos em São Paulo contra a tarifa do transporte público. O grupo é ramificado em outros Estados, com presença mais forte em Santa Catarina.

'TARIFA ZERO SERIA JEITO DE SOCIALIZAR CUSTOS' 09/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,tarifa-zero-seria-jeito-de-socializar-custos-imp-,1040362>

Acesso em: 08/01/2018

Em 1989, Luiza Erundina surpreendeu ao vencer o favorito Paulo Maluf na eleição para a Prefeitura. As surpresas continuaram em seu mandato, principalmente depois que ela prometeu "tarifa zero" para o transporte, bandeira levantada hoje pelo coletivo Passe Livre.

Quase um quarto de século depois, Muro de Berlim no chão e o fim da União Soviética, a ex-prefeita e atual deputada federal continua defendendo a medida. "A tarifa zero seria uma maneira de socializar os custos dos transportes. Em vez de ser pago só pelo trabalhador, seria dividido e arcado pela sociedade."

Ela conta que não conseguiu tirar planos do papel porque não garantiu maioria na Câmara e foi boicotada pelo próprio partido, o PT. "Faltou apoio político".

Nos planos da ex-prefeita, a tarifa zero seria bancada por meio de um aumento na alíquota do IPTU de imóveis próprios e alugados. "É uma medida inovadora e criativa, diferente das políticas tradicionais", diz.

Ela afirma que a tarifa livre não seria promovida pelos subsídios municipais. Na estimativa do prefeito Fernando Haddad, a Prefeitura precisaria investir pelo menos R\$ 6 bilhões em subsídios. A ex-prefeita não sabe dizer quanto seria necessário aumentar nas tarifas de IPTU. "Foram feitos estudos na época."

Erundina afirma que ainda não conseguiu convencer as prefeituras do PSB, seu atual partido, a implementar a medida em cidades que administra, como Belo Horizonte, Recife, Fortaleza, Cuiabá e Porto Velho. "Acho que o PSB pode se abrir ao projeto. É preciso calcular o impacto na economia, não é uma estratégia simplista." Para a deputada, os protestos do Movimento Passe Livre estão servindo para retomar a discussão. Mas ela lamenta excessos e vandalismo. "Não pode porque aí o movimento perde a razão." /B.P.M.

PÚBLICO EM MANIFESTAÇÃO CHEGA A 12 MIL, DIZ POLÍCIA

11/06/2013

Disponível em: territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not272580.shtm

Acesso em: 08/01/2018

Policiais do Batalhão de Trânsito (BPTran) de São Paulo que acompanharam nesta terça-feira a manifestação do Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento nas tarifas de transporte pública estimaram um público entre 10 mil e 12 mil manifestantes. Durante o trajeto, manifestantes tentaram entrar no Terminal Parque Dom Pedro II e foram contidos pela Tropa de Choque.

Um grupo ateou fogo em uma caçamba de lixo dentro do terminal e a polícia respondeu com bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo. Abriu-se um clarão na multidão e alguns manifestantes atacaram pedras contra a Polícia Militar (PM). A Tropa de Choque avançou disparando tiros de bala de borracha e a multidão recuou pela Avenida Rangel Pestana. A circulação de ônibus foi totalmente interrompida. Antes, alguns manifestantes puseram fogo num trólebus da Prefeitura, mas as chamas foram contidas antes que se alastrassem, pelos demais participantes da passeata.

CONFRONTO E DESTRUIÇÃO MARCAM MAIOR PROTESTO CONTRA ALTA DA TARIFA DE ÔNIBUS EM SP

11/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,confronto-e-destruicao-marcam-maior-protesto-contralta-da-tarifa-de-onibus-em-sp,1041317>

Acesso em: 08/01/2018

Ao menos 20 pessoas foram presas em ato que começou na Avenida Paulista, passou pelo centro e retornou à avenida; ônibus e agências bancárias foram depredados

SÃO PAULO - Após quase seis horas de uma peregrinação que começou na Avenida Paulista, atravessou o centro de São Paulo e voltou para a Paulista, o terceiro e maior protesto do Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento das passagens de ônibus, trem e metrô terminou em confrontos e destruição nesta terça-feira, 11. Entre 10 mil e 12 pessoas participaram do ato, segundo a Polícia Militar, deixando para trás um rastro de depredação. Outro ato semelhante está marcado para a quinta-feira, 13, às 17h.

Uma bomba caseira explodiu na Estação Brigadeiro do Metrô. A Praça da Sé teve prédios pichados e depredados. Um ônibus foi parcialmente queimado no Parque Dom Pedro II. Pelo menos três ficaram feridos, incluindo um PM e uma pessoa atropelada, e o saldo de presos era de ao menos 20 por volta das 23h, quando o caos foi controlado.

Apesar de causar grandes transtornos no trânsito, fechando um sentido da Consolação e a Radial Leste, a marcha seguiu pacífica até as 19h45. A violência começou quando um grupo de manifestantes tentou invadir o Terminal Parque Dom Pedro II, ateando fogo em um ônibus e em uma caçamba de lixo. A Tropa de Choque reagiu com bombas de gás e balas de borracha e a passeata descambou para o confronto a partir de então. O bloco se dividiu: milhares de manifestantes que desciam a Avenida Rangel Pestana voltaram para a Sé. Parte do grupo seguiu para a Paulista e parte para a Rua Conde de Sarzedas, em direção ao Glicério.

No trajeto da Sé à Paulista, quebraram lixeiras, pontos de ônibus e vidraças de pelo menos nove agências bancárias. No Largo de São Francisco, a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) foi pichada. Na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, houve confusão quando o professor de uma academia de ginástica tentou impedir o vandalismo no estabelecimento.

A marcha, engrossada por representantes da União Nacional dos Estudantes (UNE) e alas jovens do PT e do PSOL, além de estudantes de outros Estados, foi marcada por bloqueios da PM em pontos-chave. Manifestantes começaram a se concentrar às 15h na Praça dos Ciclistas, na Paulista. Às 16h30, o volume de pessoas era tão grande que a via foi bloqueada no sentido Consolação. A intenção inicial - de tomar a avenida, seguir para a Câmara Municipal e terminar no Parque Dom Pedro II - foi frustrada pelo cordão de isolamento da PM.

A chuva que caiu por volta das 18h chegou a dispersar alguns manifestantes, mas outros gritavam "vem para chuva, vem, contra o aumento". A marcha virou na Ligação Leste-Oeste, mas na Avenida 23 de Maio a PM novamente impediu que eles continuassem. O grupo seguiu para a Sé e para o Parque Dom Pedro, onde a Tropa de Choque os esperava.

Líderes do movimento incentivaram manifestantes a realizar novos protestos nesta quarta-feira, 12. Outro ato está marcado para as 17h desta quinta-feira, 13. A campanha contra aumento da tarifa dos transportes públicos em São Paulo começou na quinta-feira passada, 6, com um protesto que fechou a 23 de Maio, a Paulista e a 9 de Julho. Na sexta-feira, a Marginal do Pinheiros foi bloqueada. Nos dois dias, também houve confronto e destruição.

A marcha não foi o único protesto do dia. Às 14h40, no vão do Masp, policiais civis pediam aumento, com apoio de docentes, sem-teto e servidores da saúde.

MANIFESTANTES MARCHAM EM SP EM ATO CONTRA TARIFA

11/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not272549.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Manifestantes contra o aumento da tarifa de transporte pública em São Paulo, com o rosto coberto, picharam paredes durante a passeata realizada nesta terça-feira. A passeata seguia no início da noite desta terça-feira pela Rua da Consolação e era acompanhada pela Tropa de Choque da Polícia Militar (PM) e por três caminhões do Corpo de Bombeiros. Os manifestantes ocupavam todas as faixas da Consolação. A polícia tentava a muito custo liberar ao menos ao menos uma das faixas mas não conseguia. A tensão aumentou, mas ainda não houve confronto.

O policiamento seguia atrás dos manifestantes. Houve uma tentativa de bloquear a Consolação no sentido Avenida Rebouças, mas a polícia conseguiu evitar a interdição. Às 17h55, São Paulo registrava agora 87 quilômetros de lentidão nas vias monitoradas pela Companhia de Engenharia de Tráfego (CET).

Manifestantes acertaram com a PM caminhar até a Câmara Municipal pela Consolação. O acertado, segundo o tenente-coronel Marcelo Pignatari, responsável policiamento, era que o grupo ocupasse apenas uma das faixas da via. Cerca de 400 policiais acompanhava a passeata, de acordo com Pignatari.

INTERROMPER TRÂNSITO É 'CASO DE POLÍCIA', DIZ ALCKMIN SOBRE PROTESTOS

11/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,interromper-transito-e-caso-de-policia-diz-alcmin-sobre-protestos,1041233>

Acesso em: 08/01/2018

Em Paris, governador defende o direito à manifestação e critica o 'vandalismo'

PARIS - O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), afirmou nesta terça-feira, 11, em Paris, que a interrupção do trânsito durante um protesto é "vandalismo", portanto "caso de polícia". Alckmin fica na França até esta quarta-feira, 12, quando participa da

apresentação final da candidatura de São Paulo para sediar a Expo 2020, mas garantiu que vai acompanhar o desenrolar das manifestações na capital.

"Uma coisa é movimento, que tem que ser respeitado, ouvido, dialogado (sic). Isso é normal e é o nosso dever fazê-lo", disse, na saída de uma reunião com empresários franceses, nesta manhã. "Outra coisa é vandalismo: você interromper artérias importantes da cidade, tirar o direito de ir e vir das pessoas, depredar o patrimônio público, que é de todos. Isso não é possível. Aí é caso de polícia, e a polícia tem o dever de garantir a segurança das pessoas."

Durante a tarde, o governador e o prefeito Fernando Haddad (PT) participaram de uma reunião para acertar os últimos detalhes da apresentação desta quarta, mas permaneceram de olho nas notícias vindas de São Paulo. Eles também jantaram juntos na embaixada brasileira em Paris. Apesar da diferença de cinco horas do fuso horário em relação à França, as assessorias de ambos garantiram que o governador e o prefeito permanecerão monitorando os acontecimentos na cidade.

SERVIDORES E SEM-TETO ENGROSSAM PROTESTO CONTRA TARIFA

11/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not272469.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

No terceiro protesto contra a passagem de ônibus a R\$ 3,20, funcionários da Secretaria Estadual da Saúde em greve, sem-teto da Frente de Luta por Moradia, delegados de polícia em campanha salarial e professores vão engrossar o ato marcado para as 17 horas desta terça-feira, 11, na Avenida Paulista, pelo Movimento Passe Livre.

Com previsão de receber pelo menos 3 mil pessoas, o ato desta terça deve causar mais uma vez caos no trânsito paulistano perto no horário do rush. A partir das 14 horas, haverá concentração de funcionários estaduais da Saúde em greve e lideranças da Apeoesp (sindicato dos professores estaduais) na frente do Masp. Mais tarde, às 15 horas, delegados em campanha salarial se reúnem no mesmo local.

Além de professores, enfermeiros, médicos e delegados, cerca de 80 integrantes da Juventude do PT vão estar no Masp, na concentração para o protesto do Movimento Passe Livre. A PM destacou 900 policiais para fazer a segurança ao longo da Avenida Paulista, entre 14 horas e 20 horas.

Na manhã desta terça-feira, líderes do Passe Livre estiveram em escolas estaduais convocando estudantes a participarem do ato à tarde. "Vai ser o maior de todos, vamos parar São Paulo", disse Rafael Justino, de 19 anos, que por volta das 11 horas integrava um grupo que panfletava sobre a passeata em frente à Escola Estadual Caetano de Campos, na Aclimação, região central.

O prefeito Fernando Haddad (PT) vai acompanhar de Paris a nova manifestação. Haddad pedirá ajuda de Dilma para baixar o valor da passagem.

CET

A Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) informou que "não foi comunicada oficialmente" sobre o protesto marcado pelo Movimento Passe Livre. Segundo o órgão, "apesar de a realização de manifestações públicas serem garantidas pela Constituição", a CET "sempre recomenda que esse tipo de atividade ocorra em locais que tragam menos impacto ao trânsito da cidade". Em nota, a companhia informou que, quando é informada sobre um protesto, monta uma programação e "pode negociar com os organizadores detalhes como o dia e o local mais adequados". Se a manifestação ocorrer na Avenida Paulista, "será colocado em prática um plano operacional para situações deste tipo", ou seja, "um monitoramento na região que por ventura venha a ser afetada pela manifestação". Bloqueios de trânsito poderão ser montados nas imediações.

HADDAD VERÁ DE PARIS PROTESTO CONTRA TARIFA

11/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not272340.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

O Movimento Passe Livre deve fazer, nesta terça-feira, 11, a partir das 17h, o terceiro protesto contra o reajuste das tarifas de ônibus, trem e metrô na cidade. Na quinta, 6, e na sexta-feira, 7, as manifestações terminaram em confronto entre os participantes e a Polícia Militar. Nesta terça-feira, 11, o prefeito Fernando Haddad (PT) não estará na capital paulista para acompanhar os protestos. Mas promete seguir em tempo real as manifestações.

O prefeito está em Paris para defender a candidatura de São Paulo à Expo Mundial 2020. "Temos uma sala de situação montada, onde vou acompanhar os eventos em tempo real, e a vice-prefeita permanece em São Paulo com essa mesma finalidade, de termos agilidade, caso haja necessidade de uma tomada de decisão", disse o prefeito, na segunda-feira, 10.

Na semana passada, a polícia usou gás lacrimogêneo e balas de borracha para dissipar os manifestantes. "A Polícia Militar está acionada, a Guarda Civil também", avisou.

A situação fez a vice-prefeita, Nádia Campeão, desistir de ir à França. Haddad afirmou que manteve a viagem a Paris porque a sua ausência "seria um grande prejuízo" à candidatura de São Paulo para o evento, a exposição multicultural da qual participam 166 países, a intervalos de em média três anos. Na quarta-feira, 12, está marcada a apresentação final das cinco cidades concorrentes - além de São Paulo, Dubai (Emirados Árabes), Izmir (Turquia), Ayutthaya (Tailândia) e Ecatimburgo (Rússia) -, diante do Bureau International des Expositions, a entidade que coordena a escolha.

Protesto. Em sua página no Facebook, o Movimento Passe Livre marcou a concentração para a marcha de hoje na Praça do Ciclista, no fim da Avenida Paulista, quase na Rua da Consolação. O roteiro de hoje, entretanto, não foi divulgado - além de bloquear a própria Paulista, em um protesto que terminou com estações de metrô depredadas, o grupo parou a Marginal do Pinheiros por quase meia hora na sexta-feira. Nas duas manifestações, o trajeto a ser seguido pelos manifestantes foi feito na hora e divulgado pelo celular, para evitar bloqueios da PM.

ATOS CONTRA ALTA DA TARIFA TÊM REPERCUSSÃO INTERNACIONAL

12/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not272907.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

A onda de protestos contra o aumento das tarifas de transporte público, cujo principal confronto aconteceu na noite desta terça-feira, 11, em São Paulo, tem repercussão nos principais veículos de informação do exterior. As imagens de quebra-quebra nas ruas da capital paulista chamaram a atenção fora do País e, nesta quarta-feira, 12, um pequeno grupo de brasileiros protestou em Paris contra o governador Geraldo Alckmin (PSDB) e o PT.

O "El País", da Espanha, afirma que a intensidade das manifestações surpreende. "O Brasil, pouco acostumado a protestar na rua, desta vez se levantou nas principais cidades do país contra o aumento das passagens do transporte público", afirma a publicação, lembrando que nem mesmo diante de grandes escândalos de corrupção política houve confrontos deste tipo.

Para o diário espanhol, a classe média brasileira está aplaudindo a atuação das autoridades, que têm pedido uma ação mais enérgica dos policiais contra as manifestações "que estão paralisando o tráfego em cidades que por si mesmas já são supercongestionadas".

A rede norte-americana CNN lembra que o protesto desta terça-feira (11), mesmo debaixo de chuva, foi o mais intenso, e reforça acusações de manifestantes de que a polícia teria começado os atos de violência.

A britânica BBC, de Londres, afirma que as manifestações causam uma saia-justa para algumas cidades, em função da realização da Copa das Confederações. "Os protestos chegam em um momento sensível para o Rio, que está entre as sedes da Copa das Confederações, que começa no sábado", afirma o jornal.

VEREADORES CHAMAM MANIFESTANTES DE 'CRIMINOSOS' E TRANSFORMAM SESSÃO EM ATO DE REPÚDIO

12/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not272907.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Vereadores paulistanos transformaram a sessão desta quarta-feira, dia 12, na Câmara Municipal, em ato de repúdio contra os manifestantes do Movimento Passe Livre, chamados de "criminosos" e "delinquentes". Durante quase três horas, petistas e tucanos pediram rigor da PM e da Justiça contra os protestos. Atacado pelos colegas, só Toninho Vespoli (PSOL) defendeu a realização de novos protestos entre os 55 parlamentares.

Logo no início da sessão o líder de governo, Arselino Tatto (PT), atacou o movimento e declarou que havia "infiltrados" na passeata de terça-feira interessados em desestabilizar o governo municipal. "Tem muito quebra-quebra, muito anarquista que quer agir para desestabilizar", afirmou Tatto, sem citar nomes dos possíveis infiltrados. "É difícil detectar alguém com precisão no meio de todo mundo."

Paulo Fiorilo (PT), Coronel Telhada (PSDB), Floriano Pesaro (PSDB), Andrea Matarazzo (PSDB) e Conte Lopes (PTB) foram alguns dos parlamentares que também condenaram os protestos "São marginais, delinquentes. Só tinha baderneiros, quase assassinos. Olha o que fizeram com um policial que saiu cheio de sangue no rosto", disparou Matarazzo. "Vimos ontem atos criminosos pela cidade. Pessoas que se dizem estudantes e trabalhadores e que saem para cometer crimes", emendou Telhada.

Fiorilo também condenou a depredação do patrimônio público e defendeu a participação do PT nos protestos realizados em 2011 e 2012, quando o prefeito era Gilberto Kassab (PSD) – os vereadores petistas José Américo (atual presidente da Câmara), Antonio Donato (hoje secretário de Governo) e Juliana Cardoso apoiaram os protestos do Passe Livre. "Na época o aumento da tarifa foi muito maior. E agora foi um aumento abaixo da inflação, e o Haddad deixou claro a prioridade do governo nos transportes públicos com o anúncio da construção de novos corredores de ônibus", justificou.

MANIFESTANTES CONDICIONAM FIM DOS PROTESTOS À SUSPENSÃO NO AUMENTO DA TARIFA

12/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,manifestantes-condicionam-fim-dos-protestos-a-suspensao-no-aumento-da-tarifa,1041671>

Acesso em: 08/01/2018

Proposta de acordo foi feita na tarde desta quarta-feira no Ministério Público; Estado e Prefeitura não aceitam acordo

Em reunião com o Ministério Público Estadual nesta quarta-feira, dia 12, lideranças do Movimento Passe Livre (MPL) concordaram com uma espécie de "cessar-fogo" para evitar novos protestos marcados para a quinta (13). Mas, para isso, a condição foi suspender, por 45

dias, o reajuste da tarifa de ônibus, trens e Metrô, que subiram de R\$ 3 para R\$ 3,20 no dia 1º de junho.

A proposta saiu de uma reunião marcada para discutir as manifestações que têm trazido caos à cidade. Estado e Prefeitura, porém, afirmam que não haverá uma suspensão imediata. A avaliação, ao menos no governo do Estado, é de que a proposta soou como uma chantagem. Mas, oficialmente, o Palácio dos Bandeirantes informou que só comentaria a proposta após recebê-la oficialmente. Técnicos da Prefeitura já fizeram a conta: para atender a demanda, o custo de baixar a tarifa nesse período custaria R\$ 50 milhões.

O promotor público Maurício Ribeiro Lopes, da Promotoria de Habitação e Urbanismo da capital, convocou a reunião para tentar negociar uma forma de evitar a manifestação marcada para as 17h desta quinta, com concentração no Teatro Municipal. Ele prometeu levar nesta quinta-feira um documento assinado pelas lideranças, firmando o compromisso, para o prefeito Fernando Haddad (PT) e o governador Geraldo Alckmin (PSDB), que retornam de Paris, na França, onde defendiam a candidatura da capital como sede da Expo 2020.

REUNIÃO TERMINA SEM ACORDO E QUARTO PROTESTO CONTRA TARIFAS EM SP ESTÁ MANTIDO

12/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,reuniao-termina-sem-acordo-e-quarto-protesto-contratarifas-em-sp-esta-mantido,1041625>

Acesso em: 08/01/2018

Governo diz que revogação do aumento é impossível e movimento promete manifestação ainda maior nesta quinta (13)

SÃO PAULO - Depois de uma reunião com representantes da Prefeitura e do governo do Estado na tarde desta quarta-feira, 12, o Movimento Passe Livre (MPL) manteve na agenda a manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus marcada para esta quinta-feira, 13, com concentração no Teatro Municipal. O ato será o quarto em uma semana e, segundo os integrantes do movimento, deve ser o maior. Nessa terça, o protesto reuniu cerca de 10 mil pessoas e, mais uma vez, terminou em vandalismo e confrontos com a PM.

Na reunião, convocada e mediada pelo Ministério Público do Estado de São Paulo, tentou-se suspender o protesto, por conta dos conflitos e depredações já causados. O MPL, porém, afirmou que só cancelaria a manifestação se a reivindicação do grupo fosse atendida: reduzir a passagem de ônibus na cidade de São Paulo de R\$ 3,20, valor reajustado no dia 2, para um patamar igual ou menor que o anterior, que era de R\$ 3,00.

O movimento afirmou que a culpa pelos confrontos e depredações vistos nos últimos atos é do prefeito e do governador, por não terem baixado a tarifa. "A pauta é única, direta e objetiva: as pessoas vão se manifestar na rua para reduzir e, se não houver a redução, as manifestações vão continuar", disse Lucas Monteiro, do MPL.

A perspectiva de diminuição da passagem não foi aventada pelos representantes da Secretaria Municipal de Transportes Adalberto Farias, e da Secretaria Estadual de Transportes Metropolitanos, Pedro Luiz Machado. Para eles, a revogação do aumento é impossível. "As planilhas estavam postas e o reajuste foi abaixo da inflação", disse Farias, gestor financeiro da pasta municipal.

Comissão. O MPL afirmou que concordaria em suspender o protesto caso o MP conseguisse convencer os representantes do Estado e da Prefeitura a retornar provisoriamente a tarifa para R\$ 3,00 nesta quinta-feira, 13, criando uma comissão para rediscutir o preço da passagem. O promotor de Habitação e Urbanismo da capital, Maurício Ribeiro Lopes, perguntou a Lucas Monteiro: "Caso o Prefeito suspenda, vocês cancelam a manifestação?". "Sim", disse o representante.

AFIF VISITA POLICIAIS FERIDOS EM MANIFESTAÇÕES EM SP

12/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not272840.shtm> Acesso em: 08/01/2018

O governador do Estado de São Paulo em exercício, Guilherme Afif Domingos (PSD), fez uma visita ao Comando Geral da Polícia Militar acompanhado pelo secretário da Segurança Pública do Estado, Fernando Grella. A visita foi realizada para que Afif pudesse se encontrar com a cúpula da PM e com soldados que se feriram durante os confrontos desta terça-feira, 11, na capital paulista. "Levei o total apoio do Governo de São Paulo e o agradecimento pela dedicação e profissionalismo de toda a corporação da Polícia Militar de São Paulo", afirmou, em nota, divulgada há pouco.

De Paris, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) criticou o protesto e disse que a violência da manifestação não pode ser aceita pelas autoridades públicas. "É intolerável a ação de baderneiros e vândalos", disse.

Afif foi exonerado do cargo de ministro da Secretaria da Micro e Pequena Empresa para poder assumir o governo paulista. Nesta quinta-feira, 13, quando o Alckmin voltar ao País depois da viagem à França, onde participa de eventos sobre a candidatura de São Paulo para sediar a Expo 2020, o vice-governador será novamente "nomeado" pela presidente Dilma Rousseff, voltando, assim, a ocupar o cargo de ministro.

ATO TEM 85 ÔNIBUS DEPREDADOS E PREJUÍZO DE R\$ 36 MIL DO METRÔ

12/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,ato-tem-85-onibus-depredados-e-prejuizo-de-r-36-mil-do-metro,1041608>

Acesso em: 08/01/2018

Passeata pela redução da passagem do ônibus em SP começou pacífica mas descambou para a violência; vídeos mostram o dia seguinte

SÃO PAULO - O protesto dessa terça-feira, 11, contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo terminou com 85 coletivos depredados, segundo a SPTrans, e um prejuízo de R\$ 36 mil causado pela destruição de vidros da Estações Trianon-Masp do Metrô. A companhia contabilizou R\$ 109 mil em danos ao patrimônio desde o primeiro ato, na quinta-feira passada, 6. Uma nova manifestação está marcada para esta quinta, 13, às 17h, com concentração no Teatro Municipal. A pauta é a mesma: redução da passagem dos atuais R\$ 3,20 para R\$ 3,00 ou menos.

Ontem, no terceiro e maior ato da série, ao menos 19 pessoas foram presas, das quais 13 ainda permaneciam detidas na tarde desta quarta. Detidas no 78º DP (Jardins) e no 1º DP (Sé), parte delas foi indiciada por crime de dano e formação de quadrilha e parte por lesão corporal e desacato a autoridade.

Depois de seguir pacificamente por cerca de duas horas, entre as 17h45 e as 19h45, a marcha descambou para a depredação e o confronto no entorno do Terminal Parque Dom Pedro II, no centro da cidade. Já separados em blocos, os manifestantes retornaram para a Avenida Paulista, deixando para trás diversos ônibus, lixeiras e fachadas de agências bancárias destruídos. Algumas delas amanhecera com tapumes; outras já haviam reparado os estragos nesta quarta:

Na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, estabelecimentos foram pichados e quase houve briga quando um grupo tentou pichar uma academia. Alguns comerciantes disseram que pretendem fechar mais cedo durante a passeata prevista para amanhã:

Nessa terça-feira, a exemplo do que ocorreu na semana passada, a Avenida Paulista virou novamente palco de confrontos. Lixeiras foram viradas e barricadas feitas de sacos em chamas fecharam a via. A Estação Trianon da Linha 3-Verde do Metrô, alvo de pedradas mais uma vez, teve os vidros estilhaçados e chegou a ser fechada. (3 vídeos)

ASSOCIAÇÃO REPUDIA PRISÃO DE JORNALISTA DURANTE PROTESTOS CONTRA AUMENTO DA TARIFA

12/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,associacao-repudia-prisao-de-jornalista-durante-protestos-contr-aumento-da-tarifa,1041593>

Acesso em: 08/01/2018

Associação Cidade Escola Aprendiz afirma que profissional estava trabalhando; dois professores estão entre os 13 detidos

SÃO PAULO - Entre os 13 detidos pela Polícia Militar na noite desta terça-feira, 11, durante a manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus que resultou em confronto em São Paulo, 11 foram transferidos na manhã desta quarta, 12, do 78º DP para o Centro de Detenção Provisória da Capital, na unidade Chácara Belém II. Dois dos presos se identificaram como professores e um é jornalista, do Portal Aprendiz.

A prisão do jornalista Pedro Ribeiro Nogueira, de 27 anos, é contestada pela Associação Cidade Escola Aprendiz, que mantém o portal. Segundo a entidade, Nogueira estaria trabalhando durante os protestos. Em nota, a associação afirma que o jornalista foi preso "errônea e injustamente". "O que vimos foi uma ação policial baseada na truculência e na violência, o que constituiu um abuso contra as liberdades democráticas e um ataque violento à liberdade de imprensa", afirma o documento.

Segundo a mãe do jornalista, Beatriz Fátima Augusta Ribeiro, a prisão ocorreu por um mal-entendido. "Ele não é ligado a quadrilha alguma e não depredou nada. Estava com a namorada, indo para a casa dela, após o trabalho, quando tentou impedir que duas garotas apanhassem dos policiais. Foi levado à delegacia, todos os documentos que provavam que ele estava trabalhando foram apresentados, mas mesmo assim ele foi preso", afirma.

Solange Costa Ribeiro, gestora institucional da associação, afirma que o Portal Aprendiz já acionou os advogados e está prestando apoio jurídico a Nogueira. "Ele é nosso jornalista, estava com outros dois profissionais do portal cobrindo a manifestação, como já tinha feito na cobertura da última sexta-feira", afirma. Até as 16 horas, a PM ainda não havia se pronunciado sobre a prisão.

Outros dois presos se identificaram como professores: Ildefonso Hipolito Penteado, de 43 anos, da rede pública estadual, e Rodrigo Cassiano dos Santos, de 24. Única mulher do grupo, uma estudante de 25 anos permaneceu no 78º DP e deve ser encaminhada para o 89º DP.

EM SP, 13 MANIFESTANTES CONTINUAM PRESOS

12/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,em-sp-13-manifestantes-continuam-presos,1041521>

Acesso em: 08/01/2018

Segundo a Secretaria de Segurança, dez pessoas cometeram crime inafiançável e foram detidas em flagrante por dano ao patrimônio e formação de quadrilha

SÃO PAULO - Treze pessoas, entre elas uma mulher, continuam detidas em delegacias de São Paulo por causa do protesto contra o aumento da tarifa de ônibus na noite de terça-feira, 11, quando houve confrontos com a Polícia Militar na região central da cidade. A informação é da Secretaria de Segurança Pública (SSP), que somou 11 detidos no 78º DP (Jardins) e outros dois no 2º DP (Bom Retiro). Os manifestantes deixaram um rastro de destruição na cidade.

Inicialmente foram detidas 17 pessoas no 78º DP, mas seis delas já foram liberadas. Segunda a SSP, dez pessoas cometeram crime inafiançável e foram presas em flagrante por dano ao patrimônio e formação de quadrilha. Uma dessas dez pessoas ainda responde por incêndio. Outra pessoa responde apenas por dano ao patrimônio e teve fiança estabelecida em R\$ 20 mil. O pagamento ainda não foi feito.

Já no 1º DP (Sé), de acordo com a pasta, duas pessoas foram presas em flagrante por dano qualificado, lesão corporal e desacato à autoridade. Segundo a secretaria, eles picharam a lateral do prédio do Tribunal de Justiça e jogaram pedras nos homens da corporação. A fiança de ambos foi estabelecida em R\$ 3 mil. Eles foram transferidos para a carceragem do 2º DP. Depois, deverão seguir para um Centro de Detenção Provisória.

MOTORISTAS FICAM ENTRE PM E MANIFESTANTES

12/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,motoristas-ficam-entre-pm-e-manifestantes-imp-,1041337>

Acesso em: 08/01/2018

Na frente do Masp, parte do movimento tentou fechar a Avenida Paulista no sentido Paraíso

Motoristas presos no trânsito da Avenida Paulista viveram momentos de terror, em meio ao fogo cruzado entre Tropa de Choque e manifestantes, na noite de ontem. Na frente do Masp, por volta das 21h30, parte do movimento tentou fechar a pista sentido Paraíso, após prisão de um integrante, o que provocou novo confronto com a polícia.

O advogado João Paulo Toledo, de 24 anos, que estava parado no congestionamento, tentou fechar o vidro do veículo, temendo que alguém atirasse pedra. Mesmo assim, inalou fumaça das bombas jogadas pela polícia. "Fiz esse caminho, porque não sabia do protesto. Só quero sair logo daqui. Fiquei com medo de depredarem meu carro", contou.

A estudante Flávia Rodrigues, de 25 anos, que voltava da faculdade, chegou a chorar dentro do carro. "Estou aterrorizada. Não sabia do protesto."

Moradores da região também se assustaram com as interdições, cenas de depredação e barulho das bombas de gás. A contadora Maria Lúcia Tamasauskas, de 32 anos, disse que não conseguiu chegar em casa por causa dos protestos e preferiu esperar em um bar. "Vi pela internet que estava tendo a manifestação e achei melhor esperar um pouco para sair do trabalho. Quando cheguei à Paulista, tinha muito lixo na rua, mas não prestei muita atenção no que acontecia. Achei melhor parar em algum lugar e esperar as coisas se acalmarem", afirmou. "Acho legítimo que protestem, mas não é quebrando as coisas que vão conseguir o que querem."

O porteiro Antonio Santiago da Silva, de 74 anos, que trabalha há 17 no Condomínio Pauliceia, disse que os moradores evitaram sair do prédio com medo. "Manifestantes andaram quebrando, tacando fogo. Estão subindo e descendo a toda hora. Tem barulho de bomba, de balas de borracha."

MORADOR DE RUA É ATINGIDO POR BALA DE BORRACHA

13/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273209.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Um morador de rua de 14 anos foi atingido por uma bala de borracha, durante os confrontos entre manifestantes e policiais, quando caminhava pela Avenida Angélica, na região central da capital paulista. "Vi os manifestantes correndo e quando eu vi tinha um bagulho na minha perna (marca de tiro)", disse o adolescente, chorando. Algumas pessoas carregaram o jovem por dois quarteirões até uma farmácia, onde uma enfermeira que passava pela rua e funcionários da drogaria fez um curativo. Em seguida, a psicóloga Ada Schermann e o seu marido levaram o adolescente para o Hospital das Clínicas. "Isso é uma das tantas barbáries que estão acontecendo nesse protesto. Isso prova que qualquer pessoa que esteja passando é uma vítima em potencial". O garoto disse que veio de São Vicente, na Baixada Santista, para São Paulo há cerca de um mês e que mora na Rua Sete de Abril.

O trânsito na Avenida Paulista foi liberado por volta das 22h. A Tropa de Choque, no entanto, continua contendo grupos menores.

REPÓRTER É BALEADA NO OLHO COM BALA DE BORRACHA EM SP

13/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273201.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Uma repórter do jornal Folha de S. Paulo foi baleada no olho com uma bala de borracha na noite desta quinta-feira durante protesto contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo. Segundo Giuliana Vallone, da TV Folha, ela estava em um estacionamento na Rua Augusta quando uma viatura da Rota se aproximou em baixa velocidade e um PM que estava no banco de trás atirou contra ela.

Repórteres do Estado de S. Paulo também presenciaram ações questionáveis da Rota. Dois deles foram alvos de uma ação semelhante, na qual uma viatura se aproximou e disparou bombas de gás lacrimogêneo tentando acertá-los. Não havia conflito e nenhuma concentração de manifestantes na ocasião.

A Avenida Paulista está interditada nos dois sentidos. Policiais avançam em linha, fazendo um cordão de isolamento que ocupa todas as faixas dos dois lados. Confrontos se repetem a todo momento no cruzamento com a Rua Augusta, onde a PM dispersa os manifestantes com balas de borracha e bombas de gás. A polícia tenta a todo custo evitar que os manifestantes se reagrupem.

A Secretário de Segurança Pública de SP, Fernando Grella, afirmou em nota que determinou que a Corregedoria da Polícia Militar apure episódios envolvendo fotógrafos e cinegrafistas durante a manifestação.

68 PESSOAS JÁ FORAM PRESAS DURANTE PROTESTO EM SP

13/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273166.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

A Secretaria de Segurança Pública de SP informou que 68 pessoas já foram presas até o início da noite desta quinta-feira durante os protestos contra o aumento da tarifa de ônibus. Elas foram levadas para um ônibus da PM parado perto do Teatro Municipal.

A pasta também informa que o jornalista da Carta Capital Piero Locatelli, detido pela PM, vai ser liberado do 78º DP (Jardins). Segundo a secretaria, ele foi preso porque estava com vinagre na bolsa - o produto seria usado para neutralizar o efeito de bombas de gás lacrimogêneo. A secretaria informou que um segundo jornalista também foi preso por ter "tentado evitar uma prisão".

Integrantes da Juventude do PT compareceram com bandeiras ao ato e foram hostilizados pela multidão. Segundo Erick Bouzano, presidente do Diretório Municipal da Juventude do PT, só a Executiva Estadual sinalizou apoio ao protesto. "Achamos importante participar", disse.

De acordo com a PM, o combinado com as lideranças é que os manifestantes sigam pela Avenida Ipiranga até chegar à Praça Roosevelt.

MANIFESTANTES CRIAM SITE E POSTAM RELATOS DOS PROTESTOS

13/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273127.shtm>

Acesso em: 08/01/2017

Com o nome "O que não sai na TV", os manifestantes que protestam contra o aumento das tarifas em São Paulo criaram um site para divulgar relatos e depoimentos das pessoas que participaram das mobilizações realizadas até agora. Além de textos, a página no Tumblr traz fotos e vídeos que mostram as agressões de policiais contra os manifestantes. Criado nessa quarta-feira, 12, o site conta com 44 postagens sobre os eventos ocorridos na capital paulista e também em outras cidades, como Goiânia e Rio de Janeiro.

Chamados de "baderneiros" e "vândalos" pelo governador do Estado, Geraldo Alckmin (PSDB), os jovens alegam que os atos de violência durante as três manifestações já realizadas foram iniciados pela polícia. Em São Paulo, o quarto protesto está marcado para a tarde desta quinta-feira, 13. Mais de 25 mil pessoas confirmaram participação por meio da página do Movimento Passe Livre (MPL) no Facebook.

SITE DO GOVERNO DE SP É HACKEADO POR MANIFESTANTES

13/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not272982.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

O site da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo foi hackeado por manifestantes contra o aumento das passagens do transporte público na capital na madrugada desta quinta-feira, 13. Eles substituíram o conteúdo original do site com mensagens chamando para o protesto que ocorrerá à tarde. Nenhum movimento ou pessoa se identificou como autor da invasão.

"Exigimos a redução da tarifa! Os supostos representantes devem ouvir a vontade do povo! Basta de políticos inócuos! Estamos acordados! Seus dias de fartura estão contados!",

dizia a mensagem, às 00:50 de quinta-feira. "Dia 13 de junho, 17h no Teatro Municipal de São Paulo! Todos às ruas!", completava.

Uma imagem de manifestantes segurando um cartaz em São Paulo com os dizeres "Se a tarifa não baixar, a cidade vai parar!" ilustrava a página. Uma foto de pessoas usando máscaras de protesto também foi colocada no site.

CONCESSIONÁRIA DO METRÔ TENTA IMPEDIR ATÉ PANFLETAGEM

13/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273087.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

A concessionária que administra a Linha 4-Amarela do Metrô de São Paulo entrou com um pedido na Justiça para tentar impedir manifestações contra o aumento da tarifa perto de suas dependências. A intenção da empresa é que, inclusive, haja proibição de "panfletagem, discursos e shows ou piquetes nas proximidades das estações" administradas por ela.

Protocolado na última sexta-feira, 7, o interdito proibitório é direcionado à Associação Cultural Alquimídia, ONG situada em Santa Catarina. O objetivo, no entanto, era atingir o Movimento Passe Livre (MPL), que organiza os atos para criticar o aumento do preço da passagem. O recurso, no entanto, foi negado na segunda-feira, 10, pela juíza Monica Lima Pereira, da 2.^a Vara Cível do Fórum Regional do Butantã.

Em sua decisão, a magistrada explicou que a documentação levantada pela ViaQuatro "não revela qualquer relação da Associação Cultural Alquimídia com os graves transtornos decorrentes das manifestações ocorridas em 6 de junho", primeiro dia dos protestos na cidade.

A ONG, fundada em 2002 para dar apoio tecnológico a movimentos culturais e sociais, afirma que não tem nenhum vínculo com o MPL. "A gente só fez o registro do domínio do Passe Livre na internet, há muitos anos. O pessoal do movimento nos procurou na época, quando ainda não existiam redes sociais, Twitter, Facebook, essas coisas, para conseguirem hospedar o site", diz o diretor Associação Cultural Alquimídia, Thiago Skárnio, de 34 anos.

De acordo com ele, já foi enviado um pedido para que o MPL transfira o domínio de seu site na internet. "Não temos nada a ver com o que está acontecendo, mas, se posso dar minha opinião, não tinham que se preocupar sobre onde estão fazendo o movimento e sim por que estão fazendo."

Em sua decisão, a juíza disse que o endereço eletrônico apontado pela concessionária ViaQuatro não é do Movimento Passe Livre, "a respeito do qual não foram apresentadas informações precisas". A ViaQuatro, também não "demonstrou que os manifestantes tenham qualquer vinculação com a requerida Associação Cultural Alquimídia".

Exagero

Para o MPL, a medida da ViaQuatro é exagerada, já que rua é um lugar público. "É uma tentativa de criminalizar o movimento. O direito é uma forma que eles usam para tentar intimidar, mas nós vamos continuar protestando até a tarifa baixar", disse um dos militantes do movimento, Marcelo Hotimsky, de 19 anos. "Se podem parar a Marginal para fazer a Fórmula Indy, por que não podemos pará-la para reivindicar a redução do preço da tarifa?"

A tarifa dos ônibus municipais de São Paulo, do Metrô e da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) subiu de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2.

Um novo protesto está marcado para as 17h desta quinta-feira, 13, em frente ao Teatro Municipal, no centro.

COMÉRCIO DE SP FECHA PORTAS ANTES DE ATO CONTRA TARIFA

13/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273121.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

O comércio no entorno do Teatro Municipal de São Paulo começou a fechar na tarde desta quinta-feira, antes do quarto protesto pela redução da tarifa de ônibus, previsto para começar às 17h. A maioria dos bares e restaurantes já baixou as portas e até uma faculdade, a Uniesp, suspendeu as provas por conta do ato. A Tropa de Choque da PM já está posicionada próxima ao Teatro Municipal.

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) descartou novamente nesta quinta-feira a possibilidade de reduzir as tarifas de ônibus, trens e metrô pelos próximos 45 dias no Estado, conforme sugestão feita pelo Ministério Público, por intermédio do promotor de Habitação e Urbanismo, Maurício Lopes.

Depois de seguidos confrontos nas manifestações, grupos de cinco PMs circulam pelas ruas da região, como a Xavier de Toledo e Líbero Badaró, e revistam jovens com mochilas em busca de materiais que possam ser usados em atos de vandalismo.

A série de atos é organizada pelo Movimento Passe Livre (MPL). O grupo pleiteia que o preço da passagem, em R\$ 3,20 desde o dia 2, retorne para R\$ 3,00 ou menos.

A Polícia Militar filmará a ação desta quinta por meio do sistema Olho de Águia, que inclui imagens de helicópteros e câmeras espalhadas pela cidade. Os PMs que estiverem pelas ruas do centro também contarão com câmeras. As imagens serão usadas como provas em eventuais processos judiciais e também serão encaminhadas para o Ministério Público.

CÂMERAS AJUDARÃO A IDENTIFICAR RESPONSÁVEIS

13/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,cameras-ajudarao-a-identificar-responsaveis-imp-,1041820>

Acesso em: 08/01/2018

A polícia vai usar imagens de câmeras espalhadas pela cidade para identificar e responsabilizar criminalmente vândalos que têm participado dos protestos contra o aumento das tarifas no transporte público. De acordo com o major Marcel Soffner, porta-voz da Polícia Militar de São Paulo, "tudo tem sido documentado e arquivado". Ele afirma que a corporação filma as operações e utiliza o sistema Olho de Águia, que usa imagens captadas em um helicóptero. A corporação também dispõe de várias câmeras espalhadas pela cidade.

Ele afirma que o material será encaminhado para a Polícia Civil e para o Ministério Público.

Com o apoio das imagens das câmeras da PM, do comércio da Avenida Paulista e da imprensa, a polícia quer responsabilizar individualmente os manifestantes responsáveis por depredações ao patrimônio, obstrução de vias, incêndios e barricadas, informou o delegado Severino Pereira de Vasconcelos, do 78.º DP (Jardins). "As imagens da PM estão nítidas e foram fundamentais para a identificação dos detidos."

Estratégia. Na manifestação de hoje, a PM deve adotar a mesma estratégia que utilizou no protesto realizado anteontem. A ideia é manter grandes vias - como as Marginais Tietê e Pinheiros - livres do protesto. Nas demais, o objetivo da polícia é conseguir controlar a multidão a ponto de deixar algumas faixas livres para os veículos trafegarem.

Além dos policiais da área, a Tropa de Choque ficará de sobreaviso para intervir. O helicóptero Águia também será utilizado na operação.

MOVIMENTO DIZ NÃO TER CONTROLE SOBRE A MASSA, MAS CONFIRMA PROTESTO PARA HOJE

13/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,movimento-diz-nao-ter-controle-sobre-a-massa-mas-confirma-protesto-para-hoje-imp-,1041793>

Acesso em: 08/01/2018

Líderes do Movimento Passe Livre (MPL) reconheceram ontem, em reunião de conciliação na sede do Ministério Público do Estado (MPE), que não têm mais controle sobre a massa que participa dos protestos contra redução das tarifas de ônibus, trem e metrô. Mantiveram, porém, a decisão de fazer hoje, a partir das 17h, outro ato na cidade de São Paulo. A concentração será na frente do Teatro Municipal, no centro.

O professor João Victor Pavesi de Oliveira, do diretório paulistano do PSOL, foi um dos participantes da audiência convocada pelo promotor de Justiça Maurício Ribeiro Lopes para negociar uma trégua nas passeatas e suspender o ato de hoje. Os representantes das entidades que estavam no evento - além do MPL, havia membros do PSOL, PSTU, PCO e até do PT e representantes do sindicato dos metroviários - concordaram com a proposta mediada pelo promotor: restringir o ato apenas à área do teatro caso o reajuste da tarifa seja suspenso temporariamente.

A proposta do MPL é que, nos próximos 45 dias, a tarifa seja congelada em R\$ 3 - hoje é de R\$ 3,20. No período, uma comissão com representantes do poder público e das entidades analisariam as planilhas de custos que compõem a passagem. O promotor se comprometeu a enviar a proposta ainda hoje ao prefeito Fernando Haddad (PT) e ao governador Geraldo Alckmin (PSDB).

A expectativa das lideranças é de que o ato de hoje reúna pelo menos 5 mil pessoas. "Tivemos 10 mil ontem (anteontem), tomamos parte da Ligação Leste-Oeste e o ato foi tranquilo até a ação da polícia no Terminal Parque Dom Pedro. A mobilização está grande", avaliou Pavesi de Oliveira, um dos líderes que mantiveram diálogo com a PM anteontem e viu outros manifestantes descumprirem as regras repetidas vezes. "A manifestação só perdeu o controle nos momentos em que a marcha parou de andar. E todas as vezes que parou foi porque a polícia tentou impedir o avanço do ato", justificou.

Ambos os governos, no entanto, sinalizaram que não vão revogar o aumento do preço da passagem. A prefeita em exercício, Nádia Campeão (PCdoB), afirmou que as lideranças "perderam o controle" e estão "no caminho errado" e negou haver chances de revogar o reajuste. "Nesse momento, não tem nenhuma possibilidade de haver recuo no reajuste que foi dado, um reajuste bem pensado por toda área técnica", disse.

Estimativas extraoficiais de técnicos da Prefeitura apontam que, só para reduzir a tarifa por 45 dias, a cidade teria um gasto adicional de R\$ 50 milhões.

O Palácio dos Bandeirantes afirmou que só se manifestaria sobre a proposta após recebê-la oficialmente. Entretanto, entre auxiliares do governo, a proposta não foi bem-recebida: a avaliação é de que o acordo deixou a cidade refém do grupo.

Redes sociais. Uma das lideranças do MPL, o professor Lucas Monteiro afirmou que seria impossível evitar nova manifestação hoje porque já estava marcada - a convocação foi feita anteontem, no decorrer do protesto que deixou um rastro de destruição pela cidade, e está circulando em redes sociais. Ele disse que não havia forma de contê-la. "Mesmo que nós concordássemos em não fazer a manifestação (hoje), as pessoas iriam para o Teatro Municipal, porque ela já está marcada desde ontem (anteontem)", disse o manifestante, que afirmou repudiar atos de vandalismo e, principalmente, a repressão policial contra os manifestantes.

DEPOIS DE PAGAR FIANÇA, 15 PRESOS NOS PROTESTOS EM SP SÃO SOLTOS

14/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,depois-de-pagar-fianca-15-presos-nos-protestos-em-sp-sao-soltos,1042573>

Acesso em: 08/01/2018

Ao todo, 232 pessoas foram conduzidas para delegacias na manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus na quinta-feira, 13

SÃO PAULO - Depois de pagarem fiança, os quinze últimos presos em flagrante nas manifestações do Movimento Passe Livre foram soltos pela Justiça nesta sexta-feira, 14. Oito homens estavam no 2º DP, no Bom Retiro, no centro de São Paulo, seis na Penitenciária 2 de Tremembé, no Vale do Paraíba, e uma mulher na Penitenciária Feminina I de Tremembé.

No 2º DP, os acusados de dano ao patrimônio e formação de quadrilha foram recebidos com flores e aplausos por amigos e parentes. Eles terão de cumprir restrições ao longo do inquérito, como não sair de casa das 20h às 6h e não se ausentar da cidade sem autorização judicial. O grupo está entre as 11 pessoas que estavam presas desde terça-feira.

O jornalista Raphael Sanz Casseb, de 26 anos, que havia tido a fiança inicial fixada em R\$ 20 mil, teve o valor reduzido para R\$ 5.824. Os demais presos pagaram dois salários mínimos cada um, levantados entre os apoiadores do movimento. "O rapaz que arrancou o braço do ciclista pagou R\$ 5 mil. Não é justo com o meu cliente", diz o advogado Geraldo Santamaria Neto. Casseb foi preso com uma máscara de oxigênio.

Quatro dos liberados nesta sexta-feira estavam na manifestação de quinta-feira e chegaram a ser transferidos ao Tremembé II. Eles precisaram pagar uma fiança de R\$ 1 mil. Ao todo, foram conduzidas para a delegacia 232 pessoas na manifestação de quinta-feira. Segundo a Secretaria de Segurança, foram registrados 63 boletins de ocorrência e 12 termos circunstanciados (para crimes com penas de até 2 anos), com acusações contra 32 pessoas.

Espera. A tarde foi de apreensão para quem esperava no lado de fora do 2º DP até o alvará de soltura chegar por fax, por volta das 15h. A mãe de Casseb tentou apresentar o diploma do filho para conseguir uma cela especial e evitar que ele eventualmente fosse levado a um centro de detenção. Ele estava com um machucado no olho e no nariz, ocorridos na abordagem da PM no tumulto de terça. "Estou sem dormir desde terça", disse a mãe, enquanto estava na delegacia, às 11h manhã de sexta.

Enquanto isso, quatro presos em flagrante na manifestação de quinta-feira eram levados ao Tremembé II. Eles foram acusados de formação de quadrilha, incitação ao crime e dano ao patrimônio público.

A mãe de José Roberto Militão, estudante de Ciências Sociais da Universidade São Paulo (USP) detido na noite de terça, diz ter certeza que tudo vai ser esclarecido. "Eu conheço meu filho. Ele nunca demonstrou que estava participando do movimento", diz Ruth Militão.

Recepção. Ao ser solto na sexta, Bruno Lourenço, de 19 anos, foi abraçado e carregado para cima dos ombros dos colegas - um grupo com roupas de skatistas, tatuagens e piercings que passaram a tarde na calçada, em um bar da esquina. A turma de "Brunão" não tinha flores. "A flor que a gente gosta é proibida", disse um jovem barbudo, de blusa xadrez.

Uma advogada dos acusados assistidos pelo movimento reclamou que quatro dos libertados tiveram que sair pelos fundos da delegacia. Os dois primeiros presos foram embora em um utilitário Mercedes Bens e um Citroën C3, pela porta da frente, já acompanhados pelos familiares desde a carceragem. "Os pobres saíram pela porta dos fundos. A repressão continua mesmo na libertação dos presos", disse a advogada.

HADDAD CONVIDA O MOVIMENTO PASSE LIVRE PARA REUNIÃO

14/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273453.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

A Prefeitura de São Paulo informou que fará uma reunião extraordinária na terça-feira, 18, para discutir a questão do transporte público na capital paulista. Representantes do Movimento Passe Livre (MPL), organizador dos últimos quatro grandes protestos pela redução da tarifa de ônibus na cidade, foram chamados à mesa, que terá como interlocutores membros do Conselho da Cidade - órgão consultivo da sociedade civil criado no dia 26 de março.

O MPL informou que está analisando a proposta e que é a primeira vez que é convidado pelo prefeito Fernando Haddad (PT) para conversar. A administração municipal, por sua vez, afirma que já foram feitos outros convites, que teriam sido recusados pelo movimento. Uma nova manifestação, a quinta encabeçada pelo Passe Livre, está marcada para a segunda-feira, 17, às 17h, no Largo da Batata, em Pinheiros.

No encontro, segundo nota da Prefeitura divulgada nesta sexta-feira, 14, serão apresentadas aos conselheiros propostas sobre a transporte na capital, bem como a composição do preço da passagem de ônibus. Também será mostrada a evolução dos subsídios dados pela Prefeitura ao longo dos anos no transporte público.

O reajuste da passagem de ônibus na capital, no dia 2 de junho, desencadeou quatro grandes atos na cidade desde quinta-feira passada, 6. Liderados pelo Passe Livre, os manifestantes pedem que a tarifa, hoje em R\$ 3,20, volte para um patamar menor ou igual a anterior, de R\$ 3,00.

PAULISTANOS GASTAM R\$ 4,5 BILHÕES COM PASSAGEM DE ÔNIBUS

14/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,paulistanos-gastam-r-4-5-bilhoes-com-passagem-de-onibus,1042446>

Acesso em: 08/01/2018

Montante em 2013 deve aumentar com o preço mais alto da tarifa; valor é maior que o PIB de Araçatuba

SÃO PAULO - Os paulistanos gastaram, no ano passado, R\$ 4,510 bilhões com as tarifas de ônibus municipais, mostram dados da São Paulo Transporte (SPTrans) obtidos pela reportagem. Para efeito de comparação, esse valor é maior que o Produto Interno Bruto (PIB) de cidades médias do interior paulista, como Araçatuba e Marília.

O montante diz respeito ao total pago pelas pessoas nas catracas dos coletivos, seja com dinheiro vivo ou por meio dos créditos do bilhete único. Em 2011, os passageiros desembolsaram uma quantia um pouco menor, de R\$ 4,502 milhões. A tendência é que, com o aumento da passagem de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2, esse gasto suba.

"Vai crescer na proporção, indiretamente", afirma o arquiteto e especialista em Transportes Flaminio Fichmann. Ainda de acordo com ele, o aumento só não será tão significativo se o desempenho da economia não for tão bom. "Isso se reflete na mobilidade, porque as pessoas se deslocam menos, seja de ônibus ou de carro."

Em 2009, quando o preço da tarifa era de R\$ 2,70, os passageiros gastaram, no total, quase 25% menos do que no ano passado com as passagens de ônibus em São Paulo. Foram R\$ 3,474 bilhões arrecadados pela SPTrans.

Nesta sexta-feira, 14, o prefeito Fernando Haddad (PT) disse que gostaria de não ter aumentado a tarifa e que não há como baixar o valor. "Se eu pudesse não ter dado o reajuste, eu não teria dado."

Marmita. Para muitos trabalhadores paulistanos, o aumento de 20 centavos no preço do bilhete irá prejudicar o orçamento. É o caso do limpador de vidros Paulo Aparecido da Silva, de 43 anos. "Trabalho de segunda a sábado, gastando R\$ 6,40 por dia. É muito dinheiro, que faz falta."

Quem depende do Metrô ou da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) também reclama, já que o preço das passagens no sistema sobre trilhos igualmente subiu de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2.

"Agora, estou tendo que trazer marmita, porque, com o aumento não tenho dinheiro para almoçar", diz o entregador Deividson Pereira da Silva, de 19 anos, que trabalha na capital e mora em Itaquaquecetuba, na Região Metropolitana.

A auxiliar Maria Madalena Oliveira de Lima, de 42 anos, usa ônibus diariamente e diz ser favorável aos protestos pacíficos pela redução da tarifa. "As pessoas têm direito de se manifestar nas ruas, ainda mais pela qualidade do transporte que temos hoje."

Subsídios. Apesar de os gastos dos paulistanos com a tarifa terem aumentado nos últimos anos, a Prefeitura tem gasto cada vez mais com subsídios às empresas que gerenciam o sistema para manter o preço da passagem. Para este ano, devem ser gastos R\$ 1,250 bilhão, segundo Haddad. Em 2012, foram desembolsados R\$ 953 milhões.

No ano passado, foram transportados nos ônibus municipais de São Paulo 2,916 bilhões de passageiros, ante 2,940 bilhões em 2011.

PM ATRIBUI CONFRONTOS A 'DESCUMPRIMENTO' DE ACORDO

14/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273341.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

O comando da Polícia Militar atribuiu os confrontos no protesto dessa quinta-feira, 13, contra o aumento da tarifa de transporte coletivo a um suposto descumprimento de um acordo feito com os manifestantes. O coronel responsável pela operação, Reinaldo Rossi, afirmou que o trajeto combinado começaria na Praça Ramos de Azevedo, passaria pela Praça da República e terminaria na Praça Roosevelt. A confusão começou quando os manifestantes anunciaram que subiriam a Rua da Consolação. "Em razão da ausência de liderança do movimento, houve início de arremesso de objetos contra os policiais", disse.

O comandante-geral da PM, coronel Benedito Meira, afirmou que, a partir desse momento, ele tomou a decisão de acionar a Tropa de Choque. "Na terça-feira, entendemos que o emprego da Tropa de Choque não foi necessária e houve vários policiais feridos. Ontem, eu decidi que era necessário o emprego da Tropa de Choque".

Os oficiais afirmam que qualquer excesso da polícia será apurado. Questionados sobre agressões a jornalistas, eles se limitaram a justificar a ação que terminou com a repórter da TV Folha Giuliana Vallone atingida no olho. Segundo Meira, policiais da Tropa de Choque que estavam em um ônibus revidaram pedradas de manifestantes. "O projétil de elastano ricocheteou no chão e atingiu a jornalista que estava em um estacionamento."

Apesar das imagens que mostram os policiais tentando impedir a chegada de manifestante à Avenida Paulista, a PM afirma que não tentou restringir a marcha dos manifestantes. Eles afirmam que apenas precisavam de tempo para o rearranjo da tropa.

MINISTRO DA JUSTIÇA DIZ QUE HOUE 'EXCESSO' DE POLICIAIS

14/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273431.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

O ministro da Justiça, José Eduardo Martins Cardozo, considerou nesta sexta-feira que houve "excesso" e "abuso" por parte de alguns policiais que entraram em confronto nesta quinta-feira, 13, com manifestantes em São Paulo. O quarto ato em uma semana contra o aumento da passagem de ônibus desencadeou uma série de ações por parte dos policiais que recorreram, entre outros artefatos, a bombas de gás lacrimogêneo e tiros com balas de borracha que atingiram moradores, pedestres e passageiros de ônibus na Consolação, no centro da capital paulista.

"No início da noite de ontem (13), nós tivemos uma situação que, evidentemente, não podemos aceitar. Para mim, do que vi de imagens, do que recebi de informações, houve sim situações de violência policial que considero também inaceitável. Não me parece correto que a polícia pudesse atingir pessoas como as imagens e os noticiários mostram hoje (13)", disse, em Brasília.

"Não podemos aceitar a violência, não importa da onde ela parta. Não importa se ela vem de manifestantes que excedem os limites de manifestação e como também não importa se vem da autoridade policial", acrescentou. Apesar das críticas da atuação dos policiais, Cardozo "congratulou" a abertura de uma investigação por parte do governo de São Paulo para apurar a atuação dos militares.

Ele pontuou, entretanto, que o governo federal não pode intervir, uma vez que o acontecimento desta quinta-feira diz respeito apenas à competência estadual. De acordo com Cardozo, há, no entanto, um acompanhamento dos fatos de segurança pública. O ministro da Justiça também evitou polemizar sobre os argumentos do comando da Polícia Militar (PM), que atribuiu os confrontos no protesto contra o aumento da tarifa de transporte coletivo a um suposto descumprimento de um acordo feito com os manifestantes.

O coronel responsável pela operação, Reinaldo Rossi, afirmou que o trajeto combinado começaria na Praça Ramos de Azevedo, passaria pela Praça da República e terminaria na Praça Roosevelt. A confusão começou quando os manifestantes anunciaram que subiriam a Rua da Consolação. "Espero que, se comprovados os fatos, se caracterizada uma violência sem justificativa, o que à primeira vista parece que houve, que os responsáveis sejam punidos", afirmou Cardozo.

VÍDEO MOSTRA SUPOSTO TIRO DA PM EM DIREÇÃO A JANELA DE PRÉDIO

14/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,video-mostra-suposto-tiro-da-pm-em-direcao-a-janela-de-predio,1042517>

Acesso em: 08/01/2018

Internauta filma policial disparando projétil em direção a apartamento durante quarto protesto em São Paulo contra aumento de tarifa; uma pessoa teria ficado ferida, afirma cinegrafista amador

Do sétimo andar de um apartamento no centro de São Paulo, uma pessoa filmava a atuação da polícia na Praça Roosevelt durante o quarto protesto contra o aumento das tarifas de transporte público em São Paulo, nessa quinta-feira, 13. Na altura de 5 minutos e 50 segundos do vídeo, um policial dispara um projétil que parece ir em direção à janela onde era feita a filmagem. As pessoas que estavam no apartamento se abaixam e se afastam da janela enquanto se ouve uma explosão do projétil. O vídeo foi publicado por um usuário identificado apenas

como Maria. Ela afirma que foram disparadas bombas de gás lacrimogêneo em direção ao apartamento e um amigo dela foi atingido no pulso por um dos disparos.

"Fomos alvejados com bombas de gás lacrimogênio no sétimo andar, dentro do apartamento de uma amiga, onde inclusive reside uma bebê de 02 meses de idade, enquanto víamos e filmávamos manifestantes que foram obrigados a desviar de seu trajeto sob saraivada de bombas de efeito moral disparadas também por policiais que causaram alvoroço e confusão em uma manifestação que tinha tudo para ser pacífica. Meu amigo foi ferido no pulso ao ser atingido por um desses disparos", diz o relato do vídeo publicado em um servidor de internet pelo usuário Maria.

O vídeo foi um dos vários publicados por internautas sobre os confrontos entre manifestantes e policiais durante o quarto e mais violento protesto. O Movimento Passe Livre, que organiza as manifestações, diz que não vai parar enquanto não for revogado o aumento na tarifa de ônibus, metrô e trens na cidade, que subiu de R\$ 3,00 para R\$ 3,20 no dia 2 de junho. O governador Geraldo Alckmin e o prefeito Fernando Haddad afirmam que não há possibilidade de redução do valor das passagens, que tiveram um aumento abaixo da inflação.

'OBJETOS FORAM JOGADOS E HOUE REAÇÃO DO CHOQUE'

15/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,objetos-foram-jogados-e-houve-reacao-do-choque-imp-,1042621>

Acesso em: 08/01/201

Foi firmado naquele momento um acordo que dizia respeito à descida desse grupo em direção à Praça da República e, a partir daí, o seu deslocamento no contrafluxo em determinado momento até a Praça Roosevelt. Era uma manifestação que seguramente ocupava de três a quatro quarteirões. Foram posicionadas algumas viaturas na frente da Praça Roosevelt, um pouco mais acima, para que houvesse um balizamento e auxílio.

A liderança em dado momento descumpriu esse acordo e fez uma proposta de que essa massa se deslocasse pela Consolação, tomasse a Avenida Brasil e propôs a ida até o Ibirapuera, onde pretendia encerrar o seu protesto. Esse reajuste obrigou que o comandante da fração local convocasse inicialmente um daqueles jovens e posteriormente o segundo para tentar realinhar a estratégia.

Em razão do descumprimento do acordo e da ausência de uma liderança mais enfática no grupo, houve o início de arremessos de objetos. A partir daí, houve a ação de choque inicialmente de um pelotão de Força Tática, que chegou inclusive a ser acuado (e desse pelotão decorre o maior número de policiais feridos).

A nossa estratégia de ocupação territorial e os deslocamentos das tropas geraram os diversos confrontos e as prisões eventualmente conduzidas. Nós tivemos 13 policiais feridos, do quais um permanece internado com fratura no osso da face.

Os problemas que acabaram acontecendo nas diversas áreas, dos 48 ônibus que tivemos depredados, decorreram dos confrontos de parte dessa turba que acabou se dissipando. Não houve da nossa parte impedimento no acesso a qualquer área."

REPRESSÃO DA PM FAZ MOVIMENTO CRESCER E MUDAR FOCO DE PROTESTO

15/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,repressao-da-pm-faz-movimento-crescer-e-mudar-foco-de-protesto-imp-,1042605>

Acesso em: 08/01/2018

Liberdade de expressão e crítica à polícia viram bandeiras; na internet, 106 mil já confirmaram presença no ato de 2ª

Depois da violência policial no último protesto, o movimento cresceu em tamanho e número de causas. No próximo ato, na segunda-feira, além de criticarem o aumento de R\$ 3 para R\$ 3,20 nas passagens, os jovens também se posicionarão pelo direito de manifestação e contra a repressão da polícia. Até a noite de ontem, 106 mil internautas já haviam confirmado participação no protesto.

Entidades sem ligação direta com a redução das tarifas, incluindo do Greenpeace à Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, repudiaram a violência. A manifestação que acabou na batalha de anteontem havia tido 12 mil confirmações no Facebook.

A Rede Nossa São Paulo espera que o protesto sirva para melhorar o transporte público. "Estamos discutindo esse problema há anos, mas só o que vemos é a Prefeitura e o governo estadual gastando milhões em pontes e túneis voltadas para carros. Enquanto isso, os ônibus e o metrô seguem do jeito que estão", diz coordenador de Democracia Participativa da Rede, Maurício Piragino.

Marcelo Furtado, diretor executivo do Greenpeace, também vê uma oportunidade real de conseguir mudanças nos transportes. "A mobilização é muito maior que os R\$ 3,20. A tarifa foi apenas o estopim de uma demanda há tempos reprimida, que é a necessidade de um transporte coletivo melhor."

A Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo divulgou carta aberta ao governador Geraldo Alckmin (PSDB) e ao prefeito Fernando Haddad (PT) na qual classifica a violência como "inadmissível" e critica a Rota, que "transformou o que já era aterrorizante em praças de guerra". A ONG de Direitos Humanos Conectas disse que "denunciará o caso aos relatores da ONU para Liberdade de Expressão e Prisões Arbitrárias". Sites em inglês também foram criados para divulgar a violência policial.

Reações. "As pessoas estão se solidarizando com quem está sendo vítima do que tem acontecido", ponderou um dos líderes do Movimento Passe Livre, Caio Martins. Mas ele afirma que é preciso manter a luta para reduzir a tarifa. "Mudar a pauta só interessa à Prefeitura."

O comandante-geral da PM, coronel Benedito Roberto Meira, admitiu ontem que não sabe "que dimensão e qual magnitude vai ter a próxima manifestação". Mas afirmou que manterá a Tropa de Choque como uma "reserva estratégica" para atuar no protesto.

ESTUDANTES PEDEM HABEAS CORPUS PREVENTIVO PARA ATIVISTAS

16/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273711.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Para evitar que manifestantes sejam detidos no protesto marcado para esta segunda-feira (17), um grupo de estudantes decidiu impetrar um habeas corpus coletivo contra "detenções para averiguação". A ideia surgiu depois da detenção de quase 100 pessoas antes e durante o quarto ato contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo, na última quinta-feira, sendo que muitos dos que participavam do protesto foram levados por policiais porque portavam vinagre.

A liminar do habeas corpus foi indeferida neste final de semana pelo desembargador de plantão da Primeira Câmara Criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo, Mário Devienne Ferraz. Amanhã, antes do novo protesto, o grupo deve pedir ao relator, que assumirá o processo no TJ de São Paulo, que reconsidere a decisão.

O secretário de Segurança Pública do Estado, Fernando Grella Vieira, e o comandante-geral da Polícia Militar, Benedito Roberto Meira, são colocados pelos estudantes como "autoridades coautoras", no habeas corpus. Isso significa dizer que o habeas corpus foi impetrado contra Grella, o coronel Meira, além de policiais militares e civis e outros envolvidos na segurança jurídica do Estado.

"As duas autoridades foram oficiadas pelo Judiciário, já que estão como polo passivo na demanda", explica um dos organizadores do movimento, Luccas Nogueira Adid. Para os estudantes, a declaração do secretário de Segurança Pública do Estado, Grella, neste domingo de que "ninguém será detido por porte de vinagre" na mobilização de amanhã é uma conquista. "Muito embora não tenha certeza que as autoridades coautoras foram intimadas até o momento, acredito que isso pode ter chegado a ele, o que o fez ponderar e tirar da pauta a questão do vinagre, permitindo seu uso", reforça o estudante de Direito da USP.

Chamado de Coalizão Estudantil Pela Proteção aos Manifestantes, o grupo foi organizado inicialmente por estudantes de direito dos centros acadêmicos da USP, da PUC e outras universidades paulistas, mas, com a ajuda da internet, o movimento ganhou a adesão de mais de 70 entidades estudantis do País, conforme divulgam os organizadores. Os estudantes disponibilizaram o modelo do habeas corpus para manifestantes do Rio de Janeiro, por exemplo, pelo diretório de estudantes da PUC-Rio.

"Amanhã os estudantes vão fazer um pedido de reconsideração para o relator que vai ser sorteado para ser o relator oficial do caso", explicou o advogado Marcelo Feller, que atuou em colaboração com os estudantes.

AMPLA MAIORIA QUER PROTESTO PACÍFICO, DIZ SECRETÁRIO

16/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273678.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

O secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Fernando Grella Vieira, disse neste domingo, em coletiva à imprensa, que a maior parte dos manifestantes que participam dos protestos contra o aumento da tarifa de ônibus quer uma mobilização pacífica. "Sabemos que a esmagadora maioria dos que estão indo às ruas quer apenas expressar a sua opinião e quer fazê-lo de maneira pacífica. Queremos garantir que assim aconteça", disse o secretário.

Para o quinto ato contra o aumento da tarifa, marcado para esta segunda-feira (17), a intenção do governo é evitar o uso de força como aconteceu na última manifestação. "Os paulistanos, mesmo os que não participam deste movimento, não querem que se repitam os fatos que assistimos semana passada", disse. Na última quinta-feira, manifestantes e também jornalistas que faziam a cobertura do evento foram feridos por balas de borracha e mais de 100 pessoas foram detidas, segundo reportagem do jornal O Estado de S.Paulo.

Grella descartou a existência de uma crise entre ele e a Polícia Militar do Estado. "Eu tenho uma excelente relação com o comandante-geral, com o alto comando. Não temos dificuldade nenhuma em definirmos em conjunto estratégias. Não tem nenhum fundamento esse tipo de notícia", comentou.

GOVERNO DE SP DESCARTA TROPA DE CHOQUE EM NOVO PROTESTO

16/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273670.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Depois da atuação da polícia na última manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus, criticada pelo uso de força, o governo do Estado descarta o uso da Tropa de Choque e de bombas de efeito moral no protesto marcado para esta segunda-feira (17), que deve ser o maior dos já organizados pelo Movimento Passe Livre. "Acreditamos que não será necessário (usar setores como o Choque) porque a manifestação se dará de forma ordenada", disse o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira, em coletiva de imprensa realizada na tarde deste domingo (16) em São Paulo. "Temos convicção, certeza de que a manifestação ocorrerá pacificamente", reiterou Grella.

Na sexta-feira, o comandante-geral da Polícia Militar, Benedito Roberto Meira, afirmou que a Tropa de Choque era uma "reserva estratégica" e disse que a ação do grupo poderia ser requisitada no protesto desta segunda-feira. Na coletiva deste domingo, contudo, Meira mudou o discurso: "Nossa expectativa é que essa manifestação seja ordeira e que não haja em hipótese alguma necessidade do emprego da Tropa de Choque", afirmou. "Nós acreditamos que ela não será utilizada, não será empregada", completou o coronel.

O governo paulista espera os líderes do movimento nesta segunda-feira na Secretaria de Segurança Pública do Estado, no centro da cidade, para definição conjunta do trajeto da manifestação. Com o diálogo, segundo Grella, o protesto deverá ser pacífico, sem necessidade de uso de bombas de efeito moral. O secretário também disse que nada está descartado em termos de rota, ao ser questionado se o governo permitiria que a manifestação utilizasse a Avenida Paulista, por exemplo.

"Nós não queremos que se repitam os fatos que aconteceram na semana passada. Nós queremos que a nossa cidade preserve aquilo que é certo e que é natural: uma manifestação livre, legítima, de expressão, de pensamento", falou o secretário. Perguntado sobre a apuração de eventuais excessos na participação da polícia, Grella respondeu: "Quem se desviou das suas normas de ação e agiu abusivamente tem que responder de acordo com as normas."

O comandante-geral da PM, Benedito Meira, afirmou ainda que policiais que não portarem tarjeta de identificação, se reconhecidos por foto ou vídeo, serão responsabilizados, já que a orientação é para que todos se identifiquem.

Vinagre

No último ato contra o aumento da tarifa, participantes do protesto que portavam vinagre - usado para proteção pessoal contra o efeito tóxico de bombas de gás lacrimogêneo - foram detidos. Hoje, Grella garantiu que "ninguém será detido por portar vinagre", mas ressaltou crer que não será necessário que os manifestantes levem o produto para a manifestação.

MANIFESTANTES VÃO FILMAR E DENUNCIAR AÇÃO DE VÂNDALOS

16/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273608.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Quem depredar o patrimônio público ou privado, atear fogo ou provocar a polícia na manifestação desta segunda-feira, 17, contra o aumento das tarifas dos transportes públicos de São Paulo será filmado, identificado e denunciado pelos militantes do Movimento Passe Livre (MPL), do Juntos! e da Assembleia Nacional de Estudantes-Livre (Anel). O ato está marcado para as 17h, no Largo da Batata, em Pinheiros, zona oeste da capital.

A identificação de quem causa quebra-quebra durante as manifestações já começou na quinta-feira passada, quando os principais articuladores do MPL afirmaram que o protesto deveria se manter pacífico. A repressão da polícia com balas de borracha, cassetetes e bombas de efeito moral, contudo, aumentou a reação agressiva dos manifestantes e impediu a identificação daqueles que são considerados, para os militantes, uma "exceção".

"Nós não temos orientação de quebra-quebra e de confronto. Ficou evidente que em todos os momentos que isso aconteceu teve a ver com uma postura repressiva da polícia", afirmou Carvalho.

Os militantes pretendem, com as denúncias, conter a ação dos punks e até mesmo localizar os policiais infiltrados na multidão. "Os vídeos divulgados na internet mostram a polícia depredando o patrimônio público, que são as viaturas, para depois incriminar o movimento. Vemos um número grande de policiais infiltrados para tentar criar confusões que pudessem nos incriminar."

Após a ação da polícia no último protesto, a equipe que organiza as estratégias para segunda-feira afirmou que a reivindicação passou a ir além da redução da tarifa de ônibus. "O transporte é a nossa pauta central, mas essa luta é da juventude, que nem sempre se organiza para combater a repressão", disse Arielli Tavares Moreira, da executiva nacional da Anel.

"Não vamos aceitar a praça de guerra que aconteceu da última vez, em que se criou um clima de terror. As pessoas foram presas por portar vinagre e mais de 200 foram detidas sem prova por parte da Polícia Militar. Isso é um procedimento irregular e não vamos deixar que se repita", disse Arielli.

Os militantes contaram que pretendem promover desta vez uma "radicalidade pacífica". "A gente tem de aproveitar este momento histórico da cidade de São Paulo e do Brasil e vamos ocupar as ruas das cidades que nós construímos", afirmou Mayara Vivian, militante do MPL.

Os anúncios foram feitos após plenária realizada neste sábado, 15, na sede do Sindicato dos Servidores Federais de São Paulo (Sindsef-SP), na Vila Mariana, zona sul. Na reunião, havia também membros do PSTU, da Apeoesp, do CSP-Conlutas e representantes do sindicato dos metroviários, dos servidores da Justiça e do Diretório Central dos Estudantes da USP.

Nos bastidores da plenária, integrantes negociavam por telefone a ampliação do protesto pelo País. A adesão de brasileiros no exterior também foi comemorada, pelo fato de a manifestação ter ganhado repercussão e apoio internacional. "A tendência é o movimento crescer sempre mais. A gente já está presente em várias cidades do País e isso vai continuar", afirmou Vivian.

Adesão

Até as 21h deste sábado, 15, pelo menos 164 mil pessoas confirmaram pelo Facebook presença na quinta manifestação do MPL, na Largo da Batata. O movimento espera 30 mil pessoas. O ato contra o aumento da passagem de ônibus, agendado pela página do grupo, tem cerca de 1,5 milhão de pessoas convidadas.

Nenhum outro dos quatro eventos do grupo havia tido uma confirmação tão grande de pessoas na internet. "A luta da população de São Paulo contra o aumento das passagens de um transporte que se diz público está cada vez maior e mais forte!", diz o texto de apresentação do evento, na página da rede social. "Nessa quinta (dia 13), uma manifestação de 20 mil pessoas, completamente pacífica, foi recebida a bombas e balas de borracha na Consolação. Ficou claro que a violência parte sempre da polícia."

Na sexta-feira, o comandante-geral da Polícia Militar, Benedito Roberto Meira, afirmou que vai colocar a Tropa de Choque na rua para evitar descontrolado de manifestantes e vandalismo. "Não sabemos quais serão a dimensão e a magnitude da manifestação. Preciso da Tropa de Choque", afirmou o coronel. As informações são do jornal O Estado de S.Paulo.

CUSTO MENSAL DE CADA ÔNIBUS EM SP É DE R\$ 32 MIL

16/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273606.shtm>
Acesso em: 08/01/2018

Para entender melhor como é composto o preço da passagem de ônibus de São Paulo e o que significam R\$ 0,20 de aumento ocorrido no dia 2 - que desencadeou a onda de protestos na cidade - é preciso ter em mente duas coisas: quanto custa manter os 15 mil ônibus da frota em operação e quanto do dinheiro público pode ser usado para baratear a tarifa.

Para a Prefeitura, que cumpre contratos firmados há uma década com oito consórcios de empresas de ônibus e uma dúzia de cooperativas, o custo para manter cada coletivo em circulação é de cerca de R\$ 32 mil por mês. Nessa conta, entram de gastos com diesel e lubrificantes a pagamento do motorista e do cobrador, além de investimentos em peças e validadores do bilhete único das catracas. Nesse valor, também está o lucro dos empresários do setor, que é garantido por contrato (o equilíbrio financeiro).

As informações estão em uma planilha que o prefeito Fernando Haddad (PT) enviou à Câmara Municipal no dia 22 de maio - por lei, o governante tem de mostrar as contas feitas pela Secretaria Municipal de Transportes para explicar por que a tarifa do ônibus precisa ser reajustada, em um prazo de até cinco dias antes do reajuste ocorrer.

Mas a composição da tarifa não é feita só dos gastos que os empresários têm, segundo a conta da Prefeitura. Só para conseguir vender os créditos do bilhete único, por exemplo, existe um custo mensal de R\$ 10 milhões por mês. O dinheiro também vai para empresas terceirizadas. Há quatro companhias credenciadas para vender créditos (elas operam as cabines e as máquinas de atendimento automático em terminais de ônibus e estações do Metrô) e as lotéricas e bancas de jornal.

Resumindo: para rodar pela cidade, cada ônibus deve receber um número de passageiros pagantes suficiente para cobrir todos esses gastos. Ou então os coletivos iam parar em algum momento, sem combustível ou por causa da quebra de alguma peça que não foi trocada. Ou ainda a própria empresa de ônibus ficaria devendo na praça até falir ou deixar de pagar os funcionários, segundo as planilha.

Subsídio

É aí que entra o segundo fator determinante do preço da passagem na cidade. O subsídio - dinheiro do Orçamento municipal investido no transporte público para baratear a passagem. Sem ele, o preço da passagem teria de ser de R\$ 4,13, pelas contas da gestão Haddad. E esse valor teria de ser pago por todo mundo: idoso, estudante e usuário comum.

A diferença entre o valor "real" e o preço praticado, de R\$ 3,20, existe por causa do subsídio. É um investimento que neste ano deve chegar, em dezembro, a R\$ 1,25 bilhão. Com o subsídio, além de manter a tarifa em R\$ 3,20, a Prefeitura ainda permite que cada usuário possa andar em até três ônibus no intervalo de três horas. E paga os benefícios, como a meia passagem para estudante e a gratuidade dos idosos.

Passe livre

Conferindo as contas da Prefeitura, é possível afirmar que a revogação do aumento da passagem, como reivindicam os manifestantes que tomaram as ruas, exigiria um gasto anual de mais R\$ 360 milhões, fazendo com que o subsídio passasse do R\$ 1,5 bilhão por ano. É possível, mas seria preciso tirar dinheiro de alguma outra área.

O prefeito Haddad já fez as contas de quanto custaria o passe livre (com o subsídio pagando todos os custos): seria de R\$ 6 bilhões por ano. Ou 14% de todo o Orçamento da cidade - cinco vezes mais do que é gasto com Habitação, por exemplo.

PROTESTO TEM ADESÃO NA WEB DE 147 MIL

16/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,protesto-tem-adesao-na-web-de-147-mil-imp-,1043033>

Acesso em: 08/01/2018

Pelo menos 147 mil pessoas confirmaram presença na quinta manifestação do Movimento Passe Livre (MPL), marcado para amanhã na Largo da Batata, na zona oeste de São Paulo. O ato contra o aumento das passagens de ônibus, agendado pela página do grupo no Facebook, também tem cerca de 1,5 milhão de pessoas convidadas.

As outras quatro manifestações marcadas pelo movimento terminaram em confronto entre participantes e policiais. E nenhum outro dos quatro eventos do grupo havia tido uma confirmação tão grande de pessoas na internet. "A luta da população de São Paulo contra o aumento das passagens de um transporte que se diz público está cada vez maior e mais forte!", diz o texto de apresentação do evento, na página da rede social. "Nessa quinta (dia 13), uma manifestação de 20 mil pessoas, completamente pacífica, foi recebida a bombas e balas de borracha na Consolação. Ficou claro que a violência parte sempre da polícia."

Na sexta-feira, o comandante-geral da Polícia Militar, Benedito Roberto Meira, afirmou que vai colocar a Tropa de Choque na rua para evitar descontrole de manifestantes e vandalismo. "Não sabemos quais serão a dimensão e magnitude da manifestação. Preciso da Tropa de Choque como reserva estratégica exatamente para fazer uma intervenção, se necessário for", afirmou o coronel.

EM SÃO PAULO, MANIFESTAÇÕES TOMAM VÁRIAS AVENIDAS

17/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273996.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

As manifestações em São Paulo estão espalhadas por várias avenidas. Um grupo de manifestantes se encontra neste momento na Av. Paulista, que está totalmente interditada, em ambos os sentidos. Outro grupo sobe a Av. Rebouças em direção à Paulista e outro partiu da Paulista e está tomando a 23 de Maio em direção ao aeroporto. A Ponte Estaiada também está tomada por protestos. Jovens seguem em direção à Avenida Jornalista Roberto Marinho.

Entre os vários gritos entoados pelos manifestantes, o governador Geraldo Alckmin foi um dos alvos. "Governador, pode escolher, ou cai a tarifa ou cai você", cantava a multidão que desceu a Avenida Faria Lima sentido zona sul. Um outro grito atribuiu à violência dos últimos protestos à Polícia Militar. "Que coincidência! Não tem polícia, não tem violência", disseram os manifestantes, que cobram a revogação do aumento das tarifas de transporte público em São Paulo. "Mãos ao alto, R\$ 3,20 é um assalto", cantou um grupo.

É PRECISO ENTENDER, E NÃO DESQUALIFICAR, DISSE FHC SOBRE PROTESTOS EM SP

17/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,e-preciso-entender-e-nao-desqualificar-disse-fhc-sobre-protestos-em-sp,1043573>

Acesso em: 08/01/2018

Avaliação do ex-presidente se contrapõe ao que disse o governador Geraldo Alckmin na semana passada

São Paulo - Desqualificar os protestos dos jovens em São Paulo e outras capitais "como se fossem ação de baderneiros" constitui, na avaliação do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, "um grave erro". Para ele, "dizer que (essas manifestações) são violentas é parcial e não resolve".

A avaliação do ex-presidente se contrapõe ao que havia feito, até o final da semana passada, o governo tucano de Geraldo Alckmin, em São Paulo. A partir desta segunda-feira, 17, o governador recuou, proibiu ações policiais violentas e admitiu dialogar com os manifestantes.

Na análise que fez para o Estado ontem de manhã - antes das manifestações da tarde -, FHC aconselhou: "Justificar a repressão é inútil: não encontra apoio no sentimento da sociedade. Por isso, "é melhor entendê-las", perceber que essas manifestações "decorrem da carestia, da má qualidade dos serviços públicos, das injustiças, da corrupção".

Ele recorreu a um dos mais respeitados estudiosos dos problemas contemporâneos, o espanhol Manuel Castells. "Reações em cadeia, utilizando as atuais tecnologias de comunicação, constituem marca registrada das sociedades contemporâneas, como meu velho amigo e colega Manuel Castells mostrou há tantos anos." Daí a sua conclusão de que desqualificar os protestos não funciona. A saída é entender, não reprimir.

Parte inferior do formulário

"Quem tem responsabilidade política deve agir, entendendo o porquê desses acontecimentos." Esse entendimento pressupõe buscar a razão da insatisfação geral com os governos. As manifestações "decorrem de um sentimento difuso de descontentamento e do desejo de um tratamento digno para as pessoas", concluiu.

MANIFESTANTES EM SP SEGUIRÃO POR TRÊS VIAS DIFERENTES

17/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not273953.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

O protesto organizado pelo Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo, que começou por volta das 17h concentrado no Largo da Batata, em Pinheiros, seguirá três caminhos distintos. Um grupo irá para a Avenida Paulista, outro seguirá para a Marginal Pinheiros e um terceiro descerá a Avenida Faria Lima em direção à zona sul da cidade.

Segundo a Polícia Militar, o ato reúne cerca de 30 mil pessoas. Como se esperava, trata-se da maior desde o início da onda de protestos pela redução da tarifa de ônibus, no dia 6.

No ato desta segunda-feira, 17, os manifestantes não levantam bandeiras de partidos, como do Psol, PCdoB, PSTU, que apareceram nos demais protestos, e gritavam: "O povo, unido, governa sem partido".

Integrantes do MPL estão distribuindo folhetos com instruções de segurança no caso de prisões por parte da PM ou da Polícia Civil. O informe relaciona os telefones para quem ligar no caso de detenção, recomenda não assinar nada sem a presença de um advogado, filmar o ato, gravar o nome dos policiais, ficar em silêncio na falta de um advogado e não discutir com os policiais. Informa ainda celulares de advogados voluntários que podem colaborar.

A Marginal Pinheiros está fechada no sentido Ceagesp. A CET recomenda aos motoristas que evitem circular pela região da Avenida Rebouças, Avenida Eusébio Matoso, Rua Teodoro Sampaio, Rua Cardeal Arcoverde, bem como pela Avenida Faria Lima e todo o seu entorno.

NOVOS PROTESTOS SÃO CONVOCADOS PARA AMANHÃ EM SP

18/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274287.shtm>

Acesso em: 08/01/2017

O Movimento Periferia Ativa e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) anunciaram a realização de protestos para a manhã desta quarta-feira, 18, em três pontos da Região Metropolitana de São Paulo. As manifestações se concentrarão no Largo do Taboão, em Taboão da Serra, às 7h; no Largo do Piraporinha, na zona sul da capital, às 7h; e no Terminal Ferrazópolis, em São Bernardo do Campo, às 5h30.

Segundo os organizadores, as manifestações estão em linha com os protestos que têm ocorrido nas regiões centrais da cidade de São Paulo e em outras capitais brasileiras, lideradas, ainda de acordo com eles, pelo Movimento Passe Livre (MPL).

Representante do Movimento Periferia Ativa, o líder comunitário Gilson Garcia disse que o trajeto das manifestações será decidido somente no momento do ato.

Além da redução das passagens do transporte coletivo, o Movimento Periferia Ativa e o MTST reivindicam medidas de controle sobre o valor dos aluguéis e o fim da repressão aos movimentos populares. O Movimento Periferia Ativa é conhecido por bloquear vias importantes da periferia durante suas manifestações.

"Nós estamos bancando a Copa, mas ninguém nos perguntou se queríamos. Agora, lutamos por participar ativamente do debate não só sobre transporte público, mas também de questões como saúde e educação", afirmou a coordenadora estadual do MTST, Maria das Dores.

Na região do Largo do Piraporinha, a manifestação convocada para esta quarta-feira também pretende reivindicar a ampliação da Estrada do M"Boi Mirim. "O trânsito na região é um inferno. Queremos a duplicação da M"Boi Mirim para já", declarou Garcia.

MANIFESTANTES CHEGAM À AV. PAULISTA, EM SÃO PAULO

18/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274305.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Enquanto um grupo de manifestantes permanece em frente ao prédio da Prefeitura de São Paulo, parte dos jovens se dirigiu à Avenida Paulista, que está totalmente interditada, nos dois sentidos. O protesto segue em direção à Rua da Consolação.

Na região central, o clima ainda é tenso. Um grupo pichou as paredes da Prefeitura, quebrou vidraças e rasgou as bandeiras do Estado e da cidade. Boa parte era de Black Blocs, punks com roupas pretas e rostos cobertos por máscaras e lenços.

Trata-se do sexto protesto organizado pelo Movimento Passe Livre na capital paulista contra o aumento da passagem de ônibus, que subiu de R\$ 3,00 para R\$ 3,20 no começo do mês.

MINISTRA RETIFICA DADO E DIZ QUE GOVERNO JÁ ABRIU MÃO DE R\$ 0,23 DA TARIFA EM SP

18/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,ministra-retifica-dado-e-diz-que-governo-ja-abriu-mao-de-r-0-23-da-tarifa-em-sp,1044026>

Acesso em: 08/01/2018

Gleisi Hoffmann destacou a desoneração da folha de pagamento e a isenção de PIS/Cofins e disse que agora cabe aos municípios e Estados fazerem os seus cálculos

BRASÍLIA - A ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, explicou na noite desta terça-feira a jornalistas, no Palácio do Planalto, o estudo do governo federal sobre o impacto das desonerações federais nas tarifas de ônibus, retificando informações que haviam sido divulgadas anteriormente.

Ao comentar o cenário de São Paulo, a ministra disse que o governo federal já abriu mão de 23 centavos em impostos federais na tarifa de São Paulo, com a desoneração da folha de pagamento e a isenção de PIS/Cofins sobre os serviços de transporte coletivo.

Com as medidas, o governo federal abriu mão de 21 centavos na tarifa de Cuiabá, 20 centavos na tarifa de Belo Horizonte e 21 centavos na tarifa do Rio de Janeiro.

De acordo com Gleisi, essas medidas possibilitaram a prefeituras de todo o País reduzir o preço da tarifa ou aumentar menos o preço da tarifa. A ministra destacou, no entanto, que há outros custos que compõem a passagem.

"O que quisemos aqui foi mostrar que o esforço do governo federal em redução de impostos abriu espaço para ajudar as prefeituras na administração do preço das suas passagens, ou para reduzir, ou para aumentar menos", comentou.

Questionada sobre os protestos que tomaram conta das principais capitais brasileiras, a ministra respondeu: "Eu não vi os protestos, mas como disse a presidenta, os protestos e as manifestações pacíficas são legítimas. É uma conquista do Estado de direito brasileiro. Só não seremos condescendentes com a violência e com vandalismo".

Indagada pelo *Broadcast*, serviço de notícias em tempo real da *Agência Estado*, se o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), poderia diminuir o preço das passagens, a ministra respondeu: "Eu não sei, cabe a ele responder. Nós fizemos a desoneração da folha e do PIS/Cofins. Agora cabe a cada município fazer seus cálculos e saber o quanto pode reduzir e o quanto pode se aproveitar desta desoneração que o governo federal está fazendo".

Estados. Gleisi Hoffmann disse também que os governos dos Estados e prefeituras podem seguir os mesmos passos do governo federal e reduzir impostos que compõem o preço das passagens, como o ICMS, permitindo o barateamento das tarifas do transporte coletivo urbano. Na sexta-feira da semana passada, a ministra-chefe da Secretaria de Relações Institucionais, Ideli Salvatti, já havia feito apelo semelhante aos Estados e prefeituras para ajudarem na redução das passagens de ônibus.

"Nós fizemos a desoneração da folha e da PIS/Cofins. Agora, cabe a cada município fazer seus cálculos e saber o quanto pode reduzir e o quanto pode se aproveitar desta desoneração que o governo federal está fazendo", disse Gleisi. Ela acrescentou que os Estados também podem dar suas contribuições com medidas semelhantes. "Obviamente que os Estados também devem querer contribuir com esse processo. Eles têm condições também de trabalhar com redução de ICMS e dar sua colaboração em relação à redução das tarifas", prosseguiu.

Questionada se o governo federal estava cobrando dos governos estaduais e municipais uma redução de impostos para colaborar na redução do preço das passagens de ônibus, Gleisi insistiu: "O governo está proporcionando aos municípios uma redução ou um aumento menor de tarifa, seja porque desonerou a folha com vigor a partir de janeiro de 2013, com impacto de

3,51%; seja porque reduziu a Pis/Cofins em 3,65%". Diante da insistência, indagada se prefeituras e Estados têm de fazer a mesma redução, a ministra respondeu: "Depende deles".

MPL: PROTESTO AUMENTA PODER DE NEGOCIAÇÃO DE HADDAD

18/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274124.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Para o Movimento Passe Livre (MPL), a grande manifestação que aconteceu na segunda-feira (17) contra o reajuste da tarifa de ônibus aumenta o poder do prefeito Fernando Haddad para negociar com os empresários do ramo do transporte. "Com o povo na rua fica muito mais fácil de o senhor argumentar com os empresários uma outra forma de concessão", disse Mayara Vivian, uma das líderes do MPL, durante reunião extraordinária do Conselho da Cidade, na prefeitura. "Um direito público não deve ser encarado como lucro para ninguém. Se tem dinheiro para receber mega evento, para privilegiar diversos setores que não o povo, acho que deve haver a mesma disposição em revogar o aumento", completou.

O movimento convocou uma nova manifestação para esta terça-feira, 18, às 17h, na Praça da Sé. "Ontem tivemos um ato com cerca de 100 mil pessoas. As pessoas querem revogar o aumento", disse Mayara. Os manifestantes pedem que o prefeito revogue o aumento da tarifa de ônibus, que desde 02 de junho vale R\$ 3,20. A reivindicação é a mesma para o governo do Estado, com relação à tarifa de trens e metrô.

Eles defenderam que o movimento existe desde 2005 e isso contraria argumentos de que as manifestações seriam antipetistas. Líderes do MPL ressaltaram que eles já fizeram manifestações contra corte de linhas de ônibus, contra terminais que ficavam aquém das necessidades da população e diversas mobilizações contra o aumento.

Para o movimento, revogar o aumento da tarifa é uma demonstração de respeito à vontade popular, dado o tamanho da mobilização de ontem (17). O MPL ressaltou que, apesar de participar do Conselho da Cidade, não descarta uma reunião direta com o prefeito Fernando Haddad e com o governador, Geraldo Alckmin. O Conselho da Cidade não tem poder deliberativo e a revogação do aumento da tarifa precisa ser tomada pelos líderes do poder executivo.

ALCKMIN AGORA ELOGIA LÍDERES DO MOVIMENTO

18/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274072.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), amenizou nesta segunda-feira o discurso dirigido aos manifestantes e disse que está "aberto ao diálogo" ao ser questionado sobre a possibilidade de redução da tarifa do transporte urbano. "O reajuste já foi dado abaixo da inflação, mas estamos sempre abertos ao diálogo", afirmou pela manhã, em Campinas (SP), horas antes do início do protesto marcado para a capital paulista.

Alckmin, que na semana passada classificou os manifestantes como "vândalos" e "baderneiros", destacou a decisão de proibir o uso de balas de borracha durante manifestações públicas e, por duas vezes, elogiou os líderes do Movimento Passe Livre (MPL).

"Queria fazer um elogio às lideranças do movimento e também à segurança pública e à Polícia Militar (PM)", disse. De acordo com ele, após a reunião do secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira, e do comandante-geral da PM, Benedito Meira, com integrantes do movimento na manhã desta segunda-feira ficou acertado que durante os novos protestos o comando da PM ficará em contato via rádio com os líderes das manifestações. "Se

estabeleceu que os nossos oficiais acompanharão as lideranças com rádio", afirmou Alckmin, para quem a primeira reunião com integrantes do MPL foi positiva. "Foi uma reunião muito madura, muito proveitosa."

Os representantes do movimento, porém, não adiantaram o trajeto a ser percorrido pelos manifestantes. O governador de São Paulo disse que o governo do Estado só tomaria conhecimento do trajeto da nova passeata no momento da manifestação, que teve início às 17 horas. "Acho que podemos dar um exemplo de que preservamos o direito das pessoas de manifestação, sem prejuízo para ninguém", disse. Alckmin afirmou ainda que os protestos "fortalecem a democracia" desde que não seja prejudicada a integridade física da população e que não haja depredação de bens públicos e privados.

Apesar de dizer que o governo de São Paulo está "aberto ao diálogo", ele voltou a ressaltar que o reajuste concedido no Estado foi abaixo do índice de inflação e que ele deveria ter ido para 3,30 reais. Afirmou ainda que o governo estadual adiou o aumento a pedido da União. "Não fizemos o reajuste (em janeiro) a pedido do governo federal. Durante seis meses o governo de São Paulo bancou o subsídio."

"Ação cirúrgica"

Na avaliação de secretários e políticos ligados ao governador, a atuação ostensiva da PM no protesto da quinta-feira, 13, deu ainda mais força aos manifestantes. Este seria, portanto, um dos motivos que levou à proibição do uso de balas de borracha e à mudança no discurso de Alckmin. Além de proibir a truculência policial, a administração estadual, ao pôr oficiais próximos aos líderes do movimento, pretendia "agir de forma cirúrgica" caso algum excesso acontecesse. A ideia é, segundo um secretário estadual, "garantir que a manifestação ocorra da melhor maneira possível."

HADDAD ADMITE REVER O AUMENTO DA TARIFA DE ÔNIBUS

19/06/2013

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,haddad-admite-rever-o-aumento-da-tarifa-de-onibus,1044262>

Acesso em: 08/01/2018

Numa reunião convocada para a manhã desta terça-feira do Conselho da Cidade de São Paulo - órgão sem caráter decisório que reúne 136 notáveis da capital paulista -, com presença de integrantes do Movimento Passe Livre (MPL), o prefeito Fernando Haddad (PT) admitiu, pela primeira vez, a possibilidade de reduzir a tarifa de ônibus na cidade. Mas isso só depois de uma "ampla discussão" que resulte num apoio popular para a causa.

"Se as pessoas me ajudarem a tomar uma decisão nessa direção, eu vou me subordinar à vontade das pessoas porque eu sou prefeito da cidade", disse. A frase foi no fim de uma reunião de três horas, que começou às 10 horas desta terça-feira, em que Haddad ouviu forte apoio, por parte do conselho, no sentido de revogar o aumento da tarifa. ""Vou fazer uma reflexão sobre os números, sobre o que ouvi e vou dar uma resposta para o movimento."

Ele, no entanto, afirmou que o apoio que espera à reivindicação teria de vir após entendimento da população de que o preço a ser pago para revogar o aumento de 3 para 3,20 reais seria grande. Para isso, comentou tabelas com os valores dos subsídios pagos às empresas de ônibus para manter o sistema de transportes. "Se não houver reajuste, até 2016 o custo do subsídio das tarifas seria de R\$ 2,7 bilhões", afirmou. Os valores apresentados por Haddad indicam que a diferença dos 20 centavos representam, nas contas, um acréscimo de cerca de R\$ 200 milhões nos gastos da Prefeitura, isso apenas no orçamento deste ano.

De acordo com as tabelas da administração municipal, sem aumento na tarifa, o subsídio para os ônibus chegaria a R\$ 1,425 bilhão em 2013. Com aumento, será de pelo menos R\$

1,250 bilhão. "O problema é que o orçamento aprovado para este ano previa um gasto de R\$ 600 milhões com o subsídio", disse o secretário municipal de Transportes, Jilmar Tatto.

Propostas

O prefeito de São Paulo disse que estará nesta quarta-feira, 19, em Brasília com o objetivo de acompanhar discussões da Comissão de Assuntos Econômicas (CAE) do Senado para aprovação de um novo pacote de desoneração de impostos do setor de transporte público. Se for aprovado, disse, o regime especial de incentivos em discussão poderia representar 7 dos 20 centavos de aumento na passagem - mas não sinalizou que, se o benefício for aprovado, a redução das tarifas seria automática. No lugar disso, disse que a pauta é importante dada a onda de protestos pelo País.

Nesta terça-feira, prefeituras de cidades como João Pessoa e Recife, além do governo de Pernambuco, revogaram os aumentos da tarifa. "Essa é, agora, uma demanda de várias cidades. Nessa marcha (se os Executivos municipais cederem sem ter incentivos), elas quebram", alegou.

O pacote isenta de Programa de Integração Social (PIS)/Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep) a compra dos insumos necessários à operação dos transportes, como óleo diesel e peças, e de novos ônibus. Como o projeto é de caráter terminativo, se for aprovado pela CAE, será enviado à Câmara sem precisar passar pelo plenário do Senado.

Mais impostos

Haddad argumentou, por outro lado, que apenas esse pacote não é suficiente para reduzir as despesas extras advindas da revogação do aumento. Por isso que, segundo o prefeito, a sociedade tem de ter ideia clara do tamanho dos recursos que o poder público teria de arrecadar para custear a tarifa zero reivindicada pelo Passe Livre.

Haddad afirmou que, pessoalmente, é favorável a um mecanismo fiscal que faça com que o transporte particular financie o custeio do transporte público. Citou, como ideias a serem discutidas, a criação de um imposto municipal para o combustível - nos moldes da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), que é federal -, o pedágio urbano e até aumento do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). Nesse último, lembrou de proposta da gestão Luiza Erundina (1989-1992), que classificou como um "fracasso" por falta de apoio popular. Para reforçar os argumentos de que a discussão é mais ampla, Haddad ressaltou que a reivindicação do MPL não seria a revogação do aumento, mas sim o congelamento da tarifa - porque um eventual aumento em 2014 renderia protestos.

Futuro

A integrante do MPL no evento, Mayara Vivian, retrucou dizendo que a pauta imediata é a revogação da tarifa. "As pessoas estão nas ruas para revogar o aumento de agora", disse. Eles discutiram durante a reunião e o prefeito disse que não usaria "truques" para falar com os manifestantes, antes de comentar o aumento de gastos que a medida causará.

THEATRO MUNICIPAL DE SP SOFRE AMEAÇA DE INVASÃO

19/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274522.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

A equipe do Theatro Municipal de São Paulo impediu que o espaço fosse invadido nesta terça-feira, 18, à noite, durante a última récita da ópera Rake's Progress. Cerca de 300 espectadores acompanhavam o espetáculo, além de outras cem pessoas, entre funcionários, seguranças, equipe de manutenção, músicos e artistas. Houve tentativa de invasão, o que obrigou o fechamento de todas as portas. Os vitrais da fachada foram pichados.

"O prejuízo foi relativamente pequeno. Só teremos de limpar a fachada. Felizmente, nenhum equipamento ou vitral foi danificado ou destruído", afirmou o diretor da Fundação Teatro Municipal, José Luiz Herencia. A ópera do compositor, pianista e maestro russo Ígor Fiódorovitch Stravinski começou por volta das 20 horas. Antes, no terraço, o público acompanhou os protestos, mas foi orientado pelos funcionários a entrar, enquanto o grupo radical do lado de fora cantava: "Você de gravata, vem pra passeata". A primeira parte da ópera ocorreu sem dificuldades, mas, durante o intervalo, a segurança do teatro orientou o público a ficar longe das janelas, uma vez que os manifestantes batiam nelas. Antes do reinício do espetáculo, o maestro Jamil Maluf subiu no palco e avisou o público que, se fosse necessário, um cordão de segurança seria montado para que os espectadores deixassem o teatro pela lateral, ao fim da apresentação.

Como a Tropa de Choque chegou, não houve necessidade de segurança extra e a saída do público não teve incidentes. Ao deixar o teatro, o analista Luís Cruz, de 50 anos, disse que já foi jovem e que compreende a manifestação. "Mas, com vandalismo, eu não concordo."

PARA HADDAD, CRIMINOSOS SÃO RESPONSÁVEIS POR VANDALISMO

19/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274465.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

O prefeito Fernando Haddad (PT) classificou como "atrocidade" os atos de vandalismo que aconteceram nessa terça-feira, 18, na cidade de São Paulo, durante manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus. "O que aconteceu aqui é uma atrocidade com a cidade, o prédio da prefeitura é do povo. Gestos como o de ontem não contribuem para o funcionamento da cidade. A cidade quer funcionar, as pessoas têm o direito de chegar em casa", disse o prefeito em coletiva nesta quarta-feira, 19. Ele classificou de "criminosos" os que estão agindo com atos de vandalismo.

Na noite dessa terça o prédio da Prefeitura e o Teatro Municipal, assim como outros locais, foram pichados. Mais de 20 estabelecimentos comerciais foram depredados com saques ou incêndio.

Apesar da crítica, o prefeito ressaltou o caráter democrático do protesto da maior parte dos manifestantes, que não agiu com violência. Haddad avaliou que "o apelo que se faz desde o começo (dos protestos) é preservar o ambiente democrático" e, ao ser indagado sobre a demora da Polícia Militar em agir nos protestos, disse que a pergunta deveria ser feita ao secretário de Segurança Pública, Fernando Grella. "O policiamento é do governo do Estado", explicou.

Haddad, conversou, por telefone, sobre as manifestações com o governador, Geraldo Alckmin (PSDB). De acordo com o prefeito, há uma preocupação por parte da PM com a garantia da integridade física dos manifestantes, principalmente depois do ocorrido no protesto da última quinta-feira, dia 13.

"A polícia tem muita parcimônia para preservar a integridade física das pessoas. Existe uma preocupação grande da PM no momento de só agir em último caso", disse Haddad, que afirmou ainda confiar no secretário de Segurança Pública. Segundo Haddad, mais de 60 pessoas foram presas por conta das depredações.

MAGAZINE LUIZA CONFIRMA SAQUE A LOJA NO CENTRO DE SP

19/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274441.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

A Magazine Luiza confirmou que sua loja na Rua Direita, no centro de São Paulo, foi saqueada durante as manifestações desta terça-feira, 18, na cidade. Questionada sobre se haverá a necessidade de aumentar investimentos em segurança por conta dos protestos na cidade, a varejista informou que o assunto está sendo analisado pela diretoria de segurança da empresa.

"O Magazine Luiza lamenta informar que teve sua loja da Rua Direita, em São Paulo, saqueada por criminosos infiltrados no movimento popular que fazia manifestação ontem, na região", disse a companhia em nota. "A empresa irá colaborar com a polícia nas investigações", conclui o texto. A companhia não divulgou os prejuízos registrados com os acontecimentos de ontem.

DIFERENTES GRUPOS PROTESTAM EM SP NESTA QUARTA-FEIRA

19/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274421.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

A manhã desta quarta-feira, 19, segue com protestos em vários pontos de São Paulo, dando prosseguimento às manifestações iniciadas na semana passada pelo Movimento pelo Passe Livre (MPL) nas principais capitais do País. Lideram os protestos desta manhã, ativistas do Movimento Periferia Ativa e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), que bloquearam mais cedo a Rodovia Régis Bittencourt nos dois sentidos e agora os ativistas seguem para o Terminal Campo Limpo.

Mais cedo, manifestantes interditaram a pista da Rodovia Anchieta no sentido São Paulo, na altura do quilômetro 23. Também houve protesto e bloqueio na M"Boi Mirim. Funcionários da CET, que reivindicam melhores salários, deixaram de montar faixas reversíveis em vários pontos da cidade.

Nas redes sociais, uma chamada convocando greve geral para o dia 1º de julho já foi compartilhada por mais de 700 mil pessoas desde a última sexta-feira, 14. A convocação não parte de nenhum partido, instituição ou movimento, mas alcançou grande repercussão.

PROTESTO DEIXA RASTRO DE DESTRUIÇÃO NO CENTRO DE SP

19/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274392.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Lixos espalhados pelas ruas, estilhaços de vidros e prédios danificados em vários pontos do centro de São Paulo dão a dimensão dos estragos provocados na região ao fim do sexto dia de manifestação contra o aumento da tarifa do transporte público, na noite dessa terça-feira, 18. Após início pacífico do ato, um pequeno grupo atacou a sede da Prefeitura e as lojas da Rua Direita. Na manhã desta quarta-feira, 19, ainda era possível ver objetos queimados pelo chão e os danos causados nas fachadas de edifícios.

A maioria das grades de ferro usadas pela Guarda Civil para conter os manifestantes foi arremessada para debaixo do viaduto. Já o posto policial em frente ao prédio e as lixeiras foram queimados. Desde o início da manhã, funcionários isolaram a área, recolhem os destroços e limpam as pichações. A entrada de servidores será normal. Mesmo quem acompanhou pela TV ficou impressionado com o resultado. "Não imaginei que estaria essa bagunça. Exageraram,

deveria ser pacífico", reclama Luiz Carlos Casolatto, de 56 anos, porteiro em um prédio da região.

No entorno, diversos estabelecimentos comerciais foram arrombados e saqueados. Duas agências bancárias ficaram bastante danificadas. "Sou a favor dos protestos, mas muitos se apropriam do movimento para praticar vandalismo", afirma André Yashiro, de 37 anos, coordenador de uma loja de presentes, que teve a porta e o estoque destruído. Segundo ele, que ainda não estimou o prejuízo, a polícia orientou os comerciantes que só fossem para o local de manhã para evitar conflitos com vândalos. O vigilante Márcio Nunes, de 33 anos, diz que entende a postura mais violenta. "É culpa dos governantes que fazem absurdos com a sociedade". As paredes do prédio histórico do Teatro Municipal também foram pichadas.

MANIFESTANTES FAZEM PROTESTO NO PRÉDIO ONDE MORA HADDAD

19/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274381.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Cerca de 150 pessoas foram ontem, por volta das 22 horas, protestar na frente do prédio onde mora o prefeito Fernando Haddad (PT), no Paraíso, zona sul da capital paulista. A manifestação, pacífica, foi acompanhada por quatro viaturas da Polícia Militar. O grupo ficou no local até a meia-noite e não houve confusão.

A manifestação começou quando dezenas de pessoas que já participavam do sexto protesto do Movimento Passe Livre (MPL), que começou no fim da tarde na Praça da Sé contra o aumento da tarifa de ônibus, desceram a Rua Augusta. Ao chegar ao endereço de Haddad, o bloco ganhou o reforço de vizinhos do prefeito, incluindo moradores do próprio prédio em que ele mora com a mulher e os filhos.

Os manifestantes entoaram palavras de ordem: "Haddad nós paramos a cidade", "Não é só ônibus?, também tem corrupção" e "Brasil, vamos acordar, o professor vale mais do que o Neymar".

Privilégios de políticos, como o uso de passaportes diplomáticos e de jatinhos também foram alvos dos manifestantes, que aproveitaram para pedir cadeia aos condenados no julgamento do mensalão. A assessoria do prefeito informou que ele estava em seu apartamento com a família no horário dos protestos e estaria cogitando cancelar um compromisso na manhã de hoje em Brasília, por causa das manifestações na frente do seu prédio.

Vereadores aliados do prefeito criticaram o protesto nas redes sociais. "É inadmissível que quem lutou por democracia no País permita que o prefeito da cidade - eleito legitimamente - seja chantageado na porta de sua casa por manifestantes", reclamou o presidente da Câmara, José Américo (PT), pelo Facebook.

Em 2011, último aumento do ônibus na gestão de Gilberto Kassab (PSD), manifestantes do MPL também protestaram contra a tarifa na frente do prédio do ex-prefeito, na região da Avenida Brigadeiro Faria Lima.

MASCARADOS ATACAM POLICIAIS E PROMOVEM SAQUES EM SP

19/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274372.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Um grupo de cerca de cem pessoas, a maioria com máscaras e lenços cobrindo o rosto, depredou e saqueou pelo menos 20 lojas no centro de São Paulo, na noite de ontem. Alguns estabelecimentos foram incendiados. A onda de ataques que deixou um cenário de destruição começou por volta das 21h30 e só terminou quando a Tropa de Choque da Polícia Militar entrou no perímetro das ruas do centro antigo da capital paulista.

Segundo a Polícia Civil, 47 pessoas foram presas, pelo menos 20 em flagrante. A maior parte dos saqueadores era moradores de rua e dependentes químicos, segundo os policiais. Uma menina de 15 anos foi flagrada com uma cafeteira e um secador de cabelos. Também foram recuperados fornos de micro-ondas, televisões de plasma, jogos de talheres e até um fogão de quatro bocas. Perguntado pela polícia a origem desse último produto, o acusado tentou se justificar: "Comprei". O protesto do Movimento Passe Livre (MPL) havia começado cinco horas antes de forma pacífica, com a concentração de 12 mil pessoas, segundo a PM, na Praça da Sé. A massa seguiu para a Prefeitura, que foi alvo de tentativa de invasão de anarquistas (veja na pág. 14). Depois da dispersão do ataque à sede do Executivo municipal a destruição no centro começou. Os saques foram no entorno da Praça do Patriarca e na Rua Barão de Itapetininga, sem que nenhum policial aparecesse.

Descontrole. Foi cerca de meia hora de território livre em um cenário completamente diferente das bandeiras brancas e pedidos de paz na manifestação de anteontem. O grupo invadiu lojas, agências bancárias e lanchonetes. Bancos tiveram as vidraças quebradas. Depois, saquearam as lojas Marisa e Americanas. O Estado viu várias pessoas com roupas e eletrodomésticos roubados.

Às 21h30, um McDonald's foi arrombado na Rua Barão de Itapetininga. O grupo derrubou o portão de ferro e, sem ter como impedir a ação, o segurança apenas assistiu a várias pessoas quebrando objetos e levando alimentos. A turba também invadiu lojas de companhias de telefone como a da Oi e de cosméticos como a do Boticário, entre outras.

A audácia dos vândalos era tanta que cerca de 18 policiais militares tiveram de fugir em direção à Praça da Sé, depois de receber uma chuva de pedras arremessadas pelo grupo.

Até um integrante dos Black Blocks, a chamada "tropa de choque" anarquista que lidera as depredações em protestos, estava preocupado com o andamento da violência no centro. Um dos membros do grupo, que considera vandalismo uma arma política, disse à reportagem que eles haviam caído em uma armadilha. "O Estado não colocou polícia. Isso está um barril de pólvora."

Os manifestantes tentaram invadir o Othon Palace Hotel, ocupado por sem-teto. Um morador chegou a ser chutado no chão, mas seus companheiros intervieram e os agressores partiram para outros alvos. Havia lógica na baderna. Barricadas foram colocadas em vias de acesso importantes, como a Rua Xavier de Toledo. Mas isso não impediu a movimentação das equipes dos bombeiros, que chegaram depois de cerca de 30 minutos de saques e depredação para apagar os focos de incêndio.

Depois disso, quando a multidão já havia se dispersado, vários ônibus da Tropa de Choque da Polícia Militar chegaram ao centro. Dezenas de homens da tropa e de outros batalhões da PM passaram a percorrer a pé as ruas do centro antigo de São Paulo.

Por volta das 22h20, o centro já estava calmo. Havia apenas o rastro de destruição deixado pela multidão: lixeiras jogadas pelo chão, placas de trânsito quebradas, fachadas pichadas e portões arrombados. Depois da depredação, o grupo seguiu tremulando as bandeiras

queimadas de São Paulo para as escadarias Teatro Municipal para comemorar e ameaçar mais um cartão-postal paulistano.

Manifestações. Novos protestos estão marcados para hoje no Largo do Piraporinha, na região do M?Boi Mirim, na zona sul da capital, ABC paulista e Taboão da Serra, na Região Metropolitana.

NOVO PROTESTO EM SÃO PAULO SERÁ 5ª NA AVENIDA PAULISTA

19/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274374.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

O sétimo protesto organizado pelo Movimento Passe Livre está marcado para esta quinta-feira, 20, às 17h, na Praça do Ciclista, na Avenida Paulista, na altura da Rua da Consolação. No discurso de chamamento à população, o movimento diz que o governador Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito Fernando Haddad (PT) têm ignorado a pressão popular.

Na chamada, os líderes do movimento dizem que São Paulo vive dias de revolta popular. Eles comentam que os protestos se espalharam por várias regiões da cidade, como Cidade Dutra e Raposo Tavares. "O tamanho das últimas manifestações e a radicalidade assumida pelos manifestantes em episódios como os que ocorreram nessa terça em frente à Prefeitura e segunda em frente ao Palácio do Governo só evidenciam o caráter insustentável da opção de Alckmin e Haddad pela intransigência", diz o texto.

CLIMA FESTIVO REÚNE VÁRIAS TRIBOS NA PAULISTA

20/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274671.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Um dos símbolos da capital, a Avenida Paulista tornou-se também "cartão-postal" do Movimento Passe Livre em 2013. Depois de um quebra-quebra que quase manchou as marchas, na terça-feira da semana passada, os manifestantes ocuparam seguidamente a via - de forma pacífica e alegre. Nos últimos dois protestos, o lugar transformou-se em um imenso bulevar colorido e pacífico, com jovens se vendo e sendo vistos pelas redes sociais enquanto protestavam. Bancários engravatados, enfermeiras com bandeiras do Brasil, professores, ativistas de direitos humanos e jovens recém engajados tomaram a via e tentaram, de alguma forma, mostrar o clima festivo das manifestações.

Até os mais politizados e os que estavam à frente dos confrontos na semana passada agora se contagiam pelo clima de "jogos universitários" do lugar, onde a cerveja e o violão ditam o embalo da concentração no Masp. "É como se fosse um Facebook de pernas. Todo mundo resolveu? postar? sua indignação na Paulista", resumia na noite de quarta-feira a jovem Renata Guerra dos Santos, de 22 anos, estudante de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP).

Pais e filhos

A maior parte das 30 mil pessoas que foi à Paulista na terça-feira queria mostrar que a onda de protestos tem seu "lado do bem". Elas subiram a Rua da Consolação para celebrar em paz. Eram pessoas como o bancário Paulo Meira, de 39 anos, que levou o filho de 6 nas costas, de cara pintada em verde e amarelo e bandeira do Brasil, que até chegou a ser contrário ao protesto da semana passada. "Não vale a pena fazer a cidade parar só pelos R\$ 0,20 da tarifa de ônibus. É que agora o protesto é por um Brasil melhor em todos os sentidos. Quero que meu filho viva esse momento", celebrava.

Também de cara pintada e bandeira nacional, a enfermeira Valéria de Oliveira Radowski, de 42 anos, levava a filha de 12 para ver o protesto. "Ela queria de todo jeito ver a festa aqui na Paulista. Acho importante ajudar a acabar com toda essa corrupção por aí", dizia a enfermeira, cercada por outros médicos e profissionais que trabalham em hospitais da região e resolveram aderir às manifestações - cuja realização sempre motivos queixas, uma vez que a Paulista é um corredor de hospitais.

Boas-vindas e azaração. Ao lado, grupos de jovens de diferentes classes sociais queriam unir protesto e azaração na Paulista. E os "engajados" do Passe Livre deram boas-vindas a todas as vertentes - afinal foi ali, do lado do Masp, que em 2006 um grupo de estudantes ligados ao MPL fez um dos seus primeiros panfletos, para lutar contra o aumento da tarifa, de R\$ 2 para R\$ 2,30. "Quanto mais gente, mais poder de negociação para reduzir a tarifa nós vamos ter", argumentava Rodrigo Mazone, de 21 anos.

MILITANTES DO PT DEIXAM PASSEATA EM SP

20/06/2013

Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274880.shtm>

Acesso em: 08/01/2018

Um grupo de cerca de 150 militantes do PT desistiu de permanecer na passeata na Avenida Paulista por causa da crescente hostilidade por parte dos manifestantes que não querem a presença de partidos no ato. A passeata ainda se concentra na frente da TV Gazeta. Os manifestantes estão impedindo emissoras de televisão de transmitir imagens ao vivo do local.

Um pouco antes, houve mais um tumulto por causa da presença dos integrantes do PT. Uma bandeira do partido foi queimada. Anteriormente eles soltaram rojões e disseram que "a luta não acaba aqui".

A Avenida 23 de Maio, bloqueada mais cedo devido à manifestação, foi liberada nos dois sentidos. A Avenida Paulista continua totalmente interditada.

MANIFESTAÇÃO ATRASA VOOS EM CUMBICA

21/06/2013

Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,manifestacao-atrasa-voos-em-cumbica,1045447>

Acesso em: 08/01/2018

Estrada foi fechada por protesto que reuniu 5 mil pessoas e dificultou a chegada ao aeroporto, tanto de passageiros quanto de tripulantes

SÃO PAULO - Cerca de 5 mil manifestantes interditaram na sexta-feira, 21, a Rodovia Hélio Smidt, que dá acesso ao Aeroporto de Cumbica, em Guarulhos, impedindo que passageiros e tripulantes chegassem ou saíssem do local. Já na Via Dutra, houve saques a veículos parados, incluindo a um furgão dos Correios.

Segundo a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero), 111 voos atrasaram até as 23h. Outros 23 foram cancelados. A manifestação só foi dispersada por volta das 22h30, com a intervenção da Tropa de Choque, com bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral. Houve ainda apoio da Força Tática para tirar manifestantes da área do acostamento.

A interdição da rodovia começou a ser montada por volta das 17h. Muitos passageiros que ficaram presos no bloqueio desceram dos carros e tentaram seguir a pé pela via para não perder voos. Alguns foram hostilizados por manifestantes.

Márcio Miranda Alves, de 39 anos, doutorando de Literatura, teve de descer do ônibus onde estava e andar por cinco quilômetros até chegar ao aeroporto, carregando uma bagagem

de 9 quilos nas costas. "Fiquei sabendo só quando vim para cá. Na quinta, eu fui para a Paulista, não posso reclamar."

ANEXO B - CORPUS DE NOTÍCIAS ANALISADAS NESTE TRABALHO – *FOLHA DE S.PAULO*

APÓS CONFUSÃO NA PAULISTA, ESTUDANTES PROMETEM NOVO PROTESTO EM SP

07/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291177-apos-confusao-na-paulista-estudantes-prometem-novo-protesto-em-sp.shtml>

Acesso em: 20/09/2017

Depois da confusão ocorrida na noite de ontem durante um protesto na avenida Paulista, na região central de São Paulo, estudantes prometem nova manifestação na tarde desta sexta-feira.

O Movimento Passe Livre programa uma nova mobilização contra o aumento das passagens de ônibus a partir das 17h no largo da Batata, em Pinheiros (zona oeste).

No protesto de ontem, um grupo de estudantes entrou em confronto com a Polícia Militar. Segundo os organizadores, ao menos 30 pessoas ficaram feridas por balas de borracha e estilhaços de bombas de gás lacrimogênio, muitos com ferimentos no rosto.

Segundo a PM, os manifestantes atearam fogo em caixas de madeira em três pontos da 23 de Maio, quebraram placas de sinalização, invadiram o terminal Bandeira e picharam ônibus. Houve ainda atos de vandalismo contra ao menos uma banca de jornal na Paulista. Parte das bancas foram destruídas e revistas e jornais foram espalhados pela calçada.

Organizadores do protesto disseram que parte dos manifestantes pichou alguns estabelecimentos e ruas durante o protesto, mas argumentou que não era possível controlar toda a multidão. Segundo eles, cerca 6.000 participaram do protesto. Já a PM aponta que eram cerca de 2.000 manifestantes.

Estragos

O protesto de quinta-feira deixou um rastro de vandalismo pela região central de São Paulo. A avenida Nove de Julho ficou com muros e pontos de ônibus pichados. Já na avenida Paulista houve novas pichações, vandalismo em bancas de jornal e confronto entre manifestantes e policiais militares.

O shopping Pátio Paulista foi fechado durante o protesto. Segundo a assessoria, o centro comercial fechou por volta das 21h10 --50 minutos antes do normal--, quando um grupo de manifestantes entrou no local e acabou danificando um dos dois carros que estavam expostos na entrada, como parte da promoção de Dia dos Namorados.

O Metrô informou, em nota, que os vidros dos acessos às estações Brigadeiro e Trianon-Masp, da linha 2-verde, e houve vandalismo também na estação Vergueiro, na linha 1-azul. As ações nessa última resultaram ainda em um segurança do metrô ferido.

As três estações e a estação Consolação chegaram a fechar durante o protesto. Apesar disso, o sistema funcionou normalmente. O cálculo de todos os prejuízos sofridos pelo metrô ainda serão calculados.

Reajuste

As passagens dos ônibus, metrô e dos trens da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), que eram R\$ 3, foram reajustadas para R\$ 3,20 no último domingo (2). O

reajuste foi de 6,7%. No caso do ônibus, cujo valor da passagem não era corrigida desde janeiro de 2011, o valor ficou bem abaixo da inflação acumulada no período.

O IPCA, medido pelo IBGE e base da inflação oficial, acumulou 15,5% desde o último aumento da tarifa. O IPC, da Fipe-USP, 12,8%. Os índices foram calculados até abril --os números de maio não foram fechados.

No caso do Metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Desde então, o IPCA acumulou 7,8%, e o IPC, 5,9%

SEM DINHEIRO PARA FIANÇA, JOVEM QUE PROTESTOU CONTRA TARIFA EM SP CONTINUA PRESO

07/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291321-sem-dinheiro-para-fianca-manifestante-contr-aumento-da-tarifa-continua-preso-em-sp.shtml>

Acesso em 20/09/2017

Das 15 pessoas que foram detidas ontem durante um protesto contra o aumento da tarifa do transporte em São Paulo, duas permaneciam presas na tarde desta sexta-feira.

De acordo com a Secretaria de Estado da Segurança Pública, um deles é um ajudante geral de 18 anos que foi preso sob acusação de danificar lixeiras da avenida Paulista e depredar a estação de metrô Trianon. Ele disse, segundo a polícia, que não tinha os R\$ 3.000 para pagar a fiança estipulada.

O outro homem é um mecânico de 35 anos que foi preso quando ateava fogos em sacos de lixo e fazia barricadas durante a manifestação. Para ele, segundo a secretaria, não foi estipulada fiança.

Os presos foram levados inicialmente para o 78º DP (Jardins), mas depois foram encaminhados ao 2º DP (Bom Retiro).

Os outros presos foram liberados, alguns depois de pagar fiança e outros depois de prestar depoimento. Entre eles estava Altino de Melo Prazeres Júnior, presidente do Sindicato dos Metroviários.

Um estudante de 24 anos e um estagiário de 18, indiciados sob suspeita de dano ao patrimônio público, pagaram R\$ 678 de fiança. Outros dois homens, presos acusados de depredar lixeiras e a estação, pagaram fiança de R\$ 3.000. Segundo a secretaria, dos 15 presos apenas 6 foram indiciados.

O Movimento Passe Livre, que organizou o protesto, convocou outra manifestação para a tarde de hoje. O ato está marcado para as 17h no largo da Batata, em Pinheiros. Os manifestantes prometem parar o trânsito da avenida Faria Lima.

Procuradas, a Polícia Militar e a Guarda Civil Metropolitana informaram que não está previsto nenhum tipo de operação preventiva na região. A CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) informou que, caso a manifestação ocorra, vai implantar um plano operacional para monitorar as vias da região.

Confronto

Após bloquear avenidas, o protesto de ontem terminou em confronto com a Polícia Militar e atos de vandalismo na região central.

O ato levou à interdição de vias como 23 de Maio, Nove de Julho e Paulista na hora de pico. Estações de metrô foram depredadas e fecharam.

No centro e na Paulista, manifestantes quebraram vidros e placas, picharam muros e ônibus, atearam fogo em lixo, provocaram danos a um shopping e ao Masp.

O Metrô estimou o prejuízo em R\$ 73 mil e que vai "responsabilizar e acionar judicialmente os autores por danos ao patrimônio público, para que os contribuintes e demais usuários não tenham que arcar com o custo desse lamentável episódio".

A assessoria da gestão Fernando Haddad (PT) afirmou que "a prefeitura entende a manifestação", mas que lamenta que ela "tenha tomado proporções violentas".

Movimento

O protesto de ontem, diz a PM, reuniu cerca de 2.000 pessoas --os organizadores falam em 5.000.

Em nota, o Movimento Passe Livre afirma que "não incentiva a violência em momento algum de suas manifestações, mas é impossível controlar a frustração e a revolta de milhares de pessoas com o poder público e com a violência da Polícia Militar".

Eles dizem que os atos de vandalismo só começaram depois "de repressão brutal e prisões" feita pela polícia.

O Passe Livre, que existe em outras capitais e defende que não seja cobrada tarifa no transporte público.

Em sua página, o movimento diz que não ser "filiado a nenhum partido ou instituição" e que não tem "presidentes, dirigentes, chefes ou secretários, todos têm a mesma voz e poder de decisão". Mas a maioria dos integrantes pertence a diretórios estudantis e alas radicais de partidos como PSOL, PSTU e PCO.

Em São Paulo, o movimento organiza protestos sempre que a tarifa aumenta. Em 2011, quando a passagem de ônibus subiu de R\$ 2,70 para R\$ 3, eles tiveram apoio da bancada petista na Câmara Municipal.

Reajuste

As passagens dos ônibus, metrô e dos trens da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), que eram R\$ 3, foram reajustadas para R\$ 3,20 no último domingo (2). O reajuste foi de 6,7%. No caso do ônibus, cujo valor da passagem não era corrigida desde janeiro de 2011, o valor ficou bem abaixo da inflação acumulada no período.

O IPCA, medido pelo IBGE e base da inflação oficial, acumulou 15,5% desde o último aumento da tarifa. O IPC, da Fipe-USP, 12,8%. Os índices foram calculados até abril --os números de maio não foram fechados.

No caso do Metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Desde então, o IPCA acumulou 7,8%, e o IPC, 5,9%.

METRÔ PROCESSARÁ MANIFESTANTES DA AV. PAULISTA; MORADORES ESTUDAM AÇÃO

07/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291477-associacao-de-moradores-da-av-paulista-vai-processar-manifestantes.shtml>

Acesso em :21/09/2017

O Metrô de São Paulo informou que vai acionar a Justiça para ressarcir os danos ao patrimônio público causados durante um protesto contra o aumento das tarifas do transporte público realizado na avenida Paulista na noite de ontem. A companhia estimou os prejuízos em R\$ 73 mil, sendo R\$ 68 mil em vidros quebrados e R\$ 5.000 com luminárias danificadas.

Segundo o Metrô, as estações Brigadeiro e Trianon-Masp, da linha 2-verde, tiveram os vidros de seus acessos quebrados e, junto com a estação Consolação, foram fechadas enquanto os manifestantes passavam pela região, para evitar riscos aos usuários. A estação Vergueiro, da Linha 1-azul, teve um de seus acessos fechado devido à depredação em seu interior, que resultou em um agente de segurança do Metrô ferido levemente.

A Associação Paulista Viva também estuda abrir um processo judicial contra os organizadores do protesto na região central de São Paulo, conforme apurou a Folha. A associação informou que pretende ressarcir o dinheiro gasto na reconstrução das cabines de segurança usadas pela Polícia Militar, conhecidas como supedâneos.

A associação afirmou que defende os direitos da livre expressão, mas "repudia veementemente os atos de vandalismo e depredação de patrimônio público e privado ocorrido ontem".

A Paulista Viva registrou que parte de seus bens foram depredados. As cabines são da associação foram destruídos ou danificados após serem tombados, pichados ou incendiados.

Em nota, o Movimento Passe Livre, que organizou o protesto, disse que exerce seu "legítimo direito de se manifestar" e as depredações só começaram quando os manifestantes sofreram "repressão brutal" e violenta da Polícia Militar. O grupo disse ainda que não incentiva a violência, mas "é impossível controlar a frustração e a revolta de milhares de pessoas com o poder público e com a violência da Polícia Militar".

Há um novo protesto marcado para hoje, às 17h, no largo da Batata, em Pinheiros, na zona oeste da capital paulista.

Confronto

Após bloquear avenidas, o protesto de ontem terminou em confronto com a Polícia Militar e atos de vandalismo na região central.

O ato levou à interdição de vias como 23 de Maio, Nove de Julho e Paulista na hora de pico. Estações de metrô foram depredadas e fecharam.

No centro e na Paulista, manifestantes quebraram vidros e placas, picharam muros e ônibus, atearam fogo em lixo, provocaram danos a um shopping e ao Masp.

O Metrô estimou o prejuízo em R\$ 73 mil e que vai "responsabilizar e acionar judicialmente os autores por danos ao patrimônio público, para que os contribuintes e demais usuários não tenham que arcar com o custo desse lamentável episódio".

Reajuste

As passagens dos ônibus, metrô e dos trens da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), que eram R\$ 3, foram reajustadas para R\$ 3,20 no último domingo (2). O reajuste foi de 6,7%. No caso do ônibus, cujo valor da passagem não era corrigida desde janeiro de 2011, o valor ficou bem abaixo da inflação acumulada no período.

O IPCA, medido pelo IBGE e base da inflação oficial, acumulou 15,5% desde o último aumento da tarifa. O IPC, da Fipe-USP, 12,8%. Os índices foram calculados até abril --os números de maio não foram fechados.

No caso do Metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Desde então, o IPCA acumulou 7,8%, e o IPC, 5,9%.

GRUPO FAZ NOVO PROTESTO CONTRA AS PASSAGENS EM SP; PM CERCA O LOCAL

07/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291526-policia-cerca-largo-da-batata-para-novo-protesto-contrapassagens.shtml>

Acesso em 21/09/2017

Um grande número de policiais militares se concentra na região do largo da Batata, em Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, no fim da tarde desta sexta-feira. Está marcado para acontecer no local um novo protesto contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trens.

Ontem, o Movimento Passe Livre promoveu uma manifestação com o mesmo tema na região central da cidade. O protesto, porém, acabou resultando em confronto e deixou um rastro de vandalismo em avenidas como a 23 de Maio, a Nove de Julho e Paulista. Com isso, 15 pessoas foram detidas.

Por volta das 17h30, havia cerca de 150 pessoas já concentradas no largo da Batata, com faixas e bandeiras. O clima, no entanto, era tranquilo no local. Embora alguns comerciantes tenham decidido fechar as portas, a maior parte dos estabelecimentos da região funcionam

normalmente. O grupo afirmou que fará uma caminhada por ruas da região, mas não informaram o itinerário.

Segundo Marcelo Hotmimsky, 19, um dos organizadores da manifestação, os atos que ocorreram na Paulista foram consequenciais da repressão policial. "A partir do momento que a polícia reprime, a situação fica incontrolável. Os manifestantes foram atingidos por bombas e balas de borracha. Eles apenas se defenderam".

Confronto

O protesto ontem deixou um rastro de vandalismo pela região central de São Paulo. A avenida Nove de Julho ficou com muros e pontos de ônibus pichados. Já na avenida Paulista houve novas pichações, vandalismo em bancas de jornal e confronto entre manifestantes e policiais militares.

O shopping Pátio Paulista foi fechado durante o protesto. Segundo a assessoria, o centro comercial fechou por volta das 21h10 --50 minutos antes do normal--, quando um grupo de manifestantes entrou no local e acabou danificando um dos dois carros que estavam expostos na entrada, como parte da promoção de Dia dos Namorados.

O Metrô informou, em nota, que os vidros dos acessos às estações Brigadeiro e Trianon-Masp, da linha 2-verde, e houve vandalismo também na estação Vergueiro, na linha 1-azul. As ações nessa última resultaram ainda em um segurança do metrô ferido.

As três estações e a estação Consolação chegaram a fechar durante o protesto. Apesar disso, o sistema funcionou normalmente. Os cálculos de todos os prejuízos sofridos pelo metrô ainda serão calculados.

O Metrô estimou o prejuízo em R\$ 73 mil e disse que vai "responsabilizar e acionar judicialmente os autores por danos ao patrimônio público, para que os contribuintes e demais usuários não tenham que arcar com o custo desse lamentável episódio".

Reajuste

As passagens dos ônibus, metrô e dos trens da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), que eram R\$ 3, foram reajustadas para R\$ 3,20 no último domingo (2). O reajuste foi de 6,7%. No caso do ônibus, cujo valor da passagem não era corrigida desde janeiro de 2011, o valor ficou bem abaixo da inflação acumulada no período.

O IPCA, medido pelo IBGE e base da inflação oficial, acumulou 15,5% desde o último aumento da tarifa. O IPC, da Fipe-USP, 12,8%. Os índices foram calculados até abril --os números de maio não foram fechados.

No caso do Metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Desde então, o IPCA acumulou 7,8%, e o IPC, 5,9%.

MANIFESTANTES DEIXAM A MARGINAL, MAS CONTINUAM ATO EM PINHEIROS

07/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291737-manifestantes-deixam-a-marginal-mas-continuam-ato-em-pinheiros.shtml>

Acesso em: 21/09/2017

A marginal Pinheiros foi liberada para o tráfego por volta das 19h40 desta sexta-feira após um grupo de cerca de 4.000 pessoas invadir a via durante um protesto contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trem. O ato, porém, continua por ruas da região Pinheiros, na zona oeste de São Paulo.

Por volta das 19h40, os manifestantes estavam na Professor Frederico Hermann Júnior, que estava totalmente bloqueada. O grupo havia se concentrado ainda no início da tarde na avenida Faria Lima e seguiu pela avenida Eusébio Matoso até a marginal Pinheiros. Eles não informaram, porém, qual o destino final do protesto.

Policiais que acompanham os manifestantes usam bombas de gás lacrimogênio e tiros de borrachas para dispersar os cerca de 4.000 manifestantes. A Via Quatro, que administra as estações da linha 4-amarela do metrô, por onde os manifestantes passaram, disse que não houve nenhum dano no local.

Os manifestantes fazem pichações por onde passa a manifestação. A fumaça das bombas de gás lançadas pela PM chegou a se espalhar em direção à estação Pinheiros do metrô, lotada de passageiros que assistiam à distância a manifestação.

Ontem, o Movimento Passe Livre promoveu uma manifestação com o mesmo tema na região central da cidade. O protesto, porém, acabou resultando em confronto e deixou um rastro de vandalismo em avenidas como a 23 de Maio, a Nove de Julho e Paulista. Com isso, 15 pessoas foram detidas.

Segundo Marcelo Hotmimsky, 19, um dos organizadores da manifestação, os atos que ocorreram na Paulista foram consequência da repressão policial. "A partir do momento que a polícia reprime, a situação fica incontrollável. Os manifestantes foram atingidos por bombas e balas de borracha. Eles apenas se defenderam".

Trânsito

A cidade de São Paulo já registrou mais cedo a terceira maior lentidão do ano. Segundo a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), eram 226 km de filas às 18h30, o que corresponde a 26,1% dos 868 km de vias monitoradas. O mesmo índice se repetiu às 19h.

Por volta das 20h, a lentidão já tinha caído, mas permanecia acima da média. Eram 151 km de retenção, o que representa 17,4% dos 868 km de vias monitoradas. A média do horário é de 13,7%.

A via mais congestionada às 20h era a marginal Tietê, com 8,8 km de retenção na pista local, no sentido Ayrton Senna. As filas se estendiam da ponte Julio de Mesquita Neto até a Jânio Quadros. Já na pista expressa, havia mais 8,7 km de filas no mesmo trecho.

Apesar do congestionamento elevado, a CET afirmou não haver registro de ocorrências relevantes no horário, além do protesto.

O congestionamento dessa sexta só fica atrás dos 261 km de filas registrados às 18h30 do dia 08 de março, quando as chuvas provocaram alagamentos e quedas de árvores, e os 235 km de retenção registrados às 19h do dia 28 de março, devido à saída do feriado de Páscoa.

Confronto

O protesto ontem deixou um rastro de vandalismo pela região central de São Paulo. A avenida Nove de Julho ficou com muros e pontos de ônibus pichados. Já na avenida Paulista houve novas pichações, vandalismo em bancas de jornal e confronto entre manifestantes e policiais militares.

O shopping Pátio Paulista foi fechado durante o protesto. Segundo a assessoria, o centro comercial fechou por volta das 21h10 --50 minutos antes do normal--, quando um grupo de manifestantes entrou no local e acabou danificando um dos dois carros que estavam expostos na entrada, como parte da promoção de Dia dos Namorados.

O Metrô informou, em nota, que os vidros dos acessos às estações Brigadeiro e Trianon-Masp, da linha 2-verde, e houve vandalismo também na estação Vergueiro, na linha 1-azul. As ações nessa última resultaram ainda em um segurança do metrô ferido.

As três estações e a estação Consolação chegaram a fechar durante o protesto. Apesar disso, o sistema funcionou normalmente. Os cálculos de todos os prejuízos sofridos pelo metrô ainda serão calculados.

O Metrô estimou o prejuízo em R\$ 73 mil e disse que vai "responsabilizar e acionar judicialmente os autores por danos ao patrimônio público, para que os contribuintes e demais usuários não tenham que arcar com o custo desse lamentável episódio"

HADDAD NÃO SE PRONUNCIOU SOBRE MANIFESTAÇÕES QUE ACONTECEM EM SP

07/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291746-haddad-nao-se-pronunciou-sobre-manifestacoes-que-acontecem-em-sp.shtml>

Acesso em: 21/09/2017

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), ainda não se pronunciou sobre os protestos organizados pelo Movimento Passe Livre contra o aumento da tarifa de ônibus de R\$ 3 para R\$ 3,20, que resultaram em confronto com a polícia e vandalismo na noite de quinta e sexta-feira.

Haddad não teve compromissos públicos nesta sexta-feira. A única manifestação da prefeitura foi feita na noite de quinta. Em nota, sua assessoria que "a prefeitura entende a manifestação", mas que lamenta que ela "tenha tomado proporções violentas".

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) condenou o comportamento dos manifestantes e defendeu a atuação da Polícia Militar, que usou gás lacrimogêneo e balas de borracha contra os manifestantes.

"Isso não é manifestação, é vandalismo. Por isso você tem que tratar como tal: vandalismo. Não é possível aceitar depredação do patrimônio público e prejuízo para a população", disse Alckmin, em declaração dada antes do novo ato do movimento, que teve início no Largo da Batata e se estendeu pela Marginal do Pinheiros, nesta sexta.

Haddad esteve em reuniões fechadas durante toda a sexta. Recebeu em seu gabinete, entre outros, os secretários Antonio Donato (Governo), Francisco Macena (Subprefeituras) e Eliseu Gabriel (Trabalho), além do maestro John Neschling e os vereadores Orlando Silva (PCdoB) e Laércio Benko (PHS).

NOVO PROTESTO CONTRA TARIFAS RESULTA EM VANDALISMO E CONFUSÃO EM SP

07/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291785-manifestantes-retornam-ao-largo-da-batata-apos-passeata-em-sp.shtml>

Acesso em: 21/09/2017

Os cerca de 4.000 manifestantes que fizeram uma passeata pela região de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, na noite dessa sexta-feira, retornaram para o largo da Batata ao término do protesto contra o aumento das tarifas de ônibus. O grupo chegou a fechar a marginal Pinheiros mais cedo.

Esse é o segundo dia de protestos promovido pelo Movimento Passe Livre. Tanto ontem quanto hoje, os manifestantes fizeram atos de vandalismo, pichando ruas e quebrando lixeiras e placas. A polícia respondeu com bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borrachas para tentar conter o grupo.

Nesta sexta-feira, o grupo saiu do largo da Batata, seguiu pelas avenidas Brigadeiro Faria Lima e Eusébio Matoso até a marginal Pinheiros, de onde retornaram depois para o ponto de partida --um trajeto de cerca de 5km. Ontem, o movimento promoveu uma manifestação com o mesmo tema, passando pelas avenidas 23 de Maio, Nove de Julho e Paulista, na região central da cidade.

Segundo Marcelo Hotmimsky, 19, um dos organizadores da manifestação, os atos que ocorreram na Paulista foram consequência da repressão policial. "A partir do momento que a polícia reprime, a situação fica incontrolável. Os manifestantes foram atingidos por bombas e balas de borracha. Eles apenas se defenderam".

Vandalismo

Na quinta-feira, o shopping Pátio Paulista foi fechado durante o protesto. O centro comercial fechou por volta das 21h10 --50 minutos antes do normal--, quando um grupo de manifestantes entrou no local e acabou danificando um dos dois carros que estavam expostos na entrada, como parte da promoção de Dia dos Namorados.

O Metrô informou, em nota, que os vidros dos acessos às estações Brigadeiro e Trianon-Masp, da linha 2-verde, e houve vandalismo também na estação Vergueiro, na linha 1-azul. As ações nessa última resultaram ainda em um segurança do metrô ferido.

As três estações e a estação Consolação chegaram a fechar durante o protesto. Apesar disso, o sistema funcionou normalmente. O cálculo de todos os prejuízos sofridos pelo metrô ainda serão calculados.

O Metrô estimou o prejuízo em R\$ 73 mil e disse que vai "responsabilizar e acionar judicialmente os autores por danos ao patrimônio público, para que os contribuintes e demais usuários não tenham que arcar com o custo desse lamentável episódio".

MANIFESTANTES DEIXAM A PAULISTA APÓS 2º DIA DE PROTESTO CONTRA TARIFA

08/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291984-manifestantes-deixam-a-paulista-apos-2-dia-de-protesto-contra-tarifa.shtml>

Acesso em: 21/09/2017

Um grupo de cerca de cem manifestantes encerrou por volta das 23h de sexta-feira (7) o protesto contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trem que ocupava uma faixa da avenida Paulista, região central de São Paulo, informou a Polícia Militar.

O grupo, que chegou a reunir 4.000 pessoas mais cedo, reuniu-se no largo da Batata e seguiu por vias como a Brigadeiro Faria Lima, Eusébio Matoso e pela marginal Pinheiros. Os manifestantes então voltaram para o largo da Batata, onde houve uma dispersão, mas um pequeno grupo decidiu prosseguir em direção à Paulista.

Esse foi o segundo dia de protestos promovido pelo Movimento Passe Livre. Tanto na quinta (6) quanto ontem, os manifestantes fizeram atos de vandalismo, pichando ruas e quebrando lixeiras e placas. A polícia respondeu com bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borrachas para tentar conter o grupo.

Segundo Marcelo Hotmimsky, 19, um dos organizadores da manifestação, os atos que ocorreram na Paulista foram consequência da repressão policial. "A partir do momento que a polícia reprime, a situação fica incontrolável. Os manifestantes foram atingidos por bombas e balas de borracha. Eles apenas se defenderam".

Reajuste

As passagens dos ônibus, metrô e dos trens da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), que eram R\$ 3, foram reajustadas para R\$ 3,20 no último domingo (2). O reajuste foi de 6,7%. No caso do ônibus, cujo valor da passagem não era corrigida desde janeiro de 2011, o valor ficou bem abaixo da inflação acumulada no período.

O IPCA, medido pelo IBGE e base da inflação oficial, acumulou 15,5% desde o último aumento da tarifa. O IPC, da Fipe-USP, 12,8%. Os índices foram calculados até abril --os números de maio não foram fechados.

No caso do metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Desde então, o IPCA acumulou 7,8%, e o IPC, 5,9%.

PROTESTO CONTRA TARIFA FAZ ATÉ COLÉGIO FECHAR MAIS CEDO

08/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291959-protesto-contratarifa-faz-ate-colegio-fechar-mais-cedo.shtml>

Acesso em: 21/09/2017

O segundo dia de protestos contra a elevação da tarifa de ônibus, metrô e trens voltou a interditar vias importantes de São Paulo e a provocar tensão em áreas nobres --a ponto de um colégio particular encerrar as aulas mais cedo.

Após cenas de vandalismo anteontem na região central, uma nova passeata levou comerciantes a baixarem portas, empresas a dispensarem funcionários e uma escola de Pinheiros a convocar os pais para buscar os alunos antes.

Durante mais de cinco horas, os manifestantes saíram do largo da Batata e chegaram a bloquear vias como a Brigadeiro Faria Lima e até a marginal Pinheiros, agravando os congestionamentos --que atingiram 226 km, terceira maior lentidão do ano.

Eles também voltaram a ocupar faixas da avenida Paulista e a repetir cenas de vandalismo como pichação de ônibus e pontos --sem a mesma intensidade da destruição do dia anterior, quando entradas de estações foram apedrejadas e lixeiras foram incendiadas.

A PM jogou bombas de gás para dispersar os manifestantes da marginal Pinheiros, onde eles ocuparam as duas vias, sentido Castelo Branco.

Mas também chegou a negociar com líderes para a ocupação parcial de vias, com escolta da PM, quando a passeata chegou à Paulista, às 22h.

No percurso do ato, estabelecimentos como a pizzaria Bráz e os restaurantes Ruella e América baixaram as portas. Segundo a PM, a manifestação ontem reuniu em torno de 5.000 pessoas.

O reajuste da tarifa do transporte, de R\$ 3 para R\$ 3,20, entrou em vigor no domingo e ficou abaixo da inflação. O aumento foi decidido pelo prefeito Fernando Haddad (PT) e pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB).

O protesto foi organizado pelo Movimento Passe Livre, liderado por estudantes e com integrantes de alas de partidos de extrema esquerda.

Eles prometem um novo protesto na cidade na próxima terça-feira, às 15h, novamente na avenida Paulista.

MOVIMENTO PASSE LIVRE FOI APOIADO POR PETISTAS EM 2011

08/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291956-movimento-passe-livre-foi-apoiado-por-petistas-em-2011.shtml>

Acesso: 21/09/2017

O grupo responsável pelo protesto mais violento até agora contra uma medida da gestão Fernando Haddad (PT) na Prefeitura de São Paulo era apoiado, em 2011, por vereadores petistas que hoje têm posição-chave na articulação política do prefeito.

José Américo e Antônio Donato, então na oposição a Gilberto Kassab (PSD), defenderam o Movimento Passe Livre na Câmara e chegaram a participar de protestos em 2011, após a tarifa de ônibus subir de R\$ 2,70 para R\$ 3.

"A bandeira do movimento [transporte gratuito] é absolutamente correta", disse Donato em discurso na Câmara em fevereiro daquele ano.

Na ocasião, ele defendeu um debate sobre o fim da tarifa. "Tratar o transporte como um direito das pessoas.

É isso que o movimento pautou, tem lutado e tem feito da melhor forma possível, que é ir às ruas dialogar com a população e mostrar a insatisfação do povo", disse o atual secretário de Governo.

Américo, hoje presidente da Câmara, chegou a ter um dedo quebrado durante protesto que terminou em confronto com a polícia.

Ontem, em nota, a presidência da Câmara informou que o apoio da bancada do PT ao Passe Livre no passado foi devido "ao aumento exorbitante da passagem de ônibus ocorrido na gestão Gilberto Kassab". Acrescentou que o PT nunca defendeu a tarifa zero para o transporte público.

Bases

O Passe Livre reúne jovens militantes e mistura integrantes do movimento estudantil, de grupos punk e membros de partidos de esquerda.

"Não temos presidentes, dirigentes, chefes ou secretários, todos têm a mesma voz e poder de decisão", afirma o grupo no Facebook. Seus membros relutam em dizer nomes completos quando abordados.

O movimento diz ser "independente e apartidário", apesar de não ser contra partidos. Na prática, três partidos políticos apoiam e dão orientação aos manifestantes: PSOL, PSTU e PCO.

O grupo é o mesmo que ajudou a organizar o "Churrascão da gente diferenciada", em Higienópolis, em 2011. A manifestação foi feita após moradores do bairro nobre se colocaram contra a construção de um metrô na região.

Na terça, eles prometem outro protesto, às 17h, na av. Paulista.

É IMPOSSÍVEL CONTROLAR A REVOLTA, DIZ MOVIMENTO APÓS PROTESTOS 08/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291967-e-impossivel-controlar-a-revolta-diz-movimento-apos-protestos.shtml>

Acesso em: 21/09/2017

O Movimento Passe Livre classificou de "brutal" a ação da PM e, por meio de nota, disse que "não incentiva a violência em momento algum de suas manifestações".

"Mas é impossível controlar a frustração e a revolta de milhares de pessoas com o poder público e com a violência da Polícia Militar", diz a nota, divulgada antes dos protestos de ontem.

Segundo o grupo, "dezenas de pessoas" foram feridas pela polícia no ato na avenida Paulista.

A PM nega truculência e afirma que agiu para "garantir a preservação da ordem, a livre manifestação e o direito de ir e vir das pessoas".

Dos 15 detidos no protesto de anteontem, dois continuavam presos ontem à noite.

Um deles é um ajudante geral de 18 anos acusado de depredar uma estação de metrô e que, segundo a polícia, disse não ter os R\$ 3.000 para pagar a fiança estipulada.

O outro homem é um mecânico de 35 anos que foi preso quando ateava fogo em sacos de lixo e fazia barricadas. Para ele, segundo a secretaria, não foi estipulada fiança.

Os demais presos foram liberados, alguns depois de pagar fianças de R\$ 678 a R\$ 3.000, e outros depois de prestarem depoimento.

Foi o caso de Altino de Melo Prazeres Júnior, presidente do sindicato dos metroviários. Filiado ao PSTU, ele disse ontem que estava na manifestação por ser contra a alta da tarifa, mas que não concorda com vandalismo.

O Metrô informou ter tido prejuízo de R\$ 73 mil em vidros e luminárias quebradas e que vai "acionar judicialmente os autores por danos".

GRUPO PROMETE NOVO PROTESTO CONTRA AUMENTO DE PASSAGENS EM SP

08/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1292012-grupo-promete-novo-protesto-contr-aumento-de-passagens-em-sp.shtml>

Acesso em: 21/09/2017

Manifestantes contrários ao aumento das tarifas de transporte público em São Paulo prometem realizar um novo protesto neste sábado (8), às 15h30, na marginal Pinheiros. A manifestação, que deve iniciar na estação Berrini da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), foi divulgada em um evento no Facebook, com a descrição "não vamos descansar enquanto a tarifa não baixar".

Esse será o terceiro dia seguido de protestos contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trem. Na noite de ontem (7), o grupo, que reuniu 4.000 pessoas, partiu do largo da Batata e seguiu por vias como a Brigadeiro Faria Lima, Eusébio Matoso, marginal Pinheiros e avenida Paulista. Na ocasião, a cidade registrou a terceira maior lentidão do ano, com 226 km de filas às 18h30, segundo a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego).

Os dois dias de protestos foram marcados por atos de vandalismo e confronto com a polícia, que tentou conter o grupo com bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borrachas. O Metrô de São Paulo estimou em R\$ 73 mil os prejuízos no primeiro dia, sendo R\$ 68 mil em vidros quebrados e R\$ 5.000 com luminárias danificadas.

Boicote

Os grupos Anonymous e Movimento Mudança Já, autores do evento, também sugerem via rede social uma campanha de boicote que consiste em pagar as passagens de ônibus, trem ou metrô com notas de R\$ 20 e R\$ 50, com o intuito de deixar a bilheteria sem troco e "passar de graça".

As passagens dos ônibus, metrô e dos trens da CPTM, que eram R\$ 3, foram reajustadas para R\$ 3,20 no último domingo (2). O reajuste foi de 6,7%. No caso do ônibus, cujo valor da passagem não era corrigida desde janeiro de 2011, o valor ficou bem abaixo da inflação acumulada no período.

MOVIMENTO CONTRA AUMENTO DA PASSAGEM MARCA NOVO PROTESTO PARA TERÇA EM SP

09/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1292418-movimento-contr-aumento-da-passagem-marca-novo-protesto-para-terca-em-sp.shtml>

Acesso em: 22/09/2017

O MPL-SP (Movimento Passe Livre - São Paulo), uma das organizações responsáveis pelos protestos contra o aumento das tarifas de transporte público na capital, divulgou uma nota pública neste domingo (9) em que critica declarações do prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, e convoca uma nova manifestação para a terça-feira (11).

Os reajustes nas passagens de ônibus, trens e metrô entraram em vigor no dia 1 de junho, passando de R\$ 3,00, para R\$ 3,20.

No texto, o grupo diz que a desoneração dos impostos sobre os combustíveis --medida defendida por Haddad como alternativa para baixar a tarifa de ônibus-- é uma bandeira dos empresários do ramo: "desonerar impostos, aumentar subsídios e ainda aumentar a tarifa".

Em entrevista ao "O Estado de S. Paulo", o prefeito disse que buscaria ajuda do governo federal para municipalizar a Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico), imposto federal que incide sobre os combustíveis.

Haddad também disse que seriam necessários R\$ 6 bilhões para a implantação da tarifa zero no sistema de ônibus da capital, uma das reivindicações do MPL, e que não haveria como obter esses recursos, em detrimento de investimentos em outras áreas.

No comunicado, o MPL rebate dizendo que a previsão orçamentária da cidade passou de R\$37 bilhões em 2012 para R\$43 bilhões em 2013 - "os 6 bi necessários para a tarifa zero".

Sobraram críticas também para o bilhete único mensal, projeto de Haddad que só beneficiaria 10% dos usuários, segundo o movimento, e para o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin.

"O governador Geraldo Alckmin parece não ter entendido (ou finge que não entendeu) que as mobilizações não são apenas contra o aumento das tarifas de ônibus: os aumentos do metrô, CPTM e dos intermunicipais são igualmente injustos", diz o texto.

O movimento marcou um novo ato na av. Paulista, com concentração na praça do Ciclista, às 17h da terça-feira, além de prometer ocupar "ruas dos bairros ao longo de toda semana".

Protestos Anteriores

Na semana passada, manifestantes pararam vias importantes da cidade em pleno horário de pico. Na noite de quinta-feira (6), o protesto na av. Paulista terminou em confronto com a polícia e acusações de vandalismo e violência por parte de alguns integrantes da passeata. O Metrô de São Paulo estimou em R\$ 73 mil os prejuízos no primeiro dia, sendo R\$ 68 mil em vidros quebrados e R\$ 5.000 com luminárias danificadas.

No dia seguinte, ocorreram longas paralisações na av. Brigadeiro Faria Lima e na marginal Pinheiros. Nas duas ocasiões, os protestos contaram com milhares de participantes.

Ontem, um grupo de 9 pessoas de outros movimentos pararam novamente a marginal Pinheiros no sentido Castello Branco. A interrupção durou aproximadamente 5 minutos.

MANIFESTANTES PUBLICAM VÍDEO PARA CRITICAR REPRESSÃO POLICIAL EM PROTESTO

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1292479-manifestantes-publicam-video-para-criticar-repressao-policial-em-protesto.shtml>

Acesso em: 22/09/2017

10/06/2013

O Movimento Passe Livre, responsável pela organização das manifestações contra o aumento das tarifas em que foram cometidos atos de vandalismo, usou as redes sociais para defender que a ação da Polícia Militar foi truculenta e teria encorajado os manifestantes a entrarem em confronto com os policiais.

Em um dos vídeos postados na página do Facebook do movimento, é possível ver um policial militar xingando manifestantes na avenida 9 de julho, durante o protesto de quinta-feira.

"Vou te pegar seu filho da puta!", diz ele. Na sequência, há uma aglomeração de PMs no canteiro central. Perto dali manifestantes tentam reanimar um homem desmaiado. Pelas imagens, porém, não é possível detectar se ele foi agredido por PMs.

"A partir do momento em que a polícia reprimiu com violência, a situação ficou incontrolável", disse o estudante de filosofia Marcelo Hotimsky, 19, um dos organizadores das manifestações.

Em nota, o Movimento Passe Livre diz que "as depredações só se iniciaram depois de um segundo momento de repressão brutal e prisões, na região da avenida Paulista".

"O Movimento Passe Livre não incentiva a violência em momento algum de suas manifestações, mas é impossível controlar a frustração e a revolta de milhares de pessoas com o poder público e com a violência da Polícia Militar". A PM diz que as imagens serão analisadas.

HADDAD DEFENDE AÇÃO DA PM PARA RETIRAR PROTESTOS DE VIAS EM SP 10/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1292474-haddad-defende-acao-da-pm-para-retirar-protestos-de-vias-em-sp.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

O prefeito Fernando Haddad (PT) impôs uma condição para dialogar com os manifestantes que já fizeram dois protestos contra a alta das tarifas de transporte em São Paulo: diz que eles precisam "mudar de estratégia" e "renunciar à violência".

Para ele, a PM, que reprimiu os protestos de quinta e sexta-feira com bombas de gás e balas de borracha, agiu para manter ruas livres e garantir a integridade de quem não participava do ato.

"O problema é que a Polícia Militar tem que seguir protocolos e um deles é manter vias expressas desimpedidas, porque isso coloca pessoas que estão circulando em risco", disse ele em entrevista à **Folha** anteontem, antes de embarcar para Paris -onde defenderá a candidatura da cidade à Expo 2020.

"A [região da] Paulista tem hospitais que atendem boa parte da população. Se estiver obstruída, haverá risco. Se amanhã alguém morre numa ambulância, vão dizer que a PM não agiu conforme o protocolo", afirmou o petista, sobre a atuação da polícia comandada pelo governo Geraldo Alckmin (PSDB).

O Movimento Passe Livre, responsável pelos protestos, promete nova manifestação amanhã à tarde na Paulista. Ele é liderado por estudantes e alas radicais de esquerda.

"O patamar de civilidade é admitir a manifestação, ordená-la para que o direito das pessoas que não participam da manifestação esteja tão assegurado quanto o de quem participa", afirmou Haddad.

Segundo o prefeito, havia interlocutores dele à disposição quando os protestos iniciaram. "Imaginávamos que haveria um contato deles até para esclarecermos nossa política tarifária, e não houve desejo de interlocução."

Na quinta-feira, os manifestantes quebraram a entrada de estações na Paulista, após confronto com a PM.

"Uma pessoa eleita tem que estar aberta ao diálogo, mas o pressuposto disso é a renúncia à violência. Esses atos são incompatíveis com o debate", afirmou.

Na gestão Gilberto Kassab (PSD), líderes do PT apoiaram o Passe Livre. Questionado, Haddad nega contradição.

"No passado, o estopim do protesto foram reajustes acima da inflação", disse.

UTOPIA

Para Haddad, o movimento não reconheceu o esforço da atual gestão de reajustar a tarifa de ônibus "bem abaixo da inflação" -de R\$ 3 para R\$ 3,20, alta de 6,7%, contra 15,5% do IPCA acumulado desde o aumento anterior.

"Todo mundo aumentou para R\$ 3,30 no começo do ano e São Paulo seguiu até sair a medida provisória da desoneração." Ele se refere à decisão da presidente Dilma Rousseff (PT) de desoneração de PIS e Cofins pagos pelas viagens de ônibus.

O prefeito disse que outras medidas estão em discussão com Estado e União -como a desoneração do ICMS sobre o diesel do transporte público.

Ele não vê meios de haver tarifa zero, reivindicação do Passe Livre. "Uma bandeira, às vezes, coloca uma utopia, mas que indica um problema que é, no caso, o peso do transporte no bolso do trabalhador."

O custo do transporte municipal gira em torno de R\$ 6 bilhões/ano. "Como não conheço nenhum país, nem escandinavo, que tenha adotado isso [tarifa zero] com dinheiro de petróleo, acho difícilimo."

Ele sinaliza não ser possível dar mais subsídios às viagens de ônibus. "Pagaremos o dobro do consignado no Orçamento que herdei. É mais de R\$ 1,2 bilhão."

PETISTA JUSTIFICA APOIO EM 2011

Antônio Donato, secretário de Governo da gestão Fernando Haddad, diz que a bancada de vereadores do PT "apoiou a luta do Movimento Passe Livre" dois anos atrás porque a gestão Gilberto Kassab (PSD) havia reajustado a tarifa de ônibus "muito acima da inflação".

A bancada, diz ele, se insurgiu contra a "exorbitância" do aumento na época.

"Ingressou com ação na Justiça para anular o reajuste, promoveu audiências públicas e debates sobre o custo do transporte público e apoiou a luta do movimento".

Ele alega que hoje a situação é diferente, porque Haddad deu reajuste muito abaixo da inflação.

HADDAD DIZ QUE AUMENTO DA TARIFA DE ÔNIBUS ELEVOU REJEIÇÃO

10/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1292628-haddad-diz-que-aumento-da-tarifa-de-onibus-elevou-rejeicao.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

Em viagem a Paris, o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), atribuiu o crescimento da sua rejeição - de 14% para 21% dos paulistanos entre abril e junho, segundo o Datafolha - ao aumento dos preços da passagem de ônibus.

Segundo a pesquisa, que ouviu 1.066 pessoas nos dias 6 e 7 de junho, 34% consideram a administração Haddad ótima ou boa, 42% regular e 21% ruim ou péssimo. Conforme o levantamento, 58% dos entrevistados consideram que o petista fez menos do que esperavam. Em abril, eram 49%.

"[A minha avaliação] é a melhor da série histórica. O crescimento da rejeição ocorreu em uma semana em que foi anunciado um aumento da tarifa do ônibus, que é sempre um assunto muito delicado para qualquer prefeito", disse Haddad, na Embaixada do Brasil em Paris.

Haddad é o melhor avaliado desde a volta das eleições diretas para prefeito. Seu índice de aprovação supera o de todos os antecessores, também medido pelo Datafolha, em período idêntico no cargo.

A passagem foi reajustada de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2. A inflação desde o último aumento, em janeiro de 2011, foi de 15,5%, de acordo com o IPCA (índice oficial, calculado pelo IBGE). "A semana da tarifa é uma semana atípica no ano. É uma em 52 semanas". O prefeito viajou à França para defender a candidatura de São Paulo à Expo 2020.

Em entrevista veiculada ontem no programa "TV Folha", o diretor geral do Datafolha, Mauro Paulino, afirmou que "a população está tomando conhecimento da gestão do Haddad e começa a tomar posição".

O primeiro dia da pesquisa foi anterior ao primeiro protesto contra o aumento da tarifa de ônibus; já o segundo captou as manifestações.

Houve violentos protestos contra o reajuste, incluindo confrontos dos manifestantes com a PM. Na quinta-feira (6) à noite, por exemplo, foram interditadas vias como 23 de Maio, Nove de Julho e Paulista.

Em maio, Haddad também enfrentou uma greve dos professores, que durou 23 dias.

Por outro lado, ele anunciou aumento do piso salarial dos servidores e novas regras para inspeção veicular, que deixará de ser anual para começar a ser cobrada a partir do 4º ano de licenciamento.

Entre moradores com renda familiar de até dois salários mínimos, 37% entendem que a gestão Haddad é ótima. Já entre os com renda superior a dez salários mínimos, a proporção é de 22%.

HADDAD DIZ QUE VAI MONITORAR NOVO PROTESTO CONTRA TARIFA, DE PARIS

10/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1292636-haddad-diz-que-vai-monitorar-novo-protesto-contratarifa-de-paris.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), diz que vai monitorar em tempo real a manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus prevista para acontecer amanhã (11).

Haddad está em Paris para defender a candidatura de São Paulo para sediar a Expo 2020.

Segundo ele, a Polícia Militar e a GCM (Guarda Civil Metropolitana) estão acionadas para tentar impedir novas depredações e o caos no trânsito, como o que ocorreu na semana passada.

"[A apresentação da candidatura] não é um evento de São Paulo que poderia ser adiada. Seria um prejuízo muito grande se eu e o governador não estivéssemos presentes", disse Haddad sobre a viagem coincidir com o novo protesto organizado pelo Movimento Passe Livre.

"Temos uma sala de situação montada. A vice-prefeita [Nádia Campeão, do PCdoB] permaneceu em São Paulo para acompanhar o evento em tempo real, caso seja necessária alguma tomada de decisão", disse.

O vice-presidente Michel Temer e o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), também estão na capital francesa para a apresentação da candidatura de São Paulo para sediar o evento.

PROTESTOS ANTERIORES

Na semana passada, manifestantes pararam vias importantes da cidade em pleno horário de pico. Na noite de quinta-feira (6), o protesto na av. Paulista terminou em confronto com a polícia e acusações de vandalismo e violência por parte de alguns integrantes da passeata. O Metrô de São Paulo estimou em R\$ 73 mil os prejuízos no primeiro dia, sendo R\$ 68 mil em vidros quebrados e R\$ 5.000 com luminárias danificadas.

No dia seguinte, ocorreram longas paralisações na av. Brigadeiro Faria Lima e na marginal Pinheiros. Nas duas ocasiões, os protestos contaram com milhares de participantes.

Anteontem, um grupo de 9 pessoas de outros movimentos parou novamente a marginal Pinheiros no sentido Castello Branco. A interrupção durou aproximadamente 5 minutos.

PASSE LIVRE PÕE FAIXA NA MARGINAL PINHEIROS E ANUNCIA NOVO PROTESTO

10/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1292952-passe-livre-poe-faixa-na-marginal-pinheiros-e-anuncia-novo-protesto-em-sp.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

Membros do MPL-SP (Movimento Passe Livre - São Paulo), uma das organizações responsáveis pelos protestos contra o aumento das tarifas de transporte público na capital, estenderam uma bandeira na ponte estaiada Octavio Frias de Oliveira, na marginal Pinheiros. A faixa com a frase "Se a tarifa não baixar, São Paulo vai parar!" foi estendida por volta das 12h desta segunda-feira sobre a via. O ato não provocou problemas no trânsito.

No mesmo horário, foi estendida uma faixa menor, com o símbolo do movimento na Câmara Municipal. Eles reivindicam que os "representantes eleitos tenham compromisso com a pauta que vem mobilizando milhares de pessoas na cidade".

Após dois protestos, o movimento marcou um novo ato na avenida Paulista, uma das mais importantes da cidade para amanhã. Eles se encontrarão na praça do Ciclista, às 17h, e prometem ocupar ruas dos bairros ao longo da semana.

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), disse que vai monitorar em tempo real a manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus prevista para acontecer amanhã (11). Ele está em Paris para defender a candidatura de São Paulo para sediar a Expo 2020.

REAJUSTE

As passagens dos ônibus, metrô e dos trens da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), que eram R\$ 3, foram reajustadas para R\$ 3,20 no último domingo (2). O reajuste foi de 6,7%. No caso do ônibus, cujo valor da passagem não era corrigida desde janeiro de 2011, o valor ficou bem abaixo da inflação acumulada no período.

O IPCA, medido pelo IBGE e base da inflação oficial, acumulou 15,5% desde o último aumento da tarifa. O IPC, da Fipe-USP, 12,8%. Os índices foram calculados até abril --os números de maio não foram fechados.

No caso do metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Desde então, o IPCA acumulou 7,8%, e o IPC, 5,9%.

JUVENTUDE DO PT ENGROSSA PROTESTO CONTRA TARIFAS EM SÃO PAULO

11/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293061-juventude-do-pt-engrossa-protesto-contratarifa.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

A Juventude do PT declarou ontem apoio aos protestos contra o aumento das tarifas de transporte, incluindo o da de ônibus, feito pelo prefeito petista Fernando Haddad (PT).

A entidade divulgou nota dizendo que "o governo do Estado e a prefeitura da capital, ao elevarem o preço da tarifa de ônibus, trens e metrôs, prejudicam a locomoção de jovens e trabalhadores".

Em seguida, a entidade "conclama a militância petista a participar ativamente das manifestações", a começar pela de hoje, na Paulista.

O grupo apoiou os atos do MPL (Movimento Passe Livre) em 2011, mas não havia se posicionado ainda sobre os protestos ocorridos neste ano.

O MPL se declara apartidário, mas afirma que o apoio de partidos é bem-vindo. Além do PT, apoiam o ato PSOL, PSTU e PCO.

Há ainda a participação de grupos como os mascarados do Anonymous e ativistas do Black Bloc (Bloco Negro), anarquistas que defendem ações "concebidas para causar danos materiais às instituições opressivas".

A CET afirma que ainda não foi comunicada oficialmente sobre a manifestação de hoje, mas diz que, caso ela ocorra, fará bloqueios de vias da região, se necessário.

O Metrô diz que não haverá mudança e que as estações da Paulista, alvos de depredação em ato anterior, vão funcionar normalmente.

Mais protestos

A avenida Paulista terá ainda outros dois atos hoje.

Às 14h, trabalhadores da saúde estadual em greve partem do vão-livre do Masp (Museu de Arte de São Paulo) até a Assembleia Legislativa.

Às 15h, também no Masp, policiais civis se reúnem para protestar contra o não cumprimento de acordos feitos com o governo para melhorias na carreira.

QUEREMOS FALAR COM O PREFEITO, MAS A PAUTA É A REDUÇÃO DA TARIFA'

11/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293233-queremos-falar-com-o-prefeito-mas-a-pauta-e-a-reducao-da-tarifa.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

A estudante de direito Nina Cappello, 23, é uma das organizadoras das manifestações do Movimento Passe Livre. Ela diz que o movimento quer conversar com o prefeito Fernando Haddad (PT), mas somente sobre a redução da tarifa de ônibus. O prefeito está em viagem oficial em Paris hoje (11), quando os manifestantes planejam um novo protesto na avenida Paulista.

Folha - O grupo não tem líderes?

Nina Cappello - Não queremos personificar o movimento. Somos um grupo sem lideranças. Sou mais uma integrante do movimento, como os outros, que lutam pela redução da tarifa.

Quem são as pessoas que cometeram os atos de vandalismo na semana passada?

São pessoas que aderiram, mas não são necessariamente do Passe Livre, que é aberto a quem quiser participar. Não temos como controle das atitudes das pessoas, mas somos contra violência e o vandalismo. Mas o grupo foi reprimido pela PM nas duas manifestações da semana passada. Não podemos controlar as reações de ninguém. O passe livre está aberto a quem quiser participar.

O prefeito diz que colocou pessoas à disposição, mas que vocês não quiseram dialogar.

Estamos protocolando um pedido na prefeitura com uma audiência com o prefeito, mas a pauta é a redução da tarifa. Fomos procurados por integrantes da prefeitura, mas para falar de outros assuntos que não são esse, eles querem falar para a gente sobre a política de transportes e a discussão agora é a questão da tarifa.

Como vocês se preparam para as manifestações?

Hoje, estamos nos organizando e conversando por telefone e pela internet, mas após a divulgação a gente vai ao local da manifestação e se concentra ali. Imprimimos o material de divulgação numa gráfica e saímos distribuindo.

E haverá novos atos depois de hoje?

Na quinta-feira [13], haverá outro grande ato, provavelmente no centro da cidade.

PROMOTORIA FAZ ENCONTRO PARA DISCUTIR AUMENTO DA TARIFA DE ÔNIBUS

11/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293335-promotoria-faz-encontro-para-discutir-aumento-da-tarifa-de-onibus.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

O Ministério Público de São Paulo realizará na tarde de amanhã (12) um encontro com representantes das secretarias estadual e municipal de Transportes para discutir o aumento das passagens de ônibus. Organizações civis também estão convidadas.

O evento vai ocorrer a partir das 14h no edifício sede do Ministério Público, na avenida Brigadeiro Luís Antônio, 35, na região central da cidade. Segundo o órgão, o Secretário Municipal de Transportes, Jilmar Tatto, já confirmou presença.

O aumento das passagens de ônibus, trem e metrô provoca uma série de protestos desde a semana passada. Na quinta-feira (6), manifestantes liderados pelo Movimento Passe Livre fecharam avenidas como a Nove de Julho, a 23 de Maio e a Paulista.

Houve confronto com a polícia e os manifestantes deixaram um rastro de vandalismo pela região, com pichações, placas e lixos danificados. A polícia usou bombas de gás lacrimogêneo para conter o grupo.

Na sexta-feira (7) houve outro protesto, agora na região de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo. Um novo protesto está sendo anunciado para o fim da tarde desta terça-feira, novamente na avenida Paulista. Por volta das 16h30, o grupo ainda era pequeno e se concentrava no vão do Masp.

O Movimento Passe Livre afirmou em nota divulgada hoje que "não é o dono das mobilizações contra o aumento. Esta é uma luta ampla e popular com uma reivindicação única, clara e simples: a redução da tarifa de ônibus".

"Só protocolamos um pedido com o prefeito, com quem queremos falar sobre a redução da tarifa. Se formos chamados pelo Ministério Público, vamos estudar", disse o estudante de Filosofia, Marcelo Hotimsky, 19, um dos organizadores do Passe Livre.

A passagem foi reajustada de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2. A inflação desde o último aumento nos ônibus da capital, em janeiro de 2011, foi de 15,5%, de acordo com o IPCA (índice oficial, calculado pelo IBGE). No caso do Metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Se optassem por repor toda a inflação oficial, a gestão Fernando Haddad (PT) teria de elevar a tarifa para R\$ 3,47 e o governo Alckmin, para R\$ 3,24.

COM PROTESTO, METRÔ REFORÇA SEGURANÇA NAS ENTRADAS DAS ESTAÇÕES DA PAULISTA

11/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293347-metro-reforca-seguranca-nas-entradas-das-estacoes-da-av-paulista.shtml>

Acesso: 23/09/2017

O Metrô reforçou o policiamento nas entradas das estações da região da avenida Paulista, no centro de São Paulo, na tarde desta terça-feira, devido ao protesto contra o aumento das tarifas de ônibus programado para ocorrer na via.

Cerca de 500 manifestantes já estavam na praça do Ciclista, por volta das 17h10, e ocupavam ainda uma faixa da avenida, no sentido Consolação. A passeata, porém, ainda não tinha começado. Mais cedo, houve protestos de policiais civis e servidores da saúde na via, mas ambos já tinham encerrado.

No horário, os seguranças do Metrô faziam vigilância nas calçadas, do lado de fora das estações, e afirmaram que poderiam fechar as entradas caso houve grande aglomeração de pessoas ou confusão. Em ato na semana passada, o Metrô estimou um prejuízo de R\$ 73 mil.

Na quinta-feira (6), as estações Brigadeiro e Trianon-Masp, da linha 2-verde, tiveram os vidros de seus acessos quebrados e, junto com a estação Consolação, foram fechadas enquanto os manifestantes passavam pela região, para evitar riscos aos usuários. A estação Vergueiro, da Linha 1-azul, teve um de seus acessos fechado devido à depredação em seu interior, que resultou em um agente de segurança do Metrô ferido levemente.

Além da segurança reforçada no metrô, alguns prédios como o Safra, na esquina com a rua Augusta, colocaram grades diante da entrada, para evitar a aproximação dos manifestantes. Algumas empresas também liberaram os funcionários mais cedo para evitar o protesto.

MANIFESTANTES FAZEM PASSEATA ATÉ A PREFEITURA CONTRA A TARIFA DE ÔNIBUS

11/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293378-protesto-contra-passagens-de-onibus-faz-passeata-ate-a-prefeitura.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

Os manifestantes que protestam contra o aumento das passagens de ônibus na região central de São Paulo iniciaram, por volta das 17h40, uma passeata até a prefeitura, no viaduto do Chá. O grupo decidiu ir pela rua da Consolação, que foi parcialmente fechada no sentido centro.

O percurso escolhido do grupo contraria o pedido da Polícia Militar, que queria os manifestantes descendo pela rua Augusta. Apesar disso, o protesto era pacífico. Um carro dos bombeiros foi deslocado para o local, mas apenas preventivamente, segundo o corporação. Mais cedo houve empurrões de PMs na tentativa de evitar a ocupação da Paulista, mas não houve confronto.

"Esse é o terceiro ato a parar a cidade. Rio de Janeiro também está na luta. Já que a prefeitura nos chamou de vândalos e não quer conversar estamos exigindo a revogação do aumento, se a tarifa não baixar a cidade vai parar", gritaram antes da caminhada.

Com a passagem dos manifestantes, algumas lojas da rua da Consolação fecharam as portas. No final da passeata, manifestantes fazem uma barreira entre o ato e os policiais militares, quem vêm na sequência.

Os manifestantes se concentraram na praça do Ciclista, na avenida Paulista, que ainda tinha a faixa sentido Consolação bloqueada por volta das 17h40. O comerciante Gilvan Ribeiro, 46, reclamou que o grupo destruiu a horta que havia na praça. Ele acrescentou que é contra o grupo, e que havia sido plantado há uma semana.

Com o protesto, os seguranças do Metrô também reforçaram a vigilância nas entradas das estações, nas calçadas, e afirmaram que podem fechar as entradas caso haja grande aglomeração de pessoas ou confusão durante o protesto, como já ocorreu na semana passada. Na ocasião, o Metrô estimou prejuízo de R\$ 73 mil.

Além da segurança reforçada no metrô, alguns prédios como o Safra, na esquina com a rua Augusta, colocaram grades diante da entrada, para evitar a aproximação dos manifestantes. Algumas empresas também liberaram os funcionários mais cedo para evitar o protesto.

Esse é o terceiro protesto feito contra o aumento das passagens de ônibus em menos de uma semana. Na quinta-feira (6), manifestantes liderados pelo Movimento Passe Livre fecharam avenidas como a Nove de Julho, a 23 de Maio e a Paulista.

Houve confronto com a polícia e os manifestantes deixaram um rastro de vandalismo pela região, com pichações, placas e lixos danificados. A polícia usou bombas de gás

lacrimogêneo para conter o grupo. Na sexta-feira (7) houve outro protesto, dessa vez na região de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo.

A passagem foi reajustada de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2. A inflação desde o último aumento nos ônibus da capital, em janeiro de 2011, foi de 15,5%, de acordo com o IPCA (índice oficial, calculado pelo IBGE). No caso do Metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Se optassem por repor toda a inflação oficial, a gestão Fernando Haddad (PT) teria de elevar a tarifa para R\$ 3,47 e o governo Alckmin, para R\$ 3,24.

PM DETÉM CICLISTA DURANTE PROTESTO CONTRA AS TARIFAS NO CENTRO DE SP

11/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293469-pm-detem-ciclista-durante-protesto-contra-as-tarifas-no-centro-de-sp.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

A Polícia Militar deteve um homem no fim da tarde desta terça-feira durante o protesto contra o aumento das tarifas de ônibus. O homem estava de bicicleta e tentou burlar o cerco da PM e invadir a única faixa da rua da Consolação que permanecia liberada com a manifestação.

O homem foi derrubado pela polícia, levado ao canteiro centro da rua e algemado. Outros manifestantes tentaram interceder com a polícia para que ele foi solto, o que provocou um princípio de confusão. O homem, porém, deve ser encaminhado para o 78º DP (Jardins).

O grupo segue em direção à Prefeitura de São Paulo, no viaduto do Chá. Ele havia se concentrado na praça do Ciclista, na avenida Paulista, de onde saiu em passeata. O caminho escolhido pelos manifestantes contrariou o pedido da Polícia Militar, que queria o grupo descendo pela rua Augusta.

Apesar disso, o protesto era pacífico. Um carro dos bombeiros foi deslocado para o local, mas apenas preventivamente, segundo o corporação. Mais cedo houve empurrões de PMs na tentativa de evitar a ocupação da Paulista, mas não houve confronto.

Com a passagem dos manifestantes, algumas lojas da rua da Consolação fecharam as portas. No final da passeata, manifestantes fazem uma barreira entre o ato e os policiais militares, quem vêm na sequência.

Na Paulista, o protesto provocou o reforço da segurança na entradas das estações de metrô. Na manifestação da última quinta-feira (6), grupos chegaram a quebrar vidros, que continuam quebrados ainda hoje, apesar de terem ganhado um reforço. Na ocasião, o Metrô estimou prejuízo de R\$ 73 mil.

Além da segurança reforçada no metrô, alguns prédios como o Safra, na esquina com a rua Augusta, colocaram grades diante da entrada, para evitar a aproximação dos manifestantes. Algumas empresas também liberaram os funcionários mais cedo para evitar o protesto.

Esse é o terceiro protesto feito contra o aumento das passagens de ônibus em menos de uma semana. Na quinta-feira, manifestantes liderados pelo Movimento Passe Livre fecharam avenidas como a Nove de Julho, a 23 de Maio e a Paulista. Houve confronto com a PM e os manifestantes deixaram um rastro de vandalismo.

A passagem foi reajustada de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2. A inflação desde o último aumento nos ônibus da capital, em janeiro de 2011, foi de 15,5%, de acordo com o IPCA (índice oficial, calculado pelo IBGE). No caso do Metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Se optassem por repor toda a inflação oficial, a gestão Fernando Haddad (PT) teria de elevar a tarifa para R\$ 3,47 e o governo Alckmin, para R\$ 3,24.

GRUPO ATIRA PEDRAS CONTRA PMS APÓS MANIFESTANTE SER DETIDO POR PICHÃO

11/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293520-grupo-atira-pedras-contr-pms-apos-manifestante-ser-detido-por-pichacao.shtml>
Acesso em: 23/09/2017

Um grupo de manifestantes atirou pedras em policiais militares após a detenção de um rapaz que participava do protesto contra o aumento da tarifas de ônibus na noite desta terça-feira, na região central de São Paulo. O jovem foi detido, segundo a polícia, por ter pichado um muro durante a manifestação.

Os manifestantes, cerca de 5.000 segundo a PM, seguiam em direção à prefeitura mas acabaram seguindo para a ligação leste-oeste. A PM, porém, fez uma barreira na ligação e no acesso à avenida 23 de Maio. Com isso, o grupo seguiu em direção à Liberdade

Mais cedo, um homem já tinha sido detido na Consolação quando tentou invadir o cerco da polícia e bloquear a única faixa da rua que permanecia livre para o tráfego. Outros manifestantes tentaram interceder com a polícia para que ele foi solto, o que provocou um princípio de confusão.

Durante todo o percurso, os manifestantes fazem pichações em muros, ruas e ônibus. Apesar disso, o protesto é pacífico. Mesmo com as pedras atiradas pelos manifestantes, a polícia não usou bombas de gás de lacrimogêneo. Mas o rapaz detido chegou a ser chutado pelos policiais.

Passeata

O grupo se concentrou na praça do Ciclista, na avenida Paulista, de onde saiu em passeata. O caminho escolhido pelos manifestantes contrariou o pedido da Polícia Militar, que pediu ao grupo que descesse pela rua Augusta.

Na Paulista, o protesto provocou o reforço da segurança na entradas das estações de metrô. Na manifestação da última quinta-feira (6), grupos chegaram a quebrar vidros, que continuam quebrados ainda hoje, apesar de terem ganhado um reforço. Na ocasião, o Metrô estimou prejuízo de R\$ 73 mil.

Além da segurança reforçada no metrô, alguns prédios como o Safra, na esquina com a rua Augusta, colocaram grades diante da entrada, para evitar a aproximação dos manifestantes. Algumas empresas também liberaram os funcionários mais cedo para evitar o protesto.

Esse é o terceiro protesto feito contra o aumento das passagens de ônibus em menos de uma semana. Na quinta-feira, manifestantes liderados pelo Movimento Passe Livre fecharam avenidas como a Nove de Julho, a 23 de Maio e a Paulista. Houve confronto com a PM e os manifestantes deixaram um rastro de vandalismo.

A passagem foi reajustada de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2. A inflação desde o último aumento nos ônibus da capital, em janeiro de 2011, foi de 15,5%, de acordo com o IPCA (índice oficial, calculado pelo IBGE). No caso do Metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Se optassem por repor toda a inflação oficial, a gestão Fernando Haddad (PT) teria de elevar a tarifa para R\$ 3,47 e o governo Alckmin, para R\$ 3,24.

MANIFESTANTES INVADEM O TERMINAL DOM PEDRO E ENTRAM EM CONFRONTO

11/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293541-manifestantes-invadem-o-terminal-dom-pedro-e-entram-em-confronto.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

Um grupo de manifestantes entrou em confronto com a Polícia Militar ao tentar invadir o terminal Parque Dom Pedro 2º, na região central de São Paulo. Eles jogaram pedras e placas de trânsito contra os PMs, que responderam com bombas de gás lacrimogêneo e sprays de pimenta.

Ao menos dois ônibus foram incendiados pelos manifestantes e vários outros que estavam no terminal foram pichados por um grupo que conseguiu entrar no local. Houve correria.

Após o confronto, os manifestantes se dispersaram. Parte foi para a praça da Sé, onde ainda havia confronto com a PM _que usava bombas de gás lacrimogêneo. Outros grupos desceram pela Boa Vista e pela Liberdade.

No terminal dom Pedro, Três homens, com martelos, depredaram um trólebus, que também foi parcialmente incendiado. Outro coletivo atacado foi um ônibus da EMTU, também parcialmente incendiado.

Cinco ônibus estacionados na rua Dom Pedro 2º, ao lado do terminal, também foram pichados e tiveram os vidros quebrados. Ao menos três carros da Rota, a tropa de elite da PM, estavam na área do terminal. Policiais chegaram a apontar uma metralhadora para um grupo de manifestantes.

As cerca de 5.000 pessoas, segundo estimativa da PM, participavam da manifestação contra o aumento das passagens de ônibus. Antes da invasão do terminal, os policiais tentaram negociar com os organizadores para que eles não entrassem e seguissem por uma rua lateral. Apesar disso, um outro grupo começou um empurra-empurra e atirar pedras contra os policiais.

Os manifestantes começaram o ato na praça do Ciclista, na avenida Paulista, e seguiu inicialmente para a prefeitura. O percurso, porém, foi alterado na praça Roosevelt, quando o grupo acessou a ligação leste-oeste. A PM tentou direcioná-los para a praça da Sé, mas eles furaram o bloqueio e decidiram ir para o terminal.

Ao menos duas pessoas foram detidas e houve vários casos de pichações contra prédios públicos, agências bancárias e ônibus no percurso.

Esse é o terceiro protesto feito contra o aumento das passagens de ônibus em menos de uma semana. Na quinta-feira, manifestantes liderados pelo Movimento Passe Livre fecharam avenidas como a Nove de Julho, a 23 de Maio e a Paulista. Houve confronto com a PM e os manifestantes deixaram um rastro de vandalismo.

A passagem foi reajustada de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2. A inflação desde o último aumento nos ônibus da capital, em janeiro de 2011, foi de 15,5%, de acordo com o IPCA (índice oficial, calculado pelo IBGE). No caso do Metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Se optassem por repor toda a inflação oficial, a gestão Fernando Haddad (PT) teria de elevar a tarifa para R\$ 3,47 e o governo Alckmin, para R\$ 3,24.

PROTESTO CONTRA TARIFAS DE ÔNIBUS TEM OITO PESSOAS DETIDAS EM SP

11/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293571-protesto-contratarifas-de-onibus-tem-ao-menos-oito-pessoas-detidas.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

Ao menos oito pessoas foram detidas entre a tarde e a noite desta terça-feira durante o protesto que ocorreu na região central de São Paulo contra o aumento das tarifas de ônibus, metrô e trem. Houve confronto entre manifestantes e PMs após a invasão do terminal Parque Dom Pedro 2°.

Entre os detidos estão um rapaz que jogava pedras e coquetel molotov contra os policiais durante o confronto; um ciclista detido no início do protesto, quando tentou invadir a única faixa que estava liberada na Consolação; e um rapaz que pichava muros na ligação leste-oeste.

Ao menos dois ônibus foram parcialmente incendiados pelos manifestantes e vários outros que estavam no terminal foram pichados por um grupo que conseguiu entrar no terminal. Houve correria no local.

"Enquanto eu negociava com dois que diziam ser líderes do movimento, outro grupo começou a agredir os policiais. Eu mesmo levei uma paulada na perna", disse o tenente-coronel Marcelo Pignatari, comandante da operação, que acrescentou que pode haver mais detidos. Todos serão encaminhados para o 78° DP (Jardins).

Após o confronto, os manifestantes voltaram para a praça da Sé, onde dispersaram em vários grupos menores. Um deles, porém, permaneceu na frente da praça, onde ainda havia uso de bombas de gás pela polícia. Outros grupos desceram pela Boa Vista e pela Liberdade.

Os cerca de 5.000 pessoas, segundo estimativa da PM, participavam da manifestação. Antes da invasão do terminal, os policiais tentaram negociar com os organizadores para que eles não entrassem e seguissem por uma rua lateral. Apesar disso, um outro grupo começou um empurra-empurra e atirar pedras contra os policiais.

REPÓRTER DA FOLHA É DETIDO DURANTE PROTESTO NA AV. PAULISTA, EM SP

11/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293654-reporter-da-folha-e-detido-durante-protesto-na-av-paulista-em-sp.shtml> Acesso em: 23/09/2017

O repórter da **Folha** Leandro Machado foi detido na noite desta terça-feira durante o protesto contra o aumento das passagens de ônibus que resultou em confronto entre manifestantes e policiais militares na avenida Paulista, na região central de São Paulo.

O repórter, que foi liberado no final da noite, acompanhava a prisão de um manifestante quando foi detido. "Chegou um policial com cassetete e disse 'se você não sair vou te bater'. Eu mostrei meu crachá, mas ele disse que isso não significava nada para ele", contou Machado.

O policial então se distanciou, mas voltou e ameaçou novamente o repórter, pedindo em seguida seus documentos, assim como do fotógrafo do UOL, Leandro Moraes, que também foi detido.

"Eu perguntei o porquê de ter que entregar meu documento, mas o comandante se aproximou e disse que se não entregasse eu seria preso. Ele então levou meu crachá e meu RG para a viatura e voltou afirmando que eu seria detido".

Machado foi levado para o 78° DP (Jardins) num carro da PM. No caminho, foi informado pelos policiais de que estava sendo detido por "atrapalhar a ação da polícia".

'É REVOLTA POPULAR, SEM CONTROLE', DIZ MOVIMENTO PASSE LIVRE

12/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293687-e-revolta-popular-sem-controle-diz-movimento-passe-livre.shtml>

Acesso em 23/09/2017

"A gente não tem controle. Ficou claro que a manifestação se transformou numa revolta popular na cidade contra o aumento da tarifa", disse Nina Cappello, 23, estudante de direito e uma das organizadoras do Passe Livre.

Após o fim do protesto, ela culpou a "repressão violenta da polícia" pelos resultados.

O movimento programa um novo ato amanhã, a partir do Theatro Municipal.

"A manifestação estava pacífica. A gente parou a Radial Leste e tínhamos como itinerário o Parque Dom Pedro 2º. Mas teve uma repressão muito grande ali", afirmou.

Nina disse que o grupo pretendia entrar no terminal de ônibus e dar fim ao ato ali.

"É uma coisa que a gente sempre faz, que é entrar no terminal para informar a população sobre o ato, fazer um jogral e encerrar. Mas a polícia não deixou", afirmou.

Ela chamou de "absurda" a ação policial na avenida Paulista, onde a PM também usou bombas de gás.

"A gente negociou ir até o vão do Masp. Estávamos num esforço gigante para conter as pessoas", disse.

O grupo quer se reunir com o prefeito Fernando Haddad (PT) ainda nesta semana.

O tenente-coronel Marcelo Pignatari, comandante da operação da PM, disse que a polícia só agiu depois de ser agredida, para reestabelecer a ordem. "O fato de o movimento não ter um líder que assuma responsabilidade dificulta a negociação."

Segundo ele, os manifestantes pretendiam invadir e até incendiar ônibus dentro do terminal Parque Dom Pedro 2º. Por isso, havia negociação para que seguissem outro caminho quando parte do grupo iniciou a invasão.

"O ânimo deles não é defender uma causa de redução da tarifa de ônibus. É causar uma balbúrdia, uma baderna, quebrar a ordem. Não vamos permitir", disse.

SOZINHO, PM QUASE FOI LINCHADO DURANTE PROTESTO NA REGIÃO DA SÉ

12/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293688-sozinho-pm-quase-foi-linchado-durante-protesto-na-regiao-da-se.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

Um policial militar com rosto banhado de sangue, cercado e agredido com socos, chutes e pedras por cerca de dez manifestantes.

A cena na rua 11 de Agosto, a poucos passos da praça da Sé, marco zero da cidade de São Paulo, foi impressionante não só para mim, mas até para integrantes do Movimento Passe Livre, que organiza os atos contra a tarifa.

"O PM iria ser linchado", admitiu o estudante de Ciências Sociais Matheus Preis, 19, que, com outro grupo, tentava, para a proteção do PM, conter os mais radicais.

A agressão que testemunhei por volta das 20h30 ocorreu ao lado do Tribunal de Justiça de São Paulo.

Após se levantar, sangrando, o PM tirou a arma do coldre e a apontou para os manifestantes. Depois, para o alto. Tive certeza de que ele iria atirar. Mas o policial militar não disparou nenhum tiro.

DEZ SÃO PRESOS SEM DIREITO A FIANÇA APÓS PROTESTOS EM SP

12/06/2013

Disponível em : <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293709-dez-pessoas-sao-presas-sem-direito-a-fianca-apos-protestos-em-sp.shtml>
Acesso em: 23/09/2017

O novo protesto contra o aumento das tarifas de ônibus, metrô e trem, realizado na terça-feira (11), terminou com 16 pessoas detidas em São Paulo. Segundo a Polícia Civil, dez foram presos sem direito a fiança por formação de quadrilha, incêndio e danos ao patrimônio particular. Elas serão transferidas pela manhã para um CDP (Centro de Detenção Provisória) da capital.

Uma pessoa, acusada de dano qualificado e incêndio, segue detida no 78º DP (Jardins) e terá que pagar uma fiança de R\$20 mil para ser liberada. Outras quatro pessoas assinaram um TCO (Termo Circunstanciado de Ocorrência) por pichação e desacato e foram soltas durante a madrugada.

Entre os detidos há ainda um menor de 16 anos, que foi apreendido pela polícia, ouvido e liberado. Cinco policiais militares ficaram feridos, sendo que uma PM feminina quebrou o braço.

De acordo com o balanço divulgado pela polícia, os manifestantes danificaram sete ônibus durante o protesto, que durou cerca de 6h. Foram apreendidos pela polícia objetos como fogos de artifício, placas, máscara de gás, extintores de incêndio e até uma bicicleta.

Entre os presos está Pedro Ribeiro Nogueira, jornalista do portal Aprendiz. Segundo sua mãe, Beatriz Ribeiro, 56, ele exercia a sua profissão quando foi preso por Policiais Militares. "Ele ajudava uma mulher no momento que foi preso. Ele não fez nada e está aqui [na delegacia] injustamente", disse.

"Os policiais prenderam diversas pessoas aleatoriamente. Estão tentando desmoralizar o movimento", afirmou o professor Lucas Oliveira, 29, que estava no momento do protesto.

O delegado de plantão, Severino Pereira de Vasconcelos, rebate a afirmação de Oliveira e diz que todos foram presos após um trabalho de acompanhamento da PM. "A Polícia Militar identificou todos, os perseguiu e os prendeu em flagrante. As acusações foram qualificadas individualmente", disse.

O delegado explicou ainda o motivo pelo qual dez dos detidos não puderam ter uma fiança estipulada: "O potencial dos crimes [formação de quadrilha] impede que a autoridade policial estipule uma fiança, cabe a justiça determinar isso", disse Vasconcelos.

PROTESTO

A avenida Paulista foi liberada para o tráfego apenas por volta das 23h, após o término do ato. A via, no entanto, ficou com um rastro de vandalismo, com vidros quebrados e pichações em agências bancárias, lojas, estações de metrô e base da PM.

No começo da madrugada era possível ver, agentes da prefeitura trabalhando para a limpeza das calçadas em diversos pontos onde a marcha de manifestantes passou como na Avenida Paulista e na Ligação Leste-Oeste.

Os cerca de 5.000 manifestantes começaram o ato por volta das 17h na praça do Ciclista, na avenida Paulista, e seguiram em passeata pela região central, passando pela Consolação, pela ligação leste-oeste, pela Liberdade, que tiveram interdições. O grupo também pichou muros e ônibus pelo caminho.

O primeiro confronto ocorreu no terminal Parque Dom Pedro 2º, quando um grupo de manifestantes furou o cerco da polícia e entrou no local, onde mais ônibus foram danificados. Uma parte do grupo jogou pedras contra a polícia, que respondeu com bombas de gás lacrimogêneo.

"Eu estava com 15 passageiros, o pessoal de capuz ameaçou atear fogo. Pedi para o pessoal sair e aí eles destruíram todo o ônibus. Meteram pedra de cima abaixo", disse o motorista de um veículo da linha 435 da EMTU (Diadema-25 de Março).

Os manifestantes se dividiram em grupos menores, mas novos confrontos foram registrados em pontos isolados, como na praça da Sé. Mais tarde, parte das pessoas voltou a se reunir na avenida Brigadeiro Luís Antônio, em direção à avenida Paulista, onde novos confrontos foram registrados.

Um carro que passava pela avenida Paulista no momento da confusão acabou atropelando dois manifestantes. O motorista fugiu em seguida, mas o casal atingido não teve ferimentos graves.

Esse é o terceiro protesto feito contra o aumento das passagens de ônibus em menos de uma semana. Na quinta-feira, manifestantes liderados pelo Movimento Passe Livre fecharam avenidas como a Nove de Julho, a 23 de Maio e a Paulista. Houve confronto com a PM e os manifestantes deixaram um rastro de vandalismo.

A passagem foi reajustada de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2. A inflação desde o último aumento nos ônibus da capital, em janeiro de 2011, foi de 15,5%, de acordo com o IPCA (índice oficial, calculado pelo IBGE). No caso do Metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Se optassem por repor toda a inflação oficial, a gestão Fernando Haddad (PT) teria de elevar a tarifa para R\$ 3,47 e o governo Alckmin, para R\$ 3,24.

SP TEVE 85 ÔNIBUS DANIFICADOS DURANTE O PROTESTO CONTRA AUMENTO DA TARIFA

12/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293812-cidade-teve-85-onibus-danificados-durante-o-protesto-contr-aumento-da-tarifa.shtml>

Acesso em: 23/09/2017

A SPTrans (empresa que gerencia o transporte municipal) contabilizou danos em 85 ônibus da cidade na noite de ontem (11) durante protesto contra o aumento da tarifa do transporte público.

Durante o protesto, organizado pelo Movimento Passe Livre, coletivos foram depredados, pichados, amassados por pedras e ao menos dois tiveram princípio de incêndio.

A prefeitura diz que "as empresas já providenciaram os reparos necessários nos veículos afetados sem prejuízo para a frota em circulação". O valor do prejuízo ainda está sendo calculado.

As interrupções no trânsito também prejudicaram a circulação de diversas linhas de ônibus --filas foram formadas no corredor da avenida Rebouças e nas entradas do terminal Parque D. Pedro 2º.

Além dos ônibus, o protesto terminou com vários danos no patrimônio público e privado --estações do metrô e agências bancárias foram depredadas ou pichadas durante o protesto.

No início da tarde de hoje (12), ainda era possível ver na avenida Paulista o rastro de destruição. Vários muros estavam pichados com dizeres como "R\$ 3,20 não" e "R\$ 3,20 é roubo". Agências dos bancos Itaú, Bradesco e Santander foram depredadas e os prejuízos ainda não foram contabilizados.

A agência do Bradesco na altura do número 800 da avenida Paulista passou a noite aberta e sem segurança. Pela manhã, a agência começou a colocar tapumes enquanto os vidros não são repostos.

Na altura do número 633 da avenida Paulista, a agência do banco Itaú amanheceu com a porta aberta. O gerente chegou ao local e constatou que ela havia sido quebrada na noite de ontem.

A estação Trianon-Masp do metrô também estava coberta com tapumes no lugar dos vidros quebrados. Foi possível encontrar também pedaços de materiais de bases da Polícia Militar que foram depredadas.

Procurado, o Metrô disse que ainda contabiliza os prejuízos.

ALUNOS DO MACKENZIE CRITICAM PROMOTOR POR INCITAR A VIOLÊNCIA NA INTERNET

12/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293721-alunos-do-mackenzie-criticam-promotor-por-incitar-a-violencia-na-internet.shtml/>

Acesso em: 23/09/2017

O Centro Acadêmico dos estudantes de direito do Mackenzie emitiu nota de repúdio e pediu para a direção da faculdade averiguar os comentários publicados no Facebook do promotor Rogério Zagallo, que é professor do curso, em que ele xinga manifestantes do Movimento Passe Livre e incita a violência policial.

Na nota, divulgada segunda-feira (10), a entidade estudantil diz acompanhar "com grande tristeza a repercussão das declarações", e que as "manifestações do sr. Zagallo, que não são as primeiras no mesmo sentido, demonstram a incapacidade na compreensão da realidade político-social do nosso país, o que, de longe, não pode e não é aceito pela comunidade acadêmica" da universidade.

"Muito nos entristece que a nossa faculdade ainda seja frequentada por posicionamentos limitados e injustificáveis para quem exerce a nobre função de professor", continua.

Também na segunda, a Corregedoria-Geral do Ministério Público informou que abriu procedimento para apurar o comentário. Em nota enviada à reportagem, o órgão diz que "instaurou reclamação disciplinar para apuração dos fatos atribuídos ao Promotor de Justiça Rogério Leão Zagallo, relativos a comentários nas redes sociais".

COMENTÁRIO

O comentário foi publicado no Facebook na última sexta-feira (7), durante os protestos contra o aumento das tarifas do transporte público. No domingo (9), o promotor apagou o texto e escreveu um novo, em que pede desculpas pela publicação.

"Estou há duas horas tentando voltar para casa, mas tem um bando de bugios revoltados parando a Faria Lima e a Marginal Pinheiros. Por favor alguém pode avisar a Tropa de Choque que essa região faz parte do meu Tribunal do Júri e que se eles matarem esses filhos da puta eu arquivarei o inquérito policial...Que saudades do tempo em que esse tipo de merda era resolvida com borrachada nas costas dos medras (sic)", dizia o texto.

Zagallo disse à Folha que publicou o comentário, mas que só mal-intencionados achariam que as declarações são sua opinião.

"Entendo como lícita e válida toda forma de protesto, debate e discussão sobre temas que estão na pauta da administração...o Movimento Passe Livre exercitou seu legítimo direito", escreveu no domingo, ao se desculpar.

Segundo ele, o texto "foi fruto de desabafo feito por pessoas que estavam há muito tempo paradas no trânsito, mas que tinham compromisso com seus filhos". Ele diz que se manifestou como cidadão e na qualidade de um "pai angustiado". "Foi uma forma de expressão, jamais caracterizando aquiescência com execuções ou arbitrariedades".

Em março de 2011, ele escreveu num processo que um policial deveria melhorar sua mira. "Bandido que dá tiro para matar tem que tomar tiro para morrer. Lamento que tenha sido apenas um dos rapinantes enviado para o inferno. Fica o conselho: melhore sua mira".

"RESPOSTA"

No dia seguinte à publicação polêmica, o advogado Marcelo Feller também usou a rede social para fazer um comentário, dizendo que defenderia "de graça" um manifestante que depredasse o carro do promotor em protesto.

Os dois juristas atuaram de lados opostos no julgamento do ex-seminarista Gil Rugai, condenado em fevereiro pela morte do pai e da madrasta.

"Não sei se quando falou em bugios (macacos), o promotor se referia aos negros que protestavam. Também não sei se suas saudades das borrachadas, são saudades dos anos de chumbo no Brasil.

Mas não farei como ele, incitando a morte de outra pessoa.

Não sou dono de uma região nem de um tribunal do júri, e não tenho poder para arquivar inquéritos.

Mas eis aqui o que eu posso fazer:

Alguém poderia avisar a esses "petistas de merda", "filhos da puta", "bugios revoltados" que, se um deles, por acaso resolver se revoltar com a atitude do promotor e, em forma de protesto, depredar o carro dele, arrancar os espelinhos, furar os pneus, martelar o capô, riscar a lataria, etc., eu os defenderei de graça."

MOVIMENTO PASSE LIVRE FAZ 'VAQUINHA' NA INTERNET PARA PAGAR FIANÇA

12/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293811-movimento-passe-livre-faz-vaquinha-na-internet-para-pagar-fianca.shtml>

Acesso em 24/09/2017

O Movimento Passe Livre, que organizou os protestos contra o aumento da tarifa do transporte público, está fazendo uma campanha pela internet para arrecadar dinheiro para pagar a fiança dos presos durante a manifestação. Dos 20 detidos, apenas um ainda está preso pois não pagou fiança estipulada em R\$ 20 mil. Outros 10 seguem presos, pois foram enquadrados no crime de formação de quadrilha - o crime é inafiançável.

Na página do movimento no Facebook, os organizadores divulgam o e-mail passelivresp@gmail.com para contato e uma conta na Caixa Econômica Federal (agência 1365 e conta 000-21371-3) para que possam ser feitas as doações. Os organizadores dizem ainda que os manifestantes foram "presos de forma arbitrária diante da forte repressão policial".

NOVO PROTESTO

Os manifestantes também divulgam um novo protesto para amanhã (13), às 17h, em frente ao Theatro Municipal, no centro de São Paulo. O prédio fica a poucos metros da sede da prefeitura, no viaduto do Chá.

Esse será o quarto protesto organizado pelo grupo. A manifestação realizada ontem (11) reuniu 5.000 pessoas, segundo a PM, e foi a mais violenta em comparação com os dois protestos que ocorreram na semana passada. Ontem, dois ônibus parcialmente incendiados, agências bancárias e lojas depredadas e 20 pessoas detidas.

As ruas da região central da capital viveram um clima de guerra durante o protesto, que durou mais de cinco horas. Manifestantes lançaram pedras e paus contra a PM, que revidou com balas de borracha, bombs de efeito moral e gás pimenta. Segundo a PM, grupos atiraram até coquetéis molotov contra os policiais.

O ato foi organizado pelo Movimento Passe Livre, que se diz apartidário. A manifestação contou com a participação de partidos políticos de esquerda e movimentos anarquistas. O grupo se diz contrário à violência e admite que não conseguiu controlar os manifestantes. Em sua avaliação, o confronto foi resultado de uma "revolta popular" e da violência excessiva da PM.

INTEGRANTE DO PASSE LIVRE RESPONSABILIZA AUTORIDADES POR CONFRONTO EM PROTESTO

12/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293903-integrante-do-passe-livre-responsabiliza-autoridades-por-confronto-em-protesto.shtml>

Acesso em: 24/09/2017

Lucas Monteiro, 28, integrante do Movimento Passe Livre, que organiza protestos contra o aumento na tarifa do transporte público, culpou as autoridades pelos acontecimentos na manifestação de ontem. "Os principais responsáveis pelo que aconteceu ontem e pelo clima de revolta são o prefeito Fernando Haddad (PT) e o governador Geraldo Alckmin (PSDB)."

Perguntado sobre a população que foi prejudicada ontem com a manifestação, Monteiro voltou a culpar o governo. "Quem prejudica a população é quem aumenta a tarifa".

Segundo o manifestante, a culpa do confronto é da polícia. "Não temos controle pleno sobre as manifestações quando ela se divide em quatro frentes. Não temos como controlar a raiva das pessoas em relação à repressão que estão sofrendo". E criticou as prisões dos manifestantes: "As prisões são claras tentativas de criminalização do ato".

"Ontem, a passeata perdeu o controle porque foi dividida. A única maneira de controlar as ações é mantendo a unidade, mas a PM reprimiu. Na sexta, não houve dispersão e o ato se manteve sob controle", continuou.

Monteiro, que foi ouvido pela reportagem durante encontro promovido pelo Ministério Público de São Paulo nesta tarde para discutir o reajuste na tarifa, ainda disse que "todo aumento da tarifa é um aumento da exclusão".

O procurador-geral Márcio Elias Rosa, presente ao encontro, concorda com o manifestante. "O Lucas tem razão sobre ser escolha política o aumento e sobre ser excludente, mas a violência e o medo, gerado pelo protesto de ontem, também são fatores de exclusão", disse Rosa.

O procurador-geral também disse que é preciso minimizar a exclusão. "Hoje, a gente inaugura, espero, a fase do diálogo. Vamos tentar minimizar os fatores de exclusão, começando pela violência".

Apesar de concordar com o manifestante, Rosa fez críticas aos protestos. "Nesses atos, podem brotar indignações que nem sempre têm relação direta com a causa do ato", afirmou.

A prefeita em exercício, Nádia Campeão (PC do B) e o Secretário Municipal de Transportes, Jilmar Tatto, não compareceram ao evento.

A polícia escolheu aleatoriamente manifestantes para prender no ato da avenida Paulista, disse Mayara Vivian, 23, militante do Movimento Passe Livre.

Segundo ela e os advogados que defendem parte dos presos, as prisões são ilegais e servem para tentar criminalizar o movimento contra o aumento da tarifa de ônibus.

As ações de depredação, disse Mayara, foram feitas por "grupos isolados" que não o Movimento Passe Livre. O movimento é pacífico e não estimula violência, disse ela, que é estudante de geografia na USP e garçoneite.

De todo modo, continuou ela, a resposta da Polícia Militar foi "desproporcional". Ela protestou também contra o fato de dez dos presos terem sido acusados de formação de quadrilha, o que torna o crime inafiançável. "É um absurdo. Não há quadrilha nenhuma."

Para outros três foram estipuladas fianças, um de R\$ 20 mil e dois de R\$ 3.000. O valor arbitrado é político, para intimidar o movimento, segundo a militante.

Dada a insatisfação pelas prisões, o protesto marcado para amanhã será maior do que o de anteontem, de acordo com Mayara.

Procurada, a Secretaria de Segurança Pública, as prisões foram realizadas após testemunho e depoimentos que formaram a convicção jurídica dos delegados na elaboração dos flagrantes.

"Os autos dos flagrantes serão analisados pelo Poder Judiciário. Há imagens da própria Folha de S. Paulo, além de outras emissoras, que demonstram que o movimento optou por realizar atos de violência. Portanto, o movimento parece não ter legitimidade para questionar as ações da PM, que transcorreram dentro da lei, para garantir o direito e a segurança das pessoas não envolvidas no movimento", afirmou.

PARIS

De Paris, Haddad criticou os atos de violência que ocorreram em São Paulo e que foram deflagrados, segundo ele, por "pessoas inconformadas com o Estado democrático de direito".

Já Alckmin chamou os manifestantes de "baderneiros". "É intolerável a ação de baderneiros e de vândalos destruindo o patrimônio público e devem pagar por isso. É patrimônio coletivo. Destruir ônibus, que é exatamente para servir a população, é inaceitável", disse o governador.

METRÔ ESTIMA PREJUÍZO DE MAIS DE R\$ 100 MIL APÓS PROTESTOS EM SP 12/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293914-metro-estima-prejuizo-de-mais-de-r-100-mil-apos-protestos-em-sp.shtml>

Acesso em: 24/09/2017

Os protestos realizados na última semana contra o aumento das passagens de ônibus provocaram um prejuízo de R\$ 109 mil ao Metrô de São Paulo, segundo estimativa divulgada nessa quarta-feira. Com o valor seria possível comprar 34 mil passagens de ônibus, metrô ou trem.

Atos de vandalismo durante a manifestação de ontem totalizaram prejuízo de R\$ 36 mil. Na última quinta-feira (6) um outro protesto, também contra o aumento das passagens, já tinha provocado danos no valor de R\$ 73 mil. Na ocasião, o Metrô também disse que acionaria a Justiça para ressarcir os danos ao patrimônio público.

Na noite de ontem, a entrada da estação Trianon-Masp, da linha 2-verde, na avenida Paulista, teve os vidros quebrados pelos manifestantes, e teve que ser fechada. O grupo também causou dano a agências bancárias e lojas, além de ônibus e muros que foram pichados e danificados. Ao todo, 85 ônibus foram vandalizados.

Na semana passada, as estações Brigadeiro e Trianon-Masp já tinham tido os vidros de seus acessos quebrados e, junto com a estação Consolação, foram fechadas enquanto os manifestantes passavam pela região. A estação Vergueiro, da Linha 1-azul, teve um de seus acessos fechado devido à depredação em seu interior, que resultou em um agente de segurança do Metrô ferido levemente.

A manifestação de ontem reuniu cerca de 5.000 pessoas e resultou em confronto com policiais militares no terminal Parque Dom Pedro 2º e na avenida Paulista. Também foi deixado um rastro de vandalismo pela região central. Com isso, 20 pessoas foram detidas, sendo que dez permaneciam presas hoje.

A passagem foi reajustada de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2. A inflação desde o último aumento nos ônibus da capital, em janeiro de 2011, foi de 15,5%, de acordo com o IPCA (índice oficial, calculado pelo IBGE). No caso do Metrô e dos trens, o último reajuste ocorreu em fevereiro de 2012. Se optassem por repor toda a inflação oficial, a gestão Fernando Haddad (PT) teria de elevar a tarifa para R\$ 3,47 e o governo Alckmin, para R\$ 3,24.

CONFRONTO ENTRE POLÍCIA E MANIFESTANTES DO PASSE LIVRE **REPERCUTE NO EXTERIOR**

12/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293919-confronto-entre-policia-e-manifestantes-do-passe-livre-repercute-no-exterior.shtml>
Acesso em: 24/09/2017

As redes de televisão americana CNN e a britânica BBC repercutiram o conflito entre a Polícia Militar e manifestantes do Movimento Passe Livre, ocorrido ontem durante protesto contra o aumento na tarifa do transporte público.

Em texto publicado em seu site, a CNN noticia que alguns manifestantes partiram para a violência, depredando uma estação de metrô e ateando fogo em ônibus.

Já a BBC, também em texto publicado em seu site, relata que o protesto se tornou violento após um grupo tentar invadir o terminal Parque Dom Pedro 2º. O texto também faz menção aos protestos ocorridos no Rio, na segunda-feira, e enfatiza que esse é um momento delicado para a cidade, que é uma das sedes da Copa das Confederações.

APÓS REUNIÃO COM PROMOTORIA, PASSE LIVRE MANTÉM PROTESTO PARA ESTA QUINTA

12/06/2013

Disponível:<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294090-apos-reuniao-com-mp-passe-livre-mantem-protesto-marcado-para-amanha.shtml>

Acesso em: 24/09/2017

Após reunião com o Ministério Público de São Paulo na tarde desta quarta-feira (12), manifestantes do MPL (Movimento Passe Livre), organizador dos protestos contra o aumento da tarifa do transporte público, afirmaram que a manifestação marcada para esta quinta-feira está mantida.

A Promotoria se comprometeu a marcar uma reunião com o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), e o governador do Estado, Geraldo Alckmin (PSDB), para negociar uma suspensão, por 45 dias, do valor da nova tarifa de R\$ 3,20. Antes do aumento, a tarifa de ônibus, metrô e trens custava R\$ 3.

Se a reunião surtir efeito e a tarifa for suspensa, os protestos também serão, afirmaram integrantes do Passe Livre. Caso contrário, as manifestações continuam.

Questionado sobre a possibilidade de prefeito e governador não aceitarem a proposta, Maurício Ribeiro Lopes, promotor de Habitação e Urbanismo da capital, disse que "eles [o governo] estarão devolvendo a estes movimentos o protagonismo". "Hoje, assistimos a um gesto de boa vontade deles [MPL] em devolver a questão ao Estado. Mas não há nenhum compromisso de que a tarifa baixará", completou.

Amanhã, o grupo promete novo protesto, a partir das 17h, em frente ao Theatro Municipal, no centro da capital paulista. Se a proposta for aceita antes das 17h, Lucas Monteiro, do MPL, afirmou que a manifestação se transformará em um encontro de celebração.

A reunião realizada hoje na sede do Ministério Público contou com Adalto Farias, representante da Secretaria Municipal de Transportes e Pedro Luiz Machado, representante da Secretaria Estadual de Transportes Metropolitanos. Foi formado também no encontro uma comissão que analisará com o governo durante 45 dias as planilhas de custos e a composição da tarifa do transporte coletivo.

Na comissão estão dois membros do MPL, dois membros do PSOL e um membro do sindicato dos metroviários.

Altino de Melo Prazeres Júnior, presidente do sindicato dos metroviários, que também participou da reunião, fez questão de deixar claro que a suspensão dos protestos durante o período do acordo diz respeito às manifestações em vias públicas mas que os encontros serão mantidos em espaços como o Parque do Ibirapuera.

De Paris, onde estão para apresentar a candidatura de São Paulo à Expo 2020, Haddad e Alckmin criticaram os protestos. Ao todo, já ocorreram três manifestações contra as tarifas em menos de uma semana. Em duas delas ocorreram confrontos com a PM e atos de vandalismo.

Haddad condenou os atos de violência que ocorreram em São Paulo e que foram deflagrados, segundo ele, por "pessoas inconformadas com o Estado democrático de direito".

Já Alckmin chamou os manifestantes de "baderneiros". "É intolerável a ação de baderneiros e de vândalos destruindo o patrimônio público e devem pagar por isso. É patrimônio coletivo. Destruir ônibus, que é exatamente para servir a população, é inaceitável", disse o governador.

SECRETÁRIO QUER INVESTIGAÇÃO DE POSSÍVEIS CASOS DE ABUSOS DA PM 13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294853-secretario-determina-investigacao-imediata-da-acao-da-pm-em-protestos-em-sp.shtml>

Acesso em: 24/09/2017

O secretário da Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella Vieira, lamentou os episódios de violência ocorridos durante o protesto contra o aumento das passagens de ônibus, nesta quinta-feira, na região central de São Paulo.

A pasta afirmou que "a Polícia Militar agiu para garantir a ordem, o direito de ir e vir e a segurança da população". O secretário porém determinou que a Corregedoria da PM apure rigorosamente os relatos de abusos atribuídos a policiais.

Durante as manifestações, sete jornalistas da **Folha** foram feridos. Os repórteres Giuliana Vallone e Fábio Braga foram atingidos no rosto por disparos de bala de borracha da Tropa de Choque da Polícia Militar enquanto cobriam o protesto. Por volta das 20h, Giuliana subia a rua Augusta registrando o protesto quando foi atingida.

A cabeleireira Valdenice de Brito, 40, testemunhou o momento do disparo. "Quando ela me disse para sair dali por causa do tumulto, um policial mirou e atirou covardemente nela."

Giuliana foi socorrida por funcionários de um estacionamento. Outros cinco jornalistas da Folha também foram atingidos. Um deles, o repórter-fotográfico Fábio Braga foi atingido por dois disparos. Um atingiu o rosto e o outro a virilha.

O prefeito Fernando Haddad (PT) disse que não reduzirá a tarifa de ônibus na cidade de São Paulo. Ele reafirmou que o aumento de R\$ 3 para R\$ 3,20 ficou abaixo da inflação e que cumpriu compromisso de sua campanha.

Haddad acompanha o ato do seu gabinete e disse que esperaria um balanço para opinar sobre o protesto de hoje. O prefeito se disse favorável a manifestações desde que ocorram de modo pacífico.

PROTESTO

Esse é o quarto protesto contra as passagens de ônibus, na última semana. As pessoas começaram a se concentrar por volta das 16h, quando já havia grande quantidade de policiais, inclusive fechando o viaduto do Chá, onde fica a Prefeitura de São Paulo, e revistando e interrogando pessoas.

Antes mesmo do início da passeata, já havia 30 pessoas detidas. Entre os detidos está o repórter da "Carta Capital", Piero Locatelli.

O confronto começou quando a PM tentou impedir os cerca de 5.000 manifestantes de prosseguir a passeata contra o aumento dos ônibus pela rua da Consolação, no sentido da avenida Paulista. Com isso, houve bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borracha disparados contra os manifestantes, que atiravam pedras e outros objetos.

Algumas bombas atiradas pelos policiais foram parar em um posto de gasolina, no cruzamento com a rua Caio Prado. Já a fumaça das bombas formou uma névoa que fez "desaparecer" os carros que ficaram parados na região.

NEGOCIAÇÕES

Na quarta-feira (12), o Ministério Público de São Paulo reuniu-se com manifestantes do MPL (Movimento Passe Livre) --organizador dos protestos contra o aumento da tarifa do transporte público-- e se comprometeu a marcar uma reunião com Alckmin e com o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), para negociar uma suspensão, por 45 dias, do valor da nova tarifa de R\$ 3,20. Antes do aumento, a tarifa de ônibus, metrô e trens custava R\$ 3.

Hoje, o governador Geraldo Alckmin (PSDB), porém, a possibilidade de suspender o aumento das tarifas pelo período. Procurada, a gestão Fernando Haddad (PT) ainda não se manifestou se aceitaria a proposta do Ministério Público.

'TIVE MEDO DE INVADIREM O ÔNIBUS', DIZ JOVEM DURANTE PROTESTO

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294863-tive-medo-de-invadirem-o-onibus-diz-jovem-presa-no-meio-de-protesto.shtml>

Acesso em: 24/09/2017

Cerca de 30 pessoas ficaram quase uma hora dentro de um ônibus parado na rua Augusta, na região central de São Paulo, cercada por manifestantes e policiais que entraram em confronto durante um protesto contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trens.

"Ninguém teve coragem de descer. A gente ficou com medo de invadirem o ônibus. Só abrimos as janelas quando começou a entrar o cheiro do gás", afirmou a corretora Daiane Cristina machado, 26, que seguia para a República, quando o ônibus em que estava ficou parado no meio do confronto.

"Tocaram fogo lá embaixo, quebraram coisa, foram muitas bombas", completou ela.

O protesto bloqueou vias como Paulista, Angélica e a Consolação, onde começou o confronto. Alguns motoristas que ficaram parados na rua Caio Prado por conta da confusão entre manifestantes e policiais militares, decidiram trancar e abandonar os carros na via.

PROTESTO

Esse é o quarto protesto contra as passagens de ônibus, na última semana. As pessoas começaram a se concentrar por volta das 16h, quando já havia grande quantidade de policiais, inclusive fechando o viaduto do Chá, onde fica a Prefeitura de São Paulo, e revistando e interrogando pessoas.

Antes mesmo do início da passeata, já havia 30 pessoas detidas. Entre os detidos está o repórter da "Carta Capital", Piero Locatelli.

O confronto começou quando a PM tentou impedir os cerca de 5.000 manifestantes de prosseguir a passeata contra o aumento dos ônibus pela rua da Consolação, no sentido da avenida Paulista. Com isso, houve bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borracha disparados contra os manifestantes, que atiravam pedras e outros objetos.

Algumas bombas atiradas pelos policiais foram parar em um posto de gasolina, no cruzamento com a rua Caio Prado. Já a fumaça das bombas formou uma névoa que fez "desaparecer" os carros que ficaram parados na região.

NEGOCIAÇÕES

Na quarta-feira (12), o Ministério Público de São Paulo reuniu-se com manifestantes do MPL (Movimento Passe Livre) --organizador dos protestos contra o aumento da tarifa do transporte público-- e se comprometeu a marcar uma reunião com Alckmin e com o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), para negociar uma suspensão, por 45 dias, do valor da nova tarifa de R\$ 3,20. Antes do aumento, a tarifa de ônibus, metrô e trens custava R\$ 3.

Hoje, o governador Geraldo Alckmin (PSDB), porém, descartou a possibilidade de suspender o aumento das tarifas pelo período. Procurada, a gestão Fernando Haddad (PT) ainda não se manifestou se aceitaria a proposta do Ministério Público.

"Quanto a reduzir o valor da passagem, não há possibilidade", afirmou o governador, que foi a Santos com o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella, inaugurar uma delegacia e anunciar investimentos em segurança na região. "O reajuste foi menor que a inflação, tanto nos trens e metrô quanto nos ônibus", disse Alckmin.

O prefeito Fernando Haddad (PT) também disse que não reduzirá a tarifa de ônibus. Ele reafirmou que o aumento de R\$ 3 para R\$ 3,20 ficou abaixo da inflação e que cumpriu compromisso de sua campanha.

POLÍCIA DETÉM AO MENOS 192 NO QUARTO DIA DE PROTESTOS EM SP

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294876-policia-detem-ao-menos-137-no-quarto-dia-de-protestos-em-sp.shtml>

Acesso em: 24/09/2017

A polícia deteve ao menos 192 pessoas nesta quinta-feira (13), quarto dia de protestos contra o aumento das tarifas no centro de São Paulo. Desses suspeitos, 161 foram encaminhados ao 78º DP (Jardins) e outros 31 para o 1º DP (Liberdade).

Segundo policiais ouvidos pela **Folha**, ao menos 14 deles foram presos em flagrante. Entretanto, a polícia não informou sob suspeita de quais crimes eles foram indiciados.

O prefeito Fernando Haddad (PT) afirmou na noite de ontem que a manifestação contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trens foi marcada pela "violência policial".

"Na terça, a imagem que ficou foi da violência dos manifestantes. Hoje, infelizmente, não resta dúvida, a imagem que ficou e da violência policial". Ele disse que nesta sexta-feira (14) avaliará as medidas que tomará para tentar conter a escalada de violência nos protestos.

PROTESTO

Esse é o quarto protesto contra as passagens de ônibus, na última semana. As pessoas começaram a se concentrar por volta das 16h, quando já havia grande quantidade de policiais, inclusive fechando o viaduto do Chá, onde fica a Prefeitura de São Paulo, e revistando e interrogando pessoas.

Antes mesmo do início da passeata, já havia 30 pessoas detidas. Entre os detidos está o repórter da "Carta Capital", Piero Locatelli.

O confronto começou quando a PM tentou impedir os cerca de 5.000 manifestantes de prosseguir a passeata contra o aumento dos ônibus pela rua da Consolação, no sentido da avenida Paulista. Com isso, houve bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borracha disparados contra os manifestantes, que atiravam pedras e outros objetos.

Algumas bombas atiradas pelos policiais foram parar em um posto de gasolina, no cruzamento com a rua Caio Prado. Já a fumaça das bombas formou uma névoa que fez "desaparecer" os carros que ficaram parados na região.

NEGOCIAÇÕES

Na quarta-feira (12), o Ministério Público de São Paulo reuniu-se com manifestantes do MPL (Movimento Passe Livre) --organizador dos protestos contra o aumento da tarifa do transporte público-- e se comprometeu a marcar uma reunião com Alckmin e com o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), para negociar uma suspensão, por 45 dias, do valor da nova tarifa de R\$ 3,20. Antes do aumento, a tarifa de ônibus, metrô e trens custava R\$ 3.

Hoje, o governador Geraldo Alckmin (PSDB), porém, descartou a possibilidade de suspender o aumento das tarifas pelo período. Procurada, a gestão Fernando Haddad (PT) ainda não se manifestou se aceitaria a proposta do Ministério Público.

"Quanto a reduzir o valor da passagem, não há possibilidade", afirmou o governador, que foi a Santos com o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella, inaugurar uma delegacia e anunciar investimentos em segurança na região. "O reajuste foi menor que a inflação, tanto nos trens e metrô quanto nos ônibus", disse Alckmin.

O prefeito Fernando Haddad (PT) também disse que não reduzirá a tarifa de ônibus. Ele reafirmou que o aumento de R\$ 3 para R\$ 3,20 ficou abaixo da inflação e que cumpriu compromisso de sua campanha.

PROTESTO DEIXA CERCA DE CEM FERIDOS NO CENTRO DE SP, DIZ MOVIMENTO

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294893-protesto-deixa-cerca-de-cem-feridos-no-centro-de-sp-diz-movimento.shtml>

Acesso em: 24/09/2017

O protesto contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trens terminou com cerca de cem pessoas feridas, segundo o Movimento Passe Livre, que organizou a manifestação. Entre os feridos há sete jornalistas da **Folha**, sendo que dois deles foram atingidos por tiros de bala de borracha na cabeça.

O confronto entre manifestantes e PMs começou quando a polícia tentou impedir o grupo de prosseguir a passeata contra o aumento dos ônibus pela rua da Consolação, no sentido Paulista. Com isso, houve bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borracha disparados contra os manifestantes, que atiravam pedras e outros objetos.

Algumas bombas atiradas pelos policiais foram parar em um posto de gasolina, no cruzamento com a rua Caio Prado. Já a fumaça das bombas formou uma névoa que fez "desaparecer" os carros que ficaram parados na região. Alguns motoristas que ficaram parados na rua Caio Prado por conta da confusão decidiram trancar e abandonar os carros na via.

Em nota, o movimento afirmou que, "apesar do caráter completamente pacífico, a marcha foi violentamente atacada pela Polícia Militar, de forma arbitrária e inexplicada, na rua da Consolação". Ao menos, 137 pessoas foram detidos.

Estimativa da PM aponta que cerca de 5.000 pessoas participaram do ato. O movimento, no entanto, aponta que o número pode chegar a 20 mil.

O próximo ato do grupo já está marcado para as 17h da próxima segunda-feira (17), na frente da estação Faria Lima do Metrô. Até a madrugada desta sexta, mais de 16 mil pessoas já tinham confirmado presença no Facebook.

INVESTIGAÇÃO

O prefeito Fernando Haddad (PT) afirmou que a manifestação foi marcada pela "violência policial".

"Na terça-feira, eu penso que a imagem que ficou foi a da violência dos manifestantes e, infelizmente, hoje não resta dúvida de que a imagem que ficou foi a da violência policial". Ele disse que nesta sexta-feira (14) avaliará as medidas que tomará para tentar conter a escalada de violência nos protestos.

O prefeito também elogiou a decisão do secretário da Segurança Pública, Fernando Grella Vieira, que determinou a abertura imediata de investigações, pela Corregedoria da Polícia Militar, "para apurar rigorosamente os fatos".

Esse foi o quarto protesto contra as passagens de ônibus, na última semana. As pessoas começaram a se concentrar por volta das 16h, quando já havia grande quantidade de policiais, inclusive fechando o viaduto do Chá, onde fica a Prefeitura de São Paulo, e revistando e interrogando pessoas.

Antes mesmo do início da passeata, já havia 30 pessoas detidas. Entre os detidos estava o repórter da "Carta Capital", Piero Locatelli.

NEGOCIAÇÕES

Na quarta-feira (12), o Ministério Público de São Paulo reuniu-se com manifestantes do MPL (Movimento Passe Livre) --organizador dos protestos contra o aumento da tarifa do transporte público-- e se comprometeu a marcar uma reunião com Alckmin e com o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), para negociar uma suspensão, por 45 dias, do valor da nova tarifa de R\$ 3,20. Antes do aumento, a tarifa de ônibus, metrô e trens custava R\$ 3.

Hoje, o governador Geraldo Alckmin (PSDB), porém, descartou a possibilidade de suspender o aumento das tarifas pelo período. Procurada, a gestão Fernando Haddad (PT) ainda não se manifestou se aceitaria a proposta do Ministério Público.

"Quanto a reduzir o valor da passagem, não há possibilidade", afirmou o governador, que foi a Santos com o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella, inaugurar uma delegacia e anunciar investimentos em segurança na região. "O reajuste foi menor que a inflação, tanto nos trens e metrô quanto nos ônibus", disse Alckmin.

O prefeito Haddad também disse que não reduzirá a tarifa de ônibus. Ele reafirmou que o aumento de R\$ 3 para R\$ 3,20 ficou abaixo da inflação e que cumpriu compromisso de sua campanha.

PM DE SP DIZ QUE MANIFESTANTES NÃO FICARÃO MAIS "À VONTADE" PELA CIDADE

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294300-pm-de-sp-diz-que-manifestantes-nao-ficaro-mais-a-vontade-pela-cidade.shtml>

Acesso em: 24/09/2017

A Polícia Militar de São Paulo afirmou que não vai mais deixar manifestantes "à vontade pela cidade" durante novos protestos contra o aumento de tarifas do transporte público.

"Não vamos deixá-los à vontade pela cidade e vamos agir para evitar qualquer tipo de ação que quebre a ordem, que rompa os limites legais. Vamos tentar evitar ao máximo chegar a esse ponto, mas tudo depende do comportamento dos manifestantes", disse o tenente-coronel Marcelo Pignatari, comandante das operações policiais na região central.

Com o resultado dos últimos protestos, ele diz ter notado que "na verdade os manifestantes querem implantar o caos e a desordem na cidade, eles não estão defendendo a redução da tarifa". Por este motivo, segundo o oficial, não haverá mais tolerância como antes.

Ele nega, porém, que a polícia seja truculenta na repressão aos manifestantes que promovem vandalismo.

"A manifestação é legítima se respeitar as regras do Estado Democrático. A partir do momento que rompe com as regras, deixa de ser manifestação pacífica, passa a ser ato de vandalismo, de agressão".

Comerciantes que tiveram prejuízo na região central e na av. Paulista afirmam que vão fechar mais cedo hoje, para tentar evitar prejuízos com a nova manifestação, marcada para começar às 17h, em frente ao Theatro Municipal, na região central.

O dono de uma das bancas de jornais da Paulista disse que teme pela sua vida e que vai fechar antes do horário do protesto. "Como posso garantir que vou sair vivo? Vou ter prejuízo para evitar saques e tragédias maiores", diz o homem que preferiu não se identificar.

Na região da praça da Sé, outro dono de banca afirma que terá um prejuízo de cerca de R\$ 500 para pintar seu local de trabalho. "Picharam tudo aqui. Ainda bem que eu estava fechado na hora da confusão", afirma ele que também não se identificou.

Na região da Sé, comerciantes de lanchonetes, lotéricas e outras lojas dizem que já estavam fechados na hora dos protestos de anteontem, mas que pretendem encerrar as atividades cedo caso haja outra manifestação hoje.

O presidente Associação Comercial de São Paulo, Rogério Amato, afirmou que a entidade está acompanhando "atentamente" os protestos.

"Nossos associados são pessoas que trabalham dia a dia e fazem as coisas acontecerem. Agora, estamos vendo a outra face da realidade, gente que destrói", disse. A associação não deu orientação oficial para fechamentos.

ALCKMIN DIZ QUE NÃO É POSSÍVEL REDUZIR VALOR DE PASSAGEM EM SP 13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294438-alckmin-diz-que-nao-e-possivel-reduzir-valor-de-passagem-em-sp.shtml>

Acesso em: 24/09/2017

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), descartou nesta quinta-feira (13) a possibilidade de suspender o aumento das tarifas de transporte público por 45 dias, como propôs ontem o Ministério Público.

"Quanto a reduzir o valor da passagem, não há possibilidade", afirmou o governador, que foi a Santos com o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella, inaugurar uma delegacia e anunciar investimentos em segurança na região. "O reajuste foi menor que a inflação, tanto nos trens e metrô quanto nos ônibus", disse Alckmin.

Procurada, a gestão Fernando Haddad (PT) ainda não se manifestou se aceitaria a proposta do Ministério Público.

Na quarta-feira (12), o Ministério Público de São Paulo reuniu-se com manifestantes do MPL (Movimento Passe Livre) --organizador dos protestos contra o aumento da tarifa do transporte público-- e se comprometeu a marcar uma reunião com Alckmin e com o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), para negociar uma suspensão, por 45 dias, do valor da nova tarifa de R\$ 3,20. Antes do aumento, a tarifa de ônibus, metrô e trens custava R\$ 3.

Integrantes do Movimento Passe Livre afirmaram que, se a reunião surtisse efeito, os protestos também seriam suspensos. Um novo protesto contra o aumento das passagens está previsto para esta quinta-feira, às 17h, em frente ao Theatro Municipal.

O governador afirmou que o reajuste concedido já é inferior à inflação e voltou a criticar as manifestações. "Esse é um movimento pequeno, mas muito violento e de conteúdo político", disse Alckmin. "Manifestação é legítima, natural. Outra coisa é fazer depredação de patrimônio público, deixar um rastro de destruição por onde passa, prejudicando o usuário do sistema", afirmou o governador.

Alckmin aprovou a participação da Polícia Federal para investigar os incidentes ocorridos em São Paulo. A mobilização de investigadores foi anunciada pelo Ministério da Justiça. "Toda colaboração é bem-vinda. Nosso lema é 'parceria'. Tudo que vier para ajudar é bem-vindo", disse.

Nesta quinta-feira, a capital do Estado foi transferida para Santos como parte das celebrações dos 250 anos de José Bonifácio de Andrade e Silva, um dos principais personagens da Independência do Brasil. O governador deve passar o dia na região.

CPTM

O governador comentou ainda a paralisação de três linhas da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos). Segundo ele, os grevistas desrespeitaram uma decisão da Justiça do Trabalho, de que o sistema deveria funcionar 100% no horário de pico. "Fizemos uma boa proposta, superior à inflação, tanto que não houve greve no metrô. Queremos resolver a situação ainda hoje, o mais rápido possível".

"Quanto a reduzir o valor da passagem, não há possibilidade", afirmou o governador, que foi a Santos (72 km de SP) com o secretário de Estado da Segurança Pública, Fernando Grella, inaugurar uma delegacia e anunciar investimentos em segurança na região.

PARA COMANDANTE DA PM, PROTESTO CONTRA TARIFA TEM GENTE QUE NÃO USA TRANSPORTE

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294453-para-comandante-da-pm-protesto-contratarifa-tem-gente-que-nao-usa-transporte.shtml>

Acesso em: 24/09/2017

O comandante-geral da Polícia Militar de São Paulo, coronel Benedito Roberto Meira, afirma que há grupos que aderem às manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre contra o aumento da tarifa do transporte que não precisam andar de ônibus ou metrô.

"Muitas pessoas dentro desse movimento sequer precisam do transporte público, essa que é a grande verdade. São pessoas que vão com um único propósito, não de manifestar pelo preço da tarifa do transporte público, nada disso. Vão lá com o propósito de vandalismo, de agredir as pessoas, de provocar pânico e causar sensação de insegurança", afirma.

Ele diz que a população que depende do transporte público não aprova a ação dos manifestantes e que a polícia apenas cumpriu seu papel constitucional nos últimos protestos do movimento na capital paulista.

"A partir do instante que essas pessoas extrapolam, começam a interferir no direito de ir e vir das pessoas, e obviamente se isso se ampliar para vandalismo, para atos ofendendo a integridade física dos policiais, a polícia precisa restabelecer a ordem."

O comandante nega que a polícia tenha agido com excesso nos protestos ou durante a detenção de manifestantes suspeitos de vandalismo.

"Durante todos esses dias não se vê nenhum policial militar fazendo uso de arma de fogo, porque os meios têm que ser os meios necessários. Se há necessidade de munição química, usamos munição química. Quando há necessidade apenas do contato corporal, os policiais fazem bloqueio e impedem a ação dos manifestantes."

THEATRO MUNICIPAL ESVAZIA CURSOS POR CONTA DE PROTESTO EM SP

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294517-theatro-municipal-esvazia-cursos-por-conta-de-protesto-em-sp.shtml>

Acesso em: 24/09/2017

A direção do Theatro Municipal esvaziou nesta tarde as salas de aula dos cursos de dança e música da Praça das Artes, que integra o teatro, localizado no centro, por conta do protesto que será realizado hoje, às 17h, pelo Movimento Passe Livre, contrário ao aumento das tarifas do transporte público.

De acordo com a Secretaria de Cultura, a decisão foi tomada como medida de segurança. Todos os alunos e funcionários dos dois cursos do centro, que é voltado às artes musicais e do corpo, foram dispensados.

Já os funcionários do Theatro Municipal permanecem trabalhando normalmente, de acordo com a secretaria. O concerto com o Quarteto de Cordas, no Salão do Conservatório da Praça das Artes, está mantido para às 20h.

PROTESTO

O protesto de hoje à tarde será o quarto programado pelo Movimento Passe Livre, que é contra a alta de R\$ 3 para R\$ 3,20 nas passagens, mas tem como bandeira a adoção da gratuidade no transporte público.

As ruas da região central de São Paulo viveram na terça-feira (11) um clima de guerra durante o mais violento protesto contra a alta da tarifa do transporte coletivo, que durou mais de cinco horas.

O ato resultou em uma série de confrontos entre manifestantes e policiais militares e em cenas de vandalismo de maior proporção do que nos dois protestos anteriores, na semana passada.

O dia terminou com saldo de 19 detidos, 87 ônibus depredados, vitrines de lojas e de bancos quebradas e ao menos duas estações de metrô (Brigadeiro e Trianon-Masp) depredadas. O prejuízo é estimado em R\$ 109 mil, de acordo com o Metrô. Trinta manifestantes, de acordo com o movimento, e 8 policiais ficaram feridos.

Os manifestantes lançaram pedras e paus contra a PM, que atirou balas de borracha, bombas de efeito moral e gás de pimenta. Segundo a polícia, grupos atiraram até coquetéis molotov.

COM MEDO DE PROTESTO, COMERCIANTES FECHAM LOJAS NO CENTRO DE SP

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294526-com-medo-de-protesto-comerciantes-fecham-do-centro-de-sp-fecham-lojas.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Comerciantes da região central de São Paulo decidiram fechar lojas antes do horário previsto devido ao protesto contra o aumento das tarifas marcado para as 17h desta quinta-feira, em frente ao Theatro Municipal.

A maioria dos lojistas decidiu baixar as portas por volta das 15h30. Mesmo quem decidiu manter as lojas abertas avisou que fecharia no máximo às 16h30.

"Tem que fechar porque está todo mundo com medo da violência", disse uma funcionária da lanchonete Municipal, na praça Ramos. O estabelecimento, que costuma fechar às 22h, hoje fechará às 17h.

Às 16h, o clima já era de tensão na região. A Polícia Militar fez uma barreira na região do Theatro Municipal e revistou as pessoas que aparentavam estar no local para participar do protesto.

Um vendedor das Casas Bahia disse que a loja começou a fechar às 16h, enquanto o normal seria às 21h. A reportagem presenciou todas as portas da loja sendo fechadas às 17h20.

Ao menos dez dos lojistas que mantiveram as lojas funcionando deixaram as portas entreabertas. Na rua Xavier de Toledo, 98, sede da Marítima Seguros, os funcionários foram dispensados às 15h30, quando o horário normal é às 18h.

Um porteiro de um edifício comercial da região, que preferiu não ser identificado, disse que "no protesto da semana passada teve muito problema porque os funcionários não conseguiram ir embora devido à confusão. Por isso, [hoje] já foram embora".

Na quarta-feira (12), o Ministério Público de São Paulo reuniu-se com manifestantes do MPL (Movimento Passe Livre) --organizador dos protestos contra o aumento da tarifa do transporte público-- e se comprometeu a marcar uma reunião com Alckmin e com o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), para negociar uma suspensão, por 45 dias, do valor da nova tarifa de R\$ 3,20. Antes do aumento, a tarifa de ônibus, metrô e trens custava R\$ 3.

Hoje, o governador Geraldo Alckmin (PSDB), porém, afirmou descartou a possibilidade de suspender o aumento das tarifas pelo período. Procurada, a gestão Fernando Haddad (PT) ainda não se manifestou se aceitaria a proposta do Ministério Público.

"Quanto a reduzir o valor da passagem, não há possibilidade", afirmou o governador, que foi a Santos com o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella, inaugurar uma delegacia e anunciar investimentos em segurança na região. "O reajuste foi menor que a inflação, tanto nos trens e metrô quanto nos ônibus", disse Alckmin.

PM DETÉM AO MENOS 30 DURANTE CONCENTRAÇÃO PARA PROTESTO EM SP

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294552-pm-detem-cinco-durante-concentracao-para-protesto-no-centro-de-sp.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Ao menos 30 pessoas foram detidas na tarde desta quinta-feira durante a concentração para o protesto contra o aumento das tarifas de ônibus que ocorrerá na região central de São Paulo. Por volta das 17h40, um grande número de pessoas ocupava a escadaria do Theatro Municipal e a calçada da praça Ramos.

Os primeiros detidos foram cinco jovens que passaram pela revista dos policiais militares que montaram dois cordões de isolamentos nos dois lados do viaduto do Chá, onde fica a prefeitura. Todos no local passam por revista e interrogatório. Ao menos um deles tinha vinagre, que é usado para amenizar os efeitos do gás lacrimogêneo.

Momentos depois foi apreendido um outro grupo de pessoas na praça do Patriarca. A polícia não informou a razão da detenção, mas eles foram levados para o 1º DP (Sé) e para o 78º DP (Jardins). Entre os detidos está o repórter da "Carta Capital", Piero Locatelli.

A concentração é acompanhada inclusive pela Tropa de Choque e pela Cavalaria da Polícia Militar. O medo de confusão durante o protesto fez com que muitos comerciantes fechassem as lojas na região central.

"Tem que fechar porque está todo mundo com medo da violência", disse uma funcionária da lanchonete Municipal, na praça Ramos. O estabelecimento, que costuma fechar às 22h, hoje fechará às 17h.

Um vendedor das Casas Bahia disse que a loja começou a fechar às 16h, enquanto o normal seria às 21h. A reportagem viu o momento em que o funcionário desceu metade da porta. Segundo a assessoria de imprensa das Casas Bahia, a loja está funcionando normalmente.

Ao menos dez dos lojistas que mantiveram as lojas funcionando deixaram as portas entreabertas. Na rua Xavier de Toledo, 98, sede da Marítima Seguros, os funcionários foram dispensados às 15h30, quando o horário normal é às 18h.

O porteiro de um edifício comercial da região, que preferiu não ser identificado, disse que "no protesto da semana passada teve muito problema porque os funcionários não conseguiram ir embora devido à confusão. Por isso, [hoje] já foram embora".

NEGOCIAÇÕES

Na quarta-feira (12), o Ministério Público de São Paulo reuniu-se com manifestantes do MPL (Movimento Passe Livre) --organizador dos protestos contra o aumento da tarifa do transporte público-- e se comprometeu a marcar uma reunião com Alckmin e com o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), para negociar uma suspensão, por 45 dias, do valor da nova tarifa de R\$ 3,20. Antes do aumento, a tarifa de ônibus, metrô e trens custava R\$ 3.

Hoje, o governador Geraldo Alckmin (PSDB), porém, afirmou descartou a possibilidade de suspender o aumento das tarifas pelo período. Procurada, a gestão Fernando Haddad (PT) ainda não se manifestou se aceitaria a proposta do Ministério Público.

"Quanto a reduzir o valor da passagem, não há possibilidade", afirmou o governador, que foi a Santos com o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella, inaugurar uma delegacia e anunciar investimentos em segurança na região. "O reajuste foi menor que a inflação, tanto nos trens e metrô quanto nos ônibus", disse Alckmin.

QUATRO PRESOS NO PROTESTO DE TERÇA SÃO LEVADOS PARA TREMEMBÉ 13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294680-quatro-presos-no-protesto-de-terca-sao-levados-para-tremembe.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Quatro dos 13 jovens que permanecem presos após o protesto da última terça-feira (11), no centro de São Paulo, foram transferidos para a penitenciário do Tremembé (a 147 km de São Paulo). Ao todo, 29 pessoas foram detidas durante o protesto, mas parte foi liberada em seguida.

Os quatro jovens levados para Tremembé são Ederson Duda da Silva, 26, Daniel Silva Ferreira, 20, Júlia Henrique Camargo, 21, e William Borges Eusébio, 20. Outros oito jovens continuam no 2º DP (Bom Retiro) e uma mulher foi para a penitenciária de Franco da Rocha (na Grande São Paulo).

Durante os protestos de terça-feira, houve vários confrontos entre manifestantes e policiais militares. Também houve registro de atos de vandalismo e pichações, que foram respondidas com uso de gás lacrimogêneo e gás de pimenta contra o grupo, que chegou a ser de cerca de 5.000 pessoas, segundo estimativa da PM.

Nessa quinta-feira, o grupo faz mais um protesto na região central da cidade. A concentração começou por volta das 16h e já teve a prisão de cerca de 30 pessoas. A Tropa de Choque e a Cavalaria da PM acompanham a manifestação.

GRUPO TENTA FURAR BLOQUEIO E PM USA BOMBAS NA CONSOLAÇÃO EM SP

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294738-grupo-tenta-furar-bloqueio-e-pm-usa-bombas-na-consolacao.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Um grupo de manifestantes tentou furar um bloqueio feito pela Polícia Militar na rua Consolação, na região central de São Paulo, o que fez com que a polícia respondesse com bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borracha contra a multidão. Houve bastante correria e o clima era tenso no local por volta das 19h20.

O bloqueio montado pela polícia estava na altura da rua Cesário Mota, com a intenção de impedir que os cerca de 5.000 manifestantes não subisse a Consolação, em direção a avenida Paulista. A PM queria que grupo voltasse para a praça da República, mas os manifestantes não aceitaram.

Parte dos manifestantes atiravam objetos contra os policiais, que revidavam. Alguns carros que estavam na rua Caio Prado ficaram presos no local, sem poder circular por conta da confusão.

Esse já é o quarto protesto contra as passagens de ônibus, na última semana. As pessoas começaram a se concentrar por volta das 16h, quando já havia grande quantidade de policiais, inclusive fechando o viaduto do Chá, onde fica a Prefeitura de São Paulo, e revistando e interrogando pessoas.

Antes mesmo do início da passeata, já havia 30 pessoas detidas. Um grupo chegou a cercar e pichar um ônibus na frente do edifício Itália. Os passageiros tiveram que descer.

O medo de confusão durante o protesto fez com que muitos comerciantes fechassem as lojas na região central. "Tem que fechar porque está todo mundo com medo da violência", disse uma funcionária da lanchonete Municipal, na praça Ramos. O estabelecimento, que costuma fechar às 22h, hoje fechará às 17h.

Um vendedor das Casas Bahia disse que a loja começou a fechar às 16h, enquanto o normal seria às 21h. A reportagem viu o momento em que o funcionário desceu metade da porta. Segundo a assessoria de imprensa das Casas Bahia, a loja está funcionando normalmente.

Ao menos dez dos lojistas que mantiveram as lojas funcionando deixaram as portas entreabertas. Na rua Xavier de Toledo, 98, sede da Marítima Seguros, os funcionários foram dispensados às 15h30, quando o horário normal é às 18h.

O porteiro de um edifício comercial da região, que preferiu não ser identificado, disse que "no protesto da semana passada teve muito problema porque os funcionários não conseguiram ir embora devido à confusão. Por isso, [hoje] já foram embora".

NEGOCIAÇÕES

Na quarta-feira (12), o Ministério Público de São Paulo reuniu-se com manifestantes do MPL (Movimento Passe Livre) --organizador dos protestos contra o aumento da tarifa do transporte público-- e se comprometeu a marcar uma reunião com Alckmin e com o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), para negociar uma suspensão, por 45 dias, do valor da nova tarifa de R\$ 3,20. Antes do aumento, a tarifa de ônibus, metrô e trens custava R\$ 3.

Hoje, o governador Geraldo Alckmin (PSDB), porém, afirmou descartou a possibilidade de suspender o aumento das tarifas pelo período. Procurada, a gestão Fernando Haddad (PT) ainda não se manifestou se aceitaria a proposta do Ministério Público.

"Quanto a reduzir o valor da passagem, não há possibilidade", afirmou o governador, que foi a Santos com o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella, inaugurar uma delegacia e anunciar investimentos em segurança na região. "O reajuste foi menor que a inflação, tanto nos trens e metrô quanto nos ônibus", disse Alckmin.

EM GABINETE, HADDAD REAFIRMA QUE NÃO REDUZIRÁ TARIFAS EM SP

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294752-em-gabinete-haddad-reefirma-que-nao-reduzira-tarifas-em-sp.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O prefeito Fernando Haddad (PT) disse que não reduzirá a tarifa de ônibus na cidade de São Paulo. Ele reafirmou que o aumento de R\$ 3 para R\$ 3,20 ficou abaixo da inflação e que cumpriu compromisso de sua campanha.

Haddad acompanha o ato do seu gabinete e disse que esperaria um balanço para opinar sobre o protesto de hoje. O prefeito se disse favorável a manifestações desde que ocorram de modo pacífico.

Um grupo de manifestantes tentou furar um bloqueio feito pela Polícia Militar na rua Consolação, na região central de São Paulo, o que fez com que a polícia respondesse com bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borracha contra a multidão. Houve bastante correria e o clima era tenso no local por volta das 19h20.

O bloqueio montado pela polícia estava na altura da rua Cesário Mota, com a intenção de impedir que os cerca de 5.000 manifestantes não subisse a Consolação, em direção a avenida Paulista. A PM queria que grupo voltasse para a praça da República, mas os manifestantes não aceitaram.

MOTORISTAS ABANDONAM CARROS DURANTE CONFRONTO NO CENTRO DE SP

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294755-motoristas-parados-no-transito-durante-confronto-abandonam-carros.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Alguns motoristas que ficaram parados na rua Caio Prado, na região central de São Paulo, por conta do confronto entre manifestantes e policiais militares, decidiram trancar e abandonar os carros na via. Com o trânsito interrompido, eles fugiram a pé da confusão que bloqueia parte da rua da Consolação.

O confronto começou quando a PM tentou impedir os cerca de 5.000 manifestantes de prosseguir a passeata contra o aumento dos ônibus pela rua da Consolação, no sentido da avenida Paulista. Com isso, houve bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borracha disparados contra os manifestantes, que atiravam pedras e outros objetos.

Algumas bombas atiradas pelos policiais foram parar em um posto de gasolina, no cruzamento com a rua Caio Prado. Já a fumaça das bombas formou uma névoa que fez "desaparecer" os carros que ficaram parados na região.

Com a confusão, os manifestantes dispersaram pela Caio Prado e pela Guimarães. Um grande grupo, no entanto, já se reunia e subia a Augusta, por volta das 19h40, no sentido da Paulista. Com isso, a Augusta estavam bloqueada.

Os manifestantes montaram uma barricada com fogo na Augusta. Uma agência do Santander e outra do Itaú foram pichadas, assim como uma creche municipal da região. Várias lixeiras da rua Augusta também foram destruídas.

Esse já é o quarto protesto contra as passagens de ônibus, na última semana. As pessoas começaram a se concentrar por volta das 16h, quando já havia grande quantidade de policiais,

inclusive fechando o viaduto do Chá, onde fica a Prefeitura de São Paulo, e revistando e interrogando pessoas.

Antes mesmo do início da passeata, já havia 30 pessoas detidas. Entre os detidos está o repórter da "Carta Capital", Piero Locatelli.

PONTO MONTADO NO CENTRO DE SP ATENDE 55 FERIDOS DURANTE PROTESTO

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294790-ponto-montado-no-centro-de-sp-atende-55-feridos-durante-protesto.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Pelo menos 55 pessoas, vítimas de confrontos entre PM e manifestantes, foram atendidas em um ponto de emergência médica montado na Matilha Cultural, centro cultural independente e sem fins lucrativos localizado na região central de São Paulo.

O espaço recebeu três macas e material de primeiros socorros, além de um médico e uma enfermeira, para atender à população.

A expressiva maioria das vítimas, 50 casos, foi em decorrência de problemas nos olhos e na garganta por causa de gás lacrimogêneo e spray de pimenta, segundo o médico Pedro Campana, 26, responsável pelo atendimento.

Ele conta que três pessoas sofreram cortes em diferentes partes do corpo, e uma menina teve inchaço na cabeça.

O caso mais grave, porém, segundo o médico, foi de um rapaz que levou tiro de borracha e teve escoriação e inchaço no tornozelo direito.

O rapaz foi encaminhado a um pronto-socorro na região central e passava bem, segundo Campana.

Por volta das 21h, o serviço foi desmontado, e o médico e a enfermeira seguiram para realizar novos atendimentos na região da avenida Paulista.

PROTESTO

Esse é o quarto protesto contra as passagens de ônibus, na última semana. As pessoas começaram a se concentrar por volta das 16h, quando já havia grande quantidade de policiais, inclusive fechando o viaduto do Chá, onde fica a Prefeitura de São Paulo, e revistando e interrogando pessoas.

Antes mesmo do início da passeata, já havia 30 pessoas detidas. Entre os detidos está o repórter da "Carta Capital", Piero Locatelli.

O confronto começou quando a PM tentou impedir os cerca de 5.000 manifestantes de prosseguir a passeata contra o aumento dos ônibus pela rua da Consolação, no sentido da avenida Paulista. Com isso, houve bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borracha disparados contra os manifestantes, que atiravam pedras e outros objetos.

Algumas bombas atiradas pelos policiais foram parar em um posto de gasolina, no cruzamento com a rua Caio Prado. Já a fumaça das bombas formou uma névoa que fez "desaparecer" os carros que ficaram parados na região.

Os manifestantes montaram uma barricada com fogo na Augusta. Uma agência do Santander e outra do Itaú foram pichadas, assim como uma creche municipal da região. Várias lixeiras da rua Augusta também foram destruídas.

GOVERNO FEDERAL ESTÁ 'À DISPOSIÇÃO' PARA OFERECER AJUDA A SP EM PROTESTOS, DIZ MINISTRO

13/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294797-governo-federal-esta-a-disposicao-para-oferecer-ajuda-a-sp-em-protestos-diz-ministro.shtml>

Acesso em: 25/09/2013

O ministro José Eduardo Cardozo (Justiça) disse nesta quinta-feira (13) que o governo federal está "à disposição" para cooperar "no que for necessário" com o governo de São Paulo na contenção da série de protestos dos últimos dias na capital paulista.

"O governo federal está à disposição para aquilo que for necessário e for solicitado pelo governo do Estado de São Paulo ou por qualquer governo que acredite que nós possamos lutar nessa área", disse Cardozo.

Nesta quarta-feira (12), ele anunciou que pediu à Polícia Federal para analisar a onda de protestos violentos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Nesta quinta, porém, ele disse que investigações de irregularidades por parte de manifestantes "são em princípio da ordem da polícia estadual, para apurar e investigar".

"É lamentável que ainda restem pessoas que não consigam perceber que, num Estado de direito, é legítima a manifestação, é legítimo que as pessoas expressem sua opinião, mas não é legítimo que pratiquem atos de violência, atos de vandalismo", disse.

PROTESTO

Manifestantes do protesto contra o aumento das tarifas chegaram à avenida Paulista, uma das mais importantes da cidade, durante a noite. A Tropa de Choque da Polícia Militar fecha os dois lados da via para evitar a passagem da passeata.

A badalada rua Augusta virou um campo de guerra, com forte repressão policial. A PM trabalha com o intuito de impedir aglomerações. Quando um grupo de cerca de 15 a 20 pessoas se forma, a tropa atira bombas para que sejam dispersados.

Em nota, o secretário da Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella Vieira, disse que lamenta os episódios e determinou a "abertura imediata de investigações, pela Corregedoria da PM, para apurar rigorosamente os fatos".

VÍDEO MOSTRA AÇÃO POLICIAL CONTRA GRUPO DE JORNALISTAS DURANTE PROTESTO EM SP

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294895-video-mostra-acao-policial-contr-grupo-de-jornalistas-durante-protesto-em-sp.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Um vídeo publicado na noite desta quinta-feira no YouTube mostra a ação de um grupo de policiais militares contra jornalistas durante protesto do Movimento Passe Livre no centro de São Paulo.

As imagens foram feitas pelo jornalista Diego Cruz, 30, do portal do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado), na praça Roosevelt.

No vídeo, os repórteres se identificam e pedem para que não sejam atingidos. Os policiais ignoram o pedido e disparam tiros de borracha contra os profissionais da imprensa. Em seguida, jogam bombas de gás lacrimogênio no meio do grupo, quando se dispersa.

"O protesto estava calmo e do nada eles começaram a atirar na imprensa", disse a jornalista do PSTU Raiza Rocha, 27, que fazia a cobertura do protesto ao lado de Cruz. "A gente gritava dizendo que éramos jornalistas, mas eles não estavam nem aí".

PROTESTO

A polícia deteve ao menos 192 pessoas nesta quinta-feira, quarto dia de protestos contra o aumento das tarifas no centro de São Paulo. Desses suspeitos, 161 foram encaminhados ao 78º DP (Jardins) e outros 31 para o 1º DP (Liberdade).

Segundo policiais ouvidos pela **Folha**, ao menos 14 deles foram presos em flagrante. Entretanto, a polícia não informou sob suspeita de quais crimes eles foram indiciados.

Cerca de cem pessoas ficaram feridas, segundo o Movimento Passe Livre, que organizou a manifestação.

Entre os feridos há sete jornalistas da **Folha**, sendo que dois deles foram atingidos por tiros de bala de borracha na cabeça.

O prefeito Fernando Haddad (PT) afirmou na noite de hoje que a manifestação de hoje contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trens foi marcada pela "violência policial".

"Na terça, a imagem que ficou foi da violência dos manifestantes. Hoje, infelizmente, não resta dúvida, a imagem que ficou é da violência policial", disse o prefeito. Ele disse que nesta sexta-feira avaliará as medidas que tomará para tentar conter a escalada de violência nos protestos.

APÓS CONFRONTO, CASAL É AGREDIDO POR PMS NA AVENIDA DA PAULISTA 14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294916-apos-confronto-casal-e-agredido-por-pms-na-regiao-da-paulista.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Após a série de confrontos entre policiais e manifestantes que protestavam contra o aumento do transporte na cidade de São Paulo, pessoas que estavam sentadas em um bar na avenida Paulista foram expulsas do local, à força, por um grupo de PMs.

Entre os agredidos está um casal de universitários que chegou a participar da manifestação, mas disse ter deixado o protesto mais cedo ao notar atos de vandalismo.

A estudante de Rádio e TV Gabriela Lacerda, 24, estava com o namorado no bar Charme da Paulista, na esquina com a alameda Casa Branca, quando um grupo de policiais portando escudo e tonfa (espécie de cassetete) abordou clientes e derrubou as mesas e cadeiras que estavam na calçada.

Os policiais ordenaram a funcionários do estabelecimento que fechassem as portas e, aos gritos e empurrões, mandou todos os clientes irem embora.

Os militares se dirigiram ao local após um grupo de pessoas correr para lá fugindo de bombas de gás lançadas por uma guarnição da Tropa de Choque. O grupo era formado na maioria por fotógrafos que se aglomeraram no canteiro central da Paulista e podem ter sido confundidos com manifestantes que se reagrupavam.

Gabriela e o namorado, Raul Longhini, 20, após saírem do bar, foram derrubados na calçada --ela teve o antebraço direito ferido com golpes de tonfa.

"Sou super pacífica, esta foi a primeira manifestação que participei. Mas saí antes porque vi que nem todo mundo estava com a mesma proposta. Nunca pichei um muro e pago meus impostos", disse.

"A polícia foi extremamente violenta. Eu estava sentada tomando cerveja e me jogaram no chão. Me deram porrada." A Folha presenciou as agressões.

Longhini disse, revoltado, que não poderia nem reclamar da ação na Corregedoria da PM porque os policiais estavam sem identificação em seus coletes. "Isso é um absurdo. Quem deveria me proteger me agride sem motivo", afirmou o estudante de marketing.

Também na avenida Paulista, uma funcionária do shopping Center 3 teve que fugir correndo para escapar das bombas lançadas por PMs. A recepcionista Carolina Pardin, 25,

estava ao lado da reportagem, caminhando, quando um policial mirou em direção a ela após alguns manifestantes dispersarem na mesma direção.

"Eu trabalho no shopping como recepcionista. Fiquei no horário normal, não fui liberada mais cedo. Por isso só saí agora. Vi que miraram em nossa direção e a bomba disparou perto de mim. Disse a jovem após se recompor da inalação do gás lacrimogêneo.

Questionado sobre a ação da PM, o secretário da Segurança Pública, Fernando Grella, afirmou que a polícia agiu para "garantir a ordem", mas determinou a abertura de investigações para apurar excessos.

O tenente-coronel Marcelo Pignatari, comandante da região da Paulista, disse achar "impossível que a PM tenha agido sem ter sido agredida ou presenciado crimes".

JUSTIÇA SOLTA 12 DOS 13 PRESOS NO 3º PROTESTO NO CENTRO DE SP

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294931-justica-solta-12-dos-13-presos-no-3-protesto-no-centro-de-sp.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

A Justiça mandou soltar 12 dos 13 manifestantes que estavam presos sob acusação de terem participado de atos violentos nas manifestações da última terça-feira contra o aumento das tarifas de transporte em São Paulo.

O juiz Eduardo Pereira Santos Junior considerou que não havia elementos para caracterizar que o grupo havia praticado o crime de formação de quadrilha, o que permitiria que eles continuassem presos provisoriamente.

Só continua preso o jornalista Raphael Sanz Casseb, 26, acusado de ter colocado fogo numa guarita da Polícia Militar na região da avenida Paulista. Além da prisão, Casseb teve arbitrada uma fiança de R\$ 20 mil. Ele é acusado de incêndio criminoso.

"Não faz o menor sentido acusar de formação de quadrilha pessoas que não se conheciam e que se encontraram na avenida Paulista para protestar", diz o advogado Alexandre Pacheco Martins.

A **Folha** apurou que a acusação de formação de quadrilha foi feita por delegados com a intenção de mandar uma mensagem aos manifestantes: a de que eles seriam tratados de forma mais dura.

Dez dos manifestantes soltos também foram acusados de dano ao patrimônio público. Os outros dois são acusados de ter agredido o policial militar Wanderlei Vignolli. Eles foram indiciados por desacato, lesão corporal e por danificar o patrimônio público ao pichar as paredes do Tribunal de Justiça.

A dupla, o artista Daniel Silva Ferreira, 20, e o editor Ederson Duda da Silva, havia sido enviada à penitenciária de Tremembé e foi solta no começo da noite de ontem.

PARTIDOS

A polícia identificou entre os presos e detidos nos protestos de terça-feira dois militantes filiados ao PSOL e um do PT. A interpretação da polícia é que não seguiam orientações partidárias.

Um dos filiados ao PSOL é o jornalista Pedro Ribeiro Nogueira, 27, do portal Aprendiz. O outro é Vinicius Orelano Fernandes, que foi detido por desacato e liberado. O petista é o professor Ildelfonso Hipólito Penteado, 43.

O PT diz que ele entrou no partido em 1995, mas não renovou a filiação em 2000 e por isso não tem direito a voto em questões internas.

Sobre Nogueira, o PSOL diz que, apesar de o jornalista ainda constar da lista de filiados ao partido da Justiça Eleitoral, ele já havia formalizado o seu desligamento do partido."

HADDAD CRITICA VIOLÊNCIA POLICIAL E DESCARTA REDUZIR TARIFA

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294963-haddad-critica-violencia-policial-e-descarta-reduzir-tarifa.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O prefeito Fernando Haddad (PT) disse na manhã de hoje, em entrevista ao "Bom Dia SP", da Rede Globo, que é irreal a implantação de uma tarifa zero na cidade e que não existe a possibilidade de reduzir o valor da passagem, que aumentou de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2.

"A prefeitura não pode se submeter ao jogo de tudo ou nada. Ou é do jeito que eles querem ou não tem conversa", disse o prefeito.

Haddad voltou a afirmar que o reajuste ficou abaixo da inflação e que cumpriu compromisso de sua campanha. Segundo ele, se a prefeitura não subsidiasse a tarifa, o valor da passagem hoje seria de R\$ 3,40. O prefeito disse ainda que a prefeitura gasta R\$ 600 milhões de subsídios.

O prefeito disse que anteriormente chamou o Movimento Passe Livre para mostrar os custos do sistema de transporte público, mas que ninguém compareceu. Segundo ele, nenhum prefeito gosta de reajustar a tarifa porque "sabe que pesa no bolso do trabalhador".

VIOLÊNCIA

Na terça-feira (11), segundo Haddad, a população assistiu cenas de violência por parte dos manifestantes, com depredação a ônibus e ao patrimônio público. Ontem (13), disse o prefeito, as cenas de violência por parte da PM foram "lamentáveis e não condizem com São Paulo".

A Secretaria de Estado da Segurança Pública vai investigar supostos abusos por parte dos policiais durante o protesto.

O prefeito descartou a proposta feita pelo Ministério Público, feita na quarta-feira (12), de adiar por 45 dias o reajuste da tarifa para cessar as manifestações.

Ontem, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) também descartou a possibilidade de suspender o aumento das tarifas pelo período.

"Quanto a reduzir o valor da passagem, não há possibilidade", afirmou o governador, que foi a Santos com o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella, inaugurar uma delegacia e anunciar investimentos em segurança na região. "O reajuste foi menor que a inflação, tanto nos trens e metrô quanto nos ônibus", disse Alckmin.

MOVIMENTO FAZ FESTA PARA ARRECADAR DINHEIRO PARA FIANÇA; PRÓXIMO PROTESTO SERÁ 2ª

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294973-movimento-organiza-festa-para-arrecadar-dinheiro-para-fianca-proximo-protesto-sera-2.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O Movimento Passe Livre tem divulgado nas redes sociais um novo protesto para a próxima segunda-feira (17). Desta vez, a concentração será no largo da Batata (zona oeste de SP) às 17h. Hoje (14), os manifestantes realizam, na Lapa (zona oeste) a "festa da fiança" para arrecadar dinheiro para conseguir a liberdade dos presos e despesas com advogados.

De acordo com comunicado divulgado nas redes sociais, o evento vai acontecer a partir das 23h na Casa Mafalda, na rua Clélia, 1.895. Segundo os organizadores da festa, no local serão exibidos vídeos feitos durante as manifestações.

Segundo os organizadores, o valor da entrada será "quanto você achar que vale doar pra libertar nossos companheiros". Na página do evento do Facebook, 338 pessoas haviam confirmado presença até a manhã desta sexta-feira (14).

Além da festa, o movimento divulgou nesta semana uma conta bancária para doações. A ideia, diz o movimento, é usar o dinheiro para pagar a fiança dos presos durante os protestos.

MANIFESTANTES USAM LIXEIRAS COMO ESCUDO EM CONFRONTO COM A PM

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295046-manifestantes-usaram-lixearas-como-escudo-em-confronto-com-a-pm.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Manifestantes utilizaram lixeiras para se proteger das bombas de gás lacrimogêneo e das balas de borrachas atiradas pela Polícia Militar, no confronto de ontem, durante protesto contra o aumento da tarifa do transporte público, afirmou um funcionário de um posto de gasolina na rua da Consolação, que preferiu não se identificar.

A reportagem percorreu o trajeto do protesto e encontrou, especialmente na esquina da rua da Consolação com a Maria Antônia, diversas balas de borracha, pinos de bomba e lixeiras pelo chão. Na rua Augusta, o cenário era o mesmo.

Maria Eduardo, que trabalha em uma loja de conveniência na mesma esquina, contou que dez pessoas se refugiaram no estabelecimento fugindo das bombas de gás lacrimogêneo. "Mesmo com as portas fechadas, muito gás entrou. O lugar é pequeno e as pessoas começaram a passar mal".

O grupo, então, correu para a pizzaria Bella Antonia, que fica mesma rua, buscando abrigo. Lá, encontraram as portas fechadas e clientes refugiados do lado de dentro.

Algumas horas antes, por volta das 17h30, no início da manifestação, Dari Castro, gerente de uma loja de calçados na região do Theatro Municipal, disse à reportagem que não havia necessidade de fechar as portas. "Estava tudo tranquilo. A Polícia não batia ainda".

GRUPO MARCA PROTESTO CONTRA OS 'CRIMES DA COPA' ÀS 16H NA AV. PAULISTA

14/06/2016

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295056-grupo-marca-protesto-contras-os-crimes-da-copa-as-16h-na-av-paulista.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Após os protestos desta quinta-feira (13) contra o aumento das tarifas na região central de São Paulo, os grupos Frente de Resistência Urbana e Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa marcaram para esta sexta-feira (14) o ato "Copa Pra Quem?" na avenida Paulista, às 16h, no vão do MASP.

A manifestação acontece um dia antes do início da Copa das Confederações, neste sábado (15), e protesta contra os "despejos, higienização urbana e dinheiro público para os estádios" e outros "crimes da Copa".

O grupo deve se concentrar às 14h, em frente ao número 1.800 da avenida Paulista e, a partir das 16h, sair do Masp e seguir em marcha pela avenida.

Segundo a Polícia Militar, não há nenhuma operação planejada. A CET informa que acompanhará o ato.

PROTESTOS EM SÃO PAULO

O protesto contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trens realizado nesta quinta-feira terminou com cerca de cem pessoas feridas, segundo o Movimento Passe Livre, que organizou a manifestação. Entre os feridos há sete jornalistas da Folha, sendo que dois deles foram atingidos por tiros de bala de borracha na cabeça.

O confronto entre manifestantes e PMs começou quando a polícia tentou impedir o grupo de prosseguir a passeata contra o aumento dos ônibus pela rua da Consolação, no sentido Paulista. Com isso, houve bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borracha disparados contra os manifestantes, que atiravam pedras e outros objetos.

Algumas bombas atiradas pelos policiais foram parar em um posto de gasolina, no cruzamento com a rua Caio Prado. Já a fumaça das bombas formou uma névoa que fez "desaparecer" os carros que ficaram parados na região. Alguns motoristas que ficaram parados na rua Caio Prado por conta da confusão decidiram trancar e abandonar os carros na via.

Em nota, o movimento afirmou que, "apesar do caráter completamente pacífico, a marcha foi violentamente atacada pela Polícia Militar, de forma arbitrária e inexplicada, na rua da Consolação". Ao menos, 137 pessoas foram detidos.

Estimativa da PM aponta que cerca de 5.000 pessoas participaram do ato. O movimento, no entanto, aponta que o número pode chegar a 20 mil.

O próximo ato do grupo já está marcado para as 17h da próxima segunda-feira (17), na frente da estação Faria Lima do Metrô. Até a madrugada desta sexta, mais de 16 mil pessoas já tinham confirmado presença no Facebook.

GOVERNADOR E SECRETÁRIO DEFENDEM AÇÃO DA PM DURANTE PROTESTOS

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295069-secretario-de-seguranca-e-governador-de-sp-defendem-atuacao-da-pm-durante-protestos.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O governador Geraldo Alckmin e o secretário de Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella Vieira, defenderam nesta sexta-feira (14) a atuação da Polícia Militar durante o protesto contra o aumento da tarifa de transporte público ocorrido na noite de quinta (13).

Em entrevista no Palácio dos Bandeirantes, Alckmin disse que a corporação tem o dever de "proteger a população, garantir o direito de o comércio abrir e preservar o patrimônio público". Além disso, o governador afirmou que a PM agiu para evitar manifestações mais violentas.

Alckmin, porém, afirmou que atos abusivos de policiais serão investigados. "Não temos nenhum compromisso com o erro. A polícia tem uma corregedoria. Então será apurado qualquer abuso que tenha sido cometido. A polícia trabalha. Exceção, se houve um abuso isolado, isso vai ser rigorosamente apurado", afirmou.

Para o governador, o movimento tem duas características: "Primeiro que ele é político. Tem até em cidade em que nem aumento de tarifa houve. Estive ontem em Santos, não teve nenhum aumento, e teve o mesmo movimento. E o segundo é a violência."

Segundo o governador de São Paulo, 48 ônibus foram danificados durante o protesto de quinta-feira. "A população é pacífica, o que temos são líderes de movimentos que põem fogo em ônibus e destroem patrimônios público e privado", concluiu.

"O compromisso da polícia é garantir a manifestação. Paralelamente, a polícia tem que evitar atos de abuso, atos criminosos, e é isso que tem feito", disse Grella Vieira, em entrevista ao telejornal "SPTV", da Rede Globo.

"A polícia vai continuar cumprindo esse papel", completou o secretário.

HADDAD

Na manhã desta sexta-feira, o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, disse ao telejornal "Bom Dia SP", da Rede Globo, que é irreal a implantação de uma tarifa zero na cidade e que não existe a possibilidade de reduzir o valor da passagem, que aumentou de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2.

Na quinta-feira, Haddad disse que as cenas de violência por parte da PM foram "lamentáveis e não condizem com São Paulo".

REPÓRTER DA FOLHA FERIDA NO OLHO VOLTA A ENXERGAR

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295067-reporter-da-folha-ferida-no-olho-volta-a-enxergar.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

A repórter da TV Folha Giuliana Vallone, 26, que foi atingida durante o protesto de ontem (13) por uma bala de borracha disparada por um PM voltou a enxergar na manhã desta sexta-feira (14). Ela foi ferida na região do olho direito. Além dela, outros seis repórteres da **Folha** foram atingidos durante a cobertura do protesto.

A jornalista está internada no hospital Sírio Libanês desde ontem e deve receber alta amanhã (15) pois ainda precisa passar por alguns exames e continuar com a medicação intravenosa. Giuliana levou pontos na pálpebra por conta do ferimento.

Os médicos disseram à repórter que os óculos de grau ajudaram a salvar a sua visão.

Giuliana disse que, ao ser atingida, seu maior medo foi perder o olho. Ela conta que ontem, devido ao grande hematoma, o médico não conseguiu examiná-la direito. "Hoje meu olho ainda está bem roxo e inchado, mas consegui enxergar. O médico disse que foi um milagre", conta.

A jornalista disse que o médico descartou o descolamento da retina. "Se eu tiver qualquer problema na retina mais para frente, o médico disse que vai ser mais fácil de tratar." Procurado, o hospital ainda não divulgou o boletim com o estado de saúde da paciente.

A AÇÃO

A jornalista conta que estava com colegas do jornal subindo a rua Augusta quando se deparou com a Tropa de Choque.

Ela diz que na sequência foi abordada por uma pedestre que pediu informação de como chegar à avenida Paulista. "Falei para ela esperar pois tinha o tumulto e a orientei a entrar em um estacionamento para se proteger. Entrei com ela no local e sai novamente para ver se eles [policiais] tinham ido embora. Eles entraram no caminhão e voltei para falar para mulher que ela podia sair. De repente, eles saíram de novo. Não entendi o motivo".

Guiana conta que um policial, que estava a cerca de 20 metros de distância, mirou em sua direção e disparou. Ela conta que estava com o crachá da **Folha** pendurado no pescoço, mas acredita que o policial não tenha visto a identificação. "Não estava protestando, não tinha nenhum manifestante na rua em confronto. Ele simplesmente apontou a arma na minha direção e atirou. Eu estava na porta do estacionamento, na calçada."

Para a jornalista, o policial teve a intenção de atingi-la. "Eu não estava filmando, não estava tirando foto. Estava apenas na rua quando ele disparou", afirma.

Giuliana conta que cobriu os protestos de terça-feira (11) e de ontem e que a violência por parte da polícia estava maior no último protesto. "A situação estava fora de controle. Na terça, existia confronto. Ontem, as pessoas pediam para não haver violência e mesmo assim a PM jogou bombas e atirou com balas de borracha".

Para a **Folha**, o secretário Fernando Grella Vieira (Segurança) afirmou ontem: "Eu me solidarizo e lamento o episódio. Quero dizer que vamos apurar o ocorrido. Se ficar comprovado, vai haver responsabilização."

PM QUE ATINGIU JORNALISTA DA FOLHA DIZ QUE TIRO ERA CONTRA GRUPO QUE O ATACAVA

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295166-disparo-que-feriu-jornalista-da-folha-no-rosto-tinha-como-destino-manifestantes-diz-pm.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O disparo que atingiu o rosto da jornalista da **Folha** Giuliana Vallone tinha como destino original manifestantes que atacavam a polícia, mas bateu no chão e acertou a repórter, disse o comandante da Polícia Militar Benedito Meira.

Segundo o oficial, o fato de um jornalista ser atingido por uma bala de borracha faz parte do "risco da profissão" que surge quando o repórter decide acompanhar protestos perto de manifestantes.

Meira afirmou que a PM ouviu pessoas que testemunharam o tiro que feriu a jornalista e concluiu que a bala de borracha foi disparada no momento em que integrantes da tropa de choque da polícia entravam no ônibus da corporação e passaram a ser apedrejados por manifestantes.

De acordo com Meira, um policial já identificado atirou para reagir ao ataque mas a bala acabou ferindo Vallone, que acompanhava a ação de dentro de um estacionamento.

"Ele [PM] atirou em direção àqueles manifestantes exatamente para cessar aquela agressão. Quando ele efetuou esse disparo ricocheteou e atingiu a garota dentro do estacionamento. Ele efetuou o disparo e embarcou [no ônibus]".

O comandante disse que esse tipo de ferimento pode ocorrer quando um jornalista decide cobrir um protesto perto de manifestantes.

"O repórter tem duas opções: ele pode estar acompanhando o efetivo da Polícia Militar e pode estar acompanhando os manifestantes. Se houver um confronto e ele estiver acompanhando os policiais militares, pode ser atingido por pedradas, paus, rojões e morteiros. Se ele estiver acompanhando os manifestantes... o que a Polícia Militar usa nessas ocasiões é munição química e de elastômero (bala de borracha)... ele pode ser atingido. Esse é o risco da profissão dele e é o risco da profissão nossa também", afirmou.

O comandante disse que o disparo contra Vallone não partiu de um policial integrante de uma unidade da Rota (Rotas Ostensivas Tobias de Aguiar), mas sim da Tropa de Choque. De acordo com o oficial, a Rota não estava atuando na manifestação, mas estava em ação nos bairros de Moema, Higienópolis e Jardins "em razão de roubos a restaurantes".

A AÇÃO

A jornalista conta que estava com colegas do jornal subindo a rua Augusta quando se deparou com a Tropa de Choque.

Ela diz que na sequência foi abordada por uma pedestre que pediu informação de como chegar à avenida Paulista. "Falei para ela esperar pois tinha o tumulto e a orientei a entrar em um estacionamento para se proteger. Entrei com ela no local e sai novamente para ver se eles [policiais] tinham ido embora. Eles entraram no caminhão e voltei para falar para mulher que ela podia sair. De repente, eles saíram de novo. Não entendi o motivo".

Giuliana conta que um policial, que estava a cerca de 20 metros de distância, mirou em sua direção e disparou. Ela conta que estava com o crachá da **Folha** pendurado no pescoço, mas acredita que o policial não tenha visto a identificação. "Não estava protestando, não tinha nenhum manifestante na rua em confronto. Ele simplesmente apontou a arma na minha direção e atirou. Eu estava na porta do estacionamento, na calçada."

ESTUDANTES DE DIREITO QUEREM HABEAS CORPUS COLETIVO PARA MANIFESTANTES PRESOS

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295222-estudantes-de-direito-querem-habeas-corpus-coletivo-para-manifestantes-presos.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Alunos das faculdades de direito da USP, PUC e Mackenzie se uniram a 31 diretórios acadêmicos para entrar com pedido de habeas corpus coletivo, em nome do movimento estudantil, para todos os presos nas manifestações contra o aumento da tarifa do transporte público.

Outro pedido de habeas corpus coletivo será feito amanhã para evitar que manifestantes sejam presos em futuros protestos, como o marcado para a próxima segunda-feira (17), no Largo da Batata.

No protesto de ontem, ao menos 235 manifestantes foram detidos. Após prestar depoimento, 231 foram liberados. Os quatro restantes seguem presos, sem direito a pagamento de fiança, acusados de formação de quadrilha. Eles estão detidos na carceragem do 2º DP (Bom Retiro) e devem ser transferidos para um CDP (Centro de Detenção Provisória) ao longo desta sexta-feira (14).

Hoje, a Justiça mandou soltar 12 dos 13 manifestantes que estavam presos sob acusação de terem participado de atos violentos nas manifestações da última terça-feira. Só continua preso o jornalista Raphael Sanz Casseb, 26, acusado de ter colocado fogo numa guarita da Polícia Militar na região da avenida Paulista. Além da prisão, Casseb teve arbitrada uma fiança de R\$ 20 mil. Ele é acusado de incêndio criminoso.

A decisão de apoiar os detidos foi tomada durante encontro promovido pelo Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do largo São Francisco (USP), na tarde desta sexta-feira, para discutir a mobilização contra o aumento das tarifas do transporte público. O encontro reúne cerca de 300 estudantes.

"Somos advogados. Temos conhecimentos específicos que podem ajudar", disse Catarina Pellegrino, 23, presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito Mackenzie.

Além dos estudantes do largo São Francisco, estão presentes diretórios das faculdades de direito da PUC e do Mackenzie; de comunicação e artes do Mackenzie e da Cásper Líbero; da biologia da USP, do Diretório Central dos Estudantes da USP; da engenharia elétrica e produção da Poli-USP e da juventude do PT.

Os universitários ainda condenaram a ação da Polícia Militar e exigiram que a Prefeitura de São Paulo e o governo do Estado se manifestem sobre os confrontos. "Somos a favor das manifestações e contra a maneira com que os governos Alckmin e Haddad trataram a questão policial", disse um representante do diretório da USP.

APÓS GOLPEAR CARRO DA CORPORAÇÃO EM PROTESTO EM SP, PM DIZ QUE TIRAVA ESTILHAÇOS

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295279-corregedoria-investiga-policia-que-golpeou-carro-da-corporacao-durante-protesto.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

A Corregedoria da Polícia Militar abriu sindicância para apurar a ação de um policial que aparece em um vídeo batendo com um objeto contra a janela de um carro de polícia.

As imagens foram gravadas durante a manifestação contra o aumento das tarifas do transporte em São Paulo nesta quarta (13) e foram postadas por volta das 22h no mesmo dia.

O vídeo teve mais de 160 mil visualizações até as 17h15 e causou polêmica nas redes sociais, onde levantou-se a suspeita de que a PM teria danificado o próprio carro da corporação para culpar os manifestantes.

As imagens mostram um grupo de seis policiais parados ao redor de um carro de polícia no meio da rua da Consolação, na região central da cidade. Um deles se aproxima do vidro traseiro do veículo e o golpeia com um objeto. Não é possível ver se o vidro se quebra.

O policial militar filmado batendo no vidro de um carro da corporação não buscava causar estragos ao veículo, afirmou o secretário de Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella. O vídeo foi divulgado na internet e teve grande repercussão nas redes sociais.

"Já temos a apuração. Ele [PM] não estava quebrando. Na verdade ele estava tirando os estilhaços de um vidro já quebrado durante a manifestação. Isso já está esclarecido", disse Grella.

Se for considerado responsável após sindicância Corregedoria da PM, o policial pode passar por processo administrativo e criminal por danificar o patrimônio público.

O quarto dia de protestos contra a alta da tarifa de transporte em São Paulo foi marcado pela repressão violenta da Polícia Militar, que deixou feridos manifestantes, jornalistas --sete deles da **Folha**-- e pessoas que não tinham qualquer relação com os atos.

Manifestantes repetiram as cenas de depredação dos protestos anteriores, danificando ônibus e uma agência bancária na avenida Angélica. Ao todo, 192 manifestantes foram detidos. Segundo o Movimento Passe Livre, cem pessoas ficaram feridas.

HADDAD DECIDE CONVIDAR MANIFESTANTES PARA DISCUTIR TRANSPORTE NA TERÇA

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295295-haddad-decide-convidar-manifestantes-para-discutir-transporte-na-terca.shtml>

Acesso em: 25/09/2016

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, decidiu convidar integrantes do Movimento Passe Livre, que tem organizado a onda de protestos contra o aumento da tarifa do ônibus, para uma reunião na terça-feira (18).

Haddad informou à **Folha** na tarde desta sexta-feira (14) que convidará o grupo para participar de uma reunião extraordinária do Conselho da Cidade na próxima terça-feira. O conselho é um órgão consultivo criado pelo prefeito neste ano e reúne 136 membros de movimentos sociais, entidades de classe, empresários, entre outros.

"O Movimento Passe Livre" terá espaço na terça-feira para apresentar suas propostas sobre o transporte público", disse Haddad.

O prefeito, no entanto, ressalta que o convite não significa que o governo tenha a intenção de reduzir a tarifa reajustada recentemente de R\$ 3 para R\$ 3,20.

Nesse ponto, segundo o prefeito, não há negociação. "O Movimento Passe Livre nos pediu espaço para discutir o tema, estamos abrindo debate", afirmou Haddad.

Érica de Oliveira, 22, uma dos representantes do Movimento Passe Livre, afirmou que o movimento ainda não recebeu nenhum convite da prefeitura. "Se receber, vamos negociar", disse.

Segundo ela, o próximo ato do grupo, marcado para segunda-feira (17), no largo da Batata, zona oeste de São Paulo, às 17h, está mantido. "Só será cancelado se a tarifa abaixar", afirmou Oliveira.

Na manhã desta sexta-feira, em entrevista ao "Bom Dia SP", da Rede Globo, o prefeito disse que anteriormente chamou o Movimento Passe Livre para mostrar os custos do sistema de transporte público, mas que ninguém compareceu. Segundo ele, nenhum prefeito gosta de reajustar a tarifa porque "sabe que pesa no bolso do trabalhador".

Na quarta-feira (12), enquanto Haddad estava em viagem oficial a Paris, a prefeita em exercício, Nádia Campeão, disse que os métodos usados pelos manifestantes "impedem o diálogo". Segundo ela, os manifestantes não estão dispostos a dialogar com a Prefeitura de São Paulo sobre o reajuste da tarifa no transporte público.

TARIFA ZERO

Em entrevista ao "Bom Dia SP" nesta sexta-feira, Haddad disse que é irreal a implantação de uma tarifa zero na cidade e que não existe a possibilidade de reduzir o valor da passagem, que aumentou de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2.

"A prefeitura não pode se submeter ao jogo de tudo ou nada. Ou é do jeito que eles querem ou não tem conversa", disse o prefeito.

Haddad voltou a afirmar que o reajuste ficou abaixo da inflação e que cumpriu compromisso de sua campanha. Segundo ele, se a prefeitura não subsidiasse a tarifa, o valor da passagem hoje seria de R\$ 3,40. O prefeito disse ainda que a prefeitura gasta R\$ 600 milhões de subsídios.

VIOLÊNCIA

Na terça-feira (11), segundo Haddad, a população assistiu a cenas de violência por parte dos manifestantes, com depredação a ônibus e ao patrimônio público. Ontem (13), disse o prefeito, as cenas de violência por parte da PM foram "lamentáveis e não condizem com São Paulo".

A Secretaria de Estado da Segurança Pública vai investigar supostos abusos por parte dos policiais durante o protesto.

O prefeito descartou a proposta feita pelo Ministério Público, feita na quarta-feira (12), de adiar por 45 dias o reajuste da tarifa para cessar as manifestações.

Ontem, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) também descartou a possibilidade de suspender o aumento das tarifas pelo período.

"Quanto a reduzir o valor da passagem, não há possibilidade", afirmou o governador, que foi a Santos com o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella, inaugurar uma delegacia e anunciar investimentos em segurança na região. "O reajuste foi menor que a inflação, tanto nos trens e metrô quanto nos ônibus", disse Alckmin.

FOTÓGRAFO FERIDO NO OLHO DURANTE PROTESTO EM SP PASSA POR CIRURGIA

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295302-fotografo-ferido-no-olho-passa-por-cirurgia.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O fotógrafo Sérgio Silva, atingido ontem por uma bala de borracha durante a cobertura do protesto contra a alta da tarifa de transporte em São Paulo, passou por uma cirurgia para reparação do globo ocular na tarde desta sexta-feira.

De acordo com a assessoria de imprensa do Hospital de Olhos Paulista, o procedimento teve o objetivo de costurar o globo ocular do fotógrafo. O boletim médico sobre o estado de Silva será divulgado na manhã de sábado.

Por enquanto, as chances de que o fotógrafo recupere sua visão seguem abaixo de 5%.

Sérgio Silva trabalha para agência Futura Press. Ele estava na rua da Consolação, próximo a rua Maria Antônia, quando foi atingido pelo disparo. O fotógrafo foi socorrido por um professor que o acompanhava durante a manifestação.

De acordo com informações da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), pelo menos quinze jornalistas foram feridos na cobertura da manifestação de ontem -- sete são da **Folha**. O caso de Silva é o mais grave.

A repórter da TV Folha Giuliana Vallone, 26, que teve a região do olho direito atingida por uma bala de borracha ontem, voltou a enxergar na manhã desta sexta-feira. A jornalista está internada no hospital Sírio Libanês desde ontem e deve receber alta amanhã (15).

COLÉGIO TRADICIONAL DE SP FECHA AS PORTAS POR CAUSA DE PROTESTOS

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295418-colegio-tradicional-fecha-as-portas-por-causa-de-protestos.shtml>

Acesso em: 25/09/2013

O tradicional Colégio Paulistano Dante Alighieri, localizado no bairro dos Jardins, decidiu suspender suas atividades complementares desta sexta-feira (14) por conta do protesto "Copa para quem?", realizado na avenida Paulista nessa sexta-feira à tarde pela Frente de Resistência Urbana e Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa. A escola fica a duas quadras da avenida.

Dentre as atividades suspensas, estão os jogos da 13ª Olimpíada Interna do Colégio Dante Alighieri, evento realizado a cada dois anos e que teria fim às 20h30 - seriam nove jogos de futsal masculino e três de basquete, handebol e vôlei feminino. As aulas regulares serão mantidas e a escola fecha as portas às 18h15 de hoje.

Segundo Silvana Leporace, diretora pedagógica da escola, a atividade vale também para a próxima segunda-feira (17), quando será realizada a quinta manifestação organizada pelo Movimento Passe Livre contra o aumento da passagem de ônibus em São Paulo, no Largo da Batata, em Pinheiros.

De acordo com a diretora, a escola não teve problemas com a manifestação realizada nessa quinta-feira (13). "Para nos precavermos de todas as situações que estão acontecendo, resolvemos dar uma tranquilidade a mais para as famílias e os alunos e suspender as atividades", disse Silvana.

"Vamos esperar para ver o que vai acontecer até a segunda-feira. Estamos analisando e muito atentos e tudo que vai acontecer durante esse protesto", afirmou a diretora.

"As manifestações, o vandalismo, são muito difíceis para a cidade", completou. A escola se propõe a conversar com os alunos a respeito das suspensões, que podem ser revogadas na próxima semana, conforme o desenrolar dos protestos.

COLÉGIO SÃO LUÍS

Segundo a assessoria de imprensa do Colégio São Luís, localizado na rua Haddock Lobo, próximo da avenida Paulista, as manifestações não alteraram a rotina do curso noturno do ensino médio da escola. "Mesmo ontem, os alunos saíram por volta das 23h e não tiveram problemas em deixar a escola", afirmou a colégio, em nota. Na segunda, as aulas também ocorrem normalmente.

ÚLTIMO MANIFESTANTE AINDA PRESO POR PROTESTO NA TERÇA-FEIRA EM SP É SOLTO

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295606-ultimo-manifestante-ainda-preso-no-ato-de-terca-contra-o-aumento-da-tarifa-e-liberado.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O último dos 13 manifestantes que foram presos nos protestos da última terça-feira (11) contra o aumento das tarifas do transporte público em São Paulo, o jornalista Raphael Sanz Casseb, 26, foi colocado em liberdade provisória nesta sexta-feira (14).

Ele é acusado de ter colocado fogo numa guarita da Polícia Militar na região da avenida Paulista e foi solto após pagar fiança de oito salários mínimos (R\$ 5.424).

Segundo seu advogado, Geraldo Santamaria Neto, o valor foi pago com recursos da família, sem ajuda do Movimento Passe Livre, que organiza as manifestações.

Santamaria Neto disse ainda que o valor da fiança arbitrada pela delegacia --inicialmente em R\$ 20 mil-- é abusivo e que a Justiça foi "negligente". Segundo ele, a juíza responsável pelo alvará de soltura só chegou ao fórum às 14h.

"A impressão é que o processo foi retardado para que ele ficasse preso mais tempo", disse o advogado.

Ele afirmou que Casseb foi ferido por policiais militares no momento da prisão, mas que foi "bem tratado" na delegacia.

LIBERADOS

Na quinta-feira (13), a Justiça havia mandado soltar os outros 12 manifestantes que estavam presos sob acusação de terem participado de atos violentos nas manifestações da última terça-feira em São Paulo.

O juiz Eduardo Pereira Santos Junior considerou que não havia elementos para caracterizar que o grupo havia praticado o crime de formação de quadrilha, o único motivo que permitiria que eles continuassem presos provisoriamente.

"Não faz o menor sentido acusar de formação de quadrilha pessoas que não se conheciam e que se encontraram na avenida Paulista para protestar", diz o advogado Alexandre Pacheco Martins.

A **Folha** apurou que a acusação de formação de quadrilha foi feita por delegados com a intenção de mandar uma mensagem aos manifestantes: a de que eles seriam tratados de forma mais dura.

Dez dos manifestantes soltos também foram acusados de dano ao patrimônio público. Os outros dois são acusados de ter agredido o policial militar Wanderlei Vignolli. Eles foram indiciados por desacato, lesão corporal e por danificar o patrimônio público ao pichar as paredes do Tribunal de Justiça.

A dupla, o artista Daniel Silva Ferreira, 20, e o editor Ederson Duda da Silva, havia sido enviada à penitenciária de Tremembé e foi solta no começo da noite de ontem.

PARTIDOS

A polícia identificou entre os presos e detidos nos protestos de terça-feira dois militantes filiados ao PSOL e um do PT. A interpretação da polícia é que não seguiam orientações partidárias.

Um dos filiados ao PSOL é o jornalista Pedro Ribeiro Nogueira, 27, do portal Aprendiz. O outro é Vinicius Orelano Fernandes, que foi detido por desacato e liberado. O petista é o professor Ildefonso Hipólito Penteado, 43.

O PT diz que ele entrou no partido em 1995, mas não renovou a filiação em 2000 e por isso não tem direito a voto em questões internas.

Sobre Nogueira, o PSOL diz que, apesar de o jornalista ainda constar da lista de filiados ao partido da Justiça Eleitoral, ele já havia formalizado o seu desligamento do partido.

PM USOU GÁS LACRIMOGÊNICO VENCIDO PARA DISPERSAR MANIFESTAÇÃO EM SP

14/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1295110-pm-usou-gas-lacrimogeneo-vencido-para-dispersar-manifestacao-em-sp.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

A manifestação de quinta-feira (13), no Centro de São Paulo, foi o segundo ato da semana dispersado pela Polícia Militar do Estado com a utilização de armamento não letal com prazo de validade expirado.

Segundo a própria PM, isso não afeta a saúde das pessoas. O risco "seria apenas para o agente de segurança, pois o tempo para o início da queima poderá ser abreviado".

A cápsula de gás lacrimogêneo obtida pela **sãopaulo** no protesto de terça (11) --lote QI-H fabricado em agosto de 2007-- tem validade sugerida pelo fabricante até agosto de 2010.

A informação está impressa no corpo do projétil, produzido pela brasileira Condor Tecnologias Não-Letais. Nele, ainda segue o aviso "atenção: oferece perigo se utilizado após o prazo de validade". Durante o protesto desta quinta, imagens de casos iguais circularam nas redes sociais.

A PM disse, por meio de sua assessoria de imprensa, que a "suposta imagem mostrada por alguns veículos de comunicação aparenta ser, em uma análise preliminar, de uma munição fumígena (produz fumaça apenas)".

"Se, de fato, constatado o vencimento, o único risco inerente seria o da munição não funcionar. Não existe nenhum perigo à saúde das pessoas. O prazo de validade não altera o princípio ativo da munição. O "perigo" seria apenas para o agente de segurança, pois o tempo para o início da queima poderá ser abreviado", continua. "Cabe salientar que a Polícia Militar obedece as normas técnicas para o uso de munição."

FABRICANTE

Procurada pela **sãopaulo**, a Condor também afirmou que, em princípio, os produtos em questão não oferecem risco à saúde da população, "desde que utilizados de forma adequada". "Nossa recomendação formal é que, ao se aproximar da data de vencimento, o material seja usado para treinamento de pessoal", complementou.

De acordo com a companhia, em 2008 a empresa decidiu estender o prazo de validade de seus produtos para cinco anos, após testes de "segurança, envelhecimento, estabilidade compatibilidade e eficácia".

Ainda segundo a empresa, o alerta estampado no projétil serve para alertar o usuário sobre uma "eventual redução da eficácia da operação policial, podendo comprometer a incapacitação temporária das pessoas, objetivo deste tipo de operação".

A nota, assinada pelo diretor de marketing da fábrica, encerra dizendo que não há conhecimento por parte da Condor das razões que teriam levado a Polícia Militar de São Paulo a utilizar os produtos após o vencimento, "mas acreditamos que uma eventual exceção seria aceitável, face à gravidade dos distúrbios que precisavam ser enfrentados, o tempo exíguo para a aquisição de novos materiais e a grande quantidade de produtos que seriam necessários, especialmente considerando que a alternativa de empregar munição letal para lidar com os distúrbios que vem ocorrendo em São Paulo seria totalmente descabida".

Os efeitos desse gás são amenizados com a inalação de vinagre, o que fez com que muitos manifestantes levassem recipientes contendo o líquido para o ato, que teve concentração no Theatro Municipal. Algumas pessoas chegaram a ser detidas por trazerem o produto consigo, como o repórter da "Carta Capital" Piero Locatelli.

PARA OFICIAIS, TROPA DE CHOQUE DEMOROU A AGIR EM MANIFESTAÇÕES EM SP

15/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295651-para-oficiais-tropa-de-choque-demorou-a-agir-em-manifestacoes-em-sp.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Faltou comando na ação policial. A tropa de choque demorou a agir. Os policiais cometeram excessos e não cumpriram regras básicas de seu manual de conduta.

Essas foram as conclusões de oficiais da PM, com acesso à cúpula da Segurança Pública de São Paulo, sobre a ação da instituição no protesto de anteontem na região central da capital paulista.

Na ocasião, ao menos 235 pessoas foram detidas, cerca de cem manifestantes (sendo sete repórteres da **Folha**) e 13 policiais acabaram feridos.

Conforme os PMs, que falaram à Folha sob a condição de anonimato, houve ainda uma insubordinação ao comando da corporação por parte de comandantes de batalhões e da Tropa de Choque.

O comandante-geral da Polícia Militar de São Paulo, coronel Benedito Roberto Meira, disse que, apesar de a ação da PM ter sido segmentada, com quatro oficiais dando ordens em momentos diferentes, não faltou comando na operação e ela não ficou desorganizada.

Especialistas em segurança pública e um ex-comandante da PM também criticaram a operação.

"O governo diz: 'vai lá e resolve'. O resultado é o abuso de poder que se viu", disse Jacqueline Muniz, ex-coordenadora de segurança no governo do Rio.

O vereador Álvaro Camilo (PSD), ex-comandante da PM paulista, diz que houve abuso dos dois lados. "A polícia extrapolou porque o vandalismo se espalhou."

REGRAS BÁSICAS

A maneira como os policiais agiram no protesto demonstra que eles descumpriram regras básicas do manual de CDC (Controle de Distúrbios Civis). Não havia, por exemplo, policiais com megafones para tentar dialogar com os manifestantes.

As regras do CDC no Brasil se consolidaram no regime militar, com o treinamento de tropas especializadas em dispersar manifestações. Em São Paulo, até hoje a Tropa de Choque é treinada para ações de "contraguerrilha urbana".

"Não há como seguir manual de procedimentos em manifestações com essa proporção e dispersão", disse o coronel José Vicente da Silva Filho, ex-secretário nacional de Segurança Pública.

Anteontem, o que se viu foram policiais perseguindo manifestantes, embora a regra seja que eles não se desgarrem da tropa.

APÓS VIOLÊNCIA, MANIFESTANTES DE SP GANHAM APOIO DE INSTITUIÇÕES

15/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295655-apos-violencia-manifestantes-de-sp-ganham-apoio-de-instituicoes.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Depois do protesto de anteontem contra o aumento na tarifa do transporte em São Paulo, marcado pela repressão violenta da Polícia Militar, diversas instituições declararam apoio aos manifestantes.

O centro acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do largo São Francisco, da USP, promoveu encontro com estudantes da própria instituição, além de PUC, FGV e Mackenzie, em que decidiram pela criação de um centro de apoio jurídico aos detidos nos protestos.

Eles querem também obter um habeas corpus preventivo coletivo para quem participar de futuras manifestações, como a marcada para a segunda-feira, no largo da Batata, em Pinheiros (zona oeste).

Vinte e um professores da USP também divulgaram abaixo-assinado em que classificam os detidos nos atos como "presos políticos de [Geraldo] Alckmin" e defendem sua liberação. "Um verdadeiro Estado de Direito não pode admitir esse tipo de comportamento."

Em entrevista à **Folha**, o diretor da Anistia Internacional para a Europa, John Dalhuisen, criticou práticas adotadas pelos militares no confronto de anteontem. "A polícia não pode, por exemplo, usar gás lacrimogêneo contra a multidão de maneira indiscriminada", afirmou.

VOLUNTÁRIOS

Vários advogados também se apresentaram voluntariamente para defender detidos nas manifestações.

Um deles, Guilherme Silveira Braga, diz que foram feitos plantões em distritos policiais para auxiliar os presos. O grupo estuda como propor uma ação para responsabilizar o comando da PM por prisões consideradas arbitrárias.

Na internet, foram convocadas manifestações em países da Europa. Outra, convida para a Marcha do Vinagre, em referência a manifestantes detidos por carregar o produto --que alivia efeitos do gás lacrimogêneo.

Ontem, 11 manifestantes que continuavam presos pelo ato de terça foram soltos. Dos 235 detidos anteontem, quatro permaneciam presos até a conclusão desta edição

DESIGNER OFERECE GRÁFICA PARA MANIFESTANTES IMPRIMIREM CARTAZES DE GRAÇA

15/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1295526-designer-oferece-grafica-para-manifestantes-imprimirem-cartazes-de-graca.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Que coquetel molotov que nada: para o dono de um estúdio de design da Santa Cecília, no centro de São Paulo, as melhores armas em manifestações são tinta e papel.

Depois de encarar bombas de gás pipocando pelo centro e ficar com os olhos ardendo pelo spray de pimenta, o designer gráfico Roberto Galvão, 33, decidiu convidar os paulistanos a imprimirem cartazes em formato A3 em sua gráfica, a Meli-Melo Press. Detalhe: de graça.

"Fiquei muito revoltado com o que vi, como todo mundo", diz Galvão. "Aí decidimos compartilhar papel e nosso mimeógrafo digital para quem quiser imprimir suas mensagens."

Para aproveitar a colher de chá, basta enviar o arquivo em formato PDF, com uma única cor. Já foram impressos mais de 1.200 pôsteres com 24 frases diferentes (50 de cada). Elas foram enviadas por amigos ou por desconhecidos que descobriram a campanha pelo Facebook.

"Estamos selecionando porque chegou muita coisa. Damos prioridade àqueles que não pregam violência contra a polícia, por exemplo."

O tal mimeógrafo digital é na verdade uma "impressora/duplicadora", nas palavras de Galvão. "Graças a ela podemos reproduzir impressos super bacanas a um custo bem baixo".

Entre as melhores frases já impressas, ele destaca "Presidenta Dilma, já que você tá (sic) acostumada a tomar borrachada, desce aqui e ajuda a moçada" e "Era uma vez uma cidade torta, com políticos tortos, que comandam uma polícia torta que, para manter um transporte torto, utilizam a sua tortura".

Disponibilizar tinta e papel de graça para os manifestantes tem seu preço, mas o designer prefere não entrar nesse mérito. "Estamos investindo uma graninha nisso, mas vale a pena porque eu acredito", diz Galvão.

MOVIMENTO PASSE LIVRE DEFENDE A AUSÊNCIA DE LIDERANÇAS E APARTIDARISMO

16/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295737-movimento-passe-livre-defende-a-ausencia-de-liderancas-e-apartidarismo.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Com 25 participantes regulares entre seus 20 membros "orgânicos" e 35 "apoiadores", o MPL (Movimento Passe Livre) é responsável pelos quatro grandes protestos das últimas semanas.

O movimento organiza-se em torno de três princípios básicos: federalismo, apartidarismo e horizontalidade.

Esse terceiro item reflete-se na ausência de lideranças e hierarquia --um dos fatores que, segundo a polícia, tornou complicada a negociação nos momentos em que os atos saíram de controle.

Os membros se revezam assumindo uma ou duas tarefas de cada vez. Para afiliar-se, é preciso participar de reuniões semanais e das palestras que o grupo promove.

Érica de Oliveira, 22, estudante de história da USP e membro "orgânico" do Passe Livre, diz que grupo é aberto a adesões desde que o ideal seja o mesmo que defendem.

Moradora do Butantã, ela usa ônibus e metrô para ir ao trabalho --ela é produtora de exposições.

O paulistano Caio Martins, 19, está desde 2011 no MPL: "Vim em um protesto e gostei, vi que tinha a ver com o que eu pensava", diz.

Martins mora na Lapa (zona oeste) e diz esperar uma hora pelo ônibus que o leva diariamente à USP, onde faz graduação em história.

Já o carioca Mateus Preis, 19, decidiu entrar no MPL no ano passado. "Foi pelo sentimento de apropriação da cidade", conta.

Mora com a mãe e a irmã na Vila Sônia, próximo à USP, onde estuda ciências sociais. Atualmente faz iniciação científica sobre o sindicalismo e movimentos grevistas.

O professor Lucas Monteiro, 29, dá aulas em uma escola particular no Paraíso e mora perto da r. da Consolação.

Depois do expediente, sai direto para as manifestações. Para andar pela cidade, só usa ônibus e metrô: não tem carro, nem carteira de habilitação. "Não preciso de carro, preciso de transporte público de qualidade", afirma.

MOVIMENTO PASSE LIVRE QUER RESPONSABILIZAR ESTADO POR DETENÇÕES EM PROTESTOS

16/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295984-movimento-passe-livre-quer-responsabilizar-estado-por-detencoes-em-protestos.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O Movimento Passe Livre (MPL-SP) afirmou que estuda medidas legais para responsabilizar o Estado por detenções arbitrárias de manifestantes em protestos contra o reajuste nas tarifas do transporte público.

"O Movimento Passe Livre entende que as detenções ocorrem dentro da lógica da criminalização dos movimentos sociais", diz a nota divulgada em rede social pelo grupo na noite de sábado (15). "A maioria das pessoas foi detida para averiguação, inclusive antes do início do ato."

MANIFESTANTES PRESOS

Das mais de 200 detenções efetuadas durante o último protesto, realizado na quinta-feira (13), quatro foram classificadas como prisão em flagrante pelos crimes de formação de quadrilha, dano qualificado e incitação ao crime.

Os acusados haviam sido enviados ao presídio de Tremembé-II na manhã de sexta-feira (14) e foram soltos no mesmo dia --duas horas depois da liberação de outras 13 pessoas que participaram do protesto anterior, realizado na terça-feira (12).

"Nesse momento, não temos nenhuma pessoa presa pela repressão às mobilizações", afirma a nota.

A informação da soltura dos quatro manifestantes --mediante pagamento de fiança de R\$ 1.000 cada-- foi confirmada pela administração da penitenciária de Tremembé-II.

FIANÇA

O MPL-SP diz já ter pago mais de R\$ 22 mil para liberar 15 manifestantes. O grupo vem arrecadando doações em dinheiro e até então conseguiu angariar R\$ 18 mil.

ESTUDANTES A CAMINHO DO CONFRONTO TENTAM CONSEGUIR 'PASSE LIVRE SOLIDÁRIO'

16/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295717-estudantes-a-caminho-do-confronto-tentam-conseguir-passe-livre-solidario.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

A linguagem mudou. Bombas de gás viraram "angry birds", o popular jogo para celulares. Sobram piercings e tatuagens. Mas estudantes que têm saído às ruas repetem gerações anteriores ao tentar uma aliança com as "classes trabalhadoras" e esperar que os protestos se transformem em algo maior.

Na última quinta, acompanhei por sete horas um grupo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH), do campus até a dispersão pelas bombas.

Para minha surpresa, ninguém perguntou onde trabalhava quando me identifiquei como jornalista. Fui logo aceito na roda. O grupo, que foi crescendo aos poucos, misturava relatos da manifestação de terça, justificativas e comentários sobre a imprensa.

Uma aluna criticou a **Folha** por ter usado o verbo "vandalizar". Outro estudante disse que "a galera estava bem consciente" no confronto.

Um deles justificou o ataque a bancos: "Lutar contra os R\$ 3,20 é uma bandeira que está dentro de outras bandeiras. Quando vi a galera quebrando agência de banco, foi um orgasmo. Não era só simbólico, era a desnaturalização da propriedade absolutária (sic)".

Meia hora depois, um membro do Centro Acadêmico de Geografia se aproximou e, em tom agressivo, me acusou: "A gente acha que você é P2". Quando disse que eu não sabia o que significava, o rapaz falou: "É melhor que não saiba". Tirou uma foto e disse que eu "estava registrado".

No desconforto, um estudante me explicou que "P2" é a gíria para policial infiltrado.

Para que não restasse dúvida, mostrei o texto que escrevera na véspera sobre a morte do historiador Jacob Gorender, um ícone da esquerda.

Enquanto um aluno foi "dar um Google", outros tentaram me tranquilizar: o acusador "provavelmente é do PSTU", disse um deles.

No fim, venceu a ponderação de que "a USP é um espaço público" e de que "não podemos generalizar" sobre a imprensa, apesar "da grande possibilidade de ele distorcer o que a gente está falando".

Pouco depois, um aluno identificado como Polvilho começou a dar orientações. No microfone, pediu que o grupo ficasse junto e explicou que vinagre servia contra gás lacrimogêneo, mas tinha pouco efeito contra o gás pimenta.

Ainda forneceu seu celular e deu o endereço de um posto médico. Também orientou a identificar P2s: calça jeans, cabelo curto e "mal encarado".

Partimos a pé para av. Francisco Morato. No grupo de cerca de 200 estudantes, muitos levavam vinagre, óculos, capacete. Uma bandeira seria o ponto de referência. Pelo menos dois levavam bolinhas de gude, supostamente útil para fazer a cavalaria escorregar.

Alto, com um chapéu retrô e mais velho do que a média, Polvilho parava no meio da rua para o grupo passar.

Destoando, um grupo de cinco "anarcos" (anarquistas) portava uma bandeira negra e fumava maconha. Dois tinham os bolsos cheio de pedras. Um tinha o rosto machucado. Nenhum quis conversar.

No ponto de ônibus, Polvilho explicava e os outros repetiam, para todos ouvirem: "Vamos falar com o motorista para a abrir a porta de trás".

Ele conversou com pelo menos cinco motoristas, mas ninguém se dispôs a ajudar. Após 15 minutos, a solução foi desistir do "passe livre solidário".

VITÓRIA

No caminho, nervosismo. Com a notícia de que havia detenções por vinagre, muitos passaram a diluí-lo em garrafas de água. Uma estudante chorava. Um barulho semelhante a tiro provocou grande susto, mas era só o ônibus sobre uma placa de metal.

Polvilho procurava acalmar compartilhando mexericas. Quando perguntei se era líder do centro acadêmico, disse que todos eram porque se tratava de uma "autogestão".

Descemos na rua Maria Antonia, onde o grupo obteve uma pequena vitória: o motorista autorizou os poucos que ainda não haviam passado a catraca a sair pela frente.

No local, um pouco mais tarde, a PM atacaria todos os manifestantes de forma indiscriminada. Os "uspianos" conseguiram ficar juntos até as primeiras bombas, quando o grupo se dividiu na correria.

Na noite seguinte, falei com um deles. Nenhum dos liderados por Polvilho fora preso ou ferido. Minutos depois, o "Jornal Nacional" mostrou um dos "anarcos" algemado.

TRABALHADORES DEVEM ADERIR A PROTESTO CONTRA TARIFAS EM SP

16/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295768-trabalhadores-devem-aderir-a-protesto-contratarifas-em-sp.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

As manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus devem ganhar reforço de trabalhadores de várias regiões do Estado de São Paulo a partir de segunda-feira (17).

A decisão foi tomada no sábado (15) pela manhã em reunião com cerca de 100 representantes de várias entidades --entre elas o Movimento Passe Livre, que já organizou quatro protestos na cidade, e a central sindical CSP-Conlutas à qual é associada.

Metalúrgicos de São José dos Campos, trabalhadores rurais do interior paulista, operários da construção civil e funcionários do comércio são algumas das categorias que devem engrossar os protestos a partir da semana que vem.

"Estamos fazendo neste final de semana uma convocação geral para que, inclusive, nas fábricas e locais de trabalho, as pessoas possam avaliar que agora é o momento de também protestar contra a repressão e ditadura do governo Alckmin", diz José Maria de Almeida, presidente do PSTU e coordenador da Conlutas.

"Não apoiamos a depredação, nem descer o cacete em trabalhadores e estudantes que se manifestam", afirma.

Segundo o sindicalista, os policiais militares que estiverem trabalhando no ato serão convidados a "desobedecer seus comandantes" e protestar "em vez de bater".

A CUT (Central Única de Trabalhadores) e Força Sindical já se posicionaram contra a repressão policial nas manifestações. Mas ainda não está certo a participação de seus sindicatos no protesto de segunda-feira.

Na terça-feira (18), uma reunião entre militantes do movimento e a Prefeitura de São Paulo foi marcada para discutir a reivindicação dos manifestantes.

"Sem revogar o aumento da tarifa, discutir tarifa social ou até tarifa zero, não adianta chamar para reunião. Porque se o aumento não for cancelado, a partir de quarta-feira haverá o dobro de gente nas ruas", diz Almeida.

A ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) também divulgou apoio à manifestação e convocou todos os associados e entidades filiadas a "somarem-se nas ruas nessa luta que também é nossa".

O PM ME DISSE: 'VOCÊ VAI PAGAR PELOS OUTROS', DIZ ESTUDANTE PRESO 16/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296009-o-pm-me-disse-voce-vai-pagar-pelos-outros-diz-estudante-presos.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

"'Você vai pagar pelos outros', disse o policial, quando me levava, com outros manifestantes, para a delegacia. Eu não entendia direito, mas fui. Até então, achava que ia ser uma coisa rápida. Não foi."

Ao todo, foram três noites entre delegacias, camburões e o presídio de Tremembé, onde estão encarcerados Alexandre Nardoni e os irmãos Cravinhos. Júlio Henrique Camargo foi um dos 19 manifestantes presos pela polícia na noite de terça-feira passada (11), quando a avenida Paulista presenciou mais uma noite de confrontos entre policiais e milhares de pessoas que protestavam contra o aumento das tarifas de ônibus, metrô e trens.

Naquela noite, várias cenas de vandalismo foram registradas. Júlio, porém, nega fazer parte dessa turma. "Quem quebrava eram os outros, uma turma mais jovem", diz o rapaz de 21 anos, até aquele dia sem antecedentes criminais ou problemas com a justiça.

A manifestação estava mesmo violenta, admite o rapaz. Por isso, ele e uma conhecida resolveram se afastar. Foram comer e, ao voltar à Paulista, encontraram ao menos 12 policiais da Rocam. Eles sacaram as armas, prenderam os dois e outros manifestantes que estavam próximos.

Foram levados ao 78º DP (Jardins). Foi indiciado sob acusação de formação de quadrilha e dano ao patrimônio. Na quarta-feira (12), a Secretaria de Estado da Segurança Pública afirmou, sem citar nomes, que 11 das 19 pessoas presas eram acusadas de depredar uma guarita da PM na região da Paulista. Júlio nega.

Segundo Júlio, o clima na delegacia era tenso. "Eles não deixaram ligar para a minha família e isso me angustiava. Eu sabia que minha mãe devia estar nervosa." Já na cela, um investigador, "um pouco mais humano", ligou para sua mãe, Maria Cecília.

Ainda sem comer, foi levado no outro dia, algemado e em um camburão, para o IML (Instituto Médico Legal). Na sequência, de novo as algemas e o camburão, rumo ao 2º DP (Bom Retiro). Foi lá que o até então cabeludo Júlio teve de raspar a cabeça. "Sofri todo tipo de humilhação. Me chamavam de vagabundo o tempo inteiro".

Ficou numa cela com dez presos, onde só cabiam seis pessoas por quase quatro horas. Estava com o jornalista Pedro Ribeiro Nogueira, também detido na manifestação, e outros oito 'presos comuns'.

"Reclamava que estava com muita fome, mas ninguém ligava. Fui chamado de inimigo número 1 do Estado".

De lá, ele e Pedro foram de novo levados ao camburão, sem saber qual seria o destino. "Quando perguntei, falaram que íamos 'para Rondônia, de férias'. Estávamos em quatro dentro do camburão e um policial falava: 'vocês vão se ferrar! Nunca mais vão fazer uma manifestação'. Tinha medo, muito medo. Não tinha controle algum da minha vida".

Júlio disse que só comeu por volta das 21h da quarta. Em Tremembé, disse que foi bem tratado. "Talvez porque lá tenha gente famosa", ironiza. Passou duas noites. Soube da mãe graças à ajuda de um funcionário.

Foi solto na noite de sexta-feira (14) após um habeas corpus, mas ainda vai responder a inquérito. "Agora, minha prioridade é provar minha inocência. Provar que não havia razão para eu ser preso".

Não era a primeira vez que Júlio participava das manifestações, embora diga não ter ligações com o Movimento Passe Livre, organizador dos protestos, ou com partidos políticos. "Sou do movimento estudantil", afirma ele, aluno de ciências sociais da Unesp de Araraquara.

Júlio não vai participar das próximas manifestações, já que está em liberdade condicional e com restrições de horário.

"Mas não me arrependo nem um pouco. É uma luta extremamente legítima".

OUTRO LADO

A assessoria de imprensa da Segurança Pública informou que o delegado Kleber Antonio Torquato Altale, da Delegacia Seccional Centro, está à disposição para ouvir o estudante. Segundo a secretaria, um procedimento poderá ser aberto para investigar as denúncias feitas pelo estudante.

Disse ainda que o boletim de ocorrência registrado no dia 11 de junho aponta que Júlio e outras dez pessoas foram acusadas de destruírem e incendiar uma guarita da PM.

SECRETÁRIO DE SEGURANÇA DE SP CONVIDA MANIFESTANTES PARA REUNIÃO ANTES DE ATO

16/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296082-secretario-diz-que-choque-nao-sera-necessario-em-novo-ato-contra-aumento-da-tarifa.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Dois dias após o último protesto contra a redução das passagens de ônibus e metrô organizado pelo MPL (Movimento Passe Livre), o secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Fernando Grella Vieira, convidou a liderança do movimento para uma reunião com o intuito de evitar novas cenas de violência no próximo protesto, marcada para a próxima segunda-feira (17), às 17h.

Em entrevista coletiva na Secretaria de Segurança Pública, na tarde deste domingo (16), Vieira anunciou um convite aos manifestantes do MPL para uma reunião às 10h na próxima segunda-feira (17). Esse é o primeiro convite oficial que o governo faz aos manifestantes.

"Não queremos ver mais o que aconteceu na semana passada. Queremos que as pessoas se manifestem, mas queremos também que a população consiga chegar em casa", disse o secretário. "Sabemos que a imensa maioria das pessoas quer se manifestar em paz."

Em virtude do convite, o MPL decidiu antecipar uma entrevista coletiva --inicialmente marcada para o mesmo horário-- para as 9h, para participar da reunião com o secretário.

Para Vieira, o uso da Tropa de Choque não deve ser necessária na próxima manifestação, já que ele acredita que o ato será pacífico. "Nós acreditamos em uma manifestação pacífica e organizada, em que a polícia vai apenas ordenar para que ela aconteça."

O secretário também afirmou que não há previsão para o fim da investigação dos abusos cometidos por policiais no protesto da última quinta-feira (16).

Diante dos casos de violência contra a imprensa, como no caso da jornalista Giuliana Vallone, da **Folha**, que levou um tiro de bala de borracha no olho (mas não corre o risco de perder a visão), e do fotógrafo Sérgio Silva, da agência Futura Press, que também levou o tiro no olho e tem chances mínimas de recuperar totalmente a visão, o presidente da Arfoc (Associação de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Estado de São Paulo) levantou a possibilidade de a imprensa usar uma identificação conjunta.

O secretário considerou a proposta "interessante".

HADDAD ACOMPANHA MANIFESTAÇÃO COM SECRETÁRIOS NO GABINETE

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296756-haddad-acompanha-manifestacao-com-secretarios-no-gabinete.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), acompanhou as manifestações desta segunda-feira (17) na cidade na "sala de situação" montada em seu gabinete.

Além de ver as imagens da mobilização, o petista conversa com os secretários Antonio Donato (Governo), João Antônio (Relações Governamentais), Luiz Massonetto (Negócios Jurídicos) e Nunzio Briguglio (Comunicação).

Os auxiliares do prefeito também acompanham a cobertura das manifestações em outras capitais, como Rio de Janeiro e Belo Horizonte, onde ocorreram incidentes violentos.

Pouco antes das 22h, ele deixou o prédio da prefeitura em direção a sua casa, no Paraíso (zona sul), de onde continuaria acompanhando a manifestação. Havia preocupação quanto ao grupo que se concentrava em frente à sede do governo paulista.

Em São Paulo, diferentemente do que ocorreu nos quatro primeiros protestos, nas duas últimas semanas, a manifestação ocorre de forma pacífica.

Mais cedo, no início da noite, o prédio da prefeitura paulistana foi "invadido" apenas pelo som de um show da banda Sampa Crew, que tocou no Vale do Anhangabaú, onde fica a sede da administração.

O grupo se apresentou após o jogo entre as seleções da Nigéria e do Taiti, pela Copa das Confederações, que foi transmitido em um telão no Anhangabaú.

O ministro Gilberto Carvalho (Secretaria Geral da Presidência) criticou o "silêncio das tumbas e da repressão" e disse que o governo federal vai trabalhar para valorizar o papel dos manifestantes, que, desde semana passada, têm tomado as ruas das principais capitais do país.

DILMA

Em seus primeiros comentários sobre as manifestações pela redução nas tarifas de ônibus e pela melhoria do transporte público, que vêm tomando as ruas de diversas capitais do país desde a semana passada, a presidente Dilma Rousseff disse que as "manifestações pacíficas são legítimas"

"As manifestações pacíficas são legítimas e são próprias da democracia. É próprio dos jovens se manifestarem", limitou-se a afirmar a presidente, em comunicado divulgado pela ministra da Secretaria da Comunicação Social, Helena Chagas, no início da noite desta segunda-feira (17).

SÃO PAULO

Na capital paulista, a Polícia Militar aponta cerca de 30 mil pessoas no protesto que se concentrou no largo da Batata, na região de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo. O Datafolha, no entanto, aponta que o número é de aproximadamente 65 mil pessoas.

Após a concentração no largo da Batata, o movimento decidiu dividir a passeata em dois grupos. Uma parte foi pela av. Rebouças sentido marginal Pinheiros, e outra pela av. Faria Lima. Inicialmente, um grupo liderado pelo partido PSTU disse que seguiria em direção à avenida Paulista, mas desistiu do trajeto.

As últimas manifestações do grupo foram marcadas por confrontos com a Polícia Militar. O último caso ocorreu na quinta-feira (13), quando houve confusão na rua da Consolação, na região central. Segundo organizadores, ao menos cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas. Dentre jornalistas, houve 15 feridos, sendo sete da **Folha**.

Para esta segunda-feira, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) afirmou que a Polícia Militar não usará balas de borracha contra os manifestantes. "Nós acreditamos em uma manifestação pacífica e organizada, em que a polícia vai apenas ordenar para que ela aconteça", disse ontem (16) o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira.

PRESOS NO TRÂNSITO, MOTORISTAS MOSTRAM APOIO E REPÚDIO A PROTESTO

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296774-presos-no-transito-motoristas-mostram-apoio-e-repudio-a-protesto.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

A manifestação que reuniu ao menos 65 mil pessoas em São Paulo pela redução da tarifa de ônibus deixou muitos motoristas presos no trânsito.

Enquanto alguns abandonaram os carros ou esperavam dentro dele pelo fim do protesto, outros resolveram se juntar à manifestação.

A advogada Renata Martins Álvares, 25, que ficou parada na avenida Juscelino Kubitschek, diz que não é contra a manifestação, mas que acha que o protesto deveria ser feito de outra forma, para não atrapalhar as outras pessoas.

Ela tentava comparecer a uma aula em Taboão da Serra, e, dentro do carro, ouvia samba, tentando relaxar.

Já o taxista Acir Silveira, 66, que estava parado em uma esquina da mesma avenida, disse que é totalmente a favor da manifestação, mesmo com uma rotina que começa às 4h e 30 da manhã e vai até as 21h.

"Nunca vi nada parecido, em 44 anos que moro aqui", diz, sobre o tamanho da manifestação.

Ele diz que não protesta por medo, mas diz que o Brasil está muito ruim e que algo deve ser feito. Ele conta que já foi assaltado no Jardim Ângela, onde mora, quatro vezes.

Perto dali, Marilda Teles, 60, estava voltando com a mãe do hospital. Mesmo há três horas no trânsito, Marilda estava com um cartaz na mão apoiando o protesto e pintada de verde, após ter pedido a um dos manifestantes para ser "maquiada".

Do lado dela, Darcy Martino, 68, chacoalhava uma sacola como sinal de apoio. "Meu marido vai querer me matar. Ele não tem vontade de se manifestar, mas eu tenho. Eu quero mudar o mundo. Hoje fui pega no trânsito e resolvi participar. Sou uma espécie de Dom Quixote", diz.

COM APROXIMAÇÃO DE PROTESTO, PALÁCIO DOS BANDEIRANTES É FECHADO

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296781-com-aproximacao-de-protesto-palacio-dos-bandeirantes-e-fechado.shtml>

Acesso em: 25/09/2013

A Casa Militar do governo de São Paulo determinou por volta das 20h30 desta segunda-feira o fechamento do Palácio dos Bandeirantes --sede do governo estadual-- e proibiu os funcionários de deixar o local. É um protocolo de segurança do palácio.

A medida foi tomada depois de chegarem informações de que manifestantes que se concentraram na marginal Pinheiros estão se deslocando para o Bandeirantes, de onde o governador Geraldo Alckmin (PSDB) acompanha os protestos em São Paulo.

Um oficial da Polícia Militar está em contato direto com um dos líderes das manifestações. Como a região do palácio é considerada zona de segurança, as tropas de elite da Polícia Militar podem ser chamadas para proteger o local.

Os cerca de 65 mil manifestantes, que se concentraram no largo do Batata, na zona oeste, se dividiram e fecharam vias como a Faria Lima, av. Eusébio Matoso, a av. Paulista, a 23 de Maio, a Rebouças, a ponte Estaiada e a marginal Pinheiros, antes de se dirigirem para o palácio dos Bandeirantes.

Esse é o quinto protesto feito contra o aumento do transporte público. As últimas manifestações foram marcadas por confrontos. O último caso ocorreu na quinta-feira (13), quando houve confusão na rua da Consolação, na região central. Segundo organizadores, ao menos cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas. Dentre jornalistas, houve 15 feridos, sendo sete da Folha.

Para esta segunda-feira, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) afirmou que a Polícia Militar não usará balas de borracha contra os manifestantes. "Nós acreditamos em uma manifestação pacífica e organizada, em que a polícia vai apenas ordenar para que ela aconteça", disse ontem (16) o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira.

GRUPO DERRUBA PORTÃO E TENTA INVADIR A SEDE DO GOVERNO DE SP

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296831-grupo-derruba-portao-e-tenta-invadir-a-sede-do-governo-de-sp.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Um grupo de manifestantes derrubou um dos portões de acesso ao Palácio dos Bandeirantes --sede do governo de São Paulo-- na noite desta segunda-feira durante o protesto contra o aumento dos transportes públicos.

A polícia respondeu com bombas de gás lacrimogêneo, o que fez com que o grupo recuasse e não chegasse a invadir o prédio, de onde o governador Geraldo Alckmin (PSDB) e secretários acompanham o protesto desde a tarde desta segunda-feira.

"Não dá para segurar. O povo está revoltado", disse Caio Martins, membro do Movimento Passe Livre. Na frente do prédio, grupos de manifestantes se dividiram entre pedidos de paz e cantos do hino nacional antes de começar a dispersar.

Desde a chegada ao local, muitos manifestantes chutavam os portões e lançavam pedras em direção aos policiais, que ficaram do lado de dentro do palácio. Outros manifestantes, no entanto, tentavam acalmar as pessoas mais exaltadas.

Por volta da 1h30 desta terça-feira, um grupo de manifestantes ainda permaneciam diante do Palácio, onde fez uma fogueira e bloqueou a via, usando dois ônibus. Um novo ato está marcado para as 17h desta terça, na praça da Sé, na região central.

Durante todo o protesto de segunda, o movimento havia sido pacífico. Os cerca de 65 mil manifestantes, que se concentraram no largo do Batata, na zona oeste, no fim da tarde, se dividiram e fecharam vias como a Faria Lima, av. Eusébio Matoso, a av. Paulista, a ponte Estaiada e a marginal Pinheiros, antes de se dirigirem para o palácio dos Bandeirantes.

Esse foi o quinto protesto feito contra o aumento do transporte público. As últimas manifestações foram marcadas por confrontos. O último caso ocorreu na quinta-feira (13), quando houve confusão na rua da Consolação, na região central. Segundo organizadores, ao menos cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas. Dentre jornalistas, houve 15 feridos, sendo sete da **Folha**.

Para esta segunda-feira, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) afirmou que a Polícia Militar não usará balas de borracha contra os manifestantes. "Nós acreditamos em uma manifestação pacífica e organizada, em que a polícia vai apenas ordenar para que ela aconteça", disse ontem (16) o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira.

PROTESTO EM SÃO PAULO É O MAIOR DESDE MANIFESTAÇÃO CONTRA COLLOR

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296834-protesto-em-sao-paulo-e-o-maior-desde-manifestacao-contr-collor.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Com ao menos 65 mil pessoas, os protestos de hoje em São Paulo reuniram o maior número de participantes desde o movimento dos caras-pintadas pelo impeachment do presidente Fernando Collor, em 25 de agosto de 1992.

Naquela ocasião, a Polícia Militar calculou em 350 mil os manifestantes que se reuniram no Masp, na avenida Paulista, segundo levantamento do banco de dados da **Folha**.

Houve concentrações com mais gente na cidade desde então, mas sem esse caráter de protesto, como a Marcha para Jesus, de junho de 2010, que segundo a Polícia Militar reuniu 2 milhões de pessoas, e a Parada Gay de 2005, que juntou 1,8 milhão.

O Datafolha calculou em 250 mil pessoas o número de pessoas que se despediram do piloto Ayrton Senna, no velório dele em maio de 1994.

GOVERNO

A Casa Militar do governo de São Paulo determinou por volta das 20h30 desta segunda-feira o fechamento do Palácio dos Bandeirantes --sede do governo estadual-- e proibiu os funcionários de deixar o local. É um protocolo de segurança do palácio.

A medida foi tomada depois de chegarem informações de que manifestantes que se concentraram na marginal Pinheiros estão se deslocando para o Bandeirantes, de onde o governador Geraldo Alckmin (PSDB) acompanha os protestos em São Paulo.

Um oficial da Polícia Militar está em contato direto com um dos líderes das manifestações. Como a região do palácio é considerada zona de segurança, as tropas de elite da Polícia Militar podem ser chamadas para proteger o local.

Por volta das 22h, um grupo chegou a chutar e jogar objetos contra o portão 2 do Palácio dos Bandeirantes, mas outros jovens passaram a pedir calma. Policiais chegaram a jogar bombas de gás lacrimogêneo contra a multidão.

ONG PEDIRÁ QUE GOVERNO E PREFEITURA EXPLIQUEM AUMENTO DAS PASSAGENS

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296142-ong-pedira-que-governo-e-prefeitura-expliquem-aumento-das-passagens.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

A ONG Educafro, que trabalha com incentivos para a educação para afrodescendentes e para pessoas carentes, fará na próxima segunda-feira (17) um pedido oficial para que prefeitura e governo de São Paulo detalhem o aumento das passagens de ônibus, trens e metrô de 2004 até 2013.

A solicitação será feita por representação ao promotor de justiça Silvio Marques.

A ONG pede para verificar os gastos das empresas de ônibus, trens e metrô que serviram como base para autorizar os aumentos. Por exemplo, se os as tarifas aumentaram porque a frota de ônibus aumentou ou porque o preço do pneu ficou mais caro.

"Essas informações têm de ser públicas", disse Frei David, presidente da Educafro.

De acordo com um estudo feito pela própria Educafro no Rio de Janeiro, a passagem de ônibus subiu 458,3% de 2004 a 2013 naquele estado. Já o salário mínimo subiu 260% e a inflação 64% no mesmo período.

"Queremos entender o motivo do aumento das passagens em São Paulo", completa Frei David. De acordo com ele, cerca de 800 pessoas participaram, neste domingo, de um debate sobre o documento.

A ONG defende ainda que passageiros transportados em pé no transporte público paguem apenas 30% do valor das passagens.

ATIVISTA DO MOVIMENTO PASSE LIVRE DIZ QUE NÃO NEGOCIA TRAJETO DE MANIFESTAÇÃO

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296139-ativista-do-movimento-passe-livre-diz-que-nao-negocia-trajeto-de-manifestacao.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O Movimento Passe Livre irá se reunir hoje de manhã com o secretário de segurança pública do Estado, Fernando Grella Vieira.

Ele disse que quer negociar com os manifestantes o trajeto que será feito no protesto de hoje, marcado para às 17h, no largo da Batata, zona oeste de São Paulo.

O grupo afirmou que está aberto para conversar com a finalidade de evitar repressão policial, mas que não irá negociar o itinerário, que isso é uma decisão política do movimento.

Em entrevista para a **Folha**, a militante Nina Cappello, 23, que é estudante de direito da USP, criticou a criminalização do movimento e foi categórica "a gente não sai das ruas enquanto não for revogado o aumento da tarifa dos ônibus e trens". O grupo promete outro protesto para esta terça-feira (18), ainda sem local e data definidos.

Veja os principais trechos da entrevista:

Folha - O secretário de segurança pública, Fernando Grella Vieira, convidou o movimento para conversar hoje às 10h. Vocês vão?

Nina Cappello- Eu não sei exatamente para o que é a reunião, mas a gente está disposto a conversar com eles para evitar a repressão policial, que foi muito violenta no último ato [de quinta-feira (13)], que teve pessoas presas mesmo antes da manifestação começar. Vamos questionar essa criminalização do movimento. O que nós deixamos claro é que a decisão do caminho da manifestação é uma decisão política nossa, nós não vamos decidir o trajeto do movimento com eles. Mas a gente entendeu que isso não seria um problema porque a polícia tem que garantir a segurança dos manifestantes não importa o trajeto que a gente escolha fazer. Quando a gente tiver o trajeto definido nós vamos informar para eles.

Como será o protesto de hoje programado para as 17h no largo da Batata, em Pinheiros?

Vai ser o maior protesto contra o aumento da tarifa de ônibus. A gente continua na rua até o prefeito [Fernando Haddad] e o governador [Geraldo Alckmin] decidirem revogar o aumento do ônibus e dos trens caso contrário a gente vai continuar colocando as nossas forças nas ruas, ocupando ruas importantes e parando a cidade.

Mas grande parcela da sociedade crítica o ato, veem o movimento mais como de "baderneiros" que querem promover o vandalismo?

É a política que eles têm de criminalizar o movimento e que acontece com os movimentos sociais principalmente nas periferias. É o jeito que eles têm para calar a nossa voz. Estamos na rua lutando por um direito, isso não é baderna é simplesmente uma manifestação legítima na luta por transporte público. O movimento não apoia vandalismo, mas a gente entende que a violência é da polícia e da tarifa. Retomando o que foram as manifestações fica bem claro que houve violência por parte dos manifestantes porque teve repressão por parte da polícia.

A manifestação de vocês é pelo aumento de 20 centavos na tarifa do transporte público ou também tem um outro viés?

A manifestação é essa, cada aumento de tarifa exclui mais gente do transporte público, e ao mesmo tempo exclui mais gente da cidade. Você não tem dinheiro para usar a cidade, para usar o hospital público, a manifestação é sim contra o aumento de 20 centavos. A gente não sai das ruas enquanto não for revogado esse aumento.

Mas você não acha que algumas pessoas que aderiram ao protesto tem outras reivindicações que não só se referem ao aumento das tarifas? E se há pessoas protestando contra outras coisas não tiraria o foco do movimento?

As manifestações têm crescido porque a nossa pauta é muito clara porque ela causa revolta nos paulistanos. Diariamente a gente sofre uma violência pela questão de pagar uma tarifa para usar algo que é um direito. Você ter que se espremer dentro do ônibus, levar de duas a três horas para ir do trabalho e voltar do trabalho. Essa revolta está sendo expressada com essas manifestações. A gente está na rua para lutar por um outro modelo de transporte público e cada vez mais as pessoas estão vendo que cabe a elas decidir como vai ser organizada a cidade, mas a manifestação é sim contra o aumento da tarifa.

Além dos jovens e estudantes, o movimento ganhou adesão de outros grupos como o dos trabalhadores.

A pauta é única, o transporte é central para ter acesso a cidade. Conforme as manifestações crescem a repercussão é maior. Eu ando de ônibus e metrô todo dia. Eu escuto pessoas falando no ônibus que apoiam o movimento e que ficam felizes em saber que tem gente lutando por um outro modelo de cidade. A pressão popular pode revogar essas tarifas como aconteceu em outras cidades.

Imaginavam a repercussão nacional e internacional, com comunidades brasileiras fazendo manifestações em solidariedade a vocês?

O MPL se organiza nacionalmente então não foi uma surpresa. Outras cidades estão se articulando com a gente até no sentido de fazer manifestação no mesmo dia, algumas também estão passando por esse mesmo aumento. Já internacionalmente a gente está bastante surpreso e feliz porque esse apoio é fundamental e traz uma pressão ainda maior no governo e na prefeitura de que eles não só devem parar de criminalizar e reprimir o movimento, como eles vão ter que atender a nossa reivindicação senão isso vai ganhar uma dimensão cada vez maior.

Vocês preveem um fim para isso?

Enquanto não revogar a gente não vai parar. Na terça-feira (18) nós vamos participar com a prefeitura do conselho da cidade, que existe desde o começo do ano que reúne alguns movimentos sociais, mas não tem poder de decisão. A gente vai nesse espaço para cobrar o prefeito [Fernando Haddad], caso não revogue o aumento vai ter manifestação na terça-feira (18) também. Isso está decidido.

MOVIMENTO PASSE LIVRE DIZ QUE NÃO VAI RECUAR ENQUANTO TARIFA NÃO DIMINUIR

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296352-movimento-passe-livre-quer-reuniao-com-haddad-para-debater-tarifa.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Integrantes do Movimento Passe Livre, que organiza as manifestações contra o aumento da tarifa do transporte em São Paulo, disseram na manhã desta segunda-feira que o grupo não pretende parar os protestos enquanto o aumento da tarifa não for revogado pela prefeitura e pelo governo do Estado.

"As pessoas estão exigindo uma pauta única, clara e específica, que é a revogação do aumento. Negociar algo diferente do que a população quer seria uma traição", disse Caio Martins, 19, estudante de história da USP e membro do Movimento Passe Livre.

A posição foi dada durante entrevista coletiva na sede dos Sindicato dos Jornalistas, no centro de São Paulo.

Às vésperas do protesto de hoje, marcado para as 17h no largo da Batata, zona oeste, o movimento convidou o prefeito Fernando Haddad (PT) para debater o reajuste na quarta-feira (19), às 10h, também na sede do Sindicato do Jornalistas.

Apesar de terem confirmado presença na reunião extraordinária do Conselho da Cidade marcada para amanhã, os integrantes afirmam que o encontro não é o espaço ideal para discutir o aumento. O conselho é um órgão consultivo criado pelo prefeito neste ano e reúne 136 membros de movimentos sociais, entidades de classe, empresários, entre outros.

"A gente agradece o convite, mas entende que esse espaço não é adequado para negociação", disse Érica de Oliveira, do MPL.

Os integrantes do movimento também comentaram a reunião desta manhã com o secretário de segurança pública de São Paulo, Fernando Grella Vieira, para debater o trajeto do protesto de hoje.

"Nós não sabemos qual vai ser o trajeto. Ele surge na hora, depende do número de pessoas e dos grupos presentes", afirmou um dos integrantes.

Eles querem usar o espaço com o secretário para discutir a repressão e a forma como a polícia vai atuar. "O movimento é pacífico. O vandalismo acontece como reação à violência policial. A gente não estimula o vandalismo", disseram os integrantes.

REFORÇO

Os protestos contra o aumento das tarifas de transporte público devem ganhar reforço do movimento gay, de trabalhadores e até de mães de manifestantes.

As mães estão se mobilizando para comparecer hoje ao quinto ato que pede revogação do aumento das passagens do transporte público em São Paulo. A concentração será às 16h, em frente ao Instituto Tomie Ohtake.

O evento, criado no Facebook para organizar o encontro, contava com mais de 1.500 confirmações até a tarde de ontem. "Acho importante que não seja um movimento caracterizado como só de jovens", diz Noemi Jaffe, mãe de dois manifestantes.

A ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) também divulgou apoio à manifestação e convocou todos os associados e entidades filiadas a "somarem-se nas ruas nessa luta que também é nossa".

Metalúrgicos de São José dos Campos, trabalhadores rurais do interior paulista, operários da construção civil e funcionários do comércio também integram algumas das categorias que devem engrossar os protestos a partir da semana que vem.

A CUT (Central Única de Trabalhadores) e Força Sindical se posicionaram contra a repressão policial nas manifestações. Mas não está certo a participação de seus sindicatos no protesto de hoje.

PM NÃO USARÁ BALAS DE BORRACHA EM NOVO PROTESTO, DIZ PROMOTOR

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296389-pm-nao-usara-balas-de-borracha-em-novo-protesto-diz-promotor.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

A Polícia Militar não usará balas de borracha no protesto do Movimento Passe Livre que vai acontecer a partir das 17h desta segunda-feira (17). A informação foi dada pelo promotor de Habitação e Urbanismo da capital Maurício Ribeiro Lopes que participou do encontro entre o governo do Estado e os militantes.

O governo disse acreditar que a Tropa de Choque não precisará ser acionada hoje pois acredita em um ato pacífico. "Nós acreditamos em uma manifestação pacífica e organizada, em que a polícia vai apenas ordenar para que ela aconteça", disse ontem (16) o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira.

Segundo o promotor, mesmo sem estipular o trajeto da manifestação, a ideia é que ela fique longe da avenida Paulista por ser uma via central da cidade e um corredor importante já que há diversos hospitais nas imediações.

No protesto de quinta-feira (13), 15 jornalistas ficaram feridos, sete dos quais da **Folha**.

O fotógrafo Sérgio Silva, da agência Futura Press, levou uma bala de borracha no olho e pode perder a visão. A repórter Giuliana Vallone, da TV Folha, também foi atingida no olho e está em recuperação.

SHOPPING IGUATEMI DIZ QUE FECHARÁ SE PROTESTO PASSAR NA FARIA LIMA

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296418-shopping-iguatemi-diz-que-fechara-se-protesto-passar-na-faria-lima.shtml>
Acesso em: 25/09/2017

O shopping Iguatemi, na zona oeste de São Paulo, informou nesta segunda-feira (17) que vai fechar as portas caso a manifestação do Movimento Passe Livre passe em frente do centro comercial, localizado na avenida Brigadeiro Faria Lima.

De acordo com o shopping, o local será fechado para "proteger o patrimônio". Os manifestantes vão se concentrar às 17h no largo da Batata e o trajeto do protesto ainda não foi definido. O ponto de concentração fica a cerca de 1,5 km do Iguatemi.

O Movimento Passe Livre disse que a ideia é fazer uma manifestação pacífica e diz repudiar os atos de vandalismo ocorridos nos outros quatro protestos. O governo de São Paulo também acredita que não precisará usar a Tropa de Choque hoje.

Na última manifestação, ocorrida na quinta-feira (13), várias pessoas ficaram feridas por balas de borracha. O governo diz que não usará esse tipo de munição contra os manifestantes.

Em nota, a assessoria do shopping informou que opera normalmente nesta segunda-feira e que "segue acompanhando atentamente as informações referente à manifestação do Movimento Passe Livre".

ANTES DO PROTESTO, PREFEITURA E CONSTRUTORA RETIRAM ENTULHO DO LARGO DA BATATA

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296432-antes-do-protesto-prefeitura-e-construtora-retiram-entulho-do-largo-da-batata.shtml>
Acesso em: 25/09/2017

A Subprefeitura de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, pediu que a construtora responsável pelas obras de revitalização no largo da Batata remova antes do protesto de hoje (17) todo o material de construção que está na área. O local será o ponto de concentração, às 17h, dos manifestantes do Movimento Passe Livre que pedem a redução do valor da passagem do transporte público. A ideia é evitar que pedras e pedaços de piso sejam usados em caso de confronto com a PM.

Além da remoção do material por parte da construtora, a subprefeitura também enviou uma equipe ao local para fazer uma espécie de varredura no entorno para remover pedaços de pau, pedras, entre outros objetos.

Tanto o governo estadual como os manifestantes acreditam que o protesto de hoje será pacífico. A estação Faria Lima do Metrô, no entanto, segue cercada por tapumes para tentar evitar algum tipo de dano ao patrimônio. O shopping Iguatemi também informou que irá fechar caso os manifestantes passem em frente ao centro comercial, localizado na avenida Brigadeiro Faria Lima.

DEFENSORIA ENTRA COM AÇÃO PARA BARRAR 'PRISÃO POR AVERIGUAÇÃO' EM PROTESTO

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296463-defensoria-entra-com-acao-para-barrar-prisao-por-averiguacao-em-protesto.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

A Defensoria Pública de São Paulo entrou hoje com duas ações judiciais para evitar que manifestantes sejam presos para averiguação e pede uma indenização de R\$ 10 mil por danos morais para cada um que foi preso com base nessa justificativa.

Cerca de 150 pessoas foram presas com o uso dessa figura na última quinta-feira (13), segundo Mariana Toledo, do Movimento Passe Livre.

A prisão por averiguação era uma figura jurídica usada pela ditadura militar e foi extinta pela Constituição de 1988.

A defensora Daniela Skromov de Albuquerque disse à **Folha** que o comandante da operação da última quinta-feira, o tenente-coronel Ben Hur Junqueira Neto, foi questionado por ela sobre as razões da prisão de um grupo de 40 pessoas na última quinta-feira e ele respondeu que era "prisão por averiguação".

A Defensoria tem o vídeo em que o oficial da PM justifica as prisões com uma figura jurídica que não existe mais.

Uma das ações da Defensoria visa impedir que a polícia prenda manifestantes "para averiguação". Os defensores sugerem uma multa de R\$ 5.000, que seria paga pelo Estado, para cada prisão efetuada.

A outra ação é um habeas corpus preventivo a favor de 92 pessoas. Se o habeas corpus for concedido pela Justiça, essas pessoas não podem ser presas.

A prisão por averiguação foi extinta pela Constituição de 1988, segundo o advogado criminalista Cristiano Avila Maronna. A legislação atual só permite dois gêneros de prisão: em flagrante e por ordem judicial.

"O uso da prisão por averiguação é completamente ilegal. É um estado de sítio não declarado. O policial pode levar quem quiser preso", disse Maronna.

Os que sofreram esse tipo de prisão podem também entrar com uma ação pedindo indenização ao Estado por causa dos prejuízos que sofreram, segundo Maronna.

Para ele, esse tipo de prisão e as detenções por portar vinagre foram ações coordenadas pela Secretaria de Segurança para tentar intimidar os manifestantes.

A Secretaria de Segurança diz que são os delegados que decidem como enquadrar os presos e que só vai comentar o caso quando tiver acesso às ações judiciais.

COMERCIANTES FECHAM ESTABELECIMENTOS ANTES DE PROTESTO EM SP

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296490-comerciantes-fecham-estabelecimentos-em-locais-proximos-a-protesto.shtm>

Acesso em: 25/09/2017

São quatro horas da tarde, mas o clima é de final de expediente na região do cruzamento das avenidas Faria Lima com Rebouças. Dezenas de pessoas caminham apressadas a caminho de casa. Boa parte do comércio está fechando as portas.

"Não adianta ficar aberto porque não vai ter clientela", disse o proprietário de uma banca de jornais na esquina das duas avenidas. "Vou perder umas quatro horas de venda." Em um dia comum, ele fecharia em torno de 20h.

A **Folha** também encontrou a proprietária de uma banca de salgados Faria Lima fechando as portas. "Estou indignada por ter de fechar mais cedo. Quem vai pagar as minhas contas amanhã?", disse Regiane Vieira Alves. "Se uma pedra atinge a minha geladeira o que eu vou fazer? Estou revoltada."

Alves também dispensou sua funcionária mais cedo por causa da manifestação marcada para às 17h.

FIM DE EXPEDIENTE

O publicitário João Biancardi, que trabalha na avenida Faria Lima, também dispensou sua equipe mais cedo e saiu junto com os funcionários. "Queremos evitar que as pessoas peguem trânsito. Além disso, quem quiser participar da manifestação terá a oportunidade."

Para Anthony Martins de Lima, 35, que trabalha com restaurantes na região, manifestação é "coisa de jovem". Ele estava indo para a casa quando conversou com a reportagem. "Só quero chegar em casa logo."

Stanislaw Lukin, 35, que trabalha em uma cafeteria na região, manterá as portas abertas. "Qualquer coisa eu fecho correndo", disse. "Sou a favor da manifestação. O povo está abrindo os olhos."

CONFRONTO

Na última quinta-feira (13), o confronto entre manifestantes e PMs começou quando a polícia tentou impedir o grupo de prosseguir a passeata contra o aumento dos ônibus pela rua da Consolação e chegar à avenida Paulista, uma das vias mais importantes da cidade e que dá acesso a diversos hospitais.

Com isso, houve bombas de gás lacrimogêneo e tiros de borracha disparados contra os manifestantes, que atiravam pedras e outros objetos.

HADDAD SE ENCONTRA COM REPRESENTANTE DO MOVIMENTO PASSE LIVRE

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296459-haddad-se-encontra-com-representante-do-movimento-passe-livre.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), se encontrou na manhã desta segunda-feira (17) com a estudante de direito Nina Cappello, 23, representante do MPL (Movimento Passe Livre).

A jovem teve uma reunião com o secretário de Governo, Antonio Donato, para definir a participação do grupo, que vem protestando contra o aumento das passagens do transporte público em São Paulo, no Conselho da Cidade, marcada para esta terça-feira (18).

Ficou acertado que o MPL terá de 20 a 30 minutos para apresentar suas reivindicações diante do conselho, e a Secretaria Municipal dos Transportes terá direito ao mesmo tempo para expor sua posição.

Segundo a prefeitura, Haddad passou na sala onde ocorria a reunião entre Nina e Donato, que fica próxima de seu gabinete, para conhecer a representante do movimento. O encontro não estava na agenda do petista.

Em nota, o movimento afirmou que o prefeito "fez diversos apontamentos e justificou que não é possível revogar o aumento da tarifa por motivos técnicos".

PROTESTOS

O Movimento Passe Livre marcou para a tarde desta segunda-feira o quinto protesto contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trens na capital paulista, em menos de duas semanas. O grupo deve se reunir no fim da tarde no largo da Batata, na região de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo.

As últimas manifestações do grupo foram marcadas por confrontos com a Polícia Militar. O último caso ocorreu na quinta-feira (13), quando houve confusão na rua da Consolação, na região central. Segundo organizadores, ao menos cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas. Dentre jornalistas, houve 15 feridos, sendo sete da **Folha**.

Para esta segunda-feira, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) afirmou que a Polícia Militar não usará balas de borracha contra os manifestantes. "Nós acreditamos em uma manifestação pacífica e organizada, em que a polícia vai apenas ordenar para que ela aconteça", disse ontem (16) o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira.

SEM LIGAÇÃO COM MOVIMENTO, GRUPOS ADEREM A PROTESTO CONTRA TARIFAS

17/06/2013

Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296631-se-ligacao-com-movimento-grupos-aderem-a-protesto-contratarifas.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Muitas pessoas sem ligação com o Movimento Passe Livre ou outros movimentos também decidiram aderir ao protesto contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trens nesta segunda-feira (17). O grupo se concentrou no largo da Batata, na região de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, antes de sair em passeata.

"Sou do movimento Tenho Consciência", brinca a professora de história, Daniela Oliveira, que participa do protesto contra as tarifas pela segunda vez. Na semana passada, ela foi atingida por uma bala de borracha --a marca permanece ainda nesta segunda-feira, mostra ela, que também apontou ser contrária ao envolvimento de partidos políticos na manifestação.

"Saí do trabalho e vim pra cá porque quero formar uma opinião própria sobre o movimento e sobre a reação da polícia, mas também porque sou contra o aumento das tarifas de ônibus", afirmou o estudante de Relações Internacionais, Nicolas Monteiro, 22, que também não participa de nenhum movimento social.

Também sem ligação com os organizadores do protesto, o professor de inglês, Thiago Bagues, 24, afirmou que a manifestação "não é mais por conta dos R\$ 0,20. Essa virou uma manifestação simbólica, que mostra a insatisfação do povo. É o primeiro bocejo da sociedade que estava dormindo", afirmou.

Ele estava com mais dois jovens que se encontraram no metrô quando iam para o local da concentração. "É interessante que um mesmo ideal tenha nos unido. A gente se conheceu vindo pra cá e descobre que tem pessoas com o mesmo ideal, com os mesmos desejos", afirmou o universitário Vitor Brolia Castilho, 18.

COMISSÃO DA VERDADE DE SP COMPARA ATUAÇÃO DA PM À REPRESSÃO NA DITADURA

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296637-comissao-da-verdade-de-sp-compara-atuacao-da-pm-a-repressao-na-ditadura.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

A Comissão da Verdade do Estado de São Paulo divulgou nota nesta segunda-feira (17) em que repudia a repressão realizada pela Polícia Militar contra manifestantes que participaram dos últimos protestos contra o reajuste da tarifa de ônibus em São Paulo, e comparou sua atuação à realizada durante a ditadura militar.

"Não se pode permitir que as mesmas ações praticadas pelos órgãos de repressão durante a ditadura militar (1964-1985) contra opositores do regime sejam repetidas pela ação violenta da PM no período democrático", afirma trecho da nota.

O texto foi divulgado horas antes do quinto protesto convocado pelo Movimento Passe Livre, que teve início às 17h, no largo da Batata.

A nota defende uma revisão no modelo da "polícia militarizada" existente no país. Para o deputado estadual Adriano Diogo (PT), presidente da comissão, deve haver distinção entre as funções das polícias e das Forças Armadas.

"Tem que mudar o conceito. Polícia é polícia, militar é militar. As polícias não podem fazer papel das Forças Armadas. Exército é preparado para a guerra, polícia tem que ter um conceito civil, é preventiva, é judiciária. A competência é separada", disse o deputado.

O petista também criticou a falta de regulamentação para o uso de armas não letais, como balas de borracha, que foram usadas pela PM nos últimos protestos em São Paulo e outras capitais, como Brasília e Rio de Janeiro.

"Não pode a Tropa de Choque usar armamento dito não letal e atirar no rosto das pessoas. Os armamentos não letais no Brasil são regulamentados pelos fabricantes. Ou seja, não têm regulamentação. É a mesma coisa que você tomar um remédio e não ter uma Anvisa para testar o laboratório", afirmou.

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), disse nesta segunda-feira que o uso de balas de borracha está proibido em manifestações públicas, inclusive protestos.

O deputado Adriano Diogo afirmou que acompanhará o ato de hoje, com o objetivo de fiscalizar e evitar um novo confronto entre manifestantes e polícia.

Leia a íntegra da nota:

Nota da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo

A Comissão da Verdade de São Paulo "Rubens Paiva" repudia a repressão promovida pela Polícia Militar do Estado de São Paulo contra os manifestantes presentes nos atos em oposição ao aumento da tarifa, organizados pelo Movimento Passe Livre.

Não se pode permitir que as mesmas ações praticadas pelos órgãos de repressão durante a ditadura militar (1964-1985) contra opositores do regime sejam repetidas pela ação violenta da PM no período democrático.

Por isso, além da memória, verdade e justiça, a Comissão da Verdade defende a necessidade de rever o modelo de polícia militarizada existente no país e debater reformas institucionais que democratizem nosso sistema de segurança pública.

MANIFESTANTES SE DIVIDEM DURANTE PASSEATA EM SÃO PAULO

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296645-manifestantes-se-dividem-em-durante-protesto-em-sao-paulo.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O grupo de manifestantes que se concentrou no largo da Batata na zona oeste de São Paulo na tarde desta segunda-feira para o protesto contra o aumento das tarifas decidiu se dividir.

Militantes do Movimento Passe Livre decidiram dividir a passeata em dois grupos. Uma parte vai pela avenida Rebouças sentido marginal Pinheiros, e outra pela avenida Faria Lima. Inicialmente, um grupo liderado pelo partido PSTU disse que seguiria em direção à avenida Paulista, mas desistiu do trajeto.

"Dividir a passeata ajuda a dividir a ordem, por isso a decisão", disse o militante Matheus Treis.

O major Wilhelm diz que não há problemas na divisão e que os manifestantes podem ir por onde quiserem, inclusive fechar vias.

"Liberdade democrática de manifestar hoje, beleza?", disse o major à **Folha**.

PROTESTO

Cerca de 30 mil pessoas, segundo estimativa da PM, se concentraram no largo da Batata, na região de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, antes de seguirem em passeata pela região. O grupo, no entanto, se dividiu em três blocos, seguindo um para a marginal Pinheiros, sentido Brooklin, pela av. Faria Lima e outra em direção a av. Paulista.

As últimas manifestações do grupo foram marcadas por confrontos com a Polícia Militar. O último caso ocorreu na quinta-feira (13), quando houve confusão na rua da Consolação, na região central. Segundo organizadores, ao menos cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas. Dentre jornalistas, houve 15 feridos, sendo sete da Folha.

Para esta segunda-feira, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) afirmou que a Polícia Militar não usará balas de borracha contra os manifestantes. "Nós acreditamos em uma manifestação pacífica e organizada, em que a polícia vai apenas ordenar para que ela aconteça", disse ontem (16) o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira.

PAI, FILHAS E NETA PARTICIPAM DE PROTESTO CONTRA TARIFAS EM SP

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296706-pai-filhas-e-neta-participam-de-protesto-contratarifas-em-sp.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Diversas famílias foram ao largo da Batata, na zona oeste de São Paulo, nesta segunda-feira, para participar da manifestação contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trem. Ao todo, a PM estima que 30 mil pessoas estejam participando do protesto.

"Fazia muito tempo que isso, uma manifestação com tantas adesões, não acontecia em São Paulo", disse o engenheiro Julio Tannus, 70, que foi ao protesto com as filhas Camila 40, e Mirian, 50, além da neta Catarina, 16, que entrou no meio dos manifestantes.

O mesmo fez a educadora Giuliana Pierro, 64, da ONG Educafórum. "É a primeira vez que um protesto não acontece necessariamente sob a tutela de partidos e ONGs milionárias. É assim que tem que ser", disse ela, que acompanhou a sobrinha de 17 anos.

Após a concentração no largo da Batata, o movimento decidiu dividir a passeata em dois grupos. Uma parte foi pela av. Rebouças sentido marginal Pinheiros, e outra pela av. Faria Lima. Inicialmente, um grupo liderado pelo partido PSTU disse que seguiria em direção à avenida Paulista, mas desistiu do trajeto.

As últimas manifestações do grupo foram marcadas por confrontos com a Polícia Militar. O último caso ocorreu na quinta-feira (13), quando houve confusão na rua da Consolação, na região central. Segundo organizadores, ao menos cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas. Dentre jornalistas, houve 15 feridos, sendo sete da Folha.

Para esta segunda-feira, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) afirmou que a Polícia Militar não usará balas de borracha contra os manifestantes. "Nós acreditamos em uma manifestação pacífica e organizada, em que a polícia vai apenas ordenar para que ela aconteça", disse ontem (16) o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira

MANIFESTANTES INCENTIVAM LENÇÓIS BRANCOS NAS JANELAS PARA QUEM NÃO FOR À PASSEATA

17/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1296410-manifestantes-incentivam-lencois-brancos-nas-janelas-para-quem-nao-for-a-passeata.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

A manifestação contra o aumento da tarifa do transporte público em São Paulo, que ocorre nesta segunda-feira (17), gerou a criação de diversos eventos nas redes sociais. Dois deles remetem ao uso de branco durante o dia.

Em evento do Facebook, com mais de 180 mil confirmados, a ideia é "vestir" a janela de branco. Os organizadores pedem para que as pessoas coloquem lençóis ou toalhas em janelas de prédios e casas, mostrando o apoio à manifestação. No Twitter, a hashtag #VemPraJanela mostra imagens de apoiadores.

O evento que incentiva o uso de roupas brancas, em que mais de 250 mil pessoas confirmaram presença, explica na descrição, em seis idiomas diferentes, que a atitude não é apenas por causa do aumento da passagem.

"É contra a violência e é nossa resposta de paz, é o nosso silêncio de indignação, é o nosso pedido de atenção e clareza nas políticas, é o nosso não contra a corrupção, é a nossa vontade de mudar alguma coisa no país."

WI-FI LIVRE

Usuários do Facebook também estão compartilhando um pedido incomum: Wi-Fi sem senha. A ideia é que aqueles que morem na região por onde a manifestação passar libere o acesso, para facilitar a comunicação.

"Você que mora na região próxima ao local da manifestação (ou por onde ela passará), deixe sua wi-fi sem senha para que todos possam compartilhar o que estará acontecendo. Isso facilita a comunicação e ajuda as pessoas a se organizarem."

'VIRGENS DE PROTESTO' E 'HABITUÉS' DE MARCHAS SE REUNIRAM NO LARGO DA BATATA

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296865-virgens-de-protesto-e-habitués-de-marchas-se-reuniram-no-largo-da-batata.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Maiara Cesário, 22, enfrentou sua primeira manifestação vestindo calça de ginástica justinha, tênis Nike rosa-choque, mochila Nike, batom e rímel. No seu kit protesto, também tinha uma máscara de pintor (R\$ 17) contra o gás lacrimogêneo, óculos de proteção (R\$ 13) e vinagre (pegou da sua mãe, em casa). Estudante de direito da Univap, Maiara veio de Campinas em um ônibus fretado. "Eu represento você aí sentado no sofá", dizia o cartaz que carregava.

"Estou aqui contra as corrupções e pelos direitos", disse. Quais? "Ah, todos." E o preço da passagem de ônibus em Campinas, também é alto? "Camila, quanto custa mesmo o ônibus?", perguntou para a amiga. "R\$ 3,30", foi a resposta.

O protesto foi eclético. Como dizia o cartaz do sociólogo Igor Disco, 27, "somos todos passageiros".

Tinha desde patricinhas desgarradas até "habitués" de passeatas, integrantes do PSOL e PSTU, membros dos movimentos idealizadores do protesto, como o Movimento Passe Livre, aposentados, sindicalistas, famílias, punks, anarquistas e anarcopunks.

Gil, 27, anarcopunk de Mogi, acredita que o protesto vai funcionar. "Lá em Mogi protestamos e conseguimos uma redução de R\$ 0,10 no preço da passagem", disse. Ele ganha R\$ 670 trabalhando numa empresa de telemarketing em São Paulo.

Na quinta-feira, não teve como vir para a capital, porque não tinha com quem deixar as filhas gêmeas de 3 anos. Hoje, ganhou "alvará da patroa".

"Está cheio de partido querendo se promover com o ato, mas esse movimento é livre", contou. "Sou anarcopunk, mas não sou violento. Sei como a passagem de ônibus pesa pra gente. Eu moro em Mogi e tomo dois trens e dois ônibus todo dia para vir trabalhar em São Paulo."

DE VOLTA

A última vez que o metalúrgico aposentado Ivo Cardoso de Andrade, 64, foi para as ruas foi em 1979, na greve no estádio de Vila Euclides, em São Bernardo do Campo. "Naquela época eu gostava muito do Lula. Mas a esquerda chega ao poder e vira burguesia", disse ele, que hoje passa a maior parte do tempo em uma comunidade de idosos em Barueri. Por que veio?

"Quero muito ver a nova presidente da UNE, ver quem será a 'nova José Dirceu'", contou Ivo, que veio de trem lendo Dom Casmurro, obra de Machado de Assis.

ESTOPIM

Abaixar o preço da passagem era o grito de guerra, mas o objetivo era mais amplo.

"A passagem de ônibus foi o estopim. Depois da violência da polícia na quinta, o objetivo do protesto passou a ser o direito de se manifestar. Cada vez que venho a um protesto destes, me sinto um cidadão um pouco menos idiota", disse o mestrando em antropologia David Reichhardt, 24, que sofreu bastante com gás lacrimogêneo na quinta. "Mesmo se baixarem as tarifas, vamos continuar protestando."

No largo da Batata, na concentração para o início da caminhada, participantes tocavam um sambinha, alguns poucos tomavam cerveja e o clima era descontraído, com a polícia bastante discreta, longe dos manifestantes. "Que vergonha, o busão tá mais caro que a maconha", gritavam alguns. Maconha, aliás, não faltou: por todo lado tinha gente enrolando um cigarro.

O ambiente era bastante familiar --o único momento de tensão foi quando o repórter da TV Globo Caco Barcellos foi expulso pela multidão aos gritos de "Fora, Globo".

Ana Massochi, dona do restaurante La Frontera, foi com o filho, a nora, uma sobrinha e amigos. "Fiquei indignada com as pessoas chamando os manifestantes de vândalos e, depois que vi a violência da polícia no último protesto, decidi que tinha de vir", disse. "Precisamos ocupar o espaço público, é um absurdo essa cidade ter tão poucos metrô."

Mariano Mattos Martins, 29, ator e designer, aproveitou o cocar de canudinhos que usou na Virada Cultural para compor seu look "pró-verde". "A revolução é verde, além de baixar o preço da passagem, precisamos ter mais áreas verdes na cidade", dizia.

Ele carregava um ramo de planta "abre caminho, que é sagrada no candomblé". Veterano das marchas da maconha, acha que, nesse protesto, é a primeira vez em que realmente as pessoas têm um propósito firme. "É uma coisa muito concreta. Estamos juntos descobrindo o poder de mobilização que temos", dizia, enquanto conversava com o namorado ao celular.

EM PROTESTO DE SP, MAIORIA NÃO TEM PARTIDO, DIZ DATAFOLHA

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296886-em-protesto-de-sp-maioria-nao-tem-partido-diz-datafolha.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Em São Paulo, 65 mil pessoas se reuniram no largo da Batata, zona oeste, para participar do protesto contra o aumento da tarifa do transporte. Desses, 84% não têm preferência partidária, de acordo com o Datafolha.

Gritando frases como "O povo unido não precisa de partido" e "Sem partido, sem partido" os manifestantes se reuniram de forma pacífica.

Ao contrário do protesto anterior, na quinta-feira, em que houve mais de 200 feridos -- 15 jornalistas, 7 da **Folha**--, dessa vez não houve confrontos, prisões ou registros de casos de vandalismo na maior parte do percurso.

A Polícia Militar acompanhou à distância e se limitou à revista de manifestantes.

O tom pacífico só foi quebrado por volta das 21h30, quando um grupo que se dirigiu ao Palácio dos Bandeirantes forçou a entrada na sede do governo paulista e foi rechaçado pela polícia. O portão chegou a ser derrubado.

De acordo com o Datafolha, 71% dos presentes participaram ontem pela primeira vez do protesto.

A maioria tem entre 26 e 35 anos e 81% se informaram do ato pelo Facebook. No total, 85% dos presentes buscaram informações pela internet.

Os manifestantes saíram em marcha pela avenida Faria Lima. O Movimento Passe Livre decidiu dividir a passeata em dois grupos. Uma parte seguiu pela Rebouças, até a marginal Pinheiros. O restante ocupou a Faria Lima.

No caminho, os manifestantes chamavam a população para participar. Nas janelas dos prédios, as pessoas colocaram lençóis e toalhas brancas em apoio à passeata.

"Não vim brincar, vim protestar", disse a aposentada Marita Ferreira, 82, que fez questão de participar.

Durante o percurso, os manifestantes pediam para que as bandeiras de partidos políticos fossem guardadas.

Os dois grupos se encontraram na ponte Octavio Frias de Oliveira. Enquanto isso, um terceiro grupo fechou a Paulista, nos dois sentidos, também de forma pacífica. O trânsito foi interrompido.

Na avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, um grupo se sentou no meio da via, gritando palavras de ordem. Os PMs que acompanhavam a manifestação também decidiram se sentar e foram aplaudidos.

MULTIDÃO

O protesto em São Paulo reuniu o maior número de participantes desde o movimento dos caras-pintadas pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor, em 25 de agosto de 1992.

Naquela ocasião, a PM calculou em 350 mil os manifestantes que se reuniram no Masp, na avenida Paulista.

Houve concentrações maiores, mas sem o caráter de protesto, como a Marcha para Jesus, em 2010, que segundo a PM reuniu 2 milhões de pessoas, e a Parada Gay de 2005, que juntou 1,8 milhão.

PASSE LIVRE MARCA NOVO PROTESTO PARA HOJE NO CENTRO DE SÃO PAULO

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296874-passe-livre-marca-novo-protesto-para-hoje-no-centro-de-sao-paulo.shtml>

Acesso em: 27/09/2017

O Movimento Passe Livre, responsável por organizar os protestos contra o aumento das tarifas na cidade de São Paulo, marcou uma nova manifestação para a tarde desta terça-feira. O ato está marcado para começar às 17h na praça da Sé, no centro da capital paulista.

Esse será a sexta manifestação feita pelo grupo contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trem em menos de duas semanas. Os outros atos foram marcados por confrontos com a polícia. No dia 13, o protesto chegou a deixar cerca de cem feridos, e mais de 200 pessoas detidas.

Na quarta-feira, representantes do grupo devem se reunir com o prefeito, Fernando Haddad (PT), no sindicato dos jornalistas, também na região central. O encontro está marcado para às 10h. No mesmo dia, o Passe Livre deve apoiar às 7h um protesto do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto) junto com o grupo Periferia Ativa, na estrada do M'Boi Mirim, em Piraporinha, zona sul.

No protesto dessa segunda-feira (17) a polícia acompanhou o protesto de longe e não tentou reprimir o ato e delimitar as vias que seriam usadas pelos manifestantes. Com isso, houve ainda menos atos de vandalismo e o protesto seguiu de forma pacífica na maior parte do tempo.

O ato gerou confusão apenas no final da noite, com os manifestantes já diante do Palácio dos Bandeirantes --sede do governo estadual. Um pequeno grupo chutou e atirou objetos contra um dos portões do local, que acabou sendo derrubado. A polícia, porém, usou bombas de gás lacrimogêneo e conseguiu evitar que as pessoas entraram no prédio.

MANIFESTANTES CLASSE A SE REÚNEM NO SHOPPING IGUATEMI ANTES DE ATO

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296873-manifestantes-classe-a-se-reunem-no-shopping-iguatemi-antes-de-ato.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Tradicional templo do consumo de luxo AAA, o shopping Iguatemi, na zona oeste paulistana, teve nesta segunda-feira (17) seu dia de "base de apoio" a manifestantes "prime".

Por volta das 16h, enquanto o Iguatemi montava uma "barricada", com duas camionetes nas entradas principais e uma barreira com ao menos 30 seguranças, lá dentro, a "concentração" dos participantes rolava no estacionamento, na praça de alimentação e nos cafezinhos.

De óculos de mergulho pendurados no pescoço, a produtora de eventos Andréa Sarubbi, 46, veio de Alphaville participar do protesto.

Deixou o carro no estacionamento do shopping e foi esperar por um grupo de dez amigas no The Coffee Shop, na entrada principal da avenida Brigadeiro Faria Lima.

"Somos manifestantes chiques", brincou. "Não uso ônibus, mas minha parceira do lar usa. É pela voz do povo, ou seja, nossa voz, que o movimento ganha força", disse.

Ao seu lado, a treinadora intercultural Sylvia Beatriz, 49, óculos de natação do filho no pescoço, passava as coordenadas pelo iPhone às amigas. "Antes, achei que fosse um movimento de 'esquerdóides', mas ganhou uma adesão incrível. Tem muitos filhos das minhas amigas aqui no protesto."

Nem o pescoço engessado --por conta de uma cirurgia na hérnia cervical-- deixou a psicóloga Denise Goulart Penteadó, 53, em casa.

Moradora de Perdizes, ela também estacionou seu carro no shopping e seguiu para a passeata. "Não pretendo ficar no meio da multidão", avisou. "Mas não dava para ficar em casa diante de uma causa que ganhou repercussão mundial", disse ela.

Frequentadora do Iguatemi há tempos, a aposentada Elaine Del Matto, 57, estava surpresa com a operação "blindagem" do shopping. "Nunca vi isso antes." Ela levou a filha, Lígia, 22, para a manifestação, mas preferiu passear pelo shopping, onde o carro estava estacionado, aos invés de encarar a multidão lá fora. "Não tenho mais condições físicas para isso."

Ao lado da famosa joalheria Tiffany & Co, a pecuarista Teresa Cristina Vendramini, 50, encontrou-se com um grupo de amigos. Ela dirigiu por seis horas de sua fazenda em Adamantina (578 km a noroeste de SP) até a capital.

Veio por causa da manifestação. "Não dá para ser omissa. O protesto é um alento, um suspiro", disse ela. "É óbvio que não se trata de uma discussão de R\$ 0,20."

Teresa Cristina disse que ali ela representava dois segmentos: o de pecuaristas e o de índios. "Na expectativa de que o governo discuta de forma mais séria e justa essa questão. É isso que quero representar aqui." E lá foram eles para a manifestação.

Às 18h20, as portas desceram. Muitas lojas fecharam.

Teve consumidor que não curtiu ficar "trancado". "Que horas vou sair daqui?", questionava a advogada Danila Roldão, 27, de Uberlândia, enquanto os manifestantes gritavam lá fora: "Oh, oh, oh, o Iguatemi fechouuu".

Danila tinha levado a amiga, a comerciária Cynara Ribeiro, 31, de Goiânia, para conhecer o Iguatemi. "Todos os meus parentes estão me ligando preocupados. Vi funcionários com medo e muitos irem embora", disse Cynara.

"Estou com raiva. Não quero ficar aqui presa. Não vejo ninguém protestando contra o aumento da cerveja. Não acho justo quando atropelam o meu direito de ir e vir."

Minutos depois, elas foram avisadas que a saída pela rua Angelina Maffei Vita estava liberada. Às 20h44, as duas portas principais da Faria Lima se abriram novamente.

AVENIDA MORUMBI SEGUE PARCIALMENTE INTERDITADA POR CONTA DE PROTESTO

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296910-avenida-morumbi-segue-parcialmente-interditada-por-conta-de-protesto.shtml>

Acesso em : 25/09/2017

A CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) montou um desvio na manhã desta terça-feira (18) na região do Palácio dos Bandeirantes, no Morumbi (zona oeste de SP), por conta de um grupo de manifestantes que interdita parte da via.

Os jovens - cerca de 30 pessoas - passaram a noite no local após o protesto de ontem (17) do Movimento Passe Livre. A CET recomenda que os motoristas evitem passar pela região.

De acordo com a CET, o trânsito está bloqueado no sentido ponte Morumbi entre a avenida Giovanni Gronchi e avenida padre Lebet.

SE LUCRO DE EMPRESÁRIOS FOR MENOR, É POSSÍVEL REDUZIR TARIFA', DIZ PASSE LIVRE

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296939-se-lucro-de-empresarios-for-menor-e-possivel-reduzir-tarifa-diz-passe-livre.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

Integrantes do Movimento Passe Livre disseram na manhã desta terça-feira (18) que a única maneira de reduzir a tarifa do transporte público é diminuir o lucro dos empresários da área.

"A gente tem que tirar o lucro dos empresários", afirmou Ariele de Souza durante encontro na sede da prefeitura entre integrantes do movimento e o Conselho da Cidade.

Segundo o Passe Livre, as manifestações "vão continuar parando o país até a revogação do aumento". O grupo também criticou o fato do governo dizer que não há maneira de reduzir a tarifa. "Se há disposição para trazer a Expo 2020 para a cidade, deve haver a mesma disposição para revogar o aumento", afirmou.

O conselho vai ouvir as reivindicações dos conselhos por cerca de 30 minutos e em seguida a Secretaria Municipal dos Transportes terá direito ao mesmo tempo para expor sua posição.

O Movimento Passe Livre pediu novamente a presença do prefeito Fernando Haddad (PT) no encontro que será promovido amanhã (19) no sindicato dos jornalistas, no centro de São Paulo.

"Queremos a redução imediata da tarifa e quem tem o poder de fazer isso é o prefeito, não este conselho." Segundo o movimento, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) também foi convidado, mas nenhum dos dois governantes confirmou presença.

Ontem (17) antes do protesto, o prefeito se encontrou com a estudante de direito Nina Cappello, 23, representante do MPL.

Em nota ontem, o movimento afirmou que o prefeito "fez diversos apontamentos e justificou que não é possível revogar o aumento da tarifa por motivos técnicos".

O MPL argumenta, porém, que "os aumentos não se tratam de uma questão técnica, mas política, como provam os diversos lugares em que a pressão popular conseguiu os reverter."

SECRETÁRIO PEDE QUE PASSE LIVRE MANTENHA ACORDO NO PRÓXIMO PROTESTO

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297006-secretario-pede-que-passe-livre-mantenha-acordo-no-proximo-protesto.shtml>

Acesso em: 25/09/2017

O secretário de Segurança Pública do Estado, Fernando Grella Vieira, pede que os manifestantes do Movimento Passe Livre mantenham o acordo feito ontem com o governo estadual para garantir uma passeata sem violência. Ontem (17), o governo recuou e permitiu que os protestos fossem feitos na marginal e na avenida Paulista.

O Movimento Passe Livre marcou uma nova manifestação para a tarde de hoje. A concentração do ato está marcada para começar às 17h na praça da Sé, no centro da capital paulista.

Esse será a sexta manifestação feita pelo grupo contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trem em menos de duas semanas. Os outros atos foram marcados por confrontos com a polícia. No dia 13, o protesto chegou a deixar cerca de cem feridos, e mais de 200 pessoas detidas.

O secretário pede que os líderes da manifestação mantenham "contato contínuo com os oficiais da PM para que a polícia possa garantir a segurança da população e das pessoas que participam do protesto", disse em nota.

Na nota, ele ainda parabenizou os manifestantes pelo protesto de ontem e a polícia pelo "ato majoritariamente pacífico".

CORONEL CASSADO NA DITADURA MILITAR CRITICA AÇÃO DA PM DE SP EM MANIFESTAÇÕES

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297043-coronel-cassado-na-ditadura-militar-critica-acao-da-pm-de-sp-em-manifestacoes.shtml>

Acesso em 26/09/2017

O coronel Ivan Proença, perseguido e cassado durante a ditadura militar (1964-1985), afirmou nesta terça-feira (18) que a Polícia Militar de São Paulo é herdeira do regime e que agiu como tal durante os recentes protestos contra o aumento da tarifa de ônibus.

"A Polícia de São Paulo é herdeira dos tempos ditatoriais. Em outros Estados, isso também acontece, mas em São Paulo é mais evidente", afirmou após prestar depoimento na Comissão da Verdade, em audiência realizada no Rio.

Ontem, a Comissão da Verdade de São Paulo divulgou uma nota em que também compara a atuação da PM com a realizada durante a ditadura militar.

Proença elogiou a manifestação da juventude, que "ocorreu de forma democrática".

"Por outro lado, me causa surpresa tamanha mobilização em um momento em que os diretórios acadêmicos das universidades estão silenciados. É preciso entender melhor de onde vem essa orquestração do movimento", afirmou.

Os protestos ocorreram em diversas cidades do país, convocados pelo Movimento Passe Livre.

DITADURA

No dia do golpe militar, em 1º de abril de 1964, o coronel do Exército defendeu um grupo de estudantes que estava acuado dentro da escola de direito da UFRJ, no Rio. "Os militares golpistas iam fuzilar esses jovens". Estavam com metralhadoras e revólveres no portão da universidade, aguardando os estudantes saírem.

Proença conta que pediu para os militares baixarem as armas. Na sequência, entrou na faculdade e escoltou os estudantes. Como consequência, foi para isolamento e teve os direitos militares cassados.

O coronel diz que durante anos foi perseguido por não concordar com a implantação do regime militar.

HADDAD PRESSIONA SENADO POR PROJETO QUE REDUZ TARIFA DE ÔNIBUS

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297106-haddad-pressiona-senado-por-projeto-que-reduz-tarifa-de-onibus.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Sob pressão para reduzir a tarifa de ônibus de São Paulo, recém-elevada para R\$ 3,20, o prefeito Fernando Haddad (PT) irá amanhã a Brasília, onde se reunirá com membros da CAE (Comissão de Assuntos Econômicas) do Senado, que incluiu em sua pauta na próxima semana o projeto do regime especial de incentivos para o transporte urbano.

O petista acompanhará comitiva de prefeitos das capitais, liderados por José Fortunati (PDT), de Porto Alegre, às 11h.

O pleito da FNP (Frente Nacional de Prefeitos), presidida pelo pedetista, é a aprovação do texto, de autoria do deputado Carlos Zaratini (PT-SP). O projeto é de caráter terminativo, ou seja, dispensa apreciação em plenário. Voltaria à Câmara após eventual aprovação.

Embora haja resistência da equipe econômica do governo quanto às desonerações previstas na proposta, auxiliares do Planalto acreditam que o clamor popular gerado pelas manifestações de rua seja levado em conta pela presidente Dilma Rousseff, a quem caberia a sanção.

Com o aval do Palácio do Planalto, o Senado começou a discutir nesta terça-feira projeto que desonera os tributos do transporte público com o objetivo de reduzir os preços das tarifas de ônibus, metrô e trens metropolitanos nas cidades brasileiras. A redução nas tarifas é uma das razões das manifestações que se multiplicam pelo país, especialmente em São Paulo Morumbi segue parcialmente interditada por conta de protesto, o que levou o governo a acelerar a proposta em discussão no Senado.

PROJETO

O projeto propõe a desoneração do transporte público urbano por meio da criação de um regime especial que exige contrapartidas dos Estados, municípios e das empresas concessionárias. Pela proposta, a desoneração terá efeito apenas mediante adesão da empresa e do órgão público responsável ao programa.

O texto estabelece a redução a zero do PIS/Pasep, por parte do governo federal, na aquisição de insumos relativos a operação dos serviços de transporte, como óleo diesel, energia elétrica e bens de capitais. Os governos estaduais têm como contrapartida zerar o ICMS e o ISS incidente sobre o transporte público.

Essa é a maior novidade do texto, já que as demais desonerações federais estão previstas em outras propostas já aprovadas pelo Congresso.

O projeto prevê a redução a zero do PIS/Pasep e da Cofins incidentes sobre as tarifas do serviço de transporte público, implementada em maio deste ano com a aprovação de medida provisória que versa sobre o tema.

O texto também determina a redução a zero da Cide na aquisição de óleo diesel utilizado como combustível dos veículos, que entrou em vigor em 2012 por meio de decreto presidencial.

Ainda prevê desconto na contribuição patronal à seguridade social, substituindo a alíquota sobre a folha de pagamento por cobrança sobre o faturamento --o que também já foi determinado em leis aprovadas pelo Congresso.

Segundo o relator, há requisitos e contrapartidas para adesão ao programa de desonerações como assinatura de convênio com o governo federal, feita pelo governo local, para a redução de taxas, tributos e a implantação do regime de bilhete único ou sistema de transporte integrado.

Em relação às empresas concessionárias, uma das contrapartidas é o compromisso de praticar tarifas calculadas e repasses dos seus dados econômicos aos órgãos responsáveis pelo programa.

O projeto determina ao Poder Executivo fixar anualmente o montante de renúncia fiscal da União, sendo que não haveria limite enquanto esse montante não for fixado. O texto ainda propõe um desconto mínimo de 75% sobre as tarifas de energia elétrica consumida nos sistemas de metrô e trens metropolitanos e trólebus, a ser compensado por aumento das tarifas aos demais consumidores.

No relatório, Lindbergh estima os impactos da desoneração de até 0,08% do PIB (Produto Interno Bruto) ou receitas de R\$ 4,3 bilhões a R\$ 4,7 bilhões em tributos federais, aplicando-se às projeções do PIB para 2014 e 2015.

As regras também vão valer para os monotrilhos e VLT (Veículos Leves sobre Trilhos), que vêm sendo implementados em algumas capitais do país.

PROTESTOS DEVEM PARAR RUAS DA PERIFERIA DA GRANDE SÃO PAULO AMANHÃ

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297154-protestos-devem-parar-ruas-da-periferia-da-grande-sao-paulo-amanha.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

O MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e o Movimento Periferia Ativa prometem parar ruas da periferia da Grande São Paulo nesta quarta-feira (19) para um protesto a favor das demandas dos trabalhadores.

As vias importantes que vão ser paralisadas pelos manifestantes são: Terminal Ferrazópolis, no centro de São Bernardo do Campo, às 6h30; largo do Piraporinha, no M'Boi Mirim, às 7h e praça do Taboão, início da rodovia Régis Bittencourt, às 7h.

Os grupos, que vão contar com o apoio do Movimento Passe Livre, reivindicam a revogação do aumento das tarifas do transporte público, medidas de controle do preço dos alugueis e vão protestar contra a criminalização dos movimentos sociais.

"Estamos nos solidarizando com o Movimento Passe Livre na luta contra o aumento das tarifas e a ideia também é se aproximar ainda mais dos trabalhadores que estão sofrendo com o aumento dos alugueis", afirma Natália Szermeta, 25, militante do MTST.

"O protesto não só trará a juventude da militância, mas principalmente a dos trabalhadores", completa a ativista.

Segundo o electricista Gilson Garcia, 30, que integra o Movimento Periferia Ativa, o objetivo do protesto é uma forma de pressionar as autoridades a atender as reivindicações, na linha do que o Passe Livre vem fazendo na capital.

"A gente quer que seja feita a ampliação da estrada do M'Boi Mirim em duas faixas para desafogar o trânsito, o trabalhador perde muito tempo no trânsito. Isso foi prometido, mas não foi feito, muito pelo contrário, eles aumentaram o preço do transporte público", afirma Garcia. "Agora a periferia também vai parar", completa.

SERRA DEFENDE PROTESTOS E DIZ QUE HADDAD DESCUMPRE PROMESSAS

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297237-serra-defende-protestos-e-diz-que-haddad-descumpre-promessas.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

O ex-governador de São Paulo José Serra (PSDB) usou seu Twitter para manifestar apoio aos atos que tomaram conta das principais cidades brasileiras na noite de ontem e criticar o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), por "descumprir promessas de campanha". Na eleição do ano passado, o petista derrotou o tucano no segundo turno.

"Os jovens foram às ruas em todo o país e suas demandas devem ser ouvidas. Há uma minoria baderneira, mas a maioria é pacífica", escreveu. "O protesto é nacional, difuso e inusitado. Isso revela a frustração coletiva de quem cresceu vendo promessas descumpridas."

Ao nacionalizar os atos, Serra segue a mesma linha adotada pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB), que, em nota divulgada pelo Palácio dos Bandeirantes nesta terça-feira, afirmou que "ficou clara a dimensão nacional dos movimentos", numa tentativa de tirar sua gestão do foco dos protestos. "Aqui em São Paulo, promessas de campanha, como baratear

tarifas e fazer o bilhete único mensal, mostraram-se verdadeiras farsas", disse Serra, numa referência a Haddad. "Em todo o país, além dos pleitos locais específicos, há desesperança e saturação. Os jovens estão certos, é preciso mudar o Brasil", concluiu.

PROTESTOS

Os protestos contra as tarifas do transporte público se espalharam por várias capitais do país e reuniu ao menos 215 mil pessoas ontem. Em algumas cidades houve registro de atos de violência.

Os atos reuniram a maior quantidade de manifestantes desde a mobilização dos caras-pintadas pelo impeachment do presidente Fernando Collor, em 1992. Embora tenha havido atos que concentraram mais gente desde então, não tinham esse caráter de protesto.

As manifestações de ontem carregaram diversas bandeiras além de questionar as tarifas do transporte coletivo ---da ética na política a investimentos em saúde e contra gastos da Copa de 2014. Muitos políticos foram alvos de repúdio, como a presidente Dilma Rousseff (PT), os governadores Sérgio Cabral (PMDB-RJ) e Geraldo Alckmin (PSDB-SP) e o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT-SP).

PROTESTO REÚNE 50 MIL PESSOAS EM PASSEATA NO CENTRO DE SP

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297256-protesto-reune-cerca-de-10-mil-pessoas-em-passeata-no-centro-de-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Cerca de 50 mil pessoas, segundo o Datafolha, iniciaram por volta das 17h50 desta terça-feira uma passeata pela região central de São Paulo em mais um protesto contra o aumento das tarifas de ônibus, metrô e trens.

O grupo se reuniu na praça da Sé e se dividiu no momento da passeata, indo um em direção à prefeitura e outro em direção ao terminal Parque Dom Pedro 2º. Não foi informado, porém, o destino final do ato. Um cordão de guardas municipais protegia por volta das 18h a entrada da prefeitura. O clima, porém, era tranquilo, sem registro de confrontos.

O público é formado na maioria por jovens e estudantes. As bandeiras de partidos estão proibidas no manifesto. Os únicos estandartes aceitos são da UNE (União Nacional Estudantil), do próprio "Movimento Passe Livre" e de frentes contra a corrupção.

Durante a passeata, o grupo passou na frente da Secretaria de Segurança Pública, onde formou um coro pedindo que o ato ocorra "sem violência".

Esse é o sexto protesto promovido contra o aumento das passagens de transporte público. Os primeiros atos foram marcados por confrontos entre policiais e manifestantes. O protesto mais violento ocorreu na última quinta-feira (13), quando cerca de cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas.

A manifestação com maior número de pessoas, no entanto, ocorreu ontem, quando reuniu cerca de 65 mil, segundo o Datafolha. O ato ocorreu de forma pacífica na maior parte do tempo, tendo ocorrido tumulto apenas na frente do Palácio dos Bandeirantes, já no fim da noite. Não houve, porém, feridos ou detidos.

HADDAD VAI DISCUTIR TARIFA COM LULA E DILMA EM CONGONHAS, EM SP

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297260-haddad-vai-discutir-tarifa-com-lula-e-dilma-em-congonhas-em-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), deixou no início da noite desta terça-feira o seu gabinete na prefeitura, na região central da cidade, para se encontrar com a presidente Dilma Rousseff e com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Tanto ele quanto o ex-presidente foram ao encontro de Dilma no aeroporto de Congonhas, onde ela se prepara para decolar de volta a Brasília. Ela chegou no início da tarde à cidade para se encontrar com seu padrinho político.

Dilma trouxe o ministro Aloizio Mercadante, da Educação, seu principal conselheiro atualmente. A eles se juntaria o marqueteiro João Santana, responsável pelas campanhas eleitorais de Lula, Dilma e Haddad. A informação de que Santana estará com eles no aeroporto não foi confirmada.

Neste momento, manifestantes do Movimento Passe Livre protestam na região central de São Paulo. Esse é o sexto protesto promovido contra o aumento das passagens de transporte público. Os primeiros atos foram marcados por confrontos entre policiais e manifestantes. O protesto mais violento ocorreu na última quinta-feira (13), quando cerca de cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas.

A manifestação com maior número de pessoas, no entanto, ocorreu ontem, quando reuniu cerca de 65 mil, segundo o Datafolha. O ato ocorreu de forma pacífica na maior parte do tempo, tendo ocorrido tumulto apenas na frente do Palácio dos Bandeirantes, já no fim da noite. Não houve, porém, feridos ou detidos.

Haddad sinalizou no começo da tarde que poderá rever o aumento da tarifa, desde que algumas providências, como a desoneração de impostos federais e estaduais, sejam adotadas.

Este será um dos assuntos da pauta dele com Dilma e Lula. Outro tema é a renegociação da dívida da Prefeitura de São Paulo com o governo federal. O prefeito alega que o pagamento dos serviços correspondentes ao débito oneram o caixa municipal.

MANIFESTANTES TENTAM INVADIR A PREFEITURA DE SP DURANTE PROTESTO

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297302-manifestantes-tentam-invadir-a-prefeitura-de-sp-durante-protesto.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Um grupo de manifestantes tentou invadir a Prefeitura de São Paulo na noite desta terça-feira durante o protesto contra o aumento das tarifas de ônibus, metrô e trem. Guardas civis que faziam um cordão de proteção e entraram no prédio, enquanto manifestantes pichavam o local e atiravam objetos.

A polícia chegou a usar spray de pimenta contra os manifestantes depois que eles atravessaram a proteção de grades que cercava o prédio. Alguns manifestantes tentavam acalmar os mais exaltados e recolocaram as grades de proteção. Até o momento, não havia informações de pessoas feridas ou detidas.

O grupo se reuniu na praça da Sé e se dividiu no momento da passeata, indo um em direção à prefeitura e outro em direção ao terminal Parque Dom Pedro 2°.

O público é formado na maioria por jovens e estudantes. As bandeiras de partidos estão proibidas no manifesto. Os únicos estandartes aceitos são da UNE (União Nacional Estudantil), do próprio "Movimento Passe Livre" e de frentes contra a corrupção.

Durante a passeata, o grupo passou na frente da Secretaria de Segurança Pública, onde formou um coro pedindo que o ato ocorra "sem violência".

Esse é o sexto protesto promovido contra o aumento das passagens de transporte público. Os primeiros atos foram marcados por confrontos entre policiais e manifestantes. O protesto mais violento ocorreu na última quinta-feira (13), quando cerca de cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas.

A manifestação com maior número de pessoas, no entanto, ocorreu ontem, quando reuniu cerca de 65 mil, segundo o Datafolha. O ato ocorreu de forma pacífica na maior parte do tempo, tendo ocorrido tumulto apenas na frente do Palácio dos Bandeirantes, já no fim da noite. Não houve, porém, feridos ou detidos.

CARRO DA RECORD É DEPREDADO E INCENDIADO DURANTE PROTESTO EM SP

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297369-carro-da-record-e-depredado-e-incendiado-durante-protesto-em-sp.shtml>

Acesso em: 27/09/2017

Um carro da Record foi depredado e incendiado por um grupo de manifestantes na noite desta terça-feira durante o protesto contra as tarifas do transporte público, que ocorre na região central de São Paulo. As pessoas que estavam no veículos fugiram do local após a abordagem do grupo.

Os manifestantes também incendiaram uma base da Polícia Militar, na praça do Patriarca, e depredaram uma agência do banco Itaú. As grades de ferro que faziam o isolamento da prefeitura foram usadas nos atos de vandalismo, inclusive na tentativa de arrombar uma porta de madeira na lateral da prefeitura.

Mais cedo, um grupo tentou invadir a entrada principal da prefeitura. Os guardas-civis que faziam um cordão diante do prédio entraram na prefeitura para não serem atingidos pelos objetos que eram lançados em direção a eles. Os muros do prédio também foram pichados pelos manifestantes.

No protesto do último dia 11, pelo menos, 15 jornalistas ficaram feridos, segundo levantamento da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo). Apenas da **Folha**, foram sete jornalistas atingidos por balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo.

Cerca de 50 mil pessoas, segundo o Datafolha, iniciaram por volta das 16h30 desta terça-feira o protesto na região central de São Paulo. O grupo acabou se dividindo em passeata. Por volta das 20h30, havia manifestantes interditando a av. Paulista, a rua da Consolação, a marginal Pinheiros e o viaduto do Chá, onde fica a prefeitura.

Esse é o sexto protesto promovido contra o aumento das passagens de transporte público. Os primeiros atos foram marcados por confrontos entre policiais e manifestantes. O protesto mais violento ocorreu na última quinta-feira (13), quando cerca de cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas.

A manifestação com maior número de pessoas, no entanto, ocorreu ontem, quando reuniu cerca de 65 mil, segundo o Datafolha. O ato ocorreu de forma pacífica na maior parte do tempo, tendo ocorrido tumulto apenas na frente do Palácio dos Bandeirantes, já no fim da noite. Não houve, porém, feridos ou detidos.

Veja nota da Record:

A Rede Record de Televisão vem a público informar que todos os profissionais que trabalhavam na transmissão ao vivo das manifestações em São Paulo escaparam ilesos do incêndio no caminhão usado para a captação de imagens.

O protesto na porta da Prefeitura de São Paulo que teve momentos de tensão com a tentativa de invasão do prédio já estava esvaziado.

A grande maioria dos manifestantes já tinha deixado o local em passeata. Por isso, a Record tem a certeza de que foi atacada por uma minoria de vândalos.

Antes que o carro saísse, um grupo atacou o veículo com pedras e depois colocou fogo nos equipamentos.

A Record reafirma o seu compromisso de transmitir com fidelidade o protesto pacífico de milhares de pessoas nas ruas brasileiras e lamenta apenas que pequenos grupos tentem impor as suas ideias pela violência.

APÓS SAQUES, PM REFORÇA POLÍCIAMENTO E USA BOMBAS NO CENTRO DE SP

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297399-apos-saques-pm-reforca-policiamento-e-usa-bombas-no-centro-de-sp.shtml>

Acesso em 26/09/2017

Policiais da Força Tática reforçaram o policiamento na região central de São Paulo após o registro de saques e depredações na noite dessa terça-feira. Foram usadas bombas de gás lacrimogêneo e, ao menos, oito pessoas foram presas.

Os saques se concentraram nas ruas São Bento e Direita. Foram quebradas vitrines e manequins, lançados contra outras lojas e agências bancárias. Pessoas foram vistas carregando eletrodomésticos de lojas invadidas.

Entre as lojas invadidas estão a Dibs, Marisa, Cacau Show e Claro. Também houve depredação de uma agência do Itaú e de uma base da Polícia Militar. Um carro da Record também foi depredado e incendiado na região da prefeitura.

Pessoas que trabalham e moram na região estão sem poder sair nas ruas devido ao medo da ação dos manifestantes, inclusive funcionários da prefeitura.

Mais cedo, um grupo tentou invadir a entrada principal da prefeitura. Os guardas-civis que faziam um cordão diante do prédio entraram na prefeitura para não serem atingidos pelos objetos que eram lançados em direção a eles. Os muros do prédio também foram pichados pelos manifestantes.

Ao contrário do que se vê na região central, o protesto na avenida Paulista é pacífico. A multidão toma toda a via, nos dois sentidos. PMs, que estavam em uma base móvel, na frente do parque Trianon, recebem flores dos manifestantes.

APÓS DEPREDÇÃO, LINHA 9 DA CPTM VOLTARÁ A OPERAR APENAS NESTA QUARTA

18/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297412-apos-depredacao-linha-9-da-cptm-voltara-a-operar-apanas-amanha.shtml>

Acesso em: 26/07/2017

Os trens da linha 9-esmeralda da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) voltarão a operar apenas às 4h de quarta-feira, segundo a companhia. A linha suspendeu as viagens no início da noite de hoje após sofrer atos de depredação.

Segundo a CPTM, o problema começou quando um usuário acionou indevidamente os botões de emergência de um trem que passava pela estação Morumbi e desceram na via, o que fez com que outras composições trafegassem com velocidade reduzida e maior tempo de parada.

Por ser horário de pico, as plataformas ficaram cheias e um grupo iniciou a depredação de algumas composições, o que levou à suspensão das operações. Os locais atingidos ainda não foram informados pela CPTM. Também não há informação se os atos têm relação com o protesto que ocorre no centro da cidade.

O Paese --que oferece ônibus de graça nos trechos com o serviço interrompido-- foi acionado para atender os passageiros afetados pela suspensão das operações da linha 9-esmeralda.

Mais cedo, as operações na linha 7-rubi também ficou suspensa em um trecho por conta de manifestantes que bloquearam as passagens de nível na região das estações Caieiras e Franco da Rocha. A circulação, porém, foi retomada por volta das 21h30.

ALCKMIN, HADDAD, NEYMAR E FIFA SÃO ALVOS DE GRITOS DE PROTESTO EM MANIFESTAÇÃO DE SP

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1296934-alckmin-haddad-neymar-e-fifa-sao-alvos-de-gritos-de-protesto-em-manifestacao-de-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

O governador de São Paulo Geraldo Alckmin, o prefeito Fernando Haddad e o atacante Neymar estiveram "presentes" na manifestação.

Pelo menos nos gritos de protesto que os cerca de 65 mil manifestantes entoavam durante a passeata pelas ruas de São Paulo nesta segunda-feira (17).

A Fifa, as obras da Copa do Mundo e a Polícia Militar também foram lembrados.

Abaixo, confira frases e gritos dos manifestantes na capital paulista:

"Brasil, vamos acordar, um professor vale mais do que o Neymar"

"Ei, Fifa, paga minha tarifa!"

"O povo não é bobo, abaixo a rede Globo"

"Copa do Mundo, eu abro mão. Quero dinheiro pra saúde e educação"

"Olha que legal: Brasil parou e nem é Carnaval"

"Que coincidência: não tem polícia, não tem violência"

"Ei, polícia, vinagre é uma delícia"

"Vem pra rua, vem, contra o aumento"

"Ô, motorista, ô cobrador, me diz aí se seu salário aumentou"

"Ô, o povo acordou..."

"Povo na rua, Geraldo é culpa sua"

"O povo unido não precisa de partido"

"Haddad, cu, paga o meu busão"*

"Ei, você aí, não vai deixar a prefeitura te engolir"

"Tira a gravata e vem para a passeata"

"Hoje busão, amanhã educação"

"Pula, sai do chão, contra o aumento do busão"

"O povo unido é gente para caramba"

"Mãos para o alto, R\$ 3,20 é um assalto"

*"O povo unido jamais será vencido"
"Quem não pula quer tarifa"*

HADDAD DIZ QUE REDUZIR TARIFA AGORA SERIA MEDIDA POPULISTA

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297611-haddad-diz-que-reducao-da-tarifa-seria-medida-populista.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Em entrevista coletiva realizada na manhã desta quarta-feira, o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), afirmou que reduzir a tarifa de ônibus seria uma medida populista e que a decisão implicaria retirar dinheiro de outras áreas do Orçamento.

"A coisa mais fácil do mundo é agradecer no curto prazo, tomar uma decisão de caráter populista sem explicar para a sociedade as implicações da decisão", disse. "Essas escolhas não são simples porque trazem impacto. Existem demandas de creches, de hospitais, demandas as mais variadas na cidade de São Paulo."

Haddad apontou como única possibilidade para a redução da tarifa a aprovação de um projeto de lei em discussão na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado. O projeto prevê a isenção do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) sobre diesel e pneu, entre outros insumos, para empresas de transporte coletivo.

"Estamos colocando R\$ 600 milhões a mais na conta do subsídio para manter a tarifa nesse patamar, qualquer mudança disso implicará prejuízo para outras áreas. Não temos três alternativas, só temos duas: ou cortar de outras áreas ou avançar na política de desoneração", disse.

Com a desoneração, disse o prefeito, seria possível abaixar a tarifa em cerca de 7%. O aumento de R\$ 3 para R\$ 3,20, em vigor desde 1º de junho, foi de 6,67%.

O subsídio é pago às empresas de ônibus porque o sistema de transporte municipal não arrecada o suficiente para fechar as contas. Pelos cálculos da prefeitura, neste ano o subsídio chegará ao valor recorde de R\$ 1,25 bilhão. Caso o aumento seja revogado e a tarifa congelada até o fim da gestão, em 2016 o subsídio chegará a R\$ 2,7 bilhões.

O Orçamento da prefeitura para 2013 é de R\$ 42 bilhões.

CONVERSA

Haddad disse que conversou sobre o projeto de desoneração com a presidente Dilma Rousseff ontem, no aeroporto de Congonhas, mas negou que o encontro tenha sido emergencial, pois estava previsto antes da série de protestos. Ele disse ainda que telefonou ao ministro Guido Mantega (Fazenda).

Além do projeto, ele disse que tratou de recursos federais para a construção de corredores de ônibus no âmbito do PAC Mobilidade.

"Se eu tenho corredor de ônibus, diminuo os custos de transporte na cidade e melhora a qualidade porque vou gastar menos combustível, o mesmo motorista e cobrador vão poder transportar mais pessoas por hora de trabalho."

O prefeito criticou as gestões passadas de José Serra (PSDB) e Gilberto Kassab (PSD) por não terem construído corredores. "Se a prefeitura tivesse construído os corredores que prometeu, a velocidade do ônibus não seria a que é hoje."

Ele também disse que não irá usar a verba destinada à implantação do Bilhete Único Mensal para financiar uma redução da tarifa. O projeto, que permite viagens ilimitadas de ônibus por 30 dias e deve começar em novembro, tem impacto estimado em R\$ 400 milhões no subsídio da prefeitura.

"Imaginar que nós podemos abrir mão de uma proposta que nós fizemos e com a qual nos comprometemos para usar o recurso em outra direção é criar uma contradição, que na minha opinião não deveria ocorrer, entre a rua e a urna."

VANDALISMO

Sobre os episódios de violência ocorridos ontem, durante o sexto protesto contra o aumento da passagem de ônibus, o prefeito disse que existem grupos no movimento que querem interditar o diálogo.

"Infelizmente o debate tem sido interditado por grupos que não confiam na democracia. São criminosos os que estão agindo nas ruas", criticou.

"Gestos como o de ontem não contribuem para o funcionamento da cidade. Independente da manifestação, as pessoas têm o direito de chegar ao trabalho, de chegar em casa. Mas você não precisa, para ter manifestação, excluir os demais direitos das pessoas. O que aconteceu foi uma atrocidade contra a cidade."

Sobre as críticas de que a Polícia Militar demorou a agir ontem, Haddad disse que telefonou ao secretário Fernando Grella (Segurança Pública) e ao governador Geraldo Alckmin (PSDB) e ouviu explicações de que a polícia está orientada a evitar conflito e só agir em último caso.

"Obviamente, depois da quinta-feira, existe uma preocupação muito grande para que, de parte da população, não haja uma percepção de que a polícia esteja em contradição com ela. Existe uma preocupação grande da Polícia Militar neste momento de só agir em último caso, preservando a integridade física das pessoas."

Na quinta-feira (13), a PM foi criticada por ter contido a manifestação com uso indiscriminado de balas de borracha, que atingiram inclusive jornalistas, e detenções de pessoas que portavam apenas frascos com vinagre --usado para amenizar os efeitos do gás lacrimogêneo.

Haddad disse ainda que a GCM (Guarda Civil Metropolitana) preservou o prédio da prefeitura e só acionou a PM "no tempo devido".

ESTUDANTE DE ARQUITETURA É DETIDO SOB SUSPEITA DE APEDREJAR PREFEITURA

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297767-estudante-de-arquitetura-e-detido-sob-suspeita-de-apedrejar-prefeitura.shtml>

Acesso em: 26/07/2017

A Polícia Civil prendeu o jovem identificado como Pierre Ramon Alves de Oliveira, 20, que aparece em imagens como um dos integrantes do grupo que destruiu a entrada da Prefeitura de São Paulo durante os protestos contra o aumento da tarifa na terça-feira (18).

O rapaz é estudante de arquitetura de uma universidade privada. Ele e o pai e filho trabalham na pequena empresa familiar de entregas. A polícia diz que ele não é ligado a nenhum partido político nem ao Movimento Passe Livre e não tem antecedentes criminais.

No Facebook, o jovem diz ser adepto de artes marciais, como Muay Thai e Jiu-Jitsu, das quais ele compartilha páginas oficiais. Fotos na rede social mostram Oliveira abraçado com amigos, pouco antes dos atos de vandalismo na prefeitura.

Por volta das 17h desta quarta-feira, o jovem prestava depoimento no Deic (Departamento de Investigações sobre o Crime Organizado). A polícia confirmou que era ele após ouvir testemunhas e confrontar a foto dele com as que constam na página dele em redes sociais.

Após o depoimento do jovem, a polícia deve pedir a prisão temporária dele por dano a patrimônio público e formação de quadrilha. A **Folha**, porém, apurou com policiais, que Ramon não era líder do grupo, e apenas acompanhou manifestantes que atacaram a prefeitura.

"O menino é trabalhador. Ajuda o pai em uma empresa familiar. É universitário, não se trata de um criminoso", disse um investigador. O rapaz, que não tem passagem pela polícia, está acompanhado de um advogado. A **Folha** ainda não acesso a ele.

Vestido com uma camisa branca, ele usava uma máscara que protege dos efeitos de gás lacrimogêneo no momento do protesto. Porém, ele abaixou a máscara várias vezes, mostrando o rosto. Ramon não foi, porém, o primeiro a atacar a prefeitura. A **Folha** estava no local no momento do ato e entrevistou alguns dos agressores. Vários jovens começaram a atirar pedras ao mesmo tempo. Ramon usou uma barreira metálica para quebrar vidros da entrada.

O protesto de ontem começou de forma pacífica na praça da Sé, mas um grupo mais exaltado atravessou a grades que faziam o isolamento na frente da prefeitura e atiraram objetos contra os guadas-civis que faziam um cordão na frente do prédio. Ao menos dois guardas ficaram feridos.

Houve ainda pichações ao prédio da prefeitura e bandeiras hasteadas na frente do prédio foram arrancadas. Mais tarde, um grupo de pessoas ainda depredou e saqueou lojas da região central. Até a madrugada, ao menos, 63 pessoas tinham sido detidas.

TARIFA DO TRANSPORTE PÚBLICO EM SÃO PAULO VOLTARÁ A CUSTAR R\$ 3

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297853-alcmin-e-haddad-farao-anuncio-conjunto.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito Fernando Haddad (PT) anunciarão às 18h a redução da tarifa de transporte público em São Paulo, que volta a ser de R\$ 3.

A decisão foi tomada diante do aumento das manifestações contra o alto custo dos bilhetes de ônibus, trem e metrô na capital e no Estado.

O anúncio será feito no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista. Por volta das 17h40, Haddad já estava no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista, onde teve reunião com Alckmin e equipe.

Ontem, ocorreu o sexto protesto contra as tarifas na capital paulista. O ato começou de forma pacífica na praça da Sé, mas um grupo mais exaltado atravessou a grades que faziam o isolamento na frente da prefeitura e atiraram objetos contra os guadas-civis que faziam um cordão na frente do prédio. Ao menos dois guardas ficaram feridos.

Houve ainda pichações ao prédio da prefeitura e bandeiras hasteadas na frente do prédio foram arrancadas. Mais tarde, um grupo de pessoas ainda depredou e saqueou lojas da região central. Até a madrugada, ao menos, 63 pessoas tinham sido detidas.

VANDALISMO

Sobre os episódios de violência ocorridos ontem, durante o sexto protesto contra o aumento da passagem de ônibus, o prefeito disse que existem grupos no movimento que querem interditar o diálogo.

"Infelizmente o debate tem sido interditado por grupos que não confiam na democracia. São criminosos os que estão agindo nas ruas", criticou.

"Gestos como o de ontem não contribuem para o funcionamento da cidade. Independente da manifestação, as pessoas têm o direito de chegar ao trabalho, de chegar em casa. Mas você não precisa, para ter manifestação, excluir os demais direitos das pessoas. O que aconteceu foi uma atrocidade contra a cidade."

Sobre as críticas de que a Polícia Militar demorou a agir ontem, Haddad disse que telefonou ao secretário Fernando Grella (Segurança Pública) e ao governador Geraldo Alckmin (PSDB) e ouviu explicações de que existe uma preocupação da polícia em só agir em último caso.

"Obviamente, depois da quinta-feira, existe uma preocupação muito grande para que, de parte da população, não haja uma percepção de que a polícia esteja em contradição com ela. Existe uma preocupação grande da Polícia Militar neste momento de só agir em último caso, preservando a integridade física das pessoas."

Na quinta-feira (13), a PM foi criticada por ter contido a manifestação com uso indiscriminado de balas de borracha, que atingiram inclusive jornalistas, e detenções de pessoas que portavam apenas frascos com vinagre --usado para amenizar os efeitos do gás lacrimogêneo.

Haddad disse ainda que a GCM (Guarda Civil Metropolitana) preservou o prédio da prefeitura e só acionou a PM "no tempo devido".

'ELE ACHOU QUE ERA O DIA DELE', DIZ DELEGADO SOBRE JOVEM QUE APEDREJOU PREFEITURA DE SP

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297967-ele-achou-que-era-o-dia-dele-diz-delegado-sobre-jovem-que-apedrejou-prefeitura-de-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2016

O delegado do Deic (Departamento de Investigações Sobre o Crime Organizado), Antônio de Olim, disse que Pierre Ramon Alves de Oliveira, 20, insuflou os outros manifestantes para que apedrejassem a prefeitura.

"Ele é arrogante. Estava na manifestação, todo fortinho, lutador de jiu-jitsu. Achou que era o dia dele e começou a quebrar tudo", disse Olim. De acordo com o policial, ele machucou guardas após atirar pedras.

Oliveira se entregou num posto de gasolina na marginal Tietê, na região do Pari. Ele estava na área junto com o pai, fazendo uma entrega de máquinas --pai e filho trabalham na pequena empresa familiar de entregas.

Ao se entregar, o jovem tinha manchas de graxa na camisa, consequência do trabalho. Ele decidiu fazer isso depois que policiais foram até a casa de Oliveira e conversaram com a mãe dele.

Desesperada, ela ligou para o filho, que decidiu parar no posto após conversar por telefone com um dos policiais. Pierre Ramon Alves de Oliveira nasceu em Garanhuns (PE). Segundo o advogado dele, Gerson Belani, ele chorou ao depor.

"Eu atirei pedra depois que os guardas jogaram spray de pimenta no rosto das pessoas. Fiquei revoltado", disse Oliveira, segundo seu advogado Gerson Belani.

Segundo o defensor, ele se arrependeu depois que viu a quantidade de jornalistas que fotografavam e filmavam a cena. Ainda não há decisão sobre o pedido de prisão de Oliveira.

Vestido com uma camisa branca, ele usava uma máscara que protege dos efeitos de gás lacrimogêneo no momento do protesto. Porém, ele abaixou a máscara várias vezes, mostrando o rosto. Ramon não foi, porém, o primeiro a atacar a prefeitura. A **Folha** estava no local no momento do ato e entrevistou alguns dos agressores. Vários jovens começaram a atirar pedras ao mesmo tempo. Ramon usou uma barreira metálica para quebrar vidros da entrada.

O protesto de ontem começou de forma pacífica na praça da Sé, mas um grupo mais exaltado atravessou a grades que faziam o isolamento na frente da prefeitura e atiraram objetos contra os guardas-civis que faziam um cordão na frente do prédio. Ao menos dois guardas ficaram feridos.

Houve ainda pichações ao prédio da prefeitura e bandeiras hasteadas na frente do prédio foram arrancadas. Mais tarde, um grupo de pessoas ainda depredou e saqueou lojas da região central. Até a madrugada, ao menos, 63 pessoas tinham sido detidas.

PASSE LIVRE CONFIRMA ATO DE AMANHÃ E DIZ QUE LUTA AGORA PELA TARIFA ZERO

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297972-mpl-confirma-ato-de-amanha-e-diz-que-luta-agora-pela-tarifa-zero.shtml>

Acesso em: 26/07/2017

Logo após o anúncio da redução de tarifa do transporte público, os membros do Movimento Passe Livre se reuniram em um bar para comemorar.

Em clima de festa, eles garantem que o ato desta quinta-feira (20) está mantido e que a luta agora é pela tarifa zero. "O MPL agora é, de fato, Passe Livre", disse Pedro Bernardo, 28.

"Não é para remanejar nada, tirar nada da saúde e da educação. Tem é que diminuir o lucro do empresário [de ônibus]", afirmou, referindo-se aos custos da redução da tarifa

Por volta das 19h, um grupo de 40 pessoas do MPL decidiu seguir para a avenida Paulista, onde outras pessoas já comemoravam.

O protesto de amanhã está marcado para as 17h, na praça do Ciclista, na avenida Paulista, na região central de São Paulo.

TARIFA

Após negociação entre os governos municipal e estadual, a tarifa de ônibus, metrô e trens de São Paulo voltará a custar R\$ 3 a partir de segunda-feira. O anúncio foi antecipado pela **Folha**, e anunciado pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB) e pelo prefeito Fernando Haddad (PT), na noite de hoje, no Palácio dos Bandeirantes.

Alckmin já falou que o retorno da tarifa para R\$ 3 representa um "esforço" e acrescentou que serão cortados gastos para que a mudança seja possível. Já o prefeito afirmou que "investimentos serão comprometidos" por conta disso.

O governo ainda não disse quais obras serão afetadas por essa redução nos investimentos. O secretário do Planejamento, Julio Semeghini, afirmou que está estudando alternativas.

NÃO SÃO SÓ 20 CENTAVOS', DIZEM MANIFESTANTES NA AVENIDA PAULISTA

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297985-nao-sao-so-20-centavos-dizem-manifestantes-na-avenida-paulista.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Um grupo com aproximadamente mil pessoas está neste momento em frente à sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), na avenida Paulista, região central de São Paulo. Os manifestantes fecham a via e rumam no sentido da rua da Consolação.

Entoam o slogan "Não são só 20 centavos", em referência ao aumento da tarifa de ônibus no município, revogado nesta quarta-feira pelo prefeito Fernando Haddad (PT).

As rodovias Castello Branco, Ayrton Senna e Régis Bittencourt tinham trechos bloqueados por volta das 19h30 desta quarta-feira devido a manifestações. Muitos grupos saíram em protesto pela região metropolitana de São Paulo após o anúncio da redução das tarifas do transporte público.

TARIFA

Uma série de protestos vinha acontecendo em São Paulo e outras capitais do país nas duas últimas semanas contra o reajuste das tarifas. Com isso, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito Fernando Haddad (PT) anunciaram hoje que a passagem, que havia subido para R\$ 3,20, voltará para R\$ 3, na segunda-feira.

Alckmin já falou que o retorno da tarifa para R\$ 3 representa um "esforço" e acrescentou que serão cortados gastos para que a mudança seja possível. Já o prefeito afirmou que "investimentos serão comprometidos" por conta disso.

O governo ainda não disse quais obras serão afetadas por essa redução nos investimentos. O secretário do Planejamento, Julio Semeghini, afirmou que está estudando alternativas.

PÚBLICO DO THEATRO MUNICIPAL SE SURPREENDE POR AÇÃO DE MANIFESTANTES

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297461-publico-do-theatro-municipal-se-surpreende-por-acao-de-manifestantes.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Os espectadores que deixaram a sala do Theatro Municipal no intervalo entre os dois atos da ópera "The Rake's Progress", entre 20h e 23h dessa terça-feira (18), foram surpreendidos por ações de manifestantes do lado de fora da casa.

Várias pessoas presentes na apresentação relataram à **Folha** que um pequeno grupo de manifestantes deu chutes e jogou objetos contra a porta de entrada do teatro.

"A rua da frente estava tomada por manifestantes. Alguns deles começaram a forçar a porta, e havia fogo na rua. Depois, começaram a atacar coisas na varanda da frente e das laterais", conta Letícia Chorociejus, 26, estudante.

"Chegaram a bater na porta", conta o assistente jurídico Denis Cassettali, 33. Segundo ele, funcionários do Municipal pediram então para que as pessoas voltassem à sala de apresentação, e as luzes do hall foram apagadas.

O segundo ato transcorreu normalmente. Ao final da ópera, o público deixou o teatro por uma porta lateral, sob a vigilância de um grupo de cerca de 20 policiais da PM. O hall de entrada permanecia no escuro.

"Ficamos todos com muito medo. Não é destruindo coisas e amedrontando pessoas que se protesta. Fiquei com medo também pelo teatro, que para mim é um templo", disse a professora aposentada Eunice Alves da Silva Neves, 89

PROPRIETÁRIO ASSISTE DE CASA LOJA DO CENTRO DE SP SER SAQUEADA

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297462-proprietario-assiste-de-casa-loja-do-centro-de-sp-ser-saqueada.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Um dos sócios de uma relojoaria saqueada na noite desta terça-feira na região central de São Paulo disse que viu o comércio ser arrombado e saqueado enquanto assistia o circuito interno de câmeras dentro da casa dele.

Durante o sexto ato contra o aumento das tarifas na cidade, um grupo furtou diversas lojas da região. Eles levaram TVs, relógios, joias, celulares etc. Ao menos 30 pessoas foram detidas.

"Eu estava na minha casa em Santo André (Grande São Paulo) e vi a porta [da minha loja] ser aberta, quando saí correndo. Quando cheguei ao local, estava tudo destruído", disse um dos sócios que preferiu não ser identificado.

O comércio saqueado na relojoaria da rua Quitanda com a São Bento saqueada. A loja não tinha seguro porque são poucos os bancos que fazem seguro de relojoaria.

Eles não conseguem estimar o prejuízo. Só sabem que roubaram todas as joias, inclusive muitos relógios e óculos.

"Eu estava na minha casa em Santo André (Grande São Paulo) e vi a porta [da minha loja] ser aberta, quando saí correndo. Quando cheguei ao local, estava tudo destruído", disse um dos sócios que preferiu não ser identificado.

O comércio saqueado na relojoaria da rua Quitanda com a São Bento saqueada. A loja não tinha seguro porque são poucos os bancos que fazem seguro de relojoaria.

Eles não conseguem estimar o prejuízo. Só sabem que roubaram todas as joias, inclusive muitos relógios e óculos.

POLÍCIA DETÉM AO MENOS 63 PESSOAS APÓS SAQUES E DEPREDações EM SP

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297474-policia-detem-ao-menos-30-pessoas-apos-saques-e-depredacoes-em-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Ao menos 63 pessoas foram detidas na noite de terça-feira (18), na região central de São Paulo, após os protestos contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trens. A informação foi confirmada pelo secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Fernando Grella Vieira, em entrevista ao programa "Bom Dia SP", da Rede Globo.

A maioria foi detida por furto e vandalismo. "A população quer protestos pacíficos e condena atos de violência", disse o secretário.

Segundo Grella, a polícia agiu de maneira correta durante sexto ato contra a tarifa de ônibus na capital. "A polícia estava presente durante toda a manifestação. Temos a obrigação de garantir a ordem e o direito do povo se manifestar, o que foi feito", completou Grella.

Durante a madrugada, a reportagem da **Folha** percorreu os distritos policiais onde foram encaminhados os detidos e constatou que a maioria está no 8º DP (Brás), todos suspeitos de furto. Três mulheres e quatro menores, sendo dois de 12 anos, integram o grupo de ao menos 35 pessoas que estão na delegacia. A polícia ainda apreendeu televisores, computadores, relógios e eletrodomésticos, todos saqueados de lojas no centro.

Treze pessoas foram encaminhadas para o 1º DP (Liberdade). Uma foi presa por furto e outras doze suspeitas de vandalismo contra um monumento da Copa instalado na praça do

Ciclista, no cruzamento da avenida Paulista e da rua da Consolação. Elas ainda responderão por desacato e agressão contra policiais que atenderam a ocorrência, que aconteceu por volta da 0h30.

A polícia ainda informou que outros 13 estão detidos no 78º DP (Jardins), também por furto na região central de São Paulo. Com o bando a polícia apreendeu principalmente eletrodomésticos e brinquedos.

Todos serão encaminhados, ao longo do dessa quarta-feira, para a carceragem do 2º DP (Bom Retiro), onde serão fichados e encaminhados para Centros de Detenção Provisória.

ALCKMIN E HADDAD IGNORAM PRESSÃO POPULAR, DIZ MOVIMENTO EM SP 19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297478-alckmin-e-haddad-ignoram-pessao-popular-diz-movimento-em-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

O Movimento Passe Livre afirmou, em nota, na madrugada desta quarta-feira, que o prefeito Fernando Haddad (PT) e o governador Geraldo Alckmin (PSDB) "têm ignorado a pressão popular pela revogação do aumento das passagens."

O movimento promoveu nesta terça-feira o sexto ato contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trens na capital paulista. A manifestação começou de forma pacífica, mas terminou com uma tentativa de invasão da prefeitura, saques e depredações. Ao menos, 30 pessoas foram detidas.

Cerca de 50 mil pessoas participaram do ato, segundo o Datafolha. Entre as lojas invadidas estão a Dibs, Marisa, Cacau Show e Claro. Também houve depredação de uma agência do Itaú e de uma base da Polícia Militar. Um carro da Record também foi depredado e incendiado na região da prefeitura.

Esse é o sexto protesto promovido contra o aumento das passagens de transporte público. Os primeiros atos foram marcados por confrontos entre policiais e manifestantes. O protesto mais violento ocorreu na última quinta-feira (13), quando cerca de cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas.

A manifestação com maior número de pessoas, no entanto, ocorreu ontem, quando reuniu cerca de 65 mil, segundo o Datafolha. O ato ocorreu de forma pacífica na maior parte do tempo, tendo ocorrido tumulto apenas na frente do Palácio dos Bandeirantes, já no fim da noite. Não houve, porém, feridos ou detidos.

Um novo protesto está sendo organizado pelo Movimento Passe Livre para a próxima quinta-feira (20), a partir das 17h, na praça do Ciclista, na avenida Paulista.

MOVIMENTO PASSE LIVRE CONDENA VIOLÊNCIA E FALA EM 'REVOLTA POPULAR'

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297473-movimento-passe-livre-condena-violencia-e-fala-em-revolta-popular.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

O MPL (Movimento Passe Livre) condenou os episódios de violência da noite de ontem durante as manifestações pela redução da tarifa do transporte público na capital e classificou o movimento como "revolta popular".

"Se quiser manter a cidade em ordem e conter esse sentimento de revolta, vai ter de mudar", disse à Folha um dos líderes do MPL, Marcelo Hotimsky

Segundo o MPL, os atos organizados pelo movimento nunca tem como alvo final sedes do poder executivo, como a prefeitura.

"A gente prefere passar pela frente para mostrar a força da população, mas encerrar em locais populares como terminais de ônibus."

Para o secretário da Casa Civil do governador Geraldo Alckmin, Edson Aparecido (PSDB-SP), no entanto, as lideranças do MPL não podem ficar alheias aos atos de vandalismo nas manifestações.

"Eu sou responsável pelo que acontece de bom e pelo que acontece de ruim também." Para ele, "estão romantizando muito as coisas."

A **Folha** apurou que na prefeitura o sentimento também é o mesmo. Ou seja, como o movimento não tem comando nem controle, as tentativas de diálogo dificilmente conseguirão prosperar.

O MPL volta a realizar um protesto amanhã no centro de São Paulo. A manifestação está marcada para a praça do Ciclista, na Paulista, às 17h.

Hoje, o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e o Movimento Periferia Ativa planejam parar ruas da periferia da Grande São Paulo para um protesto a favor das demandas dos trabalhadores.

ÔNIBUS É INCENDIADO DURANTE PROTESTO NA ZONA SUL DE SÃO PAULO 19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297496-onibus-e-incendiado-durante-protesto-na-zona-sul-de-sao-paulo.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Um ônibus foi queimado no final da noite de terça-feira (18), na região do Grajaú, zona sul de São Paulo. De acordo com a Polícia Militar, o ataque aconteceu na avenida Dona Belmira Marin, após um protesto de moradores da região.

Por volta de 21h30, manifestantes pararam o coletivo, que servia a linha 637 Grajaú/Pinheiros, ordenaram que os passageiros descessem e atearam fogo. Não há informações sobre feridos.

O ônibus pertence à Viação Cidade Dutra, segundo a qual outros 78 coletivos sofreram algum tipo de dano durante o ato. O caso foi registrado no 101º DP (Jardim das Imbuías). A empresa afirmou ainda que todas as suas linhas irão operar normalmente nesta quarta-feira.

COM CÂMERA E SOM, 'NINJA' FILIPE PEÇANHA TRANSMITE E PARTICIPA DE PROTESTOS 19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297561-com-camera-e-caixa-de-som-ninja-transmite-e-participa-das-manifestacoes-em-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Jorge Pontual, correspondente da Globo em Nova York, tuitou na madrugada que, "se a bateria do Ninja não morrer, eu não durmo esta noite". Referia-se à transmissão das manifestações de São Paulo feita pelo grupo de mídia N.I.N.J.A (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), mais precisamente, pelo ninja Filipe Peçanha, 24, que cobria e participava dos acontecimentos. Não é uma cobertura apartada, mas "intrínseca ao movimento", diz ele, em depoimento que deu ao ser acordado pela Folha, às 8h. Ele havia dormido às 5h. No final do telefonema, avisa estar de saída para o M'Boi Mirim e deixa o link postv.org, para quem quiser assistir em streaming.

A gente estava na Sé desde umas quatro e pouco, com o carrinho alegórico da PósTV. É a estrutura de um carrinho de supermercado, rosa-choque, em que a gente coloca duas caixas de som, um microfone aberto e faz uma intervenção estética com todo o processo, além de entrar ao vivo. Tem uma câmera e um computador, que tanto transmite como faz a intervenção pelo áudio.

Num primeiro momento, a gente não conseguiu transmissão, porque faz via 3G e tem uma dificuldade que é a aglomeração de pessoas, quando os celulares tendem a não funcionar. Nas outras manifestações também foi assim. A gente conseguiu entrar mais à noite, pelo número menor de pessoas na avenida Paulista, pela localização também, com frequência melhor do que na Sé.

A mídia N.I.N.J.A faz essa cobertura desde a primeira manifestação, integrada com outras cidades também. Mostra uma visão de dentro, desde quando está ainda em processo de concentração, pessoas chegando. E tem participação forte dentro da própria manifestação. O próprio carrinho da PósTV é usado para organizar. As pessoas vêm e não só dão gritos para estimular a galera, mas também orientações de percurso.

Ontem a gente acompanhou um primeiro grupo, que rodou, passou pelo parque dom Pedro, subiu de novo para a Sé. Já no período da noite teve o ocorrido na prefeitura, com o incêndio do carro da Record, isolamento da área. A gente foi cobrir, eu e o Rafael Vilela. Lá, depois de acompanhar a ação da Tropa de Choque, a gente ficou sabendo que os manifestantes iriam para a Paulista e foi nessa pegada.

Chegando na Paulista a gente ouviu que havia alguma coisa na Augusta e foi a hora em que consegui entrar ao vivo, com um sinal. O streaming começou creio que umas dez, onze da noite. Consegui ligar no caminho para a Augusta. Aí a gente foi, estávamos eu e a Karen Pimenta nesse momento, o chipe de celular era dela.

Na Augusta, as pessoas foram entrando e a coisa foi crescendo muito rápido. Um pessoal falou, "está lá para baixo, tem bomba, a Choque está subindo". Deu para sentir que a cada passo que dava, que me aproximava da linha de frente, dava para sentir toda a tensão. Pelo Twitter você vê os comentários, que vão citando a transmissão, uma cachoeira de pessoas ora apoiando os manifestantes, ora contrários ao vandalismo que estavam fazendo.

Eu tentei, de uma maneira intrínseca ao movimento, documentar e colocar em tempo real. Todo aquele processo por que as pessoas passam acaba passando também. As bombas que explodiam do nosso lado. O meu celular trincou, caiu no chão quando a bomba explodiu do meu lado. Ali na rua Augusta foi um momento delicado, logo de cara, mas depois a Choque recuou e os manifestantes conseguiram avançar.

A Choque ficou contida numa rua, Fernando de Albuquerque, a quatro quadras da Paulista, paralela. O Choque ficou ali, e os manifestantes em tom de indecisão. Alguns queriam avançar, continuar descendo a Augusta, outros queriam voltar para a Paulista, outros queriam ficar parados. Eles fazem um cordão pela paz, uma cena muito bonita, em frente ao Choque, e de mãos dadas cantam o Hino Nacional.

Depois desse momento, começou a rolar uma pequena dispersão, por parte do movimento, e eu resolvo subir. Chegando à Paulista, eu me junto a uma outra frente, que vai em direção à Consolação. Lá na frente, depois de ter tirado as barreiras e ter feito um pequeno alvoroço com o segurança, a manifestação toma conta do monumento da Fifa e da Coca-Cola, na Consolação com a Paulista.

Começa o ato contra a Coca. A primeira leva de policiais vem correndo com cassetetes para cima dos manifestantes, fica um batalhão do Choque perto do painel, meio que isola a área. Eu falo com um rapaz que foi agredido que ficou por ali mesmo. A polícia havia dado umas cacetadas nele, na perna, no tronco. No fim eu vltou e mostro um pouco do que acontece ali pela região da Paulista.

A gente sai do ar no fim de tudo, quando a coisa já está num clima mais tranquilo, as pessoas já dispersas. A própria manifestação se esvai e aí eu me despeço de todo mundo, agradeço a participação. A gente teve uma média de 18, 19 mil, com pico de 21, 22 mil pessoas assistindo. É um fluxo, não tem um número fixo, então eu estimo que 100 mil chegaram a passar, abrir, ver um pouco da transmissão.

Eu tenho de sair. A periferia está em protesto hoje. A gente está indo para M'Boi Mirim. Vou ver se a gente entra de lá. Vamos ver como está situação do sinal, lá.

POLÍCIA IDENTIFICA JOVEM QUE PROVOCOU DESTRUIÇÃO NA PREFEITURA

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297567-policia-identifica-jovem-que-provocou-destruicao-na-prefeitura.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

A Secretaria de Estado da Segurança Pública divulgou na manhã desta quarta-feira (19) que já identificou um dos suspeitos de provocar destruição ontem (18) do prédio da Prefeitura de São Paulo, no viaduto do Chá (região central de SP).

Segundo a secretaria, ele foi identificado como Tiago - o sobrenome não foi divulgado nem a idade. Os policiais foram até a casa dele, mas ele não dormiu no local. Segundo a polícia, ele continua sendo procurado.

Nas imagens registradas pela imprensa, Tiago - de camisa branca - aparece com grades na mão destruindo os vidros da sede da prefeitura. Ele também participou da tentativa de invasão na sede da prefeitura e chegou a dar chutes em guardas-civis que tentavam impedir a entrada dos manifestantes. O Movimento Passe Livre, organizador da manifestação, diz repudiar atos de violência.

Outros manifestantes também destruíram e picharam o local e ainda não foram identificados.

Enquanto um grupo tentava derrubar as grades, a maioria gritava "sem violência, sem violência". E os que preconizavam a invasão respondiam: "sem burguesia, sem burguesia".

PROTESTO DEIXA SALDO DE 189 LIXEIRAS E 29 ESTABELECIMENTOS DESTRUÍDOS

19/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297582-protesto-deixa-saldo-de-189-lixeriras-e-29-estabelecimentos-destruidos.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

A Prefeitura de São Paulo divulgou na manhã desta terça-feira (19) um balanço da destruição do protesto de ontem. Segundo a prefeitura, 29 lojas e bancos foram depredados ou incendiados na noite de ontem.

A prefeitura também contabilizou 189 lixeiras quebradas e sete bandeiras rasgadas -- três da prefeitura e quatro que ficavam no viaduto do Chá.

Além da pichação e destruição dos vidros da prefeitura, o Theatro Municipal também foi pichado, assim como outros 12 pontos localizados nas ruas 15 de Novembro, Direita, São Bento e praça do Patriarca.

"Estamos verificando com o Patrimônio Histórico como fazer para limpar. A previsão é que até amanhã a Prefeitura e o Theatro estejam limpos", disse Marcos Barreto, subprefeito da Sé. Os dois prédios são tombados por conselhos de defesa do patrimônio.

Barreto disse que 350 pessoas trabalham na limpeza do centro e da região da avenida Paulista. "Passamos a madrugada trabalhando para que a cidade estivesse mais limpa", disse.

"É uma situação muito triste para quem gosta do centro, com pichação por todos os lados, até no pórtico da praça do Patriarca, projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, um dos símbolos da reabilitação do centro", disse afirmou.

Também foram depredados 95 ônibus municipais, sendo dois queimados (um com perda total e outro com perda parcial).

O balanço do subprefeito foi divulgado antes do início da entrevista coletiva convocada pelo prefeito Fernando Haddad (PT). Marcada para começar às 10h, até as 11h45 não havia começado. Haddad estava reunido com seu Conselho Político para discutir sobre a tarifa do transporte municipal.

ANCHIETA E CASTELLO BRANCO SÃO LIBERADAS APÓS PROTESTOS EM SP 20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298115-anchieta-e-castello-branco-sao-liberadas-apos-protestos-em-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

As rodovias Anchieta e Castello Branco, que foram interditadas mais cedo por conta de protestos, foram liberadas por volta das 23h30 desta quarta-feira. Com isso, não havia mais registro de congestionamento em nenhuma delas.

Ao todo, cinco rodovias que cruzam o Estado de São Paulo tiveram interdições provocadas por manifestantes em vários momentos durante esta quarta-feira. Entre as reivindicações dos grupos estão melhorias no transporte público.

Na Anchieta foi a via que permaneceu mais tempo fechada, entre as 18h e as 23h25. O bloqueio aconteceu nos dois sentidos, na altura do km 18, na região de São Bernardo do Campo (na Grande São Paulo).

A Ecovias --concessionária responsável pela estrada--, porém, montou um desvio operacional no km 19, passando pela cidade, para quem seguia no sentido São Paulo. Para os motoristas que iam no sentido litoral, um desvio está sendo montado no km 16, acesso a Av. Lions.

Outras rodovias que também tiveram interdições são a Castello Branco, a Régis Bittencourt, a Imigrantes e a Ayrton Senna. Essa última foi a que registrou os maiores trechos de congestionamento. Por volta das 20h, as filas se estenderam do km 12 até o km 24, onde ocorreu o bloqueio.

GRUPO MANTÉM ATO HOJE NA PAULISTA E DIZ LUTAR PELA TARIFA ZERO 20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298145-grupo-mantem-ato-hoje-na-paulista-e-diz-lutar-pela-tarifa-zero.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Logo após o anúncio da redução de tarifa do transporte público em São Paulo, membros do MPL (Movimento Passe Livre) se reuniram em um bar próximo à Câmara Municipal, no centro da cidade, para comemorar.

Em clima de festa, cerca de 40 pessoas encheram o local, cantaram "A Internacional", hino socialista, e confirmaram que está mantido o ato de hoje, às 17h, na praça do Ciclista (avenida Paulista).

Os membros do MPL afirmaram que agora a reivindicação é a implementação da tarifa zero em São Paulo.

"O MPL agora é, de fato, 'Passe Livre'", afirmou Pedro Bernardo, 28, um dos representantes do movimento.

Segundo Mayara Vivian, também do MPL, o grupo vai manter o ato de hoje e tem outras reivindicações.

"Nossos próximos objetivos são lutar pelas reformas agrária e urbana e contra o latifúndio urbano", disse Mayara, que ressaltou que o grupo vai "lutar para que nenhum manifestante [que tenha sido detido] responda a processo criminal".

Enquanto falava com a Folha, ela parou para atender o celular. "Oi, senador Suplicy, obrigada!", disse. "Agora a luta é pelo passe livre."

Em clima de descontração, os participantes não paravam de receber telefonemas.

"Cada um que compareceu a alguma das manifestações pode pegar uma pena e escrever seu nome na história", afirmou Bernardo.

Por volta das 19h30, alguns membros do MPL decidiram ir para a casa de um dos participantes, na região da avenida Paulista. Foram de metrô.

Lá, eles se reuniram para debater a pauta do protesto de hoje e os próximos passos do grupo, disseram os participantes do encontro.

SEM AJUDA FEDERAL, HADDAD RECUA E SOFRE DERROTA POLÍTICA

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298135-sem-ajuda-federal-haddad-recua-e-sofre-derrota-politica.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Menos de seis horas após declarar que revogar o aumento da tarifa de ônibus poderia ser uma "decisão de caráter populista", o prefeito Fernando Haddad (PT) se viu obrigado a recuar.

Desgastado nas ruas e encurralado pelo próprio partido, anunciou ao lado do governador Geraldo Alckmin (PSDB) que o preço da passagem voltaria aos antigos R\$ 3 no início da noite de ontem.

Foi sua primeira grande derrota política no comando da cidade. Segundo dirigentes do PT, Haddad sai do episódio desgastado com o eleitorado, com a presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Lula, fiador de sua eleição.

No PSDB, o recuo de Alckmin também desagradou. Tucanos dizem que, ao diminuir a tarifa, ele passa a imagem de que faltou planejamento ou vontade política para segurar o reajuste anteriormente.

Às 11h30, na primeira entrevista do dia, Haddad disse que revogar o aumento afetaria investimentos da prefeitura e só traria benefícios de curto prazo. "A coisa mais fácil do mundo é agradar no curto prazo, tomar uma decisão de caráter populista sem explicar para a sociedade as implicações."

Às 18h, quando posou ao lado de Alckmin para decretar o fim do aumento visivelmente contrariado, mudou o discurso. "É um gesto de aproximação, de manutenção do espírito de democracia, de convívio pacífico."

Entre a primeira e a última fala, a crise política que engolira prefeito e governador desde o início dos protestos chegara ao ápice para o petista.

Desde a semana passada, Haddad é pressionado por dirigentes do PT a revogar o aumento. A pressão se agravou na tarde de terça, quando se encontrou com Dilma e Lula.

Segundo petistas, a reunião foi tensa. Lula e Dilma teriam dito a Haddad que, diante do desgaste político imposto a ele --e ao partido--, o melhor seria recuar. O prefeito então teria argumentado que, se arcasse com o prejuízo da revogação, sua capacidade de investimento iria despencar.

Em resposta, a presidente deixou implícito que já havia feito o que podia para ajudar.

Ontem, o embate com o PT e o Planalto se agravou. Pela manhã, Haddad voltou a dizer que a única possibilidade de reduzir tarifa sem cortar investimento seria com o projeto de desoneração do diesel para o transporte público.

A resposta veio poucas horas depois. À tarde, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, chamou a imprensa para dizer que o governo federal não tinha mais "condições de fazer novas reduções".

Sem apoio de dirigentes do PT, e com as rugas com a presidente expostas, Haddad foi obrigado a recuar. Telefonou para Alckmin por volta das 16h e seguiu para o Palácio dos Bandeirantes. Às 18h, os dois anunciaram a revogação do aumento para passagens de ônibus, trens e metrô.

A estratégia também foi criticada por petistas. Para eles, Haddad tentou dividir o desgaste com o tucano, mas acabou passando uma imagem de submissão a Alckmin.

TUCANOS

Entre os tucanos, também houve críticas a Alckmin. Uma ala do PSDB diz que ele passa a imagem de que ficou "refém" dos protestos e, ao recuar, abre precedente perigoso a um ano das eleições.

Para esse grupo, a partir de agora, sempre que for obrigado a tomar uma medida impopular, Alckmin será "chantageado" por protestos.

Há ainda críticas à justificativa de que o dinheiro para cobrir a redução da tarifa sairá do caixa de investimentos.

Alckmin teria dado munição a quem engrossou os protestos exigindo melhorias no sistema de transporte. "Mudança estrutural se faz com investimento. Ele cai em contradição", diz um dirigente.

A atuação do governador na área da segurança também sai desgastada. Nas ruas, a PM foi criticada num primeiro momento pela truculência e, depois, acusada de ser omissa ao demorar para conter a onda de saques.

POLICIAIS VIRAM AÇÃO DE VÂNDALOS EM PROTESTO DE SP SEM REAGIR

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298132-policiais-viram-acao-de-vandalos-em-protesto-de-sp-sem-reagir.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Políciais militares ouvem xingamentos de manifestantes e não reagem. Outros assistem imóveis ao furto de uma banca de revistas. Há ainda os que veem vândalos atirarem garrafas de vidro em carros oficiais e recuam.

Essas foram algumas cenas testemunhadas pela Folha durante o sexto protesto contra o reajuste da tarifa do transporte público em São Paulo. A manifestação começou anteontem à noite no centro da capital e terminou ontem de madrugada.

A sensação de paralisia policial diante de crimes como desacato, furto e depredação do patrimônio, segundo a Folha apurou com nove PMs, entre oficiais e soldados, foi uma ordem dada pelo governo do Estado para evitar confrontos e lesões.

A avaliação é que a imagem da corporação ficou manchada após os confrontos da quinta-feira passada, quando cerca de cem pessoas ficaram feridas, inclusive jornalistas que cobriam o protesto contra a tarifa.

"A ordem foi, na dúvida de como atuar, não faça nada", disse o deputado estadual Olímpio Gomes (PDT), major da reserva da PM.

A manifestação de anteontem começou pacífica, às 17h na praça da Sé. Os problemas surgiram por volta das 18h50, quando manifestantes tentaram invadir a prefeitura, no viaduto

do Chá. A depredação do local foi seguida por saques em ao menos 15 lojas e destruição de cinco agências bancárias do centro.

A Secretaria da Segurança Pública disse que não houve ordem para os policiais não agirem. O que aconteceu, alega a pasta, foi que os PMs só atuaram quando se sentiram seguros para garantir a integridade deles mesmos e dos manifestantes que protestavam pacificamente.

Conforme a Folha constatou, a PM só atuou quase três horas depois da depredação. A secretaria, porém, diz que por volta das 20h50, 20 PMs tentaram intervir, mas foram acudados pelos manifestantes. A Tropa de Choque chegou às 22h05. Ao menos 69 pessoas foram detidas pela polícia.

PT PARTICIPARÁ DE PROTESTO NA AV. PAULISTA HOJE, DIZ RUI FALCÃO

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298137-pt-participara-de-protesto-na-av-paulista-hoje-diz-rui-falcao.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

O presidente nacional do PT, Rui Falcão, diz que está "conclamando" a militância do partido a participar hoje de manifestação na av. Paulista liderada pelo Movimento Passe Livre.

"Nós não temos medo do povo na rua", diz ele. "Nós estamos aconselhando o nosso pessoal a se juntar a essa manifestação."

Nas passeatas anteriores, participantes gritavam "sem partido, sem partido" e pediam que militantes baixassem as bandeiras de suas legendas.

Falcão diz acreditar que isso não ocorrerá hoje. "Uma coisa é um partido aparelhar o movimento. Outra é as pessoas se expressarem livremente, com símbolos anarquistas, do MST, do PT. Ninguém tem que proibir."

Ele afirma não temer que militantes sejam agredidos. "Num movimento de tal amplitude, tem de tudo. Os veículos de comunicação, por exemplo, foram hostilizados. Mas vamos lá dialogar."

Falcão diz que isso já estava ocorrendo já que integrantes do PT participam ou são próximos do MPL.

"Não é uma gente estranha a nós. O [Antonio] Donato [secretário de Governo de Fernando Haddad] e o [vereador] José Américo já apanharam com eles [quando eram oposição]."

Ele afirma que Haddad relutou em baixar a tarifa porque "pegou a prefeitura com uma dívida que suga recursos do município".

Mas o prefeito não só cedeu como pode até, "se possível", segundo Falcão, antecipar a implantação do Bilhete Único Mensal, prevista para novembro.

"O PT fez o Bilhete Único, corredores de ônibus e a [ex-prefeita] Marta Suplicy teve até que usar colete a prova de balas para reformar o sistema. E a [presidente] Dilma Rousseff já liberou R\$ 33 bilhões para mobilidade urbana."

SAQUEADORES TROCAM TÊNIS VELHO POR NOVO E Esvaziam Joalheria

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298128-saqueadores-trocaram-tenis-velho-por-novo-e-esvaziam-joalheria.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Após o protesto da noite da terça-feira (18), jovens invadiram uma loja da World Tênis no centro, entraram no estoque e levaram dezenas de caixas de modelos Nike, Asics e Mizuno, cujos preços variam de R\$ 200 a R\$ 600.

A **Folha** flagrou os jovens tirando os tênis que tinham nos pés e colocando novos. Após trocarem de calçados, voltavam à loja e pegavam outros modelos. Os jovens saíam abraçados a caixas de tênis e negociavam entre si.

"Esse aqui eu não quero. Não é esse [o modelo] que eu te falei", disse um rapaz a outro. Em seguida, ele atirou o par no meio da rua e voltou à loja em busca de outros.

Na manhã seguinte, no lugar dos vândalos, equipes de limpeza e manutenção.

A gerente regional da loja Marisa, saqueada, afirmou que os prejuízos da rede ainda não foram contabilizados.

A sede da Prefeitura, que foi depredada, concentrou o maior número de curiosos. "Estão brigando por 20 centavos e dão esse prejuízo todo", gritou um observador.

De acordo com a prefeitura, 29 lojas e bancos foram depredados ou incendiados ontem, além de 189 lixeiras quebradas e sete bandeiras rasgadas - três da prefeitura e quatro no viaduto do Chá.

O Theatro Municipal também foi pichado, assim como ao menos outros 12 pontos localizados nas ruas 15 de Novembro, Direita, São Bento e praça do Patriarca.

"Estamos verificando com o Patrimônio Histórico como fazer para limpar. A previsão é que até amanhã a Prefeitura e o Theatro estejam limpos", disse Marcos Barretos, subprefeito da Sé.

Uma joalheria na praça do Patriarca foi saqueada e depredada em meio à manifestação anteontem. Thiago Monato, 32, supervisor da loja, disse ter visto pela televisão o que acontecia e acessou o sistema de monitoramento interno para acompanhar.

"Tenho certeza de que uma quadrilha se infiltrou entre os manifestantes para saquear as lojas", afirmou. Ele diz ser a favor da manifestação.

De Santo André, onde mora, ele correu para o centro para tentar conter o ataque. Encontrou a loja quase vazia. Só restaram objetos de menor valor. "Vou até rever expor essa marca, nem os ladrões quiseram", brincou.

A loja possui seguro, mas os proprietários ainda não sabem se serão ressarcidos.

JOVEM QUE ATACOU PREFEITURA DE SÃO PAULO EM PROTESTO PEDE DESCULPAS

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298123-jovem-que-atacou-prefeitura-de-sao-paulo-em-protesto-pede-desculpas.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Após confessar ter participado da depredação da entrada da Prefeitura de São Paulo no protesto de terça-feira, o estudante de arquitetura Pierre Ramon Alves de Oliveira, 20, ontem decidiu pedir desculpas: "Peço que quem nunca errou na vida que atire a primeira pedra".

Filho de um pequeno empresário, Pierre Ramon é aluno da FMU. A polícia disse que ele não tem antecedentes criminais, não é ligado ao Movimento Passe Livre e nem pertence a qualquer partido.

O estudante se entregou num posto de gasolina na marginal Tietê. Estava ajudando o pai com o caminhão de entregas da família e decidiu se apresentar depois que policiais foram até sua casa e falaram com sua mãe. Desesperada, ela ligou para o filho.

Segundo seu advogado, Gerson Bellani, ele chorou ao depor. "Eu atirei pedra depois que os guardas jogaram spray de pimenta no rosto das pessoas. Fiquei revoltado". Ele foi liberado após prestar depoimento e ser indiciado por dano ao patrimônio público.

A polícia também havia solicitado sua prisão temporária por formação de quadrilha --o juiz negou o pedido.

Pierre Ramon disse que foi ao protesto de cara limpa e negou ter ateado fogo na van da TV Record: "Quero pedir desculpas a todos os manifestantes do Movimento Passe Livre. Eu fui errado e estou disposto a arcar com todas as consequências e pagar centavo por centavo tudo o que eu fiz de dano. Vou trabalhar para tudo isso", declarou.

O delegado do Deic (Departamento de Investigações Sobre o Crime Organizado) Antônio de Olim disse que o jovem insufiou os manifestantes a apedrejar a prefeitura: "Ele é arrogante.

Estava na manifestação, todo fortinho, lutador de jiu-jitsu. Achou que era o dia dele e começou a quebrar tudo". Segundo o delegado, ele feriu guardas.

Vestindo uma camisa branca, Pierre Ramon usava uma máscara contra gás lacrimogêneo durante o protesto, mas abaixou a máscara várias vezes, mostrando o rosto. Ele não foi o primeiro a atacar a prefeitura, mas usou uma barreira metálica para quebrar vidros da entrada.

A polícia confirmou sua identificação após ouvir testemunhas e comparar a foto dele com as que constam na sua página em redes sociais.

No Facebook, o jovem se diz adepto de artes marciais, como muay thai e jiu-jitsu, das quais compartilha páginas. É fã de Renato Russo, Paulo Coelho e Anderson Silva. Fotos na rede mostravam o estudante abraçado com amigos antes do protesto.

MPL NÃO SE OPÕE A ATO ORGANIZADO PELO PT

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298286-mpl-nao-se-opoe-a-ato-organizado-pelo-pt.shtml>

Acesso em: 26/07/2017

Integrantes do Movimento Passe Livre (MPL) afirmaram nesta quinta-feira (20) que não se opõem ao ato organizado pelo PT que deve sair à rua ao mesmo tempo em que os manifestantes ocuparão a avenida Paulista para comemorar a revogação do aumento da tarifa.

"Somos apartidários mas não antipartidários. Nós dialogamos com quem qualquer partido que tenha uma luta social. Se o Rui [Rui Falcão, presidente nacional do PT] ou o PT querem fazer ato, têm todo o direito de ocupar o que quiserem. Ele não nos informou nem pediu autorização para isso, mas não temos que autorizar esse tipo de ação. Eles fazem o que quiserem", afirmou um dos integrantes do MPL, Rafael Siqueira, 38.

O MPL confirmou que o ato de hoje, às 17h, na praça do Ciclista, na avenida Paulista, está mantido. "O ato de hoje será para comemorar mas também por solidariedade a outras cidades, como Belo Horizonte, que ainda estão sofrendo repressões violentas e por pessoas que seguem respondendo a processos criminais", disse Mayara Vivian, 23.

Douglas Belome, 29, membro do MPL, afirma que a manifestação ficará concentrada na avenida Paulista. "Pretendemos ocupar apenas a Paulista, comemorando a vitória popular." Ainda eufóricos com a conquista, o movimento comemora "a quebra do capital pela população que saiu às ruas".

Eles afirmaram que estão estudando a possibilidade de novos atos na semana que vem, mas que isso só será decidido após o ato de hoje. "Agora que a gente construiu essa ferramenta [as manifestações], o povo pode usar para as mais diversas questões."

A reivindicação pela tarifa zero continua sendo prioridade para o movimento. "Diziam que baixar a tarifa era impossível. Se agora dizem que a tarifa zero é impossível, nossa luta provará que não é", afirmou Siqueira.

Os membros do MPL dizem que o argumento do prefeito Fernando Haddad de que precisará tirar recursos da saúde e da educação para subsidiar a revogação do aumento da tarifa é raso. "Tem dinheiro pra construir estádio, então tem que ter dinheiro pra transporte, sim. A função do transporte público é transportar as pessoas, não dar lucro a empresários", disse Mayara.

VANDALISMO

O MPL continuará apoiando detidos e processados durante as manifestações, os advogados voluntários do movimento farão a análise de cada caso. A Defensoria Pública receberá os casos que tiverem ligações com crimes.

Para o MPL, as pichações e depredações que ocorreram durante o ato de terça-feira foram promovidas por pessoas infiltradas. "Existem agentes da polícia e de outras organizações escusas infiltrados nas manifestações promovendo atos extremos justamente para criminalizar o movimento", disse Mayara.

O MPL afirmou ser contrário a qualquer atitude que se oponha à liberdade de imprensa. "Acreditamos na total liberdade de imprensa ao mesmo tempo que a gente entende a revolta de algumas pessoas com alguns meios de comunicação pelo histórico na cobertura política", disse Siqueira sobre revolta de alguns manifestantes contra a imprensa na terça-feira.

"Houve mudança na postura da cobertura da imprensa depois que os jornalistas sofreram violência. Coisa que os manifestantes já sofriam há tempos", afirmou Siqueira.

MANIFESTANTES FECHAM PISTAS DA PAULISTA; 3.000 PMS REFORÇAM SEGURANÇA

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298384-manifestantes-fecham-pista-da-paulista-3000-pms-reforcam-seguranca.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Um grupo de manifestantes fechou por volta das 17h desta quinta-feira aos dois sentidos da avenida Paulista, na região central de São Paulo. O protesto foi mantido mesmo após a redução das passagens de ônibus, metrô e trem na capital paulista, anunciado ontem.

O Movimento Passe Livre, que organiza o protesto, comemorou a redução de R\$ 3,20 para R\$ 3, mas afirmou que agora vai lutar para conseguir tarifa zero no transporte público. Ao anunciarem a redução, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito Fernando Haddad (PT) disseram que investimentos serão reduzidos.

Por volta das 16h40, a Polícia Militar ainda não tinha um balanço de quantas pessoas fechavam a Paulista. O grupo estava concentrado na altura da praça do Ciclista, segundo a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego).

O movimento era pacífico no local, segundo a PM, que afirmou haver um reforço no policiamento da região central de 3.000 homens. Muitas faixas contra a corrupção eram vistas no meio da multidão que já se formava na Paulista.

PROTESTOS

Desde o reajuste das tarifas, no início do mês de junho, São Paulo enfrentou vários protestos, assim como várias outras capitais do país. Na terça-feira (18), um grupo tentou

invadir a Prefeitura de São Paulo, e promoveu uma série de saques e depredações a estabelecimentos da região central.

Houve ainda pichações ao prédio da prefeitura e bandeiras hasteadas na frente do prédio foram arrancadas. Mais tarde, um grupo de pessoas ainda depredou e saqueou lojas da região central. Até a madrugada, ao menos, 63 pessoas tinham sido detidas.

COMERCIANTES APROVEITAM ATO PARA VENDER BANDEIRAS E MÁSCARAS EM SP

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298524-manifestantes-aproveitam-ato-para-vender-bandeiras-e-mascaras-em-sp.shtml>

Acesso em: 26/07/2013

Comerciantes aproveitaram a manifestação que ocorreu na avenida Paulista, na região central de São Paulo, na tarde desta quinta-feira, para lucrar. Máscaras são encontradas por R\$ 10 e bandeiras por R\$ 20.

Malufista e apoiador do governador Geraldo Alckmn (PSDB), os sócios Pedro Villano, 33, e Thiago Melo, 32, fazem parte do grupo de "revoltados" contra a corrupção. "Estamos aqui para protestar. Estou vendendo a máscara para ajudar. A máscara custa R\$ 7 e vendo por R\$ 10", diz Villano.

"É a turma do chega, mas de direita. Tenho boa condição de vida, mas sei como é a vida dos que sofrem. Na pobreza", disse Melo.

Os manifestantes fecharam por volta das 17h aos dois sentidos da avenida Paulista. O protesto foi mantido mesmo após a redução das passagens de ônibus, metrô e trem na capital paulista, anunciado ontem.

O Movimento Passe Livre, que organiza o protesto, comemorou a redução de R\$ 3,20 para R\$ 3, mas afirmou que agora vai lutar para conseguir tarifa zero no transporte público. Ao anunciarem a redução, Alckmin e o prefeito Fernando Haddad (PT) disseram que investimentos serão reduzidos.

Por volta das 17h40, a Polícia Militar ainda não tinha um balanço de quantas pessoas fechavam a Paulista. O grupo estava concentrado na altura da praça do Ciclista, segundo a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego).

O movimento era pacífico no local, segundo a PM, que afirmou haver um reforço no policiamento da região central de 3.000 homens.

'CADA UM ESTÁ BRIGANDO POR UMA COISA', DIZ MANIFESTANTE EM SP

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298540-cada-um-esta-brigando-por-uma-coisa-diz-manifestante-em-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Após a redução das tarifas do transporte público na capital paulista, manifestantes se reúnem na avenida Paulista, na região central de São Paulo, na noite desta quinta-feira, contra a corrupção, os impostos, a PEC 37 --proposta que limita a ação dos Ministério Público--, entre outros.

"Estou aqui porque investiram na Copa e não investiram em educação e saúde. Estou aqui por causa da PEC 37, para tirar Renan Calheiros, baixar os impostos e por mais saúde e educação. Cada um está brigando por uma coisa, mas falta por voz para o movimento", afirmou o analista de sistema Osvaldo de Oliveira, 26.

Como todos os brasileiros, estou de 'saco cheio' de uma democracia que não nos representa. Sou a favor da modernização da democracia. Nenhum partido me representa. Prefiro perder um dia de trabalho hoje para que no futuro seja mais fácil trabalhar e empreender", diz Paulo Gonçalves, 30, empresário do setor imobiliário.

Os manifestantes fecharam por volta das 17h aos dois sentidos da avenida Paulista. O protesto foi mantido mesmo após a redução das passagens de ônibus, metrô e trem na capital paulista, anunciado ontem. Segundo a Polícia Militar, cerca de 10 mil pessoas participam do ato, que começou na altura da praça do Ciclista.

Segundo a PM, o policiamento da região central foi reforçado em cerca de 3.000 homens. Apesar disso, alguns pontos do protesto tinha pessoas exaltadas, com gritos de ordem contra as pessoas que carregam bandeiras e camisetas de partidos políticos. Com isso, o ato se dividiu em blocos de pessoas com e sem partidos.

MANIFESTANTES ENTRAM EM CONFRONTO NA AV. PAULISTA; HOMEM FICA FERIDO

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298593-manifestantes-entram-em-confronto-na-av-paulista-homem-fica-ferido.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Um grupo de manifestantes, denominados "nacionalistas" entraram em confronto com pessoas que estavam com bandeiras de partidos durante protesto contra tarifas na avenida Paulista, centro de São Paulo. Segundo o Datafolha, a manifestação reunia cerca de 70 mil pessoas na via.

O principal confronto ocorreu entre um grupo de nacionalistas e manifestantes com bandeiras do PSTU e PT. Os "nacionalistas" querem que o protesto prossiga sem bandeiras partidárias e sem a interferência de partidos políticos.

Após uma das confusões, o advogado Guilherme Nascimento, 26, deixou a avenida Paulista com um ferimento na cabeça. "Foi o PT que fez isso, me deram uma paulada". O rapaz foi carregado por amigos até um carro da Polícia Militar, que o levou a um pronto-socorro.

Um homem usou um taco de hóquei para ameaçar petistas. Durante a confusão, uma mulher caiu no chão e quase foi pisoteada. Ao menos duas bandeiras do PSTU e uma do PT foram tomadas de manifestantes e queimadas na avenida Paulista.

Apolíticos partiram para cima dos partidários com chutes e socos. Parte deles respondeu com bandeiradas e pedradas. A Polícia jogou bombas de gás lacrimogêneo para conter a pancadaria.

Um grupo de nacionalistas armados com facas gritam contra os manifestantes do PT dizendo que vão "meter a faca". Eles entoam gritos e dizem que vão tomar todas as bandeiras

Membros do PSTU, PSOL, UNE, UJS (União Jovem Socialista) foram hostilizados por manifestantes na avenida Paulista, em frente à Fiesp. Juntos, os partidários começaram a deixar a região. A manifestante Fátima Sandalhel disse ter sofrido retaliações por vestir uma camiseta vermelha e estar próxima a grupos partidários.

"Nós estivemos em todas as manifestações anteriores para agora sermos expelidos na manifestação. Usar camisa vermelha é um direito, usar bandeira é um direito. O que aconteceu hoje aqui é um atentado à democracia", disse Sandalhel.

Houve um princípio de confusão, quando uma bandeira do PSTU foi rasgada e um militante partiu para cima de um manifestante. As pessoas também cantam gritos de guerra contra o PT.

"Os caras com bandeira de partido querem levar vantagem. O Passe Livre está com o PT", disse o universitário Bruno Scorziello, 22, após tentar impedir a passagem do protesto.

Após a confusão, muitos militantes choraram: "Estão acabando com anos de luta. Não queremos reivindicar para nós, queremos somar", disse um deles sem se identificar.

VEREADORES DE SP QUEREM ACOMPANHAR APURAÇÃO SOBRE CONDUTA DE PMS EM PROTESTO

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298630-vereadores-de-sp-querem-acompanhar-apuracao-sobre-conduta-de-pms-em-protesto.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

A Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de São Paulo solicitou cópias do inquérito e das seis sindicâncias instauradas para apurar a conduta de policiais militares durante o protesto liderado pelo Movimento Passe Livre do dia 13 passado.

Nas manifestações daquele dia, cerca de cem manifestantes e 15 jornalistas --sete deles da **Folha**-- e 13 policiais ficaram feridos.

Em uma audiência pública promovida nesta quinta-feira, 20, pela comissão, foram ouvidos seis repórteres e um representante da PM sobre os episódios.

Os jornalistas Fábio Braga, Giuliana Vallone e Marlene Bergamo, da **Folha**, que levaram tiros de bala de borracha, participaram do debate, além de Katia Passos, mulher do fotógrafo Sérgio Silva, da agência Futura Press, que foi atingido no olho e pode perder a visão.

Todos os repórteres disseram ter sentido que haviam se tornado "alvos" da PM naquele dia.

O coronel Glauco Silva de Carvalho, diretor de polícia comunitária e direitos humanos da PM, pediu desculpas aos jornalistas em nome da instituição e disse que a corporação não criminaliza movimentos sociais.

"O que há é a individualização criminal de fatos individuais", afirmou. Para ele, a diversidade dos manifestantes e o fato de o movimento rejeitar a participação de partidos dificulta que a PM estabeleça um canal formal de negociações com o grupo.

TARIFA

O Movimento Passe Livre, que organiza parte dos protestos das últimas semanas, comemorou a redução de R\$ 3,20 para R\$ 3 na capital paulista, mas afirmou que agora vai lutar para conseguir tarifa zero no transporte público. Ao anunciarem a redução, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito Fernando Haddad (PT) disseram que investimentos serão reduzidos.

Seguindo a cidade de São Paulo, outros municípios também decidiram reduzir as tarifas do transporte público, como as cidades do ABC, Guarulhos, Carapicuíba, Osasco, entre outras. Capitais de outros Estados também optaram pela redução, como Rio de Janeiro, Curitiba, Natal, Campo Grande, Belo Horizonte, entre outras.

LOJAS COLOCAM MANEQUINS COM MÁSCARAS E CARTAZES DE PROTESTO EM VITRINES DE SP

20/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1297987-lojas-colocam-manequins-com-mascaras-e-cartazes-de-protesto-em-vitrines-de-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

"A farra acabou", diz o cartaz na mão de um manifestante imóvel na rua Augusta. Imóvel mesmo: as mãos que seguram o sinal de protesto pertencem a um manequim, paramentado com a máscara do personagem V e um boné que está à venda por R\$ 119,90 na loja Na Contra Mão.

Nem bem os protestos de São Paulo alcançaram um de seus objetivos, a reversão do aumento em passagens do transporte público, e as marchas já viraram item de vitrine.

O cartaz da Na Contra Mão é tão original quanto as roupas de grife como a Vans. "Achei grudado na frente de um ônibus na segunda-feira", explica Vitor Foglia, dono do lugar. Foglia, que está indo aos protestos, fechou a loja mais cedo nos dias de evento para conseguir marchar.

"Na segunda, voltei para a loja com uns amigos às dez e meia da noite. Ficamos aqui tomando cerveja e foi deles a ideia do cartaz."

Os mesmos colegas trouxeram as máscaras e elas ficaram por lá mesmo. "Fizemos a vitrine do jeito que o povo gosta."

Alguém protestou contra a ideia? "Hoje de manhã passaram duas mulheres passaram e fizeram piada: 'Acabou a farra? Que nada!', mas foi só isso."

Enquanto isso, a loja Doe Doers, em Pinheiros, também cobriu o rosto dos manequins com a máscara usada por insurgidos de São Paulo e de Istambul. "Mas ficou uma tarde só, teve um cliente que disse que era de mau gosto e o dono achou melhor tirar", conta o funcionário João Adelin. "Vai que se zangam e fazem um protesto contra isso também?"

AO MENOS TRÊS SÃO DETIDOS EM PROTESTO MARCADO POR BRIGAS POLÍTICAS EM SP

21/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298784-ao-menos-tres-sao-detidos-em-protesto-marcado-por-brigas-politicas-em-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

A Polícia Militar deteve ao menos três pessoas nesta quinta-feira durante protesto contra as tarifas na região da avenida Paulista, área central de São Paulo. Segundo o o Datafolha, 110 mil pessoas participaram do ato.

Segundo policiais militares, um dos suspeitos foi detido na esquina com a rua Bela Cintra porque estava com um coquetel molotov. O objeto caseiro é uma garrafa com líquido inflamável e um pavio que, ao ser arremessado em chamas, pode explodir.

Outras duas pessoas foram presas por pichação a orelhão na alameda Itu. O protesto de hoje na capital paulista foi marcado pelo conflito entre grupos partidários e outros que não queriam impedir a participação deles na manifestação.

O principal confronto entre nacionalistas e partidários ocorreu quando um grupo de manifestantes foi hostilizado por estar com bandeiras do PSTU e PT. Um homem usou um taco de hóquei para ameaçar petistas. Durante a confusão, uma mulher caiu no chão e quase foi pisoteada. Ao menos duas bandeiras do PSTU e uma do PT foram tomadas de manifestantes e queimadas na avenida Paulista.

O bacharel em direito, Guilherme do Nascimento, 27, estava no meio de um empurra-empurra entre militantes do PT e um grupo que hostilizou os integrantes do partido durante toda a passeata, foi atingido na cabeça e deixou a manifestação sangrando. A **Folha** não conseguiu

identificar o agressor, mas segundo Nascimento, foi um integrante do PT. "Eles me bateram com um pau. Foi o PT que fez isso", disse Nascimento à reportagem.

Um grupo de nacionalistas armados com facas gritaram contra os manifestantes do PT dizendo que iriam "meter a faca". Eles entoaram gritos e disseram vão tomariam todas as bandeiras.

Membros do PSTU, PSOL, UNE, UJS (União Jovem Socialista) foram hostilizados por manifestantes na avenida Paulista, em frente à Fiesp. Juntos, os partidários começaram a deixar a região. A manifestante Fátima Sandalhel disse ter sofrido retaliações por vestir uma camiseta vermelha e estar próxima a grupos partidários.

"Nós estivemos em todas as manifestações anteriores para agora sermos expelidos na manifestação. Usar camisa vermelha é um direito, usar camisa é um direito. O que aconteceu hoje aqui é um atentado à democracia", disse Sandalhel.

PELO PAÍS

As manifestações realizadas nesta quinta-feira levaram mais de 1 milhão de pessoas às ruas. Apenas as capitais, acumularam 939.500 pessoas, segundo estimativa da Polícia Militar de cada um dos Estados. O Rio de Janeiro foi a capital com maior número de pessoas, 300.000.

Os protestos contra o aumento das tarifas do transporte público começaram no início do mês e foram ganhando força em todo o país, sendo registrados vários casos de confrontos e vandalismo. Com isso, 14 capitais e diversas outras cidades anunciaram entre ontem e hoje a redução das passagens.

Nessa quinta-feira, foram registrados confrontos em 12 capitais. Um dos casos mais violento ocorreu em Brasília, onde manifestantes quebraram o cerco da polícia e destruíram vidraças do Palácio do Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores.

No Rio, policiais dispararam tiros de balas de borracha e jogaram bombas de gás lacrimogêneo para dispersar os manifestantes. Ao menos 22 pessoas feridas foram encaminhadas ao hospital municipal Souza Aguiar, no centro do Rio, de acordo com a Secretaria Municipal de Saúde. Houve ainda registro de saques.

Na capital paulista, o confronto aconteceu entre manifestantes ligados a partidos e outros que eram contra o envolvimento dos partidos políticos no ato. Houve agressão e bandeiras de partidos foram queimadas na avenida Paulista. Não há registro de pessoas detidas.

Após as manifestação, a presidente Dilma Rousseff (PT) decidiu convocar uma reunião de emergência para as 9h30 de amanhã com seus principais ministros para discutir os efeitos das manifestações por todo o Brasil.

Na reunião, Dilma irá avaliar relatos da extensão dos atos nas cidades brasileiras. A partir daí será decidida uma conduta de governo, como por exemplo medidas ao alcance do Ministério da Justiça ou até um pronunciamento oficial da presidente.

METALÚRGICOS PROTESTAM NA MOOCA POR MELHORIA NA QUALIDADE DO TRANSPORTE

21/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298872-sindicato-dos-metalurgicos-protesta-por-transporte-de-qualidade-em-sp.shtml>

Acesso em 26/09/2017

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi realiza, nesta manhã, na zona leste da cidade, uma manifestação em solidariedade ao Movimento Passe Livre, organizador dos protestos que tomaram as ruas da capital nos últimos dias.

Neste momento, de acordo com a CET, os manifestantes estão concentrados na praça Lorenzetti, no bairro da Mooca, região que concentra diversas empresas. Ainda de acordo com a CET, eles ocupam a calçada e uma faixa da direita no sentido centro. O trânsito na região é tranquilo.

"Os trabalhadores também reivindicam transporte público de qualidade, redução das tarifas públicas e melhoria da mobilidade na cidade, que está travada. É preciso investir na melhoria da qualidade de vida da população e tornar a cidade mais humana", disse Miguel Torres, presidente do sindicato.

Além de defender transporte público de qualidade, os trabalhadores pedem mais investimentos em educação e saúde.

Também estão entre as reivindicações, causas mais antigas da categoria, como o fim do fator previdenciário, que reduz o valor do benefício dos trabalhadores que se aposentam cedo, e jornada semanal de 40 horas.

MPL ACUSA ONDA CONSERVADORA E DESISTE DE NOVAS MANIFESTAÇÕES

21/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298903-mpl-suspende-novas-manifestacoes-em-sao-paulo.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Movimento Passe Livre anunciou hoje a suspensão de novas manifestações em São Paulo. Segundo um dos integrantes do grupo, que pleiteia tarifa zero nos transportes públicos, "grupos conservadores se infiltraram nas manifestações" e defenderam, ontem, propostas como a redução da maioria penal.

"A gente acha que grupos conservadores se infiltraram nos últimos atos para defender propostas que não nos representam", disse Rafael Siqueira, 38, professor de música e ativista do MPL desde 2006. De acordo com ele, o recuo do movimento foi decidido no final da noite de ontem, por consenso, após os incidentes na Paulista.

Até então, o MPL cogitava manter as manifestações na semana que vem em solidariedade às cidades que ainda não tiveram redução no valor das passagens e em favor da retirada de processos criminais a que respondem alguns manifestantes.

Siqueira afirmou que as agressões a militantes de partidos políticos na manifestação de ontem, na avenida Paulista e em outras cidades, também motivaram o grupo a tomar essa decisão. Em outras cidades, o MPL ainda analisa a possibilidade de manter os atos nos próximos dias.

"Mesmo que sejamos contra a política de transporte duma prefeitura do PT, achamos que o PT deve ter total garantia de participar das manifestações públicas", disse.

Durante o ato, o MPL conversou com alguns grupos de esquerda sobre a presença de "neofascistas" agredindo pessoas na rua. "É inconcebível essa onda oportunista da direita de tomar os atos para si."

Segundo o movimento, desde o ato de terça-feira, grupos de direita (não se sabe se organizados ou não) levaram às ruas pautas que não representam o MPL, o que gerou preocupação, pois "distorce a iniciativa".

"O que preocupa não é a participação das pessoas na rua, mas pessoas claramente contra as organizações sociais e que nunca participaram de manifestações, comecem agora a usar os atos para promover a barbárie."

A decisão de voltar ou não às ruas será tomada após conversa do MPL com grupos aliados --MPST (Movimento Popular dos Sem Terra), MST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra), Ocupação Mauá e Periferia Ativa--, que deve acontecer até a semana que vem.

"Ainda não sabemos que estratégia tomar, vai ser uma conversa longa e franca entre todas as organizações no campo da esquerda pra que a gente não fique rachado entre a gente, precisamos manter a união, que é o mais importante."

"NACIONALISTAS"

Ontem, um grupo de manifestantes, denominados "nacionalistas" entrou em confronto com pessoas que estavam com bandeiras de partidos durante protesto contra tarifas na avenida Paulista, centro de São Paulo.

O principal confronto ocorreu entre um grupo de "nacionalistas" e manifestantes com bandeiras do PSTU e PT. Os "nacionalistas" queriam que o protesto prosseguisse sem bandeiras partidárias e sem a interferência de partidos políticos.

Após uma das confusões, o advogado Guilherme Nascimento, 26, deixou a avenida Paulista com um ferimento na cabeça. "Foi o PT que fez isso, me deram uma paulada". O rapaz foi carregado por amigos até um carro da Polícia Militar, que o levou a um pronto-socorro.

PROTESTOS FECHAM COMÉRCIO EM SP; COM BOATO, CENTER NORTE REABRE AMANHÃ

21/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1299124-boatos-de-protesto-fecha-comercio-em-sp-center-norte-reabre-amanha.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Vários estabelecimentos da região da praça Silvo Romero, no Tatuapé, zona leste de São Paulo, fecharam mais cedo devido a protestos na tarde desta sexta-feira. Por volta das 16h30, algumas pessoas já se reuniam no local, fazendo faixas e pintando os rostos. Uma base da Polícia Militar, no local, afirmou que o policiamento seria reforçado.

Entre os locais que fecharam mais cedo estão agências bancárias, lotéricas, lojas de roupa e uma loja da rede Magazine Luiza. Raimundo de Jesus, 34, gerente da Drogaria Onofre, afirmou que já sabia desde ontem do protesto e decidiu fechar às 16h devido ao medo de vandalismo.

Segundo Douglas Passos, 23, que organizou a manifestação pelo Facebook, o grupo deve sair da praça e fechar a Radial Leste, nos dois sentidos. Ele afirmou não ser ligado a nenhum movimento ou partido político, mas disse que o protesto acontece por conta de várias reivindicações.

"Não temos um pleito único. Estamos insatisfeitos com tudo. Transporte, saúde. Hoje não é só passagem, é por tudo", afirmou o jovem.

O shopping Center Norte, na zona norte, também decidiu baixar as portas mais cedo depois que boatos divulgados em redes sociais informavam que haveria um protesto no local. O complexo, um dos maiores da cidade, abriga os shoppings Center Norte, Lar Center e o centro de convenções Expo Center Norte. Ele foi fechado às 16h e só abrirá amanhã (22) às 10h.

Em nota, o centro comercial informou que a decisão de encerrar as atividades seis horas antes do previsto foi tomada para "garantir o direito de livre manifestação e segurança dos clientes, lojistas, expositores, colaboradores e visitantes".

A Polícia Militar diz que não recomendou fechamento do comércio. Em nota, informou que "eventuais fechamentos de estabelecimentos comerciais ou suspensão de atividades escolares são medidas de caráter particular e não foram recomendadas pela Polícia Militar".

Alunos da USP (Universidade de São Paulo) também divulgaram por redes sociais que haveria um protesto próximo à Cidade Universitária e que aulas seriam canceladas. A Reitoria, porém, disse que não havia nenhuma recomendação nesse sentido.

Um grupo organizou um protesto por meio de redes sociais para as 17h desta sexta-feira na marginal Tietê, entre as pontes da Vila Guilherme e Remédios.

MANIFESTAÇÕES FECHAM DUTRA, RÉGIS E RUAS DA CIDADE DE SÃO PAULO

21/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1299171-manifestacoes-fecham-a-via-dutra-e-ruas-da-cidade-de-sao-paulo.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

As rodovias Presidente Dutra e Régis Bittencourt estavam interditadas por volta das 17h30 desta sexta-feira por conta de protestos que acontecem na região metropolitana de São Paulo. Na capital paulista, também havia pontos de manifestações, com bloqueios de via no horário.

A rodovia Presidente Dutra estava totalmente interditada no km 223, em Guarulhos, nas pistas local e expressa, nos dois sentidos. Segundo a concessionária responsável, os manifestantes seguiam no sentido Rio e provocava 3 km de filas no sentido Rio e 2 km no sentido São Paulo.

Segundo a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), a manifestação causava filas ainda na marginal Tietê, que tinha 18,3 km de filas na pista expressa, no sentido Ayrton Senna. A retenção se estendia da rodovia Castello Branco até a ponte do Tatuapé. Na pista local, havia mais 16,9 km de congestionamento.

Na Régis, o bloqueio estava no km 326, nos dois sentidos, na região de Juquitiba. Com isso, havia lentidão entre o km 331 e o km 326, no sentido São Paulo, e entre o km 321 e o km 326, no sentido Curitiba.

Na cidade de São Paulo, havia outra manifestação na avenida Guilherme Coutching, na zona norte, que também bloqueava os dois sentidos. O ato acontecia na altura da rua Araritaguaba desde as 16h20. Um outro grupo se reunia ainda na praça Silvio Romero, na zona leste.

Segundo a Polícia Militar, havia cerca de 300 pessoas em protesto na praça Silvio Romero, no Tatuapé, na zona leste de São Paulo. Ainda de acordo com a PM, cerca de 400 pessoas se reúnem na praça da Independência, no Ipiranga, zona sul da cidade.

Aproximadamente 500 pessoas se encontraram na praça Moça, na região central de Diadema (Grande São Paulo). Cerca de 300 pessoas também se reuniram na estação de trem de Mauá (na Grande São Paulo), além de outras 200 na praça Quarto Centenário, em Santo André. Todas são cidades da Grande São Paulo.

Manifestantes seguem em passeata pela avenida Nazaré, altura da Praça da Independência, na região do Ipiranga, zona sul de São Paulo. Cerca de 1.000 pessoas se concentram na praça Roosevelt, no centro.

Às 17h50, todas essas manifestações eram monitoradas pela Polícia Militar e seguiam de forma pacífica.

Com os protestos, a CET registrava 177 km de congestionamento em toda a cidade, o que corresponde a 20,5% dos 868 km de vias monitoradas. O índice estava bem acima da média do horário, que é de 14,8%. A pior região era a zona oeste, com 53 km de filas.

CORRUPÇÃO É PRINCIPAL MOTIVAÇÃO DE MANIFESTANTES EM SP, DIZ DATAFOLHA

21/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1299344-corrupcao-e-principal-motivacao-de-manifestantes-em-sp-diz-datafolha.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Apesar de a principal pauta das manifestações em São Paulo ser a redução das tarifas do transporte público, o principal motivo de participação foi a luta contra a corrupção, de acordo com pesquisa Datafolha realizada durante o protesto da última quinta-feira (20).

Metade dos entrevistados citou a corrupção como a principal bandeira. Em seguida aparecem queda na tarifa (32%), contra os políticos (27%), melhora na qualidade do transporte (19%) e contra a PEC 37 (16%) --a soma dá mais de 100% porque puderam citar mais de um motivo.

A margem de erro da pesquisa, que entrevistou 551 manifestantes durante toda a manifestação na avenida Paulista, é de 4 pontos percentuais para mais ou para menos.

O perfil dos manifestantes traçado na pesquisa mostra que a maioria é homem (61%), tem nível superior (78%) e não possui nenhum partido de preferência (72%). Outra característica comum era a predominância do transporte público como forma de locomoção. O mais utilizado pelos manifestantes é o metrô (79%), seguido do ônibus (64%), trem (21%) e do carro (20%).

Em média, os manifestantes lutavam para que a tarifa fosse de R\$ 2 --46% pediram que chegasse no máximo a este valor. A próxima causa do MPL (Movimento Passe Livre), a tarifa zero, foi defendida por apenas 25% das pessoas.

POLÍTICA

Quando questionados sobre a posição ideológica em que se encaixa, 32% se apontaram como extremos liberais e 29%, liberais. A participação conservadora, embora minoritária, foi expressiva: 20% se viram desta maneira. 2% se disseram extremos conservadores.

No geral, este posicionamento é mais liberal do que a última pesquisa Datafolha que fez esta pergunta em toda a cidade, de outubro do ano passado. Naquela pesquisa, 34% se disseram liberais ou extremos liberais, e 42% como conservadores e extremos conservadores.

Quanto à posição política, 36% eram de esquerda ou centro-esquerda e 21%, de direita ou centro-direita. Em toda a cidade, essa proporção praticamente se inverte --é de 24% e 34%, respectivamente. Também rechaçam a volta da ditadura: para 87%, a democracia é sempre melhor do que qualquer outra forma de governo.

PESSOAS DEIXAM CARRO NO TRÂNSITO E SEGUEM A PÉ AO AEROPORTO EM SP

21/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1299513-pessoas-deixam-carro-no-transito-e-seguem-a-pe-ao-aeroporto-em-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Muitas pessoas que seguiam pela rodovia Hélio Smidt, na noite desta sexta-feira, em direção ao aeroporto de Cumbica, em Guarulhos (na Grande São Paulo), decidiram abandonar os carros no trânsito e seguir a pé para não perderem o horário de seus voos.

Por volta das 21h40, dezenas de pessoas eram vistas caminhando entre os carros, carregando ou arrastando malas. O acesso para a Hélio Smidt, que dá acesso ao aeroporto, estava totalmente bloqueada e a via tinha longas filas, segundo a concessionária responsável pela rodovia.

O grupo de manifestantes estava na frente do do aeroporto, fechando a entrada dos terminais 1 e 2, e as pessoas que pretendem embarcar estão sendo conduzidas pela polícia por entradas secundárias. A Tropa de Choque está no local e forma um cordão para evitar invasões.

Por volta das 20h, a Polícia Militar chegou a estimar 8.000 pessoas no local. Às 21h40, porém, a quantidade de manifestantes já era bem menor. Segundo a Infraero (estatal que administra o aeroporto), houve alguns cancelamento e atrasos, mas não há confirmação se têm relação com o protesto.

Até as 21h, havia 17 voos cancelados (7% dos 243 previstos) e outros 62 sofreram atrasos (25,5%). Os passageiros que desembarcam estão sendo orientados a não deixar o aeroporto.

No aeroporto de Congonhas, na zona sul de São Paulo, o acesso também está prejudicado por outro protesto que fecha a avenida Washington Luis.

ESTRADAS

Outras rodovias também tiveram bloqueios nessa sexta-feira por conta de protestos.

Por volta das 21h40, continuavam bloqueadas: Dutra (km 223), Régis Bittencourt (km 326), Castello Branco (km 26) Raposo Tavares (km 29), Rio-Santos (km 162), SP-88, ou Alfredo Rolim de Moura (km 72), Anchieta (km 18) e Imigrantes (km 16).

CHOQUE USA BOMBAS CONTRA MANIFESTANTES NA FRENTE DE AEROPORTO DE SP

21/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1299586-choque-usa-bombas-contr-manifestantes-na-frente-de-aeroporto-de-sp.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

A Tropa de Choque usou bombas de gás lacrimogêneo contra os manifestantes que protestavam, na noite desta sexta-feira, na frente do aeroporto de Cumbica, em Guarulhos, na Grande São Paulo. As pessoas atiraram pedras e outros objetos contra a polícia que fazia um cordão na frente dos terminais 1 e 2.

Logo após a confusão, a rodovia Helio Smidt, que dá acesso ao aeroporto, teve o tráfego liberado e as dezenas de pessoas que aguardavam dentro do prédio puderam sair. Era orientação do próprio aeroporto que as pessoas que desembarcavam aguardassem no local até a liberação pelos manifestantes.

Com o protesto, muitas pessoas que seguiam em direção ao aeroporto decidiram abandonar os carros no trânsito e seguir a pé para não perderem o horário de seus voos. O acesso

para a Hélio Smidt também chegou a ser totalmente bloqueada, segundo a concessionária responsável pela rodovia.

Por volta das 20h, a Polícia Militar chegou a estimar 8.000 pessoas no local. Segundo a Infraero (estatal que administra o aeroporto), houve alguns cancelamento e atrasos, mas não há confirmação se têm relação com o protesto.

No aeroporto de Congonhas, na zona sul de São Paulo, o acesso também foi prejudicado, mais cedo, por outro protesto que fecha a avenida Washington Luis. O local, no entanto, já tinha sido liberado por volta das 22h40.

UNIVERSITÁRIOS E SECRETÁRIO DE TRANSPORTE SE REUNIRÃO PARA DISCUTIR TARIFA

21/06/2013

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1298291-universitarios-e-secretario-de-transporte-se-reunirao-para-discutir-tarifa.shtml>

Acesso em: 26/09/2017

Logo depois que o governador Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito Fernando Haddad (PT) informaram que a tarifa de transporte público voltaria a custar R\$ 3, o Centro Acadêmico XI de Agosto --entidade representativa dos estudantes da Faculdade de Direito da USP-- convidou a sociedade civil para uma reunião nesta sexta-feira (21), às 10h.

O objetivo do encontro é pensar em novos caminhos e propostas para o transporte público. "A ideia é tentar responder à dúvida sobre de onde sairão os R\$ 0,20", explica o diretor do XI de Agosto, Marcello Kairalla, 20.

De acordo com Kairalla, o secretário de Transporte da cidade de São Paulo, Jilmar Tatto, se disponibilizou a ir à reunião. Procurada, a assessoria afirmou que não tinha confirmada a agenda de Tatto para a manhã de sexta-feira.

Além do representante municipal, confirmaram presença outras entidades estudantis da USP, como a Escola Politécnica (POLI), a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA).

Os centros acadêmicos dos cursos de direito da PUC (22 de Agosto) e do Mackenzie (João Mendes Júnior) também estarão presentes, segundo Kairalla.

PROTESTOS

A decisão de fazer a tarifa voltar a custar R\$ 3 foi tomada diante do aumento das manifestações contra o custo dos bilhetes de ônibus, trem e metrô na capital e no Estado.

O último protesto contra as tarifas na capital paulista começou de forma pacífica na praça da Sé, na terça-feira (18), mas um grupo mais exaltado atravessou a grades que faziam o isolamento na frente da prefeitura e atiraram objetos contra os guardas-civis que formavam um cordão de isolamento. Mais tarde, outro grupo ainda depredou e saqueou lojas da região central.